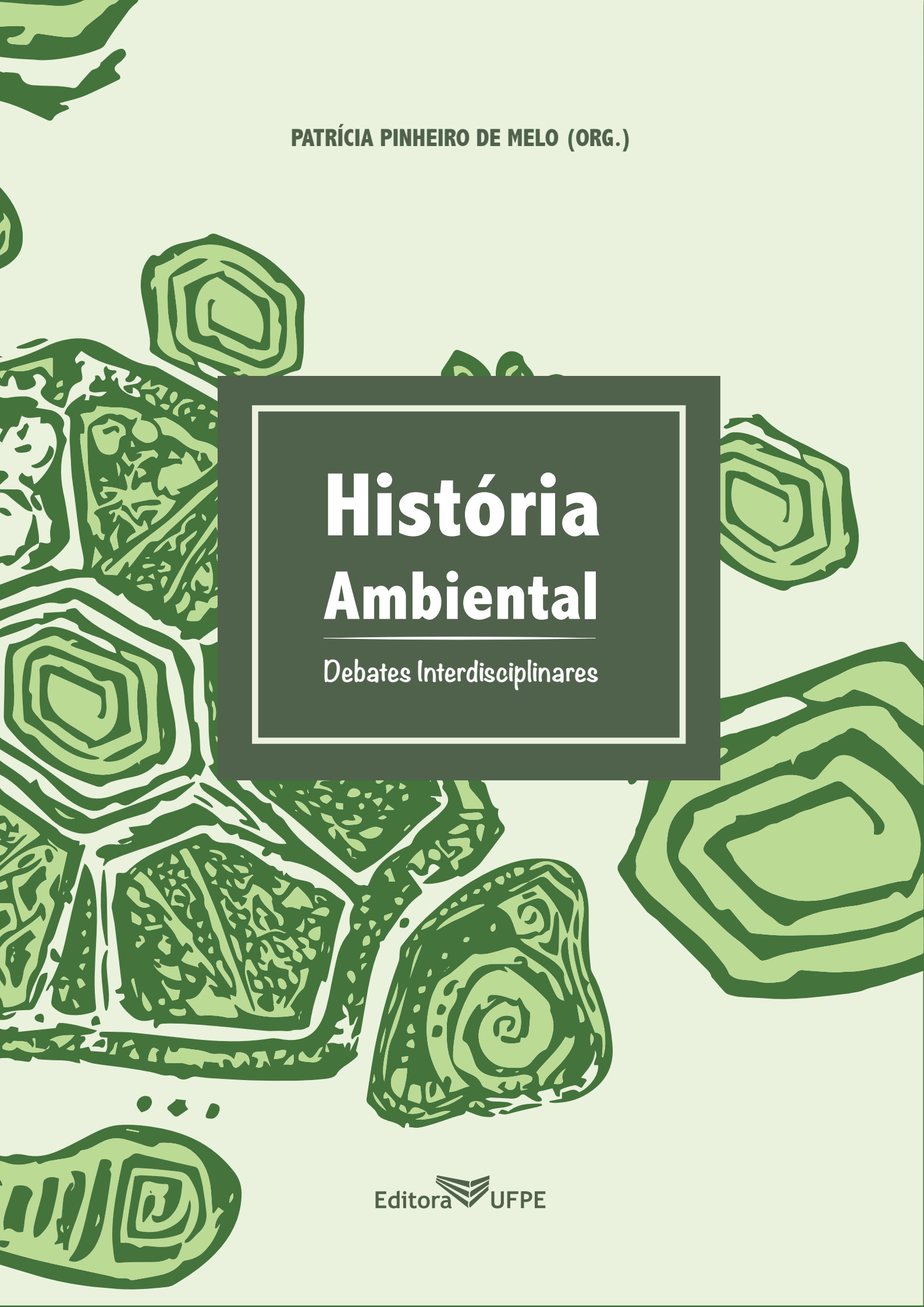
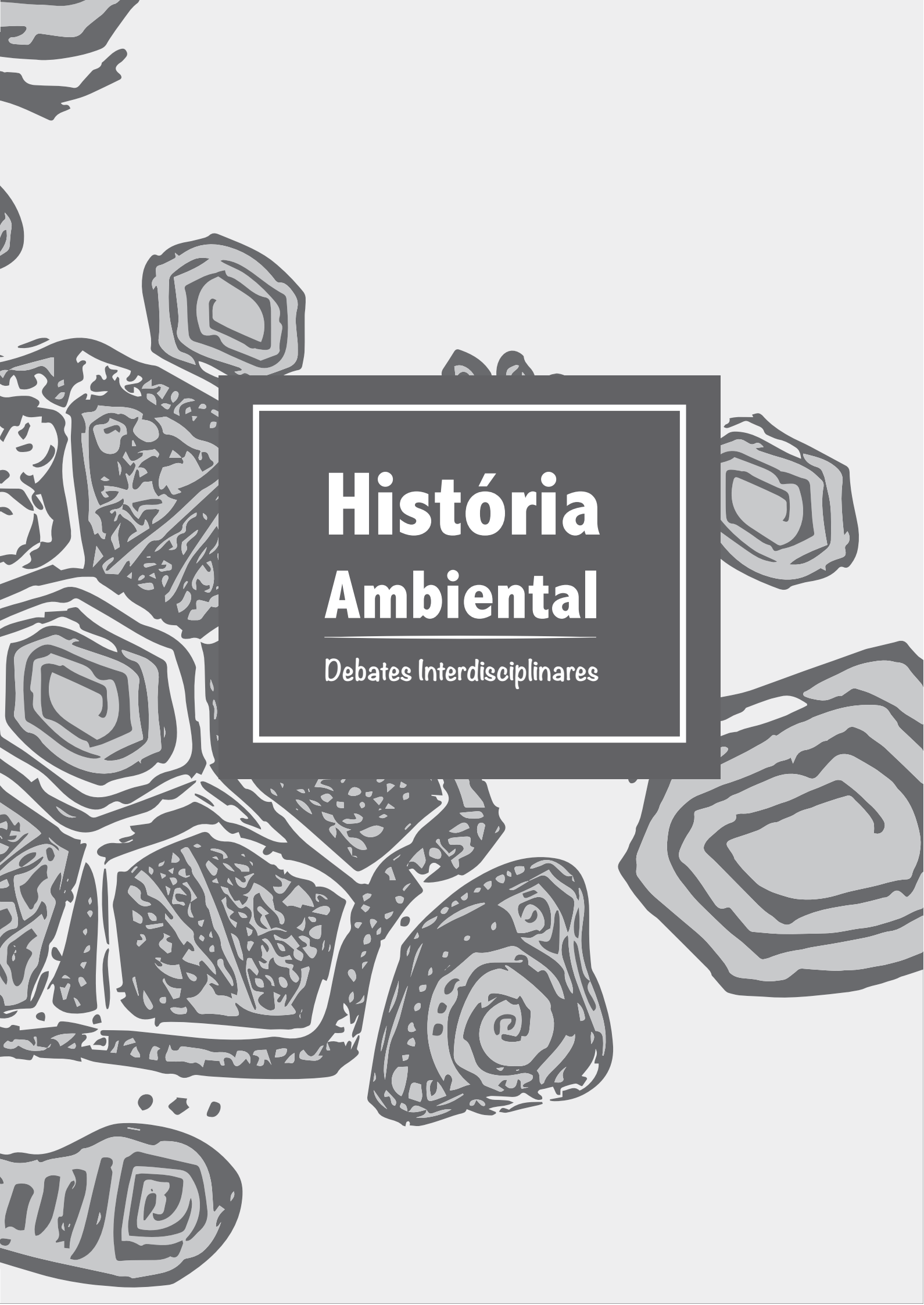
PATRÍCIA PINHEIRO DE MELO (ORG.)



História Ambiental

Debates Interdisciplinares

Editora UFPE



História Ambiental

Debates Interdisciplinares

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

História Ambiental

Debates Interdisciplinares

PATRÍCIA PINHEIRO DE MELO (ORG.)

Editora UFPE

Recife, 2014

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e vídeográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial em qualquer sistema de processamento de dados e a inclusão de qualquer parte da obra em qualquer programa juscibernético. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração.

Ilustração da Capa | **Mateus Samico Simon**
Capa | **Soraya Holder**
Revisão | **Patrícia Pinheiro de Melo**

Catalogação na fonte:
Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

H673a História ambiental : debates interdisciplinares (2013 nov. 18-22 : Recife, PE).
Anais eletrônicos [recurso eletrônico] / Organização: Patrícia Pinheiro de Melo. – Recife: Editora UFPE, 2014.

Evento realizado pela Linha de Pesquisa Relações de Poder, Sociedade e Ambiente do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE.
ISBN 978- 85-415-0516-1 (on line.)

1. História – Encontros. 2. Arqueologia. 3. Geografia. 4. Educação. 5. Antropologia. I. Melo, Patrícia Pinheiro de. (Org.). II. Título.

909.04 CDD (23.ed.) UFPE (BC2014-114)

APRESENTAÇÃO

'***HISTÓRIA AMBIENTAL: Debates Interdisciplinares'*** é fruto de um evento acadêmico realizado pela Linha de Pesquisa ***Relações de Poder, Sociedade e Ambiente*** do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, em novembro de 2013. Esta publicação reúne mais de quarenta artigos dedicados à temática ambiental que é tratada a partir da perspectiva de diversas disciplinas como a História, a Arqueologia, a Geografia, a Educação, e a Antropologia Indígena, todas convergindo para o mesmo objetivo em consonância com a proposta interdisciplinar que orientou e caracterizou esse grande encontro de pesquisa e extensão.

A realização do evento possibilitou o intercâmbio da produção latino-americana e a presença de especialistas nacionais e estrangeiros, como o Profº José Augusto Pádua, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Profº Guillermo Nils Castro Herrera, da Universidade do Panamá. Além desses, profissionais da área do audiovisual com trabalhos premiados, como Marcelo Martinessi, Malu Viana Batista e Mariana Oliva, produtores e profissionais de TVs públicas, trouxeram uma grande contribuição aos debates, partilhando suas experiências, visões e maneiras de tratar as questões ambientais.

Contamos com a participação de Dora Melo, Diretora da *Associação para a Proteção da Mata Atlântica do Nordeste*, que vem desenvolvendo um trabalho importante no Estado, e com a instigante palestra do pesquisador português, André Afonso Sucena, um dos responsáveis pelo projeto de ***Pesquisa e Monitoramento de Tubarões em Recife*** desenvolvido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e coordenado pelo Profº Fábio Hazin. Ambos publicaram importante artigo, na revista **Animal Conservation**, intitulado '*A green strategy for shark attack mitigation off Recife, Brazil*' que trata do tema da palestra proferida durante o nosso evento. O artigo pode ser acessado em http://dx.doi.org/10.1111/acv.12096 e http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/acv.12096/references

Agradecemos o apoio da PROEXT/UFPE e da Direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas nas pessoas do Profº Edilson Fernandes dos Santos e da Prof. Ana Catarina Torres Ramos, respectivamente Pró-Reitor de Extensão e Diretora do CFCH. Agradecemos também a atenciosa parceria da equipe da **TAL** – *Televisão América Latina* –, fundamental para a realização desse evento que teve por objetivos ampliar a produção sobre o tema e congregar pesquisadores, profissionais e estudantes de diversas áreas do conhecimento, envolvendo também o público em geral, a fim de expandir e socializar o conhecimento prático e teórico sobre as questões ambientais.

É com o texto da Conferência de Guillermo Nils Castro Herrera, sobre a importância das ideias de José Martí para uma cultura latino-americana da natureza, que abrimos essa publicação. Em seguida apresentamos um texto de Clarence J. Glacken, ainda inédito no Brasil e que traz uma crítica conceitual e uma discussão pioneira sobre a relação homem/natureza, cuja tradução de Guillermo Castro Herrera foi gentilmente cedida para compor a abertura desse livro. Na sequencia, os capítulos estão organizados por temática: Ambiente e Arqueologia; Ambiente, Ciência e Paisagismo no período Holandês no Nordeste do Brasil; Clima e Ambiente; Educação Ambiental; História Ambiental: diálogos com a História Política e Agrária; Povos Indígenas e Ambiente; Saúde e Ambiente; Trabalho e Ambiente. Finalizamos com um capítulo sobre a transformação e os usos do território panamenho ao longo da história, também de autoria do Profº Guillermo Castro.

Com essa publicação, queremos ressaltar que a história humana é também a história da criação de ambientes humanizados nas suas mais diversas dimensões, sobre as quais as diferentes áreas do conhecimento podem lançar suas luzes, explorando novas possibilidades e perspectivas de investigação. O conjunto de textos que se apresentam aqui constitui um horizonte aberto, com perspectivas historiográficas e epistemológicas diversas e que, no entanto, guardam um objetivo geral comum sobre o objeto de estudo.

Patrícia Pinheiro de Melo

Organizadora

Textos de Abertura

‘José Martí para una Cultura de la Naturaleza’
(Guillermo Castro Herrera)

‘El Hombre Contra la Naturaleza’
(Clarence J. Glacken)

José Martí para una Cultura Latinoamericana de la Naturaleza

Guillermo Castro Herrera[1]

El ámbito

En su momento, pudo decirse que el interés por los problemas ambientales en América Latina había sido introducido desde fuera y desde arriba en nuestra cultura y nuestra política, a partir de iniciativas que se fueron sucediendo en el sistema internacional de la década de 1970 en adelante. Hoy, sin embargo, América Latina participa con voz y perfiles propios en el movimiento ambientalista global, lo que a su vez contribuye a un notable proceso de reanimación de nuestra vida cultural, tanto en lo que hace al planteamiento de nuevos temas, como en cuanto al despliegue de lecturas nuevas de nuestro pasado y de nuestros clásicos. En esa perspectiva, la obra de José Martí nos ofrece importantes claves tanto sobre las formas de presencia de lo ambiental como problema para la cultura hispanoamericana en el momento de nuestro ingreso a la modernidad, hacia fines del siglo XIX, como en lo que hace a nuestra participación en el movimiento ambientalista global de principios del siglo XXI. De Martí se ha dicho que fue el primero entre sus iguales. Sus ideas sobre la naturaleza, en efecto, forman parte del universo más amplio de preocupaciones, intereses y lecturas que compartió con un amplio número de jóvenes intelectuales de la región, que se percibían a sí mismos como modernos en la medida en que se ejercían como liberales en lo ideológico, demócratas en lo político, y patriotas en lo cultural, y aspiraban desde allí a representar con voz propia a sus sociedades en lo que entonces era llamado "el concierto de las naciones". En esta perspectiva, Martí ofrece al menos tres aportes de especial interés para una historia de lo ambiental como problema en nuestra cultura. El primero de esos aportes consiste en sus observaciones dispersas acerca de las interacciones entre la historia humana y la historia natural, sintetizadas en la idea de que "Cuando se estudia un acto histórico, o un acto individual,... se ve que la intervención humana en la naturaleza acelera,

[1] Ciudad del Saber, Panamá

cambia o detiene la obra de ésta, y que toda la historia es solamente la narración del trabajo de ajuste, y los combates, entre la Naturaleza extrahumana y la Naturaleza humana..." (1975: XXIII, 44) El segundo, en su lectura – entre 1881 y 1895 y siempre en la perspectiva de su interés en la construcción de naciones modernas en las antiguas colonias de España en América -, de autores que iban sentando lasbases de lo que llegaría a ser la moderna cultura ambiental anglosajona, desde Henry David Thoreau hasta Charles Darwin. Y el tercero, en su incorporación de lo natural al campo de lo político, ya a principios de la década de 1890.

Para abordar en toda su riqueza el aporte de Martí a la construcción de una cultura latinoamericana de la naturaleza, en todo caso, conviene empezar por recordar que, habiendo nacido en Cuba en 1853, su vida y su obra fueron las de un hombre de la segunda mitad del siglo XIX, proveniente además de la última sociedad colonial de la América española, que apenas en 1868 había iniciado la que sería una lucha de treinta años por su liberación nacional. Por lo mismo, en 1881, cuando emigra como exilado político a los Estados Unidos - desde donde empezará a expresar algún interés más o menos sistemático por la dimensión ambiental del progreso, para usar el término dominante en la época - , Martí contaba tan sólo 28 años, y se encontraba en las vísperas de culminar la primera granbfase de su maduración intelectual, ocurrida en importante medida. Una parte sustancial de esa maduración había tenido ya lugar al calor de las contradicciones largamente percibidas -por él como por otros jóvenes latinoamericanos de su tiempo y condición-, en la ideología y la política liberales en las que se formó durante su primera juventud. De allí que, tras señalar la necesidad de evitar que "puedan verse em riesgo" los principios liberales, agregara en su momento que debía ser otro "el trabajo principal" de su generación. "Hemos hecho", decía, "muchas revoluciones de principios; pero todas estas serán infructíferas mientras no hagamos una revolución de esencia". La consumación de ese ideal político, a su vez, exigía ya una "unidad social" imposible mientras se siguiera siendo "a la par miserables y opulentos; hombres y bestias; literatos em las ciudades y casi salvajes en los pueblos". (1985: II, 254) Por otra parte, los Estados Unidos en que Martí residiría hasta 1895 iniciaban la formidable transición que medio siglo después los llevaría a uma posición de hegemonía indiscutible entre las potencias Noratlánticas. Por entonces, el desarrollo de los grandes monopolios que surgían de la fusión del capital

financiero y el capital industrial constituía ya el rasgo más visible de esa transición, y Martí fue de los primeros latinoamericanos cultos de su tiempo en captar las implicaciones sociales que se derivaban de la traducción, en poderío político, delpoder económico así acumulado por esa nueva forma de organización del capitalismo norteamericano.

En lo que hace a la dimensión ambiental de ese proceso, la clausura oficial de la frontera interior de los Estados Unidos en 1890 – las enormes extensiones de tierras, bosques y minerales que en su momento parecieron inagotables -, daría lugar al despliegue de dos tendencias que vendrían a ser características de la relación de los norteamericanos con el mundo natural. Por un lado, la expansión hacia el exterior en nombre de la lucha por el control de recursos naturales estratégicos – em particular, energéticos, minerales y alimentos- en ultramar, y de los mercados asociados a las mismas; por otro, la lucha por la conservación de los recursos naturales en su propio territorio. La relación entre esas tendencias constituye uno de los problemas clave de esta historia. En efecto, si la primera se vinculaba directamente al expansionismo militar y económico – y vendría a figurar con especial relevancia en el proceso de construcción y administración del Canal de Panamá, por ejemplo -, el interés en la conservación de los recursos naturales tendió a vincularse con aquella corriente democrática de la cultura norteamericana que, a partir de Tom Paine y Thomas Jefferson, se prolongaría – a lo largo de lo que Donald Worster ha llamado “el período formativo” del moderno ambientalismo norteamericano - en la obra de intelectuales y reformadores sociales como Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Walt Whitman y Henry George, hacia los que Martí demostraría desde temprano una clara afinidad.

El campo y sus tiempos

En esta perspectiva, la afinidad de Martí con la vertiente democrática de la cultura Noratlántica de su tiempo, en lo que hace a las relaciones entre lo social y lo natural, sólo puede ser comprendida tomando en cuenta su constante crítica a aquella otra vertiente que buscaba, en la experiencia de la conquista de la frontera interior -la de aquellos bosques donde "el aventurero taciturno caza hombres y lobos, y no duerme

bien sino cuando tiene de almohada un tronco recién caído o un indio muerto" (1975: VI, 135)-, y en filósofoscomo Herbert Spencer, bases ideológicas que justificaran el renovado expansionismo norteamericano. Esa postura crítica de Martí puede ser apreciada en la forma en que su obra organiza su diálogo con un conjunto de figuras clave en las ciencias naturales y humanas del mundo Noratlántico de su tiempo, entre las cuales destacan las de Alejandro de Humboldt, Henry David Thoreau, Charles Darwin y el propio Spencer, en las postrimerías de un singular período de la historia de la cultura de la Naturaleza en Occidente. La obra de Martí, em efecto, se ubica en la fase final de un primer movimiento de reflexión crítica acerca del impacto de la acción humana sobre el mundo natural, cuyos orígenes pueden ser rastreados hasta el siglo XVIII, y que tiene sus expresiones más acabadas entre las décadas de 1860 y 1880, en lo que va de la publicación en 1864 del gran clásico en este tema – *Man and Nature*, del norteamericano George Perkins Marsh, reeditado después en 1876 -, a las reflexiones de Federico Engels sobre lo que hoy llamaríamos el impacto ambiental del desarrollo, en su artículo inconcluso *El Papel del Trabajo en la Transformación del Mono en Hombre*, también datado en ese año. Es en el marco de ese movimiento - que quedaría en suspenso en la primera mitad del siglo XX, el calor de hechos como el desarrollo de las tecnologías intensivas em combustibles fósiles, y de la enorme eficiencia lograda en la organización de la explotación de los recursos naturales a escala planetaria lograda por el imperialismo moderno -, donde cabe ubicar no sólo las claves del razonamiento martiano sobre el tema, sino además las de su singular contemporaneidad. En ambos casos, el factor decisivo radica en el abordaje crítico – y para Martí la crítica no era sino “el ejercicio del criterio” - de la cultura en que su propia obra se insertaba. Y ese abordaje alcanza sus expresiones más ricas en sus referencias a la obra de las grandes figuras de aquella tradición cultural, desde Humboldt y Darwin, en lo que hace al tránsito del siglo XVIII al XIX, hasta Thoreau, a mediados de esse siglo, y Spencer a sus finales, en sus esfuerzos por traducir aquella influencia nueva de las ciencias naturales en propuestas de vida y, sobre todo en el caso del segundo, de doctrina social y de política. De este modo, el análisis de las referencias a esos autores ayuda a definir los términos de la universalidad de la obra martiana, sobre todo en su capacidad para dialogarcon ellos y juzgar su obra desde

una perspectiva latinoamericana.[2] Allí, por ejemplo, Humboldt constituye sobre todo un referente de prestigio, talento y buena educación em textos dedicados a semblanzas de personalidades de un pasado todavía reciente en vida de Martí, como el pensador cubano Antonio Bachiller y Morales. En cambio, son escasas las alusiones al contenido de la obra del geógrafo y naturalista alemán, o a la relación de la misma con el pensamiento de los contemporáneos de Martí. Darwin, por el contrario, constituye importante referente de seriedad y dedicación en el trabajo científico, y los rasgos más generales de su obra son objeto de comentario bien informado, sobre todo en relación al problema de la universalidad del conocimiento en un mundo signado por la inequidad, entre los hombres como entre sus naciones. Darwin, en efecto, fue quizás la figura más importante del mundo cultural del Occidente Noratlántico que conoció Martí. De él pudo decir Alexander Spoehr, por ejemplo, que "abrió nuestros ojos al funcionamiento de la naturaleza orgánica, y su modo de pensamiento condujo al descubrimiento de nuevos hechos y relaciones en el mundo viviente", en cuanto se ocupó "del hombre como parte de una amplia y dinâmica biocenosis... sujeta a los mismos procesos y regularidades" que las demás, de modo que – en cuanto a la integración del hombre con el mundo natural -, Darwin podría ser considerado muy cercano “al modo en que los pueblos preliterarios ven a la naturaleza", salvo en la diferencia fundamental de que desarrolló su punto de vista a partir de la observación de la realidad, mientras esos pueblos lo hacen "a partir de leyendas y mitos creados por el hombre", dejando así a sus sucesores “el concepto del hombre como parte de la naturaleza, cualesquiera fuesen las cualidades... que lo distinguieran de otras formas de vida". (1956: 100, 101) No es de extrañar, así, el cuidado conque Martí destacara a

[2] Así, por ejemplo, las referencias en cuestión se inician con Humboldt y Spencer a partir de 1880, en textos escritos en inglés para medios de prensa de los Estados Unidos. Darwin y Thoreau, por su parte, aparecen a partir de 1881 en artículos escritos para *La Opinión Nacional*, de Caracas, y en anotaciones hechas ese mismo año en los *Cuadernos de Apuntes* No. 5 y No. 7 del propio Martí. A partir de allí, todos seguirán figurando en la obra martiana hasta 1894, si bien con ausencias totales en 1884, 1891 y 1893. Lo importante aquí, sin embargo, no radica tanto en la abundancia como en las funciones de esas referencias en los textos en que aparecen. En los 25 volúmenes de las *Obras Completas* de Martí, por ejemplo, Darwin es mencionado en 33 ocasiones; Humboldt, en 16, y Spencer y Thoreau, en 13 cada uno. En todos los casos, sin embargo, se hace referencia a ellos como elementos de un universo mucho más amplio, en el que aparecen nombres significativos hasta hoy -como el de Carlos Lyell, fundador de la geología moderna-, junto a otros que ya no figuran em la memoria inmediata del lector educado, como Brotteneck, ni aparecen en una obra de consulta general de valor universalmente aceptado, como la *Enciclopedia Británica*.

un tiempo las importancia de las ideas de Darwin para sostener la existencia de una identidade fundamental en el género humano, y el papel desempeñado por la naturaleza americana em el surgimiento y desarrollo de esas ideas. "El genio de este hombre", dice en 1882, "dio flor en América; nuestro suelo incubó; nuestras maravillas lo avivaron; lo crearon nuestros bosques suntuosos; lo sacudió y puso en pie nuestra naturaleza potentísima." (1975: XV, 374) Y, como para darle aliento aun mayor a lo que propone, el artículo que dedica a la muerte del sabio inglés incluye algunas de las descripciones más ricas del mundo natural americano -las selvas de Brasil, las pampas argentinas, la Patagonia y la Tierra del Fuego, el centro y el Norte Chico chilenos-, creadas por nuestra literatura.

> 'A caballo', dice Martí, anduvo Darwin 'la América frondosa', y en ella vió valles como recién hechos de fango; vió ríos como el Leteo; navegó bajo toldo de mariposas, y bajo toldo de truenos; asistió en la boca del Plata a batallas de rayos; vió el mar luciente, como sembrado de astros; pues ¿las fosforescencias no son como las nebulosas de los mares?

Para agregar enseguida:

> Aguárdase a monarca gigantesco cuando se entra en la selva brasileña, e imagínale el espíritu sobrecogido con gran manto verde, como de falda de montaña, coronado de vástagos nudosos, enredada la barba en lianas luengas, y apartando a su paso con sus manos, velludas como piel de toro añoso, los cedros corpulentos. Toda la selva es bóveda, y cuelgan de los árboles guirnaldas de verde heno. De un lado trisca, en manada tupida, el ciervo alegre; de otro, se alzan miles de hormigas que parecen cerros, y como aquellos volcanes de lodo del Tocuyo que vio Humboldt; ora, por entre los pies del caminante, salta el montón con el hocico horadador, el taimado tucutuco; ora parece brindando sosiego um bosquecillo de mandiocas, cuya harina nutre al hombre, y cuyas hojas sirven de regalo a la fatigada cabalgadura. Ya el terrible vampiro saja y desangra, con su cortante boca, el cuello del caballo, que más que relincha, muge; ya cruza traveseando el guainumbí ligero, de alas transparentes que relucen y vibran. (1975: XV, 376)

Y es también desde la perspectiva de ese aporte americano que juzga Martí la obra de Darwin en su doble dimensión, científica y filosófica. "Cargada así la mente", dice, "volvió el sabio de América a Europa". Y, ya en su patria, echaba "con los ojos mentales, a andar a la par los animales de las diversas partes del globo", pero también recordaba "más con desdén de inglés que con perspicacia de penetrador, al bárbaro fueguino, al africano rudo, al ágil zelandés, al hombre nuevo de las islas del Pacífico". De ello resultaba, para Martí, que Darwin -"como no ve el ser humano en lo que tiene de compuesto, ni pone mientes cabales en que importa tanto saber de dónde viene el

efecto que le agita y el juicio que le dirige, como las duelas de su pecho o las murallas de su cráneo"-, diera en pensar "que había poco del fueguino a los simios, y no más del simio al fueguino que de éste a él. Con todo, el modo y los propósitos conque acudía a dialogar Martí resaltan en el párrafo conque concluye el artículo que dedica a la memoria del naturalista inglés, en cuya teoría de la evolución veía un firme respaldo a su convicción sobre la capacidad de la América española para ingresar al mundo moderno, y competir con éxito en él. "Bien vio", dice Martí de Darwin, "*a pesar de sus yerros, que le vinieron de ver, en la mitad del ser, y no en todo el ser*, quien vio esto; y quien preguntó a la piedra muda, y la oyó hablar; y penetró en los palacios del insecto, y en las alcobas de la planta, y en el vientre de la tierra, y en los talleres de los mares. Reposa bien donde reposa: en la abadía de Westminster, al lado de héroes". (1975: XV, 380)

A diferencia de lo que ocurre con Humboldt y Darwin, sin embargo, la relación establecida por Martí entre Spencer y Thoreau ni es sucesiva ni está referida al progreso del conocimiento, sino que es asumida en la simultaneidad de los muchos rostros posibles de la modernidad. Aquí, las referencias martianas se vinculan a los problemas relativos al lugar del individuo en la sociedad, y a la calidad sus relaciones con sus semejantes. Y de ello resulta, además, que apunten en una dirección a primera vista sorprendente para algunas visiones de la evolución de la cultura latinoamericana y del lugar de la obra de Martí dentro de ella. Dentro de esas visiones, por ejemplo, parece darse por supuesto que, inmerso Martí en el clima dominante en la cultura latinoamericana de su tiempo, tendrían que ser claves en su obra temas como los del positivismo y el darwinismo social. A primera vista, incluso, esa impresión parecería verse confirmada con la expresión famosa de 1889, en la que describe cómo se había venido saliendo de "aquella América enconada y turbia" del pasado, para llegar "a nuestra América de hoy, heroica y trabajadora a la vez, franca y vigilante, com Bolívar de un brazo y Herbert Spencer de otro ". (1975: XV, 139) Sin duda, el nombre de Spencer figura en la obra temprana de Martí como um paradigma de modernidad, dentro de una historia del progreso humano que se contaba "en los puertos llenos de buques, en las fábricas pobladas de obreros, en las ciudades ennegrecidas por el humo de las fraguas, en las calles obstruidas por los carros, en las

escuelas llenas de niños y en los árboles cargados de frutos". Sin embargo, la valoración del papel que ese paradigma desempeña en el desarrollo del conjunto del pensamiento martianotendría que atender a dos hechos que ya afloran con toda evidencia en la obra de Martí en la primera mitad de la década de 1880. En primer lugar, al reseñar en 1884 el libro de Spencer *La Futura Esclavitud*, Martí somete a severa crítica el modo en que son abordados allí los problemas sociales, dejando a un lado toda noción de solidaridad hacia los más pobres y los desamparados. Así, tras reconocer la razón de Spencer cuando señala los peligros que podrían resultar de "la acumulación de funciones en el Estado, que vendrían a dar en esa dolorosa y minguada esclavitud", Martí cuestiona que no señale además "con igual energía, al echar en cara a los páuperos su abandono e ignominia",

> los modos naturales de equilibrar la riqueza pública dividida con tal inhumanidad em Inglaterra, que ha de mantener naturalmente en ira, desconsuelo y desesperación a seres humanos que se roen los puños de hambre en las mismas calles por donde pasean hoscos y erguidos otros seres humanos que con las rentas de un año de sus propiedades pueden cobrir a toda Inglaterra de guineas.

Y agrega enseguida, del modo que le es tan característico: "Nosotros diríamos a la política: ¡Yerra, pero consuela! Que el que consuela, nunca yerra." (1975: XV, 391)

En contraste con Spencer destaca, por otra parte, el aprecio por Henry David Thoreau, tan cercano a aquellas corrientes de orientación más popular y democrática de la cultura norteamericana que tan cercanas fueron para Martí. Ya en 1881 llamaba a Thoreau ‘el trascendentalista, el místico, el filósofo natural' de Massachussets" (1975: XXI, 223), resaltando aquel íntimo nexo en que lo ético y lo estético convergen en una misma relación simultánea del individuo con sus semejantes y con su mundo natural. Hay aquí una huella romántica, por supuesto, que en 1887 aflora en la descripción del filósofo-naturalista como ‘enjuto, cenceño, de ojos dolorosos y fijos, de cabello despeinado e hirsuto, raso el labio de arriba, como un lacedemonio, la boca comprimida, para que no se le saliese por ella la tristeza, y la barbilla en barboquejo’. (1975: VII, 54) Pero hay, sobre todo, la valoración de una actitud que -en su aparente retiro del mundo- expresa un triple compromiso de índole muy cercana a las más íntimas convicciones del propio Martí: el de la armonía de la naturaleza ante las pasiones desordenadas de la sociedad capitalista norteamericana enascenso; el del

papel de la síntesis intuitiva en el proceso del conocer[3] y, por último, el de una vocación libertaria enemiga de todo prejuicio y de toda restricción externa al ejercicio de la propia creatividad. En efecto, tanto la lectura de *Walden*, su libro clásico, como la de textos de tono militante como *Civil Desobedience* nos revelan en aquel "filósofo natural" a un crítico temprano, severo y consistente del impacto del capitalismo sobre la vida y la cultura de sus conciudadanos, al punto de afirmar en 1861 que

> Este mundo es un lugar de negocios... Si un hombre que ama los bosques camina por ellos durante la mitad de cada día, se arriesga a ser visto como un vago; pero si dedica todo su día a la especulación, destrozando esos bosques y dejando pelada a la tierra antes de que haya llegado su hora, es estimado como un ciudadano industrioso y emprendedor. ¡Como si un pueblo no tuviese más interés en sus bosques que derribarlos! (1985: 232,233)

Se trata, en efecto, del mismo romántico que en marzo de ese año agardecería a Dios, en su diario personal que los hombres de su tiempo no pudieran aún volar "y arrasar el cielo como lo han hecho con la tierra!", agregando enseguida: "Estamos a salvo de eso por el momento. Es precisamente debido a que algunos no se preocupan por estas cosas que debemos continuar protegiéndolas contra el vandalismo de los menos". (1961: 217) En esta perspectiva, si Cintio Vitier tiene razón al señalar en su libro *Ese Sol del Mundo Moral. Para una historia de la eticidad cubana* que el "ver en *sí*, el ser *por sí*, el venir *de sí*, son las constantes básicas del pensamiento y la expresión martianos en dos dimensiones conexas: su concepción del hombre y su concepción de América" (1979: 83), las afinidades de Martí con aquello que Thoreau simboliza en la cultura norteamericana resultan evidentes. La martiana, en efecto, es una universalidad conscientemente creada y ejercida desde sí y hacia otros, de un modo que con toda probabilidad hubiera permitido a Thoreau suscribir como propio el rechazo de Martí en 1882 a una cultura en la que

> So pretexto de completar el ser humano, lo interrumpen. No bien nace, ya están de pie, junto a su cuna, con grandes y fuertes vendas preparadas en sus manos, las filosofías, las religiones, las pasiones de los padres, los sistemas políticos. Y lo atan; y lo enfajan: y el hombre es ya, por toda su vida en la tierra, un caballo embridado... El primer trabajo del hombre es reconquistarse... Sólo

[3] Por ejemplo: "Cuán indispensable resulta para el estudio de la naturaleza la percepción de su verdadero significado. El hecho florecerá un día en una verdad. La estación (¿la razón?) madurará y fructificará lo que el entendimiento ha cultivado. Los meros acumuladores de hechos -recolectores de materiales para capataces- son como esas plantas que crecen en las forestas oscuras, que 'dan sólo hojas, en vez de capullos'".(16/12/37, 1961: 3)

> lo genuino es fructífero. Sólo lo directo es poderoso. Lo que otro nos lega es como manjar recalentado. (1975: VII, 230)

De este modo, el diálogo entre culturas que emprende Martí a partir de 1880, y que prolonga hasta el fin de sus días, sólo requiere atender a dos condiciones. Por un lado, la de no suponer "por antipatía de aldea, una maldad ingénita y fatal al pueblo rubio del continente, porque no habla nuestro idioma, ni ve la casa como nosotros la vemos, ni se nos parece en sus lacras políticas, que son diferentes de las nuestras"; por el otro, la de que la América nuestra se de a conocer -"una en alma e intento"-, de modo que el vecino "no la desdeñe", ni agregue con ello nuevos elementos de peligro al período "de desorden interno o de precipitación del carácter acumulado del país" al que entonces ingresaban los Estados Unidos. A esas advertencias, en todo caso, llega Martí a lo largo de dos grandes etapas en su tratamiento del tema. En la primera, centrada en sus colaboraciones para el periódico *La América*, de Nueva York, y *La Opinión Nacional*, de Caracas, entre 1881 y 1884, su atención se concentra en las relaciones entre el desarrollo de la ciencia y la tecnología, la economía y la naturaleza, en busca de alternativas para una inserción más productiva y justa de América Latina en el mercado mundial. En este plano, lo propuesto por Martí incluye una producción diversificada que evite los riesgos de la especialización excesiva; adecuada al potencial ecológico de cada país; centrada primordialmente en una agricultura tecnificada, bien articulada a la industria, y capaz de garantizar la integración social a través de la promoción del bienestar de las mayorías ciudadanas mediante el acceso a la tierra, a una educación adecuada a la lucha por el progreso en sus propias circunstancias, y a empleos productivos. Así, por ejemplo, observa en 1883 que los "cultivos numerosos de diversas ramas agrícolas y sus industrias correspondientes mantienen en equilibrio a los pueblos dados por desdicha a cultivos mayores exclusivos: café, caña de azúcar, etc." Estos cultivos de monoproducción, dice, han venido a ser "con las grandes operaciones bursátiles que se basan en ellos, verdadeiros juegos de azar, y como bombas mágicas, que ya son de oro, ya de jabón." De todo ello, advierte, ”Debiera ser capítulo de nuestro Evangelio agrícola la diversidad y abundancia de los cultivos menores"(1975:VII,189). Y agrega el mismo año, en un artículo en el quecelebra la diversidad y calidad de los productos enviados por Venezuela a una exposición comercial en Buenos Aires:

> "¿Qué más que fe de sus hijos en sus propias fuerzas, -y vías de comunicación entre los centros de producción y las costas, y éstas y las tierras extranjeras, -faltan para que entren en vías de prosperidad pasmosa a pueblos que tienen a raudales las riquezas que otros explotan y codician? Como gigantes que ya se cansan de reposar, se ve que se levantan y emprenden la marcha nuestros pueblos nuevos". (1975:VII,241-243)

Esa visión martiana, por otra parte, su nutre también de los debates sobre proteccionismo y libre cambio en los Estados Unidos -y de los efectos de ambos políticas sobre los recursos naturales. Pero, sobre todo, esa influencia se traduce en la búsqueda constante de lo útil en la experiencia ajena para los fines del desarrollo propio, siempre em una postura de enérgica defensa de la capacidad de los latinoamericanos para el progreso. Así, por ejemplo, plantea en 1883 que la imposibilidad de introducir maderas extranjeras significaría "la destrucción de nuestros bosques. -Y es obvio que la destrucción de los bosques significa a la larga, y fatal e irremediablemente, el raquitismo futuro de la tierra, y el empobrecimiento agrícola del país". Para traducir de inmediato la advertencia a uma circunstancia específica: "-Y en México, el Estado de Tabasco, tan rico aún en valiosíssimas maderas, ¡cuán pronto vendrá a ruina, si no se da sin demora, y con cuidado absorbente, a preservar sus hondos y magníficos bosques de cortes en estación inoportuna y sin la resiembra consiguiente! Y en todas partes donde se esté cometiendo igual error, se harán luego en vano por remediar la pobreza nacional inútiles esfuerzos". De donde agrega que lo propio "acontecería naturalmente en los Estados Unidos", si se llegara caer "en el error de creer que esos bosques macizos y solemnes, maravilla de la naturaleza, no habrían de acabarse jamás... El estímulo de la gran ganancia cerraría los ojos al gran peligro. Y a la larga, en días tristes, quedaría seca la tierra, los plantíos enfermizos, y la agricultura em ruina". (1975:IX,382-383).

Con todo, la atención a la experiencia norteamericana va siempre acompañada del interés en las necesidades de la América Latina, y de la advertencia contra las tentaciones de la imitación descuidada. "Es moda", señala por ejemplo, "aunque vulgar e injusta, pensar que lo que no hace un pueblo práctico, o que goza fama de tal no es práctico. Y las verdades suben de punto, cuando, luego de haberlas dicho labios latinos, las repiten labiosnorteamericanos". Y enseguida se refiere a un Congreso Forestal Americano celebrado em Minnessota en 1883:

> *La América*, que sabe cuán cruel y locamente se cortan en los países hispanoamericanos sus magníficos bosques de maderas ricas... ve ahora con gozo (cómo)... Preocupa a los hombre cuerdos congregados en la ciudad de San Pablo, el alarmante decaimiento de la riqueza forestal en los Estados Unidos, que adscriben a la tala brutal y avariciosa de los especuladores, que no ven que la fortuna rápida que hoy acumulan criminalmente, y a expensas de la fortuna pública, arrebata a la nación una fuente de riqueza permanente, no tanto por lo esencial que traen en sí los bosques de buenas maderas cuanto por la protecciónу amparo que dan los bosques a las comarcas agrícolas. (1975:VIII,303)[4]

Lo natural como político

Entre 1889 y 1891 -en lo que va de sus reportajes a *La Nación*, de Buenos Aires, sobre la Conferencia Internacional Americana y la Conferencia Monetaria de las Repúblicas de América, a la publicación en Nueva York y México de su ensayo *Nuestra América*, el tema ambiental aparece en Martí cada vez más vinculado al problema de la autodeterminación nacional, hasta que ambos se fusionan virtualmente, y la naturaleza se ve convertida en una categoría central de su discurso político. En esta etapa de su evolución, el razonar martiano se organiza con tenacidad y energía crecientes en torno a la advertencia de que, siendo la política "obra de los hombres, que rinden sus sentimientos al interés, o sacrifican al interés una parte de sus sentimientos", debe entenderse que

> Quien dice unión económica, dice unión política. El pueblo que compra, manda. Hay que equilibrar el comercio, para asegurar la libertad... Ni uniones de América contra Europa, ni con Europa contra un pueblo de América... La unión, con el mundo, y no con una parte de él; no con una parte de él, contra otra. Si algún oficio tiene la familia de repúblicas de América, no es ir de arria de una de ellas contra las repúblicas futuras. (1975: VI, 160)

Considerado en el espíritu de los tiempos, esto es más que una afirmación política. Constituye, también, la reivindicación cultural del derecho de los pueblos latino-

[4] Y traduce de inmediato lo informado a las realidades de su verdadero interlocutor, caracterizando como "una cuestión vital para la prosperidad de nuestras tierras, y el mantenimiento de nuestra riqueza agrícola...: la conservación de los bosques, donde existen; el mejoramiento de ellos, donde existen mal; su creación, donde no existen. Comarca sin árboles, es pobre; ciudad sin árboles, es malsana. Terreno sin árboles, llama poca lluvia y da frutos violentos. Y cuando se tienen buenas maderas, no hay que hacer como los herederos locos de grandes fortunas, que no las amasaron, no saben calcular cuándo acaban, y las echan al río; hay que cuidar de reponer las maderas que se cortan, para que la herencia quede siempre en flor; y los frutos del país solicitados, y éste señalado como buen país productor".

americanos a construir su propia historia. Así, ante las justificaciones biologistas del expansionismo anglosajón, Martí plantea en cambio que la historia universal no constituye sino "um producto, un resultado", en el que lo esencial "no radica en las relaciones de dominación", sino en "el desarrollo de los pueblos dominados".(Lamore,1979:110) La definición de los términos históricos de ese desarrollo por parte de los pueblos latinoamericanos constituye, justamente, uno de los grandes temas del ensayo *Nuestra América*, donde el diálogo que nos ocupa alcanza quizás sus niveles más altos de expresión. "En Martí", dice Cintio Vitier, "los libros no mandan, Europa no rige, el hombre nativo, natural, primitivo, está íntegro. Al falaz 'integrismo' español opone frontalmente la *integridad* original absoluta, sinónimo de entereza, de honradez, de verdad. La verdad es el deber. El deber está en *la raíz* (no en el *apriori*) del hombre. Hay que ser radical, dijo, ir a la raíz". (1979: 82) Antes, ha advertido que Martí encarna "un nuevo tipo de revolucionario", que no se resigna a partir de los postulados del colonizador (el desprecio, la represalia, el odio), sino de postulados propios; "que no se conforma con la conquista de la libertad *desde la esclavitud* sino que aspira a la destrucción de la esclavitud *desde la libertad*", y que para ello sitúa el combate "en su propio terreno", y pelea "sólo con armas altas, limpias y libres". (1979: 69,70) De *Nuestra América* (1975: VI, 15-23) podría decirse, en esa perspectiva, que es a un tiempo la crónica de aquel viaje a la raíz, y el arsenal mejor de las armas de que habla el maestro de martianos. Allí, el que fuera un joven liberal radical en el México de Lerdo de Tejada, y admirador entusiasta de los primeros momentos del gobierno de Justo Rufino Barrios en Guatemala, rompe con el liberalismo triunfante de su tiempo, y plantea de modo abierto los que serían grandes temas de la política y la cultura latinoamericanas a partir de la revolución mexicana de 1910-1917. Y resulta notable que esa ruptura se produzca, además, mediante un vigoroso esfuerzo por trascender el paradigma oligárquico sintetizado de manera tan admirable en 1845 por Domingo Faustino Sarmiento. En ese esfuerzo, Martí empieza por definir en su ensayo al "buen gobernante em América" como

> el que sabe con qué elementos está hecho su país, y cómo puede ir guiándolos en junto, para llegar, por métodos e instituciones nacidos del país mismo, a aquel estado apetecible donde cada hombre se conoce y se ejerce, y disfrutan todos de la abundancia que la Naturaleza puso para todos en el pueblo que fecundan con su trabajo y defienden con sus vidas

Para que ello sea posible, agrega, el gobierno debe "nacer del país"; su "espíritu" debe ser "el del país", y su forma debe "avenirse a la constitución propia del país", de modo que – em suma - no sea más que "el equilibrio de los elementos naturales del país". Y a esa definición la sigue el corolario famoso en que Martí, tras señalar que la inestabilidad recurrente de la región sólo prueba que "el libro importado ha sido vencido en América por el hombre natural", desafía al sentido común de su tiempo para afirmar: 'No hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza.' El propio planteamiento es inquietante: estamos ante un discurso nuevo, en el que lo social y lo político, la naturaleza y la cultura, se fusionan en un todo indesligable desde el momento mismo en que la abundancia espléndida de la naturaleza americana no es remitida al medio físico, sino al "pueblo" que todos "fecundan con su trabajo y defienden con sus vidas", con lo que cada hombre "se conoce y se ejerce". Pero, sobre todo, esa reformulación de la naturaleza como categoría política está directamente asociada a la reivindicación de
los sectores no capitalistas como actores legítimos del proceso político. "El hombre natural", dice Martí, "es bueno, y acata y premia la inteligência superior, mientras ésta no se vale de su sumisión para dañarle, o le ofende prescindiendo de él, que es cosa que no perdona el hombre natural, dispuesto a recobrar por la fuerza el respeto de quien le hiere la susceptibilidad o le perjudica el interés". Con ello, establece unadistancia insalvable con aquellas visiones liberales de fin de siglo, que al decir de FrancoisXavier Guerra se traducían en "la brusca instauración, en unas sociedades tradicionales, delimaginario, las instituciones y las prácticas de la política moderna". (1993: 381) Y al situar así la discusión, Martí abre paso al rescate de las visiones de la naturaleza de los sectores populares como elemento legítimo en la definición de la identidad cultural de la región, y define la condición política para ejercerla: *"Gobernante, en un pueblo nuevo, quiere decir creador."* El problema, por supuesto, es más fácil de plantear que de resolver. De sus años de juventud en México, por ejemplo, databan las dudas de Martí sobre el lugar de losindígenas en el proceso de construcción de los nuevos Estados latinoamericanos. "Irritan", llegó a decir el 10 de julio de 1875, "estas criaturas serviles, estos hombres bestias que nos llaman *amo* y nos veneran":

> Pululan por las calles; quiebran en la extensión que su cuerpo indolente cubre, las raíces que empiezan a brotar; echados sobre la tierra, no la dejan producir; satisfacen el apetito; desconocen las noblezas de la voluntad. -Corren como los brutos; no saben andar como los hombres; hacen la obra del animal: el hombre no despierta en ellos. Y esto es un pueblo entero; ésta es una raza olvidada; ésta es la sin ventura población indígena de México. (1975: VI, 266)

Pero aun dentro de esta queja desesperada, afloraba ya entonces el humanismo fundamental del pensar martiano. "¿Quién despierta a este pueblo sin ventura?", se pregunta, "¿Quién reanima este espíritu aletargado?". Porque, en efecto, afirma:

> No está muerto: -está dormido. No rehúye, espera. El tomará la mano que le tiendan; él se ennoblece con el conocimiento de sí mismo, y esa raza, llena de sentimientos primitivos, de natural bondad, de entendimiento fácil, traerá a un pueblo nuevo una existencia nueva, com todo el adelanto que ofrece la moderna vida, con la pureza de afectos y de miras, el vigoroso empuje, la aplicación creadora de los que conservan el hombre verdadero en la satisfacción de sus apetitos, el cumplimiento de sus necesidades, y la soledad de uma existencia escondida y tranquila.

A su tajante rechazo de toda solución basada en el exterminio de los "bárbaros", se sumaba además en Martí una sincera admiración ante los logros de las culturas prehispánicas, y ante la fuerte presencia de sus remanentes en el México que conoció. Así, para 1884 podía plantear que, si bien era bueno "abrir canales, sembrar escuelas, crear líneas de vapores, estar del lado de la vanguardia en la hermosa marcha humana", lo era también -para no desmayar en esa marcha "por falta de espíritu o alarde de espíritu falso"-, "alimentarse, por el recuerdo y por la admiración, por el estudio justiciero y la amorosa lástima",

> de ese ferviente espíritu de la naturaleza en que se nace, crecido y avivado por el de los hombres de toda raza que de ella surgen y en ella se sepultan. Sólo cuando son directas, prosperan la política y la literatura. La inteligencia humana es un penacho indígena. ¿No se ve cómo del mismo golpe que paralizó al indio, se paralizó a América? Y hasta que no se haga andar al indio, no comenzará a andar bien la América.(1975: VIII, 336).

Aquellas convicciones liberales de origen volverían a aflorar aun en 1885 cuando, al comentar la situación de los indios en los Estados Unidos, se reafirma en la idea de su reivindicación mediante la sustitución del trabajo de las tierras en común, "que ni estimula ni deja ver el premio, por el repartimiento de tierra en propiedad a cada familia, inalienable por veinticinco años, en relación a las clases de terreno y a la

extensión de cada casa". Y agrega: "admítase a ciudadanía todas las tribus que acepten el repartimiento individual de sus tierras, y los indios que abandonen las tribus que no les aceptasen, para acomodarse a los usos de la civilización". (1975:X, 326, 327). Seis años después, se habrá producido un giro del pensamiento martiano, derivado más de la experiencia política que de la sola reflexión teórica. *Nuestra América*, en efecto, está precedida por la participación de Martí en aquella Conferencia Internacional de las Repúblicas de América ya mencionada. Ese evento, al cual usualmente se remite el origen del panamericanismo norteamericano del siglo XX, puso a Martí en contacto directo con las turbulencias de la lucha por la hegemonía hemisférica a la cual se preparaban ya los Estados Unidos frente a sus rivales europeos. De allí resultará una observación de importancia para entender la evolución posterior del pensamiento martiano. "A lo que se ha de estar no es a la forma de las cosas, sino a su espíritu... En la política, lo real es lo que no se ve.", dijo en un despacho para *La Nación*, de Buenos Aires. Y definió enseguida a la política como "el arte de combinar, para el bienestar creciente interior, los factores diversos u opuestos de un país, y de salvar al país de la enemistad abierta o la amistad codiciosa de los demás pueblos" (1975:VI,158). En esta perspectiva, la síntesis de lo natural y lo cultural -que hace de la "Naturaleza" un concepto central en el discurso político martiano- tiene lugar en el seno de otro giro, más amplio, que subordina el tema del progreso al problema de la construcción de una autodeterminación nacional sustentada en la construcción de sociedades democráticas en América Latina. Con ello, además, la "Naturaleza" pasa, de la función de expresar un orden de factores extrahumanos, a designar la especificidad de los problemas y las potencialidades de las nuevas sociedades latinoamericanas, particularmente en lo relativo a la necesidad de trascender el discurso liberal dominante para abrir concebir um modelo de sociedad distinto al dominante ya en toda la región. El curso de los acontecimientos, sin embargo, convirtió las esperanzas de la modernidad en la condena a la dependencia, sin que estas sociedades llegaran a superar de manera clara y suficiente los males del legado colonial. La vieja economía de rapiña se diversificó y se intensificó, sin dejar de ser en ningún momento la forma fundamental de nuestra inserción en el mercado mundial; en el Estado Liberal Oligárquico, hegemónico em la región entre 1880 y 1930, la colonia siguió “viviendo en la República”, confirmando así que el problema de la independencia “no era el cambio de forma, sino el cambio de

espíritu". De este modo, la visión "imperial" de las relaciones entre el mundo social y el natural siguió vigente incluso cuando su promesa aparente empezaba a presentarse como una fatalidad. Para ese momento, en 1905, Euclides Da Cunha -"el intelectual honesto, diplomado como profesional liberal en los mayores centros urbanos del país, que trata de entender a su propio pueblo", como lo caracteriza Walnice Nogueira en su prólogo a *Los Sertones*-, veía a los brasileños "condenados a la civilización" (1980:47). "O progresamos o desaparecemos", decía, para preguntarse enseguida:

> ¿cómo obtener una combinación armoniosa, una síntesis entre lo que fue aprendido en los libros y en la convivencia urbana, con esos extraños peligrosos, tan brasileños como nosotros? ¿Cómo comprenderlos, cómo entenderlos, cómo confraternizar con ellos, si son tan diferentes a nosotros, si no aceptan nuestra ciencia, si no aceptan nuestra revolución? ¿Cómo pueden no admitir que nosotros estamos en lo cierto y ellos están equivocados? ¿Por qué nos odian?. (1980:XXII-XXIV)

Aun así, la obra de José Martí significa un aporte de primer orden a la delimitación de los conflictos característicos de nuestra contemporaneidad. Al señalar con pasión y claridad tan singulares la persistencia de la falla geológica que llevaba al choque recurrente entre "el mestizo autóctono" y el "criollo exótico", dejó establecida también -como um desafío que a la larga resultaría imposible de salvar para la hegemonía de sus adversarios-, aquella máxima sencilla que planteara en *Nuestra América*, en torno a la cual se decide hoy buena parte del futuro de la región toda: "Conocer es resolver. Conocer el país, y gobernarlo conforme al conocimiento, es el único modo de librarlo de tiranías. (1975: VI, 18)." Las dos vías del diálogo martiano, pues, están abiertas a todas las manifestaciones de las culturas que dialogan. Hay que conocer, para darse a conocer. Es en torno a esaverdad elemental que cabe plantear, de la manera más útil, el debate sobre la crisis ambiental de nuestro tiempo en América Latina. De este modo, si en su tiempo Martí aspiraba a que nuestra naciones caminaran "con Spencer de un brazo, y con Bolívar del otro", en el tiempo nuestro su legado permite que nuestra cultura ambiental se forje desde nosotros mismos, con el biólogo alemán Ernst Mayr de un brazo, y el historiador norteamericano Donald Worster del otro. Podemos, ahora, crecer con el mundo, para ayudarlo a crecer.

Clarence J. Glacken (1909-1989)[1]

Clarence J. Glacken nació en 1909 en Sacramento, California. En 1928 comenzó a estudiar en la Universidad de California. En su primer año, además de seguir una asignatura sobre la política y la historia del Oriente Lejano, Glacken se matriculó en el curso sobre "La idea de progreso", del profesor Frederick J. Teggart, cuya influencia se mantendría durante toda su vida.

En 1951 se doctoró en geografía en la Universidad Johns Hopkins con la tesis *The Idea of the Habitable World* entre los siglos XVIII y XX. En 1952, con una beca del National Research Council, trabajó en una investigación sobre el sistema familiar, la tenencia de la tierra y sus efectos en la organización del espacio en las islas Ryukiu, cuyos resultados fueron publicados en su libro *The Great Loochoo* (1956), que expresa su interés y sensibilidad hacia la cultura no europea, en la que veía una advertencia "contra el localismo basado en la experiencia y el estudio de solo la civilización occidental". En ese mismo año aceptó la propuesta de Carl Sauer para integrarse en el Departamento de Geografía de la Universidad de California, donde encontró el nicho adecuado para desarrollar su interés en las relaciones entre el hombre y la naturaleza.

Por entonces, el magisterio de Carl O. Sauer había convertido el Instituto de Geografía de Berkeley en un centro dedicado al estudio de los problemas de la geografía cultural, en particular el de la transformación de los paisajes naturales en paisajes culturales como resultado de la acción humana. Allí, Glacken impartió hasta su jubilación en 1976 el curso "Las relaciones entre naturaleza y cultura" - destacándose como un excelente profesor, lleno de afecto y cordialidad hacia sus alumnos -, y pudo dedicarse de lleno a la elaboración de la que sería su obra fundamental, *Huellas en la Playa de Rodas. Naturaleza y cultura en el pensamiento Occidental desde la Antigüedad hasta fines del siglo XVIII*, que publicaría en 1967.

La publicación de *Huellas en la Playa de Rodas* en 1967 constituyó un hito en la historia del pensamiento. Su tema fundamental es el nacimiento y transformación de la idea de una Tierra con un plan o designio, asociado a los de la influencia del medio sobre la sociedad, y el del hombre como agente modificador de la naturaleza, y nos permite conocer la genealogía de muchas ideas que han contribuido a modelar el sistema de pensamiento contemporáneo y se han difundido con la mundialización de la cultura europea.

Con todo, *Huellas en la playa de Rodas* fue concebido como la introducción a otra obra más ambiciosa que debía cubrir el estudio de "Las ideas sobre el mundo habitable" entre el siglo XVIII y la actualidad. Sin embargo, la labor de Glacken se vio interrumpida por una profunda depresión probablemente asociada, al menos en parte, con las protestas estudiantiles que afectaron a la universidad de Berkeley a fines de la década de 1960 y comienzos de la de 1970; con el conflicto entre la nueva geografía cuantitativa y teorética y la geografía cultural de la escuela de Sauer en el Departamento de Geografía, y con la misma ambición de su programa de trabajo.

Es lamentable que Glacken no pudiera completar su obra, pues su conocimiento de las cultura no europeas y su relación con el despertar de los movimientos ambientalistas y conservacionistas le convertían en una persona extraordinariamente preparada para elaborar una síntesis entre las diferentes corrientes disciplinarias y las distintas culturas de la Tierra. Ojalá la publicación de sus papeles inéditos permita algún día conocer su pensamiento sobre estas cuestiones, cuando tanto se necesitan aproximaciones nuevas acerca de la relación entre los hombres y la naturaleza.

[1] Síntesis biográfica elaborada a partir de la Introducción de Horacio Capel a la edición española del libro de Clarence C. Glacken: *Huellas en la playa de Rodas. Naturaleza y cultura en el pensamiento occidental, desde la Antigüedad al siglo XVIII*, Traducción de J. C. García Borrón, Barcelona, Ediciones del Serbal, 1996.

El Hombre Contra la Naturaleza: un Concepto Anticuado

Clarence J. Glacken[1]

Anticuado significa pasado de moda u obsoleto, incapaz ya de cumplir una función adecuada. No estoy seguro, por tanto, de que el título de esta discusión sea en verdad preciso. Pasado de moda, en efecto, no significa carente de energía o virilidad. El mundo está lleno de ideas pasadas de moda que aún son muy fuertes y no dan indicio de que vayan a morir. El tópico de esta lectura, incluyendo su subtítulo, abre temas tan vastos que su análisis integral no llevaría a la profundidad de la historia de todo el pensamiento, no sólo el Occidental. El título, sin embargo, no es meramente retórico, pues en toda filosofía de la vida o cualquier visión del mundo están presentes el tema del hombre y la naturaleza, y las relaciones entre ambos.

"El hombre contra la naturaleza". "El dominio del hombre sobre la naturaleza". Se piensa a menudo que estas dicotomías constituyen los únicos conceptos importantes en la civilización Occidental en lo que hace a las relaciones entre ambas partes. Con frecuencia, el concepto "Occidental" de dominio u oposición ha sido contrastado con los conceptos "Orientales" de armonía y unión con la naturaleza, pero creo que este contraste simplifica las cosas en exceso. Como todas las grandes civilizaciones, la Occidental no es monolítica en sus síntesis, y ha acogido toda clase de ideas diferentes. No cabe duda, sin embargo, de que la dicotomía hombre – naturaleza ha sido y sigue siendo de gran importancia y de que, si bien ha sido cuestionada, se ha sostenido en el pensamiento popular y, además, se ha difundido a muchas partes del mundo no Occidental.

Tengo la impresión, sin embargo, de que el concepto del hombre contra la naturaleza no es típico de la historia del pensamiento en su conjunto, o de las ideas de los pueblos prehistóricos y los así llamados primitivos. Y aun si se tienen reservas sobre la aplicación de los conceptos de Yo-Tú, Yo-Eso, de Martin Buber, a la relación de los hombres prehistóricos y primitivos con la naturaleza - como las han tenido algunos -,

[1] Glacken, C.J. 1970: "Man Against Nature: an Outmoded Concept". En H.W.Helrich, Jr. (ed.) *The Environmental Crisis*. New Haven: Yale University Press. (reprinted by Warner Modula Publications, 1972). Pp. 127-42.

creo que resulta adecuado decir que estos pueblos se piensan a sí mismos a partir de su identificación con la naturaleza, antes que como enfrentados a ella. Esta fue una de las conclusiones de Henri Frankfort y sus colegas en su obra *Beyond Philosophy* [2]: en contraste con el hombre moderno, los pueblos prehistóricos disfrutaban de una asociación y una identificación estrecha y vívida con la naturaleza, como si fuera un "tú" en vez de un "esto". Esta es una perspectiva interesante, pero aún sabemos demasiado poco sobre el tema para hacer diferencias. El área sigue estando poco explorada, pero la evidencia parece indicar un amplio sentimiento de cercanía de los humanos hacia otras formas de vida; véase por ejemplo la descripción de las actitudes de los pigmeos del Congo hacia el bosque en que viven, que hace Colin Turnbull en *The Forest People* [3]. Esta posibilidad se ve reforzada por estudios etnográficos recientes que enfatizan el íntimo conocimiento de su ambiente por parte de los pueblos primitivos.

La idea del hombre contra la naturaleza es así, en mi opinión, más parroquial que universal. Sin duda ha alcanzado una gran fuerza en el pensamiento occidental, pero debemos reconocer que es parroquial porque, a pesar de la poderosa influencia hacia la uniformidad que ejercen los medios de comunicación masiva, siguen existiendo otras culturas no Occidentales con sus propios valores. El reconocimiento de tal parroquialismo nos obliga a preguntarnos por qué, y bajo qué circunstancias, la idea del hombre contra la naturaleza ha prosperado hasta hoy.

Una razón de la fuerza duradera de la idea ha consistido en que, en los tiempos modernos, se ha convertido – bajo diversas formas – en la base para filosofía secular de la historia. En esta filosofía, el proceso de la civilización fue visto como un movimiento, una evolución desde un tiempo en el que el hombre estaba bajo el control de la naturaleza hasta un punto en que la situación fue revertida, y el hombre asumió el control de la naturaleza. La interpretación está íntimamente asociada al deseo de mejorar la condición humana mediante el cultivo de las artes y las ciencias, una aspiración que evolucionó gradualmente en los siglos XVIII y XIX en la idea de progreso, un progreso visto a menudo – aunque no siempre – en términos tanto de un

[2] H. and H.A. Frankfort et al., *Beyond Philosophy, the Intellectual Adventure of Ancient Man: an Essay of Speculative Thought in the Ancient Near East* (Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books, 1954).
[3] Colin M. Turnbull, *The Forest People* (New York, Simon and Schuster, 1961).

divorcio respecto a la naturaleza como de un dominio sobre ella. Fue asumida la existencia de una armonía primordial anterior a la llegada del hombre, pero el hombre, al progresar, humanizaría gradualmente al mundo, creando una armonía aún más intensa mediante invenciones tecnológicas, sus labores y sus luchas.

Yo distinguiría dos tradiciones en la idea del hombre contra la naturaleza en el pensamiento occidental. La primera se deriva del Viejo Testamento, en particular de Génesis 1; la segunda es un producto de los tiempos modernos, respecto al cual citaría a filosofía de Francis Bacon como un referente adecuado, sin pretender en que tal sea el lugar y el tiempo de su origen.

Las líneas del Génesis son impactantes, sin duda. En Génesis 1:20-28 se hace una distinción entre los actos de Dios relacionados toda la vida, salvo el hombre, y los actos de Dios relacionados con el hombre. En el primer caso, toda las formas de vida deben aumentar y multiplicarse; en el otro, el hombre no sólo debe hacer lo mismo, sino además "tener dominio sobre los peces del mar y sobre las aves del aire y sobre toda cosa viviente que se mueva sobre la tierra." Esto es reafirmado por Dios después del diluvio, en el nuevo comienzo de la raza humana con Noé, sus tres hijos, y las esposas de éstos.

Estos versos del Génesis han adoptado un giró nuevo e irónico en décadas recientes y en el presente inmediato, pues se ha aprendido mucho a lo largo del último siglo sobre la cultura y el ambiente, especialmente acerca de los efectos de la primera sobre el segundo. Las acciones del hombre, desde la deforestación hasta la contaminación del aire y el desarrollo de armas nucleares, y la multiplicación de los humanos, han ofrecido una prueba dramática de su obediencia a las órdenes de Dios de que toda vida se multiplique, y de que además de esto la vida humana no sólo se multiplique, sino que tenga dominio sobre el resto de la creación.

Diversos observadores, en particular los no occidentales, han citado estos pasajes del Génesis como una crítica a la civilización Occidental en la importancia que asigna al hombre y su lucha contra la naturaleza. Creo que este enfoque es erróneo, porque el asunto es mucho más complejo. Sin duda, este tema, tal como nos llega del Génesis y

de otros textos del Viejo Testamento, sigue siendo importante en el presente. La Encíclica *El Progreso de los Pueblos* (1967) del Papa Paulo VI reafirma la verdad de los planteamientos del Génesis relativos a la creación a la creación de la tierra por Dios para el hombre, al señalar que los recursos de la tierra deben ser desarrollados de manera responsable, inteligente y justa. Con una evidente persistencia en las ideas, la actual condición humana es vinculada así de manera cercana a la doctrina del Génesis.

En mi opinión, sin embargo, la yuxtaposición histórica del hombre contra la naturaleza depende mucho más de del pensamiento moderno y de ideas más seculares. Sin adjudicarles origen a éstas (para lo cual quizás deberíamos mirar a la historia de la alquimia), citaría a tres autores de los siglos XVI y XVII que expresaron este concepto en una época en la que era más creativo que en la actualidad: Bacon, René Descartes y Gottfried Wilhelm von Leibnitz.

Uno de los más famosos apotegmas de Bacon fue aquel según el cual no podíamos dominar a la naturaleza más que obedeciéndola, y quizás aquí deberíamos pensar en "obedeciendo" como si implicara "conociendo". Hay muchas ilustraciones pertinentes, pero me limitaré a *The New Atlantis*, donde uno ve aun filósofo ambicioso rechazar la filosofía escolástica como la enseñanza de la inactividad, para promover las artes y las ciencias y estimular la invención con el propósito de cambiar la naturaleza y adaptarla a usos humanos. En *The New Atlantis*, Bacon compara los grandes viajes de descubrimiento que habían abierto los horizontes del hombre con la persistente estrechez de la visión intelectual humana. Así, se trata esencialmente de un programa para el control de la naturaleza por el hombre, un acto de ampliación creativa comparable en espíritu con aquello que vio en los viajes de descubrimiento.

En aquel vívido texto filosófico autobiográfico, *El Discurso del Método*, Descartes nos cuenta cómo meditó acerca de las limitaciones de la filosofía escolástica. Al igual que Bacon y Leibniz, veía el conocimiento como la clave del mejoramiento humano. Las nociones de física general se entrelazan con el bien del hombre. Debemos tener un conocimiento práctico para ganar ascendencia sobre la filosofía especulativa; debemos conocer los elementos – fuego, aire, tierra y agua – tan bien como

conocemos el oficio de nuestros artesanos, "y así convertirnos a nosotros mismos, como debía ser, en los señores y amos de la naturaleza."

En Leibniz, la filosofía es aun más explícita. Esta mente infatigable, rica y noble vio la Tierra como un planeta de diseño divino; fue incansable en sus esperanzas para mejorar el destino del hombre, y vio en el dominio sobre la naturaleza un hecho benéfico, una señal de progreso. El suyo fue uno de los más exaltados intentos para correlacionar el progreso de la civilización con el gradual desarrollo de la Tierra como un planeta habitable mediante la labor del hombre. El avance de la humanidad estaba vinculado al cultivo de la tierra, y éste se convertía en un espejo del espíritu humano de emprendimiento. En su obra, la idea de progreso está ligada a la de control sobre la naturaleza: en la medida en que el hombre progresara, la tierra se haría aún más perfecta bajo la conducción de su mano.

Si este análisis tan evidentemente incompleto es correcto, la primera forma moderna de contraste entre el hombre y la naturaleza fue percibida menos en términos de lucha y más en términos de creatividad, y esto por dos razones:

1. La lucha contra la naturaleza, y el control de la misma, era maneras de mostrar el progreso de la civilización. En sus aspectos materiales, la civilización significaba esto – los cambios realizados en la naturaleza en función de propósitos, la superación de obstáculos naturales mediante puentes, drenajes, caminos y, más tarde, ferrocarriles y rutas aéreas y marítimas.

2. Había poca conciencia o estudio de los antiguos efectos acumulativos, pero no percibidos, de las actividades humanas encaminadas a cambiar el ambiente. Existe amplia evidencia de la conciencia local, pero tal conocimiento no estaba difundido ampliamente. Falta aquel crescendo de quejas, basadas en la teoría ecológica, acerca de la destrucción del ambiente por el hombre, tan característico de los últimos cien años y hoy tan común que aparece en artículos de la revista *Science*, en suplementos dominicales y en discursos presidenciales.

Para el siglo XIX ya eran evidentes algunas severas inconsistencias en esta idea, y aún lo son. Podemos mirar a una fase del movimiento romántico, pese a su complejidad, como una rebelión contra la dicotomía entre el hombre y la naturaleza. En el movimiento por la conservación de la naturaleza debemos mucho a las ideas románticas sobre las bellezas de las zonas silvestres remotas y aún no intervenidas, y sobre la importancia de estar conscientes de las implicaciones de nuestras actitudes hacia el mundo natural.

En el siglo XIX, la idea del control del hombre sobre la naturaleza o del hombre contra la naturaleza estaba íntimamente vinculada a la del progreso indefinido e inevitable. Aún hoy, creo, su vitalidad sigue asociada con nociones populares del progreso, vagas y mal comprendidas, aun si este progreso no tiene otro significado que el de una estadística que sea mayor este año que el anterior en alguna categoría que se considere deseable. La tecnología y los inventos eran agua para este molino porque representaban éxitos evidentes, claramente verificables. Lines, en "Locksley Hall", de Lord Tennyson (como lo ha señalado John Bagnell Bury en su libro *The Idea of Progress*)[4] expresa su fe en el progreso – en el control de la naturaleza – con tanto colorido como cualquier otro. Cuando Tennyson escribe sobre su viaje en 1830 en el primer tren de Liverpool a Manchester, dice que pensó que el mundo entero marchaba en una espiral: "Entonces escribí esta línea: [Adelante, adelante, avancemos,] Permítase al gran mundo girar por siempre a lo largo de las sonoras espirales del cambio'." El optimismo estaba basado en el progreso material, en la idea de que, en su avance, esta civilización tan racional no sólo adelantaba en sí misma, sino que estaba produciendo ambientes humanizados que hacían parte de ese adelanto. Es cierto que, sobre todo hacia fines del siglo, empezó a tomar forma una literatura que cuestionaba a la tecnología y sus efectos; aun así, en conjunto uno ve en la civilización Occidental del siglo XIX el apogeo de la fe en la ciencia y la tecnología – bajo la rúbrica del "control sobre la naturaleza".

En la segunda mitad del siglo, sin embargo, fueron sembradas las semillas de visiones alternativas – y si bien estos orígenes son también complejos, y nos alejarían mucho

[4] John Bagnell Bury, The Idea of Progress: an Inquiry into Its Origin and Growth (London, McMillan and Co., 1920).

del tema, quisiera discutir tres trabajos que son sintomáticos de las cosas por venir: *El Origen de las Especies* (1859), de Charles Darwin; *Man and Nature* (1864), de George Perkins Marsh, y *Tiempos Difíciles* (1854), de Charles Dickens.

Antes de hacer esto, examinemos con algo más de profundidad las contradicciones de la idea antes analizada que ya eran visibles en la segunda mitad del siglo pasado. Si asumimos que la visión del mundo en cualquier cultura debe basarse en alguna concepción de la relación hombre – naturaleza – sea ésta religiosa, económica, estética, o una combinación de éstas y otras -, podemos decir que a mediados del siglo XIX el concepto manifestaba limitaciones en su capacidad para integrar un cuerpo de ideas, y el conocimiento correspondiente.

Estas limitaciones han sobrevivido en lo general hasta el presente. ¿Cuáles son? En primer lugar, el concepto es estrecho y restrictivo – y está sujeto a la misma crítica que la idea de hombre en los conceptos tradicionales más tempranos de diseño y teleología. Decir de la Tierra que ha sido diseñada por el Creador para el bien de toda vida es una cosa; decir que ha sido hecha únicamente para el hombre, y para ser utilizada por éste según lo estime conveniente, es otra. El antropocentrismo de la segunda es estrecho e invalidante. En la versiones seculares subsiguientes, el antropocentrismo estrecho e invalidante perdura en la presunción de la utilidad universal para el hombre. Toda la naturaleza se convierte en un recurso.

Además de eso, el énfasis se ubicaba en la dicotomía, en dos mundos, el mundo del hombre y el mundo natural. Creo también que la dicotomía estimulaba el estudio del hombre únicamente al interior de las instituciones humanas, asumiendo sus luchas con la naturaleza y su control de la misma como actividades llevadas a cabo al interior de los propósitos de esas instituciones humanas. Esto tendía a desestimular una perspectiva orgánica; la belleza, la variedad, la plenitud podían ser celebradas en el arte, la música, la literatura. Estimulaba una visión utilitaria de la naturaleza, no una encaminada a preservarla o conservarla; la primera visión era progresiva; la segunda, romántica y atada sin remedio al pasado. Aun así, el aspecto más engañoso – sobre todo en cuanto era un elemento de la idea misma de progreso -, era el plano superior

en que ubicaba al hombre y sus instituciones. El hombre dominaba a la naturaleza mediante la racionalidad y el propósito.

Se asumió un exceso de racionalidad en los cambios acarreados por este control de la naturaleza, por este progreso. El dominio era el resultado del dominio de la inteligencia y el planeamiento. Al leer la literatura optimista del periodo, uno siente que la racionalidad de la civilización se daba por sentada. Estaba ampliamente difundida la creencia de que un vasto abismo separaba a los pueblos primitivos de los pueblos de las culturas europeas. Ahora sabemos – como también lo sabían muchos entonces – que asumir un carácter racional en la civilización puede ser muy engañoso. Hoy existe amplia evidencia sobre lo contrario – tan avasalladora que no demanda mayor discusión. La premisa de la racionalidad, de la civilización Occidental como la cúspide de las civilizaciones en la marcha del progreso, suponía que el dominio era un dominio racional, y que los amos de la naturaleza eran amos racionales.

Regresemos ahora a las tres obras que mencioné antes. Admito que mi selección es caprichosa, pero las tendencias que en ella se expresan no lo son, pues cuestionan las correlaciones acerca del crecimiento de la civilización y la humanización del ambiente, la utilidad de la dicotomía hombre – naturaleza, y ubican a la estética y la belleza naturales en un contexto del todo distinto.

En la mortecina discusión sobre la filogenia, en los agudos debates sobre la evolución y la creación especial, en las dramáticas discusiones acerca de la lucha por la existencia, en los igualmente mortecinos intentos de transferir la lucha por la existencia a la sociedad humana, lo que hoy resalta en *El Origen de las Especies* con mayor claridad que cuando fue escrito es que la teoría confirmaba en términos evolucionistas modernos, no religiosos, el planteamiento del estudio de las interrelaciones en la naturaleza. Estas eran vistas a partir del modelo de una trama de la vida. El hecho de que tales interrelaciones existen en el mundo orgánico no necesitó esperar por la exposición de Darwin; eran parte del planteamiento del diseño, y se encontraban en la base de las observaciones sobre la historia natural en el siglo XVIII. Dios, en su sabiduría, había creado la tierra y toda la materia viviente en

ella como parte de un diseño racional de conjunto, y era de esperar que todo encajaría, que habrían intrincadas interrelaciones en el mundo natural, repleto de adaptaciones.

Darwin, sin embargo, vio equilibrios y armonías en la naturaleza, tramas de la vida – hoy las llamamos ecosistemas -, que eran el resultado de procesos evolutivos, productos del tiempo, circunstancia, selección. Este replanteamiento del concepto de unidad y armonía en la naturaleza proporcionó la base para construir la moderna teoría ecológica. En la cadena que va de los gatos al trébol, el número de gatos se relaciona de manera indirecta con el de los ratones, las abejas y el trébol, pero también se relaciona con el de las ancianas, y el crecimiento del abeto escocés se relaciona con los animales de pastoreo del hombre y la construcción de cercas. Fue creada una nueva oportunidad para reconsiderar el problema del lugar del hombre en la naturaleza – no de manera vertical en la época, en el sentido de su lugar en la jerarquía del ser (*Man's Place in Nature*, de T.H.Huxley, es un buen ejemplo) -, sino de manera horizontal, considerando a sus actividades como parte del mundo orgánico así como de un mundo económico, social o político.

El segundo trabajo, *Man and Nature*, de Marsh, fue publicado cinco años después del *Origen de las Especies*. Marsh fue uno de los grandes estudiosos norteamericanos del ambiente natural. Fue el primer Embajador de los Estados Unidos en Italia, designado por el Presidente Lincoln, y se mantuvo en su puesto diplomático desde 1861 hasta su muerte en 1882. El Mediterráneo y sus tierras adyacentes fueron sus grandes maestros en lo que respecta al poder del hombre para modificar el mundo natural.

Marsh también utilizó la idea del equilibrio y la armonía de la naturaleza, no en el sentido en que la aplicaba Darwin (como un concepto general asociado a una teoría de la evolución), sino como un medio para medir la capacidad humana para modificar el ambiente. A Marsh le preocupaban problemas históricos: los efectos de la domesticación, la deforestación, y del control del agua y de las dunas de arena. Muchos de los efectos de la interferencia humana en el ambiente eran insospechados, y las perspectivas abierta por este abordaje fueron mucho más amplias y profundas

que los estrechos confines de la idea del control sobre la naturaleza a partir de propósitos.

En la obra de Marsh está implícita la idea de que la historia de la Tierra a partir de la llegada del hombre podría ser escrita, parcialmente, como la historia del cambio acumulativo debido a la acción humana. Al respecto, Marsh había sido anticipado por el Conde de Buffon en el siglo XVIII (en la séptima de sus magníficas *Epochs of Nature*). La historia humana, decía Marsh, podría ser la del gradual divorcio del hombre respecto a la naturaleza; pero es también la historia de los desplazamientos en el mundo orgánico, de los hábitats de plantas, animales y pueblos primitivos. Las plantas domesticadas, y en particular los animales, se convertían en extensiones de la actividad humana, de la voluntad humana. El resultado fue sugerir la pobreza de la historia escrita dentro del solo marco humano, la pobreza de la interpretación de tales cambios como capítulos de la historia económica. Lo realmente importante era que la fuerza acumulada de la iniciativa humana podría ser irreversible, podría acarrear un deterioro tal que el planeta terminara por ser inhabitable.

Pero, ¿por qué los *Tiempos Difíciles* de Dickens? Porque en Capítulo 5, que contiene la famosa descripción de Coketown – un feo pueblo de ladrillos, con canales de agua negra, un río teñido de púrpura por los tintes, una monotonía de apariencia y actividad. Las grandes calles eran idénticas entre sí; las pequeñas lo eran aún más. También lo eran los empleos. Todo era “severamente trabajoso”. Las cosas estaban pintadas de la misma manera, las personas pensaban de la misma manera, todo era aceptado como un hecho – la escuela M’choakumchild, el hospital, el cementerio. Aquí vemos un nuevo tipo de vida basado en una creación industrial de ladrillo, uniformidad, conformidad. Todo en la descripción de Coketown apunta a la imposición de valores en un paisaje urbano industrializado, a la creación de una manera nueva y única de vivir. Coketown es simbólico y sintomático.

Podemos identificar un punto de vista similar en las palabras de muchos otros observadores sensitivos. Para el geógrafo francés Élisée Reclus, por ejemplo, las tendencias positivistas del día, el deseo de progreso y avance tecnológico, estaban creando paisajes característicos y desagradables. La marcha del progreso y la

preservación de la belleza diferían entre sí. ¿Debe asombrarnos, como lo ha señalado Lewis Mumford en su *City in History* que esos paisajes nuevos produjeras sus propias reacciones? ¿De qué otra manera podemos leer fragmentos de Rskin, o los intentos de Augustus Pugin de idealizar la ciudad medieval? Los gritos por la preservación de la belleza, por lo antiguo en la ciudad, el pueblo o la aldea, eran tan fuertes como lo son en muchas partes del mundo Occidental hoy.

La descripción de Dickens nos ofrece una sensación de los nuevos y característicos paisajes industriales recién creados, y lleva la estética del paisaje hacia una perspectiva totalmente nueva. La trama de la vida sugerida por Darwin proporcionó nuevas oportunidades para las interpretaciones de la idea de equilibrios y armonías; fue el último intento de encontrar un modelo de referencia para el estudio del mundo natural. Marsh resaltó de manera vívida y clara las fuertes interconexiones entre la naturaleza y la cultura humanas y el ambiente; demostró que la civilización no ha creado ni creará de manera inevitable armonías nueva y racionales en el mundo natural.

La trama de la vida, la geografía histórica de Marsh y el Coketown de Dickens encajan con dificultad en los conceptos del hombre contra la naturaleza, o del control del hombre sobre la naturaleza. Sin duda, sus intuiciones pueden ser ignoradas. La trama de la vida puede ser relegada a la ciencia. Deforestación, erosión, drenaje y desviación de ríos podrían ser referidos a la ingeniería. Los canales de aguas negras, el río púrpura, las chimeneas, la escuela M'choakumchild y el conformismo pueden ser presentados como inconvenientes que el tiempo y el progreso corregirían.

En la parte final del siglo XIX, la trama de la vida, el descubrimiento de la profundidad histórica de la acción humana en la transformación ambiental y en la creación de paisajes industriales únicos mostraron la necesidad de una interpretación más honda, más amplia y de mayor significación acerca del lugar del hombre en la naturaleza – no, repito, de su lugar en la jerarquía de la vida, sino en un ambiente físico con sus vínculos de relación muy alterados en todo el mundo, y alterados por distintas razones y tradiciones culturales.

No creo que estas ideas fuesen asimiladas en el siglo XIX; en retrospectiva, sin embargo, los tres ejemplos muestran tendencias que minan la cómoda idea del progreso en términos del progresivo control del hombre sobre la naturaleza. Estas tendencias debilitan también la idea del progreso como parte de un vasto desarrollo teleológico en el que la civilización avanza con el apoyo del ambiente y sus recursos.

De este modo, el desarrollo gradual de un cuerpo de pensamiento que reconoce que la civilización puede estar progresando al mismo tiempo que el ambiente se va deteriorando enfrenta al hombre de manera obvia con un nuevo conjunto de circunstancias. El moderno pesimismo, la alarma y la insatisfacción con el concepto del hombre contra la naturaleza acompañan a una pérdida de la fe en el progreso que se ha generalizado en este siglo. Con mucha frecuencia la civilización significa la destrucción y el caos en la naturaleza, no su domesticación mediante un manejo más racional. Hoy no necesitamos ideas filosóficas que nos expliquen esto. Ninguno de nosotros apoyaría automáticamente una declaración de que el ambiente se torna más hermoso en la medida en que avanza la civilización. Nuestros ojos, nuestro oído y nuestro olfato nos dicen lo contrario.

Dos estudios recientes muestran la continua persistencia, fortaleza y fascinación de la idea del hombre contra la naturaleza en el pensamiento contemporáneo. En un estudio inédito – "The Origins and Development of the Marxist Concept of Man – Nature Relationship" -, preparado por Ladis Kristof para la Conferencia sobre el Lejano Oriente en la Universidad de California en Berkeley en 1966, el autor muestra el papel decisivo de la idea del dominio del hombre sobre la naturaleza en el pensamiento marxista, desde el propio Marx hasta hoy. Kristof remonta el origen de esto a ciertas interpretaciones de la filosofía de Francis Bacon. Cita la relevancia del trabajo sobre estética de G.F.W. Hegel, en especial su disgusto con la idea de que las obras de la naturaleza son superiores a las del hombre, de manera consistente con la de que el hombre se esfuerza en crear una sociedad mejor a través del dominio sobre la naturaleza. Kristof lleva el análisis de Bacon a Hegel, a Nikolai Lenin, José Stalin y otros dirigentes más recientes de la Unión Soviética para mostrar la importancia de esta filosofía en el pensamiento soviético.

Igualmente impactante es un artículo de Rhoads Murphey – "Man and Nature in China" -, publicado en la revista *Modern Asia Studies* I, (1967) 4. Es particularmente interesante porque es pertinente a la historia de este poderoso grupo de ideas centradas en la dicotomía del hombre y la naturaleza. En la siguiente cita, el profesor Murphey describe el alcance de los cambios promovidos por la revolución en las actitudes tradicionales chinas hacia la naturaleza:

> Al menos en un aspecto fundamental, sin embargo, la conquista de 1949 ha logrado – para utilizar la misma expresión que los comunistas – poner de cabeza un conjunto de premisas y actitudes que eran de importancia básica en el sistema tradicional, para reemplazarlas con un conjunto contrario que podría ser de importancia equivalente en términos contemporáneos. El conflicto dialéctico y la lucha de la "revolución permanente" es la piedra de toque de lo mucho que la China contemporánea ha reemplazado en cuanto a las nociones tradicionales de armonía y ajuste que subyacen de igual modo a mucho del orden tradicional. En ningún otro aspecto es tan evidente este cambio como en las actitudes hacia la naturaleza.

El ejemplo chino es especialmente impactante debido a la antigüedad, la riqueza cultural y la continuidad de la civilización china. La historia, la filosofía y el arte chinos nos ofrecen múltiples ejemplos de ideas sobre equilibrio y armonía en las relaciones del hombre con la naturaleza, el respeto a la naturaleza y el papel de la naturaleza en la vida del hombre. Los chinos desarrollaron una filosofía natural, el *feng-shui* – viento y agua- en que se apreciaba una estrecha correspondencia entre los rasgos del paisaje y las influencias cósmicas, un sorprendente sistema intrincado de interrelaciones que proporcionaba la base para la adecuada elección de las ubicaciones para residencias y tumbas. Informes recientes de Hong Kong indican que sigue siendo importante en regiones de influencia cultural china. La importancia de los estudios sobre la naturaleza y el amor a la naturaleza en la pintura de paisajes, el tradicional respeto por el cultivo y la transformación ordenada del ambiente – todo esto es parte integrante de las actitudes tradicionales chinas hacia la naturaleza, las cuales, según lo muestra el estudio de Murphey, están siendo cambiadas a conciencia y propósito, a favor de la idea de lucha y dominio proveniente del pensamiento marxista.

Tendrá el mayor interés ver hasta dónde tendrá éxito este replanteamiento del caso de una filosofía de lucha y dominio contra la naturaleza, importada de Occidente, en

su competencia con antiguas creencias nativas, porque las ideas tradicionales y los conceptos ecológicos modernos (a pesar de lo radicalmente distinto de sus orígenes y fundamentos) comparten una filosofía de las interrelaciones. La radicalidad del cambio en el concepto chino de la relación hombre – naturaleza destaca con especial claridad cuando es comparado, como lo hace Murphey, con las actitudes tradicionales que han sido en tan gran medida una parte, y una fuerza, de la historia de China, al punto en que sería imposible escribir una geografía histórica adecuada de ese país sin considerar el conjunto de estas actitudes, y en particular el *feng-shui*.

Como filosofía, el concepto del hombre contra la naturaleza ha perdido cualquier fuerza creativa que haya tenido en el pasado. A lo largo de los últimos cien años las ideas de interrelación ecológica, de la trama de la vida propuesta por Darwin, de la biocenosis de Möebius – el estudioso de las ostras de Sylt -, y del concepto contemporáneo de ecosistema se han desarrollado para confrontar dicotomías tradicionales como las de hombre y naturaleza, hombre frente a la naturaleza, hombre contra la naturaleza, control del hombre sobre la naturaleza, o progreso como divorcio de la naturaleza.

Es tiempo de asumir lo que haya de creativo en ambas ideas. Hoy, la idea del ecosistema es la creación conceptual más aceptable de que disponemos para concebir la organización de la naturaleza. Es ampliamente aceptada como fundamental para la comprensión del crecimiento de la población mundial, los efectos de la innovación tecnológica, la conservación, la contaminación y la protección de la naturaleza. Aun así, una parte de la dicotomía hombre – naturaleza – tal como ha evolucionado a lo largo de la historia – no debería ser ignorada, porque plantea de manera muy clara el problema de la diferencia entre el hombre y otras formas de vida, especialmente como ejecutores, como agentes participantes en su ambiente.

Ya antes se han hecho – y se siguen haciendo - valiosos intentos para esclarecer el carácter único del hombre. Sin embargo, a menos que yo esté muy mal informado, no hemos ido mucho más allá de las primeras generalidades autocomplacientes. No tenemos un conocimiento profundo. Necesitamos también comprender de manera adecuada la separación entre los humanos y otras formas de vida tal como se ha

desarrollado en una variedad de tradiciones culturales, y las implicaciones de estos descubrimientos para la preservación del mundo natural, para prevenir la extinción de plantas y animales amenazados, aun si los asuntos humanos conservan – como en efecto ocurrirá de manera inevitable – un lugar central en las preocupaciones del hombre.

El papel humano del hombre en materia tecnológica, innovadora, conservacionista y conservadora podrá ser entendido mucho mejor en una perspectiva ecológica que en una de contraste y antítesis. Nada bueno podrá resultar del reduccionismo, del desdén por la riqueza inspiradora de los logros de la cultura humana registrados en bibliotecas, galerías de arte, museos, conservatorios y universidades, especialmente en una ápoca trágica como ésta. El lugar del hombre en la naturaleza, un tema venerable, debe ser el foco de una nueva síntesis.

En términos generales, no disponemos de una historia definitiva de las actitudes hacia la naturaleza de nuestras más importantes civilizaciones. Los elementos de esa historia están dispersos, casi que al azar, en repositorios como la filosofía, la teología, la poesía, la ciencia y la historia del arte. No tenemos siquiera una síntesis definitiva de este cuerpo de pensamiento en lo que hace a la civilización Occidental, ni de síntesis nacionales realmente comprensivas al interior de esta civilización – por no decir nada de las actitudes hacia la naturaleza en las civilizaciones primitivas y preliterarias.

Los conjuntos de cuerpos decisores, públicos y privados, son y sin duda seguirán siendo poderosos agentes en el modelado de nuestro ambiente. Con frecuencia, sus decisiones son autocentradas, utilitarias, y de corto plazo en su perspectiva. La discusión de una filosofía del hombre y la naturaleza, o del hombre en la naturaleza, podría por tanto parecer remota, si no fuera de lugar en un mundo así organizado. Pero estos cuerpos decisores tienen sus críticos, elocuentes, bien informados y activos, y yo no competiré con ellos. Me preocupa más la fuerza persistente y la influencia de ideas generales ante un poder glacial y despreocupado.

Espero, por tanto, que haya lugar para la participación de las Humanidades en este amplio campo de ideas – ideas provenientes de diferentes culturas y sus historias -, sobre todo en lo que hace a la educación de los jóvenes. Quienes estamos asociados con universidades sabemos muy bien que nuestros estudiantes se están rebelando con la pobreza, el racismo y la guerra. También es evidente la rebelión contra la indiferencia complaciente, y un intenso interés en el ambiente, pues reconocer la importancia de las interrelaciones no requiere un aprendizaje especial. Creo que es fundamental en todos estos temas e intereses la actitud desarrollada por una cultura o una civilización hacia la vida – toda la vida – y los entornos en que existe. La preocupación sincera por la calidad del ambiente, por la preservación de las plantas, animales y seres humanos ante el riesgo de extinción, y por la preservación de ambientes históricos y áreas silvestres constituyen un signo esperanzador, que expresa una reafirmación de la vida en su plenitud y en su belleza.

En el pasado, ideas aisladas y grupos de ideas han sido poderosos agentes de organización – las ideas del hombre contra la naturaleza, del marxismo, del darwinismo y del progreso constituyen algunos ejemplos -, y otras ideas probablemente lograrán lo mismo en el futuro. Es por esto que se debe prestar atención a su naturaleza y su historia. Y el caso es de particular importancia en el caso del tema hombre – naturaleza porque todos los signos indican una creciente y cada vez más intensa manipulación del ambiente físico, si bien – cabe esperar – una en la que las filosofías de las interrelaciones, antes que las de las dicotomías, serán cada vez más importantes.

A lo largo de la historia, las concepciones de la interrelación entre el hombre y la naturaleza han incluido componentes estéticos y religiosos, además de científicos. Han debido encarar, especialmente en un mundo secularizado, el problema de la gestión humana y de la responsabilidad – si ha existido – hacia otras formas del ser; con el antropocentrismo, el problema de la extinción de otras formas de vida no humana, y de la humana, por parte de civilizaciones desarrolladas. El concepto del hombre contra la naturaleza se tornará cada vez más insatisfactorio, si la civilización sobrevive, porque no puede acoger la rica variedad cultural de actitudes hacia la

naturaleza de los pueblos de la Tierra a lo largo de milenios, que se expresa en sus mitos, su ciencia, su religión, su arte y su filosofía.

Si la historia del pensamiento no enseña algo acerca de la cultura y el ambiente, es la importancia de las concepciones sobre ambas que tengan las personas – sean estas concepciones religiosas, filosóficas, científicas o utilitarias. El nuestro es un mal momento en la historia para tener una visión estrecha y limitar los valores a ideas de lucha y antítesis. La diversidad de las culturas del mundo demanda mucho más de nosotros en comprensión e imaginación.

Ambiente e Arqueologia

Coordenador: Dr. Sérgio F. S. Monteiro Silva

‘Cruz do Patrão’

‘Os Hábitos no Lixo’

‘Alterações na Paisagem Urbana do Recife’

‘Reconstrução Paleoambiental e Arqueologia’

Cruz do Patrão: Está no Lugar Certo ou Não?

Carlos Rios
Carolina Pereira de Lima
Izabela Pereira de Lima
Lucas Alves da Rocha
Neuvânia Curty Ghetti

Resumo: Em face de possíveis mudanças - por razões antrópicas ou naturais - do local da baliza denominada Cruz do Patrão existente, no formato atual, pelo menos, desde o século XVIII no istmo de Olinda que era importante para a entrada segura dos navios no porto de Pernambuco Novo (porto do Recife) pelo canal Sul. O presente trabalho mostra - por meio de levantamentos bibliográficos, iconográficos, imagens satélite e de carta náutica da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) - o exato local daquele marco da navegação pernambucana que, nos dias atuais, perdeu a sua finalidade precípua de ponto notável para alcançar o porto com segurança e registra como patrimônio histórico e arqueológico, na paisagem da cidade, os tempos da Marinha a vela.

Palavras-chave: Porto do Recife; Cruz do Patrão; Balizamento.

Introdução

A navegação oceânica mundial do século XVI até o segundo quartel do XIX era feita em navios de madeira com aparelhos a vela, cuja dependência dos ventos e das correntes assemelha-se – guardando-se as devidas proporções - a flora e a fauna planctônica.

No que concerne às características navais, os navios[1] que singraram os mares e oceanos no século XVI até o XVII eram construídos com diversos tipos de madeira, normalmente de dentro para fora *Skeleton first* (BASCH, 1972), ou seja, a quilha[2] e as costelas[3] sustentavam o costado[4] e a carena[5], assoalhado[6], anteparas[7] e os conveses[8].

[1]Embarcação de grandes dimensões (maior que 25 metros) que se desloca sobre as águas com propulsão própria e com acomodações completas para abrigar e manter pessoas durante uma travessia.
[2]Peça estrutural básica situada na base do plano diametral e ao longo de quase todo o seu comprimento.
[3]Também chamada de baliza ou caverna, peça de madeira perpendicular à quilha, partindo desta para cada bordo, acompanhando o costado e cujo conjunto constitui o arcabouço ou esqueleto estrutural da embarcação, servindo para receber o forro.
[4]Parte do forro exterior do casco da embarcação acima da linha de flutuação com o navio a plena carga.
[5]Parte do forro exterior do casco que fica abaixo da linha de flutuação.
[6]Pranchões de madeira que cobrem os pavimentos de um navio.
[7]Qualquer painel vertical que secciona internamente uma embarcação ou navio.
[8]Estrutura em forma de pavimento ou piso que subdivide horizontalmente os espaços no navio.

Possuíam formas arredondadas, eram pesados, ronceiros[9], proa[10] pouco lançada e popa[11] reta, sem muita ventilação interior, com até três conveses e dois castelos, existindo normalmente de dois a três mastros, em sua maioria com velas redondas[12] e umas poucas latinas[13], portanto pouco bolineiros[14], calando[15] entre três e seis metros e respeitando a regra catalã 3x2x1, aparelho de governo constituído de leme em madeira com machos[16] e fêmeas[17] de bronze, madre[18] e cana do leme, sistema de fundeio composto de três pares de duas âncoras, cabos e correntes e um cabrestante[19] manual de quatro pontas.

Imagem 01 – Navio de madeira. Fonte: National Maritime Museum.

No século XVIII os navios foram mudando de forma, ficando mais compridos, chegando à razão de 7x1x1/2, proa mais lançada e fina e popa menos arredondada, ganharam mais área vélica, chegando há até seis mastros, cobertura de filme de cobre

[9]Diz-se de navio lento ou vagaroso, o mesmo que cangueiro, zorreiro.
[10]Extremidade anterior da embarcação.
[11]Parte posterior de qualquer embarcação onde se situa o leme.
[12]Existente desde o tempo da galera egípcia possui formato quadrado e quando desfraldada assume o aspecto redondo.
[13]Difundida no Mediterrâneo pelos venezianos (daí o nome de latina), possuem forma triangular e velejam em bordejos sucessivos contra a direção do vento. Evoluiu para Pendão e Bastardo.
[14] Diz-se navio que navega bem a bolina (contra o vento).
[15]Calado é a distância vertical medida entre a linha de flutuação à face inferior da quilha em qualquer ponto do navio, portanto calando significa quanto do navio está submerso na massa líquida.
[16]Ferragens de forma cilíndrica colocadas espaçadamente por ante a vante da porta do leme e que se encaixam nas fêmeas do cadaste formando as governaduras ou ferragens do leme.
[17]Vide 16.
[18]Eixo do leme que atravessa o casco e através do qual se movimenta o leme.
[19]Aparelho de força constituído de uma saia vertical montada em torno de um eixo para operar uma amarra de corrente, nesse caso acionado manualmente com barras enfiadas em casas praticadas no chapéu.

para proteger o casco de madeira do gusano[20], escotilhas[21] e claraboias[22] em bronze e vidro melhorando a ventilação e iluminação cobertas abaixo, os castelos praticamente sumiram, ganhando rapidez e harmonia visual.

Clipper da classe "*Extreme*" *Stag Hound*. Pintura por Antonio Jacobsen, 1916.
Fonte: http://www.nytstore.com/1/1/2206-stag-hound (2013).

Finalmente, no século XIX os navios cambaram para o casco de ferro com rebite e propulsão vela/vapor, caldeiras e rodas com pás, escotilhas redondas e quadradas, hélice de bronze, timão, gualdropes e leme de ferro, alcançando até 80 metros de comprimento e calando algo em torno de 3 metros.

[20]Molusco lamelibrânquio da família dos Terenídeos (**Teredo navalis**) que constroem galerias nas madeiras inutilizando-as.
[21]Abertura praticada em um convés para passagem de pessoal, carga, ar e luz.
[22]Tipo de escotilha.

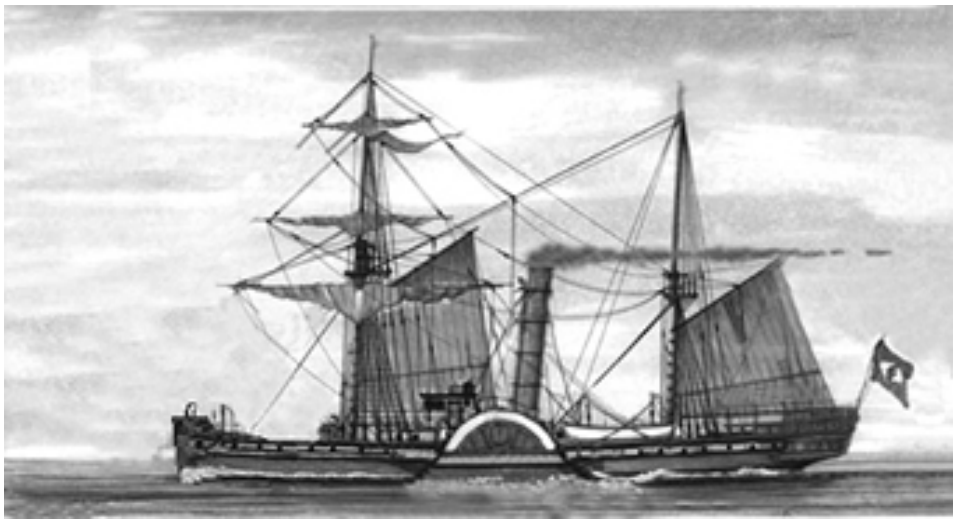


Imagem 02 - Vapor de Rodas/Vela, 1887. Fonte: http://www.naufragios.com.br(2013).

No final do século XIX e princípio do XX a tecnologia a vapor alcançou a sua plenitude eliminando definitivamente a vela, assim sendo a dependência dos ventos e correntes que perdurou por séculos deixava de existir, podendo o comandante de um dado navio criar a sua própria derrota,[23] diminuindo sensivelmente o tempo de travessia e mantendo a regularidade das linhas marítimas (RIOS, 2010).

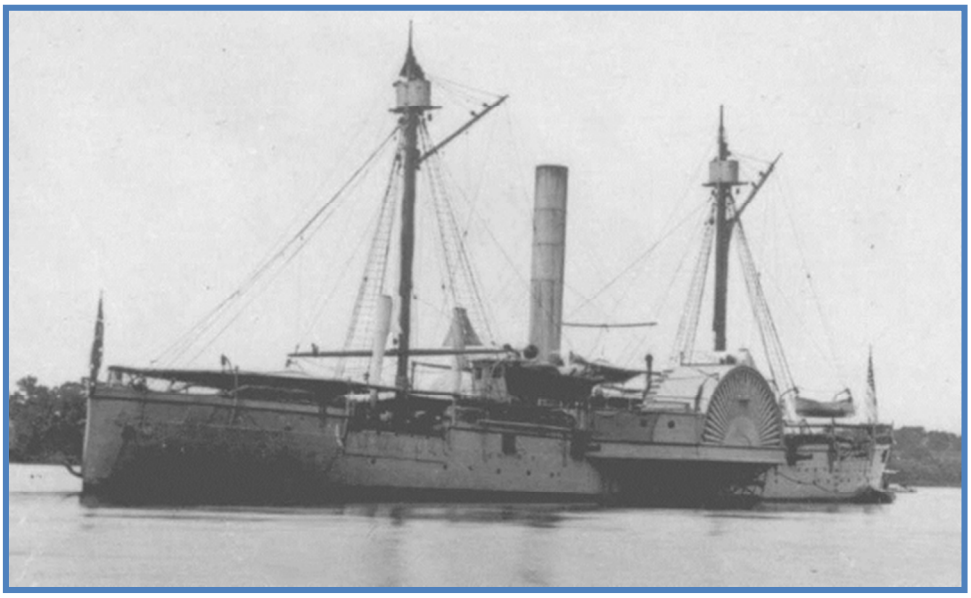


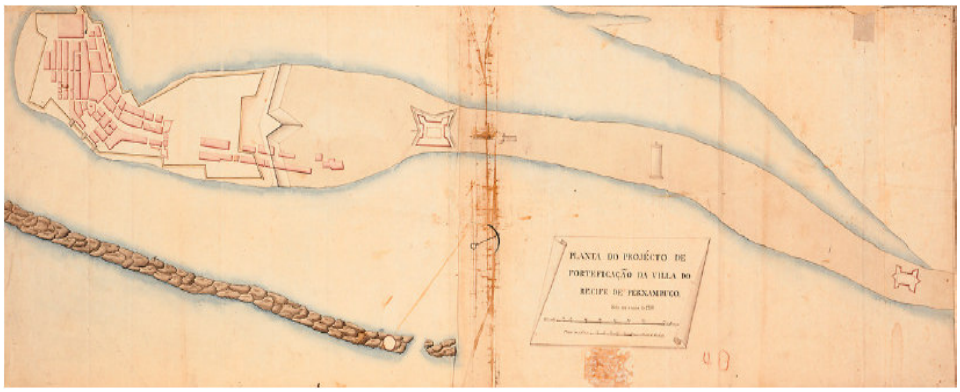
Imagem 03 - Vapor Pirapama, 1887. Fonte: http://www.naufragios.com.br(2013).

[23]Rumo a ser traçado de um ponto qualquer a outro que se queira ir com uma embarcação.

A iconografia do porto do Recife e seus diversos acessos

Concomitante ao desenvolvimento do navio a Hidrografia e a Navegação andaram *pari passo*. Não foi por acaso que o rei D. Manuel I de Portugal, logo após o "descobrimento" do Brasil tratou de enviar missões de reconhecimento e levantamento da costa brasileira que, dentre as atribuições dos encarregados de tais trabalhos, estavam a cosmografia (o termo cartografia ainda não tinha sido inventado) e a batimetria[24] dos possíveis portos respectivas áreas de fundeio (GUEDES, 1975).

Nesse contexto o porto de Pernambuco Novo (Recife) do mar para terra se apresentava com uma área de fundeio (lamarão externo), com dois canais de acesso (Norte ou de Olinda e do Sul), separados pelo banco Inglês que é um cordão de recifes[25] medindo 1.847 m de comprimento por 22,0 m de largura, portanto com duas possibilidades de entrada da barra principal: o canal Norte em sua parte mais rasa com 16 pés[26] de calado e o Sul em sua parte de menor profundidade com 24 pés.



Diogo da Silveira Velloso. "Planta do projecto de fortificação da villa do Recife de Pernambuco". 1739. Original manuscrito do Arquivo Histórico de Exército, Rio de Janeiro. In: REIS FILHO, Nestor Goulart. Op. Cit.

A entrada da barra principal tinha, levando-se em consideração a boca de um galeão de grande porte (20 m), possivelmente, cerca de 40 metros, calando 24 pés, até o leito marinho para embarcações de até 21 pés[27] de calado, tendo como proteção os fortes

[24] Arte ou ciência de medir as profundidades dos mares, rios e lagos determinando os seus relevos de fundo.
[25] Formação rochosa situada próxima a costa ou diretamente a ela ligada, submersos ou elevando-se pouco acima do nível do mar, podendo ser de arenito ou de coral.
[26] Medida que equivale a 12 polegadas de 27, 5 milímetros, ou seja, 33,48 ou 33 centímetros.
[27] Margem de segurança de três pés do fundo.

do Picão[28] (São Francisco da Barra, da Lage ou Castelo do Mar) e de São Jorge, tendo a boreste o baixio da Tartaruga[29] que era um perigo isolado[30] visível na maré baixa, local de vários naufrágios, seguido de um cordão irregular de recifes, onde está o baixio do Galeão[31], que se prolonga por toda a costa pernambucana. Uma vez vencido esses obstáculos naturais o porto era divido por um banco de areia em forma de S em Poço (lamarão interno) com profundidade média de 24 pés que, na atualidade, corresponde aos cais de 01 a 05 e Mosqueiro com profundidade de 16 pés que vai do cais 07 ao 14.

Havia também a barreta dos Afogados (fechada em 1840) que ficava na altura do atual Iate Clube do Recife com largura e profundidade desconhecidas que, possivelmente, permitia a passagem de barcos com pouco calado, tendo como proteção o forte das Cinco Pontas construído em 1630 (ALBUQUERQUE, 1999).

Mapa do porto de Pernambuco Novo com as barretas. Fonte: Luiz Teixeira, 1582 – 1585.

Os navios de maior calado (acima de 25 pés) ficavam fundeados nas Laminhas que era a área compreendida entre o banco Inglês e os baixios da Tartaruga e do Galeão,

[28] Construído entre 1612 e 1614, portanto é o monumento, ainda que em ruínas (parcialmente demolido em 1910), mais antigo da cidade, uma vez que o forte São Jorge (1594) já não existe (foi encontrado parcialmente destruído em 1620 - 1628 por Matias de Albuquerque) e não a Cruz do Patrão como citado por alguns autores.
[29] Local onde em 1595 naufragou uma das lanchas de desembarque de James Lancaster.
[30] Objeto perigoso à navegação assinalado em carta náutica.
[31] Local assinalado em carta náutica onde, em 1556, soçobrou o galeão São João e em 1594 naufragou o San Pedro.

ficando os botes, escaleres, canoas, jangadas e barcaças responsáveis pelo transbordo de cargas e pessoas para terra. Na atualidade existe, no local, uma boia luminosa (Lp. E. 5s. 2M).

Em que pese o fato de existir em algumas iconografias uma barreta junto ao forte do Picão (vide mapa abaixo), inspecionando o local a pé e mesmo visualizando por satélite não foi constatado a existência de vestígios que comprovem tal fato. Entretanto consta em ofício de 1820 do Chefe de Divisão João Félix Pereira Campos ao governador Luis do Rêgo Barreto, o tapamento de diversas aberturas entre a barreta dos Afogados e o forte do Picão, logo existe a possibilidade de tal abertura.

Mapa do povoado do Arrecife e vila de Olinda com uma barreta junto ao forte do Picão.
Fonte: J. B. Albernaz I, 1612.

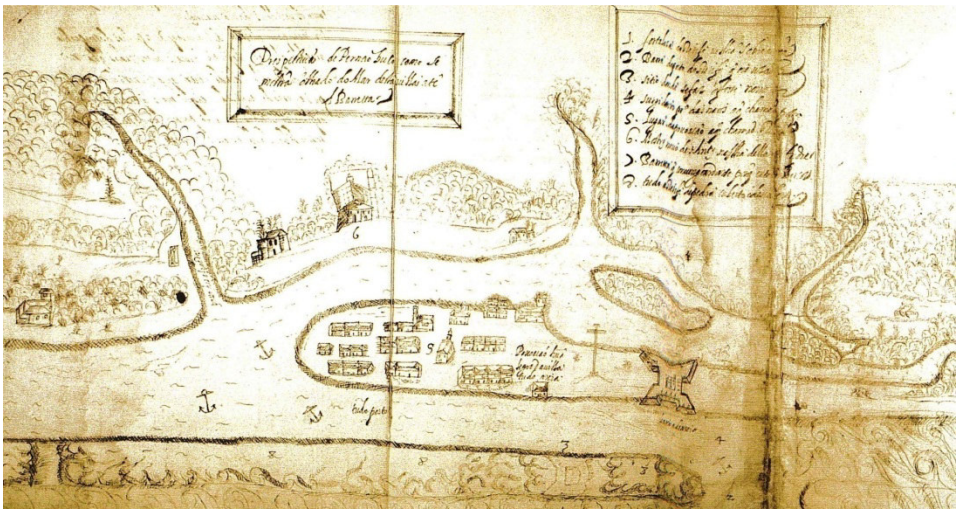
Havia, também, a barreta das Jangadas, na altura de Brasília Teimosa, que ligava o mar a bacia do Pina, para passagem de embarcações miúdas[32], de dimensões desconhecidas, mas a julgar pelos tipos de embarcações que dava passagem, não calava mais que 3 pés.

[32]Qualquer barco do tipo escaler ou baleeira que seja utilizado por navio fundeado e tenha até 10 m.

A Cruz do Patrão

Como a navegação à vela é impulsionada pela força dos ventos e correntes favoráveis, quaisquer ventos e correntes contrárias e repentinas põem o navio em perigo, mormente em lugares de manobra restrita como uma boca de barra, mudando o seu rumo e jogando-o sobre barreiras fixas como os recifes, cabeços[33], bancos de areia, além disso, o navegador tinha que ter pelo menos dois pontos notáveis em terra que, alinhados, serviam de baliza em canais, pois a resposta da embarcação em desfraldar, recolher ou caçar um pouco velas para as diversas manobras não surte, de imediato, o efeito desejado (RIOS, 2009).

Vários artigos têm sido escritos sobre a baliza náutica intitulada de Cruz do Patrão (ANDRADE, 2013; COSTA, 1983; GRAHAM; 1956; RAMOS, 2007; SILVA *et alli*, 2013), algumas iconografias trazem uma cruz confeccionada em madeira (vide mapa abaixo) como sendo o marco náutico, entretanto custa-se a acreditar que tão importante monumento fosse construído em algo que não fosse alvenaria, isto porque os sinais empregados na navegação não podem sofrer deslocamento ou cair com as intempéries do tempo, chamuscando assim a credibilidade, a confiança no rumo correto.



Mapa do povoado dos Arrecifes e de Olinda, Diogo de Campo Moreno, 1609.

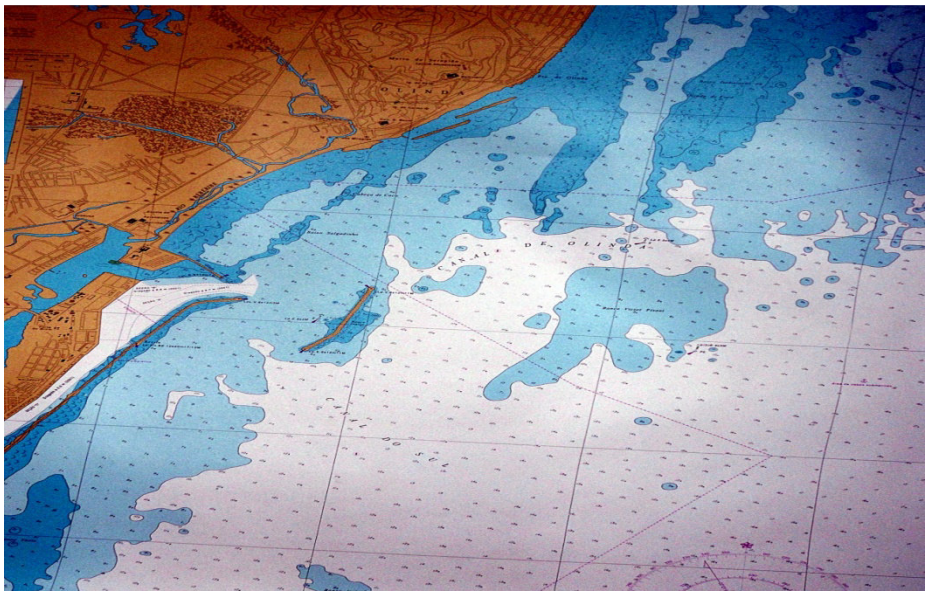
[33]Formação rochosa próxima ao litoral, de forma arredondada, podendo ser vazada, que abriga pequena biota, sempre submersa, podendo oferecer risco a navegação.

A Cruz do Patrão (imagem abaixo) surgiu dessa necessidade de manobrar para um rumo conhecido, fixo e alinhado com outro ponto notável para escapar das armadilhas naturais do porto do Recife, como o baixio do Galeão ou do cabeço da Tartaruga que tornavam a manobra restrita e perigosa.

Imagem 04 – Cruz do Patrão. Fonte: Carlos Rios, 2013.

Metodologia

Foi efetuada uma pesquisa bibliográfica sobre a documentação existente afeta a Cruz do Patrão, tendo sido encontrado uma série de artigos científicos ou não, menções em livros etc. Por outro lado foi feito também um levantamento iconográfico sobre esse ponto outrora notável, cujo documento mais antigo encontrado, com o formato atual, data de 1739. Empregou-se a carta náutica da DHN n° 902, não só para a plotagem (Datum SAD 69) do marco e da igreja de Santo Amaro das Salinas, após visita *in loco*, mas também para compreensão da batimetria dos canais Norte e Sul, dimensionamento do banco Inglês e do crescimento do quebra-mar da área de arrecifes que foi preenchido com fragmentos de rocha.



Extrato da Carta Náutica nº 902 da Diretoria de Hidrografia e Navegação.

Para dirimir possíveis dúvidas e confrontar dados, foi plotado e mesurado rumos e distâncias de imagens satélites (Datum WGS 84) da Cruz do Patrão, da igreja de Santo Amaro das Salinas, do forte do Picão, traçados rumos tangenciais para confirmação, ou não, do que diz a historiografia sobre a Cruz do Patrão ser uma baliza para entrada segura no porto do Recife e que está em seu lugar original.

Imagem 05 – Igreja de Santo Amaro das Salinas. Fonte: Carlos Rios, 2013.

Resultados e discussão

O cruzamento de um ponto (08° 02` 47.4" S / 034° 52` 30.4" W, erro de mais ou menos 4 m) situado junto a cruz da igreja de Santo Amaro das Salinas com o ponto do local atual da Cruz do Patrão (08° 02`48.4" S / 034° 52`10.8" W, erro de mais ou menos 4 m), resultou em uma linha vermelha que, prolongando, passa distante da barra original. Assim foi traçado um rumo (linha azul) por onde deveria estar a Cruz do Patrão para alcançar o efeito desejado, ou seja, passar pelo canal da barra Grande do porto do Recife que ficava na sua parte mais proximal a cerca de 70 m do forte do Picão e uns 50 m do farol do porto do Recife, conforme fotografia satélite abaixo. O azimute entre o ponto atual da Cruz do Patrão em relação onde ela deveria estar é de 209° que, por sua vez, passa distante 377 m do local.

Imagem 06 – Área portuária do Recife. Fonte Google, 2013.

Foi tentado, também, enquadrar o ponto atual da Cruz do Patrão com a barra Grande (linha preta) e, nesse caso, não existe referencial, na atualidade, por trás da mesma para fazer o alinhamento, bem como não se conseguiu vislumbrar nos mapas e iconografias da época construções que pudessem se inserir nessa hipótese, além do que a derrota deveria ser frontal a boca da barra e não com essa angulação excessiva.

Conclusões

A distância entre o ponto atual da Cruz do Patrão e o local onde ela deveria estar é de 377 m, no rumo 209°, logo como a igreja de Santo Amaro das Salinas não mudou de local, o marco foi deslocado do seu local original, mas por quê? Possivelmente com o advento do navio a vapor que teve início em Pernambuco em 1826, com o navio *Chersterfield* (SETTE, 1978) e nos anos seguintes passou a ser lugar comum vapores indo e vindo de várias partes do mundo e a partir de 1856 com o Marquês de Olinda, da Companhia Pernambucana de Navegação Costeira por Vapor que, em sua vida útil, chegou a possuir cerca de 30 navios (TEIXEIRA e RIOS, 2013). Assim, a Cruz do Patrão deixou de ter a sua finalidade precípua de baliza do porto e por motivos desconhecidos foi mudada de local, permanecendo como um marco simbólico do tempo da Marinha a vela, tendo o seu entorno ocupado com outras construções, caindo no esquecimento do público em geral.

Como caracterizado anteriormente, o contexto histórico do lugar que abriga hoje a Cruz do Patrão e seu entorno imediato, passou por diversas alterações de uso e significados desde o século XVII chegando ao século XX com a construção de um muro de contenção (1848) e colocação de um gradil de ferro para sua proteção até o seu entorno ser usado como local para depósito de combustível, passando por uma sequência de aterros na década de 70 (ANDRADE, 2013). Em 2005/2006, foi objeto de pesquisa arqueológica realizada pelo Departamento de Arqueologia da UFPE e também o início das discussões pela Prefeitura do Recife sobre a criação de um projeto para a revitalização do lugar - Projeto Cruz de Patrão -URB- Parque Ecológico. Ainda hoje, a região é objeto de pesquisa arqueológica e está incluída como área de potencial interesse arqueológico e histórico nas ações do PAC-CH – Programa de Aceleração Crescimento em Cidades Históricas (SILVA *et alli*, 2013).

O resultado deste trabalho vem mostrar cada vez mais a necessidade de estudos e pesquisas pelo conhecimento e pela preservação desse patrimônio cultural que marca um tempo e uma história sempre na perspectiva de valorizá-lo e integrá-lo à vida das pessoas e da cidade.

Carlos Rios – UFPE, PhD, (81) 99044941, cccrios@hotmail.com
Carolina Pereira de Lima - UFPE, aluna de graduação, (81) 92949845, karol-rosa@hotmail.com
Izabela Pereira de Lima - UFPE, aluna de graduação, (81) 82425004, izabelapereiradelima@hotmail.com
Lucas Alves da Rocha - UFPE, aluno de graduação, (81) 81087664, lucas-alves170@hotmail.com
Neuvânia Curty Ghetti - UFPE, PhD, (81) 94471700, curty.quimicarqueologica@gmail.com

Bibliografia Consultada

ANDRADE, P. S. D. **O sentido da preservação da Cruz do Patrão: recomendações para intervenção.** Recife: Revista de Arquitetura e Urbanismo - Architecton. n° 04, 2013.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; WALMSLEY, D. **Fortes de Pernambuco: imagens do passado e do presente.** Recife: Graftorre, 1999.

BASCH, L. **Ancient wrecks and the archaeology of ships.** London: The International Journal of Nautical Archaeology. n°1, 1972.

COSTA, F. A. P. **Anais pernambucanos, 1483–1850.** Recife: FUNDARPE, 1983.

CHERQUES, S. **Dicionário do Mar**. São Paulo: Globo, 1999.

GRAHAM, M. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823.** São Paulo: Nacional, 1956.

GUEDES, M. J. **História Naval Brasileira.** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1° vol, Tomo I, 1975.

NIEUHOF, J. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil**. São Paulo: Edusp, 1981.

MORENO, D. C**. "Relação de praças, fortes, povoações e coisas de importância que sua Majestade tem na costa do Brasil, fazendo princípio dos Baixios ou Ponta de São Roque para o sul, do estado e defensão dellas de seus fruittos e rendimentos." (1609).** Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, v. 57, 1984.

OLIVEIRA LIMA, M**. Pernambuco seu desenvolvimento histórico.** 2. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1975.

RAMOS, A. C. T. **Além dos mortos da Cruz do Patrão simbolismo e tradição no uso do espaço no Recife.** Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia, 2007.

RIOS, C. **Identificação arqueológica de um naufrágio localizado no lamarão externo do porto do Recife, PE, Brasil**. (Dissertação de Mestrado). Recife, 2007.

RIOS, C. e VALLS, M. **Carta Arqueológica de naufrágios do litoral de Pernambuco: de 1503 a 1600.** Recife: Revista Clio Arqueológica, nº 22, 2008.

RIOS, C. A**rqueologia Subaquática: identificação das causas de naufrágios nos séculos XIX e XX na costa de Pernambuco**. (Tese de Doutorado). Recife, 2010.

RIOS, C. **Subsídios para a Arqueologia Subaquática: Fatores Causadores de** Naufrágios. Rio de Janeiro: Revista Navigator, nº 6, 2011.

SETTE. M. **Arruar - historias pitorescas do Recife antigo**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SILVA, C.P; LIMA, I. P.; ROCHA, L. A.; GHETTI, N. C. **Cruz do Patrão: usos, significados e desafios para a preservação do patrimônio cultural**. Comunicação apresentada durante o Encontro Regional dos Estudantes de Arqueologia – EREARQ. Recife, 2013.

TEIXEIRA, L. **Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas e derrotas que há na costa do Brasil desde o Cabo Santo Agostinho até o Estreito de Fernão de Magalhães.** Lisboa: Talgo, Biblioteca da Ajuda, 1988. Edição fac-similar do manuscrito da Biblioteca da Ajuda.

TEIXEIRA, A e RIOS, C. **Resgate imagético dos artefatos retirados dos naufrágios da costa de Pernambuco de 1950 a 2000.** Recife: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, n° 66, 2013.

TOLLENARE, L. **Notas Dominicais (1816-17).** Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1978.

Os Hábitos no Lixo: Reflexos de uma População Oitocentista no Contexto Arqueológico do Habitacional Pilar, Recife – PE

Isaac Lopes Garcia de Melo
Ana Catarina Peregrino Torres Ramos

Resumo: Ao estudar o contexto arqueológico do Habitacional Pilar, Recife – PE, observamos uma prática de descarte de lixo realizada por uma população oitocentista em seu próprio local de moradia. Esse costume ia de encontro com ideais higienistas em voga, mostrando uma resistência de um modo de descarte de lixo praticado anteriormente. Esse contexto nos mostra uma ineficiência nos aparatos institucionais do Estado em empregar novos valores modernos trazidos da Europa, de modo a não haver uma preocupação com a reflexão do agente nesse processo de mudança. O contexto arqueológico ainda se mostra como a prova física dessa resistência a mudança de hábitos, uma antiga prática que continuou mesmo sendo combatida. Essa prática, historicamente construída, se mostra como uma pátina social, bem como o próprio contexto arqueológico, sendo a parte tangível dessa pátina.

Palavras-chave: Bairro do Recife; Século XIX; Arqueologia Histórica.

Introdução

O presente trabalho tem como ponto de partida o Projeto de Requalificação Urbanística e Inclusão Social do Pilar, elaborado pela Prefeitura da cidade do Recife. Este tem por objetivo reurbanizar o Polo Pilar, no bairro do Recife, mantendo sua comunidade e disponibilizando uma infraestrutura física e social necessária para os moradores. Está sendo implantado numa área urbana com extensão de 32.880 m^2, abrangendo seis quadras e parte do espaço urbano ao seu redor. Realizado pela URB – Recife, além de propor a reurbanização da parte norte do bairro do Recife, onde se localiza a Comunidade do Pilar, prevê a construção de edifícios habitacionais, um mercado público, uma escola, uma creche, um posto de saúde da família e uma praça de lazer.

O Polo Pilar, que faz parte da área protegida legalmente em termos de preservação na cidade do Recife, conta parte da história da evolução urbana do bairro do Recife, Patrimônio Nacional, tombado pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O bairro do Recife integra a Zona Especial de Preservação de Sítios

Históricos nº 09 – ZEPH 09, instituída pelo decreto lei no 11.962/80, enquanto conjunto antigo composto por construções dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Para cumprir a legislação brasileira que protege os monumentos arqueológicos e controla as atividades que exigem escavações em áreas de interesse[34], como é o caso do bairro do Recife, a Fundação Seridó vem realizando os trabalhos de acompanhamento arqueológico para que o projeto possa ser implantado sem prejuízo ao patrimônio histórico daquele local. O acompanhamento arqueológico está sendo realizado, visto que a área faz parte do Sítio Arqueológico Bairro do Recife (cadastrado no IPHAN com o código PE00059), além existiram construções na segunda metade do século XIX, sendo importante seu estudo para um melhor entendimento do crescimento da cidade do Recife.

O século XIX é marcado por importantes mudanças de hábitos por parte da população, muito influenciadas por novos valores[35] estrangeiros, que vinham sendo apropriados pela população brasileira desde o começo do século, principalmente após a chegada da Família Real Portuguesa em 1808 e a consequente abertura dos portos brasileiros para o comércio com as nações amigas. Esses valores de origem europeia influenciaram no mobiliário das casas, no modo de vestir, nos hábitos higiênicos.

Este trabalho objetiva o estudo do contexto arqueológico da quadra 40 do Pólo Pilar, com a finalidade de um melhor entendimento dessa apropriação de novos hábitos, tradições e valores na segunda metade do século XIX por parte dos habitantes do local. Mais especificamente, trataremos sobre como se deu a apropriação desses novos valores, que agiam principalmente por meio de leis e políticas públicas, nas práticas de descarte de lixo por parte dos moradores quadra 40, buscando saber se essa mudança modificou a antiga maneira de descarte de lixo, no fundo das casas? Esse lixo passou a ser descartado de maneira mais salubre?

[34] Portaria 7/1988, do IPHAN e Recomendação de 20 de setembro de 2000 do Ministério Público Federal

[35] "valores são construções sociais que possibilitam o 'pano de fundo' a partir do qual os indivíduos se compreendem e podem agir em conjunto segundo um quadro de referências comum". SOUZA, Jessé. *A Modernização Seletiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. Apud TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora: Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 165.

A quadra 40, sendo onde o acompanhamento arqueológico está mais adiantado, foi escolhida como objeto de estudo desse trabalho. Com dimensão de 8.648 m^2, possuía estruturas arqueológicas relativas as casas que haviam no local, estruturas de dois silos de concreto, construções recentes, além de ruínas de edificações oitocentistas. A quadra 40 é componente do Sítio Arqueológico Bairro do Recife. O seu contexto arqueológico foi estudado com o intuito de encontrar evidências do modo como era realizado o descarte do lixo pela população oitocentista da quadra 40.

Ocupações

Os primeiros registros de ocupação da área da quadra 40 datam somente da segunda metade do século XIX. A partir do Atlas Histórico-Cartográfico da Cidade Recife[36], conseguiu-se obter uma cronologia bem delimitada para a ocupação oitocentista no local. A área em vermelho na figura a seguir mostra toda a área que abrange as pesquisas arqueológicas no Pilar, demonstrando que a área tem uma ocupação efetiva na segunda metade do século XIX. Para o fim dessa ocupação sabe-se que, com as obras do Novo Recife na década de 1910, toda a área do Bairro do Recife teve uma grande queda no número populacional, que vai continuando durante a segunda metade do século XIX, em detrimento das atividades portuárias. Em 1917 temos o efetivo fim da ocupação da quadra 40, com a ocupação dos silos da Empresa Moinho Recife[37].

[36] MENEZES, José Luís da Mota (Org.). Atlas Histórico-Cartográfico da Cidade do Recife. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.
[37] FUNDAÇÃO SERIDÓ. *II Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as Obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar*. Recife: 2010a, p. 09.

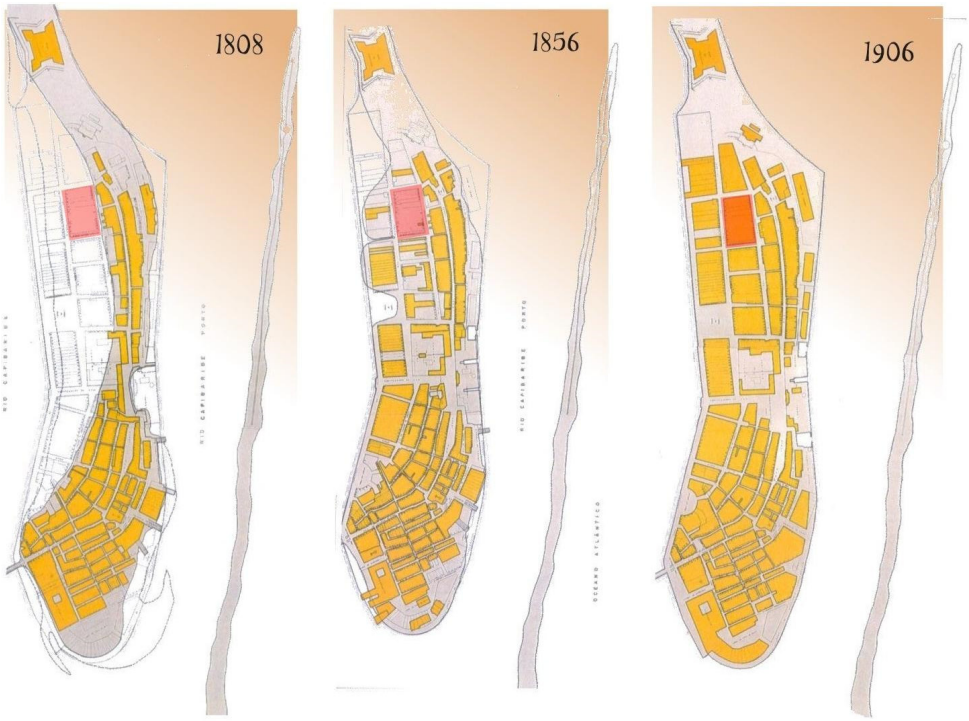


Figura 1 – Surgimento da quadra 40 com sobreposição ao mapa do Bairro do Recife de 1906. O espaço acinzentado representa a porção de terra correspondente à época; os em amarelo representam edificação presentes no ano indicado. A área em vermelho mostra o local da quadra 40. Fonte: Departamento de Programação Visual. DP/ URB Recife a partir do Atlas Histórico Cartográfico da Cidade do Recife de José Luis da Mota Menezes (org.). Adaptado.

No século XX, o terreno foi comprado pela Portobrás, sendo posteriormente invadido. Ainda hoje existem moradores na área, formando a Comunidade Nossa Senhora do Pilar.

Contexto Arqueológico

Existem grandes perturbações no contexto arqueológico, principalmente na área onde silos foram construídos, abrangendo cerca de um quarto da quadra. A área, até recentemente, possuía moradias irregulares, que provavelmente em muito contribuíram com essa perturbação, usando estruturas arqueológicas como base para novas construções. Contudo, em dois pontos distintos foi percebida uma camada sedimentar semelhante, chamada de nível três. Esse nível é formado por um sedimento amarelado, com restos de material construtivo histórico, tem início em cerca de 40 a 50 cm de profundidade. Nele, foram encontradas a maioria das

estruturas, bem como 77% do total de peças coletadas. Não é possível dizer se tratar do nível de ocupação do sítio, pois esses níveis foram claramente identificados em apenas dois pontos. Ainda é necessário um estudo mais amplo da estratigrafia desse local e da composição do sedimento para se afirmar de que se trará de um mesmo sedimento e de um nível de ocupação.

Quanto aos vestígios encontrados, não foi possível identificar claramente um local de descarte de lixo. Ao total, fora coletados 9314 fragmentos de artefatos, com um percentual gritante de fragmentos de louças, perfazendo 76% do total. Ao se analisar a materialidade encontrada, é perceptível tratar-se de uma tralha doméstica. Melo & Martín[38], ao analisar os fragmentos de louça provenientes da primeira fase do acompanhamento, do ano de 2010, verificou que 100% desses são oitocentistas e de uso doméstico. Como o local onde foram encontrados os fragmentos é de imóveis de uso doméstico, pode-se inferir então que essa materialidade foi fruto do descarte dessa população em seu próprio terreno de moradia. A partir de análises feitas sobre os vestígios da quadra 40, bem como o estudo historiográfico, foi possível obter dados sobre a utilização daquele terreno durante o século XIX.

No contexto em estudo, temos alguns trabalhos que analisaram parte dos materiais exumados da quadra 40. Coutinho & Ramos[39] trabalharam com o material vítreo resgatado no acompanhamento arqueológico. Em sua análise, nota-se uma grande quantidade de garrafas de bebidas alcoólicas encontradas, seguidas de um expressivo número de objetos relacionados ao uso medicinal ("frasco de remédio", "garrafa medicinal", "*naline histogenol*", "leite de magnésia"). Percebe-se então que esse material tem uma grande relação com um uso doméstico da área, com base na funcionalidade observada. Soares & Martin[40] trabalharam com os vestígios em ferro e grés da quadra 40. Em sua análise, percebeu-se que 95% dos objetos em grés

[38] MELO, Isaac Lopes Garcia de; MARTÍN, Maria Gabriela. *A Louça Doméstica da Área do Habitacional do Pilar* - Estudo de evidências materiais resgatadas no acompanhamento arqueológico do Projeto Habitacional Pilar – Recife/PE. Relatório Final de Atividades do Bolsista PIBIC/CNPQ. Recife: UFPE, 2012.

[39] COUTINHO, André Bueno; RAMOS, Ana Catarina Peregrino Torres. *A Musealização dos Vestígios Arqueológicos Provenientes do Acompanhamento Arqueológico do Pilar – Recife/ PE*. XX Congresso de Iniciação Científica da UFPE. Recife, 2012.

[40] SOARES, Ícaro Rêgo; MARTÍN, Maria Gabriela. *A Ocupação Urbana no Polo Pilar no Bairro do Recife* – estudo de vestígios arqueológicos da área do Habitacional Pilar no Bairro do Recife. Relatório Final de Atividades do Bolsista PIBIC/CNPQ. Recife: UFPE, 2012.

identificados, eram garrafas relacionadas ao consumo de bebidas. Quanto a análise dos metais, percebe-se "[...]a presença de materiais relacionados as atividades domésticas, construtivas, equestres[...]"[41]. Apesar dos materiais metálicos indicarem a realização de várias atividades, temos nesse vestígio uma maior expressão de restos construtivos (65% dos objetos identificados). A pesquisa desenvolvida por Melo & Martin[42] teve por objeto de estudo os vestígios em louça exumados da quadra 40 até o fim de 2010. Esse material se mostrou como o mais abundante dentre todos, perfazendo 76% do total. No estudo, percebeu-se que 100% dos fragmentos de louça pertenciam a objetos de uso doméstico, tais como urinóis, pratos e xícaras.

Com esse material foi possível desenvolver uma classificação das louças a partir de seu valor de mercado. Melo & Martin[43] concluem, com base no estudo das louças, se tratar de uma população de classe média[44]. Também é notável a grande influência europeia expressa nesse material, visto que 100% das marcas de louça identificadas são inglesas. Podemos perceber semelhanças entre materialidade encontrada na quadra 40 com a estudada em vários outras trabalhos sobre recintos domésticos oitocentistas[45], de forma que, ao se estudar o contexto arqueológico da quadra 40, sabendo que a área já serviu de habitação para populações oitocentistas, fica claro que a materialidade encontrada tem proveniência dos recintos domésticos daquela época.

Vemos então uma materialidade que se encaixa nos padrões do que se apresenta na bibliografia arqueológica como tralha doméstica oitocentista, caracterizando o local como recinto doméstico. Ao identificarmos esse tipo de material numa área onde encontramos imóveis residenciais, entendemos que houve uma prática de descarte de lixo no próprio recinto doméstico, nas áreas de quintal, nos fundos das casas.

[41] Idem, p. 16
[42] MELO, Isaac Lopes Garcia de; MARTÍN, Maria Gabriela. *A Louça Doméstica da Área do Habitacional do Pilar* - Estudo de evidências materiais resgatadas no acompanhamento arqueológico do Projeto Habitacional Pilar – Recife/PE. Op. cit.
[43] Idem.
[44] Idem, p. 11.
[45] Podemos citar TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora: Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. Op. cit.; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira de. *Grupos domésticos e comportamentos de consumo em Porto Alegre no século XIX: o Solar Lopo Gonçalves*. Dissertação de Mestrado. PUC-RS, Porto Alegre, 1997.

Percebemos ainda que se trata de uma população de classe média e uma influência europeia que se mostra nos fragmentos de louça.

Um pouco do Recife no Século XIX

Como exposto por Silva[46] e por Carvalho[47], dentre outros, temos, no Recife oitocentista, um período de apropriação de valores europeus. Uma influência que modificou a arquitetura das edificações do Recife com uma produção arquitetônica classicista[48], modificou a maneira de falar[49], os padrões de consumo[50] e também trouxe hábitos pautados no *bon goût* e no *savoir-vivre*[51]. Contudo, essas práticas mais sofisticadas, ou modernas por assim dizer, vieram em detrimento de hábitos coloniais bem diferentes. Hábitos esses que tinham origem ruralista, como a falta de higiene, o mau odor das pessoas que não tomavam banho, a falta de modos à mesa (pessoas, do mais alto poder aquisitivo comiam com as mãos)[52].

Na primeira metade dos oitocentos, a cidade do Recife tinha destaque nacional, decorrente das atividades portuárias. Todavia, tínhamos uma população local de hábitos insalubres, que era atenuado por uma má estrutura urbana. As edificações do tipo sobrado eram bastante comuns entre as classes médias e altas do Recife. Apesar de sua imponência de grande construção, com fachadas por vezes cobertas de belos azulejos, era uma edificação que pouco permitia a circulação de ar, deixando o

[46] SILVA, Sandro Vasconcelos da. *O costume da praça vai à casa*: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830-1880). Dissertação de Mestrado. UFRPE, 2011.
[47] CARVALHO, Gisele Melo de. *Interiores residenciais recifenses*: A cultura francesa na casa burguesa do Recife no século XIX. Dissertação de mestrado. UFPE, 2002.
[48] Idem, p. 92.
[49] A língua francesa era de saber essencial nas rodas aristocráticas. Existiam professoras nativas que ensinavam a língua para crianças, com casos onde haviam damas de companhia de nacionalidade francesa para uma melhor aprendizagem do idioma bem como o ensinamento de boas maneiras (CARVALHO, 2002, p. 87).
[50] Com a abertura dos portos em 1808 e a grande vinda de produtos estrangeiros ao Brasil, houve uma indelével modificação nos padrões consumistas da sociedade, que pode ser percebido em muitos contextos arqueológicos do século XIX (Vide Tocchetto, 2010). Também isso é perceptível em anúncio de jornais da época (Silva, 2011, p. 139).
[51] SILVA, Sandro Vasconcelos da. *O costume da praça vai à casa*: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830-1880). Op. cit., p. 140.
[52] O Recife era muito mal vista pelos viajantes que aqui chegavam. Podemos citar Charles Darwin, Henry Koster, Louis-François de Tollenare, Daniel Kidder e Maria Graham dentre os estrangeiros que teceram más impressões sobre a cidade. Santos (2009) faz comentários sobre o olhar dos viajantes que vinham para o Recife na primeira metade do século XIX.

ambiente interno com um microclima bastante desagradável. Isso era ainda atenuado com a presença de urinóis, cheios de dejetos humanos naquele ambiente sem o mínimo de ventilação. O trecho a seguir de Gilberto Freyre, em sua obra *Sobrados Mucambos*, elucida o dito:

> Dormia-se com as portas e janelas de madeira trancadas [...] De modo que os quartos de dormir impregnavam-se de um cheiro composto de sexo, de urina, de pé, de sovaco, de barata, de mofo.[...] Quando a inhaca era maior, queimavam-se ervas cheirosas dentro dos quartos.[...] o sobrado de rua [...] tornou-se uma habitação úmida, fechada. Quase uma prisão.[53]

A cozinha também era um local onde a insalubridade era presente. Ficavam no último andar dos sobrados, para livrar as famílias do desagradável cheiro da fumaça e também da própria comida que se estragava. O lixo produzido no local, se não descido por escravos, era jogado sem cerimônia pelas janelas, podendo atingir um desatento transeunte. Era comum o descarte de lixo nos próprios quintais das casas, bem como o esvaziamento dos urinóis dessas mesmas formas. Nas ruas, a falta de higiene era igualmente grande. Era corriqueira a passagem de negros com os tigres[54], o despejo de urina e matérias fecais nos rios e praças, o acúmulo de lixo nas vias públicas, além das atividades de ambulantes que contribuíam com a sujeira. Isso pode ser exemplificado nesse fragmento da obra de Gilberto Freyre, *Vida social no Brasil em meados do século XIX*: "carniças, bichos mortos, imundícies [que] eram abandonadas perto das pontes ou nas praias, [onde] bandos de urubus realizam o trabalho de limpadores das ruas"[55]. No segundo quartel do século XIX, começaram políticas púbicas que visavam o melhoramento das péssimas condições higiênicas que possuía a cidade do Recife. Foi nessa época que as Câmaras Municipais começaram a atuar no cenário da cidade do Recife, com o intuito de "normatizar a sociedade, tornando-a

[53] FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global, 2006, p. 324 e 325.
[54] Tigres eram barris que ficavam nos sobrados, normalmente debaixo das escadas, usados para armazenamento dos excrementos presentes nos urinóis e penicos (isso quando não eram jogados pelas janelas ou nos quintais). Ao se encher o recipiente com dejetos humanos, um carregador pago ou um escravo (por ocasião, chamados tigreiros) o transportava até o rio ou praia para esvaziá-lo. Existiam casos onde o barril estourava, banhando o tigreiro com a pútrida substância, ou que um desafortunado esbarrava no carregador e recebia a descarga do material do barril.
[55] FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964, p. 109.

disciplinada, logo, civilizada e moderna."[56]. Esse órgão atuava "desde questões ligadas à carne do açougue a questões voltadas para os traçados das casas e das ruas, becos, aterros, lixo, fogos, transeuntes em algazarras, só para citar alguns exemplos..."[57], sendo de importante atuação num processo de mudança de hábitos da população.

A imprensa teve papel ativo nas mudanças das posturas políticas quanto às práticas higiênicas. Periódicos como o *Jornal do Recife* sempre continham denúncias sobre os problemas da cidade. Podemos citar um trecho da seção *Gazetilha* do dito jornal, que costumava fazer grandes críticas quanto a situação da cidade:

> **Esterqueira** – torna-se preciso que seja varrido o espaço calçado em frente ao theatro de Santa Isabel, visto estar cheio de lixo.
> **Lamaçal** – o becco das Miudinhas, na freguesia do Recife, é um vasto, profundo e fétido lamaçal de um extremo a outro. Convém que se providencie a respeito [58]

Não obstante, quanto ao combate à insalubridade, tiveram como protagonistas na cidade do Recife a *Sociedade de Medicina de Pernambuco* e o *Conselho de Salubridade Pública* de Pernambuco. O primeiro, fundado em 04 de abril de 1841, tinha como função aconselhar a Câmara Municipal e o Presidente da Província sobre questões relacionadas à higiene pública, também estudar as enfermidades que assolavam a população da província, de forma a identificar causas, desenvolver tratamentos e prevenir o aparecimento de epidemias[59]. Já o *Conselho de Salubridade Pública de Pernambuco*, criado pela Lei Provincial nº 143, de 21 de Maio de 1845[60], tinha outras imputações. Possuía sede em um dos torreões da Alfândega, no bairro do Recife. Tinha deveres mais ativos e de cunho mais prático do que a Sociedade de Medicina de Pernambuco. Suas atribuições eram "vigiar e prover todos os assuntos referentes à

[56] SOUZA, Williams Andrade de; SILVA, Wellington Barbosa da. A Câmara municipal e a normatização do Recife no século XIX *(1831-1841)*. *I Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco*. Recife: UFRPE, 2007, p. 2.
[57] Idem, p. 5.
[58] *Jornal do Recife***,** n. 191, 19 de agosto de 1868. APEJE. p. 02. Apud SILVA, Sandro Vasconcelos da. *O costume da praça vai à casa*: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830-1880). Op. cit., p. 68.
[59] ANDRADE, Cristiane Salvador de. *Sociedade de Medicina: Epidemias, Terapêuticas e o Cotidiano do Recife na Primeira metade do Século XIX (1841-1844)*. Monografia. UFPE, 2004, p 27.
[60] Diário de Pernambuco, 08/08/1849, p. 140-141. Apud. GUIMARÃES, Keila Danielle Souza. *Conselho de salubridade pública de Pernambuco: um olhar médico sobre a cidade do Recife entre os anos de 1845 a 1850*. Dissertação de Mestrado. UFRPE, 2010, p. 92.

Higiene Pública e à Polícia Médica"[61]. O Conselho não se limitava aos espaços públicos, ia também ao interior dos lares, o que, muitas vezes, os colocava como constrangedores. Além disso, o conselho também tinha um importante viés pedagógico, que tentava livrar a população de hábitos insalubres.

Em meados do século XIX, epidemias afligiram a cidade do Recife. A cólera assolou a cidade, causando alta mortalidade. A febre amarela causava vítimas, dentre outras doenças. O Conselho de Salubridade intensificou o combate aos focos dessas doenças[62], contribuindo assim para o fim da epidemia. Consequentemente, isso contribuiu para uma melhor aceitação das ações do conselho frente à população[63].
Há de se destacar a atuação do Conde da Boa Vista, nesse momento de mudanças na cidade. De nome Francisco do Rego Barros, posteriormente barão, visconde e conde, foi Presidente da Província de Pernambuco dentre os anos de 1837 e 1844. Seus feitos na administração da província podem ser resumidos nesta citação: "abriu ruas, colocou água encanada, construiu novos edifícios públicos, e dotou a cidade de posturas municipais voltadas para melhorar a higiene urbana e viabilizar a execução dos seus ambiciosos planos"[64]. É de também destaque a sua influência europeia, externalizada nas "várias intervenções municipais no sentido de lhe atribuir ares de cidade moderna, civilizada, e francesa."[65].

Na década de 50 do século XIX já temos uma situação diferente quanto a salubridade na cidade do Recife. Em 1858, existe coleta de lixo[66], realizada por meio de carroças. Também já se falava no fim dos tigres e havia casas onde já havia um sistema de esgoto[67]. A Lei Provincial n.º 552, de 20.04.1863, já normatiza o descarte de lixo na cidade. Os proprietários de prédios que pagassem mais de treze mil e quinhentos réis

[61] GUIMARÃES, Keila Danielle Souza. *Conselho de salubridade pública de Pernambuco: um olhar médico sobre a cidade do Recife entre os anos de 1845 a 1850*. Op. Cit., p. 93.
[62] Idem, p. 149.
[63] Idem, p. 94.
[64] CARVALHO, Marcus J. M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife (1822-1850)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002. Apud GUIMARÃES, Keila Danielle Souza. *Conselho de salubridade pública de Pernambuco: um olhar médico sobre a cidade do Recife entre os anos de 1845 a 1850*. Op. cit., p. 81.
[65] CARVALHO, Gisele Melo de. *Interiores residenciais recifenses: A cultura francesa na casa burguesa do Recife no século XIX*. Dissertação de mestrado. UFPE, 2002, p. 82.
[66] SETTE, Mário. Arruar: história pitoresca do Recife antigo. 3. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 21.
[67] Idem, p. 22.

de décima urbana anual seriam obrigados s contratar o serviço de recolhimento de lixo e despejo de excrementos da Empresa de Cambrone[68].

Uma Modernização Seletiva

Todo esse momento propiciou a vinda de valores europeus, tendo grande influência nos hábitos da população local. Tais valores entram no Brasil "[...]a partir da troca de mercadorias, mais precisamente a partir da abertura dos portos e da vinda da família real portuguesa ao Brasil, e foram internalizados a partir da criação, em razão desses fatores, de um Estado e mercado incipientes.[...]"[69]. É fácil imaginar a modernidade chegando com os navios, repletos de mercadorias inglesas e sendo apropriada inteiramente pela população. Contudo, deve-se pensar num processo bem mais complexo. Nosso país tem certa singularidade quanto a apropriação desses valores modernos:

> [...]o Brasil alcançou a modernização de forma particular e, como qualquer país, não reencheu todas as virtualidades de uma sociedade cultural ocidental, mas tal fato não quer dizer que não se modernizou. Assim, a modernização brasileira é singular e seletiva.[...][70]

Uma modernidade particular, pois o processo por nós sofrido até a chegada ao que se conhece por modernidade foi único. Seletiva, pois nem todos os valores tomados como modernos foram apropriados. Em nosso caso, diferentes processos de modernização pelo qual passamos modificaram aspectos parciais do conjunto de valores associados a modernidade ocidental[71]. Os valores modernos absorvidos são passíveis de uma ressignificação por parte do contexto em que é apropriado[72]. "*as ideias são 'recicladas' e 'historicizadas' em outros contextos, onde são assumidas particularidades locais*"[73], ou seja, nessa ato de apropriação de outros valores, a

---

[68] SOUZA, Maria Ângela de Almeida. Posturas do Recife Imperial. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2002, p.235 e 235.

[69] CORDEIRO, Eros Berlin de Moura. A Modernização Brasileira Segundo Jessé de Souza. Constituição, Economia e Desenvolvimento: *Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional*. Curitiba. N. 1, 2009, p. 72.

[70] Idem, p. 52.

[71] ASSIS, Arthur de Oliveira Alfaix. Resenha: SOUZA, Jessé. A Modernização Seletiva: Uma Reinterpretação do Dilema Brasileiro. Brasília: UnB, 2000. *História Revista*. Goiânia: UFG. V. 6 (1), 2001, p. 228.

[72] Ibidem.

[73] PEASAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Apud TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora: Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. Op. cit., p. 169.

história de cada cultura deve ser considerada, de forma que os valores são reapropriados e ressignificados, não sendo absorvidos na sua "forma original", por assim dizer. Os valores, sendo sujeitos a uma reelaboração em novos contextos, impõe a necessidade do emprego de aparatos institucionais para uma melhor apropriação por parte da sociedade[74]. Essa institucionalização de valores foi empregada pelo Estado, podendo ser percebida em políticas públicas, leis, órgãos de regulamentação criados com o objetivo de modificar hábitos que não condizem com os novos valores a serem inseridos.

Entretanto esse emprego de aparatos institucionais pode não ser realmente eficaz. Sem uma reflexão crítica do indivíduo quanto os novos valores a serem assimilados, a apropriação pode não ser efetiva:

> [...]a articulação entre a concepção de mundo e a posição do agente não se forma e a reflexão crítica não se consolida, impossibilitando a concretização de uma conduta privada ou pública racional e consciente. O desafio, então, está na assimilação das consequências dessa modernização seletiva, especialmente o enfrentamento das mazelas dela decorrentes.[75].

Para esse ato de apropriação de valores exógenos, deve-se pensar num processo de rupturas e permanências, de forma que, haverá mudanças, contudo não sem uma certa resistência de antigos hábitos, construídos historicamente. As marcas de um passado, uma pátina social, permanecem à mostra nessa sociedade.

O contexto arqueológico como pátina social

Um conceito mais clássico de pátina limita-se a mostrá-la como as marcas que o tempo deixa na superfície de um material. O conceito de pátina evoluiu, passando a abrigar outras instâncias; a pátina não somente se refere ao efeito que é deixado no material, mas também na causa dela, a ação que a gerou[76]. A pátina pode ser compreendida como algo negativo, sendo ela relacionada ao decaimento e decomposição do objeto. Entretanto, ela também pode agregar valor estético a algo, como pensavam os venezianos ao se referir a mudança de cor que acontecia em

[74]ASSIS, Arthur de Oliveira Alfaix. Resenha: SOUZA, Jessé. A Modernização Seletiva: Uma Reinterpretação do Dilema Brasileiro. Brasília: UnB, 2000. Op. cit., p. 228.

[75]SOUZA, Jessé. A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: UNB, 2000a. Apud CORDEIRO, Eros Berlin de Moura. A Modernização Brasileira Segundo Jessé de Souza. Op. cit., p. 74.

[76] ZANCHETI, Silvio Mendes *et. alii*. A pátina na cidade. *Textos para Discussão* n. 31 – Série Gestão da Conservação Urbana. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2008, p. 2.

pinturas[77]. A pátina, expressando um valor de antiguidade, um valor histórico, tende a ser preservada num processo de restauração de objetos[78].

Todavia, o conceito de pátina pode ser mais amplo, não se limitando ao âmbito físico-material. Nessa esfera tangível, a pátina pode se manifestar em edificações, obras de arte, objetos e materiais antigos, na configuração de espaços urbanos, dentre outros. Numa dimensão imaterial, a pátina torna-se perceptível na "manutenção das práticas sociais antigas relacionadas a um lugar, tais como: procissões, blocos de carnaval, vendedores ambulantes, pessoas sentadas nas calçadas e disposição de vasos nas janelas"[79]. É importante ressaltar que essa divisão entre pátina imaterial e material é de cunho didático, visto que a materialidade desperta uma percepção do imaterial, os aspectos intangíveis necessitam de uma base tangível para se realizarem[80].

As práticas sociais, sendo essas dinâmicas, estão sujeitas a permanências e rupturas. Alguns hábitos persistem, outros se perdem ao longo do tempo. Nesse processo, a permanência de práticas se mostra como agregador de um valor de antiguidade a cultura. Hábitos que persistem ao longo do tempo remetem ao antigo, de forma que o ato de praticá-los é entendido como pátina social. Mas essa pátina não se limita ao hábito: as marcas deixadas, as evidências físicas dessas, também compõem a pátina social.

As práticas de descarte de lixo no próprio recito doméstico que ocorriam no Recife desde o início dos oitocentos se mantiveram durante a segunda metade do século, mesmo com as políticas publicas e a ação médica que as combatiam. São práticas que persistiram no tempo, de forma a se mostrarem como pátina social. Temos então contexto arqueológico não só como evidência de uma pátina social, mas como a própria pátina: "*... Desse modo, a pátina passa a expressar duas noções: uma que se refere à ação do tempo sobre determinado objeto e outra que diz respeito ao resultado dessa ação no objeto, isto é, a pátina aparece tanto como a causa, quanto como o*

[77] Ibidem, p. 3.
[78] Idem.
[79] Ibidem, p. 9.
[80] Idem.

efeito."[81]. O contexto arqueológico se mostra como o resultado material dessa prática, sendo assim o efeito da pátina, ou seja, a pátina expressa de maneira física.

Considerações Finais

A obra do sociólogo Jessé de Souza, "A Modernização Seletiva: Uma Reinterpretação do Dilema Brasileiro" versa sobre como a modernidade chega ao Brasil, com um processo singular e seletivo[82]. A singularidade se dá a partir de toda uma trajetória histórica particular da sociedade que os apropria. "*Valores não se transportam como a roupa do corpo*"[83], são ressignificados por quem os apropria, tornando o ato de apropriação particular. Uma seletividade se dá nesse ato de apropriação, pois, nesse processo de apropriação, nem todos os valores serão absorvidos, alguns podem ser deixados de lado. Para uma melhor absorção desses novos valores, aparatos institucionais são criados que, mesmo que involuntariamente, forçam a uma adaptação. Esses aparatos podem ser percebidos no "Código de Posturas do Recife", na Sociedade de Medicina de Pernambuco, no Conselho de Salubridade Pública de Pernambuco, que visavam uma mudança de hábitos na população recifense.

Contudo, o emprego desses aparatos institucionais pode não ser efetivo numa mudança de hábitos se não houver uma atenção quanto a reflexão dos próprios indivíduos quanto a necessidade de mudanças de hábitos. Os valores não podem ficar somente a permear leis e medidas públicas. Deve haver uma preocupação com uma reflexão crítica dos agentes, de forma que eles saibam a importância de uma mudança de hábitos. Quando não há essa preocupação, temos como resultado a persistência de antigos valores e hábitos. Em nosso caso isso se faz visível no contexto arqueológico da quadra 40, onde encontramos vestígios de uma prática insalubre, de descarte de lixo no próprio recinto doméstico, o que era combatido por leis e por órgãos públicos na época. Paralelamente a isso, podemos pensar numa outra significação para esses vestígios arqueológicos. Ao se perceber que essa prática demonstra a persistência de antigos hábitos, de "princípios coletivos duráveis, historicamente construídos através

[81] Ibidem, p. 2.

[82]Ver: ASSIS, Arthur de Oliveira Alfaix. Resenha: SOUZA, Jessé. A Modernização Seletiva: Uma Reinterpretação do Dilema Brasileiro. Brasília: UnB, 2000. Op. cit.; AVRITZER, Leonardo. A singularidade brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. v. 16, nº. 45, 2001; CORDEIRO, Eros Berlin de Moura. A Modernização Brasileira Segundo Jessé de Souza. Op. cit.

[83] SOUZA, Jessé. *A Modernização Seletiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. Apud TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora: Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. Op. cit.

de um processo cotidiano de experiências e ajustes"[84], percebemos a formação de uma pátina social. De acordo com Zancheti *et. alii.*[85], a pátina se expressa em duas dimensões: material e imaterial. No âmbito da pátina social podemos pensar na dimensão imaterial como uma prática, um hábito que foi preservado ao longo da história de uma sociedade. No caso em estudo, o ato de jogar lixo no próprio quintal, que persistiu mesmo com o combate a essa prática, se caracteriza como a pátina social em sua dimensão intangível. A prática de descarte de lixo nos quintais dos fundos pode ser entendida como um fenômeno formador da pátina. O resultado seria sua evidência material, ou seja, a deposição do lixo no recinto doméstico. O contexto arqueológico hoje estudado preservou evidências dessa prática. A pátina, entendida como sendo os processos que deixam essas marcas de antiguidade e as próprias marcas visíveis[86], abrangeria, dessa maneira, o próprio contexto arqueológico.

A partir do exposto, percebemos o contexto arqueológico da quadra 40 de duas maneiras: como demonstrador dos resultados ocasionados por uma institucionalização de valores europeus modernos no século XIX; e como sendo, ao mesmo tempo, evidência e a própria pátina social.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Cristiane Salvador de. *Sociedade de Medicina: Epidemias, Terapêuticas e o Cotidiano do Recife na Primeira metade do Século XIX (1841-1844)*. Monografia. UFPE, 2004.

ASSIS, Arthur de Oliveira Alfaix. Resenha: SOUZA, Jessé. A Modernização Seletiva: Uma Reinterpretação do Dilema Brasileiro. Brasília: UnB, 2000. *História Revista*. Goiânia: UFG. V. 6 (1), 2001.

AVRITZER, Leonardo. A singularidade brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo. v. 16, nº. 45, 2001.

CARVALHO, Gisele Melo de. *Interiores residenciais recifenses: A cultura francesa na casa burguesa do Recife no século XIX*. Dissertação de mestrado. UFPE, 2002.

COUTINHO, André Bueno; RAMOS, Ana Catarina Peregrino Torres. *A Musealização dos Vestígios Arqueológicos Provenientes do Acompanhamento Arqueológico do Pilar – Recife/ PE*. XX Congresso de Iniciação Científica da UFPE. Recife, 2012.

[84] ZANCHETI, Silvio Mendes *et. alii*. A pátina na cidade. Op. cit, p. 9.
[85] ZANCHETI, Silvio Mendes *et. alii*. A pátina na cidade. Op. cit.
[86] Idem.

CORDEIRO, Eros Berlin de Moura. A Modernização Brasileira Segundo Jessé de Souza. Constituição, Economia e Desenvolvimento: *Revista da Academia Brasileira de Direito Constitucional*. Curitiba. N. 1, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos* [1936]. São Paulo: Global, 2006.
FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX* [1964]. 3ª.edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1985.

FUNDAÇÃO SERIDÓ. *II Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as Obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar*. Recife: 2010.

GUIMARÃES, Keila Danielle Souza. *Conselho de salubridade pública de Pernambuco: um olhar médico sobre a cidade do Recife entre os anos de 1845 a 1850*. Dissertação de Mestrado. UFRPE, 2010.

MELO, Isaac Lopes Garcia de; MARTÍN, Maria Gabriela. *A Louça Doméstica da Área do Habitacional do Pilar - Estudo de evidências materiais resgatadas no acompanhamento arqueológico do Projeto Habitacional Pilar – Recife/PE*. Relatório Final de Atividades do Bolsista PIBIC/CNPQ. Recife: UFPE, 2012.

MENEZES, José Luís da Mota (Org.). *Atlas Histórico-Cartográfico da Cidade do Recife*. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1988.

SETTE, Mário. *Arruar: história pitoresca do Recife antigo*. 3. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. *O costume da praça vai à casa: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830-1880)*. Dissertação de Mestrado. UFRPE, 2011.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira de. Grupos domésticos e comportamentos de consumo em Porto Alegre no século XIX: o Solar Lopo Gonçalves. Dissertação de Mestrado. PUC-RS, Porto Alegre, 1997.

SOARES, Ícaro Rêgo; MARTÍN, Maria Gabriela. *A Ocupação Urbana no Polo Pilar no Bairro do Recife – estudo de vestígios arqueológicos da área do Habitacional Pilar no Bairro do Recife*. Relatório Final de Atividades do Bolsista PIBIC/CNPQ. Recife: UFPE, 2012.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. *Posturas do Recife Imperial*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2002.

SOUZA, Williams Andrade de; SILVA, Wellington Barbosa da. *A Câmara municipal e a normatização do Recife no século XIX (1831-1841)*. I Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: UFRPE, 2007.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora: Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre oitocentista*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

ZANCHETI, Silvio Mendes et. alii. A pátina na cidade. *Textos para Discussão* n. 31 – Série Gestão da Conservação Urbana. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2008.

Alterações na Paisagem Urbana do Bairro do Recife, uma Perspectiva Arqueológica

Jôuldes Matos Duarte
Ana Catarina Peregrino Torres Ramos

Resumo: A paisagem é incorporada pela arqueologia como um objeto analisável, tal qual um artefato, um elemento cultural passível de análise científica. A paisagem urbana vem a ser, assim, um dos mais complexos artefatos da cultura material. O Bairro do Recife passou por várias modificações ao longo de sua ocupação, com alterações de uso e significado do lugar. A parte norte do bairro foi desde passagem para Olinda até local de peregrinação para a Igreja de N. Sra. do Pilar e hoje passa por uma Requalificação Urbanística. A parte sul sofreu alterações drásticas no seu traçado sob o urbanismo higienista do século XIX e começo do XX. Baseado nos conceitos de paisagem arqueológica, renovação e requalificação urbanas, legibilidade, pertença, memória e lugar, objetiva-se discutir as potencialidades interpretativas que a leitura da paisagem urbana oferece para compreensão da sociedade que a produz e por ela é influenciada.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem; Evolução Urbana; Lugar de Memória.

Introdução

O bairro do Recife vem passando por várias modificações ao longo de sua ocupação, servindo como cenário dos grandes momentos por que passou a sociedade pernambucana. Inicialmente, o local era uma lingueta de terra que se projeta ao lado do continente, separando o rio do mar, formando um porto natural. A vila de Olinda foi fundada nas colinas mais altas, local estratégico para a defesa e na ponta final da lingueta, onde os navios ancoravam. A princípio, o Recife funcionaria apenas como o porto da capitania. Era muito estreito, seu sedimento era arenoso e numa colônia cuja economia era voltada predominantemente para a monocultura da cana-de-açúcar, não haveria porque se preocupar com seu desenvolvimento.

Contudo, as circunstâncias políticas se alteraram inúmeras vezes ao longo da história do Recife, impulsionando o homem a alterar as condições ambientais para atender às novas demandas, fossem elas econômicas, políticas, urbanísticas ou outras de naturezas diversas. E a paisagem do bairro guarda em si essas alterações ambientais tais como um texto a ser lido e interpretado. Aterros, reformas urbanísticas, mudanças de funcionalidades do bairro poderiam ter sido realizados e toda a documentação a respeito ser perdida, porém, essas alterações se inscrevem no

próprio bairro, em sua constituição paisagística. E a paisagem, sendo o espaço modificado pelo homem, é um artefato passível de análise e interpretação arqueológica. O estudo da paisagem urbana pretende, assim, ler na configuração da cidade (apropriada, modificada, significada e ressignificada pelos seres humanos) o cotidiano dos seus moradores.

A Paisagem enquanto cultura material

A paisagem é incorporada pela arqueologia como um objeto analisável, tal qual um artefato, um elemento da cultura material[87] que pode revelar o dia-a-dia, os saberes, os modos de vidas das sociedades a cujos remanescentes a Arqueologia se dedica. Ainda seguindo a linha de pensamento de Bezerra de Meneses, quando este se refere à cultura material em seu amplo aspecto, esta é tanto um produto da sociedade como também um vetor das relações sociais, ou seja, ela possui um papel simultaneamente ativo e passivo na sociedade. Segundo Duncan[88], a paisagem possui esta mesma qualidade dupla de ser estruturada, mas também de ser estruturante das relações sociais. Com isto quer-se dizer que a configuração do ambiente urbano pode ser interpretada/lida como representação de tais relações, um texto continuamente escrito, reescrito, sobrescrito, no qual intervêm (e intervieram) os diversos atores sociais.

Enquanto elemento estruturante (produtor, ativo), a configuração urbana tem o poder de legitimar, influenciar e alterar as relações na sociedade. Podemos citar como exemplo a construção de viadutos ou pontes que podem funcionar como limites físicos ou sociais dentro do espaço, tornando-se elementos de incômodo estético e/ou símbolos da força autoritária/coercitiva do Estado, o qual, através da manipulação da paisagem urbana, impõe seus valores decidindo sobre o uso do espaço urbano e, consequentemente, sobre o cotidiano dos cidadãos. Essa paisagem, impositiva de uma nova ordem urbana, pode constranger os cidadãos a um sentimento de impotência

[87] BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. A cultura material no estudo das sociedades antigas. Simpósio Nacional de História Antiga 1983, 1., João Pessoa. *Atas...* Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa; SOUSA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus*, revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, V. 3, n. 2, pp. 291-300. Goiânia, jul.-dez. 2005.

[88] DUNCAN, 1990, *apud* SOUSA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. Op. Cit.

frente às decisões estatais arbitrárias. Ou ao contrário, utilizá-las como veículo de mudanças culturais: viadutos cinzas podem se tornar telas coloridas para grafiteiros.

> (...) O potencial [da paisagem] como instrumento de inferência é redimensionado, o que vem permitindo aos arqueólogos e geógrafos culturais, particularmente, elaborarem profícuas reflexões sobre a forma como a paisagem atua na configuração das sociedades imprimindo valores, normatizando e influenciando comportamentos, legitimando e naturalizando desigualdades, bem como exprimindo resistências. (...) Nesses termos, a paisagem não se constitui em um mero reflexo de processos socioculturais, mas atua como um de seus fatores constitutivos[89].

A **Paisagem** não é um ente determinista todo-poderoso, capaz de moldar comportamentos e levar suas sociedades ao sucesso ou ao mais completo fracasso, mas trata-se de um elemento cultural material capaz de falar da sociedade que a criou, sendo fruto da mente coletiva humana e espelho de suas ações e pensamentos. Sousa diz que para se chegar a uma interpretação da paisagem, é necessário identificar os vários discursos/linguagens que atuam na sua configuração, cujo processo de interpretação ocorre em duas etapas: o exame dos mecanismos pelos quais a paisagem trabalha e o papel da paisagem nas práticas sociais e políticas. A autora percebe a atuação da paisagem nesse processo como "decisiva na configuração simbólica de uma dada realidade social" [90]. Há de se considerar, porém, que a paisagem é um elemento dinâmico e pertencente ao presente, isto é, quando observamos uma paisagem, não estamos olhando para o passado, mas para as marcas **presentes** que ela guarda de seu passado. Não é algo congelado no ontem, faz parte do hoje. É como diz Leonardi[91], um "*collage*" de sobreposições e justaposições de racionalidades diferentes e "diferentes sistemas de relações" que se aglutinaram ao longo da história de determinado local e são observáveis na atualidade. Dessa forma, a Arqueologia consegue transpor suas interpretações sobre um sítio dentro de um contexto espacial e social mais amplo, em acordo com o que dizem Fagundes e Piuzana:

[89] SOUSA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. Op. cit., p. 295
[90] SOUZA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. Op. cit., pp. 296-297
[91] LEONARDI, Mariagrazia. Paisagem urbana e arqueologia. *Artitextos*, n. 5, dez. 2007, p. 62

> Assim, a paisagem assume o caráter de fenômeno social dentro de contextos históricos específicos e, como tal, transmite símbolos interpretáveis em meio à teia de significados em que está envolvida. Sob esse viés, o que denominamos espaço moldado nada mais é do que a paisagem enquanto construção social, que amplia sensivelmente a noção de sítio arqueológico e, nesse processo, pode ser compreendida como um dos focos de análise da Arqueologia, pois traz consigo as marcas das diferentes ocupações em longa duração e, dessa forma, a possibilidade de leitura de conceitos caros à Arqueologia: continuidade e mudança, simbolismo, organização tecnológica, mobilidade, obtenção de recursos, sistema de assentamento e suas interconexões.[92]

O Sítio Arqueológico do Bairro do Recife tem todas as marcas reconhecíveis de sua construção, principalmente com os conceitos que Fagundes e Piuzana apresentam como caros à Arqueologia, "continuidade e mudança, simbolismo, organização tecnológica, mobilidade, obtenção de recursos, sistema de assentamento e suas interconexões". É um **espaço** moldado pelas alterações arquitetônicas, as ampliações do istmo através dos aterros, as obras viárias contemporâneas, os usos enquanto local de recebimento e envio de bens econômicos, entre outros aspectos. **Espaço**, na concepção apresentada por Yi-Fu Tuan[93], é um local de ordenamento e domínio da Natureza (interna e externa), pois a Natureza boa é aquela dominada, enquanto que a não dominada é a Natureza má, selvagem, imprevisível, pois a organização do espaço é também uma forma de controle social. Tal ideia relaciona-se também à interpretação que Criado Boado dá à ordenação do espaço, enquanto mecanismo de produção da realidade quando diz que este é um processo de construção histórica e política através de um determinado sistema de saber-poder e, sendo um elemento cultural forte, é perpassado pelo imaginário e está em movimento contínuo[94]. O espaço e a paisagem são campos de disputas políticas, históricas, sociais, econômicas, ideológicas…

---

[92] FAGUNDES, Marcelo; PIUZANA, Danielle. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, vol. 8, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 205-220 Universidad de Manizales Colombia. Disponível em: http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=77315079010, p. 205

[93] TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983, p. 66

[94] CRIADO BOADO, Felipe. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. *Boletín de Antropología Americana*, n. 24, dic. 1991. Instituto Panamericano de Geografía e Historia, p.6

Na nossa cultura, o espaço é racionalizado e definido pela lógica burguesa em que a economia e a organização social originam a ordem geométrica e do espaço, sendo este mensurável e sobre o qual se poderiam enunciar leis e predizer resultados[95]. Criado Boado observa essas premissas, porém não as critica por estarem necessariamente erradas, mas sim pelo fato desta perspectiva servir de norteador único na classificação e ordenação do meio e, consequentemente, no seu estudo e apreensão. Assim, a transformação do espaço, segundo a lógica econômica burguesa, prima pela homogeneização como lógica de produção, já que quando algo é padronizado é mais facilmente reproduzido. Desta forma, o espaço adquire valor comercial na nossa sociedade e é vendido como produto estandardizado, perdendo os valores afetivos e mnemônicos que associamos aos espaços e lugares.

O **lugar** é onde as pessoas se encontram, mantém seus costumes coletivos, é um espaço de reunião e socialização, o "espaço fechado e humanizado" [96]. Espaço é como uma folha branca em que se pode escrever ou desenhar qualquer coisa, convidando para o futuro, enquanto que "o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos, quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar" [97]. Para Marc Augé, o lugar antropológico é "aquele ocupado pelos nativos que vivem nele, cultivam-no, defendem-no, marcam seus pontos fortes e mantêm suas fronteiras sob vigilância, mas também que detectam nele os traços dos poderes ctônicos/terrenos ou celestiais, ancestrais ou espíritos que povoam e animam sua geografia privada" [98]. Um lugar guarda em si toda uma história e geralmente constitui-se como símbolo identitário de uma comunidade, de uma nacionalidade, de uma cultura, enfim, o lugar é o espaço com vida própria[99].

---

[95] CRIADO BOADO, Felipe. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. Op. cit., pp. 8-9

[96] TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Op. cit., p. 61

[97] TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Op. cit., p. 83

[98] AUGÉ, Marc. *Non-places*: introduction to anthropology of supermodernity. Trad. Inglês John Howe. Nova Iorque: Verso, 1995, p. 42. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=LMr8_pXJgdwC&pg=PA42&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false>. Último acesso em: 12 abr. 2013.

[99] ÁLVARES, Ricardo Luís Barbeito. *A Bilhardice*: projecto de intervenção estético-artística para a cidade do Funchal. Dissertação (Mestrado em Arte e Património: no Contemporâneo e Actual) – Universidade da Madeira, 2009, p. 9. Disponível em: <http://www.ricardobarbeito.com/a-bilhardice-projecto-de-intervencao-estetico-artistica-para-a-cidade-do-funchal-2/>. Último acesso em: 12 abr. 2013.

Por isso, Augé diz que lugar é uma "invenção" [100], com o sentido latino de *invenire*: um espaço descoberto pelos que se dizem seus donos e demarcado social, vivencial e afetivamente. A sua identidade, seu valor, suas características que, embora não lhe sejam intrínsecas, mas antes atribuídas, formam o "espírito do lugar". A definição desta expressão é dada na Declaração de Foz do Iguaçu:

> A identificação dos componentes materiais e imateriais que definem o "Espírito do Lugar" resulta ser essencial para a preservação da identidade das comunidades que criaram espaços de interesse histórico-cultural e os transmitiram através das gerações. O estudo, a análise e a compreensão dos componentes do lugar são os recursos adequados para definir ações que tendem à preservação, entendida como a ação que permite a manifestação do espírito.[101]

Dessa forma, os locais que não agrupam as pessoas para a convivência, que não guardam sentido histórico ou social identitários, que não são demarcados culturalmente por eventos, fronteiras, desprovidos de espírito, que são apenas espaços de passagem – estradas, avenidas, shopping centers, os espaços criados pela atual lógica burguesa – são, assim, chamados de não-lugares. Os não-lugares são vazios de identidade histórica ou cultural, são locais feitos para o consumo. O não-lugar é definido por Álvares da seguinte maneira:

> Não-lugar é todo o lugar considerado vazio de identidade histórica, vivencial, cultural e resulta da perda da relação afetiva entre o indivíduo, bem como uma comunidade, com o espaço. O não-lugar não cria uma identidade singular, não é relacional, e é um espaço simultaneamente de solidão e semelhança.[102]

Para Fagundes, os lugares arqueológicos são subconjuntos da paisagem que fazem parte da rede de significação cultural que compreenderia "padrões próprios de percepção e uso da paisagem, de ordem moral, econômica, política, religiosa e outros"

---

[100] AUGÉ, Marc. *Non-places*. Op. cit., p. 43

[101] Traduzido pelo autor. Original: La identificación de los componentes materiales e inmateriales que definen el "Espíritu del Lugar", resulta esencial para la preservación de la identidad de las comunidades que han creado espacios de interés histórico-cultural y los han transmitido a través de las generaciones. El estudio, el análisis y la comprensión de los componentes del lugar son los recursos adecuados para definir acciones que tienden a la preservación, entendida como la acción que permite la manifestación del espíritu. INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES – ICOMOS. *World heritage list nº 189 [Olinda]*. Paris, maio 1982. Disponível em: < http://whc.unesco.org/archive/advisory_body_evaluation/189.pdf>. Último acesso em: 31 mar. 2013.

[102] ÁLVARES, Ricardo Luís Barbeito. *A Bilhardice*. Op. cit., p. 9

[103]. O lugar enquanto elemento componente da paisagem urbana e de uma rede de significação cultural está mais estreitamente ligado às modificações executadas pelos homens e mulheres na adaptação do ambiente natural às suas necessidades. Em outras palavras, na cidade, a rede de significação cultural e a paisagem são formadas pelas ruas, praças, prédios, ruínas, pontes, locais considerados perigosos ou inadequados, monumentos e outros tantos elementos urbanos que se relacionam entre si e com os habitantes do lugar em relações afetivas e de **memória**. Para que o espaço seja um "lugar da memória" ele precisa manter certos elementos essenciais do evento que se passou lá; ou são criados outros elementos que representam tais feitos, os monumentos.

Segundo J. Thomas[104], que também entende a paisagem como um conjunto de lugares relacionados, estes entram gradualmente na cultura através das atividades habituais e interações das pessoas, da proximidade e afinidade que elas desenvolvem com alguns locais, de eventos importantes, festivais, calamidades e surpresas que lhes chamaram a atenção e fizeram com que o grupo recordasse esses lugares ou os incorporasse em histórias. Isso reforça a ideia de lugar enquanto ponto de encontro de uma cultura, memória e consolidação dos laços sociais. Soares e Quinalha falam, contudo, que não é apenas a adição oficial de uma data comemorativa no calendário ou a construção de um memorial que torna o espaço um lugar de memória:

> O exercício efetivo da memória não se resume, apenas, a incluir uma efeméride no calendário festivo, a construir um cerimonial de homenagem ou mesmo a erguer um memorial às vítimas. É a combinação entre esses diversos elementos que potencializa a ação singular de cada um deles, constituindo um mapa ou uma topografia da memória capaz de enriquecer os sentidos de uma paisagem urbana, traçando pontes, compartilhadas pela coletividade, entre o passado, o presente e o futuro. Somente por meio da conjunção dos vários suportes, ergue-se uma memória coletiva que se torna tanto mais pública e democrática quanto mais envolvente e participativa, traduzindo-se em expressão dos valores dominantes de uma comunidade moral a partir da qual uma narrativa mais profunda e justa com os fatos pretéritos se faz possível.[105]

[103] FAGUNDES, Marcelo. O Conceito de Paisagem em Arqueologia: os lugares persistentes. *Holosenviroment*, v. 9, n. 2, 2009, p. 308

[104] FAGUNDES, Marcelo. O Conceito de Paisagem em Arqueologia. Op. cit., p. 311

[105] SOARES, Inês Virgínia Prado; QUINALHA, Renan Honório. Lugares de Memória no cenário brasileiro da justiça de transição. *Revista Internacional Direito e Cidadania*, fev. 2011. ISSN nº 1983-1811. Disponível em: <http://reid.org.br/?CONT=00000263>. Último acesso em 07 abr. 2013.

Arqueologia e Memória são aspectos diferentes que podem atuar simultaneamente num mesmo lugar. Arqueologia é ciência, Memória é sentimento, é expressão de valores sociais e individuais, é o laço que permite às pessoas se conectarem ao espaço e ao tempo; a Memória é fruto das experiências individuais e coletivas projetadas sobre os fatos; é o que cria e fortalece o Espírito do Lugar.

O que preservar, por que preservar, quando preservar são perguntas que necessariamente obedecem à lógica cultural da sociedade que age sobre os lugares de memória. Por quê? Porque a paisagem, o patrimônio cultural e o espaço formam um texto, uma mensagem. O tecido urbano todo ele é comunicação. As ações de preservação ou de destruição podem ser entendidas como um processo de edição desse texto.

A apreensão do texto urbano depende da percepção que se tem do patrimônio e da cidade, a qual é bastante parcial e envolvida com outras referências. Lynch diz que a imagem que temos da cidade é composta de informações captadas por quase todos os sentidos, por isso mesmo, fragmentária e dispersa, o que não impede que a mensagem seja compreendida[106]. Isso depende da legibilidade dos símbolos componentes da paisagem urbana. O autor define legibilidade como:

> A facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. Tal como esta página impressa, sendo legível, pode ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis, assim também uma cidade legível seria aquela cujas freguesias, sinais de delimitação ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais[107].

Jeudy levanta uma importante questão a esse respeito no livro Espelho das Cidades, em que trata das medidas conservacionistas e preservacionistas: a conservação patrimonial é um instrumento forte o suficiente para manter a consciência tranquila frente a uma responsabilidade de rememoração?[108]. Ou seja, a manutenção de um lugar de memória basta para que essa memória não se perca? A sacralização do

[106] LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960, p.12. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso.
[107] LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Op. cit., p.13
[108] JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 157 p.

patrimônio pode retirar-lhe o papel de signo rememorador, cristalizando-o como um peça ou lugar decorativos, preservando a matéria, no entanto, perdendo o significado.

Não necessariamente isto é algo ruim, pois da mesma maneira que há o direito de lembrar, há também o direito de esquecer. E dizer quando se deve fazer uma ou outra coisa é também deter o poder. Monumentos a tragédias podem ser símbolos masoquistas de rancor coletivo ou símbolos impostos à sociedade geral pelo Poder Público. As razões da imposição desses símbolos são as mais diversas, desde querer dizer que o governo esteve amparando a população durante a catástrofe, numa mensagem puramente politiqueira ou até como um recado para que não ocorram mais fatos semelhantes.

Assim, a preservação dos lugares de memória enquanto patrimônio cultural, compreendendo os bens culturais em amplo sentido, monumentos e paisagens, é uma tentativa de manter vívidos esses signos do discurso que forma a identidade cultural. Por isso mesmo, o patrimônio cultural é motivo de disputas e conflitos, não de concórdia; manter, **desprezar ou modificar lugares de memória são decisões sobre reescrever o texto de legitimação do Poder na paisagem**.

Um porto numa lingueta de terra – breve histórico dos momentos de alteração da paisagem recifense

A referência oficial mais antiga às origens do Recife, o Foral de Olinda, menciona este lugar, chamando-o "Arrecife dos navios" [109], povoado por pescadores e gente ligada aos serviços das embarcações. Aos poucos, a paisagem ia se modificando, sendo adaptada às necessidades dos colonizadores, porém, de maneira ainda pouco impactante. Segundo José Luiz da Mota Menezes, em "Arqueologia do Recife" [110]:

[109] SILVA, Leonardo Dantas. Arredores recifenses. In: COSTA, F. A. Pereira da. *Arredores do Recife*. 2. ed. autônoma, p. 8. Apresentação e organização de Leonardo Dantas Silva. Inclui estudo sobre o bairro da Capunga de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2001. 202 p. il. (Estudos e pesquisas, 117). ISBN 85-7019-381-5; PONTUAL, Virgínia. *Experiências urbanísticas e representações de cidade*: o Recife civilizado. In: PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá (orgs.). História e paisagem: estudos urbanísticos de Recife e São Luís. Recife: Bagaço, 2005, 396 p. il. pp. 26-27.

[110] MENEZES, José Luiz da M. *Arqueologia do Recife – Bairro de São José*: presença holandesa. [Impressão disponibilizada na Biblioteca Específica da Cidade do Recife, na Rua do Bom Jesus, bairro do Recife].

> O povoado dos arrecifes teve crescimento lento e em função da importância que ia adquirindo o açúcar no mercado europeu. De 1537 até o ano de 1630, ele apresentou diferenças de dimensões que resultavam do maior número de navios que desembarcavam e embarcavam mercadorias do e para o reino[111].

De 1630 a 1654, período em que a Companhia das Índias Ocidentais controla a Capitania e inicia um projeto urbanístico para a aldeia do Porto de Pernambuco. O então governador holandês, o coronel Diederick van Waedenburch, ocupa a ilha de Antônio Vaz principalmente pela dificuldade de construir fortificações nas colinas de Olinda. De acordo com Breda, além disto, havia a familiaridade dos holandeses em construir suas fortificações em terrenos planos, tais quais os dos Países Baixos[112]. A partir do governo de João Maurício (Johan Maurits), Conde de Nassau-Siegen, o governo holandês promove a construção de pontes e organização da Ilha de Antônio Vaz com a construção da Velha Mauritsstad, hoje bairro de Santo Antônio, e a Nova Mauritsstad, São José[113]. O Recife oferecia poucas e caras moradias para os novos senhores da terra, era necessário expandir a cidade[114].

As mudanças promovidas no ambiente, isto é, as novas formas de organização urbanística, novas construções civis e administrativas, novos acessos entre as porções de terra que formavam a cidade e os aterros estimularam uma nova dinâmica social [115]. Era possível promover um crescimento do Recife em direção ao continente, ampliando as ofertas de moradia e as condições para os negociantes, mercadores e outros profissionais. As intervenções holandesas na paisagem causam não apenas uma mudança física, mas também na paisagem social: surge "uma nova classe

---

111 MENEZES, *Arqueologia do Recife*. Op. cit.

112 BREDA, Daniel de Oliveira. *Vicus iudæorum*: os judeus e o espaço urbano do Recife neerlandês (1630-1654). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007, 253 fls, pp. 55-56. Disponível em: http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1153. Último acesso em: 15 nov. 2013.

113 PONTUAL, Virgínia. *Experiências urbanísticas e representações de cidade*. Op. cit., p. 29

114 MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 2. ed., p. 83. Coleção Pernambucana. Governo do Estado de Pernambuco. Secretária de Educação e Cultura. Departamento de Cultura. Recife, 1978.

115 VAINSENCHER, Semira Adler. *Santo Antônio (bairro, Recife)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 30 mar. 2010. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 10 set. 2012.

burguesa, composta de ricos comerciantes, banqueiros e trabalhadores especializados, enfim um modo de vida tipicamente urbano" [116].

No século XVIII, a Capitania passava por uma crise na venda do açúcar. Com a expulsão dos holandeses, estes concentraram a sua produção de açúcar nas Antilhas, provocando uma queda do preço na Europa. Além disso, conforme Lubambo, a Bahia e o Rio de Janeiro também começaram a exportar açúcar[117]. "Os donos dos engenhos concentravam grande parte dos lucros, mas eram imprevidentes e dilapidavam o capital com importações, chegando muitas vezes a empenhar a produção futura do engenho" [118]. Apesar disso, a cidade ganha ares mais religiosos com a disseminação da monumentalidade do barroco nos templos católicos e conventos, nas casas particulares e nos edifícios públicos com intuito de reafirmar o domínio da metrópole: Recife era português novamente e isso deveria ficar à vista de todos, pois como diz Neves, "Praticamente todas as igrejas construídas antes do período holandês foram remodeladas ao final do século XVII e ao longo do século XVIII, passando a ter uma aparência barroca" [119]. Assim se relatava a opulência econômica da cidade no período: "a maioria das igrejas, que são a glória de sua arquitetura, foram ou construídas ou ampliadas no século XVIII, e eram produto da riqueza resultante das exportações pernambucanas, de açúcar, tabaco, como de madeiras consideradas as mais precisas do Brasil (...)" [120].

O comércio em Pernambuco, de maneira geral, ia bem, mesmo com a crise do açúcar. Porém, os detentores do poder econômico agora eram outros. Os comerciantes do Recife tornaram-se mais fortes frente aos senhores de engenho de Olinda, fortalecendo o papel da Vila do Recife/Porto de Pernambuco e a elevação do Recife à categoria de vila em 1709 também contribui para a consolidação desse novo poder e o aumento da população, acelerando a expansão da cidade em direção ao interior, para a atual Boa Vista, já que a maior parte da região era eminentemente rural ainda.

---

[116] BARRETO, Ângela Maria Maranhão. *O Recife através dos tempos*: formação da sua paisagem. Recife: Fundarpe, 1994, p. 36. il. ISBN 85.7240-029-X.
[117] LUBAMBO, Cátia Wanderley. *O Bairro do Recife*: entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife, Companhia Editora de Pernambuco/Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991, p. 36. "Coleção Gilberto Freyre, 01"
[118] BARRETO, Ângela Maria Maranhão. *O Recife através dos tempos*. Op. cit., p. 39
[119] NEVES, André Lemoine. A arquitetura religiosa barroca em Pernambuco – séculos XVII a XIX. *Arquitextos*, ano 05, maio 2005. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/465. Acesso em: 10 set. 2012.
[120] PONTUAL, Virgínia. *Experiências urbanísticas e representações de cidade*. Op. cit., p. 30

Um novo marco na paisagem demonstrando o poder de Recife sobre si mesma, pois o antigo povoado agora possuía um pelourinho.

Após a abertura dos Portos depois da chegada da Família Real em 1808, o Recife fortalece ainda mais o seu comércio, realizando transações especial e diretamente com os ingleses, cuja inserção de capital permitiu um revigoramento do comércio local[121]. Inicia-se um novo momento de alterações na paisagem: em 1835 é publicada a Lei Imperial de 1º de outubro de 1828, que regulamentava a atuação das Câmaras Municipais. Legalmente incumbida disto, a Câmara do Recife elabora um Código de Posturas Municipais para a construção na cidade, as *Posturas Addicionaes* de 1839, de acordo com as regras estabelecidas pelo engenheiro militar alemão João Bloem, contratado como "Encarregado da Arquitetura da Cidade" [122]. Este código propunha-se a organizar o novo arruamento da cidade, mais alinhado e ortogonal, padronizando as fachadas da casa de modo a conferir um aspecto organizado e mais estético ao Recife e seus arrabaldes.

O novo poder instituído precisou demarcar seu poder através da alteração da paisagem. A rua surgida de maneira espontânea, irregular precisou ser domada e civilizada, apagando sua sinuosidade colonial, substituindo-a pelo ortogonalismo imperial. Esta não foi, contudo, tão severa quanto aparentava, pois devido à própria falta de pessoal e estrutura, a Câmara do Recife não podia dar conta da fiscalização de todas as construções da cidade[123]. Historicamente, o poder era da Câmara, porém, na prática material e cotidiana, a rua continuou livre para ser torta e assimétrica.

Além destas normas legais, há ainda o trabalho do arquiteto Vauthier que, como figura ligada ao urbanismo proposto pelo Poder Público, conseguiu deixar as marcas monumentais deste na paisagem do Recife. O urbanismo do século XIX é marcado também pelas obras de Francisco do Rego Barros, o Conde da boa Vista, "quando uma transformação urbana equivalente àquela ocorrida no período nassoviano pôde ser

[121] PONTUAL, Virgínia. *Experiências urbanísticas e representações de cidade*. Op. cit., p. 27
[122] SOUZA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. Op. cit., pp. 182-185
[123] SOUZA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. Op. cit., p. 154.

registrada" [124]. Esse projeto de modernização do Recife culminou no período Republicano, quando Saturnino de Brito promoveu as obras de saneamento na cidade, entre os anos de 1909 e 1915[125], e foram feitas as primeiras propostas de aperfeiçoamento do Porto do Recife.

> Há de se ressaltar que, ao mesmo tempo em que o momento histórico favoreceu [...] a implantação dos Melhoramentos do Porto e o Plano de Saneamento do Recife, estes empreendimentos criaram uma oportunidade "justificada" para se introduzirem modificações urbanas na área. As necessidades técnicas, econômicas e sanitárias, aliás, evidentes e confessáveis, daqueles serviços serviram a boa parte das justificativas para uma reforma urbana, uma vez que não cabia a oficialização de outras razões mais determinantes[126].

A cidade passa a ter um novo rosto, limpo, moderno, preparado para o novo século que se iniciava. O bairro do Recife até o século XIX ainda guardava seus ares coloniais com o casario apinhado e uma alta densidade demográfica. As noções de saneamento urbano do século XX não toleravam malhas urbanas como essas. O poder público desejava uma cidade bela e organizada, um porto moderno e eficiente. O Recife precisava mudar. A década de 1910 foi decisiva para a Velha Recife. Seus sobrados vieram abaixo, não sendo poupado nem o templo católico do Corpo Santo.

É o momento parisiense ou Novo Recife (como ficou conhecido o bairro depois de remodelado), identificável pelas intervenções na parte mais central da península do Recife evocando a "Belle Époque". No entanto, a reforma do Porto não causou transformações de maneira uniforme em todo o bairro. Uma alteração do traçado do bairro, realizado de maneira tão drástica, era significativo não apenas porque foi realizado no núcleo original da cidade, mas porque esta cidade queria passar, à época, a imagem de moderna, desenvolvida, limpa e organizada, à semelhança das grandes metrópoles do mundo. Entretanto, tal mudança era mais um recado aos que chegavam à cidade do que uma mudança real na gestão da cidade. Tanto é que boa parte da área antes ocupada pelos edifícios demolidos nem foi utilizada, a exemplo do

[124] ALMEIDA, Erika Audet de. A Articulação dos espaços públicos na paisagem do Recife através da evolução urbana. In: PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá (org.). *História e paisagem*: estudos urbanísticos de Recife e São Luís. Recife: Bagaço, 2005, p. 127.
[125] BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. *Plano de Saneamento do Recife*: plano urbanístico. Recife: Companhia Pernambucana de Saneamento, 1909. V. 2, pp. 622. Disponível em: http://www.urbanismobr.org/bd/documentos.php?id=2725. Acesso em: 10 nov. 2013.
[126] LUBAMBO, Cátia Wanderley. *O Bairro do Recife*. Op. cit., p. 99

Pilar. A reforma do Porto não chegou a contemplá-la por inteiro. Com as novas empresas e indústrias se instalando no local, os Moinhos Recife no ano de 1914[127], por exemplo, a população residente passou a ser formada pelos operários industriais e trabalhadores portuários, alocados principalmente na parte norte, no Pilar. Nos anos posteriores, a decadência instalou-se de vez quando os comerciantes começaram a se deslocar para os bairros de Santo Antônio e São José[128] e o Porto do Recife começou a perder em importância para o Porto de Suape, restando apenas escritórios e empresas de serviços. Nancy Nery e Cláudio Castilho contam como foi o processo de desocupação e reocupação dessa área do bairro do Recife:

> A reocupação do Pilar teve seu início na década de 1970 quando o Porto do Recife, ainda pertencendo à PORTOBRÁS, desapropriou e demoliu seis quadras situadas entre a fábrica do Pilar e o Moinho Recife. As demolições foram feitas para a execução de obras contidas em um projeto de expansão do Porto, o qual terminou não acontecendo. O espaço deixado pelas quadras demolidas foi sendo ocupado gradativamente por famílias de baixa renda, que trabalhavam e ainda trabalham em outros pontos da área central histórica do Recife, predominantemente com as atividades portuárias e industriais do bairro e com as dos setores de comércio e serviços informais de outros bairros da área central[129].

O bairro do Recife apresentava uma nova paisagem urbana, misturando-se nela elementos dos séculos anteriores degradados pela falta de cuidados, restos de demolições e os prédios ecléticos do começo do século XX e servia agora basicamente às empresas e à Administração Pública. Em adição a esta paisagem física, havia também uma nova paisagem humana: a Favela do Rato, que se configurou na parte norte, no Pilar, reocupando-o e ressignificando-o para a cidade como um todo. A alguns metros da sede do Poder Municipal, instalou-se uma comunidade que apresenta um dos piores IDHs da cidade do Recife[130].

Considerações finais

[127] MOINHO Recife. *50 anos servindo o Nordeste*: álbum do cinquentenário. Recife: 1969.
[128] EMPRESA DE URBANIZAÇÃO DO RECIFE – URB. *Bairro do Recife, planejamento interpretativo*: relatório da equipe social. Recife, dezembro de 2002, p. 5.
[129] NERY, Nancy S.; CASTILHO, Cláudio J. M. de. A comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife: possibilidades de inclusão socioespacial dos moradores ou gentrificação. *Humanae*, v.1, n.2, p.19-36, Dez. 2008. Disponível em: http://www.esuda.com.br/revista_humanae.php. Último acesso em: 15 dez. 2012., p. 20
[130] RECIFE, Prefeitura do et al. *Desenvolvimento humano no Recife*: atlas municipal. Recife, 2005.; NERY, Nancy S.; CASTILHO, Cláudio J. M. A comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife. Op. cit., p. 27

As mudanças da paisagem do Recife são inscritas nas paredes dos prédios, no solo, nas ruas e na memória coletiva, todos os dias, desde o primeiro armazém no Arrecife dos Navios até hoje. Tantas mudanças, ora com intuitos de esquecer um passado colonial considerado atrasado, ora com vontade de resgatar eventos esquecidos, refletem os valores culturais que as camadas detentoras do poder possuíram ao longo do tempo. Mas não somente os poderosos.

Claro que não se podem afastar as relações econômicas que estão intrinsecamente ligadas às alterações do espaço urbano. Durante o domínio holandês, a falta de espaço para os novos ocupantes no povoado dos Arrecifes e os altos preços dos aluguéis obrigaram a ocupação da Ilha de Antônio Vaz, remodelando o ambiente. Após a Restauração Pernambucana, o desenvolvimento comercial da capitania fez florescer a arquitetura barroca. O Recife da virada dos séculos XIX para XX se tratava de uma sociedade que estava se acostumando ao consumo de produtos importados. Era uma cidade que estava em busca de sua modernização, uma aproximação com as grandes cidades europeias, desejo que seria materializado pela remoção do casario colonial e sua substituição pelos prédios ecléticos nas primeiras décadas do século XX. O fetiche pelos ares da modernidade do século XX e a higienização/reorganização da cidade, livrando-a do apinhamento de edifícios e da sujeira que grandes concentrações populacionais inevitavelmente acabam formando, em especial os mocambos, moradia das pessoas mais pobres, apontado como principal causa das moléstias nas antigas cidades de origens coloniais.

A princípio, a Arqueologia da Paisagem pode ser interpretada como uma arqueologia das elites, que, detentoras do Poder, marcariam a paisagem com seus símbolos. Porém, a pobreza também deixa suas marcas. Um espaço outrora ocupado por comerciantes, auxiliares e funcionários da administração pública agora estava parcialmente demolido, com pessoas de pouco poder econômico (cujas principais atividades estavam ligadas às antigas formas de se gerir um porto) que não teriam condições de manter a estrutura física do local. Antes de ser uma arqueologia dos ricos ou dos pobres, a Arqueologia da Paisagem Urbana consegue observar os símbolos deixados pelas pessoas no ambiente que foi por elas modificado, interpretando seus significados e trazendo-os de volta.

Com isso pode-se recuperar aquilo que o discurso oficial, inscrito na paisagem pelo poder vigente quis apagar. Quem sofre a tentativa de ser apagado da paisagem pode resistir a uma nova semântica urbanística opressora? O novo momento de Requalificação Urbanística do Recife escreve novas mensagens e um discurso (não tão novo) na paisagem urbana, ele está nos prédios, nas ruas, nas paredes e no que foi demolido e jaz no solo. O estudo arqueológico da paisagem urbana não é uma arqueologia das elites, mas do que os detentores do poder tentam ocultar.

Referências Bibliográficas

ÁLVARES, Ricardo Luís Barbeito. *A Bilhardice*: projecto de intervenção estético-artística para a cidade do Funchal. Dissertação (Mestrado em Arte e Património: no Contemporâneo e Actual) – Universidade da Madeira, 2009.

AUGÉ, Marc. *Non-places*: introduction to anthropology of supermodernity. Trad. Inglês John Howe. Nova Iorque: Verso, 1995.

BARRETO, Ângela Maria Maranhão. *O Recife através dos tempos*: formação da sua paisagem. Recife: Fundarpe, 1994. 153 p. il. ISBN 85.7240-029-X.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. A cultura material no estudo das sociedades antigas. Simpósio Nacional de História Antiga 1983, 1., João Pessoa. *Atas...* Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BREDA, Daniel de Oliveira. *Vicus iudæorum*: os judeus e o espaço urbano do Recife neerlandês (1630-1654). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007, 253 fls.

CRIADO BOADO, Felipe. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. *Boletín de Antropología Americana*, n. 24, dic. 1991. Pp. 6-29. Instituto Panamericano de Geografía e Historia.

FAGUNDES, Marcelo. O Conceito de Paisagem em Arqueologia: os lugares persistentes. *Holosenviroment*, v. 9, n. 2, 2009, p. 301-315.

FAGUNDES, Marcelo; PIUZANA, Danielle. Estudo teórico sobre o uso conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, vol. 8, núm. 1, enero-junio, 2010, pp. 205-220 Universidad de Manizales Colombia.

LEONARDI, Mariagrazia. Paisagem urbana e arqueologia. *Artitextos*, n. 5, dez. 2007, pp. 59-73.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. *O Bairro do Recife*: entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife, Companhia Editora de Pernambuco/Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991. 168 p. "Coleção Gilberto Freyre, 01".

MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil. 2. ed. Coleção Pernambucana. Governo do Estado de Pernambuco. Secretária de Educação e Cultura. Departamento de Cultura. Recife, 1978.

NEVES, André Lemoine. A arquitetura religiosa barroca em Pernambuco – séculos XVII a XIX. *Arquitextos*, ano 05, maio 2005.

PONTUAL, Virgínia. *Experiências urbanísticas e representações de cidade*: o Recife civilizado. In: PONTUAL, Virgínia; CARNEIRO, Ana Rita Sá (orgs.). História e paisagem: estudos urbanísticos de Recife e São Luís. Recife: Bagaço, 2005, 396 p. il. pp. 23-48.

SOARES, Inês Virgínia Prado; QUINALHA, Renan Honório. Lugares de Memória no cenário brasileiro da justiça de transição. *Revista Internacional Direito e Cidadania*, fev. 2011. ISSN nº 1983-1811. Disponível em: <http://reid.org.br/?CONT=00000263>. Último acesso em 07 abr. 2013.

SOUSA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus*, revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, V. 3, n. 2, pp. 291-300. Goiânia, jul.-dez. 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Reconstrução Paleoambiental e Arqueologia[131]

SILVA, Sergio F S M da[132]
ROCHA, Lucas A da[133]
LIMA, Izabela P de[134]

Resumo: Este artigo objetiva rever conceitos, novas perspectivas e o potencial de análise e interpretação em arqueologia do fator ambiental, considerando as relações homem/ambiente, os impactos em ambas as dimensões, os processos diagenéticos e a sua influência na preservação dos vestígios de ecofatos e artefatos. O advento de novas arqueologias, como a arqueologia ambiental, a geoarqueologia e a zooarqueologia, aliadas as ciências ambientais, à geografia, geologia e às ciências da antropologia e história, representa uma forma diferenciada de produção de pesquisas básicas sobre o tema. O espaço físico e a sua antropização, construtiva e destrutiva, deixam seus vestígios no registro arqueológico, com variabilidade de tipos de objetos de cultura material e ecofatos, contendo traços de apropriação simbólica do ambiente pelo ser humano que são de interesse da disciplina arqueológica. Nessa perspectiva, são apresentados exemplos de como a arqueologia formula interpretações sobre a relação entre os seres humanos e o ambiente, observáveis na paisagem.

Palavras-chave: Arqueologia Ambiental; Paleoambiente; Adaptação humana; História Ambiental

Introdução ao estudo arqueológico do ambiente

O estudo do ambiente na perspectiva da arqueologia inclui uma postura interdisciplinar e a interpretação das culturas no passado inseridas em um contexto específico. Nesse sentido, as abordagens *paleoambientais* consideram uma variedade de métodos e técnicas que abrangem a análise metódica de macro e microvestígios indicadores de características de um sistema climático, fauna, flora, delineamentos e remodelações geomorfológicas, extinção de parcelas da biomassa, sempre em relação interativa com os representantes do gênero *Homo* e o seu modo de adaptação humana ao ambiente. Dentro desta demanda científica, uma *arqueologia ambiental*, como a proposta por Schiffer (1976) e Dincauze (2000), torna-se referência

[131] Título provisório da apresentação feita no âmbito do grupo de trabalho Ambiente e Arqueologia (G6) no Evento História Ambiental, pelo Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, em Recife, PE, 2013.

[132] Docente do Departamento de Arqueologia, CFCH – UFPE, e-mail: arqueologiaforense@gmail.com
[133] Discente de graduação em arqueologia pelo Departamento de Arqueologia, CFCH, UFPE, e-mail: lucas-alves170@hotmail.com
[134] Discente de graduação em arqueologia pelo Departamento de Arqueologia, CFCH, UFPE, e-mail: izabelapereiradelima@gmail.com

significativa. Como os arqueólogos lidam com indícios de determinada cultura, conforme Wagner (2010), o seu maior problema está em como obter amostragens adequadas ou evidências suficientes para amenizar os desvios das suas estimativas ou inferências. Os conceitos e relações *homem/natureza, natureza/cultura, cultura/culturas, Homo, anthropos/homem, homem, cultura material, fome, alimentação, animal, cozinha, mão/manufacto, técnica, utensílio* representam problemas a priori insolúveis neste artigo[135], assim como ambiente e biocultura, aparecem para explicar a própria existência da arqueologia como ciência e a sua relação com os estudos fundamentais do ambiente e do comportamento humano em um passado. O humano enquanto espécie biológica é extremamente polimorfo, mas unitário, no contexto da natureza e enquanto população, o humano é também polimorfo, no contexto da cultura. No primeiro caso, a humanidade contemporânea é diversa e una, simultaneamente: estabelece-se na diversidade dentro da unidade pois que, pela sua natureza filogenética específica, consegue a inclusão de biotendências exclusivas, como aquelas expressas pela fome, sede, excitação sexual, comportamentos de dominação, agressividade e medo.

A percepção dos traços de *processos culturais* que possam indicar características do ambiente está restrita a forma de transmissão intergeracional de informações pelo meio comportamental que é característica dos humanos, segundo Ingold (2003). Ao considerar que uma das mais intrigantes características da vida humana é a extraordinária diversidade dos seus modos de existência, podemos perguntar como e por que os seres humanos diferem em suas formas de viver. Ao lado das reconstruções de contextos sistêmicos (socioculturais ou de vida), a reconstituição de contextos ambientais constituem formas de ver as relações homem/natureza sob vários aspectos. A transmissão através de gerações humanas das informações geneticamente codificadas (biológicas) e as linguisticamente codificadas (culturais) encontram-se inseridas em uma matriz ambiental. Em uma perspectiva cognitiva, o corpo humano é um instrumento passivo do processo cultural, construção mental,

[135] Entretanto bem explorados na enciclopédia portuguesa *Einaudi*. Para enriquecer essa discussão, recomendamos a leitura dos conceitos Anthropos, Natureza/cultura, Cultura/culturas, Etnocentrismos, Homem em GIL, F (coord.) *Enciclopédia Einaudi.* Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 5, p. 11-202, 1985 e Cultura material, Materiais, Homo, Fome, Alimentação, Vegetal, Fogo, Animal, Cozinha, Utensílio e Técnica em GIL, F (coord.) *Enciclopédia Einaudi.* Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 16, p. 11-352, 1985

enquanto que, sob uma perspectiva fenomenológica, este mesmo corpo torna-se ativo, intencional, não-instrumental. No *processo cultural* – de transmissão social da cultura – o gênero *Homo,* especificamente aquele caracterizado como *anatomicamente moderno* (LEWIN, 1999), possui um modo distinto de transmitir informações através das gerações e uma capacidade inata para reconhecer certos níveis de categorias distintas de ações culturais. Nesse contexto, uma pedagogia entra em ação junto dos sujeitos da cultura, os modelos ou pedagogos e os aprendizes: a ação é representada quando o modelo ensina uma ação, o aprendiz imita ou repete o modelo, este observa a *performance* do aprendiz e corrige conforme um *standard* cultural pré-existente. A paisagem e os objetos do mundo real relacionam-se com os sujeitos da cultura mediante relações analógicas, por símbolos, isto é, existe uma ressonância simbólica do objeto pelo que ele representa. As analogias simbólicas constituem metas dos processos culturais e nesse sentido, os símbolos referem-se a entidades, eventos, movimento e processos no âmbito de uma história geral da representação simbólica humana.

No processo cultural, descrito por Ingold (2003), os ambientes são colocados para fora dos espaços e construídos em vários graus. Existem variações nas maneiras como o espaço é organizado para comportar e atender as atividades humanas e essas variações estão de acordo com os diferentes esquemas cognitivos que as pessoas utilizam, sob a forma de mapas mentais, na sua relação direta com o meio ambiente físico. Imagens mentais preconcebidas sobre o ambiente e os seus elementos estabelecem-se em sistemas simbólicos eminentemente culturais – ou subsistema simbólico de um sistema sociocultural como um todo - com natureza polimorfa e com variabilidade distendida e complexa (elementos ou traços, complexos e padrões culturais, por exemplo). A sua observação torna-se possível pela recorrência ou ausência no processo de interação homem/símbolos/ambiente. Cultura é, assim, a parte do ambiente feita (ou simbolizada) pelo homem (HERKOVITSs, 1948 *apud* MARCONI, PRESOTO, 2011).

Sobre os estudos paleoambientais na arqueologia:
por uma *arqueologia ambiental*

O prefixo "paleo", do grego *palaiós* (velho, antigo), morfema aplicado a ambiente, refere-se ao ambiente do passado, antigo ou "extinto". O termo "extinto" é extremamente finalista, inorgânico e denota uma inexistência física atual do mesmo. Assim, os vestígios da existência de paleoambientes encontram-se inseridos no contexto ambiental como um todo, dinâmico e em constante remodelação, podendo ser percebidos, por exemplo, nas interpretações dos contextos arqueológicos, históricos, geomorfológicos e paleontológicos. Mas a reconstrução de qualquer ambiente antigo possui objetivos dentro de problemas específicos de pesquisa. Para os arqueólogos, *o objetivo da reconstrução paleoambiental é a descrição das mudanças nos contextos físico e biológico da existência humana* (DINCAUZE, 2000, p. 23). O amplo alcance da abordagem científica para delinear e interpretar a ecologia dos sítios arqueológicos conta com métodos e técnicas para mensurar o tempo (isótopos e magnetismo), das ciências da reconstrução do clima, geomorfologia, sedimentologia, pedologia, paleobotânica – ou *arqueobotânica*, segundo Bird (1991) e paleoecologia da fauna. Como a reconstrução do ambiente antigo depende do estudo de um objeto de natureza vestigial, podemos considerar que, então, depende da compreensão dos processos pelos quais um organismo vivo é transposto da biosfera para a geosfera (ou litosfera). Esses processos denominados processos tafonômicos incluem a fossilização, desintegração e reciclagem dos organismos biológicos. Os estudos de tafonomia realizados no interior das pesquisas de reconstrução paleoambiental possibilitam compreender as sequências e agentes de transformação, deposição, enterramento e preservação, relevantes para a avaliação de remanescentes orgânicos de populações vivas (macro e microvestígios botânicos, por exemplo).

Na perspectiva da arqueologia, os parâmetros para considerar o ambiente/natureza devem, a priori, incluir o objeto desta mesma ciência. O caráter vestigial dado ao objeto de estudo dos ambientes antigos justifica-se pelas alterações tafonômicas que modificaram parcelas desse mesmo objeto. A fragmentação e incompletude dos elementos biológicos de um dado ambiente antigo resultam dos processos pelos quais os organismos vivos foram transpostos da biosfera para a geosfera (ou litosfera): a fossilização, desintegração e reciclagem. Nesse aspecto, a tafonomia efremoveana

possibilita a compreensão das sequências e agentes de transformação, deposição, enterramento e preservação, relevantes para a avaliação de remanescentes orgânicos de populações vivas (macro e microvestígios botânicos e faunísticos, por exemplo). Mas a natureza do objeto de estudo da arqueologia é, também, vestigial, fragmentário. Este inclui a cultura material; os princípios da deposição, estratificação, sobreposição, fragmentação; as estratégias e táticas para localizar, evidenciar, documentar, recuperar, transportar, analisar, conservar e recodificar (musealizar, arquivar) que podem ser datas pelos métodos invasivos e não invasivos dos substratos arqueológicos: *escavação total* ou amostral, prospecção, mapeamento, documentação. No caso da arqueologia, existem categorias básicas de evidências indicadoras de comportamentos humanos no passado e sobre os seus modos de adaptação ao ambiente. A primeira está representada pelos *artefatos*, objetos móveis feitos, utilizados e modificados pelo homem (incluem elementos do próprio depósito ou da paisagem modificados pelo homem); objetos imóveis: estruturas simples (pisos, estacas) e complexas (construções). Os *ecofatos* compõem uma segunda categoria de evidência. São os restos orgânicos e ambientais, não artefactuais (conforme um enfoque ecológico), representados pelos ossos de animais, restos de plantas, solos e sedimentos. Essas duas categorias auxiliam na interpretação sobre a dieta e as condições ambientais. No primeiro e no segundo caso, as evidências podem ser formadas de materiais inorgânicos, como os artefatos líticos, artefatos cerâmicos e metais e por materiais orgânicos, como os vegetais, animais, processados ou utilizados para a confecção de artefatos, estruturas, entre outros. Os jazidos arqueológicos contêm esses *artefatos* e *ecofatos*, marcas de atividade humana, e podem ser estudados em relação à paisagem circundante, agrupados e regiões.

Em paleoantropologia, o estudo do fenômeno da dispersão do gênero *Homo* (CELA-CONDE, AYALA, 2010; LAHR, 2005; LEWIN, 1999) tem considerado as ocorrências geográficas das variabilidades morfológicas e as razões e formas da sua expansão. A evolução biológica de novas espécies e a extinção de espécies viventes, incluindo os hominídeos, está vinculada a alguns fatores, como a) a qualidade das propriedades herdadas de uma linhagem, b) as interações entre os membros de uma mesma espécie e destes com as demais na forma de competição por recursos, como alimentos, espaço, mutualismo e predação, associadas à seleção natural; c) o contexto

físico, geografia e sistema climático, que determinam as espécies que podem prosperar conforme a sua adaptação (LEWIN, 1999). Assim, o ambiente possui uma parcela de influência no processo de especiação e remodelação no fluxo da vida, incluindo a evolução da diversidade dos humanos modernos.

Torna-se fundamental, para a reconstrução das histórias das populações humanas – e da *história geral da humanidade* - compreender os *contextos* dos vestígios arqueológicos e paleoantropológicos. Os contextos de um objeto (artefato, estrutura, construção, resto orgânico) podem ser: a) de nível imediato – a matriz circundante (arenosa, argilosa, etc); b) situacional – sua planialtimetria; c) associativo – relações entre os vários objetos; d) contexto social ou sistêmico (de vida, reconstrutivo); e) contexto arqueológico (deposicional, fragmentário, formativo). Sobre os contextos arqueológicos, interessa o como se formaram, como se transformaram; como se apresentam a nossa observação no instante em que são capturados das suas histórias de transformações. A teoria hierarquiza conceitos que refletem os vários níveis de integridade dos atributos observáveis de uma cultura arqueológica e existem métodos para a produção de informação ou conhecimento arqueológico sobre os vários níveis de atributos ou vestígios e contextos. O que o arqueólogo encontra depende de fatores antrópicos e/ou naturais, antigos ou recentes e dos métodos e técnicas arqueológicas (e seus direcionamentos teóricos) para encontrar, identificar, recuperar e conservar (explanar e interpretar) os materiais arqueológicos (sistemas sócio-culturais). Desse modo, o arqueólogo reinventa as culturas do passado participando da interpretação dos contextos de campo. Esses contextos são formados pela ação do ambiente e de dos seres vivos que dele fazem parte. Assim, os processos tafonômicos responsáveis pela formação dos registros arqueológicos constituem-se em duas formas sintéticas, propostas por Michael Schiffer (1987): a) os processos pós-deposicionais culturais (*c transform*), que incluem atividades humanas intencionais ou acidentais (fabricação, utilização, abandono, descarte, atividade agrícola) – verificados a posteriori e b) os processos pós-deposicionais naturais ou não culturais (*n transform*), que incluem processos de enterramento gradual ou imediato, catástrofes naturais, deposição de areia e outros sedimentos pelo vento, ação de rios, animais e plantas, das intempéries (bioturbação, fitoturbação, geoturbação, entre outros), também verificados *a posteriori*. São essenciais para a

compreensão e distinção de evidências arqueológicas resultantes de ação humana ou não humana; para a reconstrução da vida humana do passado; distinguir sinais deixados por instrumentos fabricados pelo homem de dentes e unhas de animais. Na perspectiva dos processos deposicionais culturais estão incluídos os traços, complexos ou padrões culturais relacionados as atividades do (passíveis de reconstrução) comportamento humano associado à aquisição de matéria prima (rochas, trigo, milho, conchas, osso), a sua manufatura ou processamento, uso/consumo, descarte, reciclagem, excreção e abandono, enterramento de bens e cadáveres (práticas funerárias) e a destruição acidental ou intencional dos materiais remanescentes – a uma cadeia de custódia dentro de um subsistema tecnológico de um sistema sociocultural.

Quando a escavação arqueológica "recupera" ou proporciona a observação e "invenção reconstitutiva e inferencial" de contextos resultantes de processos pós-deposicionais naturais – que causam degradação e/ou conservação dos materiais arqueológicos e seus contextos primários, gerando contextos pós-deposicionais secundários ou terciários – estes são estudados em relação ao nível (material circundante matricial, como as características do solo ou composto da matriz), clima (tropical – características internas: chuvas, solos, temperaturas, umidade, erosão, flora e fauna em associação), catástrofes naturais (terremotos, vulcanismo, etc) e ambientes secos (desérticos), frios (zonas glaciais polares, permafrost, altas altitudes), úmidos - lacustres e pantanosos (turfeiras). Os fatores que afetam os sistemas climáticos estão intimamente relacionados aos processos tafonômicos pós-deposicionais naturais de Schiffer (1987). Tais sistemas podem ser afetados por fatores externos (energia solar, geometria orbital, inclinação axial, tectonismo – mudanças isostáticas e eustáticas - , vulcanismo) ou internos (atmosfera, geosfera, hidrosfera, criosfera – gelo ou neve - e biosfera) e são mutuamente interdependentes (MEGGERS, 1979).

Ainda a arqueologia, utilizando a *escavação* – intervenção invasiva sistemática nas cotas negativa ou positiva – sob uma perspectiva vertical e horizontal, propicia a experimentação de dois princípios fundamentais: o da estratigrafia, estratificação (da geologia), relação entre os estratos ou níveis de vestígios culturais e naturais visíveis

em cortes, perfis e trincheiras de escavações; e o da superposição de níveis estratigráficos (interesse cronológico, excluindo-se intrusões ou percolações): refere-se a sequência de deposição e transformação dos vestígios (observação guiada por métodos da tafonomia). A estratificação pode ser geológica ou cultural e nessa diferença está a distinção entre o natural e o não-natural ou *antrópico*. Junto com o *antrópico*, o *antropomorfizado*, inclui-se o *sobrenatural* e todos os processos humanos *simbolizadores*. Também os sítios arqueológicos podem ser localizados a partir da observação da geomorfologia de uma região (CRUZ, 1984): os sambaquis em enseadas e os sítios lito-cerâmicos em enconstas ou vales, os abrigos cemitérios nas encostas baixas das serras.

No âmbito da reconstrução paleoambiental, as pesquisas palinológicas representam um modo de tornar a análise possível de mundos invisíveis ou microscópicos. Os polens, quando preservados e comparados com coleções de comparação e identificados, propiciam a reconstrução da história da vegetação (biohistória da flora), o estudo fitogeográfico, da história do clima, da ecologia das plantas, da intervenção e uso de sistemas naturais pelo homem e a reconstrução do uso de sequências estratificadas de polens para obter controle cronológico e correlações estratigráficas em outros estudos paleoambientais. Interessa, quando no âmbito arqueológico, explicar as condições específicas de deposição, enterramento e conservação, de acontecimentos específicos, de um padrão específico de acontecimentos e de uma classe de acontecimentos.

Para a reconstituição de um ambiente extinto quanto ao clima, são recorrentes na arqueologia os métodos pelos estudos dos sedimentos do leito marinho (amostras de colunas de sedimentos com vestígios de microfósseis de foraminíferos e moléculas orgânicas): obtenção de registros climáticos, temperatura e salinidade da superfície do mar em distintas épocas; o estudo de colunas de camadas estratificadas de gelo e sua complementação ou comparação com as de sedimentos dos leitos marinhos; o estudo de isótopos de oxigênio 18 e 16 presentes em amostras de solo e gelo para a determinação das precipitações pluviométricas e a força dos ventos; as observações fenológicas (comportamento de animais e vegetais em relação às estações do ano); as análises dendrocronologicas (estudo das árvores). Também, aliando-se às ciências da

terra (geologia, geografia e ciências ambientais), a produção de conhecimento arqueológico considera os métodos de reconstituição paleoambiental pelas linhas de costa. Nesse caso, os efeitos climáticos importantes refletem a quantidade de terra disponível pelas antigas linhas de costa. Torna-se importante a análise de arrecifes de corais e dos isótopos de oxigênio dos sedimentos marinhos; estudo dos sambaquis (afastados das linha de costa ou submersos) e das conchas carbonáticas dos mesmos; reconstrução dos contextos dos domínios morfoestruturais e litológicos, dos regimes bioclimáticos e hidrodinâmicos. Sobre esse aspecto, podem ser revistos os casos estudados por Martin, Suguio e Flexor (1984), Vietti Bitencourt (1998) e Cruz (1984).
Os métodos da paleobotânica estão relacionados à palinologia. Esta tem dominado os estudos paleoambientais desde 1920 e incluiu princípios da ecologia e a interdependência com as ciências ambientais, considerando a presença da interferência humana nos sistemas naturais. Entender essa interferência significa, primeiro, fazer uso de uma *arqueopalinologia*. Três classes de dados primários sustentam os estudos do passado da biosfera e das relações do homem com as plantas: os remanescentes macrobotânicos (fragmentos e partes visíveis e identificáveis de plantas), remanescentes microbotânicos (partes de plantas e produtos que requerem magnificação para o estudo – polens e esporos, algas, fitólitos) e os resíduos moleculares e químicos ou traços. Os remanescentes microbotânicos são pequenos e abundantes, os grãos de pólen e os esporos percorrem as cinco esferas do sistema climático. Devido a sua resistência à destruição – o material genético é protegido por *exina*, um polímero (esporopolenina) resistente a enzimas, ácidos e resistente à abrasão - e relativa especificidade da sua morfologia, servem de objeto ao estudo científico dos polens e esporos. Os grãos de pólen são produzidos pelos órgãos reprodutivos masculinos de plantas com flor e coníferas e são dispersados por inúmeros mecanismos para fertilizar os órgãos femininos. Os esporos são células reprodutivas asexuais de plantas sem flor (criptógamas), como as samambaias e fungos.

Retomando os métodos de reconstrução paleoambiental em escala global, temos as seguintes classes de evidências, retomando Renfrew e Bahn (1993): a) no oceano: estudo das colunas sedimentares do leito marinho; das flutuações das espécies representadas, morfologia dos microorganismos e sua sequência nos estratos

(foraminíferos indicam temperatura e salinidade da superfície marinha em épocas diversas, moléculas orgânicas e isótopos estáveis de oxigênio); b) em áreas frias: colunas de camadas de gelo – isótopos de oxigênio indicam oscilações do clima; c) resultantes da ação dos ventos: estudo comparativo de isópopos no solo indicam precipitações, evaporações e ação dos ventos (regiões quentes e frias); d) nas antigas linhas de costa: mudanças na flutuação do nível do mar por regressões e transgressões alteram o percentual de terras disponíveis, remodelando a paisagem, flora e fauna, o clima, a mobilidade e fixação humanas e seus remanescentes arqueológicos (indicadores dessas mudanças); e) dadas pela localização e topografia das superfícies terrestres submersas (levantamentos isostáticos); f) oferecidas pelo estudo das praias e suas características geomorfológicas, concheiros e terraços emersos; g) nos arrecifes de coral fóssil; h) os registros rupestres (expressão simbólica de representações do meio ambiente marinho em áreas interioranas indicando mudanças dos entornos costeiros – Austrália); i) os sedimentos da paisagem circundante dos depósitos arqueológicos (características do terreno, disponibilidade de água, dos lençóis freáticos, propensão às inundações, terremotos, tectonismo, vulcanismo): remodelações glaciais do relevo, pelos rios, fenômenos periglaciais, sedimentação em cavernas, indicadores pedológicos do clima (sedimentos finos transportados pelos ventos – *loes* , solos aterrados e paleosolos; j) pelos estudos dendrocronológicos e dendroclimatológicos; k) restos macro e microbotânicos: análises polínicas, de fitólitos, diatomáceas, sementes, frutos e outras regiões das plantas; l) restos da macro e microfaunas: insetos, roedores, aves, peixes, moluscos terrestres e marinhos.

A exposição de métodos de estudo do ambiente antigo não cessa aí. A relação Arqueologia/ Ambiente se dá na *Arqueologia Ambiental* e na *Arqueologia da Paisagem*. A primeira está voltada, a priori, ao estudo e compreensão do ambiente natural e a segunda, à reconstituição do ambiente cultural. Parece-nos que a arqueologia que trata do ambiente natural engloba a que trata da paisagem. Entretanto pequenas dúvidas persistem: as duas arqueologias tratam de um só objeto ou um está contido no outro? O ambiente simbolizado ou tornado parte da cultura humana representaria a paisagem? Podemos inferir sobre as condições do sistema climático no passado sem relacioná-lo imediatamente aos seres humanos. Também

uma vegetação pode ser reconstituída e dedutiva ou indutivamente observada sem a presença humana. Uma perspectiva de estudo da paleovegetação e de pesquisa de paleoclimas podem (ou não) ser focadas na presença do homem. O interesse arqueológico nas paleovegetações e paleoclimas – reconstruções mais prováveis nas ciências ambientais, geografia e geologia (paleontologia), geografia física, geomorfologia, biogeografia e fitogeografia – existe quando está incluída a presença humana. O termo "paleo" arrasta para um passado distante o clima, a flora, a fauna e o próprio homem, suas doenças e cultura. Obviamente o problema do tempo (e tempo-espaço) está em questão e a sua resolução, num primeiro instante, está ofertada pela ciência histórica, seguida da arqueologia, geologia, física, tafonomia e as *paleociências* (paleobotânica, paleoantropologia, paleontologia, paleopatologia, paleodendrocronologia, paleoclimatologia, paleopalinologia, entre outras).

Revendo o estudo de Eckhardt (2004), uma *paleobiologia* aparece como uma disciplina, uma ciência e um paradigma. Provavelmente ela (ou essa tríade geradora de conhecimento científico sobre o passado) consiga sintetizar a aflição que está na reconstrução de parcelas do passado do ambiente no qual populações humanas evoluíram bioculturalmente. Mas, segundo o autor, evidentemente, a *paleobiologia* nada mais é do que uma subdivisão da paleontologia, assim como poderíamos relembrar e associar que, segundo Haviland (1994), a *arqueologia*, que estuda os remanescentes materiais, comumente do passado, com o objetivo de descrever e explanar o comportamento humano, seria um braço da antropologia cultural, uma subdivisão da antropologia. Uma similaridade modesta existe entre essas duas subdivisões de duas grandes ciências: uma atitude definitivamente voltada à uma reconstrução específica do passado. A *paleobiologia*, quando especificamente dirigida ao gênero *Homo,* contribui com os estudos ambientais quando combina morfologia descritiva com biologia funcional e explora as implicações dos remanescentes de esqueletos fósseis e outros tipos de evidências para resolver questões sobre dinâmicas filogenéticas e evolutivas dos seres vivos. Mas já que as evidências paleontológicas são em si mesmas *estáticas*, compreendendo partes de esqueletos fossilizados e remanescentes associados de outras naturezas, a abordagem paleobiológica dessas mesmas evidências é *dinâmica*. A tafonomia, observada nos processos como a fossilização, articula-se aos estudos taxonômicos, da adaptabilidade

humana no passado e no presente e à filogenia dos hominídeos mensurada em sua diversidade morfológica e molecular. Interessa a reconstrução paleobiológica de populações fragmentadas, a identificação da emergência de hominídeos "mais avançados", da dispersão, seleção natural, especiação - e da evolução biológica - dos mesmos. As populações de hominídeos respondem às influências do ambiente ao longo do tempo e isso pode ser explanado por modelos.

Diante de influências ambientais, observáveis nos atributos ou agentes ambientais físicos e bióticos - como o terreno, radiação, temperatura, umidade, água, alimentos, abrigo, parasitas, patógenos, entre outros - , determinados mecanismos de controle ou tamponamento culturais e comportamentais desencadeiam controles adequados ou inadequados desses agentes do meio. A homeostase, normas diferentes de reação, sobrevivência e reprodução sexuada parecem adequados enquanto respostas dos hominídeos às ações do ambiente. Mecanismos de tamponamento ou controle fisiológico que advém do conjunto de reações culturais e comportamentais são inadequados no modelo de Eckhardt (2004) pois geram uma plasticidade no desenvolvimento que podem gerar adequações (homeostasia, reações diferentes, sobrevivência e reprodução) ou inadequações, sinergeticamente relacionadas, como mudanças persistentes nos estados dos caracteres, frequência de genes e atributos fenotípicos, que resultariam em evolução filética, especiação ou, de forma inadequada, na extinção do organismo vivo. No contexto da adaptação humana aos agentes ambientais, há, pelo menos dois aspectos a serem considerados quando um quadro de adaptabilidade humana ultrapassa alguns dos contextos interpretativos alternativos empregados na paleoantropologia. O primeiro é a documentação quantitativa altamente detalhada sobre a extensa variação intrapopulacional e interpopulacional dentro de nossa espécie, tal como existe hoje. O segundo é a consciência de que, embora grande parte desta variação seja hereditária, algumas surgem através da plasticidade do desenvolvimento e resposta fisiológica, bem como pelas remodelações e reacomodações culturais diante dos desafios ambientais. Esses aspectos são de interesse da paleobiologia. Os fenômenos de autorregulação para a preservação da constância das propriedades e composição do ambiente interno dos seres vivos, aqui os primatas do gênero *Homo,* relacionam-se à conservação da estabilidade por mecanismos regulatórios e ajustes dinâmicos dos corpos. Como

princípio básico da fisiologia (na biologia, medicina, cibernética, psicologia, filosofia, história), a homeostasia ou homeostase relaciona-se ao bom funcionamento de um órgão ou organismo, em sistemas abertos ou fechados, sendo interna (no corpo, no aparelho psíquico) ou externa, em relação entre o organismo e o ambiente. Interessa a autorregulação pela conservação de níveis toleráveis de produção e eliminação de substâncias – no caso biológico – ou de equilíbrio entre necessidades e satisfações (homeostasia psicológica), por exemplo.

Ambiente (re)inventado pelos novos olhares da arqueologia: os "arqueoambientes"

O estudo da paleovegetação e dos paleoclimas nas diversas macroregiões do Brasil depende da reconstituição de paleopaisagens, a observação de extensas superfícies erosivas e das superfícies geomórficas. Nesse processo, estão incluídos alguns objetivos: a) utilizar e relacionar (evolução geomorfológica em escala regional) dados sedimentológicos, estratigráficos, tectônicos e paleopedológicos em um estudo multidisciplinar (geografia, geologia e arqueologia); b) estudar o paleointemperismo que propicia a reconstituição paleoambiental e paleogeográfica. Nesse caso, interessam os processos erosivos e deposicionais e os paleossolos (quando preservados).

E os solos? Na perspectiva paleopedológica, o objeto de estudo são os solos soterrados ou incorporados as sequências sedimentares; solos que permaneceram em superfície sendo alterados em ambientes posteriores: apresentam remodelações do antigo ambiente em que se formaram como registros da ação do clima, dos vegetais, da forma de relevo, pedogênese e taxas de sedimentação antigas. Os paleossolos, mesmo litificados, podem apresentar evidências biogênicas, como marcas de raízes e de animais escavadores. São solos originais – relíquias – soterrados ou inumados. Essa paleopedologia também trata das correlações de seções colunares dos perfis de solo de uma determinada região. Em consonância com os estudos do solo, as mudanças paleoambientais incluem o entendimento da distribuição faunística. Esta envolve muitas considerações sobre mudanças climáticas

que foram causas da expansão e retração das florestas no passado (PEROTA, BOTELHO, 1994); os estudos palinológicos , como os desenvolvidos em Rondonia, que revelaram uma grande expansão das savanas durante o Holoceno, com clima mais seco que o atual; o estudo dos sedimentos indicam que ocorreram flutuações relativas do nível da água nas regiões dos rios Branco, Paru, Negro e Purus que refletem mudanças nas precipitações na bacia amazônica nos últimos 5.000 anos (PEROTA, BOTELHO, 1994).

Constituem alguns exemplos de mudanças paleoambientais que ocorreram no Brasil e que expressam métodos e técnicas de interesse arqueológico sobre o ambiente: a) na Ilha de Marajó, por volta de 5970 AP, depois de um período seco, com predomínio de gramíneas e ervas, a floresta expande-se por toda a ilha. A partir de 2500AP, o clima volta a ficar seco, alterando o ambiente, com o retorno das ervas e gramíneas sobre a floresta (análise de sedimentos do Lago Arari) – alternância gramíneas-floresta-gramíneas; b) a palinologia indica a ocorrência de pelo menos dois episódios climáticos diferentes do atual na Amazônia; c) durante o Holoceno, na região costeira, o clima apresentou alterações, com variação do nível do mar e mudança na paisagem; d) os métodos paleoambientais para a região costeira incluem dados geológicos e do meio ambiente (latitude, clima, vegetação, fauna dos sambaquis) e datações de C14; e) a abordagem antropológica possibilita o estudo dos grupos lingüísticos pela correspondência cronológica, geográfica e dos refúgios florestais: antes de 2000AP ocorreu a dispersão dos grupos Arauak e Karib em condições ecológicas diferentes das atuais e antes e depois de 2000AP, os grupos Tupi e Pano se dispersaram.

Na perspectiva da reconstituição paleoambiental no Brasil, mais especificamente sobre as variações do nível marinho, resultantes da variação dos volumes das bacias oceânicas do planeta, na zona costeira foram sugeridas reconstituições dos antigos níveis marinhos do Quaternário. Durante o Holoceno na costa brasileira, a 5000AP, o nível do mar chegou as altitudes máximas de 3,5 a 4,7m (em relação ao atual); depois de 3600AP, os sedimentos indicam que o nível do mar começou a baixar. Entre 2700 a 2270AP, existe uma maior complexidade no padrão das mudanças do nível marinho. Na região norte do Brasil, os métodos incluem a análise do conteúdo estratigráfico, cultural, geomorfológico, aplicação do modelo de refúgios florestados e outros

modelos propostos para a Amazônia brasileira; na região do baixo Xingú os regimes hidrográfico e climático apresentam alternâncias em três períodos, que afetaram profundamente as populações pré-históricas da região, o que foi possível pelas pesquisas nos sambaquis Guara I e II.

Pelos estudos de Perota e Botelho (1994), a evolução do paleoambiente na região do alto Xingu a partir de 3.200AP caracteriza-se pelas seguintes características, conforme a cronologia: a) entre 3.200 e 2800AP: uma população ceramista (fase Macapá, tradição Mina) instala-se nos terraços argilo-arenosos da margem direita do rio Xingu; b) entre 2800 e 2500AP: período de intensidade pluviométrica, sem registros arqueológicos; c) de 2500 a 2200AP: populações ceramistas estão presentes no terraço argilo-arenoso do sítio Salvaterra e no sambaqui fluvial Guara I, com um período hidrográfico de menor intensidade, provável retração da floresta, maior presença de gramíneas e uma variedade de pequenos arbustos; d) entre 2200 e 1600AP: ocorreu um período de intensidade pluviométrica, com nível de água mais elevado, sem registros arqueológicos. No final do período, as águas baixaram e formaram-se terraços arenosos; e) entre 1600 e 1200AP: oscilações hidrográficas no rio Xingu que proporcionam a coleta de moluscos nas margens direita (*fase* Macapá) e esquerda (*fase* Guará). Foi praticado algum tipo de agricultura. Ao final, um período mais seco; de 1200 a 1100AP: foi verificada uma alteração no regime pluviométrico, sem informações arqueológicas. Nos sítios arqueológicos Guará I e II foi registrada uma camada perturbada pela ação das águas, que subiram além das médias; f) entre 1100 e 800AP: volta da *tradição* Guará que se instala nos sambaquis; a "Fase Independência" da "Tradição Policrômica" vai para os terraços arenosos formados nos períodos anteriores; período de menor intensidade hidrográfica, vasão mais rápida do rio, afetando os terraços arenosos; e g) entre 800 e 750AP: o nível do rio estabiliza-se, as populações dos sambaquis Guará I e II diminui e aumentam as dos sítios da Tradição Policrômica; configuração do nível de base do Xingu, aumento do seu volume e erosão dos terraços arenosos, fazendo migrar as populações da Fase Independência, Cacarapi e Criajó para lugares mais abrigados. Outras fases arqueológicas aparecem na região (Curuá – Tradição Incisa Ponteada; Pacajá e Arara – Tradição Itacaiunas) e assentam-se nos tabuleiros terciários. As marés litorâneas

influenciam na oscilação dos níveis do rio Xingu: terraços arenosos mais recentes são destruídos, com seus sítios arqueológicos.

Ainda sobre a adaptação de populações pré-históricas na Amazônia, Perota e Botelho (1994) recuperam os exemplos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica em 1976 para testar o modelo dos refúgios florestados e a adaptabilidade humana diante de novas situações ecológicas, baseada nos avanços dos estudos paleoambientais e verificando situações compatíveis com modelos biogeográficos conhecidos. Foram identificados hiatos cronológicos sem presença de vestígios arqueológicos na Ilha de Marajó entre 2870-2020, 1670-1570, 1370-1260 e de 800 a 630AP que correspondem a períodos de seca e regressão da floresta na região. Na região amazônica, a manipulação de plantas pode ter diferentes formas, não necessariamente a domesticação. Constituem os sistemas dos diversos padrões de subsistência, em resposta às condições ambientais e em parte um reflexo da tecnologia dominada pela população. Nesse contexto, no médio curso e na foz do Amazonas, a cerâmica surge na tradição Mina por volta de 4750BP (SCATAMACCHIA, 1991 *apud* PEROTA, BOTELHO, 1994). O estudo das formas de adaptação humana ao ambiente na região Norte do Brasil, no caso das pesquisas arqueológicas, deve considerar a análise da dinâmica dos eventos geomorfológicos holocênicos (os sedimentológicos, especificamente); a análise dos eventos paleoclimáticos; e o estudo da localização, espacialização e cronologia dos eventos ocorridos nos sítios arqueológicos.

Nas regiões sul e sudeste do Brasil, as reconstituições paleoambientais apresentam vários exemplos. Entre os mais sintéticos ou menos fundamentados cientificamente – em relação aos trabalhos de pesquisa contemporâneos - temos a descrição dada por Schmitz (1998). Segundo o autor, em Santa Catarina, os sítios pré-históricos costeiros estão em praias abertas e manguezais, atualmente locais pouco expressivos como fontes de abastecimento. Observou-se pouca remodelação paleoambiental (em certas áreas) nos últimos milênios nas enseadas, onde os peixes, mamíferos marinhos e moluscos são permanentemente renovados. Também ocorre uma estática cultural ou permanências da subsistência, tecnologia e organização social nesses ambientes com baixa remodelação paleoambiental. Populações do interior incorporaram o litoral em

seus territórios de domínio (captação), ocasionando descontinuidades das culturas litorâneas. Para este autor, a oscilação do nível do mar evidentemente afetou as regiões costeiras das regiões sul e sudeste do Brasil. Dez anos antes, Figuti (1989) estudava um sambaqui do litoral paulista. A região costeira em São Paulo, formada de rochas cristalinas (com intrusão de rochas alcalinas e ultrabásicas) apresenta escarpas e relevos isolados na planície litorânea. Esta é formada por sedimentos terciários e quaternários de origem continental, mista e marinha. O clima é quente e úmido. Por volta de 3800BP o nível marinho era igual ou mais baixo que o atual. Em 3600BP registrou-se uma nova fase de transgressão marinha, pouco acentuada. Entre 5100 e 3800BP ocorreu um bloqueio na subida das frentes frias, ocasionando fortes precipitações nessa região e secas nas regiões Norte e Nordeste. Os padrões de subsistência entre sambaquieiros indicam, a cerca de 3800BP, uma intensa coleta de bivalves (mexilhões e ostras), que foram preservadas diferentemente, de acordo com o processo tafonômico envolvido; a pesca possuia importância similar à da coleta, com presença de peixes ainda não extintos na região; com presença da caça (a coleta de vegetais, de insetos, e eventual cultivo de vegetais pode ter ocorrido). Em 10.000BP mais ou menos ocorre uma adaptação aos sistemas costeiros por pressões das mudanças climáticas associadas ao aumento da densidade demográfica humana e a extinção da megafauna e grandes manadas. A elevação do nível do mar e estabilização das planícies costeiras favoreceram o acesso e estabelecimento das populações na costa de forma mais permanente. Somente por volta de 7.000BP a ocupação da costa litorânea é extensiva, quando são datados vários sítios similares ao sambaqui COSIPA 3, em Cubatão, São Paulo.

Na mesma região do Brasil, Afonso (1989) também efetuou interpretações sobre o ambiente da população humana por ela estudada. Os caçadores-coletores pré-históricos do Vale Médio do Rio Pardo, SP, estabeleceram-se no compartimento geomorfológico mais elevado da região ou nos compartimentos mais rebaixados nas planícies de inundação do rio Pardo e afluentes (sítio base Corredeira, sem permanência prolongada dos habitantes de habitação, ocupado em dois momentos distintos), próximos dos afloramentos de arenito silicificado. Nesse caso, o arenito constituía matéria-prima dos seus artefatos líticos. Grupos humanos ocuparam áreas elevadas e áreas inundáveis (abandonadas de tempos em tempos) e que apresentam

uso diferenciado: acampamentos temporários onde ocorria a caça da fauna das matas-galerias e cerrados das baixas vertentes, uso de cascalheiras do Pardo para confecção de artefatos líticos. Esses caçadores-coletores também ocuparam sítios com petróglifos e os grupos horticultores ocuparam em tempos distintos uma mesma região inundável, com argila nos depósitos aluviais que constituía a matéria-prima dos seus artefatos cerâmicos (vasilhas).

No mesmo período, pesquisando no estado de Mato Grosso, Brasil, o casal francês Vialou e Vialou (1989) deteve-se no abrigo Santa Elina. Datado entre 6.040 e 2.350BP, apresentou sinais de uso de madeira para esteios encontrados e inúmeros fragmentos de carvão em espessas fogueiras. Esses vestígios indicam uma importante cobertura de árvores, mais densa que a atual e com umidade climática mais forte. Os restos faunísticos, especialmente os de malacofauna e a totalidade das representações pictóricas de animais na parede do abrigo indicam um biótopo composto de árvores e águas: abundantes valvas de *Megalobulimus sp*, peixes (raia), batráquios, pássaros (Jaburu-tuiuiu), macacos, veados e antas. Os vegetais aparecem em fragmentos de esteios, carvão, galhos, folhas e frutos (babaçu), folhas de palmeira entrelaçadas e fios trançados. Não há descontinuidade notável do meio ambiente desde as ocupações pré-históricas, excetuando as modificações antrópicas da época da colonização.

Na região nordeste do Brasil, segundo Martin (1999), o grande problema que se apresenta para o conhecimento dos paleoambientes é a falta de estudos específicos nas diversas áreas arqueológicas. Para ela, a área melhor estudada é a do Piauí, tendo se destacado L. Emperaire na análise da flora, Guerin na análise da paleofauna, Olmos e Barbosa no estudo da fauna e Pellerin nas análises geomorfológicas, todos voltados a solução de problemas arqueológicos. A região de planície, ao sudeste do Piauí, no pleistoceno superior era forrada de savanas, com tufos de arbustos e recortada por zonas de florestas, com clima muito mais úmido que o atual. A presença de capivaras, animais típicos dos pântanos, é reafirmada pelas pinturas rupestres dos abrigos de São Raimundo Nonato. Em Seridó, Rio Grande do Norte, a presença de pinturas de pirogas e remeiros indica rios caudalosos (atualmente intermitentes). Estudos de estratigrafia polínica devem propiciar respostas mais precisas sobre essas afirmações preliminares. Os fenômenos climáticos do Nordeste manifestam-se mais nas grandes

variações pluviométricas do que diferenças térmicas: chuvas intensas na costa litorânea e secas no interior: ambiente tropical com domínio da aridez. As temperaturas para 95% da região variam de 18 a 40ºC, com precipitações que variam de abaixo de 500 (entre PE e BA) a 1500mm (litoral). A paisagem fitogeográfica atual apresenta a caatinga (arbustos e cactos), a floresta perenifólia higrófila das planícies costeiras, a floresta subcaducifólia tropical amazônica (de transição) e o cerrado (nos tabuleiros e chapadas, em clima semi-úmido). As datações dos assentamentos humanos no sítio Justino, em Sergipe, alcançam valores de 8950 a 1280BP, às margens do rio São Francisco. Entre o pleistoceno final e o holoceno antigo, em decorrência de um rebaixamento da plataforma continental atlântica na América do Sul, teria ocorrido a submersão de assentamento humanos litorâneos. Os habitantes do litoral apresentavam subsistência diretamente relacionada aos recursos marinhos enquanto que os habitantes pré-históricos da zona da mata, no litoral, subsistiam de recursos disponíveis em áreas úmidas e com abundantes chuvas (aldeias de agricultores da Tradição Tupiguarani). Três tipos de assentamentos podem ser encontrados na costa nordestina: os sambaquis e estearias do Maranhão, os estabelecimentos dunares do Rio Grande do Norte e os sambaquis do Recôncavo baiano e Alagoas. As datações máximas e mínimas registradas para assentamentos humanos antigos no nordeste estão entre 2655 a 2495BP, no Maranhão; 4800 a 2400BP no Piauí; 11000 a 150BP em Pernambuco; 8950 a 1280BP em Sergipe; 10000 a 417BP no Rio Grande do Norte; 9390 a 206BP na Bahia; 7773 a 7633 na Paraíba e 600BP no Ceará, todos aptos a apresentar datas um pouco mais elevadas ou não.

Finalmente encerramos este tópico, construído à maneira extensivamente descritiva e factual de Prous (1992). Outros exemplos de estudos de casos arqueológicos poderiam ser ainda descritos, pois não se esgotam facilmente, e com autores tanto ou mais prolixos.

Considerações finais

A *arqueologia ambiental* tem considerado o ser humano como um animal que interage com outros de outras espécies em um sistema ecológico (ecossistema). A latitude, longitude, conformação do terreno e clima influem na vegetação e nos animais, determinando como e onde deve viver o homem. Entretanto o nível de

determinismo ambiental parece variável, conforme o modo de adaptação humana desenvolvido e os mecanismos de autorregulação internos – para além da atitude ideológica dos pesquisadores. Considera os processos biológicos e geomorfológicos que caracterizaram o meio ambiente escolhido pelas sociedades antigas para assentamentos. Essa arqueologia relaciona-se com as teorias bioarqueológicas que incluem: a taxonomia, uma teoria da classificação formal e sistemática, fundamental para descrever e identificar, importante nas biociências aplicadas e na bioarqueologia; a teoria ecológica, desenvolvida no estudo de modernos sistemas orgânicos e biomas (unidades em escala regional da biosfera) e modificada para a aplicação em paleoambientes que não podem ser observados em sua dinâmica no presente; a sinecologia ou estudo das inter-relações de espécies dentro de um espaço definido (comunidade ecológica); e a paleoetnobotânica, uma disciplina recente que já possui um corpo teórico desenvolvido. Nesta perspectiva, ao retomarmos o objetivo da reconstituição paleoambiental, usada pela paleontologia, paleoantropologia, geografia, geologia e pela arqueologia, ficamos *a priori* com as palavras de Dincauze (2000, p. 23), segundo a qual, para "os arqueólogos, o objetivo da reconstrução paleoambiental é a descrição das mudanças nos contextos físico e biológico da existência humana". O amplo alcance da abordagem científica para delinear e interpretar a ecologia dos sítios arqueológicos conta com métodos e técnicas para mensurar o tempo (isótopos e magnetismo), das ciências da reconstrução do clima, geomorfologia, sedimentologia, pedologia, paleobotânica e paleoecologia da fauna. Para Dincauze (2000) o ambiente muda e, por exemplo, devido a sinergia existente entre os cinco fatores internos do clima, alterações ambientais ocasionam mudanças em todos os ambientes físico e biológicos. A vida no planeta, incluindo os humanos e seu HMA (*human mode of adaptation*), depende das esferas inanimadas do sistema climático para produzir condições necessárias a sua existência (e vice-versa até certo ponto). Existem opções estratégicas humanas as mudanças ambientais. Nesse aspecto, a *cultura* é o resultado do ajustamento de situações específicas, refletindo a interação de povos adaptados a circunstâncias ambientais particulares, através de meios tecnológicos particulares, em um momento da sua história. Em resposta as mudanças dos meios sociais e naturais, os indivíduos apresentam uma estratégia de ajustamento: a) flexibilidade comportamental individual; b) mobilidade espacial (expande ou retrai seu território); c) tecnologia

inovadora; d) manipulação da complexidade social e e) mudança cultural (mudanças de longa duração).

Os métodos de reconstrução paleoambiental (RENFREW, BAHN, 1993) dentro da perspectiva arqueológica visam a recomposição de contextos sistêmicos a partir de vestígios ou fragmentos de populações e seus ambientes. Assim, são importantes os estudos de a) cronologia: cronometria baseada nos isótopos e magnetismo; b) clima: suas forças motrizes, fatores em micro, meso e macro-escalas; c) geomorfologia: métodos básicos e escalas, processos costeiros, reconstrução do relevo; d) sedimentos e solos: técnicas da sedimentologia e da pedologia, pedogênese e diagêne, estudo da matriz arqueológica; e) vegetação: conceitos e métodos da paleobotânica, vestígios macro e microbotânicos, paleoecologia dos vegetais; f) fauna: paleoambientes, paleoecologia, reconstrução de ambientes faunísiticos, alimentação humana, paleopatologia. Os efeitos climáticos importantes refletem a quantidade de terra disponível pelas antigas linhas de costa. Também, neste caso é importante a análise de arrecifes de corais e dos isótopos de oxigênio dos sedimentos marinhos; estudo dos sambaquis (afastados das linha de costa ou submersos) e das conchas carbonáticas dos mesmos; reconstrução dos contextos dos domínios morfoestruturais e litológicos, dos regimes bioclimáticos e hidrodinâmicos. No caso dos sambaquis, o meio ambiente constitui um fator intrínseco à escolha deste assentamento litorâneo, pois contém atributos como o tipo e disponibilidade das matérias primas e alimentos e da base para a implantação (drenada ou seca, baixa ou alta, encostas de enseadas, praias). Uma área central de abastecimento e áreas de captação (transporte aquático); pouca necessidade de deslocamentos constantes da área central (tipo de nomadismo). A concepção de *ambiente* na perspectiva arqueológica envolve as discussões sobre espaço, paisagem e a sua apropriação e recriação cultural e simbologizante pelo *Homo sapiens*. Na produção do conhecimento arqueológico, de natureza científica, a reconstrução (ou reconstituição) paleoambiental tem representado um viés para interpretação de fenômenos do sistema climático, geomorfológico e de outros sistemas relacionados aos sistemas culturais, auxiliando na elaboração de enunciados inferenciais sobre a dimensão simbólica, tecnológica e biocultural. As perspectivas das análises paleosedimentológicas, paleogeomorfológicas, arqueopalinológicas – em abordagens

preferencialmente microestratigráficas durante as escavações - e de outros remanescentes vegetais e animais nos assentamentos humanos nas diversas paisagens das macroregiões do Brasil podem ser aplicadas de forma sistemática e integrada, visando correlacionar os dados e responder às múltiplas questões sobre a adaptabilidade humana no meio ambiente antigo. O caráter vestigial dado ao objeto de estudo dos ambientes antigos justifica-se pelas alterações tafonômicas que modificaram parcelas desse mesmo objeto. A fragmentação e incompletude dos elementos biológicos de um dado ambiente antigo resultam dos processos pelos quais os organismos vivos foram transpostos da biosfera para a geosfera (ou litosfera): a fossilização, desintegração e reciclagem. Nesse aspecto, a tafonomia efremoveana possibilita a compreensão das sequências e agentes de transformação, deposição, enterramento e preservação, relevantes para a avaliação de remanescentes orgânicos de populações vivas (macro e microvestígios botânicos e faunísticos, por exemplo). Mas a natureza do objeto de estudo da arqueologia é, também, vestigial, fragmentário. Este inclui a cultura material; os princípios da deposição, estratificação, sobreposição, fragmentação; as estratégias e táticas para localizar, evidenciar, documentar, recuperar, transportar, analisar, conservar e recodificar que podem ser datas pelos métodos invasivos e não invasivos dos substratos arqueológicos: *escavação total* ou amostral, prospecção, mapeamento, documentação. No caso da arqueologia, existem categorias básicas de evidências indicadoras de comportamentos humanos no passado e sobre os seus modos de adaptação ao ambiente. A primeira está representada pelos *artefatos*, objetos móveis feitos, utilizados e modificados pelo homem (incluem elementos do próprio depósito ou da paisagem modificados pelo homem); objetos imóveis: estruturas simples (pisos, estacas) e complexas (construções). Os *ecofatos* compõem uma segunda categoria de evidência. São os restos orgânicos e ambientais, não artefactuais (conforme um enfoque ecológico), representados pelos ossos de animais, restos de plantas, solos e sedimentos. Essas duas categorias auxiliam na interpretação sobre a dieta e as condições ambientais. No primeiro e no segundo caso, as evidências podem ser formadas de materiais inorgânicos, como os artefatos líticos, artefatos cerâmicos e metais e por materiais orgânicos, como os vegetais, animais, processados ou utilizados para a confecção de artefatos, estruturas, entre outros. Os jazidos arqueológicos contêm esses *artefatos* e *ecofatos*, marcas de atividade humana, e podem ser estudados em relação à paisagem

circundante, agrupados e regiões. Os artefatos e ecofatos, as estruturas, construções e outras denominações classificatórias sintéticas dos *objetos* estudados pela arqueologia existem em relação a um *contexto* específico. Este pode ser, a priori, classificado em alguns tipos: de nível imediato, como a matriz circundante (arenosa, argilosa, entre outros tipos); situacional, quanto à planialtimetria dos objetos; e associativo, dado pelas relações entre os vários objetos – é relacional. Na perspectiva arqueológica, em relação à presença ou ausência de ações/performances humanas, os contextos podem ser classificados em social ou *sistêmico* (de vida, reconstrutivo) ou *arqueológico* (deposicional, fragmentário, formativo). No primeiro tipo, os processos de formação do registro arqueológico, introduzidos por Schiffer (1987), seriam exclusivamente naturais, enquanto que no segundo, culturais (*n- transforms* e *c-transforms*). Em arqueologia, para além das teorias e sistemas dos objetos das sociedades modernas, os não-objetos ou as coisas destituídas do contato humano são os ecofatos. Nesse sentido, a inclusão de um universo de coisas no conjunto do saber humano imediatamente as transforma em artefatos, mesmo que nunca tenham sido tocadas ou vistas. Ainda sobre esses contextos, interessa conhecer como eles se formam; como se transformam; como se apresentam a nossa observação no instante em que são capturados das suas histórias de transformações, não sob uma perspectiva da fenomenologia da percepção (do sujeito-objeto da observação), mas sob os auspícios de uma teoria capaz de hierarquizar conceitos que refletem os vários níveis de integridade dos atributos observáveis de uma cultura arqueológica. Existem métodos para a produção de informação ou conhecimento arqueológico sobre os vários níveis de atributos ou vestígios e contextos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M C. A ocupação de grupos caçadores-coletores pré-históricos no Vale Médio do Rio Pardo (Estado de São Paulo). *Revista de Pré-História*. São Paulo: USP, v.7, p. 69-88, 1989

BIRD, R McK.; DIAS JUNIOR, O. F.; CARVALHO, E T. Subsídios para a arqueobotânica no Brasil: o milho antigo em cavernas de Minas Gerais, Brasil. *Revista de Arqueologia*. São Paulo, v.6, p. 14-31, 1991

CELA-CONDE, C. J.; AYALA, F. J. *Human Evolution: trails from the past.* Oxford: Oxford University Press. p. 194-215, 2010

CRUZ, O. A compartimentação topo-morfológica no litoral norte do estado de São Paulo e a localização de sítios pré-cerâmicos baseada em fotografias aéreas*. Revista de Pré-História*, São Paulo: USP, v.4, p. 148-150, 1984

DINCAUZE, D. F. *Environmental Archaeology: principles and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

ECKHARDT, R. B. *Human paleobiology.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004
FIGUTI, L. Estudos dos Vestígios Faunísticos do Sambaqui Cosipa 3, Cubatão, SP. *Revista de Pré-História*. São Paulo: USP, v.7, p. 112-126, 1989

INGOLD, T. (ed) *Companion Encyclopedia of Anthropology.* New York, London, p. 329-349, 2003

LAHR, M. M. *The evolution of modern human diversity. A study of cranial variation.* Cambridge: Cambridge University Press. p. 265-277, 278-331, 2005.
LEWIN, R. *Evolução Humana.* São Paulo: Atheneu, p. 49-79,387-497, 1999.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. *Antropologia: uma introdução.* São Paulo: Atlas, 2011.

MARTÍN, G. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 3. ed. Pernambuco: Editora Universitária:UFPE, 1999

MARTIN, L.; SUGUIO, K.; FLEXOR, J-M. Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praia quaternária: exemplos da costa do Brasil. *Revista de Pré-História*, São Paulo: USP, v.4, p. 128-147, 1984

MEGGERS, B. J. Climatic oscillation: a factor in the prehistory of Amazonia. *American Antiquity*. V.44, p. 252-266, 1979

PEROTA, C.; BOTELHO, W. C. Os sambaquis do Guará e as variações climáticas no Holoceno. *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: USP, v.7, p. 49-59, 1994
PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da UNB, 1992

RENFREW, C.; BAHN, P. *Arqueología, teorias, métodos y práctica*. Espanha: Ediciones Akal, 1993

SCHIFFER, M.B. *Behavioral Archaeology*. New York: Academic Press, 1976

SCHIFFER, M.B. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico, 1987

SCHMITZ, P I. Continuidade e mudança no litoral de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: MAE/USP, v.8, p.25-31, 1998

VIALOU, A. V; VIALOU, D. Abrigo Pré-Histórico Santa Elina, Mato Grosso: habitats e Arte Rupestre. *Revista de Pré-História*, v.7, p. 34-53, 1989

VIETTI BITENCOURT, A L. Morphogenese, Quaternaire et Archaeologie em Milieu Karstique: le site du Morro Furado, Serra do Ramalho (Bahia) – Bresil. Tese de outorado. Basse Normandie: Universite de Caen, 1998

WAGNER, R. *A invenção da cultura.* São Paulo: Cosacnaify, 2010.

Ambiente, Ciência e Paisagismo no Período Holandês NE - Brasil

Coordenadora:

Dr. Bartira Ferraz Barbosa

‘A Transformação Paisagística de Recife’

A Transformação Paisagística do Recife em Ilustrações de Frans Post e Cartografias Neerlandesas

Orientadora: Bartira Ferraz Barbosa
Ciro Barreto Moreira

Resumo: Este artigo pretende abordar transformações paisagísticas ocorridas no litoral da capitania de Pernambuco, quando em marcha processo de desenvolvimento da economia açucareira e administração da WIC, no período conhecido como do Brasil holandês. Como fontes principais foram utilizadas ilustrações de Frans Post e de cartografias neerlandesas, que evidenciam urbanização e ascensão do Recife como centro urbano e geopolítico frente às ruínas de Olinda.

Palavras-chave: Brasil holandês; cartografias neerlandesas; economia açucareira; Frans Post; transformações paisagísticas.

A povoação do Recife não possui data exata quanto a seu surgimento, mas há menções que descrevem certas ocupações. Como este relato de 1561 alega que o porto possuía algumas cabanas e armazéns para receber mercadorias de navios[1], e mais tarde, Gabriel Soares de Sousa em 1587 menciona um povoado com uma Igreja erguido num pontal de areia.[2]

Entretanto, independente da data exata do surgimento da povoação, em seus primórdios Recife estava relegada ao fato de ser uma pequena urbanização e parte da periferia de Olinda. Ambas as povoações estavam sob a influência da política colonial portuguesa, em que a colônia possuía pouca infraestrutura, exceto aquela para manter as funções extrativistas depredadoras, como armazéns, fortificações e o porto.

Olinda, em contrapartida a Recife é mais vezes referida, possuindo histórias até para seu nome, que segundo Gilberto Freyre: "*Verdadeira ou não a história do donatário português ou a do seu criado galego gritando 'Oh! Linda!', a situação da cidade fundada por Duarte Coelho é realmente linda.*"[3]

[1] VIANNA, A. J. Barbosa. *Recife, capital do Estado de Pernambuco*. 1ª ed. Recife: Secretária de Estado de Educação e Cultura, p.17, 1970.
[2] SOUSA, Gabriel Soares de. "Tratado descritivo do Brasil". In: *Um tempo do Recife*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1978.
[3] FREYRE, Gilberto. *Olinda*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, p. 19, 1944.

Ambas as povoações cresceram numa região intrigante para o colonizador, a grande e intensa mata atlântica que estendia-se continente adentro era uma ameaça a sobrevivência do europeu, lar de animais selvagens desconhecidos e nativos. O colono simultaneamente a encarava fascinado e apavorado, assim como atônito, imerso numa mistura entre realidade e imaginação. A destruição da mata atlântica pela busca desesperada por pedras preciosas não despertava curiosidade exceto aquela da cobiça, que foi o primeiro transformador da paisagem através do conflito[4].

Tal transformação paisagística[5] foi construída em intenso conflito territorial que se desenrolou entre caetés, potiguaras e tabajaras[6], e uma política de alianças empreendidas pelo colonizador português, visando o controle. Uma das primeiras ilustrações (Figura 1) do conflito está nos relatos do mercenário Hans Staden, quando enfrenta supostamente caetés a pedido do donatário Duarte Coelho, na vila de Igaraçu.

Figura 1 – *Viagem ao Brasil*. Autor: Hans Staden [1557]. São Paulo: Martin Claret. 2008.

[4] DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 60, 1997.
[5] Por paisagem sistêmica entende-se a mesma como realidade objetiva, resultado de junção dinâmica, entre fatores físicos, biológicos e humanos, como proposto por Lucy Machado. Culturalmente, a paisagem assume-se como mediadora entre a realidade e a subjetividade humana, de acordo com Denis Cosgrove.
[6] BARBOSA, Bartira Ferraz. *Paranambuco Poder e Herança Indígena*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p.76-77, 2007.

A ilustração de Hans Staden demonstra os conflitos territoriais que se desenrolavam. Ao centro pode-se perceber Igaraçu com canhões, resistindo aos constantes ataques de nativos hostis. A aldeia central possui uma oca e três casas. Na foz do rio há uma pequena ilhota supostamente povoada, sendo atacada por nativos, nessa ilhota em 1631 será construído o Forte Orange. Se inicia uma presença colonial no novo continente, Igaraçu e Olinda compõem uma rede de dominação militar, não apenas de proteção contra saques e controle da região para o cultivo da cana, mas também para obtenção de escravos que construíram as muralhas e igrejas, que também foram os primeiros trabalhadores da indústria canavieira. A beleza natural do continente misterioso aos olhos do colonizador, tão fantasticamente representada nas ilustrações e impressões do imaginário colonial tem um forte contraste com a dominação sanguinária.

Figura 2 – *De Stadt de Olinda de Pharnambuco*. Autor: Johannes Janssonius e Claes Janszoon Visscher. Fonte: Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP. 1630.

Olinda no mapa de Johannes Janssonius (Figura 2) ilustra uma cidade envolta por muralhas e fortificações, também permeada por pomares segundo Pieter de Vroe.

> Em toda parte há lindas árvores, como laranjas, limoeiros, coqueiros, tamarineiras e outras muitas cujos nomes e virtudes ainda nos são desconhecidos e nos foi dito que fora dos limites da cidade se encontra muito maior variedade de frutos.[7]

Mais do que questões estéticas e bucólicas, uma povoação deveria ser capaz de suportar um cerco, sendo comum possuírem quintais especialmente com vegetais que produzissem frutos.

Figura 3 – *De Stadt de Olinda de Pharnambuco*. Autor: Johannes Janssonius e Claes Janszoon Visscher. Fonte: Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP. 1630.

A presença das igrejas também compõe parte do cenário de Olinda. Apesar da chegada dos jesuítas ocorrer em 1549, e os anos anteriores serem característicos por conflitos territoriais militares, a religião demonstra um segundo fator de alteração paisagística determinante. Mais do que as fortalezas, as igrejas encontram-se mais evidentes que as estruturas militares.

Sobre toda a vila e no topo da colina ergue-se o Colégio dos Jesuítas. O Colégio era uma das estruturas de maior destaque na colônia, tendo Antônio Vieira lecionado retórica aos seus 18 anos. O Colégio, dedicado ao ensino de não apenas colonos, mas de índios e mestiços, formando bacharéis e letrados. A estrutura se destacava como um dos maiores e importantes edifícios. O mesmo seria destruído no incêndio de Olinda, sendo reconstruído anos mais tarde.

[7] VROE, Pieter de. "Carta ao conselho dos XIX datada de Olinda, 2 de Abril de 1630". In: *Tempo dos Flamengos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

A religião será outro mecanismo na colonização. As primeiras discrepâncias quanto a política indigenista remontam a Gabriel Soares de Sousa que defende o cativeiro dos índios, enquanto os jesuítas chocam-se com sua opinião.

> O único remédio deste Estado é haver muito gentio de paz posto em aldeias ao redor dos engenhos e fazendas, porque com isso haverá quem sirva e quem resista aos inimigos, assim franceses e ingreses, como aimorés, que tanto mal têm feito e vão fazendo, e quem ponha os negros de Guiné que são muitos e de só os índios se temem.[8]

A política jesuíta será uma oposição aos bandeiras, e um constante obstáculo para a implementação da indústria açucareira. Mas é inegável que os contingentes indígenas liderados por padres serão decisivos nos conflitos territoriais e na transformação paisagística. Padre Antônio Vieira em 1624 durante a invasão holandesa da Bahia alega que os grandes contingentes de índios foram decisivos na resistência. As cartas régias a Martim de Sá enfatizam os aldeamentos para conter invasões. Frei Vicente do Salvador ressaltava o bom convívio com os índios almejando tropas contra inimigos europeus.[9]

Os primórdios da formação territorial e os desencadeadores das maiores transformações paisagísticas estão atrelados as relações e conflitos entre portugueses e nativos. No período holandês, outras modificações serão desencadeadas pela invasão, conquista e administração do litoral.

A Holanda degladiava-se em conflitos com a Espanha, que na época englobava os domínios portugueses devido as crises políticas que se instauraram na corte após a morte de D. Sebastião em suas campanhas pelo Marrocos. A maior parte do açúcar produzido por Portugal no período anterior a União Ibérica era direcionado aos mercados dos países baixos, e com a recém-autonomia política dos mesmos frente a Coroa espanhola, necessitava-se garantir o fluxo da especiaria. A WIC, companhia privada de burgueses holandeses financiou a invasão para a maior região produtora de açúcar na época.

[8] SOUSA, Gabriel Soares de. "Capítulos de Gabriel Soares de Souza contra os padres da companhia de Jesus que residem no Brasil". In: *O Trato dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
[9] ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O Trato dos Viventes*. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, p.123-125, 2000.

A fim de garantir a produção do açúcar, a WIC praticará uma série de políticas de aperfeiçoamento. A documentação geográfica do relevo, hidrografia, engenhos, habitantes, flora e fauna explicitam que a catalogação visava a dominação e desenvolvimento do espaço colonial, indo além da política portuguesa de exploração destrutiva. O mesmo mapa ilustra a região costeira da capitania de Pernambuco, especialmente os dois centros urbanos da mesma, e as tropas holandesas que marcharam de Pau Amarelo até Olinda.

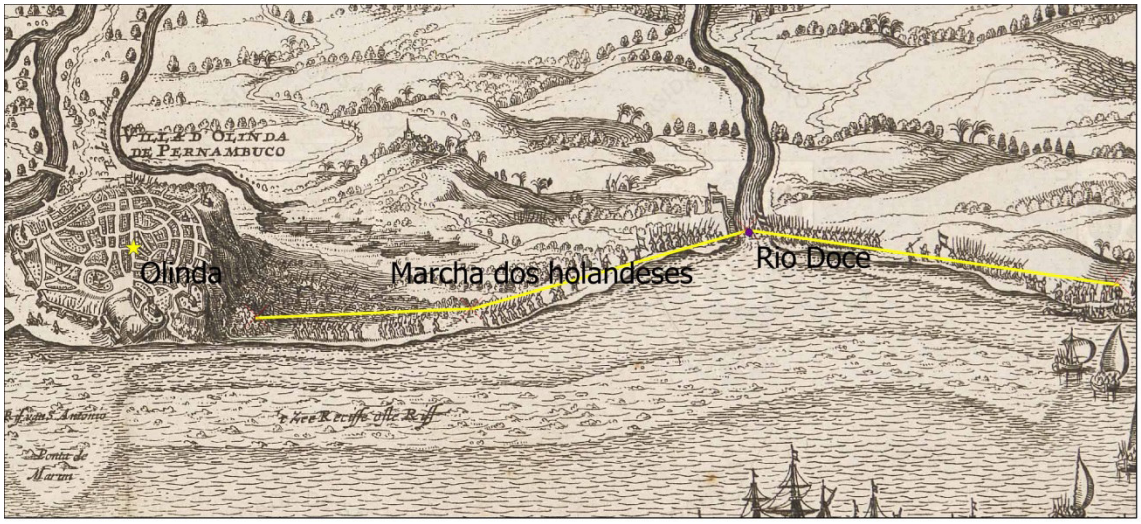


Figura 4 – *De Stadt de Olinda de Pharnambuco*. Autor: Johannes Janssonius e Claes Janszoon Visscher. Fonte: Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP. 1630.

O trecho do mapa (Figura 4) representa especialmente a marcha dos holandeses desde o desembarque em Pau Amarelo, até a chegada em Olinda, capital da capitania. Quando se refere a paisagem, pouco há a destacar neste trecho recortado, exceto a predominância de uma paisagem ainda natural quase intocadas pelo colonizador português, sendo as poucas ações humanas representadas especialmente nos oceanos e centros urbanos; é um mapa essencialmente geopolítico quanto a conquista de Olinda.

Rio Doce, destacado no mapa é citado por Ambrósio Richshoffer, soldado holandês que participou da invasão e relata o cotidiano das batalhas, tendo o primeiro enfrentamento entre as tropas holandesas e guarnições portuguesas no continente ocorrido as margens deste rio[10]:

[10] RICHSHOFFER, Ambrósio. *Diário de um soldado* [1629]. Recife: Secretária de Educação e Cultura, p.56, 1977.

> ...Ao longo da praia ou a margem do mar, contra a cidade d'Olinda, que distinguíamos perfeitamente, situada em cima do monte; tínhamos, porém, até lá duas horas de caminho desse o lugar ao Norte onde havíamos desembarcado. Durante o trajecto houve várias escamuraças, apresentando-se o inimigo a pé e a cavalo, não obstando, porem, que nos aproximássemos cada vez mais, até que chegamos ao Rio Doce, um pequeno ribeiro, atravez do qual tínhamos que passar.
> Neste passo encontramos a primeira e mais forte resistência, pois ali achavam-se para mais de 1800 homens, a cavalo e a pé, atraz de um parapeito. Em consequência travou-se uma violenta peleja, ficando de ambos os lados muitos no terrenos e não menos feridos.

A captura de Olinda e seu incêndio caracterizam uma drástica mudança, a capital fora destruída no conflito para somente décadas após recuperar-se. Frente a queda de Olinda, seu porto ascende como centro administrativo da capitania na administração de Nassau, e neste momento a transformação paisagística atingirá seu ápice. O impacto e impressão da destruição de Olinda é exemplificado nas palavras de Frei Manuel Calado, como o mesmo compreendeu e interpretou a destruição da vila.

> Quem se houvesse achado na vila de Olinda [...] antes que os holandeses a ocupassem, e a tornasse a ver depois que nela entraram os holandeses a renderam, sem muito parafusar em breve alcançaria que havia sobre ela caído a vara da justiça divina, à instância dos pecados em que estava enlodada.[11]

Recife se tornou uma cidade estruturada arquitetônica e esteticamente. Nas palavras de Robert C. Smith a "*primeira cidade digna deste nome na América portuguesa"*, distinta pela "*liberdade de circulação por meio de pontes e de ruas pavimentas e traçadas regularmente*"[12]. Segundo o mesmo, as demais cidades teriam progresso similar somente com a vinda da corte portuguesa em 1808.

Recife que durante as décadas anteriores permanecera como um anexo de Olinda, o porto de escoamento da produção e desembarque das mercadorias importadas emergia frente as ruínas de sua antecessora. Frente a vulnerabilidade de Olinda, a

[11] CALADO, Frei Manuel. "O valoroso lucideno". In: *O Brasil holandês*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.
[12] MELLO, Evaldo Cabral de. O *Brasil holandês*. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics, p.241, 2010.

pequena povoação periférica será a alternativa escolhida pelo holandês, como relata Barleus:

> Maurício, depois de ter muitas vezes examinado os portos e os inúmeros lugares do Brasil abordáveis e defensáveis, julgou que este sítio [Recife] bastava sozinho para a sua própria defesa e que seria capaz de se tornar, sem grandes obras, inacessível e inexpugnável[13].

Olinda sofre um êxodo de sua população, que nos mesmos relatos de Barleus demonstra a migração para a ilha de Antônio Vaz devido a proximidade com o porto, as questões administrativas referentes a Câmara Municipal de Olinda que devido a distância ocasionaram a cisão da mesma e na formação da Câmara Municipal de Recife, somado igualmente as designações militares de Nassau, mais tarde a Câmara de Olinda seria igualmente transferida para a ilha.

> Também é de pouca probabilidade de ser restaurada a cidade de Olinda, que pelo contrário vai em decadência, pois muita gente procura a ilha de Antônio Vaz para construir casas e aí habitar.[14]

Figura 5 – *De Stadt de Olinda de Pharnambuco*. Autor: Johannes Janssonius e Claes Janszoon Visscher. Fonte: Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP. 1630.

O mapa de Janssonius (Figura 5) exibe também a batalha naval contra o Forte São Francisco da Barra e Forte São Jorge. Destaca-se que para os registros da época Recife era referido apenas como "*Povo*". Ressalte-se também que a ilha de Antônio Vaz, que mais tarde se transformaria na *Mauritstadt* de Nassau é representada

[13] BARLEUS, Gaspar. "História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil". In: *O Brasil holandês*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.
[14] Idem, p. 243.

como deserta, com precárias povoações. Uma das primeiras ações da administração holandesa concerne a construção do forte das Cinco Pontas em 1630, mas somente durante o período nassoviano que a ilha seria densamente transformada.

> Ligou o conde por uma trincheira a ilha de Antônio Vaz com o forte das Cinco Pontas ou de Frederico. Águas estagnadas e moitas de arbustos davam aspecto desagradável a todo esse espaço. Ultrapassava pois a credibilidade humana que se pudesse fundar ali uma cidade. Agora, porém, acreditamos, pelo testemunho dos nossos próprios olhos, tê-la erigido a diligência de Nassau, dotado de engenho e audácia para tentar, com sua arte e trabalho, ainda mesmo o que proibira a natureza.[15]

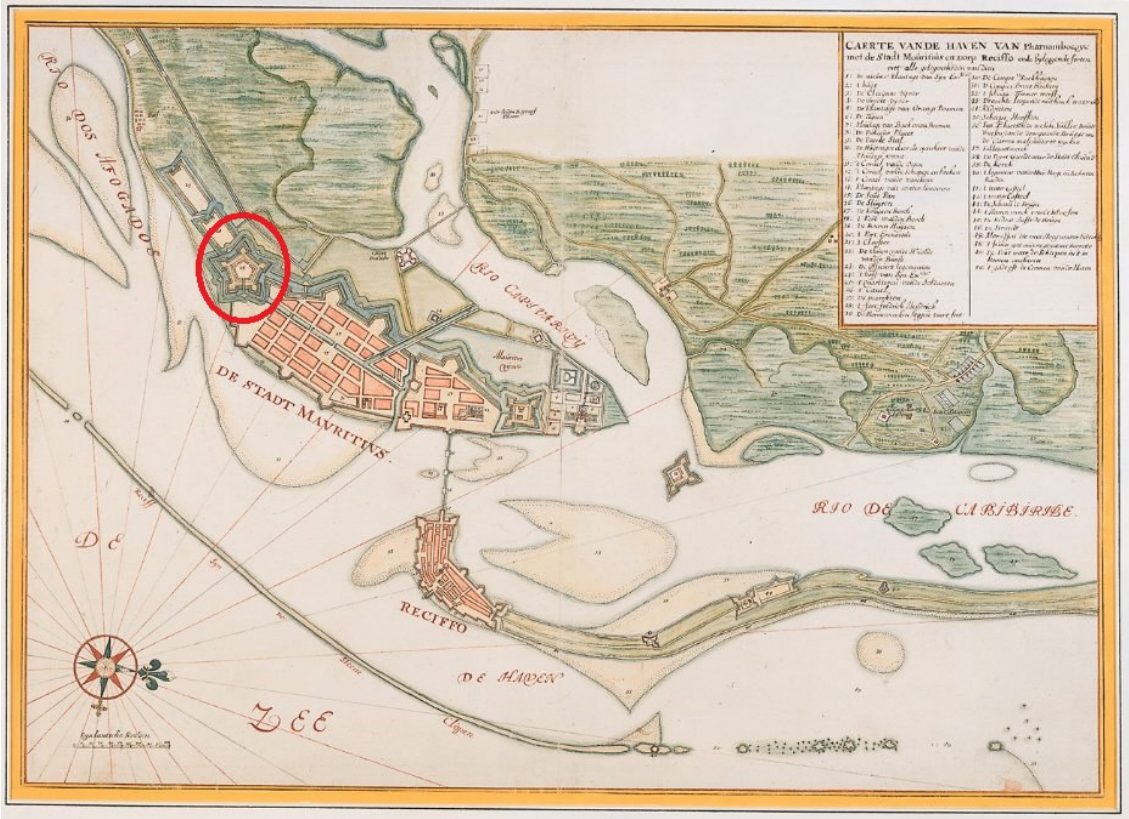


Figura 6 - *Caerte van de haven van Pharnambocque met de stadt Mouritius en het dorp Reciffe met bijleggende forten en alle gelegentheden van dien*. Autor: Johannes Vingboons. Fonte: Arquivo Nacional, domínio público. 1665.

O mapa de Vingboons (Figura 6) ilustra uma desenvolvida Antônio Vaz. Sobressai-se as fortalezas e baluartes que envolviam tanto Recife como *Mauritstadt*, e a ponte que interligava as duas ilhas, bem como as linhas de trincheiras criadas por Nassau circundando a cidade. O interior demonstra-se ainda pouco urbanizado, ilustrando

[15] Idem, p. 248.

poucas povoações, engenhos e as possíveis rotas até a ilha de Antônio Vaz. Assinalado no mapa está o Forte Frederik Hendrik, ou Forte das Cinco Pontas, igualmente representado por Frans Post (Figura 7). No que se refere a ponte que liga tanto Antônio Vaz ao Recife, como a ilha ao continente estão descritas nas palavras de Barleus.

> ... Construiu duas pontes, uma sobre o Beberibe, entre Recife e Maurícia, a outra entre esta e o continente sobre o Capibaribe [...]. O que determinou a construção destas pontes foi o seguinte: sob o domínio do Rei da Espanha, governando o Brasil Albuquerque, discutiu-se muitas vezes se convinha abandonar-se Olinda, distante do porto e do acesso ao mar, transferindo-se os seus moradores para o Recife e para a ilha de Antônio Vaz. Para este fim, seria de grande vantagem unir-se a ilha ao Recife, por se julgarem estes lugares inexpugnáveis por causa dos rios que os cercam e da vizinhança do Oceano. [...]. Desaconselhavam isto os portugueses, a quem parecia irrealizável esta ligação das terras em razão da violência do rio e da maré.[16]

Figura 7 – *Forte Frederik Hendrik*. Autor: Frans Post. Fonte: Instituto Ricardo Brennand. 1640.

Pintado em 1640, a obra demonstra uma Antônio Vaz ainda deserta e lamacenta. A transformação da paisagem quase natural numa totalmente urbanizada como vista no mapa anterior em um curto espaço de tempo. A decisão de Nassau em transformar a ilha esquecida pela administração portuguesa e espanhola numa

[16] Idem, p. 248-249.

verdadeira cidade artificial criada para administrar a colônia. Em 1644, Frans Post retorna à Holanda, mas com seus esboços produz uma ilustração de um Recife altamente urbanizado (Figura 8).

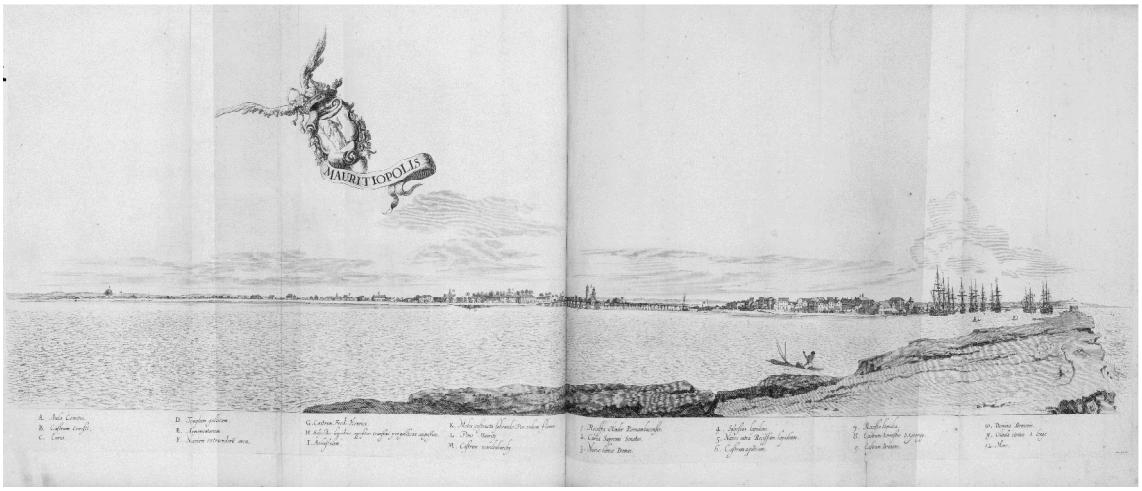


Figura 8 – *Mauritopolis*. Autor: Frans Post. Fonte: Brasiliana USP. 1630.

Fazendo-se um recorte na região central que corresponde a ilha de Antônio Vaz obtém-se o trecho abaixo:

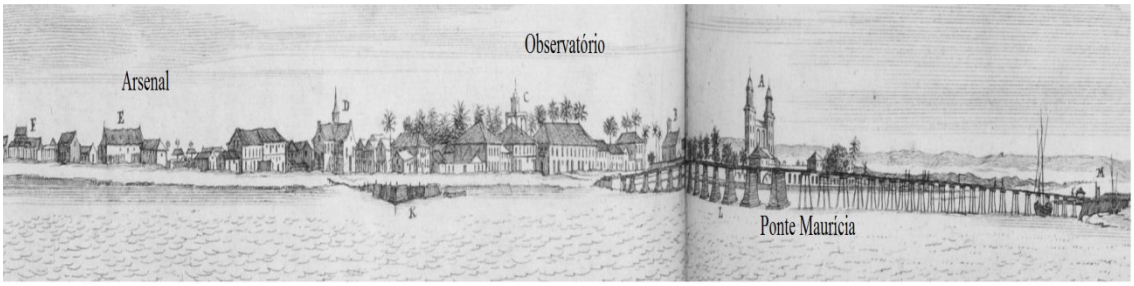


Figura 9 – *Mauritopolis*. Autor: Frans Post. Fonte: Brasiliana USP. 1630.

A ilustração denominada *Mauritiopolis* (Figura 9) não apenas demonstra Antônio Vaz e o drástico processo de urbanização, envolvendo inclusive ao fundo as palmeiras que Nassau trouxe consigo, como destaca os principais edifícios da cidade, assinalados na imagem. Em meros anos a paisagem transforma-se para uma área urbana, que compreende edifícios militares, religiosos, administrativos e logísticos

Frans Post destaca as estruturas realizadas no período nassoviano, como o observatório, local de produção científica, e também aquelas essenciais na manutenção da ordem na colônia, como o Arsenal. De todas as estruturas

representadas a que sobressai é a ponte, especialmente pelo triunfo do holandês sobre as condições naturais impróprias citadas por Barleus, bem como a população que considerava o projeto inviável.

> Desde que começaram, porém, a senhorear o Brasil os holandeses, subjugadores das terras e das águas, aprouve escolher-se o Recife e a ilha de Antônio Vaz para sede do governo. Como que condenada pelo destino, arruinou-se a formosa Olinda, mostrando-se chorosa. As casa, os conventos e as igrejas, derribados, não pelo furor da guerra mas de propósito, lacrimavam com a própria ruína [...] Sendo nós, porém, homens e capazes de comover-nos com o belo, não podiam deixar de lamentar a assolação da cidade aflita aqueles mesmo que a devastavam, pondo por terra o topo das igrejas e dos edifícios públicos e privados que, feridos pelos raios do sol vespertino, apresentavam aspecto sugestivo. E se a gente agora visse Olinda, juraria que a contemplava, jazendo em seu local desolado, Pérgamo, as ruínas de Cartago ou de Persépolis [...] Transportou cada um para o Recife os restos e os entulhos vendíveis da cidade demolida, aproveitando os materiais em novas edificações, para que, desaparecendo a mãe (Olinda), lhe sobrevivesse as ruínas, embora com outro aspecto, a sua filha – Mauriciópole.[17]

Artigos

CABRAL, Luiz Otávio. “Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica.” In: *Revista de Ciências Humanas de Florianópolis*. Florianópolis, v.41, n. 1 e 2, abr./out. 2007, pp. 141-155.

Bibliografia

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O Trato dos Viventes*. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BARBOSA, Bartira Ferraz. *Paranambuco Poder e Herança Indígena.* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Olinda*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1944.

MELLO, Evaldo Cabral de. O *Brasil holandês*. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Tempo dos flamengos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

PEREIRA, Nilo. *Um tempo do Recife*. 1ª ed. Recife: Arquivo Público Estadual,1978.

VIANNA, A. J. Barbosa. *Recife, capital do Estado de Pernambuco*. 1ª ed. Recife: Secretária de Estado de Educação e Cultura, 1970.

[17] Idem, p. 249.

Fontes

BARLEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil* [1647]. In: *O Brasil holandês*. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

RICHSHOFFER, Ambrósio. *Diário de um soldado* [1629]. Recife: Secretária de Educação e Cultura, 1977.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Capítulos contra os padres da Companhia de Jesus no Brasil* [1592]. In: *O trato dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil* [1587]. In: *Um tempo do Recife*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1978.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil* [1557]. São Paulo: Martin Claret. 2008.

VROE, Pieter de. *Carta ao Conselho dos XIX, datada de Olinda, 2 de Abril de 1630*. In: *Tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

Clima e Ambiente

Coordenador:
Dr. Ranyère Silva Nóbrega
(Geografia - UFPE)

‘A Idealização da Chapada do Araripe na Historiografia’

A Idealização da Chapada do Araripe na Historiografia Tradicional em Meados do Século XX

Denise de Menezes Dantas[1]

Resumo: A Chapada do Araripe compreende algumas cidades dos estados de Ceará, Pernambuco e Piauí, no entanto, este trabalho se volta para a Região do Cariri Cearense, que está situada na Bacia Sedimentar do Araripe e que possui uma vegetação diferenciada das demais do Estado. Ao falar dessa Região e da referida Chapada é comum encontrar algumas denominações como "jardim terreal", "paraíso terrestre", e a visão do Cariri como um "Oasis no sertão". É a partir dessas denominações que se constrói o objetivo deste trabalho, que é analisar a idealização da Chapada do Araripe na Historiografia Tradicional produzida no Cariri em meados de século XX. Além da Historiografia local, foram utilizadas como fonte para construção do trabalho o jornal "O Araripe", a Revista "Itaytera", Diários de Viajantes, dentre outras.

Palavras-Chave: Idealização; Natureza; Historiografia Tradicional; Cariri Cearense.

Introdução

"Na Chapada do Araripe o sol dardeja frouxo e não comunica no solo aquele calor do Equador: ali o frio é perpétuo."

A passagem a cima citada foi retirada do jornal "O Araripe", edição de 1855. Esse jornal circulou na Região do Cariri Cearense entre 1855 e fins de 1865. O trecho faz menção a Chapada do Araripe, que é o objeto de estudo deste trabalho. A Chapada do Araripe compreende algumas cidades dos estados de Ceará, Pernambuco e Piauí. No entanto, este trabalho se volta para a Região do Cariri Cearense que se situa na Bacia sedimentar do Araripe e, por apresentar um clima e uma vegetação bem peculiar, diferencia-se das demais Regiões do Estado. Os autores Caririenses usaram esse clima e vegetação diferenciada para construir determinadas ideias sobre a natureza, essas ideias estão bem presentes da História da Região. Esses aspectos também diferencia o Cariri Cearense das regiões de outros Estados, como por exemplo, a Paraíba. Os autores Caririenses, como José de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, fazem questão de marcar bem tais diferenças. Segundo Figueiredo Filho,

[1] Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID).

> Há duas regiões nordestinas com a denominação de Cariri. Uma fica na Paraíba, em zona de natureza inteiramente diferente da do Ceará, e onde impera a caatinga braba, e outra, no sul do Ceará. A região cearense recebeu o nome de CARIRIS NOVOS, uma vez que foi conhecida e colonizada após sua homônima paraibana. [2]

Muitas vezes, quando se fala em Cariri Cearense, e na Chapada do Araripe, é bastante comum encontrar descrições como essas. Ela sempre é retratada como um lugar abundante, fértil, onde tudo se produz. Expressões como "terra verdejante", "jardim terreal", "paraíso terrestre", e a visão do Cariri como um oásis, são muito encontradas em jornais, revistas, que circularam aqui no Cariri e muitas desses discursos são produzidos pelas pessoas até os dias de hoje. É partindo dessas denominações acerca da referida Chapada que se desenvolve o objetivo desse trabalho, que é analisar a idealização da Chapada do Araripe na Historiografia Tradicional produzidas no Cariri em meados do século XX. O interesse aqui é analisar como se construiu a visão de uma natureza edênica na Região e como essas ideias foram se propagando; analisar as relações que o homem estabelece com a natureza e compreender a importância da Chapada do Araripe para a sociedade Caririense.

Quando menciono "Historiografia Tradicional" me refiro às obras, mais precisamente, de Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho, dentre outros intelectuais da região que se dedicaram a contar a história do Cariri Cearense. Obras como "O Cariri" de Irineu Pinheiro; "História do Cariri" de José de Figueiredo Filho, a "Cidade do Crato", produzidas por ambos autores, falam sobre vários aspectos como, colonização, povoamento e desenvolvimento da região. Descrevem também o objeto de estudo em questão, a Chapada do Araripe. Essa produção historiográfica tradicional é a principal fonte desse trabalho.

A fonte é um quesito indispensável para o trabalho do historiador. É através dela que podemos conhecer aspectos do tempo passado e das pessoas que lá viveram. Além da Historiografia Tradicional, já mencionada, utilizo ainda como fonte para a

[2] FIGUEIREDO FILHO, José de. 2010, p.7

construção desse trabalho a Revista "Itaytera"[3] e os relatos de Diários de Viajantes. Esse conjunto de fontes trazem descrições da Chapada do Araripe, algumas com uma escrita, uma narrativa bem próprias, o que permite um cruzamento entre elas, ou seja, perceber as diferentes formas que é narrado o mesmo objeto.

As questões aqui abordadas estão sendo produzidas e discutidas com base nas teorias e conceitos da História Ambiental, um campo de estudos recente, se comparado aos demais. A História Ambiental nos permite analisar questões referentes a natureza e as relações estabelecidas entre esta e o homem. Como coloca Paulo Henrique Martinez, *"Uma das peculiaridades mais destacadas da História Ambiental seria, assim, o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural."* [4]

A Chapada do Araripe e a Visão do Cariri como um "Oásis no Sertão"

Muitas das peculiaridades da Região do Cariri Cearense, estão relacionadas em grande parte à Chapada do Araripe. Uma das matérias da revista "Itaytera" do ano de 1995, retrata a grande importância atribuída a ela, onde se destaca que, *"Segundo Herôdoto, o Egito é uma dádiva do Nilo! O mesmo se poderá dizer do Cariri que é, por tudo em tudo, uma dádiva da Chapada do Araripe."*[5]

A questão de que o Cariri é fruto da Chapada é algo bem presente na escrita desses autores, transmitindo assim a noção de dependência, como se a Região surgisse a partir da Chapada. Nesse ponto, ela é vista como "geradora" da Região, que oferece subsídios necessários para que ela se originasse e desenvolvesse.

A Chapada do Araripe é retratada dessa maneira em muitos discursos, em alguns deles, ela chegou a ser chamada de "mãe dadivosa" que oferece vários subsídios ao

[3] A Revista Itaytera foi criada em 1955 pelo Instituto Cultural do Cariri (ICC). A Revista era publicada anualmente, e circulou na Região de 1955 à 2000, fazendo um total de 44 edições publicadas. Ela tinha como principal objetivo enaltecer a Região do Cariri Cearense, destacando vários aspectos, sejam eles econômicos, sociais, ou culturais.

[4] MARTINEZ, Paulo Henrique. História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006, p.19

[5] Revista *Itaytera*, n°39, 1995, p.85

caririense. O sopé da Chapada é formado por um solo bastante permeável, o que permite grande acúmulo de água no período chuvoso. Essa água armazenada possibilita que a fauna e flora se mantenham em boas condições por grande parte do ano. A permeabilidade do solo é o que permite também a existência de inúmeras fontes de águas cristalinas que brotam na região. Segundo a revista Itaytera,

> Aproximadamente, são 210 fontes de água límpidas e potáveis que se localizam sobretudo nos municípios de Crato, Barbalha, Missão Velha, Abaiara, Brejo Santo, Porteiras, Jardim, Nova Olinda e Santana do Cariri, formando um verdadeiro rosário de fontes de água cantantes, que saindo da raiz da Chapada, descem de cascata em cascata para irrigarem as terras sopedâneas [...]. Tais fontes também abastecem de água boa e pura as cidades do Cariri [...]. [6]

A matéria chama atenção para a quantidade de fontes e municípios onde elas se encontram, alem de sublinhar a qualidade das águas que abastecem as cidades. Percebe-se ai a intenção de mostrar que todos os recursos naturais derivados da Chapada do Araripe, são o que há de melhor. Partindo desse aspecto de qualidade e quantidade, que se desenvolve o intuito de se preservar essa natureza. Preservar pode ser entendido como forma de gratidão, de cuidar daquilo que os ajuda, que fornece meios para sua existência. Já que, como vimos nas narrativas anteriores, se o Cariri é fruto da Chapada e é a partir dela que tudo se inicia, logo, é possível constatar que o caririense deve ser grato por tudo que usufrui da Chapada do Araripe.

> Por tudo isso, e por muito mais ainda, temos de nos conscientizar que o Cariri é uma dádiva da Chapada do Araripe que deve e precisa ser preservada e melhor tratada pelo homem caririense e pelos governos de todos os níveis. O Homem do Cariri que da Chapada do Araripe tudo recebe inclusive o seu aprazível micro-clima no verdadeiro fogarel sertanejo do Nordeste, tem sido, infelizmente, um grande predador de sua natureza.
> SALVE A CHAPADA DO ARARIPE PARA SALVARMOS O CARIRI QUE DELA DEPENDE EM TUDO! [7]

É preciso frisar nesse ponto, que um dos intuitos de quem escreve é persuadir o leitor, fazer com que o discurso seja formador de opiniões. No geral, a matéria

[6] Revista *Itaytera*, n°39, 1995, p.85
[7] Revista *Itaytera*, n°39, 1995, p.89

apresenta um caráter informativo, mas acima de tudo o objetivo é fazer com que essa natureza exuberante seja preservada. Até porque o que se percebe é: A Chapada precisa existir, para que exista também a Região. O que pode ser visto por trás de tudo isso é que caso os recursos se esgotem, ou haja uma devastação da área, a Região Caririense sofre as consequências. Isso porque é visível a tentativa de unificar a Chapada do Araripe e a Região do Cariri, ou seja, torna-las uma única coisa. A afirmativa pode ser confirmada com o ultimo trecho da matéria acima, que enfatiza bem essa questão, é preciso salvar a Chapada do Araripe, para assim, salvar também a Região do Cariri.

É interessante destacar neste ponto, que a relação do homem com a natureza nem sempre foi a mesma. As formas de percebê-la vão se alterando ao longo do tempo. A prática de preservação das matas vem acontecer por volta do século XVIII, pois os benefícios que ela trás para o homem por muito tempo não foram percebidos. Essa alteração na percepção da natureza é algo bem discutido por Keith Thomas, em *O Homem e o Mundo Natural,* onde ele destaca que na Inglaterra, durante muito tempo, as florestas eram sinônimo de perigo e rusticidade. Era preferível desmatar toda área pra se ter uma visão completa do que lhe estava próximo. Posteriormente, as matas passam a ser cultivadas com interesse estritamente econômico e segundo Thomas, por volta do século XIII já existia um comercio de madeira para construção e lenha. Mais uma vez a visão sobre as matas muda e no século XVIII elas representam para os ingleses um lugar de privacidade e meditação.[8]

Possivelmente, a Chapada do Araripe nem sempre foi vista como um espaço a ser preservado. Em 1993, um pouco antes da matéria exibida anteriormente, a revista Itaytera publicou um projeto chamado “SOS Chapada do Araripe”. O projeto vem enfatizar características da Chapada e alertar para o fato de que alguma coisa precisa ser feita para preservar essa natureza onde *“tudo é fertilidade, tudo é exuberância”*[9]

[8] THOMAS, Keith. 1998, p. 257
[9] Revista Itaytera, n°37, 1993, p.166

Umas das questões bem presentes nos discurso analisados, o que mais se relata, é a permeabilidade do solo no sopé do Araripe. Conforme Irineu Pinheiro,

> são uma imensa esponja as três primeiras camadas do planalto, nas quais se embebem todas as águas pluviais que nela caem [...] Em 1871 em seu livro há pouco citado assevera o dr. Marcos de Macedo: a terra de uma uberdade prodigiosa é tão esponjosa e permeável que os fortes aguaceiros, como sabem despejar as nuvens intertropicais, se infiltram apenas se acham com ela em contato. [10]

Pode-se afirmar que a visão do Cariri como um oásis, ou seja, um "oásis no sertão", surge a partir dessas inúmeras fontes que brotam da Chapada. Essa denominação de "oásis" é marcante nos discursos e perdura na mente das pessoas até a atualidade. É interessante pensar, de que forma e com que intensidade esses jornais e revista chegavam a população. Aqui se tem um discurso, uma escrita, produzida por intelectuais da região, pessoas consideradas importantes e de destaque na sociedade em questão, no entanto, a população em geral absorve essa ideia de natureza exuberante, prodigiosa, e que tem suma importância para a Região. É como se isso já estivesse impregnado na mente das pessoas, como se fizesse parte de sua identidade. Esse discurso, essas ideias o caracterizam como caririense, como filho dessa terra, que impressiona justamente por ser uma Região de ambiente verde, de clima aprazível que tem no seu entorno uma vegetação de caatinga, a existência de terras secas, etc. Sobre a diferença do Cariri e seu entorno, Pimentel Gomes destaca,

> Conheci primeiro o Cariri Velho na Chapada da Borborema entre 600 e 700 metros de altitude. É chato, áspero, poeirento, coberto da caatinga raquítica e rala [...] O Cariri Novo é muito diferente. Quando o avião atinge a serra de São Pedro, percebe-se o vale extenso e fecundo, cavado entre esta e a Chapada do Araripe, que ser erguem além, extensa e tabulada. [11]

O trecho acima é o recorte de uma matéria publicada no Jornal *O Povo* em 17/10/53. A matéria encontra-se nas notas do Livro "História do Cariri", volume I, de José de Figueiredo Filho. Pimentel Gomes, ao descrever alguns aspectos do

[10] PINHEIRO, Irineu. 2010, p.16
[11] Jornal *O Povo,* 1953 apud FIGUEIREDO FILHO, José de. 2010, p.40 (Vol. I)

Cariri Velho, mostra a acentuada diferença entre este ultimo e o Cariri Novo, ou seja, o Cariri Cearense. Porem, essas ideias podem ser tomadas como uma construção em torno da natureza, visto que nem toda a Região Caririense é composta por tais qualidades. Esse verde, o clima ameno, se dá mais precisamente na encosta da serra do Araripe. Algumas cidades mais distantes, não compartilham desses mesmos atributos.

Normalmente, quando falamos em "sertão", estamos nos remetendo a lugares com irregularidade de chuvas, clima quente, mas por outro lado, o termo pode relacionar- se também a lugares interioranos, distante da capital. O caririense, por exemplo, não se considera sertanejo, nem residente no sertão como podemos perceber no trecho:

> A diferença entre a sua natureza e a da circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do cariri, apesar de bem interiorano sentir que sua região é inteiramente fora do serão propriamente dito. Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, e seu Cariri de ser. Não toma a palavra sertão no seu sentido mais amplo, na acepção de zona do interior, afastado da faixa litorânea. [12]

O Cariri Cearense e as regiões circunvizinhas, fizeram parte do trajeto de alguns viajantes que, em suas anotações, registraram delas vários aspectos e comentaram também pontos que as diferenciavam. Esses registros, que denominamos "Literatura de Viagem", estão sendo bastante utilizados nas pesquisas em geral. Contribuem bastante, os relatos de viajantes, por conta da riqueza de detalhes, permitindo uma concepção ampla de determinados lugares e épocas. O botânico George Gardner passou pela Região do Cariri e fez dele algumas descrições. Segundo Gardner *"a tarde era a das belas que me lembra ter visto, com o sol a sumir-se em grande esplendor por trás da Serra do Araripe, [...] e o frescor da região parece tirar aos raios o ardor que pouco antes do poente é tão apressivo ao viajante nas terras baixas."*[13]

Antes de chegar a Vila de Crato, o botânico já havia ouvido falar do lugar e lhe avisaram que nessa região suas pesquisas seriam compensadas amplamente.

[12] FIGUEIREDO FILHO, José de. 2010, p.5 (Vol. I)
[13] GARDNER, George. 1975, p.92

Gardner destaca que fez diversas excursões pelas redondezas, *"mas a serra do Araripe foi o melhor campo de pesquisas".* [14] Descreve o clima, a vegetação e vários aspectos da paisagem que o circunda.

Dentro dessa idealização da Chapada do Araripe, cabe discutir também o conceito de paisagem. Conforme Milton Santos é,

> Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança [...] ela pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.[15]

A descrição mostra que paisagem não é algo tão limitado como pensamos. Não se resume apenas a elementos naturais, como um bosque, uma floresta, uma mata e sim, todos os fatos que compõem o meio, formam a paisagem, sejam eles visíveis ou não, ou seja, é um conjunto de fatores naturais e artificiais.

A ideia de paisagem natural é também bastante relacionada a Chapada do Araripe, pelos escritores já citados, como algo exuberante, imaculado, dentre outras definições. No entanto uma paisagem natural é praticamente inexistente, segundo Milton Santos, não existe ambiente que não seja intocável pelo ser humano. A paisagem não pode ser percebida como estática, imóvel, pois ela é uma permanente mudança. A Chapada não é a mesma que 30 anos atrás e nem será a mesma no futuro. As relações que o homem estabelece com ela lhe trazem mudanças, além dos próprios fatores climáticos, como a chuva, o vento, a seca, etc.

Partindo do pressuposto de que a natureza é uma construção, que depositamos nela nossas ideias, princípios, é que podemos entender melhor a idealização da Chapada do Araripe. Sobre a ideia de natureza, Raymond Williams destaca que,

> [...] projetamos sobre ela nossas próprias atividades e consequências não reconhecidas. [...] projetamos em uma natureza verde e calma, muitos de nossos sentimentos mais profundos, nosso sentido de crescimento, perspectiva e de beleza. [16]

[14] GARDNER, Georg. 1975, p.95
[15] SANTOS, Milton. 2012, p. 67-68
[16] WILLIAMS, Raymond. 2011, p. 108-109

Projetamos nossas ideias na natureza, ideias que variam de acordo *"com o objetivo do falante."* [17] Sendo assim, podemos pensar qual o interesse, o intuito em retratar de forma tão enfática a Chapada do Araripe. Expressões como exuberante, prodigiosa, terra verdejante, dentre outras utilizadas, dão ao objeto em questão uma elevada grandiosidade.

O intuito aqui não é questionar a importância da Chapada do Araripe para a Região do Cariri Cearense, nem afirmar que ela não possui tais qualidades. Apenas analisar qual o objetivo de quem fala ou escreve sobre. A Revista Itaytera, por exemplo, tem como um de seus objetivos enaltecer as belezas da Região e isso é bastante perceptível nas matérias nela publicadas.

É possível destacar por trás desses discursos a questão econômica. O interesse de expansão e crescimento da Região. O geo-turismo, por exemplo, vem se desenvolvendo cada vez mais e as pesquisas são constantes no Cariri, tudo isso devido aos registros de fósseis que são frequentemente encontrados no sopé da Chapada do Araripe.

Os Jornais e Revistas que circularam no Cariri tiveram uma participação importante na disseminação e propagação dessas ideias construídas em torno da Chapada do Araripe. O discurso neles apresentados, descrevem a Chapada e o Cariri de forma enfática, destacando a todo instante que a Região é fruto dela, dando-nos a ideia de que ambos são uma mesma coisa, ao passo que, a segunda depende da primeira para existir. A ideia de uma natureza exuberante, prodigiosa, a visão de um "oásis no sertão" estão presentes no imaginário coletivo até hoje. Alguns admiradores dessa terra viram na imprensa um meio de divulgar a região, usaram a paisagem, seu clima, suas peculiaridades para tentar que os olhares sobre ela se dessem com mais intensidade a cada dia.

[17] WILLIAMS, Raymond. 2011, p.98

Referencias Bibliográficas

FIGUEIREDO FILHO, José de. História do Cariri. v.I. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

GARDNER, George. Viagem ao Interior do Brasil. Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 79-108.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Silva. Fenologia da Vegetação do Cerradão na Chapada do Araripe – Crato/CE. Dissertação (Especialização), Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato, CE, 2002.

RAYMOND, Williams. Ideias sobre a Natureza. In: Cultura e Materialismo. São Paulo: UNESP, 2011, p. 89-114.

SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: Metamorfoses do Espaço Habitado (Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia). São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2012, p. 67-81.

THOMAS, Keith. Árvores e Flores. In: O Homem e o Mundo Natural. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 229-287.

VIANA, José Italo Bezerra. O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato [manuscrito]: memória, escrita da história e representações da cidade. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, CE, 2011.

Educação Ambiental

Coordenador: Petronildo Bezerra da Silva

‘O Museu Verde’

‘Rio Capibaribe: quem te viu, quem te vê’

‘O Sagrado e o Meio Ambiente’

‘História e Meio Ambiente’

‘O Recife e o Mangue’

‘O Fluxo da Vida’

O Museu Verde: uma Reflexão sobre Gestão Sustentável de Museus e a Prática Museológica no Século XXI

Júlio César Bittencourt Francisco[1]
Valdir José Morigi[2]

Resumo : os Museus através de seus acervos, espécimes e equipamentos têm a missão de divulgar a ciência e a cultura, comunicar e salvaguardar os bens da memória social, além de educar e (in)formar cidadãos. Entretanto, essas atividades essenciais precisam ser repensadas, pois já não satisfazem as necessidades dos novos tempos. O texto indica e sugere na construção do Plano Museológico, a inclusão de programas socioambientais nos Museus brasileiros. Conclui-se que a prática museológica também deve fomentar a participação ativa da comunidade em questões socioambientais e no exercício pleno da cidadania, colocando-se como uma instituição que possibilita a reflexividade dos sujeitos diante da realidade.

Palavras chave: Gestão de Museus, Sustentabilidade, Programas socioambientais.

Introdução

Os Museus têm se tornado instituições de grande sucesso em todo mundo contemporâneo. Seu crescimento se dá por diversos fatores, entre eles, está o novo papel das instituições museológicas na educação, mas também por servir melhor as necessidades da sociedade. Destaca-se ainda a expansão das coleções, quer seja através de doações ou de fatos históricos, que, ao se tornarem memória, vem sendo valorizados pela sociedade.

O crescimento dos Museus se deve ao aumento das verbas através de isenção de impostos de particulares, mas também pela atenção social pública, uma vez que os objetivos dos Museus atendem questões políticas. Aqui nos referimos a direitos difusos, ou seja, aquela geração de direitos que apareceu depois da II Grande Guerra e que foram consagrados a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Assim, em seu artigo 27 afirma: "Toda pessoa tem direito de tomar parte livremente

[1] Professor assistente II do Departamento de Ciência da Informação, Fabico/UFRGS, Professor de Museologia. Mestre em Memória Social e Documento. PPGMS/UNIRIO.
[2] Professor adjunto II do Departamento de Ciências da Informação, Fabico/UFRGS. Professor do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Doutor em sociologia, FFLCH/USP.

na vida cultural e da comunidade e desfrutar das artes e a participar do progresso científico e dos benefícios que deles resultem".

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, por sua vez, garante esses mesmos direitos difusos especialmente em seus artigos 215 e 216 que tratam da cultura e do patrimônio cultural brasileiro, respectivamente, entretanto, a nossa Constituição inova ao destacar um capítulo inteiro as questões ambientais sintetizadas seu artigo 225, que diz: "Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial a sadia qualidade de vida [...]".

O objetivo do artigo é refletir sobre a prática de Gestão dos Museus brasileiros, do ensino da museologia no país e mostrar a importância do debate sobre as questões socioambientais e da educação ambiental nos espaços museais.

A partir da reflexão sugere-se que haja um amplo debate no campo a fim de que sejam incluídas no Plano Museológico, ações educativas de sustentabilidade além de programas socioambientais nos Museus. A gestão sustentável de museus diz respeito a diversas ações que vão desde a administração propriamente dita, no âmbito do Museu, até a educação ambiental. A reflexão traz como elementos essenciais desse processo a articulação da Política Nacional de Museus, a construção do Plano Museológico e as dimensões que envolvem o conceito de sustentabilidade como sugestão de programas socioambientais a serem desenvolvidos nos museus nacionais.

A Política Nacional de Museus

Durante a gestão do Ministério da Cultura entre 2003 e 2006, foram desenhadas as primeiras iniciativas práticas para a política nacional voltada para o setor museológico brasileiro. Em Maio de 2003 foi apresentado o caderno contendo a Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania[3]. O objetivo desta política é

[3] Política Nacional de Museus: lançamento em Maio de 2003. Texto completo em: www.Museus.gov.br/sbm/downloads/Politica_Nacional_de_520Museus.pdf

"Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio de desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes". Foi adotado o modelo inglês de Plano Museológico para ser implementado até 2014 em todos os museus do Brasil.

A Política Nacional de Museus apresenta sete pilares de sustentação que estruturam ações a serem desenvolvidas, sendo que a primeira delas compreende a gestão e configuração de processos museológicos. As outras seis são: a democratização e acesso aos bens culturais, formação de recursos humanos, informatização de Museus, modernização da infraestrutura, financiamento e aquisição de acervos e gestão de acervos museológicos.

O documento apresenta os procedimentos para a organização e gestão dos Museus públicos brasileiros, além de detalhar as diretrizes e procedimentos para elaboração do Plano Museológico, indicando inclusive, quais programas ele deve conter e está dividido em três partes, a saber:

A primeira parte deste plano compreende desde a formulação da missão e mandato, mas também a formatação jurídica do Museu, seu estatuto e regimento interno, tipo institucional de governança, regimento interno e estatutos, código de ética, associação de amigos entre outras formalidades. Estes conteúdos devem estar conectados com a realidade e a prática dos Museus através de um constante exercício de diagnóstico e avaliação. Esta prática torna-se essencial, em instituições que lidam com Patrimônio Cultural, exposições, pesquisa, coleções, documentação, aquisições e descarte de acervo, entre outras funções típicas de Museus.

É através da segunda parte do Plano Museológico, dedicado aos programas, que se podem ordenar as atuações em cada âmbito do Museu, que inclui a relação das necessidades para o cumprimento de suas funções que se concretizarão em diferentes projetos. Também deve compor a pauta social do Museu ao incluir entre

um de seus programas as questões socioambientais e de cidadania. Essas temáticas não podem ser esquecidas quando tratamos de Gestão de Museus.

Tais questões estão na agenda social e necessitam de encaminhamento e debate entre a comunidade universitária e a sociedade. As questões socioambientais que se impõe na agenda política e social no mundo contemporâneo, quando não encaminhadas, têm trazido consequências devastadoras a natureza e os efeitos da falta de articulação entre as questões de educação ambiental podem causar danos a todo o sistema social. De acordo com Álvares (2012, p.12):

> Aos Museólogos, cabe abraçar as dinâmicas da mudança social, acentuar a voz do nacionalismo histórico e contemporâneo, remover homogeneidade e pontos de vista único, rejeitar a exclusão, incentivar a complexidade e o pluralismo, tornando-o local para o diálogo da identidade nacional e da inclusão social. Aos professores de Museologia, cabe a formação obrigatória também do cidadão.

A terceira parte do Plano Museológico é dedicada aos projetos. Esses projetos são derivativos dos programas e se caracterizam por serem documentos executáveis que possibilitam a materialização das especificações técnicas reconhecidas nos diferentes programas. Nos projetos são definidas, descritas e propostas as soluções ajustadas para as necessidades das instituições no cumprimento de suas missões. Assim, os Museus devem considerar na construção do seu Plano Museológico, desde a missão e os objetivos, passando pelos programas e projetos uma especial atenção às questões socioambientais. Tendo em vista que na contemporaneidade as questões socioambientais são partes da agenda política dos debates públicos, pois dependemos do ambiente e da sua sustentabilidade para dar continuidade a vida no planeta. Desta forma, se coloca a necessidade da gestão sustentável.

Gestão Sustentável e as Dimensões da Sustentabilidade

Como podemos reconhecer um empreendimento culturalmente sustentável? Apesar das controvérsias em torno desta questão, segundo as Nações Unidas, um

empreendimento para ser sustentável deve ser: socialmente justo, economicamente viável e ambientalmente aceitável. Conforme Nascimento: (2012, p. 8):

> Nos embates ocorridos nas reuniões de Estocolmo (1972) e Rio (1992), nasce a noção de que o desenvolvimento tem, além de um cerceamento ambiental, uma dimensão social. Nessa, está contida a ideia de que a pobreza é provocadora de agressões ambientais e, por isso, a sustentabilidade deve contemplar a equidade social e a qualidade de vida dessa geração e das próximas. A solidariedade com as próximas gerações introduz, de forma transversal, a dimensão ética.

Há diversos conceitos, enfoques sobre o tema sustentabilidade. Alguns apresentam contradições, principalmente em relação à questão do desenvolvimento sustentável. Neste artigo, entendemos a sustentabilidade a partir da perspectiva de Leff (1999; 2009), como parte de um modelo de desenvolvimento ecotecnológico cuja racionalidade ambiental é parte de um projeto histórico-político e social mais amplo que deve ser conduzido pela sociedade civil, via conscientização, reivindicação e atuação dos movimentos sociais, sejam de caráter ambiental, cultural ou cidadão.

Segundo o autor, a cultura ecológica fundamentada na construção da racionalidade ambiental deve ser mediada por parâmetros axiológicos que fundamentam a ética ambiental e pela mobilização e participação de diferentes grupos sociais.

De acordo esse enfoque, quanto mais democrática for uma sociedade, mais equipada ela estará para mobilizar os atores sociais, na luta pelos seus direitos, informações, conhecimentos, acesso aos recursos naturais e à defesa de bens e serviços ambientais, comuns à humanidade mais se aproximaria da sustentabilidade. (LEFF, 1999 e 2009). O conceito de sustentabilidade possui diferentes dimensões a econômica, a sociocultural e a ambiental que se articulam.

A sustentabilidade econômica

A sustentabilidade econômica se refere ao equilíbrio que deve haver entre o consumo aliado à conservação e à preservação do ambiente, reciclagem de materiais, evitando

o desperdício para que a sociedade atual seja viável e também garanta a continuidade das gerações futuras. Em síntese, o sentido da sustentabilidade econômica é de que o sistema em uso, diante dos recursos finitos, produza uma razoável e estabilidade através do tempo.

Como lembra Rendeiro, (2011, p.6) a sustentabilidade econômica se aplica no Museu através "[...] de recursos financeiros que é sempre limitado. O atual estado de carência financeira que afeta os Museus nacionais obriga a que se reformulem os modelos de gestão vigentes." Nesse sentido, tendo em conta as medidas de austeridade, os cortes orçamentais, as reestruturações na administração central, entre outros fatores que afetam o setor cultural e que colocam os Museus nacionais nas mais críticas condições de sobrevivência, torna-se premente que se estabeleçam linhas de atuação que os reintegrem no desenvolvimento da sua missão.

Gastar os recursos disponíveis de forma eficaz é vital para manter a transparência e a confiança dos patrocinadores, do público e do governo. O Museu deve investir cada centavo que ganha em seu 'próprio' benefício, que é coletivo.

Nesse sentido, uma gestão pautada em princípios éticos, através de escolhas bem feitas, planejamento cuidadoso e atenção ambiental podem garantir seu crescimento e mais importante; manter-se no tempo. Simples ações de gestão que vão desde a escolha de matérias economicamente eficientes até a implantação de sistemas de monitoramento contra desperdícios podem ajudar na sustentabilidade econômica do Museu.

A sustentabilidade sociocultural

A sustentabilidade sociocultural refere-se aos propósitos da organização e a sua compatibilidade com os valores culturais e éticos da instituição e dos grupos sociais.

A sustentabilidade social é o que dá ânimo ao Museu; especialmente se o trabalho realizado nele repercutir nas ações de cada membro da comunidade, tornando um sujeito participativo e corresponsável pela construção da coletividade. Entretanto, é

necessário trabalhar na direção de questionar estilos de vida baseados em padrões do consumismo e do desperdício.

Uma sociedade sustentável que promova a qualidade de vida dos seus cidadãos necessita estar vigilante aos processos de gestão da produção, circulação, consumo e destino dos resíduos. A participação comunitária na resolução e encaminhamento de problemas socioambientais possibilita a compreensão de que as práticas do passado são capazes de definir o presente e estas redefinirem as gerações do futuro.

No mundo contemporâneo, o papel do Museu não se limita a ser o "guardião" da herança cultural do passado. O Museu é um espaço de reflexão, discussão, de debates sobre as questões que nos inquietam no presente e, ao mesmo tempo, pode servir de 'abrigo' a elas, transpassando os tempos, auxiliando os cidadãos construírem um mundo mais sustentável.

Assim, pensar na gestão de um Museu significa repensar práticas, rever ações, debater, questionar, mobilizar e, sobretudo, participar socialmente da criação de uma cultura para construção de um mundo mais sustentável.

Um exemplo de Museu e sustentabilidade no século XXI é o projeto de construção e gestão do Museu de Imagem e do Som – MIS, que está sendo edificado no Rio de Janeiro. Segundo os planos de implantação do MIS, ele já vai nascer com um projeto arquitetônico que leva em conta as questões ambientais e de sustentabilidade. Seu objetivo é conquistar de uma Organização não Governamental (ONG) a certificação LEED *(Leadership in Energy and Environmental Design)* ouro, ou seja, bem acima das metas mínimas necessárias para obtenção desta certificação ambiental internacional de sustentabilidade[4].

[4] No projeto está previsto uma economia de energia de 26%, e de água em 35% através de sistemas eficientes como captação de luz do meio ambiente e de energia solar, reaproveitamento das águas utilizadas nos serviços do Museu, uso de lâmpadas e luminárias de alta eficiência, sistema de monitoramento contra vazamentos e desperdício de energia e iluminação inteligente nas dependências do Museu. (Fonte: Sítio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, capturado em 25/02/2013). http://www.cultura.rj.gov.br/espaco/Museu-da-imagem-e-do-som-mis

O MIS/RJ manterá diálogo constante com a comunidade do entorno do Museu, através de uma sala exclusiva para este fim. Também está previsto um programa permanente de palestras periódicas com o público e com os funcionários do Museu sobre o conceito de sustentabilidade e educação ambiental.

A sustentabilidade ambiental

Sustentabilidade ambiental diz respeito ao ecossistema em uso mantenha no transcorrer do tempo as características básicas de seus componentes e suas inter-relações.

A sustentabilidade ambiental é um dos assuntos que exercem grande pressão global na atualidade; os Museus devem estimular discussões sobre educação ambiental pública e dar o exemplo de práticas ambientais corretas.

O meio ambiente no qual realizamos nossas atividades cotidianas, por sua vez também exerce impacto em cada aspecto da cultura humana, da natureza e da história. Cada Museu, independentemente de sua especialidade, através da sua programação pode contribuir no processo reflexivo em relação à sustentabilidade e ao nosso futuro no planeta. Como afirma Correia (2012, p. 87):

> O desenvolvimento sustentável tem se tornado um desafio para toda e qualquer atividade que tem compromisso socioambiental. A sustentabilidade ambiental consiste em um novo paradigma que deve ser alcançado, sob pena de os custos ambientais serem tão elevados para a sociedade e muitas atividades humanas não poderem persistir num futuro muito próximo. Todos nós dependemos dos recursos naturais e ambientais, e, portanto, nesta perspectiva temos de prolongar a vida útil desses recursos.

No caso de empreendimentos culturais como Museus, exposições de arte, históricas ou científicas, sítios culturais em suas mais diversas formas, também serão sustentáveis quando se introduz um quarto elemento na fórmula acima mencionada. “A disseminação da cultura é justamente o quarto elemento, que juntamente com o econômico, o social e o ambiental vão possibilitar que um empreendimento seja culturalmente sustentável.” (LORD, 2009, p. 22).

É através de práticas e exemplos que promovam a consciência ecológica e o desenvolvimento cultural das pessoas que se pode evitar que as atividades humanas não irão se voltar contra a própria sociedade no futuro.

Um exemplo disso é a falta de critério na reciclagem de resíduos sólidos que infestam o meio ambiente ou na emissão, muitas vezes desnecessária, de gases nocivos como o dióxido de carbono na atmosfera, mais ainda, na educação para o consumo e na responsabilidade que todos temos de cuidar do planeta, reduzindo, reciclando e reeducando.

Considerações Finais

O Museu Verde é um conceito que remete as preocupações socioambientais no século XXI. Defendemos que Museus de Arte, de História, de Ciências e toda sua vasta concepção e tipologia, adotem em suas missões o compromisso de promover e comunicar ações de sustentabilidade. Tal medida reafirma o papel da Museologia contemporânea, e coloca os Museus como agentes de inclusão cultural, de afirmação de identidades de grupos sociais, de reconhecimento da diversidade e de desenvolvimento econômico aliado às questões ambientais.

É neste sentido que o Museu contemporâneo deve se inserir, utilizando ferramentas de comunicação, informação, educação e informação para proporcionar o entendimento e uma consciência social, por exemplo: da fragilidade da natureza e dos recursos não renováveis diante de um mundo cheio de contradições e que sofre pressões, até certo ponto legítimas para uma prática equivocada de um consumismo desenfreado e nefasto ao próprio cidadão. Outro exemplo é a adoção de medidas de caráter institucional no âmbito de grandes empresas, públicas ou privadas, no sentido de formarem um “Museu Verde”. O Museu Verde pode estar dentro do Museu que já existe, sendo um departamento ou divisão socioambiental dele, pode existir na forma de programa ou projeto ou ainda ser exercido na forma de ações que se podem medir ou quantificar. A proposta de um Museu Verde elenca diversos procedimentos de

educação ambiental, que utilizados pelos Museus, propõe mudanças sociais, comunicam o valor do Museu influenciando seu público a refletir, participar ou replicar ideias simples de mudança de atitude.

Alguns exemplos são: redução da iluminação artificial no âmbito das exposições e dependências do Museu, utilização pelo Museu de matérias 'limpos' sem comprometimento socioambiental em sua utilização ou cadeia de produção, inclusive no restauro de suas coleções.

O Museu Verde pode trazer diferentes olhares e contrapontos sobre as questões socioambientais, uma vez que é relativamente 'livre' de pressões comerciais e pode proporcionar a população uma visão realista da necessidade das comunidades e consumidores, que, ao se articularem em torno do exercício organizado da cidadania, exigir tanto das empresas quanto do poder público, providências para que as gerações futuras não sofram as piores consequências de seus atos que são praticados impunemente e sem a menor consciência de suas consequenciais socioambientais na atualidade.

Nesse sentido, a discussão sobre a sustentabilidade econômica, sociocultural e ambiental nos espaços museais serve para embasar ações e também a necessidade da criação de instrumentos capazes de avaliar a eficácia dos mesmos. Os indicadores sociais de sustentabilidade podem ser uma ferramenta útil aos gestores na tomada de decisões, pois podem fornecer auxílio interno quanto externo no planejamento e execução das políticas públicas voltadas aos museus e ao desenvolvimento sustentável.

A prática museológica voltada para a sustentabilidade possibilita renovar velhas tendências, colocando os museus na vanguarda do pensamento contemporâneo e auxiliando na compreensão das diferentes necessidades de uma sociedade que respeita e entende a diversidade, promove a educação para cidadania e justiça social.

Referências

ALVARES, Lilian. Graduação em Museologia: significados, opções e perspectivas. **Revista do Programa de Pós Graduação da Ciência da Informação da UNB**, ano 1 nº 1, Brasília, 2012. (236-250)

BRASIL, Portaria Normativa nº1 do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 05/07/2006 Plano Museológico dos Museus do IPHAN, Brasília, **IPHAN**, 2006.

CANÇADO, Silvana Trindade. Planejamento Museológico: *Caderno 02*. Belo Horizonte: **Secretaria de Estado de Cultura**/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

CORREIA, Mary Lucia Andrade. Como Alcançar a sustentabilidade ambiental? **Jornal da Universidade de Fortaleza**, Fundação Edson Queiroz, Número 219, Fortaleza, Junho de 2012.

LEFF, Enrique. *Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In* REIGOTA, Marcos (org.). **Verde cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.111-129.

LEFF, Enrique **Ecologia, Capital e Cultura. A Territorialização da Racionalidade Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2009.**

LORD, Gail & Barry. **Manual of Museum Management**. Altamira Press, Toronto, 2009.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, vol.26 no.74 São Paulo, 2012.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Confluências interdisciplinares entre ciência da informação e Museologia. *Museologia e Interdisciplinaridade* **Revista do Programa de Pós Graduação da Ciência da Informação da UNB**, ano 1 nº 1, Brasília 2012 (p. 09- 25)

RENDEIRO, Humberto. Museus e Sustentabilidade Financeira organizado pelo **ICOM – Portugal**, no Museu Nacional de Soares dos Reis, Cidade do Porto, 7 de Novembro de 2011. [Documento apresentado no Encontro]
STORINO, Claudia. *Museus sob nova direção.* Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4/4/2007.

STUART, Denise. Museus e centros de ciências na esteira da diversidade e da cidadania. **Museologia e interdisciplinaridade Revista do Programa de Pós Graduação da Ciência da Informação da UNB**, ano 1 nº 1, Brasília 2012 (p. 26-37)

http://www.Museus.gov.br/publicacoes-e-documentos/4-forum-nacional-de-Museus/

Rio Capibaribe: Quem Te Viu, Quem Te Vê! Uma Proposta Pedagógica para o Ensino de História com Viés Interdisciplinar

Maria do Carmo Barbosa de Melo[5]
Jair Gomes de Santana[6]
Jéssica Costa Silva[7]
Viviane Kelly de sena Silva[8]
Fábio Lacet Carneiro da Costa[9]

Resumo: A História Ambiental objetiva aprofundar a nossa compreensão de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural, bem como, afetaram esse ambiente no decorrer da História. Assim, consideramos a sua importância no ensino de História, pois permite trabalhar com a longa duração e as mudanças ambientais influenciadas pelas mudanças políticas e sociais. A estratégia pedagógica que parte do estudo do meio ancorado na História Ambiental pelo fato de unir pesquisa, observação, descrição e análise, numa perspectiva de aprendizado significativo e multidisciplinar. No Laboratório de Ensino História da UPE, o Grupo de Estudo vem desenvolvendo uma pesquisa sobre o Rio Capibaribe na História local e, construindo, a partir da discussão e seleção de fontes, um importante acervo de Sequências Didáticas a fim de levar a História Ambiental para o Ensino Básico.

Palavras-chave: História Ambiental; Rio Capibaribe; Sequência Didática.

A História encontra-se hoje diante de desafios significativos, considerando que os historiadores descuidaram-se das mudanças de ambientes e da responsabilidade em estudar o redimensionamento do espaço físico, provocado pela intervenção do homem na natureza, especialmente na sua relação com os rios. No dizer de Braudel (1997:21):

> Abandonamos um mundo sem termos tido se quer tempo de conhecer ou até de apreciar os seus benefícios, os seus erros, as suas certezas e os seus sonhos – diremos nós, o mundo da primeira metade do século XX? Deixamo-lo, ou melhor, ele desaparece, inexoravelmente, diante de nós.

Braudel pontua a necessidade da pesquisa e da produção historiográfica se articular com as carências de orientação da vida prática para que não se abandone o mundo em nossa volta, mas se oriente pelas representações das mudanças temporais significativas. Cabe lembrar que o saber histórico obtido pela pesquisa, quase sempre,

[5] Professora Doutora do Curso de História da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
[6] Professor Mestre do Curso de História da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
[7] Aluna Monitora do Laboratório Ensino de História
[8] Aluna Monitora do Laboratório Ensino de História
[9] Aluno Monitor do Laboratório Ensino de História

leva aos pontos de vista da coerência que tem haver com a práxis. Nessa direção Rüsen (2007:99) afirma:

> O agir é orientado quando os agentes dominam o contexto de suas circunstâncias e condições. O agir realiza-se então em um "horizonte" de interpretações, nas quais os agentes podem formular problemas com que lidam no agir, abordar as possibilidades de sua solução, estimar as chances de êxito e se entender sobre suas relações mútuas.

Nessa perspectiva, acredita-se que os historiadores não deram a necessária atenção aos rios, considerando a importância que tem o estudo do homem e suas relações com a água, tanto da paisagem física como da paisagem cultural. Como bem ilustra Freyre (1989:58):

> O banho do rio quando não era um rito, como o dos "romeiros da saúde" no Poço da Panela, era uma festa – o Natal, o Ano Bom, o dia de Reis – junto dos rios. O rio recebia então muito corpo pálido de sinhá dengosa, moças quase tuberculosas de tanto viverem dentro das camarinhas. No rio elas se libertavam do escuro e do abafado dos seus quartos de doentes: ficavam umas verdadeiras meninas gritando e nadando nuas.

Assim como a cultura a economia existe muito em função dos rios e do mar, o que traduz uma história dos homens e das mulheres nas suas relações estreitas com rios que os alimentam; é um diálogo que não para de se repetir.

Nesse sentido foi escolhido o rio Capibaribe como fulcro de um trabalho que estamos realizando no Laboratório de Ensino de História da UPE-Campus Mata Norte, com perspectiva de garantir um importante acervo de Sequências Didáticas a fim de levar a História Ambiental para o Ensino Básico. Considerando que o Rio Capibaribe é um fator geográfico muito importante para a História de Pernambuco, visto que suas águas se subordinaram e ainda são subordinadas aos Sistemas de Relações entre o homem e a paisagem.

Nessa perspectiva, precisa-se conhecer sua trajetória histórica, suas influências e os impactos sofridos nessa interação com o homem para uma possível orientação ética minimamente consistente para discernir e incorporar uma cultura de respeito e preservação ao nosso Capibaribe.

O Rio Capibaribe nasce na divisa dos municípios de Jataúba e Poção banhando quarenta e dois centros urbanos como a nota dominante na vida dos locais onde ele

passa. É a existência de suas águas que vai redimensionando a economia e a cultura local.

As Sesmarias e as datas concedidas por Duarte Coelho e pelos seus sucessores em Pernambuco, as várzeas e as margens dos rios significaram o início de uma relação permanente com variáveis boas e ruins, na qual a Várzea do Capibaribe foi, no dizer de Freyre(1989), como um verdadeiro nervo da população colonial; onde criou raízes a aristocracia brasileira de Senhores de Engenho.

Como pode-se perceber o Capibaribe tem tanta importância para a história de Pernambuco que foi denominado de Rio-ponte por ter sido um importante elo de ligação com os Currais do Agreste e do Sertão.

Freyre (1989:59) evidencia o depoimento do francês Tollenare sobre suas margens:

> Que era raro encontrar margens mais risonhas que as do Capibaribe. A água era tão clara que se enxergava o fundo de areia pura que toma um colorido verde-esmeralda escuro do reflexo da folhagem em meio da qual vê-se esvoaçar o cacique, de ninho suspenso, o cardeal, o vestido de escarlate e mil pássaros adornados de brilhante plumagem.

Narrativa como a de Tollenare traduz um saudosismo e ao mesmo tempo evidencia uma condição do Rio que não mais existe, despertando indignação e necessidade em resgatar a memória, que não pode ser perdida, na perspectiva de se criar atividades que possam levar a construir novos significados e novas relações com a natureza do Rio.

Nesse sentido, Rüsen (2001:155), considera que a narrativa histórica é um "modo específico de sentido sobre a experiência do tempo" e, para a constituição desse "sentido", a narrativa deve estar vinculada à " Reconstituição Mental da mudança temporal." Assim, " a particularidade dos acontecimentos nele não desaparece, mas aparece como uma mudança temporal reconstituível."

Os Estudos do Meio no Ensino de História

Sabemos que é papel da escola, promover uma educação que leve o educando a pensar livremente e capacitá-lo a realizar os projetos cada vez mais elaborados. É de

grande relevância a escola considerar o conhecimento espontâneo que representa uma primeira fase para que, a partir dele, haja uma progressão do conhecimento induzido pela curiosidade, desde que esta curiosidade leve o indivíduo a construir o objeto cognoscível, como Paulo Freire, (1996:35) considera:

> A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haverá criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientemente diante do mundo que não fizemos acrescentando a ele algo que fazemos.

Contudo o grande desafio dos professores é realizar esse projeto que se deseja para a escola. Zatti (2007), constatou situações no meio escolar e social atual que ele caracterizou como situações de heteronomia[10], a saber: a forma como grande parte dos alunos desenvolvem a capacidade de compreensão insuficiente, são arredios à leitura, seguem a moda, apresentam dificuldade de pensar por conta própria e discutir criticamente, inclusive os assuntos que partem do seu cotidiano.

Os PCNs propõem que o ensino de história na educação básica parta de temas e objetos próximos ao contexto social do educando, relacionando-se com outros tempos e/ ou espaços, de forma a não isolar "o que se sabe" do "como se sabe" e "para que se sabe".

Segundo Pacheco (2009), os estudos do meio propõem a mediação didática da metodologia de pesquisa resumida nas etapas de problematização da realidade, coleta, análise dos dados e intervenção no contexto estudado. No sentido histórico, Braudel (1997:17) explica:

> ... uma história quase imóvel, a do homem nas suas relações com o meio que rodeia; uma história lenta a fluir e a transformar-se, feita muitas vezes, de repetições insistentes, de ciclos sem fim recomeçados.

Partindo do pressuposto de que o estudo do meio é sempre o ponto de partida, no ensino, esse princípio, terá a função de uma aproximação maior entre o educando e o seu meio ambiente, levando-os a fazer a necessária comunicação presente e passado,

[10] Heteronomia para Zatti é a determinação passiva do sujeito.

com perspectiva de motivá-los a pensar como estamos nos relacionando com o rio hoje, quais serão as consequências dessa relação com o meio ambiente no futuro.

A partir daí vamos refletir sobre essa relação homem natureza no passado, pois a nossa racionalidade instrumental, como disse Zaidan(1995), que vê a natureza apenas com a função de satisfazer os caprichos humanos tornou-se uma ameaça para o nosso planeta(Soffiatti1990:44), denunciou a ausência da natureza nos livros didáticos de história, desprezando as relações entre o ser humano e a natureza, ao afirmar:

> Tudo leva a crer que este descaso se deve ao caráter excessivamente antropocêntrico e sociocêntrico dos sistemas filosóficos ocidentais, notadamente a partir da revolução intelectual do século XVII e do pensamento de Descartes (...) A natureza, assim, ou foi reduzida ao espírito ou à história, deixando de ter existência real.

Assim, para Soffiatti, o esvaziamento do conceito de natureza foi o resultado da ação de um culturalismo e historicismo exagerados. Logo, o nosso projeto de trabalhar com o rio Capibaribe vem preencher uma lacuna do ensino fundamental, especialmente no que se refere a disciplina história.

Sequências Didáticas no Ensino de História

As sequencias didáticas, são dispositivos de aprendizagem. É um procedimento encadeado de etapas ligadas entre si, para tornar mais eficiente o aprendizado. Elas são planejadas e desenvolvidas para a realização de determinados objetivos educacionais: com início e fim. Nesse sentido, além de se trabalhar com os conteúdos, foca-se nas habilidades que se espera os educandos. Assim, cabe ao professor organizar o planejamento e estimular os educandos para o trabalho pedagógico que os mesmos precisam.

Sabe-se que uma paisagem histórica é um cenário composto por fragmentos, que estão carregados de memórias e problemáticas. Este cenário pode “sensibilizar os educandos sobre a participação dos antigos e dos modernos atores da história, acrescentando-lhes vivências e concretude para a sua imaginação”(PCN),ou seja,

habilitá-los a fazer a necessária comunicação presente passado, explorando a sua potencialidade criativa.

Com as sequências didáticas queremos desenvolver as habilidades abaixo, que constam dos PCNs de História do Ensino Básico:

- Localizar as informações em documentos textuais de época e historiográficos;
- Ler e interpretar pequenos textos históricos;
- Reconhecer instrumentos de medida de tempo e relacioná-los á passagem do tempo;
- Estabelecer relações simples entre fatos históricos;
- Ordenar fatos em ordem cronológica;
- Reconhecer a ideia central nos textos históricos;
- Elaborar resumos de fatos históricos;
- Reconhecer a simultaneidade de fatos históricos diferentes e ordená-los em sequência;
- Identificar a existência de mais de uma versão para o mesmo fato histórico;
- Comparar a partir da leitura, as diferentes versões para o mesmo fato histórico;
- Descrever imagens representativas de fatos históricos;
- Reconhecer simultaneidade e contemporaneidade de fatos históricos.

Nessa perspectiva o grupo trabalha potencializando o resgate da memória do Rio Capibaribe, a partir de pesquisa, de discussões e de organização de acervo no Laboratório de Ensino de História, disponibilizando para os professores das escolas básicas da região, bem como, para os licenciados das diversas licenciaturas, esperando contribuir com o processo de formação tanto do professor como dos educandos do Ensino Básico.

O Rio Capibaribe

Nasce na Serra de Jarará, no município de Poção e desagua no Oceano Atlântico, passa pelo centro da cidade do Recife , dando uma característica especial à cidade, às suas pontes que ligam as várias partes da cidade. O rio possui 240 quilômetros de extensão, possui 74 afluentes e banha 42 municípios do estado.

O curso do Capibaribe é dividido em três partes: o alto e o médio curso (situado no Polígono das Secas), aqui o rio apresenta regime temporário (cheio sazonalmente) e o baixo curso, em que o rio se torna perene: isto se dá a partir de Limoeiro (no agreste).

O rio Capibaribe está intrinsecamente ligado à História de Pernambuco, pois na sua várzea surgiram os primeiros engenhos de açúcar que fizeram a importância de Pernambuco no século XVI e XVII, até que a descoberta das minas de ouro, tornaram essa região o novo centro dinâmico da colonização.

Até as primeiras decádas do Século XX, as casas estavam voltadas para o rio, que era o principal meio de transporte e de inspiração para os poetas e apaixonados, como tão bem ilustra Freyre (1989:59/60): *"Os rapazes mais românticos, estudantes de Direito no Recife, estes fizeram das águas do Capibaribe e do Beberibe, as águas de suas confidências de amor"*.

São muitas histórias e nuitas memórias desenvolvidas no complexo do Rio Capibaribe. Difícil será não encontrar nos álbuns de família em Pernambuco, velhas fotografias em que o velho Capibaribe aparece como cenário das belas recordações.

À medida que ia se intensificando o progresso, novas formas de transporte, como o ferroviário, e nas áreas urbanas, os bondes, o rio foi perdendo a sua importância como meio de transporte. A partir daí nas novas áreas urbanas do Recife, a cidade foi dando as costas para o rio e se foi intensificando o desprezo do homem pela água do Rio. Como bem coloca Freyre(1989:64):

> O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas. E as caldas fedorentas matam os peixes. Envenenam os pescados. Emporcalham as margens A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste.

A narrativa de Freyre denuncia um crime que ao invés de ser apurado, identificando as fontes poluidoras, e punido, hoje continua sendo intensificado com a contaminação por metais pesados, como chumbo, mercúrio e zinco, além do esgoto e do lixo doméstico que a falta de conhecimento ambiental, somado aos despejos industriais , a ausência de saneamento e de políticas públicas de resgate e preservação provoca um

redimensionamento ambiental indesejado em nosso Rio Capibaribe que já foi tão amado no passado.

Nesse sentido, deve ser relevado na aula de História, tais preocupações, considerando que aprender História deve ser adquirir e desenvolver conhecimentos e ações positivas com relação à sociedade, como bem traduz Rüsen(2001:63):

> A apreensão do passado operada pelo pensamento histórico na consciência histórica baseia-se na circunstância de que as experiências do tempo presente só podem ser interpretadas como experiências , e o futuro apropriado como perspectiva de ação, e as experiências do tempo forem relacionadas com as do passado, o que se processa na lembrança interpretativa que as faz presentes.

É com esse princípio de Rüsen que o grupo selecionou o Rio Capibaribe e o método Sequência Didática com perspectiva de contribuir com o processo de formação das crianças e jovens, considerando que aprender é um processo dinâmico de mudança no pensar e no agir.

A nossa proposta é disseminar no Curso de História a construção de sequências didáticas. As sequências didáticas produzidas nesse projeto serão trabalhadas com os professores das cidades da Mata Norte através de projetos de extensão. Como Universidade queremos investir na melhoria da qualidade de ensino no local em que a Universidade está plantada, queremos através desse mecanismo dialogar com os professores da Mata Norte e contribuir efetivamente para o avanço da educação nessa região.

Modelo De Sequência Didática Utilizada Nesse Trabalho

Habilidades: 1. localizar informações históricas.

2. ler e interpretar pequenos textos historiográficos.
3. produzir pequenos textos.
4. reconhecer a ideia central do texto.
5. estabelecer comparações entre temporalidades diferentes.
6. perceber a transformação do tempo-espaço.

7. realizar leitura de imagens.

8. estabelecer relações simples entre fatos históricos.

Sugestão ao professor:

- trabalhar antes com os alunos os conceitos de, imaginário, interação, patrimônio, memória e outros.

Orientações ao professor:

- pedir ao aluno leitura atenta dos textos.

- chamar a atenção do aluno para as relações sociais e o desenvolvimento urbano do no Rio Capibaribe.

- trabalhar com os alunos a ideia de fotografias como representação.

Proposta:

1. Observe as imagens do rio Capibaribe do século XX.

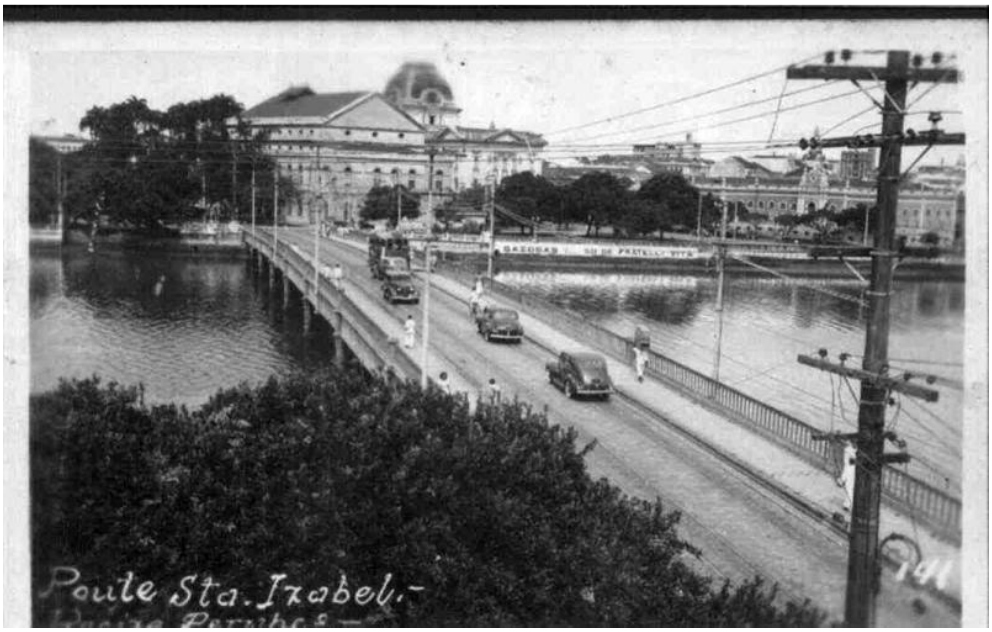


Imagem 1 - Antiga Ponte Princesa Isabel século XX
httpwww.skyscrapercity.comshowthread.phpt=479359a –

a) Descreva como você percebe o centro do Recife, nas primeiras décadas do século XX.

b) Existe evidência de poluição no rio, neste período? Justifique sua resposta.

2 – Leia a poesia a seguir e responda:

"**Nosso rio, nossa fonte de vida** !
Não deixemos que ele morra!
Nossa fonte de inspiração,
Nosso orgulho, nosso brasão.
Rio Capibaribe que num passado não
Muito distante permitiu-nos titular a cidade
Do Recife de a Veneza Brasileira!

Capibaribe nosso rio, só nosso!

Nasce no aclive da serra do jacarará,
Município de Poção, divisa com Jataúba,
Comunidade do Araçá,
A uma altitude de mil e cem metros.
Sua bacia hidrográfica compreende uma
Área de sete mil, setecentos e dezesseis quilômetros

Quadrados, o equivalente a sete vírgula oitenta e cinco

Por cento da área de Pernambuco.

Esse nosso rio que outrora fora
Veículo de ostentação e riqueza
Apresenta-se com Pujança avistada em alto,
Médio e baixo Capibaribe.
Da Nascente à foz,
Serpenteia o rio pelo Agreste, e Mata,
Cortando a Região Metropolitana do Recife.
Ao aproximar-se da sua foz toma característica
Urbana, dando brilho ao relevo da cidade,
Com suas pontes, suas travessias!
Que encantaram tantos Poetas e Músicos
Da dimensão de: João Cabral de Melo Neto,
Acenso Ferreira, Manuel Bandeira e Capiba [...]"

(Sebastião Gomes Fernandes)

http://oabelhudo.com.br/2013/03/poesia-nao-deixem-o-capibaribe-morrer-por-sebastiao-gomes-fernandes/

a) Com relação ao texto, o autor faz uma evidente exaltação ao Rio Capibaribe. Essa exaltação pode ser percebida em que momentos do texto?

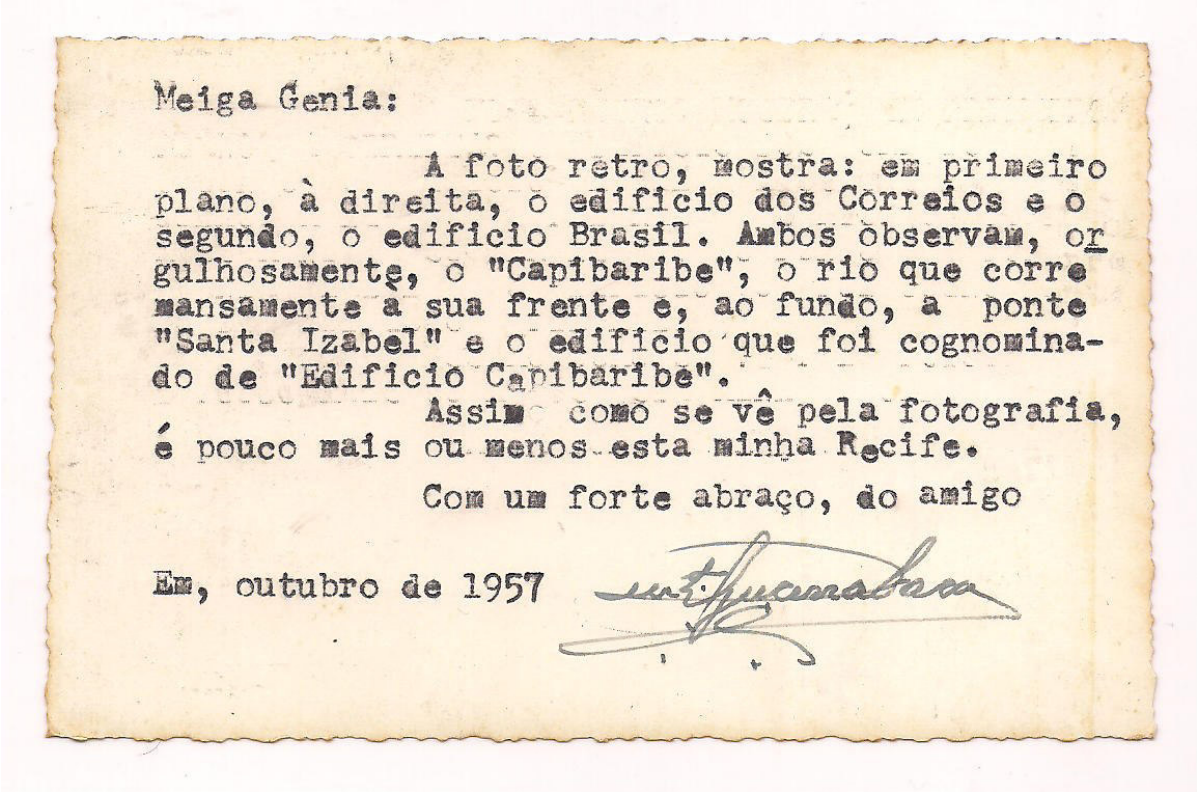
Esse nosso rio que outrora fora
Veículo de ostentação e riqueza

b) Lendo o fragmento de texto acima, o poeta afirma que o rio foi veículo de ostentação e riqueza. Pesquise, e procure identificar os motivos pelo qual o rio perdeu essa representação.

3 - Observe o cartão postal.

Face 1

Face 2.



Meiga Genia:

A foto retro, mostra: em primeiro plano, à direita, o edifício dos Correios e o segundo, o edifício Brasil. Ambos observam, orgulhosamente, o "Capibaribe", o rio que corre mansamente a sua frente e, ao fundo, a ponte "Santa Izabel" e o edifício que foi cognominado de "Edifício Capibaribe".

Assim como se vê pela fotografia, é pouco mais ou menos esta minha Recife.

Com um forte abraço, do amigo

Em, outubro de 1957

http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-522897278-carto-postal-recife-rio-capibaribe-ref408 JM

a) Na leitura da primeira face do cartão postal, quais elementos relevam a importância do rio Capibaribe na paisagem do centro do Recife?

b) Como você vê o sentido que a população do Recife dava ao Rio Capibaribe, a ponto de ser fonte de inspiração?

4 – Analise as Imagens:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar

http://www.flickr.com/photos/35388726@N02/5320532729/

a) Existem semelhanças entre elas? Quais?
b) Aponte as diferenças, justificando as mudanças.
c) Você considera que a qualidade da água nos períodos referidos acima, mudou? Se sua resposta for afirmativa, descreva em duas colunas suas características.

Imagem 1	Imagem 2

Considerações Finais

Os resultados apurados, até o momento, com este projeto, sugere uma inovação tácita do processo de ensino-aprendizagem de História numa perspectiva ética que pode contribuir com o processo de formação de Educação Histórica Ambiental.

A mudança conceptual dos jovens deve ser promovida a partir da reflexão , que os conscientizem dos seus próprios conhecimentos, crenças, atitudes, valores e responsabilidade, comprometendo-os com um novo olhar, um novo sentido e uma nova ação, no que se refere ao Rio Capibaribe.

Sendo a Sequência Didática, centrada no educando, visa promover o desenvolvimento de competências meta-cognitivas, encorajando a expressão de ideias e estratégias para aprender a resolver problemas.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História.* Lisboa, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil.* Rio de Janeiro: Record, 1989.

FREYRE, PAULO. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Educação patrimonial e estudo do meio: metodologias para o ensino de história na educação básica.* In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,

25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.

Parâmetros curriculares nacionais: história/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC /SEF, 1998.

REZENDE, Antonio Paulo. O Recife: Histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2002.

RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico.* Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

- *Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica.* Trad. 2001

SOFFIATI, Arthur. *A ausência da natureza nos livros didáticos de História*. Revista Brasileira de História. V.9, n. 19, São Paulo. PP. 43-56. Set.89/Fev.90.

ZAIDÁN, M. 1995. *Fundamentos sociofilosóficos da questão ambiental*. Estudos Sociedade e Agricultura 4: 126-129. *r1.ufrrj.br/cpda/cinais/basedados.html,m,acesso 19/11/2013*.

Religiões Afro-indígenas Brasileiras: o Sagrado e o Meio Ambiente

Rodrigo Correia de Lima[11]
Maria de Fátima Gomes da Silva[12]

Resumo: o presente artigo é parte do projeto de pesquisa que se encontra em andamento no Programa de Mestrado Profissional em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável da Universidade de Pernambuco. O Objetivo da pesquisa é Analisar a relação entre as Religiões Afro-indígenas brasileiras e o Meio Ambiente, a partir de um Estudo de Caso, tendo como metodologia a observação participante, com aplicação de entrevistas semiestruturadas. O referido projeto justifica-se pela necessidade de valorizar as práticas das Religiões Afro-indígenas brasileiras, dando visibilidade à relação existente destas comunidades tradicionais com o meio ambiente, salientando que a diversidade cultural é uma das dimensões que deve ser observada na construção de uma sociedade sustentável.

Palavras-chave: Religiões Afro-indígenas brasileiras; Meio Ambiente; Sagrado; Diversidade Cultural.

Introdução

A relação sociedade/natureza vem se revelando cada vez mais conflituosa devido ao modelo extremamente predatório adotado pelas civilizações hegemônicas, as quais subjugaram os demais povos que não se enquadravam nesse modelo. O desenvolvimento, na verdade, o crescimento econômico foi sendo pautado a partir do desrespeito as diversidades biológicas e a diversidade cultural.

A partir dessa diversidade cultural nós temos vários exemplos de relações mais harmoniosas, na humanidade de relação com a natureza, como acontece com os povos ameríndios e os povos africanos. Povos tradicionais que durante séculos desenvolveram padrões de vida mais respeitosos com os ecossistemas que habitam.

Este artigo tem como objetivo conceituar as Religiões Afro-indígenas brasileiras, fazendo uma incursão no sagrado para as Religiões Afro-indígenas brasileiras. Reflete-se também sobre as relações dessas religiões com o Meio Ambiente,

[11] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável da Universidade de Pernambuco – UPE. Especialista em Gestão Ambiental pela FAFIRE e graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata – UPE.
[12] Pós doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Doutora em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

procurando salientar a importância da diversidade cultural para a construção de uma sociedade sustentável.

Conceituando Religiões Afro-indígenas brasileiras.

Religiões de Matriz Afro

As religiões de Matriz Afro são aquelas que têm sua origem das diversas etnias africanas que vieram para o Brasil nos períodos colonial e imperial, momentos em que a mão de obra escrava era o alicerce da economia brasileira, sendo assim vários negros africanos foram feitos escravos para dar sustentação a essa economia que estava baseada primeiro na monocultura de exportação (cana-de-açúcar) e mais tarde também na extração de pedras preciosas.

Desta forma, a história das Religiões de Matriz Afro e Afro-brasileiras se confundem com a história do Brasil, sobretudo, no tocante ao período supracitado, momento em que ocorreu o intenso tráfico de escravos da África para as Américas, especialmente para o Brasil. Segundo Prandi (2000), mais de cinco milhões de pessoas foram trazidas para o Brasil entre 1525 e 1851. Foram introduzidas no Brasil para desempenhar um trabalho servil, primeiro no nordeste açucareiro e mais tarde nas minas. Nessas regiões é que se *"guardam uma flagrante feição africana na cor da pele, nos grossos lábios e nos narigões fornidos, bem como em cadências e ritmos e nos sentimentos especiais de cor e gosto."*[13]

A partir desta perspectiva de resistência e adaptação, no qual se encontravam os povos africanos no Brasil, Darcy Ribeiro (1995), refere que:

> (...) – por diferir, consideravelmente, no plano ecológico e tecnológico, dos modos de prover a subsistência na África --, nem tampouco nos modelos de associação – por estarem rigidamente prescritos pela estrutura da colônia como sociedade estratificada, a que se incorporava na condição de escravo --, sobreviveria principalmente no plano ideológico, porque ele era mais recôndito e próprio. Quer dizer, nas crenças religiosas e nas práticas mágicas, a que o negro se apegava no esforço ingente por consolar-se do seu destino e para controlar as ameaças do mundo azaroso em que

[13] RIBEIRO Darcy. O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras , 1995, p. 115.

> submergira. Junto com estes valores espirituais, os negros retêm, no mais recôndito de si, tanto reminiscências rítmicas e musicais, como saberes e gostos culinários.[14]

Como nos fala Darcy Ribeiro a principal forma de conseguir sobreviver e resistir às adversidades da condição de escravo, em uma sociedade dividida em classes sociais, no qual a ascensão era praticamente impossível, uma das formas encontradas pelos negros era manter viva as suas tradições religiosas ao mesmo tempo procurava se adaptar a nova terra.

No que diz respeito às religiões de matriz africana, Silveira (2009), afirma que começa-se a ter notícias destes cultos em terras brasileiras desde o século XVII, com os chamados calundus. Fato interessante citado pelo mesmo autor, é que as funções dos calundus extrapolavam o papel religioso e desempenhavam também a função de cura de doenças físicas. Com essa função de cura ocorreu que alguns sacerdotes do calundu participaram de campanhas de combate a epidemias que assolaram a Bahia em meados do século XIX. Observa-se que existe desde esta época uma inserção na sociedade brasileira dos cultos de origem afro, sendo estes inclusive frequentados por brancos, que os procuravam para curar-se de alguma doença. Portanto, o contingente africano que vem a formar o povo brasileiro, juntamente com os elementos luso e indígena, vai ter grande influência na cultura brasileira, sobretudo nas diversas manifestações religiosas existentes no Brasil.

Diante desta conjuntura é necessário diferenciar, as várias vertentes das religiões de matriz afro, afro-brasileira, que existe dentro do contexto da sociedade brasileira. O primeiro conceito que precisa ficar desvendado é o de afro e afro-brasileiro. Para tanto, o autor Raul Lody (2006) classifica afro da seguinte forma: *"fazem parte da construção de afro as manifestações tradicionais, e nelas há destaque especial para as religiões convencionalmente chamadas de afro-brasileiras – candomblé, xangô, Casa Mina, batuque, entre outras."*[15]

[14] Idem, p.117.
[15] LODY, Raul. O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. 2ª ed. São Paulo – SP. WMF Martins Fontes, 2006, p. 13

Ressalta-se que o conceito de afro faz parte da construção identitária do povo negro que formam a nação brasileira. Fazendo referência ao papel dos terreiros como, locais de salva guarda dessa identidade cultural.

> Valorativamente, são conferidas aos terreiros a guarda, a proteção e a manutenção de conjuntos expressivos das culturas africanas, que, coordenadas pelos princípios religiosos, conseguiram preservar idiomas, tecnologias, música, dança, gastronomia, teatro, liturgias e sistemas de mando e poder intramuros e referências complexas à sociedade total. Nesse campo, a história confere aos terreiros uma espécie de autoridade criativa que remete à memória remota africana e ao, mesmo tempo, constrói uma memória próxima, afro-brasileira.[16]

O valor que os terreiros têm para a resistência da cultura afro no Brasil é muito importante, pois é através destes espaços que se conseguiu a manutenção de signos culturais e inserção na sociedade a partir da participação ativa das lideranças, as quais procuraram reconstruir até certo ponto a memória africana no em terras brasileiras.

Em relação à função dos terreiros supracitados, estes são as representações reinventadas e recriadas das nações africanas no Brasil, cada terreiro herdou uma denominação e costumes ritualísticos que estão ligados diretamente a sua nação de origem, é preciso evidenciar que estas representações não são puras, pois, houve o sincretismo entre as várias etnias africanas e destas com o catolicismo e com os cultos indígenas.

Dentro deste contexto de gênese das religiões afro no Brasil, existem diversas etnias que contribuíram para essa formação. Prandi (2000) a esse propósito comenta,

> (...), sobretudo os localizados na região do Golfo da Guiné e que, no Brasil, conhecemos pelos nomes genéricos de nagôs ou iorubás (mas que compreendem vários povos de língua e cultura iorubá, entre os quais os oyó, ijexá, ketu, ijebu, egbá, ifé, oxogbô, etc.), os fon-jejes (que agregam os fon-jejes-daomeanos e os mahi, entre outros), os haussás, famosos, mesmo na Bahia, por sua civilização islamizada, mais outros grupos que tiveram importância menor na formação de nossa cultura, como os grúncis, tapas, mandingos, fântis, achântis e outros não significativos para nossa história. Frequentemente tais grupos foram chamados simplesmente de minas.[17]

[16] Ibidem.
[17] PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. Revista USP. n. 46. São Paulo: junho/agosto 2000, p. 53-54.

Com esta variedade de grupos étnicos vindos para o Brasil, as manifestações religiosas também receberam várias nomenclaturas de acordo com a região que surgia.

> Assim, na Bahia, temos os candomblés nagôs ou iorubás (ketu ou queto, ijexá e efã), os bantos (angola, congo e cabinda), os ewe-fons (jejes ou jejes-mahis). Em Pernambuco, os xangôs de nação nagô-egbá e os de nação angola. No Maranhão, o tambor-de-mina das nações mina-jeje e mina-nagô. No Rio Grande do Sul o batuque oió-ijexá, também chamado de batuque de nação.[18]

Como ocorreu a recriação das nações em terras brasileiras o que vai definir a que nação pertence o terreiro são os elementos ritualísticos que os compõem, mesmo sabendo que ocorreram trocas entre as mesmas.

> Na Bahia surgiram os candomblés ketu e ijexá e mais recentemente o efã, todos de origem acentuadamente nagô ou iorubá, além de um candomblé de culto aos ancestrais, o candomblé de egungum. Também da Bahia é o candomblé jeje ou jeje-mahi, enquanto no Maranhão o tambor denominado mina-jeje dependeu mais de tradições dos jejes daomeanos, ali também se criando uma denominação mina-nagô. Em Pernambuco sobreviveu a recriação da nação egbá, também chamada nagô, e no Rio Grande do Sul, as nações iorubanas oyó e ijexá. Em Alagoas criou-se um culto de nação xambá, igualmente nagô, hoje praticamente extinta. Na Bahia, como em outros lugares, tivemos a formação dos candomblés bantos, com três referências básicas: candomblé angola, congo e cabinda, mas apenas as dimensões da língua ritual e da música parecem ser sua marca de identidade, pois seus deuses são os orixás dos nagôs e seus ritos seguem os dos candomblés nagôs e jejes.[19]

É notório que existe a partir da própria origem das religiões afro e afro-brasileira um número muito grande de denominações devido a sua constituição, mas todas elas contribuíram e contribuem para a formação cultural do povo brasileiro, fato que pode ser compreendido no cotidiano, nas ações e simbolismos do nosso povo.

Religiões de Matriz Indígena

A segunda definição que deve ficar esclarecida é a de religiões de matriz indígena, dentro dessa vertente religiosa destacarei a Jurema como um dos representantes

[18] Idem, p. 58
[19] Idem, p. 60 -61.

deste grupo. Além do culto da Jurema existem ainda algumas outras manifestações religiosas que também têm influência indígena nos seus rituais como, por exemplo, a Umbanda, o Candomblé de Caboclo etc.

Pelo fato de acontecer dentro de uma diversidade religiosa muito ampla, o Culto da Jurema pode ser encontrado nos terreiros localizados nas zonas urbanas, zonas rurais e nos povos indígenas da região Nordeste do Brasil. Em cada um desses espaços em que é desenvolvido vai apresentar características próprias. O foco aqui estabelecido é quanto ao Culto da Jurema realizado em terreiros de áreas urbanas da Região Metropolitana do Recife.

> No contexto de Pernambuco a Jurema é amplamente encontrada na região urbana, além de sua já conhecida presença no sertão e dentro da cultura indígena. Sua origem remonta a pajelança e ao toré, ambos regimes religiosos que fundamentam a estrutura indígena do sagrado. É recente o interesse acadêmico sobre o tema que envolve a confluência de vários outros tipos religiosos, como a umbanda, o catolicismo, o candomblé e o vodum maranhense. Seu nome, de origem Tupi, liga-se às espécies especificas de árvores encontradas no sertão. São elas a *Mimosa hostilis*, hoje reclassificada como *Mimosa tenuiflora*, a *Mimosa verrucosa* e também a *Vitex agnuscastus*, conhecidas como Jurema Preta, Jurema Mansa e Jurema Branca, respectivamente. A Jurema Preta é utilizada na fabricação da bebida que dá nome a esse universo religioso.[20]

Mesmo dentro de um contexto tão amplo e diversificado os estudos científicos sobre a Jurema Sagrada são escassos. Segundo Salles (2010), os poucos escritos sobre o tema provêm de 1930, mas com pouco detalhamento, pois os pesquisadores na época davam mais ênfase as Religiões Afro-brasileiras consideradas "puras", como o Candomblé da Bahia e o Xangô do Recife.

As primeiras pesquisas sobre os locais que apresentavam o Culto a Jurema, eram nomeados de Catimbó, *"o primeiro a escrever sobre Catimbó foi Mario de Andrade, no início da década de 1930."*[21]. O referido autor lembra ainda que Mario de Andrade incentivou bastante o pesquisador potiguar Câmara Cascudo a pesquisar sobre

[20] RODRIGUES, Michelle Gonçalves; VILARINO, Marcelo de Andrade. "Religiões Afro-brasileiras e Indígenas: dinâmicas contemporâneas, constituição e significado do corpo no transe mediúnico." In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2011 Salvador – BA. Anais eletrônicos... Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais. - Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/> Acesso em: 08 nov. 2013, p. 10

[21] SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da Jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010, p. 22

Catimbó, devido ao fato de Mario de Andrade se preocupar na formação de uma identidade nacional e o Catimbó se apresentava como esta grande miscigenação do povo brasileiro.

Segundo Barros e Mota (2008), para Luiz Câmara Cascudo, *"o 'segredo da jurema' é sinônimo de catimbó, uma cerimônia ritualística com elementos provenientes das tradições ameríndias, africanas e europeias."*[22] Nota-se que a miscigenação é elemento central no desenvolvimento da Jurema, mas Barros e Mota (2008) chamam a atenção para o fato de o termo Catimbó não ser um sinônimo exato de Jurema, acreditando que o nome Catimbó deriva de cachimbo, pelo costume indígena de utilizar o fumo nos rituais para obter proteção espiritual e elevação do espírito.

No geral os locais de culto a Jurema encontra-se dividindo o espaço com as religiões de matriz afro, no entanto, são realizados rituais separados e existem quartos (locais que se guardam os objetos religiosos) separados para o Culto de Matriz Afro e a Jurema, existindo assim dentro dos terreiros recintos distintos para ambas manifestações religiosas.

Prova deste compartilhamento de espaço está presente na pesquisa socioeconômica e cultural desenvolvida pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome em 2011 (Brasil, 2011), com os povos de terreiro do Recife, Belém, Porto Alegre e Belo Horizonte, mostrando que no Recife 70% dos terreiros possuem o culto a Jurema o que equivale a um número absoluto de 896 terreiros de um total de 1.261 terreiros pesquisados, é interessante ressaltar que 894 terreiros registrados na pesquisa são apontados como Candomblé, xangô ou nagô, sendo estes apontados como de Matriz Afro, assim fica evidente que vários terreiros praticam as duas formas de religiosidades.

A partir desta amálgama em que se encontra o culto da Jurema, a mesma é abarcada por uma série de simbolismos que de acordo com Salles pode ser definida como,

[22]BARROS, José Flávio Pessoa de; MOTA, Clarice Novaes da. "Como a Jurema nos disse: Representações e drama social Afro-indígena." In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 237.

> (...) um complexo semiótico, fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem encontra-se nos povos indígenas nordestinos. As imagens e os símbolos presentes nesse complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como um "reino encantado", os "encantados" ou as "cidades da Jurema". A planta de cuja as raízes ou cascas se produz a bebida tradicionalmente consumida durante as sessões, conhecida como *jurema*, é o símbolo maior do culto. É ela a "cidade" do mestre, sua "ciência", simbolizando ao mesmo tempo morte e renascimento.[23]

Todos estes significados faz da Jurema uma religião constituída por um intricado cultural que nos remete ao um contexto de junção de negros e indígenas, no qual cada um contribuiu com a sua parte para a formação dessa religiosidade tão presente nos terreiros do Nordeste, principalmente do Recife.

O Sagrado para as Religiões Afro-indígenas brasileiras

Antes de caracterizar o Sagrado para as Religiões Afro-indígenas brasileiras é necessário, conceituar o que é o Sagrado e para tanto, utilizarei Mircea Eliade (1992) que o conceitua da seguinte forma,

> O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades "naturais". É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou à vida espiritual profana do homem. Mas sabemos que essa terminologia analógica se deve justamente à incapacidade humana de exprimir o *ganz andere*: a linguagem apenas pode sugerir tudo o que ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural.[24]

Portanto, o sagrado se manifesta como algo diferente do que cerca o ser humano, do que é "natural" A linguagem criada pelos seres humanos para expressar toda grandeza do sagrado é insuficiente diante de todo o poder simbólico que o mesmo possui. Concordo também com o referido autor quando o mesmo coloca que o fenômeno do sagrado manifesta-se:

> (...) em toda a sua complexidade, e não apenas no que ele comporta de irracional. Não é a relação entre os elementos não racional e racional da religião que nos interessa, mas sim o sagrado na sua

[23] SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da Jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. Op cit., 17 – 18.
[24] ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992 p. 12.

> totalidade. Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano.[25]

Esta definição de sagrado expressa a construção social do qual ele faz parte, o mundo ganha duas definições distintas, o que é sagrado e o que não é sagrado, ou seja, o que é profano. O Sagrado é o símbolo maior criado por um povo para alcançar o equilíbrio com o criador e toda a criação, com a existência do sagrado vai existir uma diferenciação no espaço e nos elementos que o compõem, ou seja, o que não faz parte desse universo sagrado, é profano, é o espaço não sacralizado.

Este ato do ser humano sacralizar os elementos do ambiente desde simples pedras, pessoas e o espaço, chama-se hierofania. Eliade (1992), a partir desta acepção diz que tudo pode se transformar num elemento sacralizado, desde uma pedra, uma planta, animal ou pessoa. O sagrado é a manifestação de alguma coisa que não é deste mundo, mas revela-se em um elemento deste mundo.

A importância do sagrado é que ele cria um centro no caos que se diferencia de todo o restante, criando com isto um espaço de ligação entre dois níveis cósmicos Eliade (1992). É importante salientar que o referido autor chama a atenção para o fato de que nos povos pré-modernos todo o Cosmos pode ser a manifestação do sagrado, ao passo que para o homem moderno existe uma dessacralização do ambiente, ou seja, não há mais a diferenciação entre o sagrado e o profano, o mundo torna-se homogeneizado, com uma finalidade utilitarista.

A partir deste princípio, os homens religiosos creem que toda a natureza pode ser sacralizada, toda ela pode ser uma manifestação do sagrado, pois ela saiu das mãos dos deuses, ou seja,

> O mundo apresenta-se de tal maneira que, ao contemplá-lo, o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado e, por conseguinte, do Ser. Antes de tudo, o Mundo existe, esta ali, e tem uma estrutura: não é um Caos, mas um Cosmos, e revela se portanto como criação, como obra dos deuses. Esta obra divina guarda sempre uma transparência, quer dizer, desvenda espontaneamente os múltiplos aspectos do sagrado. O Céu revela diretamente, "naturalmente", a distância infinita, a transcendência do deus. A Terra também é "transparente": mostra-se como mãe e nutridora universal. Os ritmos

[25] Idem. p. 12 – 13.

> cósmicos manifestam a ordem, a harmonia, a permanência, a fecundidade. No conjunto, o Cosmos é ao mesmo tempo um organismo real, vivo e sagrado: revela as modalidades do Ser e da sacralidade. Ontofania e hierofania se unem.[26]

Dentro desta perspectiva da união do Ser e do Sagrado, estão as Religiões Afro-indígenas brasileiras. A manifestação do sagrado para estas religiões ocorre na natureza e no ambiente como um todo.

> Os apelos de imagem, de som, de gastronomia, as indesvinculáveis formas de ver e entender o cotidiano, unindo-o às luzes da manhã, ao pôr da tarde, às águas dos rios, às águas do mar, ao vento, ao verde – árvores, folhas e frutos --, aos animais, formam juntos cenários de vida, de vida compartilhada, e isso é axé, uma força emanada da própria natureza e compreendida em espaço sagrado pelo povo de santo. [27]

Fica evidente através desta citação de Raul Lody, esta sacralidade do ambiente por parte dos povos de terreiro, chamados por ele de povos de santo, mas, é necessário distinguir as diferenças das práticas dos cultos de Matriz Afro e Afro-brasileiras e as práticas dos Cultos de Matriz indígena, no caso exposto nesta pesquisa, a Jurema.

Na tradição de Matriz Indígena, a Jurema, é um culto que ocorre tendo uma espécie vegetal (jurema) no centro de todos os rituais, é nela em que esta a "ciência" dos mestres, mestras, caboclos etc.

A Jurema reúne uma série de características fruto da miscigenação que deu origem a essa religião:

> A jurema, como complexo cultural, deixa de ser somente planta: para os kariri-xoco ela é divindade formadora do grupo; para os umbandistas ela permite pensar a representação do índio brasileiro; no candomblé de Angola, ela volta a ser um vegetal utilizado em rituais de propiciação às divindades. Planta, mulher indígena, bebida, criadora, espirito em ritual de possessão, lugar sagrado, feitiço: muitas são as faces da jurema que se apresentam e se representam para os grupos mencionados, unificando-os e distinguindo-os. Outro elo aproxima essas diversas concepções e visões de mundo: o segredo da jurema, tornando-a prescrita a um conhecimento mantido dentro das fronteiras culturais onde ela reina absoluta e, na maioria

[26] Idem. p. 59.
[27] LODY, Raul. O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Op. Cit., p. 5-6.

> das vezes, secreta, mas sempre cercada do drama e da "magia" que ela é capaz de evocar.[28]

Esta imensa e complexa expressão do sagrado, que é a Jurema, torna-se símbolo de resistência e luta pela identidade cultural de povos indígenas do nordeste e de uma grande massa de pessoas das periferias urbanas que praticam durante gerações, resistindo às várias formas de perseguição e discriminação.

A Jurema é cercada de mistérios e segredos, chamados nas liturgias e na forma de falar do juremeiro de "ciência". Esses segredos pertencem aos "mestres" e "mestras" que se encantam na jurema (árvore) quando morrem, demonstrando para os adeptos desta religião que o ciclo da vida não está restrito somente ao ser humano e a seu espírito, mas está presente em toda a natureza, na verdade em todo o Cosmos.

Sendo assim, para esta religião as plantas são extremamente importantes, pois a partir da essência de cada vegetal curam-se as doenças do corpo e do espírito, fazendo da jurema uma religião de cura. Durante muito tempo, e ainda hoje, os juremeiros são chamados de "médicos de pobre", porque atendem as pessoas que não tem acesso à medicina convencional, receitando plantas medicinais para chás, banhos etc.

Na outra vertente das Religiões Afro-indígena brasileiras está a Matriz Afro. Como já foi citado, as religiões de Matriz Afro e Afro-brasileira têm suas influências vindas da África, de uma diversidade de povos que aqui no Brasil recriaram e ressignificaram os seus cultos, inclusive ocorrendo a miscigenação entre eles, entre o europeu e os ameríndios. No caso da Matriz Afro e Afro-brasileira, os cultos são bastante diversificados:

> Além dos orixás, outras divindades foram trazidas da África pelos escravos: os inquices dos povos bantos, praticamente esquecidos e substituídos pelos orixás nagôs nos candomblés bantos, e os voduns originários dos povos ewê-fons, de região do antigo Daomé, hoje república do Benim, designados jejes no Brasil. O culto aos voduns sobreviveu na Bahia e no Maranhão. Em Salvador e cidades do

[28] BARROS, José Flávio Pessoa de; MOTA, Clarice Novaes da. "Como a Jurema nos disse: Representações e drama social Afro-indígena." In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. Op cit., p. 236.

> Recôncavo, a religião dos voduns é denominada candomblé jeje-mahim. No Maranhão recebeu o nome de tambor-de-mina.[29]

Na verdade ocorre um domínio nagô nas religiões de Matriz Afro, daí este predominância dos cultos aos orixás, que são tidos como forças da natureza ou representados por ela. Este domínio nagô é explicado devido a ser mais recente e em grande quantidade os negros de origem ioruba que foram trazidos para o Brasil.

Os Nagôs tiveram como forma de resistência a toda a dominação, e também como forma de preservar e repassar a sua cultura, as associações (egbé), o que levou a origem nas áreas urbanas dos terreiros ou roças, Theodoro (2008). Estes terreiros serviram historicamente como uma oposição à ideologia dominante, tanto que foi bastante comum ocorrerem perseguições a esses lugares e seus frequentadores como, por exemplo, na década de 1930 no Recife, ações que faziam parte da política de modernização da cidade perseguiram de forma sistemática os terreiros, pois os mesmos eram tidos como lugares arcaicos e atrasados, Costa (2009). Fica evidente que estas políticas carregavam uma carga das ideologias das classes dominantes, impregnadas das lógicas racista e discriminatória, com os povos negro e indígena. Fato também notado no dia-a-dia quando se depara com algum ebó (oferenda) na rua e chama-se o mesmo de "macumba", de forma totalmente pejorativa, sem saber muitas vezes que "macumba" refere-se ao nome de um instrumento musical antecessor do reco-reco.

Dentro dos terreiros encontra-se toda uma gama de informações que são repassadas e reconstruídas no dia-a-dia, no aprendendo a fazer, fazendo. Por este motivo os nagôs possuem uma organização social que respeita os mais velhos e seus conhecimentos.

É neste espaço sagrado que se realiza o culto aos orixás, porém não somente aos orixás, mas também aos ancestrais mortos e a um deus supremo, que para os nagôs chama-se Olorum.

[29] PRANDI, Reginaldo. "Nas pegadas do Voduns: um terreiro de tambor-de-mina em São Paulo." In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Somavó, o amanhã nunca termina. São Paulo: Empório de Produção, 2005, p.2.

> Para os nagôs, existe uma força suprema, geradora de todas as coisas – Olorum. Abaixo dessa força existem e são cultuadas as forças da natureza (orixás) e os espíritos dos antepassados (eguns). O universo nagô tem dois compartimentos principais: Aiyê, onde moram os seres vivos; e orum, em outra dimensão, que pode ser aqui mesmo, onde moram as forças da natureza e o espírito dos mortos.[30]

Nestas duas dimensões que podemos chamar também do mundo visível e o mundo invisível, está presente uma força que provém de todos os elementos vivos ou não, esta força é o *axé*. Sendo definido da seguinte forma:

> *Axé* é a força que assegura a existência dinâmica, o princípio que torna possível o processo vital. Como toda a força, é transmissível, sendo conduzido por meios materiais simbólicos. É uma força que só pode ser adquirida por introjeção ou contato, podendo ser transmitida a objetos ou seres humanos. O terreiro tem um axé plantado, que se expande e se fortifica combinando as qualidades e significações que o compõem: axé dos orixás, axé dos membros do terreiro e axé dos antepassados e mortos ilustres do terreiro.[31]

Esta força que impulsiona todas as atividades e a vida do terreiro e de seus membros, é fortemente sentida no culto aos orixás, como já foi citado são elementos da natureza, esses elementos estão representados nos terreiros pelos assentamentos, símbolos e altares (peji) que ficam no quarto-de-santo e guardam os "segredos" de cada orixá.

Os orixás cultuados são diferenciados de acordo com a nação de candomblé, embora existam aqueles que estão sempre presentes independentes da nação e da região do Brasil.

Desta forma o panteão (conjunto das divindades) cultuado se constitui basicamente dos seguintes orixás: *"Exu, Ogum, Xangô, Obaluaiê, Oxumaré, Logun, Iansã, Obá, Euá, Oxum, Iemanjá, Nanã, e Oxalá. (...)"*[32]*.* Já para Theodoro (2008), retratando um mural dos orixás pintado por Carybé no terreiro, Axé Opô Afonjá, aponta os seguintes orixás: *"Exu, Ogum, Oxossi, Omulu, Nanã, Iyámi, Oxorongá, Ibualama, Logunedê,*

[30] THEODORO, Helena. "Religiões Afro-brasileiras." In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 66.
[31] Ibidem.
[32] CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. "O Candomblé." In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008, p.103.

Ossaim, Rôko, Xangô, Baiani, Oxumaré, Oxum, Iansã, Euá, Iemanjá, Onilé, Oxaguiã, Oxalufá, Otin, Obá, Ibeji, Ifá, Orixá Okê Axobô."[33]

De acordo com Pierre Verger (2011), cada um deles ligado a um elemento da natureza como, por exemplo, Ossain que guarda os segredos das folhas, Xangô rei de Oyó senhor dos trovões e da justiça, Ogum o senhor do ferro e da guerra, Oxum senhora das águas doces e da beleza etc. Assim cada orixá tem sua simbologia, suas cores, seus objetos que os representa, mas todos estão ligados a partir das suas histórias que reproduz a criação do mundo e da humanidade.

O Meio Ambiente nas Religiões Afro-indígenas brasileiras

Percebe-se que o sagrado para as Religiões Afro-indígenas brasileiras tem sua expressão maior no meio ambiente, entendendo-o como o conjunto das inter-relações bióticas, abióticas e as ações e relações antrópicas, compreendendo um todo interligado. Guardando as diferenças de cada matriz religiosa e suas características, o ponto em comum são os elementos da natureza e suas simbologias nos rituais.

> Índios e bantos, juntos, entendiam a natureza como divina e ativa, e nunca indagavam de uma floresta, por exemplo, em que medida cada árvore poderia ser útil em termos de qualidade e valor econômico de cada metro cúbico de sua madeira.[34]

Além desta característica, está presente também o respeito aos ensinamentos dos mais velhos, pois eles é que ensinam o que pode ou não ser feito na natureza respeitando o tempo de cada planta, animal e ecossistema como um todo.

O respeito e veneração pelos elementos da natureza é tão evidente que existe, por exemplo, uma série de espécies vegetais que são cultuados dentro das Religiões Afro-indígenas brasileiras, diferenciando-se apenas o seu significado de nação para nação, Raul Lody cita em sua obra um lista com doze espécies que são cultuadas pelas religiões afro-indígenas, como exemplo irei citar sete destas doze espécies vegetais:

[33] THEODORO, Helena. "Religiões Afro-brasileiras." In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. Op cit., p. 67 – 68.
[34] LOPES, Nei. "Bantos, índios, ancestralidade e meio ambiente." In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 197.

Árvores sagradas/amostragem afro-brasileira[35]

Árvores/ Arbustos	Orixá	Vodum	Inquice	Bacuru	Modelo religioso	Local	Obs.
Gameleira ou gameleira branca (Ficus doliaria Martius – morácea)	Iroco Roco Apaocá Iansã	Loko Azanaodô	Quitembo/ Tempo		Candomblé Xangô	BA PE	Opá Oká
Mangueira (Mangifiera indica L.)	Oxum Oxôssi	Bessém Sobô			Candomblé	BA	
Pitangueira (Eugenia involucrata D. C.)			Zacaí Upanzu		Candomblé	BA	
Cajazeira (Spondias lutea L.)	Omulu Cajaprik u Abê	Loko Azoani		Loko	Candomblé Mina-Jeje Fanti Achanti	BA MA	Cajapriku dendrite (árvore pedra)
Dendezeiro (Elaesis guineenses L.)	Ifá Exu	Fá Legba			Candomblé	BA	
Coqueiro-da-baía (Barbosa pseudococas Becc)					Candomblé	BA	Caboclo
Bambu (Bambusa vulgaris)	Iansã	Oía Kalé	Matamba		Candomblé Xangô	BA PE	Egungun

A partir deste exemplo de sete espécies vegetais que estão relacionadas a divindades, percebe-se que a natureza ocupa lugar central nas religiões Afro-indígenas brasileiras existindo uma reverência ao verde tornando-o sacralizado.

[35] LODY, Raul. O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Op. cit., p. 274.

A importância dada à natureza se diferencia da visão que a civilização ocidental judaico-cristã construiu tendo como base a valoração econômica e utilitarista do ambiente. A sociedade erigida a partir deste pensamento economicista tem consequências dramáticas com a degradação do ambiente, a exaustão dos ecossistemas e a marginalização de uma grande quantidade de pessoas, principalmente quando se refere aos povos tradicionais, como os povos de terreiro.

São marginalizados por não estarem dentro dos parâmetros estabelecidos pela sociedade de consumo, na qual o TER tem mais importância do que o SER.

A partir do exposto conclui-se que o respeito à diversidade cultural é essencial para a construção de uma sociedade sustentável, na qual as pessoas e os ecossistemas sejam respeitados de acordo com suas especificidades.

Referência Bibliográfica

BARROS, José Flávio Pessoa de; MOTA, Clarice Novaes da. **Como a Jurema nos disse: Representações e drama social Afro-indígena.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Alimento: Direito Sagrado – Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro.** Brasília – DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2011.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. **O Candomblé.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

COSTA, Valéria Gomes. **É do dendê! História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950 – 1992).** São Paulo: Annablume, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LODY, Raul. **O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos.** 2ª ed. São Paulo – SP. WMF Martins Fontes, 2006.

LOPES, Nei. **Bantos, índios, ancestralidade e meio ambiente.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião.** Revista USP. n. 46. São Paulo: junho/agosto, 2000.

PRANDI, Reginaldo. **Nas pegadas do Voduns: um terreiro de tambor-de-mina em São Paulo.** In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Somavó, o amanhã nunca termina. São Paulo: Empório de Produção, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Michelle Gonçalves; VILARINO, Marcelo de Andrade. **Religiões Afro-brasileiras e Indígenas: dinâmicas contemporâneas, constituição e significado do corpo no transe mediúnico.** In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2011 Salvador – BA. Anais eletrônicos... Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais. - Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/> Acesso em: 08 nov. 2013.

SALLES, Sandro Guimarães de. **À sombra da Jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SILVEIRA, Renato da. **Do calundu ao candomblé. Os rituais de fé africanos ganharam seu primeiro templo no início do século XIX.** In: FIGUEIREDO, Luciano (org.). Raízes africanas. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

THEODORO, Helena. **Religiões Afro-brasileiras.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

VERGE, Pierre Fatumbi. **Lendas africanas dos Orixás.** 4ª ed. Salvador: Corrupio, 2001.

História e Meio Ambiente: Geossítios, Ensino, Turismo e Desenvolvimento Local

Rúbia Micheline Moreira Cavalcanti[36]

Resumo: estudos envolvendo a temática ambiental tornaram-se frequentes nas distintas áreas do conhecimento, especialmente nas Ciências Humanas, sejam nos debates historiográficos ou áreas afins. O certo é que o tema meio ambiente passou para a ordem dos debates contemporâneos logrando assim o tão desejado espaço. Nesse sentido, este artigo constitui um dos elementos que coloca em evidência parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no projeto PIBID[37] na Área de História e Meio Ambiente que tem como parceiro o Geopark Araripe, que atua oferecendo apoio didático e também pedagógico aos alunos bolsitas e demais envolvidos no projeto cuja proposta se internaliza em discutir as questões propostas:Geossítios, Ensino, Turismo e Desenvolvimento Local .

Palavras-chave: Meio Ambiente; Ensino; Geopark Araripe; Geoturismo

Dar encaminhamentos e respostas objetivas às questões envolvendo o Meio Ambiente tem se constituído um campo de interesses e debates constantes envolvendo os mais distintos segmentos da sociedade contemporânea. O mais interessante, é que estes debates não se levantam sozinhos, todos se cruzam em algum momento da discussão.

Procurando alinhar-se ás discussões ambientais, governantes tem procurado inserir nas suas propostas governamentais elementos técnicos amparados por instrumentos teóricos que lhes permitam subsidiar e acompanhar o desenrolar desses debates e, assim enfrentar o desafio ambiental.

No Brasil a questão ambiental tem sido tratada com uma Política Nacional de Educação, Ministérios[38]·, Decretos[39], Portarias[40], Pareceres[41], novos Institutos como o

*Professora Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, ano 2002, Adjunta no Departamento de História da Universidade Regional do Cariri-URCA: Crato-CE, onde, atualmente, exerce a função de Coordenadora do Curso e do Programa PIBID na área de História, cuja natureza do projeto versa sobre História e Meio Ambiente.
E-mail: rubiamicheline@hotmail.com

[38] Ministério do Meio Ambiente
[39] Decreto nº 88.51/83, estabelece que compete às diferentes esferas do Poder Público " orientar a educação ,em todos os níveis para a participação efetiva do cidadão e da comunidade na defesa do meio ambiente"
[40] Portaria nº 2.421/91, de 1991 do MEC: institui em caráter permanente um Grupo de Trabalho para Educação Ambiental.
[41] Parecer nº 226/87, de 1987 do Conselho Federal de Educação, MEC: considera a necessidade da inclusão da Educação Ambiental dentre os conteúdos a serem explorados nas propostas curriculares das escolas de 1º e 2º graus.

ICMBIO[42] e outros, no sentido de politizar e refletir as questões ambientais a partir de propostas e projetos que transitam sob a perspectiva ambiental. Sendo o maior deles, a permanência do homem na Terra e a sobrevivência dessa nos próximos séculos. Importante dizer, que estas preocupações passaram a serem projetadas em alguns países quando a ONU (Organização das Nações Unidas) preocupada com a depleção de recursos não renováveis colocou em pauta o problema, reunindo, em 1968, em Roma autoridades e cientistas que naquele ano, já sinalizavam futuros problemas que o planeta iria enfrentar, entre eles, "*o crescimento demográfico e consequentemente o consumo".* Conforme escreve SORRENTINO (2008:16) tais discussões nos colocavam, *"Diante do aparente paradoxo de promover uma cidadania planetária que encare o desafio de decodificar e enfrentar essa complexa matriz de fatores que ameaçam a nossa existência".*

Diante das premissas que envolveram o chamado "Clube de Roma" [43]é que se garantiu que a temática ambiental ganhasse contornos mundiais. O projeto de preservar a vida no planeta não seria mais um problema á ser tratado por um seleto e ilustre grupo de convidados da ONU, mas as populações em geral. O planeta todo, que busca incessantemente encontrar soluções para o assunto: preservação da vida e da terra.

Apresentada como problema, a questão ambiental torna-se imperante para a Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano, quando se realizou em Estocolmo, Suécia, no ano de 1972, o encontro que marcou definitivamente os sucessivos e ininterruptos debates envolvendo o efeito estufa, o buraco na camada de ozônio e, para alavancar ainda mais a discussão, clamando especialmente a atenção para os países desenvolvidos, um dos maiores vilões do planeta quando se trata de emissão de gases, não poderia ficar de fora: a poluição. Era chegada a hora de solidificar os discursos. Para tanto, era necessário revisitar os padrões culturais, comportamentais, políticos e principalmente educacionais das sociedades. Afinal de contas, os problemas ambientais seriam minimizados a partir do momento em que as sociedades se engajassem num processo que envolveria reorientação e reeducação no

[42] Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade- é uma autarquia do Ministério do Meio Ambiente, criado em 28 de agosto de 2007 pela Lei 11.516 com a missão de executar as ações do Sistema Nacional de Unidade.

[43] "Cientistas de diferentes países que se reuniram para discutir as reservas de recursos não renováveis e o crescimento da população mundial até meados do século XXI", segundo informa LOUREIRO, 2004.

quesito meio ambiente. Criava-se o termo "Educação Ambiental" sob o qual se ergueria um novo debate, desta vez o encontro aconteceu em Belgrado, 1975, sob o olhar da ONU, que juntamente com estudiosos atentos às questões ambientais cuidaram de redigir "A Carta de Belgrado" [44].

Novas articulações governamentais e educacionais resultaram finalmente, no Primeiro Congresso Mundial de Educação Ambiental, que aconteceu em Tibilisi, Geórgia (na época ainda compunha parte do território da Ex-URSS), 1977, quando novos e antigos problemas passaram á condição de anexos das questões ambientais. Estava em pauta, naquela Conferência falar da produção de armas nucleares ou, antes, do desarmamento dos países que as possuíssem. Afinal de contas, era incoerente falar da preservação da espécie e do planeta, quando outros se preparavam exatamente para o contrário,extermínio. E o que de fato será feito, quando dessa conferência é redigido o livro "Nosso Futuro" (Our Common Future) que é avaliado por alguns estudiosos, como a cartilha que reuniu os elementos que norteou o encontro no Rio de Janeiro em 1992 (ECO – 92), assim como ficou reconhecido.

Entre as várias resoluções da Conferência de Estocolmo (1972), uma merece ser realçada, refiro-me especialmente a resolução em que intermediou o discurso *em que se deve educar o cidadão no sentido de aplacar de perto os problemas ambientais.*

Penso que esta questão, educação, é a que estimula e leva o indivíduo á pensar e ponderar sobre sua responsabilidade e inserção no meio ambiente. Contudo, esta mesma questão envolve os sujeitos em posições controversas diante de seus posicionamentos, especialmente quando o discurso ambiental se volta para a questão do consumo, questão que por sinal, continua gerando uma série de debates envolvendo especialistas de várias áreas do conhecimento, visto que para (BAUDRILLARD, 1995) "*consumo constitui um ato de diferenciação social".*

Para outros, esse discurso ecológico deve levar em consideração que,

[44]"A Carta de Belgrado, define que a Educação Ambiental deve ser: continuada, multidisciplinar, integrada às diferenças regionais e voltada para os interesses nacionais... aponta, entre outros, alguns princípios básicos da Educação Ambiental como o de contribuir para descobrir os sintomas e as causas dos problemas ambientais e para desenvolver o senso crítico e habilidades necessárias para resolução de problemas" (informação retirada da cartilha Educação Ambiental: edição para professores e gestores:Geopark Araripe, 2010-2011)

> vivemos numa sociedade moderna impregnada de valores consumistas, tudo leva a crer que a tarefa da redução do consumo será árdua, pois será preciso reverter valores culturais enraizados pela invasão maciça da vida pública e doméstica (PENNA, 1999).

Não faz parte dessa proposta, fazer considerações exaustivas sobre as tendências interpretativas que amparam a discussão envolvendo a EA (Educação Ambiental), embora claro, fique registrado aqui, que estas reflexões merecem espaço em qualquer discussão teórica e prática que envolve o tema meio ambiente. Pois, como escreve (LIMA, 2008:) "*o campo demarcado pela EA é plural e reflete as principais tendências políticas, éticas e culturais do atual debate sobre sustentabilidade".* De modo, que me permitirei apenas em ilustrar o texto com duas grandes tendências interpretativas de caráter político-ideológico que fundamenta e legitima as discussões acerca dessas tendências: a tendência conservadora e a tendência emancipatória.

Considerei importante, mesmo com certa brevidade, esboçar uma leitura sobre a EA, visto a sua importância para compreender o contexto em que se inserem as novas proposições da UNESCO, no contexto das novas demandas socioambientais, em que se configura a criação da Rede Global de Geoparks como uma das idealizações pensadas por um dos seus segmentos (Divisão de Ciências da Terra) em parceria com outros organismos que pensam a questão da geoconservação, da geopreservação e do geoturismo.

Não menos importante é a trajetória da História Ambiental. Contudo, nesta proposta buscaremos compreender a História Ambiental mais compactada em relação às demandas e necessidades do tempo presente. Para isso tomamos de empréstimo o que diz (SOFIATTI, 2008: 50-51).

> A crise ambiental da atualidade origina-se de uma concepção antropocêntrica, instrumentalizadora e utilitarista da natureza, cujas raízes remotas situam-se na tradição judaico-cristã, que constituiu o substrato dos paradigmas humanistas e mecanicistas, formulados na Europa entre os séculos XV e XVIII.

Nesses termos, (MARTINS, 2007:75) esclarece ao aspirante desejoso em refletir sobre questões envolvendo História e Meio Ambiente que esta temática já era um instrumento teórico e recorrente nos textos historiográficos bem antes dos primeiros debates surgirem na década de 1970. Para tanto, diz o autor, que basta revisitar as

obras de Roger Dion (1934); March Bloch (1930); Robert Gradman (1934). Ou, mesmo, parte da produção da chamada Segunda Geração dos Analles, onde encontraremos uma significativa produção historiográfica que já dava conta dos debates socioambientais. Dando visibilidade á esta consideração temos Braudel(1977) e Le Roy Ladurie(1977)

Foi através da Revista American Society for Environmental History (1977), que a História Ambiental se projetou no meio acadêmico, isso graças ao empenho de um grupo de especialistas norteamericanos, que de uma modesta associação onde se reuniam para discutir sobre natureza, a questão ambiental cruzou fronteiras e ganhou projeção entre os debates historiográficos, tornando-se atualmente, uma das questões mais frequente nos estudos que envolvem o tripé: homem/ sociedade e natureza no tempo presente.

Muitos títulos têm surgido relacionando a historiografia com a discussão ambiental, agraciando de um modo ou de outras questões pertinentes ao meio ambiente. São vários os autores que já se prestam á esse tipo de investigação. Porém, o nome de Donald Woster, serve para representar e ilustrar o elenco de autores que nos seus estudos procuram amparar-se nas proposições teóricas metodológicas que envolvem a História Ambiental. Visto que, será através dele, que a História Ambiental será descortinada para o mundo inteiro, em termos de produção acadêmica.

No Brasil, a historiografia não ficou apenas em contemplar as obras estrangeiras. Muitos estudos agraciaram e continuam á agraciar a natureza com excelentes títulos. Lembrando, que será com Warren Dean (1996) com o livro “A Ferro e Fogo” que uma onda de produção acadêmica arrastará excelentes nomes da historiografia brasileira para o universo do Meio Ambiente.

Nesse sentido, a questão ambiental bem como, as preocupações que cercam esta temática homogeneizaram-se á custa de experiências nunca antes vivenciadas e experimentadas pelo homem: tsunamis; degelo. De forma que se alargou o olhar sobre a natureza, especialmente no que diz respeito á questões como diversidade, conservação, sustentabilidade.

Face aos debates ambientais, a Divisão das Ciências da Terra da UNESCO, entendeu a urgência em retomar de forma sistêmica e organizada os debates que já se iniciara desde 1972.

Assim, nos informa SCHOBBENHAUS & SILVA (2012:31)

> Especialistas de mais de 30 países reuniram-se em Digne-les-Baines, França, no 1º Simpósio Internacional sobre Proteção do Patrimônio Geológico, de onde os primeiros conceitos de Geopark foram formulados na "Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra". (1991)

Como uma nova ideia surgiu o conceito de Geopark justificando a necessidade "*de proteger o nosso patrimônio natural registrado nas rochas e paisagens".*

Em 2004, é criada pela UNESCO a RGGN (Rede Global de Geoparques Nacionais) onde a cada quatro anos, seus membros se reúnem regularmente procurando avaliar e garantir a qualidade das iniciativas dos Geoparques vinculados á este organismo. Buscando, com isso, preservar os princípios básicos que mapeiam e norteiam o bom funcionamento e desempenho dos Geoparques, especialmente no que diz respeito aos resultados que envolvem: *"geoconservação, educação, desenvolvimento econômico e sustentabilidade financeira do geoparque, envolvimento na RGGN e visibilidade do geoparque a nível nacional e local".*

Partindo do entendimento da UNESCO que define Geopark como,

> Um território com limites definidos onde se conjuga a geoconservação com um desenvolvimento econômico sustentável das populações que o habitam, sem esquecer as ligações com o restante patrimônio natural (fauna e flora) e Cultural arqueológico, arquitetônico, etnográfico, gastronômico. Nestes territórios, procura-se estimular a criação de atividades econômicas suportadas na geodiversidade da região, em particular de caráter turístico, com o desenvolvimento empenhado das comunidades locais. (SCHOBBNHAUS & SILVA, 2012:32)

A Universidade Regional do Cariri, situada na cidade do Crato, região sul do Estado do Ceará, nordeste do Brasil, apoiada por entidades[45] ligadas ao Governo do Estado no ano de 2005, concomitante aos debates envolvendo homem, sociedade e natureza aspirou sua candidatura junto à divisão de Ciências da Terra, segmento ligado á UNESCO na Rede Global de Geoparks Network- GGN, apresentando o projeto que um ano mais tarde seria aprovado no dia 03 de julho de 2006, na Conference on Geoparks, Belfast, Irlanda do Norte, que reconheceu o Geopark Araripe como o primeiro a representar o Brasil e, o único em toda América Latina.

Configurando-se no perfil desenhado pela UNESCO o Geopark Araripe tem como carro chefe a Chapada do Araripe[46], um importante complexo sedimentar que na sua composição litológica caracteriza-se pela diversidade de rochas de diferentes épocas, inclusive da Era Pré- Cambriana que representa o primeiro nível de formação que reveste o planeta, presente especialmente no Geossítio Colina do Horto (embasamento cristalino da Bacia Sedimentar do Araripe). O que particulariza ainda mais a riqueza e geodiversidade que se expressa também nas jazidas de calcário laminado, conhecido na região como “pedra cariri”, os depósitos de gipsitas e argila, e água mineral.

O Geopark Araripe tem procurado cumprir as suas propostas quando da execução do seu plano de trabalho e metas, no sentido de se fazer cumprir os objetivos os quais se propôs quando da apresentação do projeto.

De modo que a SECITECE - Secretaria de Ciências e Tecnologia do Ceará,

> Tem buscado intensificar atividades turísticas especialmente nas áreas em que compreende os nove geossítios[47]onde se encontram os Centros de Interpretação, cuja finalidade é adaptar o espaço as

[45] SECITECE- Secretaria de Ciências e Tecnologia do Ceará

[46] Segundo consta no livro Geoparque Araripe: História da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura (2012): “A Chapada do Araripe cobre uma superfície com aproximadamente 180kmº de comprimento (na direção leste-oeste) e largura variável entre 30 e 50 kmº compreendendo o extremo sul do Estado do Ceará, noroeste do Estado do Pernambuco e leste do Estado do Piauí. No geral, o topo encontra-se entre as altitudes de 850 e 1.000 m, sendo que o desnível médio do topo da sua base pode chegar a 300 metros”.

[47] UNESCO define GeossÍtios “como lugares ou pontos de interesse geológico, cujo valor destaca-os do meio circundante por seu interesse geológico científico e/ou educativo e/ou turístico e/ ou cultural. Compõem a lista dos noves geossitios: Pontal da Santa Cruz (Santana do Cariri); Parque do Pterossauros (Santana do Cariri);Colina do Horto(Juazeiro do Norte);Pedra Cariri (Nova Olinda);Ponte de Pedra (Nova Olinda);Riacho do Meio (Barbalha); Cachoeira de Missão Velha (Missão Velha); Floresta Petrificada do Cariri(Missão Velha) Batateira (Crato).

> características de cada um deles. Oferecendo atividades lúdicas que ajudam na compreensão dos visitantes e, principalmente permitindo a integração das comunidades dos arredores dos geossítios em atividades que promovam a utilização dos recursos sustentáveis, além claro, de promover e incentivar o turismo de qualidade. Voltando-se especialmente para o desenvolvimento local e regional dos núcleos urbanos formados pelos municípios do Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha e municípios do entorno constituintes da região metropolitana do Cariri e Geopark. (citação: referencia)

Conforme consta no Livro: Educação Ambiental, (Fortaleza-Ceará, 2010/2012).

> O Geopark Araripe é um projeto ambicioso de gestão compartilhada de territórios com fortes atrativos naturais e culturais, manifestando claramente o potencial de produção, de desenvolvimento econômico e social integrado... Onde a expansão dos ideais de educação ambiental, geoconservação e promoção de turismo sustentável são um desafio constante para a equipe de gestão do Geopark Araripe apoiada na URCA e nos governo Municipal, Estadual e Federal.

A "educação ambiental" constitui fundamentalmente um requisito ás comunidades que vivem no entorno dos geossítios, de modo que o Geopark Araripe tem procurado construir uma *"Agenda de Compromissos*" envolvendo professores e gestores no sentido de garantir a proteção e preservação do Park, sua integridade e consequentemente permanência, criando oportunidades que possam beneficiar as populações locais com conhecimento científico, emprego e renda a partir de estratégias traçadas para esse fim, bem como atender as metas que garantam a eficiência e eficácia dos conceitos de proteção, educação e desenvolvimento sustentável através da conservação, educação e geoturismo[48].

Procurando agregar valores e conhecimentos historicamente e culturalmente construídos pelos moradores in lócus dos geossítios, um elenco de profissionais envolvendo Mestres, Doutores além de assessores técnicos, que compõe um quadro de profissionais qualificados do Geopark Araripe, veem oferecendo cursos de

[48] No livro: Geoparques do Brasil, volume 1, o termo Geoturismo é essencialmente entendido como "turismo geológico" e se centra na Geodiversidade. É uma forma de turismo de interesse especial focado na geologia e na formação de paisagens... Geoturismo compreende os elementos geológicos combinados com os componentes do turismo, como atrações, hospedagem, passeios, atividades de interpretação e de planejamento.

capacitação que permitem aproximar cada vez mais os moradores que vivem nos arredores dos nove geossítios inventariados, até então. Construindo e estreitando entre as partes, uma relação de parceria que reside especialmente na confiança e no desejo de despertar em cada um deles, o senso de preservação e zelo pelo patrimônio, e de forma mais particular, formando e despertando nestes indivíduos certa consciência crítica diante do patrimônio natural do qual fazem parte, além de lhes permitir formar uma identidade que os tornam singular. Visto que os mesmos compõe parte da rica e exuberante riqueza natural e cultural dos geossítios, onde os mesmos se destacam pelo seu caráter ímpar, que vai do aspecto estético, paisagístico, religioso, hídrico, econômico, paleontológico, fossílitico até o favorecimento dos mesmos para as práticas de geoturismo na região que atinge o Geoparke Araripe. Práticas estas, que são fortalecidas por ações e medidas nas quais o Geopark Araripe tem procurado se envolver diretamente, especialmente aquelas que envolvem educação ambiental, fato que se comprova com a atuação do Geopark Araripe nas romarias religiosas em torno da figura do Padre Cícero[49] que acontecem numa das principais áreas onde se localiza o Geossítio Colina do Horto[50], visto que lá se concentra o maior fluxo de visitantes que buscam conhecer a estátua do Padre e pagar promessas feitas ao líder religioso, tornando uma das preocupações em relação à preservação daquele geossítio em época de grande romaria, uma vez que na superfície daquele geossítio encontra-se facilmente substratos graníticos que compõem o substrato rochoso da Colina do Horto passivo além da depreciação do tempo, também do enorme número de visitantes daquele local.

O geoturismo na região do entorno do Geoparque Araripe também é privilegiado por um amplo setor hoteleiro, o mais popular no entorno do geossítio Colina do Horto é o rancho, geralmente moradias transformadas em acomodações temporárias, principalmente para o turismo religioso, típico da região. Mas também conta com excelentes hotéis fazenda. O geoturismo também é favorecido por um elenco de

[49] Líder político e religioso que tem seu nome associado ao milagre da hóstia.
[50] Colina do Horto: é o único geossítio que mostra rochas magmáticas, com cerca de 650 milhões de anos, as mais antigas da Bacia do Araripe.

ofertas de passeio, tais como trilhas na Floresta Nacional do Araripe[51] (Flona), ciclismo, passeios pedagógicos e ecológicos, enfim, tudo muito bem assessorado por órgãos minimamente estruturados para este fim.

Para tanto, um grande esforço por partes desses profissionais tem sido levado em consideração, especialmente porque procuram em seus projetos potencializar as experiências dos moradores do entorno de cada geossítio, experiências estas, que são previamente detectadas apreciadas e, por fim, aproveitadas por estes profissionais, especialmente no artesanato. De modo que lhes permitam transformá-las em instrumentos de aprendizado através de práticas educativas e alternativas que para (NASCIMENTO, 2008:82) permitem: *"promover e favorecer a minimização dos impactos e dos problemas socioeconômicos, além, da conservação do patrimônio natural para as presentes e futuras gerações."*

Nesse sentido, vale mencionar a criação do Centro de Interpretação e Educação Ambiental do Geopark Araripe (2010), onde acontecem atividades sócio educativas, as mais plurais que se podem imaginar, tais como: oficina de réplicas de fósseis, oficina de biojoias e outras que permitem *divulgar o conceito de Geopark e de práticas de Educação Ambiental de forma interativa proporcionando uma leitura integrada dos aspectos histórico-cultural, sócio ambiental, paleontológico e paisagístico dos geossítios*
.

Comprometido com a Educação Ambiental o Geopark Araripe tem ratificado sua proposta junto a RGGN, através de medidas que tornam convincentes seu discurso frente à geodiversidade. Importante dizer, que apenas nove geossítios encontram-se devidamente sinalizados para visitação, onde posteriormente, deverão ser construídos os receptivos, ou infraestruturas adequadas que permitirão o bom acolhimento aos visitantes.

Em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, o Geopark Araripe tem procurado envolver-se através de projetos na Área de História através do Departamento de História da Urca, onde se desenvolve atualmente o Projeto em História e Meio Ambiente através do Programa PIBID. Esse Projeto envolve vinte e

[51] "A primeira do Brasil, localizada na Chapada do Araripe, no Extremo Sul do estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Possui uma área de 39.262,326 hectares, abrangendo os municípios de Santana do Cariri, Crato, Barbalha e Jardim da Micro região do Cariri Cearense".Ver referencia na bibliografia.

quatro licenciandos bolsistas dispersos em três Escolas Públicas de Ensino Médio e Fundamental II da cidade do Crato, nas quais são realizadas atividades e temáticas relacionadas ao meio ambiente que permitem com que tanto discentes bolsistas, como os alunos das Escolas envolvidas no Projeto, possam pensar a dimensão histórica e antropológica dos Geossítios que formam o Geopark Araripe.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRAES, Raquel. *Geopark Araripe: Território Flutuante em um mar de riquezas.* Cariri Revista. O Mundo para o Cariri. O Cariri para o Mundo. Juazeiro do Norte. Edição Cariri Natureza n 04, p.14-19, 2012.

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70,1995

DUARTE. Regina Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica 2005.112p.

DEAN, Waren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*.São Paulo: Companhia das Letras,1996.

GEOPARK ARARIPE. PALEONTOLOGIA. *Geopark Araipe conquista Selo Verde da UNESCO.* Diponível em: https://mail-atachment.googleusercontent.com/att...Acesso em 22 out.2012.

LIMA, Flávia Fernanda et al (Orgs). *Geopark Araripe: História da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura.* Governo do Estado do Ceará; Secretaria das Cidades: Projeto Cidades do Cariri Central, Fortaleza, 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Situando a Educação Ambiental. In: Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental.* São Paulo: Cortez, 2004. P 70-137.

MORAIS, Edmundo Carlos de. *A construção do conhecimento integrado diante do desafio ambiental: uma estratégia educacional.* In: NOAL, Fernando de Oliveira et al (orgs) *Tendências da Educação Ambiental Brasileira* . Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998, p 35-53.

MARTINS, Marcos Lobato. *História e Meio Ambiente.* São Paulo: Annablume, 2007.255p.

MOCHIUTTI, Nair Fernanda et al. *Os Valores da Geodiversidade: Geossítios do Geopark Araripe/CE.* Anuário do Instituto de Geociências-UFRJ,v.35-12012,p173-189.

NASCIMENTO, Marcos A . L do. Et al . *Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico*.[S.l]:SBG,2008.

PALEONTOLOGIA. Geopark Araipe conquista Selo Verde da Unesco.

PENNA, C.G. *O estado do planeta: sociedade de consumo e degradação ambiental.* Rio de Janeiro: Record,1999.

SOFFIATI, Arthur. *Fundamentos Filosóficos e Históricos para o Exercício da Ecocidadania e da Ecoeducação.* LOUREIRO, Carlos Frederico et al (Orgs.) *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 4ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SORRENTINO, Marcos. *Desenvolvimento sustentável e participação: algumas reflexões em voz alta.* LOUREIRO, Carlos Frederico et al (Orgs.) *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 4ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHOBBENHAUS, Carlos; SILVA, Cássio Roberto da. (Orgs.), *Geoparques do Brasil.*Rio de Janeiro:CPRM,v.1,2012.748p.

WOSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: Estudos Históricos, v 4(8), 1991, p198-215.

O Recife e o Mangue: o Surgimento de uma Metrópole e os Riscos de Desaparecimento de um Ecossistema

Edilene Ivo Barbosa[52]
Sandro Ricardo do Nascimento[53]

Resumo: Este artigo traz uma abordagem sobre o ecossistema do Mangue e o processo de colonização na cidade do Recife e como esse processo histórico de ocupação do litoral recifense reduziu a biodiversidades das áreas dos manguezais, com aterros indiscriminados ao longo dos estuários existentes à época. É ainda com dificuldades que esse bioma enfrenta nos dias atuais o processo desenfreado do fenômeno da urbanização da cidade do Recife. Partindo desse contexto, o artigo destaca as leis de proteção ambiental, como também apontam alguns impactos ambientais relacionando-os com a ineficácia da fiscalização e aplicação das leis, mesmo após a transformação do Parque dos Manguezais em Parque Municipal e, ainda, neste mesmo manguezal, a criação de uma Unidade de Conservação e de Proteção Integral.

Palavras-chave: Mangue; Ocupação urbana; Legislação Ambiental; Impactos Ambientais.

Introdução

No início da colonização, os portugueses se deparam com um país muito rico, não só ecologicamente, mas culturalmente. Essa cultura viveu durante anos harmoniosamente com o meio, suas casas eram simples e não houve destruição do que representava um "deus" (natureza). Com o passar do tempo, a Coroa Portuguesa começou a ver, não mais uma colônia apenas de exploração, mas um protetorado que poderia abrigar pessoas que, eram mal vistas em Portugal, sendo assim "premiadas", com expedições para explorar e residir no território, originando os primeiros centros urbanos, resultando em um desmatamento em larga escala para a ocorrência de tal acontecimento; ecossistemas foram ignorados, servindo como matéria-prima (a floresta) para nova habitação, vestuário, mobiliário etc. E quando a madeira não era considerada de qualidade, se retirava para dar lugar aos edifícios que precisavam de um espaço maior. O resultado disso foi visto no início do Século XX, as nossas florestas costeiras foram praticamente extintas, atualmente, há cerca de 5% do seu tamanho original e estes fragmentos deixados deveriam ser protegidos. Assim, a

[52] Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia - CFCH - UFPE, E-mail: edilene_barbosa@hotmail.com
[53] Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia - CFCH - UFPE, E-mail: sgtsandro1@yahoo.com.br

melhor forma foi à criação de uma legislação que se encarregue de proteger e conservar os "ecossistemas frágeis".

Neste artigo vamos analisar a situação do bioma mangue na Capital Pernambucana, com destaque para o crescimento da Cidade de Recife e sua relação desarmônica com tal ecossistema, levando em consideração questões como: o papel dos manguezais como berçário da vida marinha e terrestre, degradação e inferência, preconceitos, medidas para os mangues, em um momento que era possível fazer de tudo, cria-se uma ligação com os dias de hoje, onde a lei que protege é a mesma que permite a remoção por meio de suas "brechas".

A Importância do Mangue, Sua Degradação e o Surgimento do Recife

O mangue, por ser muito úmido, proporciona condições ideais para a reprodução, eclosão e criadouro de espécies. É um imenso berçário de animais, tanto marinhos quanto terrestres, com papel fundamental na manutenção e equilíbrio dos demais ecossistemas. Tendo isso em números, 95% do alimento que o homem tira do mar é proveniente destes locais e estima-se que, em todo o planeta, existam cerca de 172.000 km^2 de manguezais. Deste total, cerca de 15%, ou seja, cerca de 26.000 km^2, distribuem-se pelo litoral do Brasil, desde o estado do Amapá até Laguna, em Santa Catarina. Em Pernambuco, existem cerca de 270 km^2 de mangue.

A lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965 que rege o código florestal institui estas áreas de preservação a seguinte clausula: “Área protegida nos termos dos art. 2º e 3º desta Lei; coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas”. Com esta lei, em teoria, seria assegurada a conservação do mangue (que se enquadra em praticamente todas as categorias citadas). Infelizmente não é o que ocorre, exemplo disto é o município do Recife, Capital Pernambucana. Seus primeiros aterros foram datados em 1537 quando o então Povoado do Recife recebera o título de Vila, onde a ocupação se concentrou na extremidade sul, sendo habitada por marinheiros, carregadores e pescadores, que moravam em casas de palha. Até 1630 o Recife não tinha dependência econômica e sua relação de

degradação do mangue foi estagnada, pois os moradores já possuíam suas casas e não tinham dinheiro para expandi-las ou melhorar sua infraestrutura.

Com a chegada dos holandeses, por questões militares e de aparência, se fixaram em Recife, tendo seu apogeu entre 1637-1654 com fator decisivo no direcionamento dos três eixos de urbanização para a parte central do Recife, se inter-relacionando com o mangue que, até então não necessitava de proteção e foi aterrado com sua importância sendo negligenciada. Desta forma, o bioma começou a representar um empecilho para o crescimento econômico e gerador de doenças, acabando por ser aterrado para a construção da nova cidade. O primeiro eixo seguiu em direção ao norte do Bairro do Recife - no caminho para Olinda - onde atualmente encontra-se a Fortaleza do Brum e a fábrica de biscoitos Pilar. O segundo eixo atravessou o rio Capibaribe e ocupou a Ilha de Antônio Vaz, atuais bairros de Santo Antônio e São José. Ainda durante século XVII, construiu-se a Fortaleza das Cinco Pontas e a ligação por dique, deste forte ao "Aterro dos Afogados", atual Rua Imperial. O terceiro configurou-se nos meados do século XVIII, a partir da implantação do aterro da Boa Vista - na margem esquerda do Rio Capibaribe - contornado a Rua da Imperatriz e, na parte mais firme, o bairro da Boa Vista. Neste crescimento, o mangue foi sendo substituído por uma cidade, que desbravava suas ilhas (que apresentavam características ímpares) e depreciava, o que de mais precioso elas tinham para a manutenção da vida marinha e terrestre.

A Atual Relação - Mangue X Recife - e Perspectivas Futuras

Recife é um município que já pode ser tratado unicamente como cidade, pois não há nenhuma área em que o homem não tenha atuado. Todavia, há regiões reestruturadas e conservadas ao longo dos anos devido à legislação que amplamente (pelo menos na teoria) preserva estes ambientes costeiros de transição entre os ambientes terrestres e marinhos, típicos de regiões tropicais e subtropicais.

Uma dessas iniciativas é o parque dos manguezais localizado no estuário da Bacia do Pina - entre os bairros da Imbiribeira, Pina e Boa Viagem - na confluência dos rios Tejipió, Pina e Jordão, além de contemplar águas provenientes do braço sul do rio

Capibaribe. O Parque dos Manguezais tem uma área total de 316 hectares, da qual 225,82 hectares são de cobertura vegetal característica, se inserindo em uma APP (Área de Preservação Permanente). É também uma das maiores em zona urbana do Brasil, sendo um dos últimos resquícios desse ecossistema na cidade do Recife.

Sendo uma cidade que se encontra praticamente no nível do mar, o mangue contribuiria para o controle da maré e a diminuição de enchentes em épocas chuvosas, mas, com os aterros existentes hoje, fica muito difícil para o mangue controlar as inundações em muitos locais da planície recifense. Contudo, tais aspectos citados anteriormente são irrelevantes para os moradores desta cidade, pois desconsideram o Parque como APP amparada pela Lei Federal nº 4.771/65, e este vive sob pressão antrópica. Sofrendo com a extração de madeira para inúmeras finalidades, pelas poluições provenientes de esgotos domésticos e industriais, ou pela intensa especulação imobiliária aliada a pouca disponibilidade de áreas para a construção. Além disso, há também famílias excluídas das políticas públicas de habitação (que passam a residir em casas de palafitas sobre o mangue) e pela intensa atividade de aquicultura que se desdobra desde 1950, e posteriormente a carcinicultura iniciada em 1990, contribuindo fortemente para a degradação ambiental.

A transformação da ZEPA (Zonas Especiais de Proteção Ambiental) do Parque dos Manguezais em Parque Municipal, através do decreto Nº 25.565 de 01 de dezembro de 2010, regulamentada pela lei do SNUC 9.985/00, foi uma medida importante e emergencial para conter o grande avanço das áreas construídas no entorno no mangue, provocadas pela especulação imobiliária. Além disso, impôs limites aos tipos de uso para a área, a qual pertence à Marinha do Brasil, que teria interesse em se desfazer dela por causa do grande custo anual de manutenção.

Por outro lado, a criação de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral em uma área urbana e central, a exemplo do Parque Natural Municipal dos Manguezais Josué de Castro, vai de encontro à importância socioambiental que a área possui. De acordo com a lei 9.985/00 que institui os diversos tipos de Unidades de Conservação da natureza, a área, a partir da data do Decreto, estará sujeita apenas a programas relativos à visitação, educação ambiental e pesquisa científica, aliás, atividades que

sabemos que serão realizadas mais não serão as únicas, tendo em vista costumes intrínsecos à comunidade local. O bioma já fez parte de uma linha de controle de marés e garantia de pescados para a região. Atualmente o mesmo se depara a uma realidade em que, nem mesmo a Lei o protege. Faz-se necessário uma reeducação no intuito de analisar de modo comprovado, o quanto a retirada do mangue implica na perda da qualidade de vida.

Referências

BOMBARCO - A importância do mangue para o meio ambiente; julho de 2009, Disponível em: http://bombarco.com.br/materias/exibir/a-importancia-do-mangue-para-o-meio-ambiente (acessado em 18/08/2013);

GOVERNO FEDERAL - Código florestal, Setembro 1965. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4771.htm (acessado em 31/08/2013);

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 29 - Acordos De Gestão N° 29, Brasília. 2012. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/IN_29_de_05092012.pdf (acessado em 09/09/2013);

OBSERVATÓRIO DO RECIFE - Parque dos Manguezais: sua criação trará os benefícios socioeconômicos e ambientais necessários à cidade do Recife? Dezembro de 2010, Disponível em: http://www.observatoriodorecife.org.br/?p=2500 (acessado em 08/09/2013);

PREFEITURA DO RECIFE - Aspectos gerais da secretaria de planejamento. Setembro de 2013. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/inforec/ (acessado em 30/08/2013);

SOBRINHO, Maurício Alves da Motta, ANDRADE, Aline Clemente de - O desafio da conservação de manguezais em áreas urbanas: identificação e análise de conflitos socioambientais no Manguezal do Pina, Recife-PE, Brasil. Disponível em: http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/viewFile/228/242 (acessado em 05/09/ 2013).

Animalia Physeter macrocephalus, Vulpes vulpes e *Felis catus* – o Fluxo da Vida no Mar, no Campo e no Lar (da literatura): Herman Melville, Roald Dahl, Natsume Sōseki

Vinicius Gomes Pascoal[54]

Resumo: este artigo reflete sobre as diversas maneiras na qual a literatura, em diversos ambientes geográficos e históricos, dialoga com o mundo humano e o mundo animal partindo de um ponto de vista ecocrítico. Para essa reflexão utilizar-se-á da conceituação de *zoomemento vivere,* trabalhada por Valois (2010), e de outros teóricos que problematizem as relações (não)conflituosas entre os pertencentes da família *hominidae* com as famílias *canidae, felidae* e *cetacea*. Em outras palavras: a busca por uma literatura que ofereça a possibilidade do contato conceituado como homem-animal-homem. Como objeto de análise elenca-se as obras a seguir: *Moby Dick* de Herman Melville, *Fantastic Mr. Fox* de Roald Dahl e *I am a cat* de Natsume Sōseki.

Palavras-chave: animal, humano, ecocrítica

"Por que olhar os animais?". É o convite realizado por John Berger (2003), publicação inicial em 1980, e aceito neste artigo à reflexão da situação (in)comum de convívio entre "bípede implume com unhas largas[55]" e os demais seres irracionais com que dividiam os espaços de convívo.

Berger (2003) aproveita para tecer considerações de semelhança que seguem banalizadas entre animal e humano: nascimento, morte, sentimentos, hábitos e capacidades motoras. Enfatiza que embora tais capacidades físicas sejam diferentes, o vôo por exemplo, logicamente há medidas que são comuns ao homem e ao animal: a fome, o sono, o medo, a raiva, coragem, timidez, medo, confiança e afeto. A dupla perspectiva, o animal observado pelo homem e o homem observado pelo animal, recebem na leitura de Berger a singular relevância daquele que surpreende através da linguagem (homem) ou através do silêncio (bicho). A síntese de *Why look at*

54 Discente do Mestrado em Teoria da Literatura pela UFPE-PPGL. Graduado em Letras pela UPE (EN-PT) (2011), Especialista em tradução (EN-PT) pela Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE (2013). Professor, tradutor e poeta, desenvolve poemas concretos & cinemagraphs. Atualmente é pesquisador em Literatura e Intersemiose, focalizando o romance "a" do multiartista Andy Warhol. Nesse caminho fortuito entre [pop] arte e literatura recebe orientação Profª artista e Drª. Maria do Carmo Nino.
{E-mail para contato: niciusmatrix@gmail.com}.

55 A menção aqui é uma alusão ao diálogo entre os seguidores de Platão e Diógenes o cínico. Em resposta à definição platônica de definir o homem como ser bípede e implume Diógenes depena uma galinha e apresenta o galináceo ao grupo dizendo: "eis o homem". Após a comoção os platônicos sintetizam novamente a definição: "o homem é um bípede implume com unhas largas."

animals (2003) é uma defesa que, enquanto decodificados, os animais estabelecem relações primeiro com a linguagem visual e em seguida pela linguagem que nos institui os códigos. Com o estabelecimento desse jogo sígnico, no qual compactuam os adjetivos animalescos, se popularizam as descrições de alteridade: o político vira raposa, o belo vira gato(a), o falastrão vira cobra, etc. E ainda, o resultado dessa negociação de convivência homem-animal refletindo na imagem simbólica do animal domesticado, que se torna objeto de consumo, produto na prateleira dos *petshops*, de feiras e convenções que mimetizam os espaços da fazenda, dos grandiosos aquários que (des)apreendem a vastidão do oceano, ou até mesmo dos bestiais seres dum período cretáceo:

> Nenhuma outra fonte imagística pode competir com a dos animais. O interesse aparentemente espontâneo das crianças por animais poderia nos fazer supor que sempre foi assim. Certamente um dos mais antigos brinquedos (quando a vasta maioria da população desconhecia brinquedos) foram animais. Da mesma forma os jogos infantis no mundo todo incluem animais reais ou fictícios. Mas só no século XIX reproduções animais se tornaram parte regular da decoração da infância da classe média – e então, neste século, com a chegada de vastos sistemas de exposição e vendas como o da Disney – de todas as infâncias. (BERGER, 2003, p.27)

Numa esteira de pensamento semelhante ao de Berger, Gilles Deleuze em *L'Abécédaire* (1996), explana sua concepção entre animais domésticos e familiares. A questão da antropomorfização, do gato e do cão em especial, nas relações familiares que ultrapassam as limitações de linguagem enquanto conversam (ou confessam) aos bichos as opiniões e o cotidiano. É uma espécie de materialização do outro (humano) no animal doméstico que Deleuze reprova nesse caso; mas não estaria o animal, seja ele gato, cão ou pássaro calopsita, também presente, e de acordo, neste contrato homem-animal? E na literatura, como se desenvolve esse contrato bicho-gente? Há fórmula? Se no mundo humano, o mundo empírico e "não ficcional", as relações entre social-animal caminham em direção aos laboratórios de psicanálise, no mundo das artes, do artifício e da possibilidade, o contato homem-natureza se dá de formas diversas:

> Na arte, opera-se - tensa, eterna, alquímica - a conjunção dos opostos do homem enquanto criatura: homem e animal, indivíduo e espécie, semelhança e diferença, configuração e estilhaçamento, acabado e

> inacabado, vida e morte, transmutados nesse presente dilatado que é a fruição literária. (VALOIS, 2010, p.124).

Greg Garrard, em Ecocriticism (2004), tece comentários importantes sobre a dualidades que pairam nas questões acima. Primeiro, a partir do resgate de informações sobre os primeiros estudos que relacionam animais e humanos. Garrad menciona as pesquisas de Peter Singer, em *Animal Liberation* (1975), e considerações sobre o filósofo Jeremy Bentham, cujo argumento circulava em torno das questões da crueldade e da escravidão, além da capacidade, ou melhor, da incapacidade, de tais animais sentirem dor. Complementa Garrard, que o pensamento de Bentham é considerar a capacidade da razão, ou *logos*, o elemento que autoriza tais tratamentos "desumanos" aos demais seres que não se encontrem em linhas racionais.
E em seguida, posicionando-se em favor de Singer, defende pontos essenciais para um pensamento ecológico e crítico em que: o sofrimento humano não é desmedido como superior ao sofrimento dos animais, a prática do vegetarianismo, aplicação da ética utilitarista aos animais (refletindo por ações e medidas que evitem causar a dor alheia), a exposição pública de atividades em matadouros, a defesa de uma ética ambiental que não seja embasada unicamente por sentimentos de aflição que apenas criam ideologias parciais e induzem ao não consumo de lagostas e crustáceos, mas que promovem o consumo desenfreado de moluscos e outras iguarias.

Em terras tupiniquins, a interdisciplinaridade entre arte e tecnologia proposta por Guto Nóbrega (2013) e financiada pela CAPES através da instalação intitulada *Breathing* propõe uma negociação e (re)avaliação de concepções sedimentadas nas relações entre homem e natureza. É pela criatura híbrida planta-máquina que o artista tensiona a importância da percepção humano-natureza-humano quando possibilita a visualização da sensibilidade externa das plantas num estilo muito semelhante àquele dos *cyborgs* proposto por Haraway (1991). É numa perspectiva especialmente híbrida que se propõem as análises a seguir.

No mar – Physeter macrocephalus

No oceano da literatura, em Outubro de 1851, data original de publição, Hermann Mellvile apresenta a figura do jovem Ishmael no romance intitulado *The Whale, Moby*

Dick posteriormente. A abertura do romance de Melville é por si uma introdução descritiva às atividades de baleação, em especial do(s) alvo(s):

> "Trinta ou sessenta litros de sangue jorram do coração cada pulsar, com uma velocidade imensa."
>
> John Hunter – Relato de dissecação de uma baleia (uma pequena).
>
> A baleia Espermacete encontrada pelo habitants de Nantucket, é um animal ativo e feroz, requer vasta diligência e coragem do pescador.
>
> Memorial de Baleias de Thomas Jefferson ao ministro francês em 1778.
>
> Numa ocasião eu vi dois destes monstros (baleias) provavelmente macho e fêmea, nadando lentamente, um após o outro, bem próximos da praia" (Terra Del Fuego), "sobre a qual a floresta de Faia extende seus galhos".
>
> Viagem de um Naturalista – Charles Darwin.
>
> (MELVILLE, 2002, extracts XLVII e LII)[56]

A seleção de extratos escolhidos por Melville na apresentação de Moby Dick, alguns ficcionais existentes dentro do espaço de Natucket e outros em diálogo intertextual com Milton (Paradise Lost), Spenser (The faerie Queene), Shakespeare (Hamlet), etc., são elementos que gradualmente vão corroborando para a construção de uma imagem daquele mamífero aquático que será perseguido ao longo da narrativa.

Das três criaturas focalizadas neste artigo, Moby Dick, a baleia, é elencado como a único (animal) que lhe foi privado do direito à voz. O termo voz aqui utilizado é permutável com o termo expressão. Para Duncan Heath e Judy Boreham (2006) Moby Dick é um símbolo da inescrutável e sublime natureza.

De etimologia latina, *sublimis*, significa perfeitíssimo, majestoso, excelso, poderoso, grandioso, esplêndido, encantador. Certo de que Heath e Boreham (2006) estejam tratando do sublime kantiano deverá ser levado em consideração tal definição de sublime: que agrada instantaneamente sem requisitar quaisquer sentidos. Reforça Suassuna (2008) que o espírito humano pode construir o belo enquanto o sublime é pura construção de intelecto e de espírito.

[56] Salvo menção contrária as traduções aqui existentes são de minha autoria.

Em Moby Dick cada tripulante do Pequod tem seu devido espaço de atuação na narrativa, a "voz" narrativa que é negada à baleia. Até os que não apreenderam completamente as estruturas da linguagem, como no caso de Queegqueg. Embora Moby Dick não possua tal voz narrativa lhe é reservado o direito de expressão através do conceito de *zoomemento vivere*.

Michele Valois, em Zoomementos da morte: morrer, matar e viver entre os bichos de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa (UFPE - 2010), trabalha com três conceitos de *zoomemento*: aqueles que invoquem a morte natural (*mori*), aqueles que invoquem a morte por acidente (*occidere*) e aqueles que em face da morte encarem-na com o desejo de viver (*vivere*). Deste modo, na ótica do conceito supramencionado, *vivere*, a baleia Moby Dick presente na narrativa ocupa o desejo de vida diante dos baleeiros que atravessam os limites geográficos impostos pelo oceano e que por três dias enfrentam-lhe.

As medidas semelhantes entre humano e animal, propostas por Berger (*supra p.1*), parecem não caber ao cetáceo Moby Dick. Pois o sentimento de ódio, de vingança, de fome, de medo, afeto ou desafeto estão mais explícitos na figura do humana do Capitão Ahab:

> Por um momento, o ferreiro olhou as laminas embora não disporia utilizá-las."Pegue-as, rapaz, eu não necessito delas; pois agora nem barbeio, ceio, nem oro daqui pro trabalho!"
> Embelezado na forma de flecha, e soldadas por Perth até a haste, o aço em breve apontava o final do ferro; enquanto o ferreiro ia dando ao arpão sua formas finais, antes da têmpera deles, gritou Ahab para colocar o casco de água perto. "Não, não, sem água para isso; Eu quero o verdadeiro tempero da morte. Ahoy aqui!, Tashtego, Queequeg, Daggoo! Que dizeis vós, pagãos! Dariam-me sangue o suficiente para cobrir esta farpa?" suspendendo ao alto. Confirmavam as cabeças do grupo enegrecido a resposta: sim. Três furos foram feitos em suas carnes pagãs, e o arpão da baleia branca foi então à têmpera. "Eu te batizo não em nome do Pai, mas em nome do Diabo!" delirantemente uivou Ahab, com o ferro maligno devorou o sangue batismal. (MELVILLE, 2002, p.402).

Se em alguma passagem de Moby Dick (2002) é destinado o desejo de vingança ou a consumação de tal faculdade da "vontade", do *memento vivere* à baleia Moby Dick, isso acontece apenas no fechamento do romance quando a cachalote branca dirige-se

em direção ao Pequod e afunda-o. O falecimento dos demais tripulantes é o prêmio de consumação pela tentativa de capturar a sublime baleia esperma. A imagem do oceano relatado por Ishmael que fora poupado pela natureza. Natureza então presentificada como um avatar animal combatente e imponente de todos os cetáceos previamente capturados, assassinados e depostos no mar, a vingança humana retribuída em *physeter macrocephalus*. Da pancada no navio restam os tripulantes sem ação, martelos, pedaços de madeira, arpões, olhos encantados que fitam Moby Dick, que vai de um lado a outro estranhamente vibrando sua cabeça. Moby Dick é também *zoomemento vivere* da Lei da Natureza: a lei do mais forte e da justa medida, pois no final do relato o pai que teve seu filho tragado pelo mar é também o pai que recebe do mesmo mar um novo filho orfão, Ishmael.

> No segundo dia, um navio aproximara-se, cada vez mais próximo, e finalmente resgatou-me. Era o errante cruzeiro Rachel, que na recordação duma busca pelo seu filho perdido, apenas encontrou um outro órfao.
>
> (MELVILLE, 2002, p.469).

Antes que seja introduzido o próximo subtópico deste artigo é mister mencionar que no capítulo 32 de Moby Dick, intitulado Cetologia (κητος [cetus] baleia), Ishmael narra através de resenhas críticas a leitura de vastos compêndios que tratam sobre o habitat da baleias, suas diferentes espécies, comportamento na natureza, alimentação, anatomia, valores de mercado (devido ao óleo), e frequência de captura. Tal capítulo reforça a ideia aqui explanada duma representação do animal centralizada num ponto de vista humano. Essa perspectiva privilegia a compreensão que parte de uma centralidade humana em direção a um ponto de chegada que é animal. As próximas análises tentarão inverter tais vetores.

No campo – Vulpes vulpes

Enquanto problematiza algumas questões existentes nas relações literárias entre homens, máquinas e animais (a dicotomia do humano *versus* o não humano), Jonathan Culler (2011) aproveita para questionar os limites existentes nessas

orientações teóricas. Para Culler a dificuldade de representar os animais na literatura está em dois pontos: na antropomorfização e no antropocentrismo.

É a fuga em direção ao modelo do *ánthropos* que descaracteriza qualquer representação do animal na literatura. A ilustração mimetizada de um sistema político autoritário que caiba num formato de *Panthera tigris*, como acontece em Max e os felinos (2001), de Moacy Scliar, jamais desmereceria o felino selvagem, porém não dá voz ao animal tigre enquanto ser. A metáfora nesse objeto artístico-literário é outra. O animal na literatura requer mais:

> Os animais podem ser utilizados para trazer abstrações dentro do reino das experiências cotidianas, oferecendo perspectivas inusitadas em diferentes hierarquias, diversidade e diferença. Poemas exibindo animais podem ser tentativas excepcionalmente imaginativas para pensar na compaixão e na singularidade dos animais ao mesmo tempo em que prenunciam a impossibilidade de encontrar palavras que não lhes apropriem aos propósitos humanos.
>
> (CULLER, 2011, p.126).

Em O fantastico senhor Raposo, publicação inicial em 1974, *Fantastic Mr. Fox*, no original, escrito por Roald Dahl e posteriormente ilustrada por Quentin Blake, encontra-se terreno fértil para o debate dicotômico do antropomórfico na natureza. A personagem principal, em outras palavras a Vulpes vulpes principal nesse romance, é o Senhor Raposo. A personagem de Raposo é uma raposa vermelha bípede e coberta por camisa polo, gravata, par de sapato e calças. A esposa, Senhora Raposo, obedece o mesmo modelo usando vestido e ocupa-se em seu costumeiro *hobby* de pintura a óleo.

As demais personagens do romance são animais, também bípedes e vestidos segundo critérios humanos. Contudo, há de fato humanos no romance de Dahl, os fazendeiros Boggis, Bean e Bunce.

À primeira vista o romance de Dahl é destinado exclusivamente ao público infantil pela forte divulgação resultante da adaptação fílmica homônima (2009). Entretanto, como sugere o autor, essa escritura é extremamente recomendada “aos leitores mais

crescidos" pela contextualização implícita de questões científicas e sociais que permeiam o romance supracitado.

Primeiro é relevante salientar que em tal romance Dahl preserva informações essenciais que são característicos ao animal raposa (*Vulpes vulpes*) na figura da personagem Senhor Raposo: uma raposa de tons rubros, esguia, de hábitos alimentares durante o crepúsculo e a alvorada, dieta onívora, de sentidos aguçados (visão noturna, audição e faro apurados), preservando o instinto de proteção de seus filhotes, o superávit de caça, rivalidade com toupeiras, e a dominação na cadeia alimentar sobre texugos, doninhas e coelhos, aqui apresentada durante o grande banquete organizado pelo Raposo.

Num breve diálogo com as pesquisas de Bradley e Altizer (2007), quando tratam da urbanização desenfreada que destroem os ambientes naturais dos animais e conflituam as relações homem-animal-homen e o crescimento das Vulpes vulpes nas cidades européias, também está o pensamento de Dahl quando indica sua intencionalidade em dialogar não só com os leitores mais jovens, mas também de possibilitar uma reflexão por parte dos leitores adultos sobre os atos e atividades de urbanização devastadora.

Imagem 1 – Fantastic Mr. FoxThe Chapter 5: Terrible Tractors - 2009

Quando o sol nasceu na manhã seguinte, Boggis e Bunce e Bean ainda estavam cavando. Eles fizeram um buraco tão grande e tão profundo que você podia colocar uma casa lá dentro. Mas eles ainda não tinham alcançado o fundo da toca da raposa. Eles estavam cansados e irritados. "Cavem e explodam!", disse Boggis.
"De quem é essa ideia podre?
"Ideia do Bean", disse Bunce.

> Boggis e Bunce fitaram o Bean. Bean tomou outro gole de cidra, guardou o frasco no bolso sem oferecer aos demais. "Escutem", disse furioso, "eu quero aquela raposa! Eu vou capturar aquela raposa!" Não vou desistir até ter estendê-la na frente da minha varanda morta como uma porta.
>
> (DAHL, 2009, p.20-21).

É uma espécie de diálogo que se estabelece entre a ficção de Dahl, denunciando o avanço do homem em direção aos espaços animais, e o incômodos relatados pelos "fenômenos modernos" nas pesquisas de campo.

> A extensão dos centros urbanos resulta em mudanças rápidas e dramáticas no nível panorâmico e que são permanentes sobre períodos ecologicamente significantes. Assim, a urbanização significa uma drástica forma de conversão representada por uma densa habitação humana, transportes, indústrias e infraestruturas. Além do que, para comportar uma melhor densidade populacional humana, as mudanças que ocorrem nos centros urbanos e rurais trazem consigo a perda da biota e dos *habitats* naturais: [...]
>
> (BRADLEY. ALTIZER, 2007, p.96).

O posicionamento do Senhor Raposo, na narrativa literária e fílmica, encaixa-se na perspectiva que dá vez à natureza, que propõe o *zoomemento vivere* aos texugos, raposas, coelhos, doninhas, raposas e coelhos, que embora encurralados pelo homem, e "ilustrados de maneira antropomorfizada", não abandonam suas características animalescas, seus hábitos adquiridos *in natura.* O desejo de viver, mesmo que isolados nos subterrâneos. Dahl consegue inverter o ponto de vista centralizador do ser humano e parte da perspectiva animal para explicar seu mundo. Um espaço ficcional/real no qual os animais são acuados, caçados, observados na categoria de invasores da propriedade privada e portadores, melhor, transmissores potenciais de doenças que ameaçam o homem urbano.

> "Obrigado", disse Senhor Raposo, sorridente.
> "Mas agora, meus amigos, sejamos sérios. Vamos pensar no amanhã e no dia depois de amanhã e nos dias depois de depois de amanhã.
> Se sairmos daqui, seremos mortos. Certo?"
> "Sim", gritaram os demais animais.
> "Seremos fuzilados dentro de 1 metro, disse o texugo.
> "Ex-atamente", disse Senhor Raposo. "Mas quem quiser sair assim mesmo; me permitem a pergunta? Nós somos todos 'cavadores', cada

> um de nós. Nós odiamos a superfície. A superfície é cheia de inimigos. Nós só vamos lá porque precisamos ir, para alimentar nossas familias, claro". [...] "nós nunca mais seremos fuzilados em nossas vidas!"
>
> (DAHL, 2009, p.78-79).

No lar – Felis catus

Sabe-se que em Gênesis 1 (21-31) e Gênesis 2 (19, 20, 25)[57] o ser humano é registrado numa posição superior ao animal. É nesse sentido Adão o primeiro nomoteta, um legislador dos nomes, e aos animais é designada a função de servidão pela dominação e com fins de alimento.

Em contrastante fluxo de pensamento encontra-se Derrida, quando em The Animal therefore I am (2002), narra o problemático encontro com um gato doméstico que "envergonha-lhe sentir envergonhado". Na situação exposta Derrida está dispido pós banho e em confronto visual com o gato que observa.

> Os gatos
>
> Os amantes febris e os sábios solitários
> Amam de modo igual, na idade da razão,
> Os doces e orgulhosos gatos da mansão,
> Que como eles têm frio e cismam sedentários.
>
> Amigos da volúpia e devotos da ciência,
> Buscam eles o horror da treva e dos mistérios;
> Tomara-os Érebo por seus corcéis funéreos,
> Se a submissão pudera opor-lhes à insolência.
>
> Sonhando eles assumem a nobre atitude
> Da esfinge que no além se funde à infinitude,
> Como ao sabor de um sonho que jamais termina;
> Os rins em mágicas fagulhas se distendem,
> E partículas de ouro, como areia fina,
> Suas graves pupilas vagamente acendem.
>
> (BAUDELAIRE, 1985, p.37-38).

Embora não compartilhe do mesmo *Felis catus* poético presente no poema de Baudelaire, um irmão filosófico da espécie felina é o ponto de abertura para que

[57] Pela multiplicidade de publicações cito aqui a versão online da bíblia em português: http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/

Derrida posicione-se criticamente às considerações da alteridade homem-animal-homem:

> Devo deixar claro desde início, o gato sobre o que estou falando é um gato de verdade, verdadeiro, acredite em mim, um gatinho. Não é a imagem de um gato. Ele não entra silenciosamente no cômodo como uma alegoria para todos os gatos na terra, os felinos que atravessam mitos e religiões, literatura e fábulas.
>
> (DERRIDA, 2002, p.374).

O tom humorístico que Derrida utiliza no início do artigo supramencionado é um elemento duplamente carregado: primeiro por um convite ao leitor menos conhecedor das leituras de ecocrítica e *Animal studies* e segundo por um crítica aos seus antecessores da temática quando diz.

> Descartes, Kant, Heidegger, Lacan e Lévinas pertencem a esta categoria da 'quase-época'. O discurso deles é embasado e profundo, mas tudo se desenvolve como se eles mesmos estivessem sendo observados, e não especialmente pelados, pelos animais que lhes competem.
>
> (DERRIDA, 2002, p.383).

É nesse espaço muito semelhante ao descrito por Derrida que se desenrola a narrativa de Eu sou um gato (2002), 吾輩は猫である (wagahai wa neko de aru) no original em japonês, publicado por Sōseki em 1906. Nesse romance, dividido em três capítulos, Sōseki dá voz narrativa ao 'gato sem nome', e a partir do felino ponto de vista o leitor é apresentado ao ambiente do Japão da Era Meiji 1868-1912.

> Viver com os seres humano como faço é perceber que o mais que os observo mais sou forçado a concluir que eles são egoístas. Especialmente aquelas crianças, eu acho esses meus amiguinhos de cama indescritíveis. Quando a imaginação lhes apetece, me penduram de cabeça para baixo, enfiam minha cara num saco de papel, me jogam pro alto, me empurram pela cozinha. Outrossim, se eu cometo a menor travessura, a casa inteira se reune para caçar e atormentar-me. Noutro dia, quando eu percebi que estava afiando minhas garras num tapete de palha, a senhora da casa ficou tão irracional e indignada que agora é apenas com a maior relutância que ela me permite entrar num ambiente coberto. Embora eu trema de frio no chão de madeira da cozinha, impiedosamente ela permanece indiferente. Miss Blanche, a gata branca que vive ao lado e quem eu muito admiro, disse-me quando nos encontramos: não há criatura viva tão sem coração quanto o ser humano. Outro dia ela deu luz a quatro belos gatinhos. Mas três dias depois, o empregado da casa lhes removeu os quatro e jogou-os na lagoa do quintal. Miss Blanche,

> contando o evento entre lágrimas, garantiu-me que, para manter nosso amor paternal e aproveitar a beleza de nossa vida familiar, nós, a raça gato, precisamos engajar numa guerra total contra os humanos. Nós não temos escolha exceto exterminá-los.
>
> (SŌSEKI, 2002, p.20-22).

Se em Melville e em Dahl natureza e homem se relacionam de maneira às vezes contraposta, ou conflituosa, em Sōseki também há espaço para o embate. A questão que o diferencia é a focalização: homem-animal-homem.

> Não há nada mais difícil do que compreender a mentalidade humana. O presente estado mental de meu mestre é muito distante do compreensível; ele se sente zangado ou alegre, ou apenas buscando consolo nos rabiscos de alguns filósofos mortos? Não se pode dizer se ele está zombando do mundo ou se anseia ser aceito em sua frívola companhia; se ele está ficando furioso sobre um pequeno problema cotidiano ou mantendo-se afastado das coisas mundanas. Comparado com tais perplexidades, gatos são verdadeiramente simples. Se nós queremos comer, comemos; se nós queremos dormir, dormimos; quando estamos irritados, nós estamos irritados por completo; quando queremos chorar, choramos com todo o desespero e extremo compromisso do nosso pesar. Assim, nós nunca mantemos coisas tais como diários. Para que serviriam? Sem dúvida, os seres humanos como meu mestre duas-caras acham necessário manter diários em que podem mostrar numa sala escura seu real carater tão assiduamente encoberto do mundo. Mas entre os gatos nossas quarto ocupações (andar, levantar, sentar e dormir) e demais atividades casuais, como excretar, são ambas seguidas abertamente.
>
> Nós vivemos nossos diários, e consequentemente não precisamos manter uma recordação diária como um meio de manter nossas reais características. Tivesse eu o tempo de manter um diário e usaria melhor daquele tempo; dormindo na varanda.
>
> (SŌSEKI, 2002, p.43-45).

O fator diferencial entre o animal apresentado por Sōseki e os demais animais (baleia e raposa) parece ser o fator de interrelação homem-animal-homem que é alcançado numa negociação harmoniosa. Pois, em Eu sou um gato (2002), embora a relação de convívio seja permeada pelo momento (in)comum o *zoomemento vivere* aqui se desenvolve de maneira contínua e não privilegia o homem em detrimento ao animal. A cena qe encerra a narrativa, por exemplo, é repleta de tristeza e contemplação do valor da vida: vida que é direito humano e animal.

Considerações: (de)(por) um olhar licantropo

Em tópicos breves eis os pontos de interesse, numa visão ecocrítica, para as obras aqui postas em questão: em Moby Dick (2002), a narrativa expõe uma relação humano-animal, pois os animais se desenvolvem na narrativa através de um diálogo com pontos de vista humano, sendo descritivo, científico, documentado na intertextualidade literária e religiosa que subjulga o representação animal. Nas relações homem-animal analisadas a partir de Moby Dick o *zoomemento vivere* apresenta-se como única maneira de expressão animal, tendo em vista a focalização que parte do ponto de vista humano.

Em Fantastic Mr. Fox (2009), a relação é animal-humano, sob o ponto de vista animal da raposa, dos animais do campo (texugo, doninha, roedores, pequenos mamíferos), seus hábitos *in natura,* e dum espaço ficcional permeado por fatos não ficcionais contemporâneos que envolvem os problemas do homem moderno e urbano como o crescimento demográfico desenfreado, os avanços industriais e demais ações não sustentáveis. Nas relações animal-humano aqui analisadas o zoo*memento vivere* apresenta-se como enfrentamento ao movimento de *antroponormatividade* em que o animal tem sido implodido no amplo sentido do termo. A focalização aqui é tanto animal quanto humana.

Por fim, no romance Eu sou um gato (2002) há uma relação triádica humano-animal-humano mais profunda. Considera-se então que a partir desse olhar triádico o *zoomemento vivere* apresenta-se não a partir de atos isolados do gato ou dos humanos, mas sim de um ato contínuo que possibilita a interação entre animais e animais não humanos. É o gato que torna-se membro da família e a família que adentra nos pensamentos do gato. Essa convivência mútua gato-família traz em sua tecitura a abertura das vozes e dos múltiplos pontos de vista do mesmo objeto. Em outras palavras: a própria apresentação formal do romance de Sōseki demonstra uma forma triádica na qual o primeiro capítulo traz as impressões do gato sobre o mundo, o segundo capítulo as impressões do homem sobre o mundo, e por último, no desenvolver das quinhentas páginas restantes, segue o diálogo misto de homem e animal comentando o mundo. No término, apreende-se que a focalização tríptica humano-animal-humano aqui apresentada é a mais sinérgica entre as demais obras anteriormente avaliadas.

A escolha das obras aqui analisadas teve como objetivo apresentar a progressão dos *zoomemento vivere* duma maneira que possibilitasse um crescimento gradativo na perspectiva da interrelação tríptica antes mencionada. A grande contribuição terminológica e analítica desenvolvida por Valois (2010) serve como convite para que novas análises, em diferentes obras, possam convidar novos diálogos e críticas às narrativas dos animais e dos humanos existentes no ambiente literário.

Por fim, aos que aceitarem o convite de analisar tecituras que envolvam a alteridade dos animais não humanos, é importante lembrar que: se o problema das personagens é um problema de linguagem e de representação (Brait,1985) na qual é preciso encarar o texto na tentativa de habitar o mesmo espaço ficcional das *personas* (personagens) sugerimos que tome-se uma posição (eco)crítica nem completamente humana, nem exclusivamente animal; um ponto de vista de leitores e críticos da literatura no devir do *lykánthropos*[58].

Como sugestão para um aprofundamento deste estudo faz-se necessário uma reflexão por um caminho duplo que problematize a influência do analista e consecutivamente uma reflexão ontológica do ser. Para tais fins adequam-se as leituras de Didi-Huberman, em "O que vemos, o que nos olha" (2010) e de Michael Inwood, através de Heidegger: *Very Short Introduction* (2000).

Referências

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Edição biligue. Tadução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRADLEY, A. Catherine. ALTIZER, Sonia. Urbanization and the ecology of wildlife diseases. In: Trends in Ecology and Evolution, Vol. 22, no.22.

BRAIT, Beth. A personagem. São Paulo: Ática. 1985.

CULLER, Jonathan. Literary Theory: a very short introduction. Oxford. 2011.

DAHL, Roal. Fantastic Mr. Fox. Puffin Books. 2009

[58] Reflito aqui com a palavra de origem grega λύκος /licos/ (lobo) e ἄνθρωπος /antropos/ (homem), o licantropo é o lendário ser que transforma-se em homem e em lobo; no Brasil e em Portugal conhecidos como lobisomem.

DERRIDA. Jacques. The Animal that therefore I am (more to follow). In: Critical Inquiry, vol. 28, No. 2 (Winter, 2002), p.369-418.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA.
Disponível em: http://www.priberam.pt/dlpo/

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Trad. Paulo Neves Carvalho. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora 34. 2000.

ELSEVIER. 2007 Disponível em: http://bit.ly/PPGL13. Consultado em 09 de Julho de 2013, 13:06

FOX, Fantastic Mr. Direção: Wes Anderson. 20th Century Fox, Novembro 2009, 1DVD (87min.), DTS, SDDS, Dolby Digital, colorido. 2009.

GARRARD, Greg. Ecocriticism. USA/CAN: Routledge. 2004

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto. In: Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature (NewYork; Routledge, 1991), pp.149-181. Disponível em: http://bit.ly/walter13. 1991.

HEATH, Duncam. BOREHAM, Judy. Romanticism. Icon books. 2010.

INWOOD, Michael. Heidegger: a very short introduction. OUP, Jan, 2000.

MELVILLE, Herman. MOBY DICK. Wordsworth Classics, 20º ed.London 2002.

NÓBREGA. Carlos Augusto Moreira da. Breathing. In: Festival Continuum 2013. Disponível em: http://file.org.br/artist/guto-nobrega/. Instalação artística.

SCLIAR, Moacyr. Max e os felinos. 1ªed. São Paulo: L&PM. 2001.

SŌSEKI, Natsumi. I am a cat. Tuttle Publishing. EPUB. 2002

SUASSUNA, Ariano. Iniciação à estética. 9º. Rio de Janeiro: José Olympio editora. 2008.

VALOIS, Michelle. Zoomementos da Morte: morrer, matar e viver entre os bichos de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. 2010, 91 páginas, Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – UFPE, Recife, 2010.

História Ambiental: Diálogos com a História Política e Agrária

Coordenador:
Dr. Cristiano Luis Christillino

‘O Correio da Unesco’

‘Redemocratização e Movimento Ambientalista’

‘O Estado de Rondônia’

‘Pela Boa Conservação do Patrimônio Florestal’

‘Dom Malan e a Construção do Ambiente’

A Revista *O Correio da UNESCO* e o Debate entre Meio Ambiente e Desenvolvimento

Cássia Natanie Peguim [1]

Resumo: A revista *O Correio da UNESCO,* lançada com o slogan *"uma janela aberta para o mundo"*, chega ao Brasil em 1972, com a missão de manter uma plataforma para o diálogo entre as culturas. Observamos que as discussões presentes na revista perpassam as peculiaridades históricas da cooperação educacional, científica e cultural no campo do *meio ambiente* e *desenvolvimento*. Esferas do conhecimento que se vinculam ao processo de apropriação, transformação e destruição do mundo natural e à percepção dos mesmos. A História Ambiental vê esta relação como impactante na organização da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: História Ambiental; Meio Ambiente; Desenvolvimento; UNESCO; *O Correio da UNESCO*.

Desenvolvimento e Meio Ambiente

Se seguirmos os conselhos de Eric. J. Hobsbawm, para quem o olhar retrospectivo é a última arma do historiador[2], observamos que a formulação da chamada *questão ambiental* decorre da percepção de obstáculos culturais e materiais à qualidade da vida humana, cuja tomada de consciência aparece como causa e sintoma de um estado de espírito marcado pelo questionamento da eficácia do sistema de desenvolvimento, particularmente sobre as modalidades do crescimento econômico e usos dos recursos naturais [3].

Também podemos notar que a expressão, ao integrar a agenda política de organizações internacionais, governamentais ou não, dos Estados, de organizações comunitárias e dos currículos escolares, está em um fazer-se constante. Colocando o historiador diante da necessária problematização sobre as relações humanas com o seu tempo histórico.

---

[1] Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação "História e Sociedade" da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis e colaboradora do Laboratório de História e Meio Ambiente – LABHIMA.

[2] HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.394.

[3] SACHS, Ignacy. Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir. Rio de Janeiro: Vértice, 1986. p. 09.

A busca pela renovação do conceito *desenvolvimento sustentável* a partir da promoção da *Green Economy* pela Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada em 2012, na mesma cidade em que há vinte anos então se realizava a Rio92, evidencia um processo de revisão temporal e conceitual das ações humanas na qual se insere a inconclusão do debate entre *meio ambiente* e *desenvolvimento*. Debate presente no âmago do que denominamos questão ambiental, uma vez que traz consigo os problemas sociais inclusos na apropriação, transformação e destruição do meio ambiente pela economia capitalista.

Se seguirmos com nosso olhar retrospectivo, podemos questionar o significado implícito na promoção da *Green Economy*. A proposta do conceito *desenvolvimento sustentável*, colocou em discussão a necessidade de uma nova racionalidade no processo de desenvolvimento, baseada em novos modos de exploração dos recursos naturais, de novos critérios de investimento e de um novo padrão técnico-científico [4]. Assim, a *Rio+20* potencializa o papel das organizações governamentais e não governamentais no futuro das políticas ambientais, colocando em pauta a dimensão da atuação de tais organizações na formulação de políticas públicas que abordam o meio ambiente como tema central.

As organizações da sociedade-civil desempenharam importante papel na denuncia de danos causados ao meio ambiente ao longo dos anos 1960 e 1970, e continuam a desempenhá-lo. No entanto, o processo de democratização em andamento no Brasil no início dos anos 1990, à época da realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável – CNUMAD, contribuiu para que a participação dos movimentos populares se direcionassem ao questionamento dos desdobramentos sociais da questão ambiental.

Vinte anos depois, vemos a *Rio+20* chamar as organizações não governamentais para a atuação em prol da *Green Economy*, mas devemos ter em mente que estas organizações, na ótica dos documentos apresentados no evento[5] atuariam junto às

[4] ALBAGLI, Sarita. *Geopolítica da Biodiversidade*. Edições IBAMA: Brasília, 1998, p.46.
[5] ONU. Plano de Implementação da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. 2012

organizações do sistema das Nações Unidas, respeitando-se todos os tratados, acordos e programas de ação elaborados anteriormente sobre o tema no âmbito da ONU. Aqui então se abre outro questionamento: qual o papel das organizações governamentais onusianas no debate e promoção de políticas públicas sobre meio ambiente e desenvolvimento ao longo dos quarenta anos de discussão, compreendidos entre a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, 1972, e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, 2012?

Diante da amplitude do problema, vemos na compreensão do debate sobre meio ambiente e desenvolvimento presente na revista *O Correio da UNESCO* uma forma de responder a tal questionamento, uma vez que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO age como promotora do debate sobre políticas ambientais, mediando e, por vezes, formulando políticas internacionais sobre o meio ambiente[6]. Buscando um distanciamento em relação ao tema em questão, abordamos os vinte e um anos compreendidos entre 1972 e 1992.

A revista e seu contexto

Tentando responder aos questionamentos apresentados, organizamos o Guia de Fontes *"Os Temas Ambientais em O Correio da UNESCO (1972-2001)"*. O Guia é um instrumento de pesquisa que objetiva facilitar o acesso ao conteúdo sobre meio ambiente publicado na edição brasileira da revista *O Correio da UNESCO*. Por meio deste material chegamos a um perfil da revista[7].

Lançada em 1948, com o slogan *"uma janela aberta para o mundo"*, *O Correio da UNESCO* tem como missão original promover os ideais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, manter uma plataforma para o diálogo

[6] PEGUIM, Cássia Natanie. "A revista O Correio da UNESCO e as potencialidades de pesquisa sobre o Meio Ambiente (1972-1992)". In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. único. p.1-13

[7] Sua confecção integra o cronograma de pesquisa para a dissertação de mestrado "Meio Ambiente e Desenvolvimento: a construção do debate ambiental em *O Correio da UNESCO* (1972-1992)", vinculado ao Programa de Pós-Graduação História e Sociedade, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis. O Guia se encontra disponível no Laboratório de História e Meio Ambiente – LABHIMA pertencente à referida universidade

entre as culturas e prover um fórum para o debate internacional. Sua publicação no Brasil tem início em 1972, ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano e do início das atividades do escritório da UNESCO em Brasília.

Interessante observar que *O Correio da UNESCO* chega ao Brasil no contexto de uma mudança do projeto de desenvolvimento da Organização. A UNESCO vivia então um momento de discussão da posição da organização no contexto da Guerra Fria, realizando um exame da noção de desenvolvimento e da noção de progresso como finalidade das ações que foram implantadas na década anterior. Entre estas se destacam os programas educacionais e de investimento nas "comunicações espaciais", imprensa, rádio e televisão, nas áreas descolonizadas e de grande extensão territorial e densidade demográfica, como o Brasil[8].

Segundo Ely Guimarães Evangelista, a abordagem do tema meio ambiente no contexto da formulação de um conceito de cultura promotora do desenvolvimento corresponde à aquisição de conhecimento e à exigência de um novo modo de viver consigo e com a natureza [9]. Observando tais aspectos, vemos que a compreensão do debate entre meio ambiente e desenvolvimento perpassa as peculiaridades históricas da cooperação educacional, científica e cultural no campo do meio ambiente e desenvolvimento. Cooperação esta em que a UNESCO assume o papel de articuladora, principalmente por meio da comunicação científica.

Desenvolvimento e Meio Ambiente em *O Correio da UNESCO*

Lançando um panorama sobre as particularidades da revista, observamos que entre 1972 e 1992 o debate entre meio ambiente e desenvolvimento é permeado pela incerta disponibilidade de recursos naturais, seguida pela preocupação para com a qualidade da biosfera e, no início dos anos noventa, notamos o esboço dos ideais de sustentabilidade do meio ambiente.

[8] EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. *A UNESCO e o mundo da cultura*, Brasília, DF: UNESCO; Goiânia: Editora UFG, 2003. p. 93-95.
[9] Idem, p.97.

No entanto, é importante ressaltar que esta relação não é linear, pelo contrário é conflituosa, uma vez que observamos a exposição de diferentes opiniões e que estas representam áreas distintas do conhecimento. Concentramo-nos nas definições de desenvolvimento apresentadas pela revista em seus artigos.

Os anos 1970 trazem consigo a formação e atuação do movimento ambientalista e são importantes no nosso olhar retrospectivo sobre a dimensão do desenvolvimento acerca da questão ambiental por notarmos, nesta conjuntura, a presença do planejamento econômico nas políticas ambientais que se desenham no contexto.

No conjunto dos artigos publicados no início dos anos setenta, desenvolvimento e ambiente aparecem como elementos conflitantes, pois há resistência em observá-lo por um ângulo que não seja o do crescimento econômico. Assim, a crise ambiental que se desenha em torno do questionamento dos usos dos recursos naturais, explicitada a partir da Conferência do Ambiente Humano em Estocolmo no ano de 1972, é apontada como um desafio para a nova ordem econômica mundial que se articula.

Entre abril e maio de 1974 é proposta em Assembleia Geral da ONU a *Nova Ordem Econômica Mundial*, um programa político que tinha como meta a obtenção de um desenvolvimento econômico que considerasse o nível local, a criação de uma infraestrutura científica, a manutenção do equilíbrio entre ciências e cultura, o desenvolvimento de uma imaginação criadora, a harmonia do homem com a natureza e o respeito aos direitos humano e aos direitos da vida. Observamos aqui uma resposta dada à necessidade de incorporar a dimensão ambiental à ideia de desenvolvimento. Necessidade que não deve ser vista apenas como um reflexo das ações dos movimentos ambientalistas, mas que deve ser problematizada em um contexto de crise energética e de Guerra Fria, uma guerra que foi também tecnológica.

Uma questão que salta aos olhos é a centralidade da cooperação científica entre a UNESCO, organizações parceiras no sistema da ONU e os Estados que a compunha. O artigo “Uma política mundial para o meio ambiente” de autoria do norte-americano Lunton K. Caldwell, então presidente da Comissão de Política, Legislação e Administração Ambientais da União Internacional para a Conservação da Natureza e

seus Recursos Naturais – IUCN, parceira da UNESCO no campo da cooperação científica, traz a seguinte fala: *"A principal dificuldade para a institucionalização das decisões nacionais sobre o meio ambiente é conciliar ecologia e economia"*. E em outro ponto do artigo acrescenta:

> As inovações que estão sendo introduzidas no plano nacional e no internacional poderão nos dar em poucos anos indicações práticas sobre a melhor maneira de estruturar e integrar as metas desenvolvimentistas e ambientais e o programa operacional [10].

Podemos observar aqui que o meio ambiente adquire status de componente em um plano maior, o de reestruturação global diante de um novo projeto de ordem econômica pautado na ciência e na tecnologia em favor do desenvolvimento. Nesse projeto os cientistas deveriam assessorar e assistir as autoridades públicas para que estas tomassem decisões relacionadas ao ambiente e ao desenvolvimento, válidos do ponto de vista ecológico.

No entanto, não podemos esquecer que o projeto científico tecnológico de compreensão do meio ambiente, incluindo as mudanças em sua dinâmica climática e impactos do crescimento populacional, traz consigo contradições a que Eric J. Hobsbawm classifica como paradoxais. O último quarto do século XX configura-se, para o autor, como uma época de mudanças cotidianas impregnadas do espírito de *fin de siècle* e marcadas pelo progresso material, apoiado na ciência e na tecnologia, mas também pela rejeição destas pela opinião pública e individual[11].

O Plano de Médio Prazo da UNESCO para o período de 1977-1982, amplamente divulgado pela revista traz implícita tal contradição ao apontar a existência do divórcio entre o homem e a natureza, provocado pela tecnologia, mas também pelo desconhecimento dos sistemas e dos mecanismos naturais que permitiam a manutenção da vida na Terra. Vivia-se então, um tempo de incertezas, no qual, embora a economia e os hábitos estivessem estritamente vinculados ao universo da ciência, a população desconhecia o processo científico e seus resultados e, mesmo os

[10] CALDWELL, Lunton K. Uma política mundial para o meio ambiente. O Correio da UNESCO, mar./1973. p.32.
[11] HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos. Op. Cit. pp.499-500.

cientistas não tinham o controle das consequencias de seu trabalho[12]. Situação que nos parece familiar.

Ao passo que *O Correio da UNESCO* traz a frase "*uma janela aberta para mundo"* como seu slogan, vemos que a articulação entre os Estados por meio do intercambio científico e da vulgarização da pesquisa científica, não só das ciências duras, mas também das ciências sociais, figuram entre as finalidades da Organização.

No período, as ações da UNESCO particularmente se concentraram no financiamento da pesquisa científica desenvolvida pelo Programa *O Homem e a Biosfera* – MAB, colocando a ciência como aquela que promoveria a mudança na visão dual desenvolvimento/meio ambiente. A noção de desenvolvimento presente nas ações atribuídas ao MAB se aproxima daquela de desenvolvimento sustentável, ao abordarem a conservação e uso racional dos recursos naturais e patrimônio genético como garantia de opções às gerações futuras.

Verificamos então que os anos 1980 trouxeram consigo um imperativo: aprender a lidar com um mundo que obedecia a uma nova dinâmica. Posto isso, vemos que o processo de elaboração do conceito de *desenvolvimento sustentável* com a Comissão Mundial para Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1983, e a sua difusão a partir de 1987 com a publicação de *Nosso Futuro Comum,* reflete a necessidade de ordenação de um novo capitalismo que se abria para um processo de globalização e precisava incorporar a questão do meio ambiente. Como podemos observar no trecho do referido relatório:

> "As necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro dos limites das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar" [13].

A escassez dos recursos naturais era uma consequência da dinâmica do capital e da sociedade de consumo que, dependente de energia e tecnologia - essenciais ao

[12] Idem, pp.504-536.
[13] COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro, FGV, 1988. p. 47.

capitalismo, vinha sendo questionada e desprestigiada pelos movimentos sociais sobre o meio ambiente. O capitalismo precisou ser readequado para que pudesse manter a dinâmica de crescimento, e esse processo estendeu-se por toda a década de 1980 e 1990.

Embora tenha esse momento como marco de sua conceituação, a noção de *desenvolvimento sustentável* representou uma reelaboração de conceitos anteriores, sendo o principal deles o de *ecodesenvolvimento*, que vinha sendo definido desde 1972, ano de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente Humano, em Estocolmo. No entanto, seguiram caminhos diferentes.

O conceito *ecodesenvolvimento*, embora não adotado oficialmente pela ONU e suas organizações parceiras, foi introduzido por Maurice Strong, Secretário da Conferência de Estocolmo, e largamente difundido pelo economista Ignacy Sachs. Em linhas gerais, significa o desenvolvimento endógeno e dependente de suas próprias forças, tendo por objetivo responder a problemática da harmonização dos objetivos sociais e econômicos do desenvolvimento com uma gestão ecologicamente prudente dos recursos e do espaço[14].

Notamos em *O Correio da UNESCO* que a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD foi anunciada como o espaço onde a humanidade selaria um "pacto planetário" em prol do *desenvolvimento sustentável*. Energia, educação ambiental, poluição e biodiversidade são temas apresentados previamente à realização da Conferência, acompanhados de referências às discussões ocorridas em 1972 na ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano. O lema da reunião, "Meio ambiente e desenvolvimento: as duas faces do mesmo dilema na continuidade da aventura humana", indica a centralidade que tais temas ocupavam na esfera da política internacional, assim como a permanência dos conflitos entre ambos.

Devemos levar em consideração que a CNUMAD ocorreu três anos após a queda do Muro de Berlim, símbolo do desabamento do socialismo real, portanto nos primeiros

[14] SACHS, *Desenvolvimento*: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 36.

anos de um mundo não mais dividido entre Ocidente e Oriente e sim aberto à globalização. A Conferência é realizada com um intuito unificador e reorientador do capitalismo que, vencedor, precisava se adaptar a uma economia global. O conceito de desenvolvimento sustentável, acompanhado da Carta da Terra e outros documentos e slogans elaborados em 1992 durante a Conferência, emerge como instrumento desse processo de unificação econômica do mundo.

A realização da Rio92 também é estratégica devido à importância ambiental e econômica da Amazônia e da posição do Brasil como um país em desenvolvimento. Esta segunda característica ganha relevância ao recordarmos o papel dos então chamados países de Terceiro Mundo na Conferência do Ambiente Humano vinte anos antes, pois foram estes países os responsáveis por levar a necessidade do desenvolvimento econômico ao debate sobre o meio ambiente como uma prioridade em relação a preservação e/ou conservação da natureza. Portanto, nada melhor do que um país em desenvolvimento e rico em recursos naturais para a realização da Conferência que trataria meio ambiente e desenvolvimento como tema.

Uma conclusão preliminar

Diante da repercussão da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, de 1972, a pesquisa e os acordos políticos e científicos colocaram-se como meios para a compreensão do meio ambiente e das transformações sociais, com a finalidade de controlar os recursos necessários ao desenvolvimento econômico. Instituições como a ONU e a UNESCO passaram a atuar no que pode se chamar de normatização do meio ambiente, sintetizando o destaque dado à temática na política e economia globais.

Com a crise do petróleo e consequentemente com a ressignificação dada pelos governos do Norte e do Sul aos recursos naturais, a crise político-econômica assume uma face relacionada com a capacidade de abastecimento dos recursos e com a manutenção da sua função como instrumento do desenvolvimento [15]. Devido à ação

[15] McCORMICK, John. **Rumo ao Paraíso**: A história do movimento ambientalista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. p.153-154.

da crise energética sobre a relação comércio / meio ambiente / desenvolvimento, a ONU, em Assembleia Geral de abril e maio de 1974, decide instaurar uma nova política desenvolvimentista chamada *Nova Ordem Econômica Mundial*.

Para a promoção desta nova ordem caberia à UNESCO estabelecer políticas científicas e tecnológicas e estimular o crescimento industrial e econômico dos países em desenvolvimento por meio de seminários e formação profissional. A Organização deveria movimentar ações e recursos a fim de explicar e esclarecer os objetivos desta nova ordem atuando como foco catalisador da criação de infraestruturas, promovendo o desenvolvimento da ciência social e coordenando esforços dentro do sistema das Nações Unidas.

A revista *O Correio da UNESCO* chega ao Brasil neste contexto. Um momento de crise ambiental e também, não esqueçamos, social. E como veículo de comunicação, configura-se como uma plataforma de discussão da relação meio ambiente e desenvolvimento e de construção de significado e atribuições políticas para a mesma, seja no campo das ciências biológicas ou sociais. Estas constatações merecem ser aprofundadas e complexificadas, respondendo a continuidade da pesquisa que aqui se apresentou.

Referências Bibliográficas

ALBAGLI, Sarita. *Geopolítica da Biodiversidade*. Edições IBAMA: Brasília, 1998,

CALDWELL, Lunton K. Uma política mundial para o meio ambiente. *O Correio da UNESCO*, mar./1973.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro, FGV, 1988.

EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. *A UNESCO e o mundo da cultura*, Brasília, DF: UNESCO; Goiânia: Editora UFG, 2003.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MAIO, Marcos Chor (Org.) *Ciência, Política e Relações Internacionais*: ensaios sobre Paulo Carneiro. Rio de Janeiro: Fiocruz; UNESCO, 2004.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil:* pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

McCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso*: A história do movimento ambientalista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

ONU. *Plano de Implementação da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável*. 2012. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/ai/ arquivos/pijoan.doc Acesso em: 13/11/2013.

PEGUIM, Cássia Natanie. "A revista O Correio da UNESCO e as potencialidades de pesquisa sobre o Meio Ambiente (1972-1992)". In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH - Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. v. único. p.1-13. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300886070 ARQUIVO ARTIGOANPUH-CassiaPeguim.pdf

SACHS, *Desenvolvimento*: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. *Ecodesenvolvimento*: crescer sem destruir. Rio de Janeiro: Vértice, 1986.

Processo de Redemocratização na Paraíba: Atuação do Movimento Ambientalista Contra a Construção dos Espigões na Orla Marítima de João Pessoa (1978-1989)

Gutierre Farias Alves[16]
Marcos Saulo de Assis Nóbrega[17]

Resumo*:* em 1979 o congresso aprovou a lei Orgânica dos partidos instituindo o pluripartidarismo no país. Neste processo de "abertura politica" movimentos sociais surgem, com diversas lutas, causas e interesses. Ao mesmo tempo, a década de 1970 vai ser marcada pela ascensão dos temas ligados a conscientização na preservação do meio ambiente. Deste modo, surge na Paraíba, no ano de 1978, a Associação Paraibana Amigos da Natureza – APAN, sendo a primeira entidade ambientalista na Paraíba a fazer da discussão ambiental um assunto essencial. Assim, até institucionalização do artigo 229 da constituição estadual, promulgada em 1989, contra a construção dos espigões na Orla marítima de João Pessoa, todo um debate entre parlamentares, ecologistas e o capital privado foi noticiado pelos jornais de 1970/1980.

Palavras Chave: Redemocratização, movimento ambientalista, espigões.

Introdução

"*Em 13 de outubro de 1978, o ainda presidente Ernesto Geisel decretava a extinção do Ato Institucional número cinco, quase dez anos depois de sua vigência*" [18]. Tal atitude representava, no período, um avanço no processo de redemocratização, dentro do projeto de uma "política de distensão lenta, gradual e segura" promovida pelo então presidente da República. Entretanto, as eleições de 1978 ainda se realizavam a partir do bipartidarismo, ou seja, nas disputas entre ARENA e MDB. Somente no ano de 1979, no governo de Figueiredo o Congresso aprova a Lei Orgânica dos Partidos, instituindo o pluripartidarismo no país.

> A Arena foi substituída pelo Partido Democrático Social (PDS) e o MDB agregou a palavra partido ao seu nome original, transformando-se no PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Além desses partidos, foram ainda criados o PTB (Partido Trabalhista

[1]Graduando em História pela UFCG. Aluno participante do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica – UFCG. Membro do grupo de estudo "História, Meio Ambiente e questões Étnicas – UFCG". gutierrefariasalves@gmail.com
[17] Graduando em História pela UFCG. Aluno participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Membro do grupo de estudo "História, Meio Ambiente e questões Étnicas – UFCG". m_saulo18@hotmail.com
[18] MELLO, José Octávio de Arruda. *Da Resistência ao Poder: O (P) MDB na Paraíba (1965-1999)*. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 144

> Brasileiro), o PP (Partido Popular), o PT (Partido dos Trabalhadores) e, posteriormente, uma série de outras legendas.[19]

Ao mesmo tempo em que o Brasil e a Paraíba entram em um clima de redemocratização, de surgimento de partidos que advinha dos movimentos populares, tendo como exemplo o PT, a década de 1970 vai ser marcada pela ascensão dos temas ligados a conscientização em relação à preservação do meio ambiente. Em todo o mundo sucediam conferências sobre a crise global e cresciam os debates e movimentos ambientalistas em diversos países. Nesse sentido, como mostrou à historiadora Regina Horta, as organizações não governamentais surgem em um momento de reavaliação e reforma mundial, tendo como pioneiros na criação das ONGS os Estados Unidos, e alguns países da Europa como França e Inglaterra[20].

Dessa forma, a ideia de uma história ambiental como campo historiográfico consciente surge neste período, onde os historiadores passam a se indagar de forma sistemática em relação à natureza criando um novo "ramo" de estudos. Tendo a interdisciplinaridade uma das principais características da história ambiental[21]. Sendo assim, a relação homem/natureza penetra significativamente nas estruturas educacionais, nos meios de comunicação em massa, no imaginário coletivo e nos diversos aspectos da arte e da cultura. Por isso a modernidade da questão ambiental – da ideia de que a relação com o ambiente natural coloca um problema radical a inescapável para a continuidade da vida humana – deve ser entendida em sentido amplo. Vai ser nesse contexto de redemocratização e de um surgimento de preservação ambiental que em 1978 é fundado a APAN (Associação Paraibana Amigos da Natureza), sob a liderança do professor e pesquisador Lauro Pires Xavier juntamente com estudantes de agronomia, no campus de Areia/UFPB, sendo a primeira entidade ambientalista da Paraíba que fez da discussão ambiental em João Pessoa e em todo o Estado, um assunto essencial. A partir dai soma-se diversas lutas da entidade, como a luta contra o lançamento de vinhoto pelas usinas de álcool nos córregos e nos rios, contra o fim da atividade baleeira em Lucena e pela proibição dos espigões na orla marítima de João Pessoa, sendo esta ultima, o nosso foco de estudo.

---

[19] CITTADINO, Monique. *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986).* In: Estrutura de poder na Paraíba. Vol 4. João Pessoa. EDUFPB, 1999. p. 127

[20] DUARTE, Regina. História e Natureza. Belo Horizonte: Autêntica., 2005. P. 22

[21] Idem. P. 31-33

Nesse sentido, a presente proposta de trabalho é analisar como o processo de Redemocratização na Paraíba favoreceu o surgimento de entidades ambientais e de como a APAN desenvolveu formas de lutar contra a construção dos espigões na Orla Marítima de João Pessoa, tendo os finais da década de 1970 e o decorrer da década de 1980 como recorte temporal. Mostrando quais os argumentos utilizados por ecologistas, parlamentares e capital privado, em prol ou não da construção dos Espigões. Sendo assim, nos propusemos a analisar a bibliografia do período em questão, além de investigar a documentação disponível da Associação Paraibana Amigos da Natureza – APAN, para entendermos como o movimento ambientalista paraibano propôs uma emenda na Constituição para inserir o artigo 229, estabelecendo o escalonamento para limitar o gabarito (altura máxima) das edificações na orla. Para isso, tivemos que interagir com a história política, história social, econômica e cultural abrangendo uma grande variedade de assuntos, familiares e estranhos ao invés de engendrar alguma nova e esotérica especialidade.

Material e Métodos

A partir do diálogo interdisciplinar, a investigação se propôs a recuperar as polêmicas que se desenvolveram ao longo das décadas de 1970 e 1980 entre os ecologistas, parlamentares e a população como um todo. Enquanto os primeiros defendiam o fim da construção dos espigões na Orla, os parlamentares e a população se dividiam em dar ou não prosseguimento a atividade.

Sendo assim, os jornais locais (*O Norte*, *Correio*, *O momento*, *A União*) passam a noticiar todo o imbróglio da situação, servindo assim como fonte documental de análise discursiva em confronto com leituras teóricas e históricas sobre a realidade politica, ambiental, social e econômica dos moradores de João Pessoa. Ressalta-se que estes jornais foram colhidos no arquivo da APAN, deste modo, eles não possuem o número da seção.

Nesse contexto, se faz necessário averiguar atuação do movimento ambientalista Paraibano e sua luta no processo contra a construção dos espigões, nos fins da década de 1970 e no decorrer dos anos 1980; analisar os interesses/preocupações dos parlamentares a partir do projeto de Lei até sua efetivação proibindo a construção

dos espigões na Orla Marítima de João Pessoa; assim como a participação popular de artistas e intelectuais e de seus atos públicos a favor da proibição dos Espigões.

Utilização de periódicos como fontes históricas e analise bibliográfica da situação politica na Paraíba.

Primeiramente a partir das pesquisas iniciais, estabeleceu-se como tema central a polêmica sobre a construção dos Espigões na Orla Marítima de João Pessoa, tendo em vista como recorte temporal às décadas de 1970/1980, além do recorte geográfico a cidade de João Pessoa, sem esquecer-se do contexto regional, no caso o estado da Paraíba e nem o contexto nacional do respectivo período.

Nesse sentido foi feito um levantamento dos documentos e informações para delinear os objetivos, procedimentos e as hipóteses do trabalho contemplado. Conhecendo assim os principais aspectos políticos, ambientais, sociais e econômicos da Paraíba e de João Pessoa. A partir disso, a pesquisa se constituiu na analise documental presente na Associação Paraibana de Amigos da Natureza (APAN), tendo os jornais como principal fonte de nossa pesquisa.

Sobre a utilização dos jornais como fonte para os historiadores é preciso tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, nem sempre os historiadores se debruçaram nos jornais e viram nele algo importante para os trabalhos historiográficos. Isso se deve ao fato da tradição positivista está preocupado em uma história objetiva e neutra, sendo assim, como aponta Tania Regina "*os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses*"[22]. A partir da década de 1930 com a Escola dos *Annales* é que haverá uma critica a essa concepção. Entretanto, é só na década de 1970 com a terceira geração dos *Annales*, que teremos a utilização dos jornais de forma mais sistemática e critica a partir dos estudos interdisciplinares e da Nova História Política.

[22] LUCA, Tania Regina de. "Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. P- 112

O Historiador deve então estar atento de como utilizar os jornais como fonte para pesquisas históricas. Cabe ao historiador pesquisar o lugar social dos periódicos, além de sua "*área de difusão, relações com instituições politicas, grupos econômicos e financeiros*"[23]. Diante disso, procuramos estabelecer as relações politicas e sociais entre os jornais *O Norte*, *Correio*, e *A União* com os governos paraibanos em questão, tentando assim, realizar uma analise discursiva, buscando detectar a intencionalidade de cada periódico.

Por esses motivos, são de suma importância analisar bibliograficamente o contexto paraibano das décadas de 1970/1980, os governadores que estiveram no comando do Estado e suas relações com a sociedade. Deste modo, os livros de José Octávio de Arruda Mello – *Da Resistência ao Poder: O (P) MDB na Paraíba (1965-1999)*, Paulo Giovani Nunes – *O Partido dos Trabalhadores e a Política na Paraíba: Construção e Trajetória do Partido no Estado (1980-2000)*, Monique Cittadino – *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986)* nos ajudaram na construção deste artigo.

Reflexões sobre a relação história, sociedade e natureza.

Ao longo do tempo os homens sempre estabeleceram uma relação para com a natureza. No entanto, eles o fizeram de formas muito diferentes, com perspectivas e valores muito diversos. Seja para sobrevivência humana, ou para o desenvolvimento socioeconômico e técnico cientifico atingido pela sociedade contemporânea[24]. Nesse sentido, as discussões sobre as relações sociedade e natureza se intensificam a partir das décadas de 1960/1970 a partir dos diálogos interdisciplinares.

A partir do momento em que se aumenta a capacidade humana em intervir nos ambientais naturais, abre-se um campo de estudo dos impactos do homem e suas invenções tecnológicas sobre o meio ambiente. E essas mudanças técnicas acarretaram uma importante desestruturação social.[25]. Sendo assim, o historiador ambiental deve analisar a inter-relação de fatores como a paisagem, tecnologia, economia, organização social e política, as representações simbólicas, etc.

[23] Idem. P- 116
[24] DUARTE, Regina. História e Natureza. Belo Horizonte: Autêntica., 2005. P- 38.
[25] Idem. P-33

Em relação à permissão ou não da construção dos espigões (prédios acima de 35 metros) na Orla Marítima de João Pessoa, percebe-se o choque entre interesses distintos. Os donos de empreiteiras argumentam que há a necessidade de construir os prédios para poder trazer o desenvolvimento e o progresso para a cidade, pois tal projeto incentivaria o turismo. Já os argumentos contrários, ou seja, do movimento ambientalista Paraibano, referem-se ao corte de ventilação que a cidade sofreria caso fosse permitido a construção dos espigões, além da poluição das águas com devido o escoamento de esgotos no mar. Sendo assim, nosso objetivo em fazer uma história ambiental no município de João Pessoa, é justamente interligar as ciências naturais e ambientais, junto com os estudos históricos, para que possamos problematizar as questões de natureza e sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerações sobre o processo de Redemocratização no Brasil e na Paraíba.

O processo de Redemocratização no Brasil é marcado pelo projeto de "Distensão" de Ernesto Geisel (1974-1979) e de "Abertura" do presidente Figueiredo (1979-1985). Entre os dois governos, muitos avanços e retrocessos democráticos aconteceram, até as eleições diretas para governadores no ano de 1982.

O governo de Geisel pretendia por ordem realizar as seguintes ações: suspensão parcial da censura prévia, negociações com a oposição, reformas eleitorais e revogação do AI5. Entretanto, o "Pacote de Abril" de 1977 visava conter a oposição e fortalecer a ARENA, como nos mostra NUNES:

> As principais mudanças do referido pacote foram as seguintes: a partir daí as emendas constitucionais necessitariam somente da aprovação majoritária do Congresso; todos os governadores do Estado e um terço dos Senadores Federais seriam eleitos indiretamente em 1978 por colégios eleitorais, que incluíam as Câmaras municipais, onde a ARENA predominava.[26]

Na Paraíba as disputas entre ARENA e MDB, nas eleições estaduais de 1978 se intensificam. O "Acordo de Brasília" que unia novamente os antigos governadores João Agripino e Ernani Sátyro, ambos da ARENA, ocasionou dissidências e disputas

[26] NUNES, Paulo Giovani Antonino. *O Partido dos Trabalhadores e a Política na Paraíba: Construção e Trajetória do Partido no Estado (1980-2000)*. Recife, 2003. Tese apresentada no programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, para a obtenção do titulo de doutor em história do Brasil. P-34

internas pois "pelo acordo, o então governador Antonio Bichara seria lançado ao senado, pela via direta, Ernani Sátyro seria o senador biônico e o deputado federal Antônio Mariz, o governador"[27]. Como aponta Nunes, um documento é enviado ao presidente Figueiredo, mostrando que Antonio Mariz era contrário às ideias do movimento de 1964, sendo "afastado" da candidatura para governador. Deste modo, a ARENA escolhe o nome de Tarcísio Burity. Com isso, tinha-se dois candidatos dentro da ARENA para governador, sendo Burity o vencedor. A partir disso, Mariz apoia Humberto Lucena (MDB) ao senado, tendo este saído vitorioso na campanha de 1978. Estas disputas dentro da ARENA ocasionaram a única vitória do nordeste do MDB no senado, demonstrando um evidente esgotamento do regime militar, pois:

> De um lado, a cisão no interior da ARENA é um indicativo de que as forças políticas, mesmo aquelas vinculadas ao bloco de poder, já não podiam permanecer presas a um espaço politico restrito e limitado[28].

Apenas no último ano do governo Geisel é que teremos o fim da censura, do AI5 e o *Habeas-Corpus* aos presos políticos. No ano seguinte, o Presidente Figueiredo promulga a lei de Anistia e o multipartidarismo no país. Entretanto, em 1981 o "Pacote de Novembro" proíbe as coligações eleitorais, determinando que os eleitores votem apenas em uma legenda. Deste modo, os partidos que surgiram (PDT, PT, PP) não podiam se aliar ao PMDB (antigo MDB) para derrotar o PDS (antiga ARENA), favorecendo dessa maneira, a vitória da situação.

Dentro deste contexto, de esgotamento de regime militar com as disputas internas dentro da ARENA, com o fim da censura, do AI5 e da anistia aos presos políticos, presencia-se a atuação dos movimentos populares contra o regime militar. Neste caso, em nível nacional a Igreja, a OAB e ABI (Associação brasileira de Imprensa) possui uma atuação forte. Além disso, os movimentos cívicos também se manifestaram, sendo as "associações cívicas independentes *do Estado em financiamento e administração*"[29], neste panorama é que surge em 1978 a APAN –

[27] Idem. P-131

[28] CITTADINO, Monique. *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986).* In: Estrutura de poder na Paraíba. Vol 4. João Pessoa. EDUFPB, 1999. P-127

[29] NUNES, Paulo Giovani Antonino. *O Partido dos Trabalhadores e a Política na Paraíba: Construção e Trajetória do Partido no Estado (1980-2000)*. Recife, 2003. Tese apresentada no programa de Pós-

Associação Paraibana amigos da natureza. Diferentemente das associações comunitárias, os participantes do movimento ambientalista Paraibano serão geralmente da classe média: professores universitários, artistas plásticos, músicos, estudantes; que farão da causa ambiental no Estado um assunto essencial. Neste mesmo período surgiram na Paraíba o movimento sindical de oposição, a Associação Docente, o movimento feminista e em nível nacional e estadual o Partido dos Trabalhadores (PT).

Análise dos documentos jornalísticos de 1980 sobre a construção dos Espigões na Orla Marítima de João Pessoa.

A área delimitada para o presente estudo compreende a faixa litorânea do município de João Pessoa, que vai do bairro do Cabo Branco até o bairro do Bessa, bem como a porção sul do município de Cabedelo, mais precisamente o bairro de Intermares. Neste caso a área litorânea corresponde aos seguintes bairros: Cabo Branco, Tambaú, Manaíra, Jardim Oceania, Aeroclube, Bessa e Intermares. Como aponta Vasconselhos Filho:

> Conjuntamente, a área escolhida e delimitada para o desenvolvimento desse estudo, reúne, por assim dizer, o lugar de mais intensa ocupação urbana, não apenas do município de João Pessoa, mas de todo estado da Paraíba. Daí ser, também, a que mais tem sofrido intervenções na paisagem, demonstrando sua força para atrair investimentos por parte da indústria construção civil/mercado imobiliário, bem como pela atividade turística. O foco principal desses investimentos ocorre principalmente de Tambaú a Intermares.[30]

O projeto de urbanização do litoral vai se dar a partir do incentivo do Banco Nacional de Habitação (BNH), no governo Castelo Branco em 1964, onde incentivava a construção de habitações na zona periférica da cidade. Sendo assim, gradativamente a classe de baixa renda se deslocou, no caso de João Pessoa, para as áreas do Sul e do Sudeste. Como aponta morais:

---

graduação em história da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, para a obtenção do titulo de doutor em história do Brasil. P-44.

[30] VASCONSELHOS FILHO, João Manoel de. *A produção e reprodução do Espaço urbano no Litoral Norte de João Pessoa*. Recife, 2003. Dissertação apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Ciências Geográficas, Setor de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do titulo de Mestre em Geografia. P-69.

> A implantação da Política Habitacional do BNH que tinha como objetivo solucionar o problema de moradia da classe baixa acabou de certa forma incentivando a indústria da construção civil, que proporcionou uma mudança na estrutura urbanística da cidade de João Pessoa[31].

Posteriormente, outros fatores irão contribuir para o projeto de urbanização da área litorânea: crescimento de habitações da área de veraneio que se tornaram fixas, aumento populacional, investimento no turismo com a construção do hotel Tambaú no governo de João Agripino (1966-1971) inaugurado no governo Ernani Sátiro (1971-1975),no investimento federal que deu infraestrutura aos bairros litorâneos e na construção da via litorânea.[32] No então governo de João Agripino, é promulgada uma emenda institucional em que "*as praias paraibanas foram reconhecidas como um bem de usufruto do povo. Com esse ato se vedou a construção de prédios com mais de dois pavimentos na orla marítima*"[33]. Demonstrando dessa forma, a preocupação com a verticalização que se encaminhava junto com o processo de urbanização da faixa litorânea.

A via litorânea neste caso vai ser uma extensão para as construtoras e imobiliárias, sendo de suma importância o projeto dos Espigões na busca de lucratividade. Deste modo, com as discussões ambientais do período em questão, teve-se o confronto de ideias, interesses e preocupações neste processo de urbanização e verticalização do litoral de João Pessoa. Neste caso, nossa intenção a partir de agora é mostrar por meio dos jornais da época como se desenvolveram os argumentos dos ecologistas, parlamentares e do capital privado em torno da construção ou não dos Espigões na Orla, atentando, na medida do possível, sobre a intencionalidade das matérias jornalísticas.

---

[31] MORAIS, Lenygia Maria Formiga Alves. *Expansão urbana e qualidade ambiental no litoral de João Pessoa – PB.* João Pessoa, 2009. Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG – UFPB). P-68

[32] Idem. P. 68-69

[33] FARIAS, Talden. *A defesa do meio ambiente e a emenda modificadora do Art. 229 da constituição do Estado da Paraíba*. Agosto de 2006, nº 96. Artigo publicado em: http://www.datavenia.net/artigos/adefesadomeioambienteeaemendamodificadoradoart229.html. Acessado em: 22 de outubro de 2013 às 15:00

"*Contra os espigões Ecologistas reiniciam manifestações amanhã*", a matéria do jornal Correio de 15 de fevereiro de 1981, mostra a tentativa do movimento ambientalista paraibano, juntamente com artistas e intelectuais de não permitir a modificação da legislação (Emenda do governo João Agripino de 1969). Esta pressão, certamente, fez com que o então Governador Tarcísio Burity ampliasse o controle estadual da orla marítima a partir do decreto nº 9.485 assinado em 10 de maio, que estabelecia:

> Artigo 1º – Os projetos de urbanização, loteamentos, construções ou outras modificações, que venham a ser executadas na orla marítima, em áreas compreendida entre 300 e 500 metros, ficarão, sob a jurisdição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba – IPHAEP. Artigo 2º – O conselho consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, disporá sobre a classificação das áreas consideradas de importância para efeito do que dispõe este decreto.[34]

O IPHAEP vai estar ao lado da APAN na luta contra os Espigões, e por isso prevendo a revogação do decreto de Tarcísio Burity o movimento ecológico pediu aos deputados do PDS e do PMDB que através de lei complementar ou lei ordinária, sejam regulamentados os dispositivos constitucionais que preservam a orla tal como querem o IPHAEP e o conselho Estadual de Cultura[35]. Pareciam prever o pior, já que em 1983, o governador Wilson Braga revogou o decreto nº 9.485 do ano anterior, retornando para a Prefeitura de João Pessoa o controle das construções a orla marítima municipal, restando ao IPHAEP apenas o poder de controle que fora dado ao governo estadual pela Emenda Constitucional nº 01 de 1969. A decisão foi apoiada pelo então prefeito de João Pessoa Oswaldo Trigueiro do Valle (PDS), este que tentou conciliar o interesse dos empresários e dos ecologistas, presidindo dessa maneira, uma comissão sobre o assunto[36]. Entretanto, vale salientar que Valle foi nomeado prefeito de João Pessoa, pelo então governador Wilson Braga ambos do PDS.

A partir da revogação do decreto, o movimento passa a lutar contra a revogação do artigo 164 da constituição estadual e contra a revogação do artigo 175 da Lei orgânica

---

[34] MORAIS, Lenygia Maria Formiga Alves. *Expansão urbana e qualidade ambiental no litoral de João Pessoa – PB.* João Pessoa, 2009. Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG – UFPB). P-70

[35] Deputados podem se unir - O Norte, 14 de dezembro de 1982.

[36] Prefeito é favorável aos "espigões" na Praia - O Norte, 18 de outubro de 1984.

de municípios que não permite a construção dos espigões. Sobre a Lei orgânica de municípios, temos:

> Artigo 175 - A zona costeira no território do Município de João Pessoa, é patrimônio ambiental, cultural, paisagístico, histórico e ecológico, na faixa de quinhentos metros de largura, a partir de preamar, da Sizígia , para interior do continente, cabendo ao Município sua defesa e preservação.
> § 1º - O Plano Diretor do Município de João Pessoa disciplinará as construções na zona costeira, obedecendo, entre outros, os seguintes requisitos:
> a) nas áreas a serem loteadas e urbanizadas, a primeira quadra da praia distará cento e cinqüenta metros da maré de Sizígia, para o interior do continente, observando o disposto neste artigo;
> b) nas áreas já urbanizadas ou loteadas, a construção de edificações, obedecerá um estacionamento vertical que terá como altura máxima inicial o gabarito de doze metros e noventa centímetros, compreendendo pilotis e três andares, podendo atingir no máximo trinta e cinco metros de altura na faixa de quinhentos metros mencionada no caput deste artigo;.[37]

Sobre o Artigo 164 da constituição, ou seja, da Emenda Constitucional promulgada pelo governador João Agripino, temos: "*é vedada a concessão da licença para construção de prédio com mais de dois pavimentos, na avenida da orla marítima desde a praia da Penha até a Praia Formosa*".[38].

Salientamos que o movimento contra os espigões era composto pela Associação Paraibana Amigos da Natureza, Associação de Arquitetos, Associação de Artistas Plásticos, Associação dos Docentes da UFPB, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, Associação Paraibana de Imprensa, Partido dos Trabalhadores, Departamento de Artes e Comunicação da UFPB, Associação dos Psicólogos, Associação de Arte-Educadores, Instituto dos Arquitetos, Conselho Regional de Engenharia e Agronomia[39]. Desta forma, os argumentos para não construção dos Espigões estavam coerentes no que se refere a lei Orgânica de munícipios. Como mostra a matéria de 30 de novembro de 1985 do jornal *O Norte*, entre os argumentos

[37] https://www.leismunicipais.com.br/lei-organica/joaopessoa-pb/2669). Acessado em 23 de outubro de 2013 às 17:00

[38] MOREIRA, Raphaela Cristhina Claudino. *A questão do Gabarito na Orla Marítima de João Pessoa (bairros de Manaíra, Tambaú e do cabo branco).* João Pessoa, 2006. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal da Paraíba para obter o grau de Mestre. P-60

[39] Movimento quer impedir a revogação do decreto - O Norte, 30 de novembro de 1985.

para não construção dos espigões está, de acordo com o presidente da APAN na época, o biólogo Creginaldo Silva:

> A construção dos hotéis e edifícios causaria uma grande poluição nas praias, prejudicando também o clima pois os edifícios formariam uma barreira e impediriam a circulação da corrente marinha e continental (que tem a função de equilibrar o clima) para o centro da cidade, que teria uma temperatura altíssima[40].

Em contrapartida os que defendem a construção dos espigões, estão o governador do Estado, o prefeito eleito em 1986 Carneiro Arnauld, o vereador Abelardo Jurema Filho, além de entidades ligadas aos ramos imobiliários. Em 1986, três anos após a revogação do decreto, o já citado vereador Abelardo Jurema Filho considera a atitude do governador, um marco inicial para que a cidade reencontre com a sua verdadeira vocação turística, única saída viável para as capitais nordestinas. O mesmo vereador prossegue na argumentação, mostrando que a atitude do governador é compatível com o progresso e o desenvolvimento. Neste mesmo sentido, o proprietário da imobiliária Bonfim, Hermogenes Bonfim, comemora a nova situação e completa "*foi uma atitude heroica do governador. A atitude de um paraibano que quer ver a sua terra crescer*". A medida ainda foi comemorada pela Federação do Comércio do Estado da Paraíba, a Associação Comercial e o Clube dos Diretores Lojistas de João Pessoa. Soma-se aos argumentos do desenvolvimento do turismo, que traria progresso para a Paraíba, a lógica que a não construção dos Espigões causaria um desemprego considerável para aqueles que vivem da construção Civil. Genival Dantas, secretário do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria conta que:

> Uma média de 30 a 40 pessoas desempregadas aparecem todos os dias na porta do Sindicato à procura de emprego. São os desempregados da Construção civil, dispensados pelas empreiteiras que não tem ordem de serviço para tocar suas máquinas e homens.[41]

Como é perceptível os jornais *O Norte* e *Correio,* noticiam, de maneira geral, favoráveis a causa ecológica enquanto as matérias do Jornal *A União*, favoráveis a causa dos Espigões e consequentemente das empreiteiras e do governador Wilson Braga. Isso se deve ao fato de que nas eleições de 1982, o aparelho do Estado foi

[40] Idem.
[41] Construção dos espigões é a única saída econômica - A União, 24 de janeiro de 1986.

utilizado para captar votos e apoiar o candidato Wilson Braga[42]. Deste modo, o jornal *A União* vai ser favorável à construção dos Espigões, já que o jornal é estatal e os funcionários foram empregados pelo candidato do PDS. A partir de então os ecologistas passam a recorrer da decisão ao presidente José Sarney, mandando um telex pedindo para que Sarney interceda na decisão[43]. Além disso, organizam manifestações e shows em defesa da Orla Marítima, como exemplo o show da banda Blitz. Gilberto Gil, também apoiou a causa, como mostra a matéria do O Norte em 25 de janeiro de 1986:

> Na semana passada, durante sua apresentação no Astréa, o compositor Gilberto Gil chegou a interromper o show para fazer um pronunciamento de cinco minutos contra "a invasão dos Espigões" em Tambaú e outras praias paraibanas, dizendo que essa seria a melhor maneira de desenvolver o turismo local.[44]

Neste período, ou seja, no ano de 1986 o PMDB finalmente conseguiu chegar ao governo na Paraíba, com a vitória de Tarcísio Burity, derrotando assim o esquema Braguista. Posteriormente, ainda em seu mandato iniciam-se os projetos para elaborar uma nova Constituição Estadual. Dessa forma, representantes de vários órgãos públicos e entidades ligadas à defesa do meio ambiente passam a se reunir com deputados da Assembleia Constituinte Estadual, com a finalidade de dar prosseguimento aos debates acerca da liberação ou não da orla marítima da Paraíba para construção dos espigões. Como mostra a matéria do Jornal *A União* de 21 de junho de 1989, "*as discussões mais uma vez foram centradas no artigo 164 da atual Constituição do Estado, que trata da proibição de edifícios*" [45]. Nesse sentido, diversos embates teóricos e disputas de interesses se travaram entre os representantes do Sindicato da Construção Civil e as entidades da Associação Paraibana Amigos da Natureza (APAN) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Na já citada edição do jornal, observamos que dois projetos tramitaram nas Comissões Temáticas da Assembleia Estadual, sendo:

---

[42] CITTADINO, Monique. *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986).* In: Estrutura de poder na Paraíba. Vol 4. João Pessoa. EDUFPB, 1999. P-128

[43] Entidades denunciam o ato de Braga a Sarney – Correio, 25 de janeiro de 1986.

[44] CITTADINO, Monique. *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986).* In: Estrutura de poder na Paraíba. Vol 4. João Pessoa. EDUFPB, 1999. P-130.

[45] Debate sobre os "espigões" esquenta a Constituinte - A União, 21 de junho de 1989.

> O primeiro de autoria do deputado Waldir Bezerra (PMDB), proíbe a construção dos "espigões" na orla marítima do Estado. O Segundo, elaborado pelo Deputado Afrânio Bezerra (PL), defende o contrário, ou seja, que a orla seja liberada para a construção de grandes edifícios. Ocorre que, de acordo com informações passadas pelo ex-presidente da Sudema, Edmilson Fonseca, os projetos apresentados pelos parlamentares paraibanos, acerca da questão, foram elaborados a partir de um documento redigido por varias entidades ecologistas e órgãos públicos e enviados aos constituintes, como sugestões à Nova Carta Estadual[46].

Em 29 de Setembro de 1989, por 27 votos contra 6 a constituinte decide proibir a construção dos espigões em toda a orla marítima do Estado. Segundo, matéria do jornal O momento, o resultado da votação chegou a surpreender, com vários deputados mudando suas posições de ultima hora, devido a forte pressão que o movimento ecológico exerceu nas Galerias do Plenário da Assembleia[47]. Dessa forma, a constituição Estadual de 1989 decretou em seu artigo 229, o seguinte:

> Art. 229. A zona costeira, no território do Estado da Paraíba, é patrimônio ambiental, cultural, paisagístico, histórico e ecológico, na faixa de quinhentos metros de largura, a partir da preamar de sizígia para o interior do continente, cabendo ao órgão estadual de proteção ao meio ambiente sua defesa e preservação, na forma da lei.
> § 1º O plano diretor dos Municípios da faixa costeira disciplinará as construções, obedecidos, entre outros, os seguintes requisitos:
> a) nas áreas já urbanizadas ou loteadas, obedecer-se-á a um escalonamento de gabaritos a partir de doze metros e noventa centímetros, compreendendo pilotis e três andares, podendo atingir trinta e cinco metros de altura, no limite da faixa mencionada neste artigo;
> b) nas áreas a serem urbanizadas, a primeira quadra da praia deve distar cento e cinquenta metros da maré de sizígia para o continente, observado o disposto neste artigo;
> c) constitui crime de responsabilidade a concessão de licença para a construção ou reforma de prédios na orla marítima, em desacordo com o
> disposto neste artigo.
>
> § 2º As construções referidas no parágrafo anterior deverão obedecer a critérios que garantam os aspectos de aeração, iluminação e existência de infraestrutura urbana, compatibilizando-os, em cada caso, com os referenciais de adensamento demográfico, taxa de ocupação e índice de aproveitamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[46] Idem.
[47] Constituinte proíbe espigões – O Momento, 30 de setembro de 1989

O trabalho versou sobre a análise dos artigos, matérias e entrevistas publicadas nos jornais *O Norte*, *Correio da Paraíba, O Momento* e *a União* dinamizando sobre as décadas de 1970 e 1980. Dialogando intensamente com reflexões teóricas sobre natureza e sociedade, além do levantamento bibliográfico para o entendimento da temática. Para isso, visitamos a Associação Paraibana de Amigos da Natureza (APAN) na cidade de João Pessoa, Local onde identificamos material sobre a situação da construção ou não dos espigões na orla marítima de João Pessoa.

Após nos debruçarmos sob o material, concluímos que existiu de fato a atuação efetiva do movimento ambientalista contra a construção dos espigões. Entendendo que, no caso especifico do Estado da Paraíba, a entidade lutou por algumas questões, e neste caso, a preservação da orla marítima foi alcançada com êxito. Entretanto, temos que entender a luta do movimento ambientalista em um contexto de redemocratização e de "consciência ambiental" que amadurecia no Brasil. Sem esses dois contextos, seria improvável a atuação da Associação Paraibana Amigos da Natureza – APAN. Além disso, a APAN não agiu sozinha, outras entidades fizeram parte da luta para a preservação da orla marítima.

Portanto, as décadas de 1970 e 1980 foi um período de constantes debates, tendo na polêmica para a construção ou não dos espigões algo de repercussão na mídia. Deste modo, percebemos que principalmente as matérias do Jornal *O Norte* e *O Correio da Paraíba* estavam mais favoráveis à questão da não construção dos espigões, já que a Associação Paraibana de Imprensa participava juntamente com outras associações para não construção dos espigões. Já as matérias do Jornal *A União*, estavam mais suscetíveis à questão econômica, defendendo os interesses do estado, principalmente no governo de Wilson Braga.

Referências Bibliográficas

Campanha contra os espigões – O Norte, 8 de dezembro de 1985.

CITTADINO, Monique. *A Política Paraibana e o Estado Autoritário (1964-1986).* In: Estrutura de poder na Paraíba. Vol 4. João Pessoa. EDUFPB, 1999.

Contra os espigões Ecologistas reiniciam manifestações amanhã – Correio, 15 de fevereiro de 1981.

Constituinte proíbe espigões – O Momento, 30 de setembro de 1989
Construção de espigões é a única saída econômica - A União, 24 de janeiro de 1986.
Debate sobre os "espigões" esquenta a Constituinte - A União, 21 de junho de 1989.
Deputados podem se unir - O Norte, 14 de dezembro de 1982.

DUARTE, Regina. *História e Natureza.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
Entidades denunciam o ato de Braga a Sarney – Correio, 25 de janeiro de 1986.

FARIAS, Talden. *A defesa do meio ambiente e a emenda modificadora do Art. 229 da constituição do Estado da Paraíba*. Agosto de 2006, nº 96. Disponivel em: http://www.datavenia.net/artigos/adefesadomeioambienteeaemendamodificadoradoart229.html.

LUCA, Tania Regina de. "Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSK, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006

MELLO, José Octávio de Arruda. *Da Resistência ao Poder: O (P) MDB na Paraíba (1965-1999)*. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

MORAIS, Lenygia Maria Formiga Alves. *Expansão urbana e qualidade ambiental no litoral de João Pessoa – PB.* João Pessoa, 2009. Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG – UFPB).

MOREIRA, Raphaela Cristhina Claudino. *A questão do Gabarito na Orla Marítima de João Pessoa (bairros de Manaíra, Tambaú e do cabo branco).* João Pessoa, 2006. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal da Paraíba para obter o grau de Mestre.

NUNES, Paulo Giovani Antonino. *O Partido dos Trabalhadores e a Política na Paraíba: Construção e Trajetória do Partido no Estado (1980-2000)*. Recife, 2003. Tese apresentada no programa de Pós-graduação em história da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, para a obtenção do titulo de doutor em história do Brasil.

VASCONSELHOS FILHO, João Manoel de. *A produção e reprodução do Espaço urbano no Litoral Norte de João Pessoa*. Recife, 2003. Dissertação apresentada ao Curso de Pós- Graduação em Ciências Geográficas, Setor de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do titulo de Mestre em Geografia.

O Movimento quer impedir a revogação do decreto - O Norte, 30 de novembro de 1985.
Prefeito é favorável aos "espigões" na Praia - O Norte, 18 de outubro de 1984.

O Estado de Rondônia
a Construção de um Estado Pautada no Desflorestamento

Jucicleide Theodoro da Silva[48]
Drª Eloisa Elena Della Justina[49]
Drº Ene Glória da Silveira[50]

Resumo: o Estado de Rondônia foi forjado sobre políticas públicas que convergiram para o processo de colonização dirigida. Este pautou-se nos programas oficiais de colonização como os Projetos Integrados de Colonização – PICs, os Projetos de Assentamento Dirigidos – PADs. O presente trabalho faz uma análise dos elementos que, a partir destes programas, desencadearam um amplo processo de desflorestamento do Estado, elevando-o, em seu curto período de existência, aos maiores índices de desmatamento no Brasil. O trabalho foi realizado através de revisão bibliográfica e pesquisa documental. Elementos diversos contribuíram para um excesso migratório que não foi absorvido pelos projetos governamentais. A estruturação da malha viária do Estado a partir desta rodovia proporcionou o deslocamento deste contingente não contemplado pelos programas federais, para o interior, o que incorreu em processos de invasão de terras da União, grilagem e posseamento. O desflorestamento do Estado de Rondônia, processo este único no Brasil, tal a rapidez com que se concretizou, foi financiado e incentivando por políticas governamentais. O resultado é um Estado com graves problemas ocasionados pelo desflorestamento desmedido, com forte concentração agrária, com dificuldades de manter suas áreas protegidas de invasões e posseamento e principalmente com um poder público inerte quanto a esta situação. Um Estado que nasceu do desmatamento e caminha a passos largos para a perda irreversível da sua biodiversidade.

Palavras-Chaves: Rondônia; Colonização Dirigida; Ocupação Desordenada; Políticas Públicas; Desflorestamento.

A Construção do Espaço do Atual Estado de Rondônia

O Território Federal do Guaporé foi criado no dia 13 de setembro de 1943, através do Decreto Lei Nº 5.812, formado por terras desmembradas dos Estados do Mato Grosso (86%) e Amazônas (14%), sendo composto por quatro municípios: Porto Velho, a capital, Santo Antônio do Madeira, Lábrea e Guajará-Mirim. Os Decretos de Nº 6.550 de 31 de maio de 1944 e Nº 7.470 de 17 de abril de 1945 reajustaram os limites ao norte, provocando a anexação do município de Lábrea ao Estado do Amazônas. O município de Santo Antônio do Madeira foi incorporado ao município de Porto Velho, ficando o Território Federal do Guaporé com apenas dois municípios: Porto Velho e Guajará-Mirim. (Dantas, 2010; Oliveira, 2003)

[48]Mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Fundação Universidade Federal de Rondônia.
[49] Professora do Departamento de Geografia, do Programa de Pós Graduação em Geografia e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Fundação Universidade Federal de Rondônia.
[50] Professor do Departamento de Química e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Em 17 de fevereiro de 1966, a Lei Nº 2.731 transformou o Território Federal do Guaporé em Território Federal de Rondônia, mantendo sua configuração espacial anterior. No entanto, as políticas públicas para a região, em especial a abertura da BR 29, posteriormente denominada BR 364, juntamente com os Projetos Integrados de Colonização – PIC e os Projetos de Assentamentos Dirigidos – PAD, proporcionaram uma nova significação para a região, com o surgimento de vilas, estradas vicinais e novos municípios. (Dantas 2010; Oliveira, 2001; Oliveira, 2003)

No início da década de 1980 foram tomadas iniciativas para realizar uma mudança na categoria do Território Federal de Rondônia, tamanhos eram os interesses nas mudanças propostas para a região. Assim em 22 de dezembro de 1981 foi criado o Estado de Rondônia, com uma superfície de 238.512,8 km2. (Dantas 2010; Oliveira, 2001; Oliveira, 2003)

No entanto, as atividades econômicas desenvolvidas no espaço que passou a compor o Estado de Rondônia e as migrações provocadas pelas mesmas, desde seus primórdios, os ciclos borracha, a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912), a instalação da linha telegráfica, a descoberta de diamantes na região do Rio Machado (1951), o início da exploração de cassiterita (1955-1956), entre outra, não tiveram grandes impactos sobre a paisagem e não comprometeram a cobertura vegetal do então Território Federal de Rondônia. As atividades econômicas desenvolvidas em cada ciclo migratório não contribuíram significativamente para o desflorestamento da região. Há de se argüir que apenas na segunda metade do século XX, com as políticas nacionais para a região, acima mencionadas, e a nova significação que a mesma adquiriu, é que o espaço rondoniense e amazônico passou de fato a sofrer alterações significativas, tanto na sua configuração espacial, quanto no processo de substituição da floresta. (FEARNSIDE, 2005)

> A floresta amazônica brasileira permaneceu completamente intacta até o início da era "moderna" do desmatamento, com a inauguração da rodovia Transamazônica, em 1970. Os índices de desmatamento na Amazônia vêm aumentando desde 1991 com o processo de desmatamento num ritmo variável, mas rápido. (FEARNSIDE, 2005, p:113)

Com a ideologia desenvolvimentista norteando as políticas públicas, a Amazônia tornou-se um espaço importantíssimo que deveria ser "ocupado e desenvolvido", um espaço de produção, um fornecedor de matéria-prima e um depósito de uma massa empobrecida e ansiosa por uma oportunidade de sobrevivência. O interesse econômico na região despertou

a preocupação oficial com a demarcação e consolidação das fronteiras externas e com o conhecimento geográfico da área. (Mendonça, 1985; Santos, 2003)

Rondônia apresentava-se como uma alternativa tanto viável quanto vantajosa. Ao tempo que se abriria uma nova fronteira agrícola e possibilidades de produção de alimentos e insumos para a indústria, inverter-se-ia também o eixo migratório Nordeste/Sudeste para Centro-Sul/Norte. Ainda, desafogaria as grandes cidades do Centro-Sul, aliviando a pressão demográfica sobre as mesmas e canalizando para o Território Federal de Rondônia esta população empobrecida e ávida por uma oportunidade de trabalho. As massas que compunham as primeiras levas migratórias para a região constituíam-se basicamente da parcela mais pobre da sociedade. Uma população tradicionalmente ligada à agricultura, expulsa do campo onde trabalhava como empregada, meeira, bóia-fria, e que vislumbrou na vinda para Rondônia a única oportunidade de melhorar sua condição social, tornando-se proprietária de terras, uma ideologia arraigada desde os primórdios do país, onde o valor social estava intrinsecamente ligada à posse da terra. A significação da posse da terra e a sua estreita ligação com a posição social da população, no Brasil, remonta ao período colonial. Segundo Tocantins (1982:23) *"Na sociedade colonial brasileira o único meio de qualificação social era posse da terra"*.

Aliada à solução econômica e social encontrada pelo governo, encontrava-se a ideologia "integrar para não entregar", a ocupação dos "espaços vazios" do país. Foram nestas bases que aconteceram a ocupação e a reconfiguração do espaço geográfico que atualmente faz parte do Estado de Rondônia. (Becker, 1982; Santos, 2003)
Programas oficiais foram instituídos, propagandas veiculadas e a infraestrutura básica de transporte (abertura da BR-364) implementada. Estava aberto o caminho para a migração em massa e a ocupação descontrolada do Estado. Sem um planejamento efetivo que atendesse o quantitativo de famílias que chegavam por dia à Rondônia, as áreas não utilizadas para os assentamentos, as chamadas "terras devolutas", foram ocupadas de forma desordenada. (Becker, 1982)

Dentro desta perspectiva política, vários projetos de colonização foram implantados no Território Federal de Rondônia. Trata-se do maior programa de migração dirigida que a região já presenciou. Os sistemas de produção existentes na região (o extrativismo da borracha, castanha e outros produtos regionais) foram modificados. A concepção de produção dos migrantes assentados baseava-se no desmate e na queima para implantação da

agricultura e agropecuária, porém o ecossistema amazônico não correspondia ao trabalho nele realizado. (Santos, 1998)

> Novos programas continuam a injetar recursos na região. Mas a tarefa é impossível (...) e parte de um enfoque equivocado. Em primeiro lugar os sistemas ecológicos da região estão entre os mais complexos, os mais frágeis e os menos estudados do mundo. A disponibilidade de informações sobre a ecologia da região é quase inexistente. Os projetos e obras são conduzidos sem a devida avaliação de seu impacto ambiental. (...) Em segundo lugar o estoque de tecnologias disponíveis é muito pequeno: permitiu a consolidação de todo um conjunto de técnicas equivocadas. A própria origem dos lavradores, de outras regiões ecológicas do país, dificulta essa elaboração empírica de sistemas de cultivo e produção adaptados à região e agrava, por vezes, o impacto ecológico dessa agricultura. Enfim, a pouca disponibilidade de recursos financeiros, humanos e materiais leva os agricultores em Rondônia a trabalharem com uma estratégia de minimização total dos investimentos e maximização do produto numa ótica de curto prazo. Assim esse modelo de desenvolvimento rural não se coloca como exigência à preservação do potencial produtivo das terras, dos equipamentos e, tragicamente, do próprio agricultor. (Miranda, 1992:225-6)

Nos anos 80, após a instalação do Estado de Rondônia, a região reviveu outro momento de crescimento econômico. A exploração de ouro, e de cassiterita um pouco anteriormente, provocou outra corrida em direção ao Estado, impulsionada pelo extrativismo mineral. Esta atividade econômica contribuiu significativamente para o desflorestamento de importantes áreas do Estado, sendo que muitos dos locais de produção encontram-se dentro de áreas de proteção ambiental. (Azevedo e Delgado, 2002)

O Polonoroeste como Propulsor do Processo de Desmatamento no Estado de Rondônia

O modelo tradicional da ocupação da Amazônia fez elevar o desmatamento na região, sendo este um fenômeno de natureza bastante complexa, que não pode ser atribuída a um único fator (Alencar et al., 2004). Após a ineficiência dos projetos oficiais de colonização do Território Federal, Rondônia, agora Estado, necessitava de recursos a fim de financiar programas de apoio à agricultura, à economia, à saúde e outras áreas. Estes recursos foram conseguidos através de financiamentos junto ao Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD, para subsidiar projetos de desenvolvimento da região.

Com o intuito de incentivar o crescimento econômico da região, conceberam-se planos que concretizasse este objetivo. O principal deles foi o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil – POLONOROESTE, efetivado no Estado com recursos do BIRD e da

União Européia. Estes recursos foram conseguidos através de financiamentos para subsidiar projetos de produção agrícola, com apoio técnico à agricultura familiar e também ações que envolvessem a educação, a saúde e outras necessidades das comunidades rurais. No entanto, a grande deficiência do programa residia no fato de não contemplar ações ambientais e técnicas condizentes com a realidade do ecossistema local. (Miranda, 1992; Santos, 1998)

O ritmo acelerado com que a economia e a população do Estado cresciam, era visível também na substituição da floresta por pastagem e/ou atividades agrícolas. Para Nunes (1997), o crescimento populacional sofreu uma desaceleração a partir de 1985. No entanto, Fearnside (1991) afirma que este decréscimo não foi acompanhado pelo ritmo de desflorestamento do território:

> O desmatamento tem crescido em ritmos ainda mais vertiginosos que a população. Em outras palavras: aumenta não só a população de Rondônia, mas o índice de desmatamento por habitante – os que ali vivem passaram, em média, a desmatar mais. (Fearnside, 1991:117)

A necessidade de "desenvolver" a região Amazônica contrastava com as discussões relacionas à criação de parâmetros equitativos para uso dos recursos naturais. O Relatório Brundtland, documento emblemático das políticas sustentáveis, recomendava aos governos a implementação do chamado "desenvolvimento sustentável". O Estado de Rondônia, por estar localizado dentro da Amazônia, encontrava-se estreitamente ligado à estas discussões, porém a realidade rondoniense constituía-se um paradoxo que apontava para a continuação do processo de desflorestamento do Estado (SEDAM, 1996; Ferreira, et. al. 2005).

Segundo Nunes (1997), esta situação do desflorestamento do Estado, não se encontrava mais atrelada aos processos migratórios, mas sim à concentração fundiária que já se apresentava como problemática de ordenamento territorial.

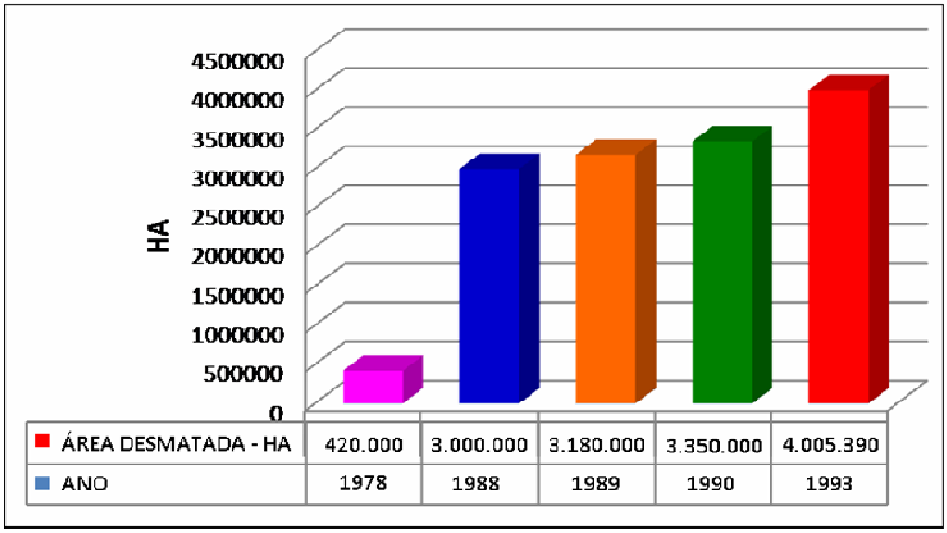
> De qualquer forma, há de se considerar que as taxas de desmatamento, estando superiores ao crescimento populacional, apontam para a idéia de que o desmatamento, após o pico dos processos de colonização, está intimamente ligado ao processo de latifundização. (...) Estes fatos indicam algumas das causas mais conhecidas do desmatamento que estão relacionadas à ocupação desordenada e o aumento dos latifúndios, conseqüência da rotatividade da posse da terra somada à pecuarização que promove a substituição da cobertura florestal original por pasto. Nunes (1997: 02-03)

Foi neste contexto que aconteceu o aporte dos recursos para o POLONOROESTE, programa que contribuiu imensamente para o desmate do espaço geográfico rondoniense. Através de

uma proposta mal desenvolvida e práticas equivocadas, o POLONOROESTE acabou por propiciar o aumento do desmatamento no Estado. Tanto que o programa, mesmo após encerrado, causou imensos constrangimentos ao seu financiador, o BIRD, quando da publicação de estudos sobre os índices de desmatamento que o mesmo proporcionou. (Santos, 1998; Miranda, 1992; Leonel, 1992)

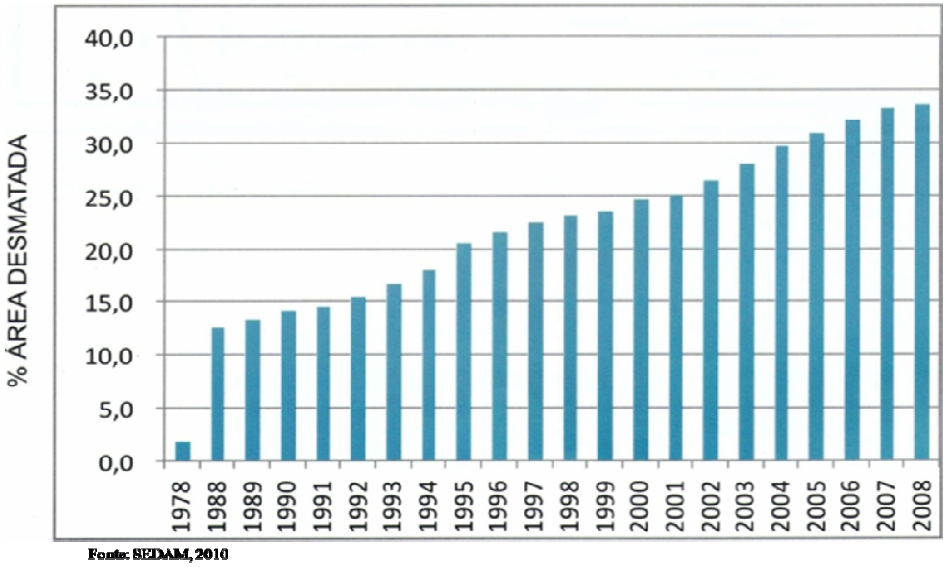
Os gráficos abaixo demonstram a situação do desmatamento no Estado no período imediatamente anterior à implementação do POLONOROESTE (1978-1981) e o acúmulo dos índices de desmatamento nos anos posteriores, durante a execução do POLONOROESTE e do PLANAFLORO.

Figura 1 - Desmatamento em Rondônia – 1978 a 1993



Fonte: INPE (1992); RONDÔNIA (1996) - Org: Theodoro, J.

Figura 2 - Acumulo do Desmatamento em Rondônia – 1978 a 2008



Fonte: SEDAM, 2010

Diante da pressão internacional, o BIRD precisava rever suas políticas de financiamentos de projetos na Amazônia. As questões mais relevantes da conservação e uso dos recursos naturais da Amazônia diziam respeito à perda de biodiversidade em funções do avanço do desmatamento, ligado às políticas de desenvolvimento na região, tais como especulação de terra ao longo das estradas, crescimento das cidades, aumento drástico da pecuária bovina, exploração madeireira e agricultura familiar (mais recentemente a agricultura mecanizada), principalmente ligada ao cultivo da soja e algodão. (Fearnside, 2003, Alencar et al., 2004 e Laurance et al., 2004)

Na história mais recente da região, este crescimento das atividades econômicas em larga escala sobre os recursos da Amazônia legal brasileira, tem propiciado o aumentado da taxa de desmatamento que, no período de 2002 e 2003, foi de 23.750 km2, a segunda maior taxa já registrada nessa região, superada somente pela marca histórica de 29.059 km2 desmatados em 1995. (INPE, 2004)

A situação é tão crítica que o governo brasileiro criou um Grupo Interministerial a fim de combater o desmatamento e apontar alternativas para minimizar seus efeitos na Amazônia Legal. (MMA, 2004)

O Planafloro e o Histórico da Criação de Unidades de Conservação no Estado de Rondônia

Posteriormente, quando da implementação do PLANAFLORO, uma nova discussão se apresentava no sentido de que para os novos programas oficiais, concebidos para a Região, no seu planejamento deveriam prezar pela "sustentabilidade" do ambiente. As ações precisavam ser bem estruturadas de forma a não incorrer nos mesmo erros que ficaram evidenciados no POLONOROESTE. Assim, o PLANAFLORO nasceu dentro desta nova demanda e uma série de exigências compunha o pacote de condições para que os recursos destinados ao mesmo fossem liberados. Entre estas exigências, estava a criação de quantidade de UC em Rondônia, de forma a garantir a integridade de uma área considerável do Estado. Estas condições foram cumpridas quando aconteceu a elaboração do Zoneamento Socioeconômico e Ecológico do Estado de Rondônia – ZSEE/RO e diversas UC foram criadas no ano de 1990. (Santos, 1998; Ott, 2002)

> No período de 1989 a 1991, o governador do Estado de Rondônia assinou decretos criando uma série de unidades estaduais de conservação, em grande medida como resposta a pressões do Banco Mundial. (Smeraldi, 1995 apud Nunes, 1997:10)

Através da normatização do Sistema de Unidades de Conservação, o SNUC (2002), a legislação brasileira estabelece proteção legal contra invasão e corte de árvores em Unidades de Conservação, em especial nas que se enquadram na categoria de Uso Indireto. Leis e decretos nos âmbitos estaduais e municipais também ajudam a estabelecer os limites de utilização dos recursos florestais dentro de UC gerenciadas pelo poder público de cada esfera. No entanto, o aparato legal não conseguiu efetivamente evitar ou mesmo controlar a invasão, exploração e desmate dentro dos limites legais de UC, no estado de Rondônia. (FUNATURA, 1989; Pedlowski, et. al., 1999; MMA, 2000)

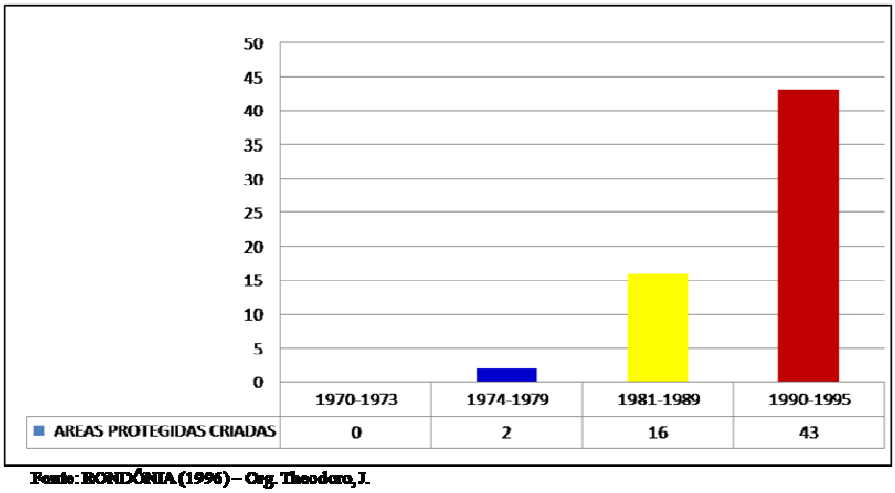
Ainda mais grave é a espoliação das áreas das UC, dentro das esferas legais (Millikan, 1995). Nunes (1997) chama a atenção para o fato de as UC em Rondônia sofreram alteração no tamanho da sua área no período entre a criação e a homologação efetiva das reservas. Fearnside já alertava para esta questão na década de 1980, quando falou sobre a diferença do tamanho da área da Reserva Biológica do Guaporé, que pelos mapas publicados pelo Banco Mundial constituía-se de 1,4 milhões de hectares, mas após mudanças nos seus limites, passou a ter apenas 600 mil hectares quando foi oficialmente criada:

> Enquanto avança a ocupação mal ordenada, diminuem os limites das reservas. É ilustrativo o caso da Reserva Biológica do Guaporé, ao sul de Rondônia. A área de 1,4 milhões de hectares, originalmente proposta, segundo mapas publicados pelo Banco Mundial, foi sucessivamente diminuída. Primeiro transferiram seu limite sul mais para o norte, a fim de não tocar as já ocupadas terras ao longo do Rio Guaporé; Depois encolheram seus limites a leste e oeste para evitar conflitos de terras. Assim, restaram apenas 600 mil hectares quando foi oficialmente criada. (...) E hoje sabe-se que a área da reserva é menor ainda do que a indicada no mapa do Governo do Estado de Rondônia. (Fearnside, 1985:90)

A criação de grande número de UC em Rondônia, como salientado anteriormente, aconteceu como exigência do Banco Mundial para liberação do financiamento para o PLANAFLORO. Apesar deste número (ao todo 43, entre 1990 e 1995) e a teórica imensa quantidade de áreas protegidas, a realidade foi bem outra (Fearnside, P. 1985). As figuras abaixo mostram um pouco desta situação.

O gráfico 03 demonstra o quantitativo de UC criadas entre os anos de 1990 e 1995, período da implementação do PLANAFLORO, em contraste com os anos anteriores.

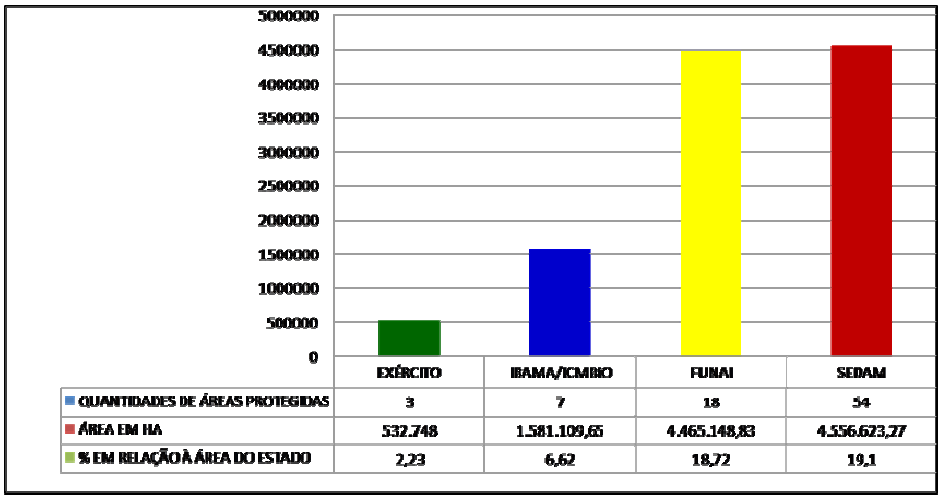
Figura 3 - Criação de Áreas Protegidas no Estado de Rondônia



Fonte: RONDÔNIA (1996) – Org. Theodoro, J.

O gráfico 04 mostra que a maioria das áreas protegidas do Estado estava, e ainda está, sob o gerenciamento do poder público estadual.

Figura 4 - Áreas de Proteção e Instituições Responsáveis



Fonte: RONDÔNIA (1996) – Org. Theodoro, J.
Área do Estado de Rondônia: 238.512,80 km²/23.851.280 ha

A maioria destas reservas foram criadas pelo Governo do Estado, no período entre 1990 e 1995, existiam para o Planafloro e para o Banco Mundial, mas não atendiam às questões legais. Segundo Nunes (1997), das 43 áreas criadas no Estado, neste período, 21 não possuíam Decreto e nem diploma legal definitivo e isto impedia a implementação do Plano de Manejo de tais áreas e a prática de monitoramento ambiental das mesmas.

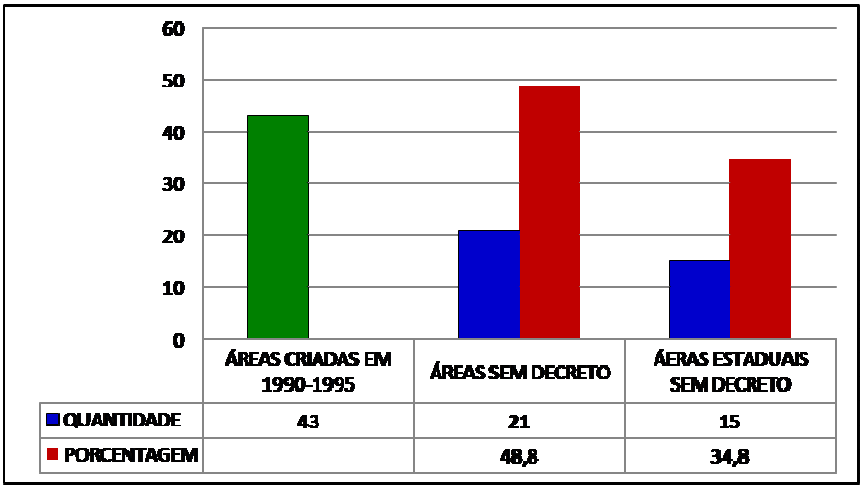
As Figuras 04 e 05 apresentam estas 15 áreas, sob o gerenciamento do poder estadual, que ainda não estavam regulamentadas, no ano de 1996, com a área abrangida e o percentual, em relação às terras protegidas criadas no período de 1990 a 1995.

Figura 5 - Áreas Protegidas sem Decreto em RO

GERENCIAMENTO	CATEGORIA DE MANEJO	DENOMINAÇÃO	ÁREA (há)
SEDAM	FERS	Rio Guaporé	278.37 5,0000
		Rio Madeira "B"	82.437,5000
		Mutum	11.471,0435
		Gavião	440,3945
		Periquitos	162,5504
		Araras	264,7733
		Tucano	659,5607
	RESEX	Jaci- Paraná	205.000,0000
		São Francisco	72.697,16
		Baixo Rio São Miguel	5.840,0000
		Rio São Domingos	10.228,0000
		Rio São Pedro	59.792,0000
		Rio Guaporé	32.417,7182
		Rio Machado	394.481,0000
		Cuniã	91.777,0000

Fonte: ITERON (1996) – Org: Theodoro, J.

Figura 6 - Áreas Protegidas Sem Decreto, no Estado de Rondônia



Fonte: ITERON (1996) – Org: Theodoro, J.

O processo de criação de terras protegidas à toque de caixa, acarretou diversos problemas. O principal deles foi a falta de capacidade do Estado para gerenciamento de tantas UC. Sem infraestrutura própria, o poder Público do Estado dependia do Planafloro para tal e não tinha perspectiva de assumir a contendo esta tarefa sozinho. Ainda, os interesses políticos e econômicos nestas áreas determinaram a permissividade em relação à invasão, posse e uso das mesmas. (Pedlowski, Dale & Matricardi, 1999)

Sem fiscalização e com a conivência do poder público, grandes áreas foram subtraídas das medidas originalmente propostas para as UC criadas. Muito da ocupação das áreas das UC em Rondônia, aconteceram após a sua criação, porém o Governo não procedeu a retiradas dos invasores e a restituição da área integral das mesmas. Desta forma agravou o problema. A omissão do poder público foi interpretada como um incentivo para mais invasões e desmatamento em áreas que deveriam estar sob proteção do Estado. Em relação à ocupação

de UC após a sua criação, Esmeraldi *apud* Nunes (1997) fala sobre a situação do Parque Estadual de Corumbiara:

> A demarcação contratada pelo ITERON exclui 159.215 hectares, atendendo os interesses de grandes pecuaristas e especuladores fundiários. A área excluída na demarcação corresponde a vários títulos expedidos irregularmente pelo INCRA através de CPCVs, durante os anos de 1991-1992, ou seja, após a criação do Parque Estadual, bem como áreas de simples grilagem de terra. (Nunes, 1997:6)

Esta situação agravou-se com o passar dos anos e culminou com a extinção de seis Unidades de Conservação no Estado de Rondônia, no ano de 2010, UC estas criadas em 1990, quando se deu o aporte de recursos para implementação do Planafloro e que, à margem do poder público, nunca existiram de fato, apenas de direito, a saber, a Floresta Estadual Extrativista de Laranjeiras, a Floresta Estadual de Rendimento Sustentado do Rio Roosevelt, a Floresta Estadual de Rendimento Sustentado do Rio Mequéns, a Floresta Estadual de Rendimento Sustentado do Rio São Domingos, o Parque Estadual de Candeias e o Parque Estadual Serra dos Parecis. Esta situação de UC pró-forma fica evidenciada já nos primeiros anos de vida destas áreas, ainda durante o desenvolvimento do Planafloro e a elaboração do ZSEE/RO.

Estas seis áreas em questão constam no mapeamento do ZSEE/RO em sua primeira aproximação, onde a metodologia utilizada abrange apenas trabalhos realizados em escritórios/laboratórios. No entanto, no ZSEE/RO em sua segunda aproximação, estas áreas não constam na lista de UC do Estado e nem no mapeamento realizado. Como não entraram nos trabalhos do ZSEE/RO, não foi realizado nenhum levantamento biológico e/ou geográfico de caracterização destas UC e nem Plano de Manejo, como foi feito em outras UC. Para os órgãos ambientais, estas áreas nunca existiram de fato, apenas de direito, assim os levantamentos que se tem são das zonas em que as mesmas estão inseridas, como um todo (SEDAM, 2010).

Referências

Arnt, R. A., Schwartzman, S. 1992. Um Artifício Orgânico. Transição na Amazônia e Ambientalismo (1985-1990). Rio de Janeiro: Rocco. 366 pp.

Azevedo, A. M. Delgado, C.C. 2002. Mineração, Meio Ambiente e Mobilidade Populacional: um Levantamento nos Estados do Centro-Oeste Expandido. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Unicamp, 23 pp. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MA_PO30_Azevedo_texto.pdf

Becker, B. K. 1982. Geopolítica da Amazônia – A Nova Fronteira de Recursos. Rio de Janeiro: Zahar. 233 pp.

Becker, B. K. 2007. Amazônia – Geopolítica na Virada do III Milênio. Rio de Janeiro: Garamound. 172 pp.

Dantas, J. A. 2010. A Nossa Geografia – Rondônia. Porto Velho: Sawa Editora. 103 pp.

Fearnside, P. 1985. Rondônia: a Farsa das Reservas. In: Ciências Hoje (SBPC), 3(17): 90-92.

Fearnside, P. 1991. Rondônia: Estradas que Levam à Devastação. In: Revista Ciência Hoje (SBPC), vol. Especial: Amazônia: 116-122.

Fearnside, P. 1995. Quem Desmata a Amazônia, os Pobres ou os Ricos? In: Revista Ciência Hoje (SBPC). 19 (113): 26-33.

Fearnside, P. 2005. Desmatamento na Amazônia Brasileira: História, índices e Consequências. In: Megadiversidade, vol. 1, Nº 1. 113-123.

Ferreira, L. V.; Ventincinque, E.; Almeida, S. 2005. O Desmatamento na Amazônia e a Importância das Áreas Protegidas. In: Estudos Avançados: 19 (53): 157-166.

INPE. 1992. Deforestation in Brazilian Amazônia. São Paulo, 2a edição, INPE, 1992.

ITERON – (Instituto de Terras e Colonização de Rondônia). 1996. Rondônia: Desenvolver e Preservar. Tenani S. A. (Org.). ITERON/PNUD/INCRA/SEPLANAFLORO. Porto Velho. 20 pp.

Leonel, M. 1992. Colonos Contra Amazônidas no Polonoroeste: Uma Advertência às Políticas. in: LÉNA, Philippe & OLIVEIRA, Adélia E. de (Org.) Amazônia: a Fronteira Agrícola 20 Anos Depois. CEJUP. Belém, p. 319-329.

Matricardi, E. A. T. 1996. Uso e Ocupação das Terras Rurais em Rondônia. PNUD/PLANAFLORO. Porto Velho. 122 pp.

Millikan, B. Smeraldi, R. 1995. Pedido de Investigação apresentado ao Painel de Inspeção do Bando Mundial sobre o PLANAFLORO. Forum das ONG's de RO/Friends of The Earth. Porto Velho. 57 pp.

Miranda, E. E. de. 1992. Avaliação do Impacto Ambiental da Colonização em Florestas Amazônicas. in: Léna, Philippe & Oliveira, Adélia E. de (Orgs.) Amazônia: a Fronteira Agrícola 20 Anos Depois. CEJUP. Belém, p. 223-238.

Nunes, D. D. 1997. Desmatamento e Unidade de Conservação em Rondônia. In: Revista de Educação Cultura e Meio Ambiente. Nº 10 (dez), vol. I: 1-12.

Oliveira, O. A. 2001. Geografia de Rondônia – Espaço & Produção. Dinâmica, Porto Velho, 204 pp.

Oliveira, O. A. 2003. História – Desenvolvimento e Colonização de Estado de Rondônia. Dinâmica, Porto Velho, 111 pp.

Ott, A. M. T. 2002. Dos Projetos de Desenvolvimento. Ao Desenvolvimento dos Projetos: O Planafloro em Rondônia. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 285 pp.

Perdigão, F., Basségio, L. 1992. Migrantes Amazônicos. Rondônia: a Trajetória da Ilusão. Edições Loyola. São Paulo, 224 pp.

Pedlowski, M. Dale, V. & Matricardi, E. 1999. A Criação de Áreas Protegidas e os Limites da Conservação Ambiental em Rondônia. Ambiente & sociedade, 5: 93-107.

RONDÔNIA. 1996. Secretaria de Desenvolvimento Ambiental. Desmatamento em Rondônia (1978 a 1993). Porto Velho, SEDAM/SEPLAN/PNUD, p.46.

Santos, C. 1998. A Territorialidade na Colonização Rondoniana. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 153 pp.

Santos, C. 2001. A Fronteira do Guaporé. EDUFRO. Porto Velho, 216 pp.

Santos, C. 2007. Amazônia: Uma Ocupação paradoxal? Um Ponto de Vista a partir de Rondônia in: BRASIL, W. (Org.) Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente em Rondônia. EDUFRO. Porto Velho, p. 165-190.

Veríssimo, A., & Ribeiro, B. 2007. Padrões e Causas do Desmatamento nas Áreas Protegidas de Rondônia. Revista Natureza e Conservação, 05, 15-26.

Pela "*Boa Conservação do Patrimônio Florestal da Nação*"[51]: o Debate Político-Científico em Torno da Criação do Código Florestal Brasileiro (1906-1934)

Tayla Gabrieli Rodrigues Antunes
Mestranda no PPGHIS-UFRJ

Resumo: O trabalho tem como objeto principal de análise o debate político-científico que levou à criação do Código Florestal Brasileiro, editado em 1934, primeiro Decreto Federal (nº 23.793) que instituiu proteção às florestas no Brasil. A investigação focaliza a participação científica de alguns dos principais intelectuais da época que tanto propagaram ideias preservacionistas e conservacionistas da natureza quanto promoveram o amplo debate da questão florestal, sobremaneira ligada à construção da nação brasileira. Para tanto, serão analisados escritos político-científicos de professores, políticos, botânicos, naturalistas, biólogos, fitogeógrafos que se institucionalizaram e ocuparam postos de relevo, chegando a ter forte influência no campo político nacional. Paralelamente, recairá atenção sobre o próprio documento que resulta, em muito, desse movimento, o Código Florestal Brasileiro, buscando perceber em que medida o ideal nacionalista o constituiu, bem como o tipo de proteção florestal que se propôs. A investigação se dedica, portanto, ao período entre 1906, quando a questão ambiental e, mais especificamente, a florestal se amplia com presença direta no campo político nacional da discussão, até o surgimento do Código Florestal Brasileiro no primeiro governo Vargas, em 1934.

Palavras-chave: Código Florestal Brasileiro de 1934; idéias de proteção à natureza; nacionalismo; atuação científica.

O Brasil é o único país do mundo que possui o nome de uma árvore. Apesar do simplismo e da obviedade que essa afirmativa aparenta manifestar, revela algo profundo sobre a formação do país: a intensa relação com as florestas que se estabeleceu desde o início da colonização e que constitui até hoje um traço marcante do Brasil. Ironicamente, o país com nome de árvore pouco deixou restar do Pau-Brasil, cujos espécimes foram aos milhões abatidos e hoje a espécie raramente pode ser encontrada. Ao passo em que a cobertura da Mata Atlântica, ao longo dos séculos, vem sendo quase inteiramente reduzida, o Brasil continua detendo, por enquanto, a maior extensão contínua de florestas nativas tropicais, a Floresta Amazônica. Esse desflorestamento que fez da Mata Atlântica, "um dos biomas mais antropizados desde o início da colonização do território nacional devido à sua proximidade com o litoral" (DEAN, 2007, p. 254-256), e que é perceptível ainda hoje nas parcelas poucas que restaram, se tornou

[51] Expressão de Alberto José de Sampaio, renomado cientista e professor de Botânica do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em: SAMPAIO, Alberto José. *O Problema Florestal no Brasil em 1926*. Archivos do Museu Nacional, vol. XXVIII março de 1926, p. 91.

uma "identidade ambiental" brasileira e "marca registrada" reconhecida internacionalmente (DRUMMOND, 2002, p. 18).

Atualmente discutir o Código Florestal Brasileiro e, sobretudo as tentativas de reformulação em sua legislação no Congresso, está na pauta do dia. E motivos para tanto não faltam. Além de ser a lei mais abrangente que visa proteger as áreas cobertas por florestas ainda existentes no país, o Código efetivamente proíbe em território nacional a ocupação urbana ou agrícola em áreas consideradas de risco ou em "áreas de preservação permanente" (APP's)[52] e delimita percentuais de preservação da vegetação nativa (Reserva Legal) em propriedades rurais dependendo do bioma em que se localize. Ademais, as florestas prestam importantes serviços ambientais básicos, já que seus ecossistemas contribuem para a conservação da produtividade dos sítios, circulação e purificação do ar, na manutenção da flora e da fauna e proteção da biodiversidade, na qualidade da água doce que os reinos animais e vegetais consomem, no regime das chuvas, clima, controle do assoreamento dos cursos de rios, entre outros fatores que podem ser considerados como benéficos à vida humana.

A despeito de toda a discussão que a aprovação do projeto de um novo Código Florestal suscitou recentemente na mídia, a participação da comunidade científica foi perifericamente percebida neste processo. Muitos cientistas alegaram não terem sido sequer consultados para a elaboração do novo projeto e os debates acerca da questão se mostraram polarizados entre movimento ambientalista e bancada ruralista - o primeiro visando salvaguardar a proteção das florestas e sinalizar a importância das mesmas existirem e o segundo defendendo as causas agrícola e pecuarista postas como principais atividades responsáveis pelo crescimento econômico do país. Nesse cenário, a crença predominante no antagonismo entre floresta e produção agrícola foi reafirmada, sobressaindo-se a idéia de que para uma existir a outra deveria inexistir.

Contudo, nem sempre os cientistas brasileiros ocuparam um papel periférico nas disputas referentes à proteção à natureza e, particularmente, às florestas. Diferentemente de nossos

[52] O termo "Área de preservação permanente" (APP) só surge no Código Florestal Brasileiro (Lei 4.771/65), em 1965. Entretanto, na edição do primeiro Código Florestal em 1934 (Decreto 23.793/34) a ideia do que hoje se considera "área de preservação permanente" estava prescrita no art. 4º, que se referia às florestas protetoras. Essas florestas, de acordo com a sua localização, serviam para conservar o regime das águas, evitar erosão, garantir a salubridade pública, dentre outras (BRASIL, 1934). São exemplos de APP: áreas de mananciais, topos de morros, encostas com mais de 45 graus de declividade, manguezais e matas ciliares.Ver: RIBEIRO, Glaucus Vinicius Biasetto. A origem histórica do conceito de Área de Preservação Permanente no Brasil. **Revista Thema**, Rio Grande do Sul, v.8, n.1, 2011.

dias, durante as primeiras décadas do século XX os homens de ciência foram protagonistas em debater e pensar inúmeras propostas que visavam estabelecer limites frente às formas de exploração dos recursos naturais e à destruição florestal. Numa época em que ainda não existia um movimento ambientalista organizado e a proximidade entre ciências sociais e ciências naturais (ainda não tão rigidamente demarcadas) era muito maior, foram estes indivíduos advindos do campo da história natural que assumiram posicionamentos políticos claros em defesa da conservação dos recursos naturais. É importante perceber ainda que esta mobilização na passagem da primeira República para o primeiro governo de Getúlio Vargas - contexto histórico em que o Código foi concebido - articulou as práticas científicas à vida política nacional, na medida em que estes intelectuais e cientistas vislumbravam a construção da nação brasileira pautada no reconhecimento, cuidado e uso racional de seu "patrimônio natural" tal como desenvolveu Alberto Torres[53], uma das maiores referências do pensamento político-social da época.

De forma mais ampla, nesse momento histórico acentua-se uma cultura nacionalista e conservacionista quanto à natureza não-humana, vista agora, e em muito desenvolvida pelos cientistas em questão, como prioritária. O pensamento de Alberto Torres foi amplamente difundido entre os cientistas que por inúmeras vezes o citavam diretamente. Dentre suas principais propostas, estava a de uma nova constituição, em 1913, que pretendia defender os solos e os recursos naturais do Brasil. Considerava a conservação dos abundantes recursos naturais do país como sendo fundamental e estava convencido de fato que a proteção das bacias, reflorestamento e irrigação deveriam anteceder, portanto, a construção de rodovias e estradas de ferro, como um bem a ser conservado para as gerações futuras. Dedicou-se ainda à ideia de criação de uma "república agrícola" em que os males sociais fossem sanados, combatendo a grande propriedade rural, o uso predatório da terra, a conseqüente "saarização" do país (tal como já apontava, quase um século antes, José Bonifácio[54]) e ainda propôs que a ação governamental junto às populações rurais se traduzisse em obras de saneamento e na difusão do ensino profissional. Enxergando os brasileiros como não

[53] Jurista, ensaísta e pensador político. Viveu entre 1865 e 1917. Foi considerado pelo cientista Alberto José de Sampaio, por exemplo, como um grande teórico e fonte de inspiração.Ver: DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luís de Andrade. Preocupações com a Proteção à Natureza e com o Uso dos Recursos Naturais na Primeira República Brasileira. **Textos de Historia** (UnB), Brasília, v. 12, n. 1/2, p. 145-165, 2004; SAMPAIO, Alberto José de. **Biogeografia Dinâmica***:* A natureza e o homem no Brasil*.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, Volume LIII, Série V, 1935.

[54] José Bonifácio ao criticar a destruição no Brasil, em 1823, profetizou que em menos de dois séculos o país se converteria "nos páramos e áridos desertos da Líbia". Ver: PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição:** pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p.137.

compatíveis com a identidade nacional, que deveria estar pautada no engajamento à proteção à natureza, Torres os qualifica, pejorativamente, como "estrangeiros" [55],

> Os brasileiros são todos estrangeiros na sua terra, que não aprenderam a explorar sem destruir, e... têm devastado com um descuido de que as afirmações dos meus trabalhos dão ainda um pálido reflexo. Os que habitam as cidades fazem-se por sua vez, ainda mais estrangeiros, exibindo uma fictícia civilização de luxos mentais e dos luxos materiais, inteiramente alheios à vida nacional (TORRES, 1990, p. 3).

Em seguida na mesma obra, *As fontes da vida no Brasil,* de 1915, apresenta suas impressões lamentosas a respeito do intenso desflorestamento no Brasil,

> Das antigas regiões de florestas, e parte desbastada, extensa como a de nenhum outro país intertropical, transformou-se, num período que não excede de três séculos, uma parte em desertos, tão áridos quase como os das outras regiões, outras em extensos campos e capoeiras, pobres e raquíticos, à falta de águas correntes e de chuvas, e, por entre umas e outras, algumas zonas onde vicejam ainda robustas florestas, já nostálgicas, contudo, da atmosfera primitiva, e dia a dia, mais pobre em oxigênio, em azoto e em umidade (TORRES, 1990, p. 4-5).

Muitos foram os cientistas influentes e atuantes no cenário político da época que foram influenciados, assumidamente, por Torres. Aberto Loefgren, botânico e primeiro diretor em 1898 do Horto de São Paulo, foi um deles; esteve sempre engajado na causa conservacionista, chegou a propor um serviço florestal vinculado ao Estado e uma lei florestal que obrigasse proprietários a replantar, preferivelmente, florestas heterogêneas (majoritariamente de espécies nativas). Hermann von Ihering, biólogo diretor do Museu Paulista, outro; sinalizou o governo a fim de que este defendesse as terras públicas da usurpação. Para Loefgren, o serviço florestal de particulares deveria ser uma medida de primeira importância, pois,

> Sendo a área das propriedades particulares muito superior a das propriedades do Estado, principalmente na parte mais povoada e atravessada pelas grandes vias de comunicação, a conservação das florestas é atividade de grande importância não somente como fator

[55] TORRES, Alberto. A Organização Nacional. São Paulo: Nacional, 1978, pp. 132-133 (Primeira edição, 1914). A obra principal de Alberto Torres só encontra repercussão depois de 1930. De seu nacionalismo agrário, o período pós-trinta endossou as teses nacionalistas. Entre os tenentes vitoriosos em 1930, Juarez Távora, por exemplo, sustentava a defesa da pequena propriedade rural. Octávio Ianni e: "O getulismo representa, ao mesmo tempo, a ruptura (...) com a ideologia que representa o Brasil como nação de destino exclusivamente agrícola, e a conquista dos benefícios possíveis no ambiente urbano". A base para a conquista de tais benefícios era o desenvolvimento nacionalista. Ver: IANNI, Octavio. **Estado e Capitalismo:** Estrutura Social e Industrialização no Brasil, Rio, Civilização Brasileira, 1965, p. 159.

> importante de fortuna publica e privada como igualmente para as condições climatéricas, higiênicas e hidrográficas [...] Mas, estando ainda para organizar-se o serviço florestal por parte do Estado, o que certamente ainda demorará algum tempo, não há motivo nenhum para que o proprietário particular, zeloso da sua fortuna e dos seus interesses, não o inicie desde já nos seus terrenos, e é para isso que queremos fornecer algumas bases e indicações relativamente aos métodos mais práticos e econômicos para o melhor aproveitamento das matas existentes, na sua conservação e melhoramento, ou para criação de novas em lugares onde isso se torna desejável ou vantajosa (LOEFGREN, 1903, p. 3).

Alberto José de Sampaio, outro destacado cientista brasileiro que foi diretor da seção de Botânica do Museu Nacional e apresentou internacionalmente uma série de trabalhos, escrevia pelo menos desde 1912 a favor do reflorestamento, tentando várias formas de estimular o governo a criar um Serviço Florestal no Brasil e voltou sua atenção especialmente para a proteção das áreas florestais e para estudos em Botânica, Fitogeografia e Biogeografia. Em uma de suas obras sobre botânica, citando Alberto Torres, afirma,

> Basta lembrar o papel das florestas no problema higronômico de cada país, como ensina Alberto Torres, tratando d'*As fontes de vida no Brasil* e d'*O problema Nacional Brasileiro* [...]. É absurdo pensar que a nossa flora é inesgotável; uma tão errada presunção tem levado todas as zonas florestais do mundo a grande empobrecimento (SAMPAIO, 1938, p. 20).

E prossegue:

> Refiro-me de preferência a florestas, porque em nosso patrimônio florístico as matas constituem a parte mais importante; é a que mais precisa proteção, racional e não à outrance, para que não desapareça seu indispensável concurso ao conforto climático, ao comércio e à agricultura; aliás a silvicultura no Brasil tem diante de si um brilhante futuro; oxalá compreendamos desde já que, na exploração racional da cobertura ou vestimenta florestal, dada a crescente escassez de madeiras no mundo, o Brasil poderá vir a ter uma de suas maiores fontes de renda (SAMPAIO, 1938, p. 21).

Todavia, a idéia de Loefgren e de Sampaio de criação de um Serviço Florestal brasileiro só se concretizou em 1921 quando foi sancionada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC). Em 1926 o Serviço foi finalmente regulamentado e passou a promover ações que iam desde projetos de conservação à criação e guarda de florestas-protetoras[56],

[56] As "florestas protetoras" foram instituídas legalmente pelo Código Florestal Brasileiro de 1934. Essas seriam áreas de proteção incontestáveis, chamadas no Código Florestal de 1965, de "áreas de preservação permanente" (APP's). Ver: CARVALHO, Ely Bergo de. **Legislação Florestal, Território e Modernização**: O caso do Estado do Paraná 1907-1960. ANPUH XXIV, Simpósio Nacional de História, 2007.

divulgação dos conhecimentos de silvicultura, que seriam desenvolvidos nos Hortos Florestais e postos em prática nas florestas-modelos[57]. A partir da criação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, efetivada em 1909, estes cientistas em grande número passaram a participar de comissões do governo para a criação de novas políticas e leis, inclusive pelo fato de alguns já serem funcionários de seções ou de alguma instituição subordinada à pasta da agricultura, como o Museu Nacional do Rio de Janeiro, por exemplo, e ainda responsáveis por avaliar algumas questões do âmbito ministerial.

Logo, a politização da ciência já vinha ocorrendo, pelo menos, durante todo o contexto da primeira república. Com a ascensão de Vargas, a partir de 1930, e uma reforma política caracterizadamente mais agressiva, essa aproximação entre ciência e política desaguou na elaboração não apenas do Código Florestal, mas também de outros vários códigos legais, ressaltando-se aqueles voltados à proteção geral da natureza. Entender, portanto, a gênese histórica da construção destes primeiros códigos é essencial para discutir toda a (re)formulação das políticas ambientais no Brasil que continua sendo desenvolvida e criticada. A historiografia brasileira propriamente quase não explorou a história dos Códigos Florestais (desde sua criação em 1934, passando por sua reedição em 1965, até a discussão atual), que apresenta material riquíssimo e importante para se pensar as especificidades de cada momento, os interesses em jogo, os atores de cada debate e suas pautas de discussões.
Pode-se dizer que a pressão desses movimentos de caráter científico, político e intelectual voltados à proteção da natureza convergiram para a criação de um ambiente político e institucional favorável a essas mudanças que culminam na década de 1930. Ao mesmo tempo em que começavam a melhor se organizar, aliados à idéia da necessidade de transformação da exploração florestal no Brasil em algo menos destrutivo e mais favorável ao desenvolvimento da nação, estabeleciam importantes referenciais para a construção de uma nova política ambiental. Muitos desses referenciais se inseriam num contexto internacional de movimentos de proteção à natureza, e os políticos e cientistas brasileiros estavam muito ligados a esses debates de fora e, por muitas vezes, os tomavam como base para justificar a proteção florestal no Brasil. Ademais, a proposta quase unânime entre os cientistas de construção de um novo projeto político para o país, que levasse em consideração a modernização e a busca de maior inserção internacional, contribuiu para que, a partir dos anos 30, esse cenário de ambiciosos ideais de transformações político-ambientais visando

[57] Acreditamos que as “florestas-modelos” instituídas no Código Florestal de 1934 não tenham correspondentes no Código Florestal de 1965. Estas designavam as florestas plantadas, que no dizer do primeiro Código Florestal, eram "artificiais, constituídas por uma, ou por um limitado número de essências florestais, indígenas ou exóticas, cuja disseminação convenha fazer-se na região (Artigo 6º).

colocar o Brasil no trilho rumo à modernidade, fosse implementada, encontrando um verdadeiro espaço na política nacional.

Todo este percurso resultará no Código Florestal, a partir do qual as florestas passaram a ser tratadas perante a lei como bens de interesse nacional e bem comum a todos os brasileiros, tornando-se, por assim dizer, excluídas da livre disposição do dono da terra, que já não mais poderia suprimi-las na integralidade, tocando no cerne da liberdade da propriedade privada, tal como desejou Loefgren. O Código Florestal foi decretado a 23 de janeiro de 1934 e sua comissão de anteprojeto foi composta por personalidades políticas como Augusto de Lima, José Mariano Filho e Luciano Pereira da Silva. Alberto José de Sampaio, mesmo sem ter sido membro direto da comissão responsável por elaborar o Código, enviou várias sugestões ao texto original, não apenas como botânico do Museu Nacional, mas ainda como membro da Sociedade dos Amigos das Árvores. (DUARTE, 2010, p. 69).

Nesse mesmo ano, 1934, os recursos naturais, flora e fauna, já passavam a ser entendidos também como "patrimônio nacional", pelo menos nos âmbitos intelectual, científico e político-legislativo, e foram vistos de maneira bastante protetiva por parte das novas legislações ambientais, já que também foram editadas medidas de proteção e defesa dos animais, o Código de Águas, de Minas, de Caça e Pesca, havendo ainda a Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza. As primeiras décadas do século XX foram repletas de conferências internacionais sobre preservação e conservação de recursos naturais, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, o que demonstra que a percepção do impacto causado pela ampliação da produção e do consumo no mundo industrial era cada vez mais debatida e colocada em pauta.

O século XX trouxe profundas transformações para a sociedade brasileira e, sobretudo, um efeito devastador para as florestas. De 1900 a 1950 a população brasileira simplesmente triplicou em número: e com o aumento demográfico, surgiram outros milhares de quilômetros de ferrovias e estradas, rápido crescimento das cidades, demanda por novas terras agriculturáveis e uma pressão cada vez maior para os usos domésticos e industriais da floresta a qual passava a fazer cada vez mais parte dos mercados urbano e mundial (DEAN, 2007, p. 254-256).

Na medida em que a população humana do planeta aumentou, desenvolveu-se tecnologicamente, intensificou seu comportamento social e político e passou a acumular capital, as florestas vieram progressivamente diminuindo de extensão ou desaparecendo. No

último século, o crescimento econômico a partir da ampliação em larga escala dos padrões de produção foi, destacadamente, o que provocou a "padronização do desejo de consumo" e a "tecnologização da vida cotidiana" das sociedades humanas e isso só foi possível à custa de uma "deteriorização ecológica" sem precedentes (HOBSBAWM, 2003, p. 262). No âmbito desse crescimento ilimitado, as alterações antropogênicas na natureza não-humana se aprofundaram, mudaram de escala:

> Na história ambiental, o século XX se qualifica como um século peculiar devido à abrupta aceleração de muitos dos processos que levam à mudança ecológica. A maior parte desses processos não é nova: nós temos cortado madeira, minerado metais, gerado resíduos, plantado culturas, e caçado animais há muito tempo. Nos tempos modernos temos feito muito mais estas coisas do que antes e, desde 1945, na maioria dos casos, ainda mais. Apesar de existirem alguns tipos novos de mudança ambiental que são genuinamente do século XX, tal como a diminuição da camada de ozônio produzida pela ação humana, a maior peculiaridade ecológica do século é uma questão de escala e de intensidade (MCNEILL, 2001, p. 4). [58]

É nesse momento crucial de aceleração do crescimento urbano-industrial do Brasil que é criado o primeiro Código Florestal Brasileiro, em 1934, sobre o qual recai esforço de análise da presente pesquisa, tanto propriamente no documento quanto nos preâmbulos de sua elaboração, tomando como base a forte influência científica que lhe foi conferida, diferentemente do que ocorre na reforma do Código Florestal contemporaneamente. Contudo, antes de mais detidamente pensar o contexto de criação social, político e intelectual dessa lei, faz-se importante lembrar que o surgimento dessa legislação apenas no século XX não coincide igualmente com o nascimento de um pensamento crítico ambiental voltado para a questão do desmatamento no Brasil, o qual já vinha se desenvolvendo ao longo dos séculos precedentes, na colônia e no império.

Segundo o historiador Donald Worster, a natureza não existiria apenas no exterior humano (WORSTER, 1991, p. 210), mas também no interior de nossos mundos mentais e no nosso conhecimento histórico. Para ele, a história ambiental é capaz de operar em três diferentes níveis, já que é entre a esfera natural e a esfera cultural (em suas constantes interações e/ou

[58] Texto original: *"In environmental history, the twentieth century qualifies as a peculiar century because of the screeching acceleration of so many processes that bring ecological change. Most of these processes are not new: we have cut timber, mined ores, generated wastes, grown crops, and hunted animals for a long time. In modern times we have generally done more of these things than ever before, and since 1945, in most cases, far more. Although there are a few kinds of environmental change that are genuinely new in the twentieth century, such as human-induced thinning of the ozone layer, for the most part the ecological peculiarity of the twentieth century is a matter of scale and intensity"* (tradução livre). Disponível em: http://www.nytimes.com/books/first/m/mcneill-sun.html?_r=2. Acesso em 27/01/2012.

confrontos) que esta "nova história" encontra seus temas essenciais. Cada um destes três níveis, classificados por Worster, se apóiam em uma variedade de outras disciplinas, requerendo, portanto, métodos especiais de análise. O primeiro nível se pautaria no estudo "da estrutura e distribuição dos ambientes naturais do passado", desvendando-os enquanto paisagem. Este tipo de pesquisa demandaria, primeiramente, o entendimento da própria natureza, de seu funcionamento e de sua organização em tempos pretéritos. No empreendimento de tal "reconstrução" de um ambiente físico, o historiador ambiental buscaria auxílio de um amplo conjunto de ciências naturais, já que não são abundantes nem suficientes os registros escritos que apontam para estas transformações ambientais. O segundo nível dialogaria mais diretamente com as ciências sociais, já que consistiria na análise de como as tecnologias produtivas tem interagido com o meio ambiente e produzido grandes transformações, com especial relevo para o conceito de "modos de produção". Logo, o foco estaria na compreensão de como a tecnologia vem reestruturando as relações ecológicas humanas e transformando a natureza num sistema que produz recursos para o consumo. Já o terceiro nível de operação seria aquele ao qual este projeto de investigação justamente se inscreve, voltado mais para o estudo sobre como "as percepções, ideologias, ética, leis e mitos tornaram-se parte de um diálogo de indivíduos e grupos com a natureza", evidenciando, portanto, o poder das idéias sobre a experiência humana em interação com seu meio natural (WORSTER, 2002, p. 27-28).

Quanto à justificativa do ponto de partida do marco cronológico, identificou-se em 1906 a presença direta no campo político nacional da discussão que já vinha sendo desenvolvida por cientistas e intelectuais, em seus trabalhos e locais de pesquisa, a respeito do intuito de se criar um código florestal para o Brasil em vias de deter a devastação "desmedida e irracional". Quanto ao ponto de chegada, 1934, foi justamente a 23 de janeiro deste ano que o Código Florestal foi decretado. Um ano antes disso, o deputado federal (pelo estado de Minas Gerais) e jornalista Augusto de Lima, produziu um ensaio intitulado *Influencia da flora sobre a evolução humana*, publicado pelo serviço de propaganda da Sociedade dos Amigos das Árvores, ambiente de sociabilidade de muitos dos cientistas aos quais ainda me referirei. Este texto que se encontra no acervo de obras gerais da Biblioteca Nacional foi também um parecer do próprio Augusto de Lima (no momento em que foi relator do projeto de lei que determinou a criação do Serviço Florestal do Brasil) à Câmara dos deputados federais. Em suas palavras:

> Mas, o que absolutamente não se lhe pode recusar é a urgência com que deve ser convertido em lei. Cada ano que passa arrasta perdas irreparáveis no tesouro florestal do Brasil. Já não somos nós, os

> brasileiros, os únicos a clamar contra o desnudamento do nosso solo. Não é só esta Câmara, cujo voto em 1906 traduziu a aspiração de dotar a Nação de um Código Florestal. Também do estrangeiro recebe o Brasil amigáveis admoestações a respeito do temeroso problema da desflorestação do nosso solo (LIMA, 1933, p.35).

E acrescenta que o referido projeto de lei deveria se converter em realidade administrativa o quanto antes, pois

> Além de oferecer barreiras à destruição das matas, ele estabelece normas e providências para a restauração das extintas. Instituindo os hortos florestais e as florestas modelo lança as bases para um regime sistemático e científico de arborização do país. Com as reservas florestais e os parques nacionais completa os institutos necessários para o patriótico fim da conservação, regeneração, defesa e exploração regular das florestas (LIMA, 1933, p. 36).

Alberto José de Sampaio enviou várias propostas para o Código Florestal, antes mesmo que este fosse elaborado e ainda o anteprojeto do Código Florestal, já em 1934, por ele todo comentado, artigo por artigo. No mesmo ano, foram dirigidas cartas do MAIC dirigidas ao Museu Nacional convidando Sampaio a participar de comissões e documento assinado por Getulio Vargas nomeando-o como integrante do Conselho Florestal Federal. Um importante parecer da comissão legislativa escrito por seu presidente Augusto de Lima sobre as sugestões apresentadas ao anteprojeto do Código Florestal, datado de 1932, respondia às intenções de Sampaio:

> Apresentaram sugestões o Sr. Paulo Campos Porto, auxiliar naturalista do Jardim Botânico, ainda quando em elaboração o anteprojeto, e no prazo de 60 dias depois de publicado no Diário Oficial, o professor Alberto José de Sampaio, de Museu Nacional e Sociedade de Amigos das Árvores, pelo secretário geral, professor Durval Ribeiro de Pinho. Nenhuma das sugestões atinge o anteprojeto nas suas linhas gerais, antes as confirmam, pois são todos ou apenas complementares ou de simples redação [59].

O MAIC investiu em algumas publicações oficiais, como a *Revista Florestal,* que começou a ser editada em 1929. Em seu primeiro número, logo na apresentação do programa da revista, encontramos a explicação de que a publicação vem suprir uma demanda: "estamos certos de atendermos a uma urgente necessidade nacional" – clima este de "urgência" bastante presente no pensamento de Alberto Torres – tendo como lema "órgão de defesa das florestas e assistência às indústrias de madeiras e subprodutos florestais". Para o historiador Jean-

[59] LIMA, Augusto de. Parecer sobre as sugestões apresentadas ao anteprojeto do Código Florestal. Rio de janeiro: Imprensa Nacional, 1932.

François Sirinelli, este espaço da intelectualidade constitui laços, que podem ser percebidos em "rede", a partir do momento em que criam estruturas de sociabilidade (também variáveis de acordo com as épocas e os grupos intelectuais estudados). A análise de revistas, por exemplo, é rica na medida em que estas possibilitam tanto a observação das sociabilidades (amizades, rupturas, afetividades) quanto das idéias em movimento, como no caso da *Revista Florestal*.

> Há revistas que tratam de Direito, Medicina, Farmácia, Engenharia, estradas de ferro, rádio, veterinária, pecuária, agricultura, minérios, de tudo, enfim, mas não havia uma revista que tratasse das florestas do país mais rico em matas do mundo, salvo uma ou outra publicação de interesses mais restritos do que exige o momentoso problema florestal brasileiro. Verificamos, com tristeza, que as vitoriosas revistas florestais estrangeiras tratavam dos nossos assuntos mais do que nós próprios e resolvemos tentar a publicação da *Revista Florestal* como um órgão orientador e coordenador de todas as questões florestais ligadas ao comércio da madeira em geral.[60]

Esta publicação constitui uma importante fonte para pensar a atuação político-científica através do ministério e do próprio ambiente de produção da revista, já que os trazia a noção de que os bens naturais eram finitos (MELLO, 2012, p. 124)[61]. O meio intelectual apresenta um caráter polimorfo e, para melhor compreendê-lo não se pode perder de vista os processos essenciais de transmissão cultural, pois "um intelectual se define sempre por referência a uma herança" (SIRINELLI, 1996, p. 255). Para tanto, devem ser consideradas duas acepções para o termo. A primeira delas seria de caráter sociocultural amplo e englobaria todos aqueles que "participam na criação artística e literária, ou no progresso do saber" e também aqueles mediadores culturais, responsáveis por "difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber" (SIRINELLI, 1998, p. 261). A segunda acepção, mais restrita, representaria aqueles indivíduos possuidores de destacado engajamento na vida pública dos locais de onde falam, como autores, através da intervenção do intelectual em questões que lhes dêem legitimidade ou privilégio, tomando-as a serviço das causas que defende. Nesse sentido, o grupo científico intelectual aqui tratado faria parte das duas acepções propostas por Sirinelli, posto que vemos como intelectuais tanto os homens de ciência que se envolviam

[60] **Revista Florestal**. Número I, ano I, julho de 1929, p. 1.

[61] Ver trabalho que realiza análise sobre a mesma revista: MELLO, Vanessa Pereira da Silva e. **O "agricultor progressista": ciência e proteção à natureza nas revistas do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio** (1897-1932). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

com questões sociais mais amplas e com a política, quanto os homens da política que se preocupavam o aprendizado e desenvolvimento da ciência.

Referências bibliográficas

a) Fontes primárias

BRASIL. *Decreto Federal n. 23.793*, de 23 de janeiro de 1934. Decreta o código florestal. Brasília, DF, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d23793.htm . Acesso em 20/07/2011.

LIMA, Augusto de**.** *Influencia da flora sobre a evolução humana*. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos das Árvores, 1933.

LIMA, Augusto de. *Parecer sobre as sugestões apresentadas ao anteprojeto do Código Florestal.* Rio de janeiro: Imprensa Nacional, 1932.

LOEFGREN, Alberto. Conservação das Matas*. A Lavoura*, Rio de Janeiro, Ano VIII, n.4 a 7, p. 94-98, abril a julho de 1903.

LOEFGREN, Alberto. *Serviço florestal de particulares*. São Paulo: Typografia do Diario official, 1903, 33 p.

SAMPAIO, Alberto José. *O Problema Florestal no Brasil em 1926*. Archivos do Museu Nacional, vol. XXVIII março de 1926.

SAMPAIO, Alberto José**.** *As florestas brasileiras*. Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, v.4, Educação, n.13-4, p.45-47, 1933

SAMPAIO, Alberto José**.** *Biogeographia dynamica*: A natureza e o homem no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

SAMPAIO, Alberto José de. *Phytogeografia do Brasil*. Coleção Brasiliana, vol. 35. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

SAMPAIO, Alberto José de. Morros Queimados. *Revista Florestal*, Rio de Janeiro, Ano I, n.7, p.9, janeiro de 1930.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. Necessidade de uma Academia de Agricultura no Brasil, *in* Octaciano Nogueira (org.), *Obra política de José Bonifácio*, Brasília, Senado Federal, 1973.

TORRES, Alberto. *Organização nacional.* São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. Introdução a um programa de organização nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

TORRES, Alberto. *As fontes de vida no Brasil*. Rio de Janeiro: Papelaria Brazil, 1915.

Revista Florestal. Número I, Ano I, Julho de 1929, p.1.

Relatórios do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Disponível em: http://www.crl.edu/brazil/ministerial/agricultura

a) Fontes secundárias

ARNOLD, David. *La naturaleza como problema histórico:* el medio, la cultura y la expansion de Europa. México: Fundo de Cultura Económica, 2000.

CAPANEMA, Carolina Motta. *A natureza no projeto de construção de um Brasil Moderno e a obra de Alberto José de Sampaio*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências), Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

DEAN, Warren. *A Conservação das Florestas no Sudeste do Brasil*, 1900-1955. Revista de História da USP, n.133, 1995.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo:* a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DRUMMOND, José Augusto. Por que estudar a história ambiental do Brasil? – ensaio temático. *Varia Historia*, n.26, p. 13-32, jan. 2002.

DRUMMOND, José Augusto. História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 8, p. 177-197, 1991.

DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luíz de Andrade. Preocupações com a Proteção à Natureza e com o Uso dos Recursos Naturais na Primeira República Brasileira. *Textos de História* (UnB), Brasília, v. 12, n. 1/2, p. 145-165, 2004.

DUARTE, Regina Horta. *A Biologia Militante*: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1946. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DUARTE, Regina Horta. *História e natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DUARTE, Regina Horta. Pássaros e cientistas no Brasil: Em busca de proteção, 1894-1938. *Latin American Research Review*, Austin, Texas, EUA, v. 41, n. 1, p. 3-26, 2006.

FRANCO, José Luiz de Andrade e DRUMMOND, José Augusto. *Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil*, anos 1920-1940. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

FRANCO, José Luiz de Andrade. A Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza e a questão da identidade nacional. *Varia Historia* (Dossiê História e Natureza), Belo Horizonte, n.26, p.77-96, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...* Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

IANNI, Octavio. *Estado e Capitalismo***:** Estrutura Social e Industrialização no Brasil, Rio, Civilização Brasileira, 1965.

LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura*: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: EDIFURB, 2000.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História ambiental*: um olhar prospectivo. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011. p. 30.

MCNEILL, John. Naturaleza y cultura en la historia ambiental. *Nómadas*, Colombia, p. 12-25, 2005. Disponível em: http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/intro.htm

MCNEILL, John R. *Something new under the sun*: an environmental history of the twentieth-century world. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

MEDEIROS, Rodrigo. Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil. *Ambiente e Sociedade*, v.9, n.1, 2006.

MELLO, Vanessa Pereira da Silva e. *O "agricultor progressista":* ciência e proteção à natureza nas revistas do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (1897-1932). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

MENDONÇA, Sonia Regina. *O Ruralismo Brasileiro.* São Paulo: Hucitec, 1997.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. *A questão nacional na Primeira República***.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; GOMES, Eduardo Rodrigues e WHATELY, Maria Celina. *Elite intelectual e debate político nos anos 30.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, v.23, n.68, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Natureza e projeto nacional: as origens da ecologia política no Brasil. In: PÁDUA, J. A. (org.). *Ecologia política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Iuperj, 1987.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição:* pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil:* Entre o Povo e a Nação. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Osny Duarte. *Direito florestal brasileiro.* Rio de Janeiro: Borsoi, 1950.

RÉMOND, René. Por que a história política? *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 7 – 19.

RIBEIRO, Glaucus Vinicius Biasetto. A origem histórica do conceito de Área de Preservação Permanente no Brasil. *Revista Thema*, Rio Grande do Sul, v.8, n.1, 2011.

RIBEIRO, Rafael Winter. *A Invenção da Diversidade***:** construção do Estado e diversificação territorial no Brasil. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão***:** médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SAHLINS, Marshall David. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p. 231-269.

WORSTER, Donald. *Nature's Economy.* A History of Ecological Ideas. New York: Cambridge University Press. 1994.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, 1991.

Dom Malan e a Construção do Ambiente: O Desenvolvimento do Espaço Urbano na Cidade de Petrolina 1926-1931

Thulio André Moura de Aquino

Resumo: Nosso presente artigo pretende observar as ações realizadas pela então criada diocese de Petrolina em 1926 durante seu primeiro bispado centrado na pessoa de Dom Antônio Maria Malan. Cremos que sua vinda alterou o ambiente físico da cidade interiorana de maneira profunda, resultando numa transformação além de, visivelmente física, também social e na mentalidade do petrolinense. Ao associar o desenvolvimento urbano da cidade com o desenvolvimento ideológico da população. Para tal realização percebemos uma aproximação do bispo de Petrolina com diversas forças sociais, entre estas também políticas, numa parceria que resultou em ganhos a estes setores.

Palavras-chave: Igreja Católica; Ambiente Urbano; Política.

Aquele que não conhece a cidade de Petrolina e a visitar em seus dias atuais, dificilmente imaginaria, que este espaço urbano a quase cem anos atrás apresentava um cenário bem diferente do visto atualmente. No final do século XIX esta cidade interiorana não passava de uma pequena cidade até mesmo se comparada a cidades situadas no mesmo cenário.

A cidade baiana de Juazeiro, irmã e rival de sua vizinha pernambucana pode nos servir de parâmetro comparativo para que tenhamos noção do que era Petrolina naquela época. Situada na mesma região são franciscana, Juazeiro era retratada como símbolo de prosperidade local, chegando a receber alcunhas como a "rainha do São Francisco", e até mesmo "a corte do sertão".[62] Economicamente utilizava bem o rio São Francisco escoando os produtos da fabricados região, tais como algodão e couro. Também contava com uma linha ferroviária que ligava o interior baiano ao litoral até Salvador,[63] o que permitia a Juazeiro uma ligação com o resto do país através da capital do estado. A cidadã

[62] Teodoro Sampaio, durante a expedição que realizou pelo rio São Francisco e a Chapada Diamantina, compara a cidade de Juazeiro a uma corte sertaneja.in: **HISTORIEN** - REVISTA DE HISTÓRIA [3]; Petrolina, abr./set. 2010. Página 54

[63] GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **OPARA: Formação histórica e social do sub-médio São Francisco**. Juazeiro: Franciscana, 1997, p. 116.

O padre e historiador petrolinense Francisco José Pereira Cavalcanti em seu livro *Catedral de Petrolina; profecia e evocação* caracteriza o espaço urbano de Juazeiro nos anos de 1920:

> a Juazeiro dos anos vinte era considerada a "futura capital do S. Francisco" ou a "fidalga cidade bahiana de Joazeiro", "emporio do Commercio São Franciscano". Com aproximadamente 15.000 habitantes, havia pelo menos mais de 20 anos que já tinha um comércio florescente. Possuía também uma bela igreja em estilo barroco, praças (uma com coreto), vários prédios residenciais e com uma arquitetura bastante trabalhada e considerada moderna na época. Possuía também Hospital de Caridade, Viação do S. Francisco (transporte fluvial), Matadouro Público, Câmara Municipal, telégrafo, Mercado Público, Correio, Banco do Brasil, sede de Capitania dos Portos, Prédio Escolar, Club Comercial (instituição beneficente), Estação de Trem, tipografia e jornal "O Echo".[64]

Do outro lado do rio estava Petrolina. Estima-se que a cidade tinha uma população seis vezes menor do que sua vizinha. Na época a cidade apenas representava um trecho do caminho que era percorrido por comerciantes que traziam mercadorias de outras regiões, como o Piauí, visando chegar Juazeiro e de lá alcançar Salvador e o resto do país. A cidade pernambucana teve por muitos anos a alcunha de "passagem para o Joazeiro". Seu comércio era pequeno e voltado para o mercado interno e geralmente os comerciantes ricos da cidade tinham comércio na vizinha juazeiro, usando Petrolina apenas como estoque de produtos[65].

É neste ambiente estruturalmente limitado que na década de 1920 que a cidade passou por alterações urbanísticas significativas que resultaram numa mudança estrutural, social e das mentalidades.

Recém emancipada a posição de vila em 1895, nos anos de 1920 Petrolina foi escolhida pela Igreja Católica para formação de uma diocese. É comum atribuir a esta escolha a uma pequena vila para o estabelecimento de uma diocese o fato da cidade interligar o interior pernambucano com o interior baiano, além de interligar o norte e

[64] CAVALCANTI, Pe. Francisco José Pereira. **Catedral de Petrolina; profecia e evocação**. Petrolina: Editora Franciscana, 1999, p. 13.
[65] CHILCOTE, Ronald H. **Transição capitalista e a classe dominante no Nordeste.** São Paulo: EDUSP, 1991, p. 57.

o sul do país, além de uma significativa presença de católicos na região que desde o século XVIII já estavam presentes através do envio de missionários[66].

Até a criação da Diocese a cidade possuíam como Igreja principal a Nossa Senhora Rainha dos Anjos, cathedra episcopal, que se encontrava desgastada e cheia de problemas estruturais, necessitando de uma profunda reforma.

O escolhido para bispo da nova diocese foi o italiano Dom Antônio Maria Malan, que viveu sua infância e adolescência na França. Ele já havia realizado no sertão de Mato Grosso um bom trabalho com os índios enquanto era bispo de Araguaia. Ao chegar em Petrolina, incialmente seu propósito era reformar a igreja de Nossa senhora Rainha dos Anjos, algo já proposto pelo responsável pela igreja frei José de Monsano. Ao se deparar o a situação da Igreja decidiu ir além da simples reforma.

A igreja de cathedra episcopal era uma Igreja que se adequava a necessidade de uma cidade pequena como Petrolina. No entanto o recém empossado bispo teve uma ambição maior, logo após sua posse como bispo, ele criou uma comissão para construir uma nova igreja, a futura catedral.

A partir de então o desejo do bispo foi desenvolvido tendo por objetivo de que a construção da Catedral representasse uma passagem, um marco para cidade no desenvolvimento da cidade. “construindo-se a Casa de Deus todo o resto virá por acréscimo”.[67] Afirmou o bispo na época de seu empreendimento.

O desejo de construção de uma catedral foi absorvido pela população e mobilizou uma grande parcela da mesma em diversos setores, tal mobilização agregou em si a crença de que, de fato, a cidade acompanharia a dimensão desta obra.

Diante do grande objetivo, construir uma Catedral gigantesca numa cidade bem pequena, foi perceptível a presença de um forte senso comunitário reunido em torno da causa no bispo Dom Malan.

[66] BRITTO, Maria Creusa de Sá e. **Petrolina: origem, fatos, vida, uma história**. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995. p. 15.
[67] CAVALCANTI, Pe. Francisco José Pereira. op. cit.,. p. 15.

> "Quanto ao transporte das pedras, para o local da construção foram usados os meios da época. Mesmo assim, para abrir a consciência à participação, o bispo fazia o povo, em certos momentos, carregar as pedras. Muita gente carregou pedras na cabeça. Em alguns domingos D. Malan, ficava esperando a procissão de fiéis portanto pedras que foram usadas para construir as paredes externas da catedral.[68]"

Este comprometimento se torna compreensível porque através dele os petrolinenses se identificaram com a causa, vendo nela a possibilidade real de adquirir em fim um sentimento de pertencimento a cidade. Eles visavam superar a alcunha de "passagem de juazeiro".

Além da população em geral, o projeto também reuniu os diversos chefes políticos locais e seus correligionários, que apoiaram de maneira a também mobilizar a população e financeiramente, com contribuições pessoais ou através de arregimentação de recursos69. Esta mobilização para melhoria estrutural da cidade fez diminuir as disputas políticas locais em vista de um projeto maior, o que resultou numa aproximação entre os chefes políticos locais.

Percebe-se no caso Petrolinense, a força da presença católica na capacidade aglutinadora e mobilizadora, em atrair diversos grupos num mesmo projeto.

O bom relacionamento entre a Igreja e políticos locais, nos remete a observação de que mesmo após a ruptura oficial entre a Igreja e o Estado, proveniente do Início da República no Brasil algo que remente a época de cerca de 30 anos atrás, o que percebemos na cidade de Petrolina é uma parceria entre Igreja e Estado, entre bispado e chefes políticos, visando um projeto maior, um projeto de cidade que inexistia de fato em Petrolina até o início do século XX.

A construção de uma Catedral, permitiu a cidade de Petrolina razões para melhorar, não só a Igreja na cidade, mas ela como um todo. Se apropriando das palavras do bispo, anunciadas como profecia. A partir da construção da Catedral, esta representou

[68] CAVALCANTI, Pe. Francisco José Pereira. op. cit.,. p. 15.
[69] CAVALCANTI, Pe. Francisco José Pereira. op. cit.,. p. 14.

um marco zero de um projeto que mobilizou população para melhoria da cidade como um todo.

A inevitável comparação com a vizinha juazeiro também se fez presente durante este processo. Por ser, a cidade vizinha, a "irmã rica" de Petrolina, mais estruturada urbanisticamente e economicamente, ela servia de comparação e referência para sua vizinha pernambucana. Assim no desdobramento deste processo de construção da nova Igreja católica, observamos a comparação feita entre as duas cidades pelo maior jornal petrolinense da época o jornal Pharol que, num visível desejo de que uma alcança-se o patamar presente na outra cidade critica a prefeitura petrolinense:

> Enquanto na fronteira cidade assistimos o deserolar de uma phase brilhante de administração, rica de todos os princípios de honestidade, animada do mais forte espírito de boa vontade e de ingentes esforços conjugados, nós, no que se refere as cosas da prefeitura, vamos retrogradando.[...] o povo bom e paciente, escorchado de impostos, espera que os ouvidos de vv. ss. estejam abertos para estes insignificantes pedidos esperando também que os olhos de vv. ss. vejam o grande exemplo visinho[70].

Não há dúvida, de que após a construção da catedral aumentou a pressão pela melhoria da cidade. Esta pressão gerou uma mobilização política que fez outras áreas se desenvolverem. A mudança do ambiente urbano só foi possível através de alianças com vários setores da sociedade.

No início do século vinte, o cargo de prefeito em pequenas cidades como não era tão almejado, devido a carência de recursos, o que resultava num certo revezamento da cadeira municipal. Este fato também pode ser observado na cidade de Petrolina.[71] No entanto, isto não impedia a atuação política de determinados famílias, entre elas havia uma que se sobrepunha as outras.

Os Padilha eram uma família da cidade do Recife que no final do século XIX para o início do século XX migraram para o interior pernambucano. O pioneiro foi José de Rabelo Padilha, ou como ficou conhecido "seu Padilha", por ter recebido a patente de

[70] O Pharol de 06.07.1929 p.1.
[71] Ao todo foram três em apenas sete anos.

coronel da Guarda Nacional e exercer esta função desde cedo, pouco a pouco assumiu as rédeas da administração municipal.

Desde cedo a família Padilha manteve um forte relacionamento com a Igreja Católica. Esta aproximação é clara ao constatarmos, que na época em questão, quatro membros da família, entraram para a vida religiosa: dois foram ordenados padres e duas foram ordenadas freiras.

O poder na época não estava necessariamente ligado a aprovação popular ou a aproximação com o povo, tanto que a família Padilha era considerada uma família distante de uma identificação ou simpatia da população.

No entanto, durante o período do bispado de Dom Malan, o prefeito era Pacífico da Luz, que entrou para família dos Padilha ao se casar com Bernadina Padilha, uma das muitas filhas de seu Padilha. Devido a escassez de filhos homens na família Padilha, a união que lhe rendeu também a entrada para política. Médico de profissão, Pacífico Luz se tornou uma exceção da família Padilha ao exercer sua profissão associada a atividade política o que lhe aproximou da população.

Também se aproximou do bispo petrolinense e juntos realizaram inúmeras obras voltadas para transformação do ambiente da cidade. Os projetos do bispo estimulou as ações do prefeito Pacífico da Luz que se tornou um seguidor nesta empreitada e a continuou mesmo após o falecimento do bispo.

> Durante sua gestão, Pacífico da Luz confirmou que era mais médico que prefeito, uma vez que continuou a exercer a profissão, tendo, inclusive, ausentando-se da Prefeitura, em 1934, para assumir a função de Médico de Higiene do Estado, sendo substituído, primeiramente, por seu secretário José Pombo e, depois, pelo seu colega de partido, José Cardoso de Sá. Suas principais realizações foram voltadas para as questões de saúde pública, o que o aproximou da população petrolinense.[72]

[72] AQUINO, Thulio André Moura de. **Caminhos do poder:** Práticas políticas da família Coelho na cidade de Petrolina-PE, 1930-1947. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011. p.72.

Percebemos que seu poder político foi posto em segundo plano, sendo sua capacidade de ofertar serviços médicos, proteção a comunidade e bom relacionamento com a mesma bem[73].

Até os anos de 1920 a saúde em Petrolina era precária, na qual prevalecia a prática da medicina alternativa, as pessoas que possuíam poder aquisitivo seguiam o mesmo costume relativo há várias outras coisas, iam comprar remédios na cidade de Juazeiro. A chegada de Dom Malan deu impulso ao desejo de Dr. Pacífico da Luz que já a cuidava da saúde da população. Quando este se torna prefeito de Petrolina, junto com o bispo fez surgir a ideia de construir um hospital visando cobrir esta carência. Em 1929 a prefeitura da cidade doou, por falta de recursos, as obras já iniciadas do hospital à diocese para que ela fosse concluída. Em 1931 o hospital é inaugurado por D. Malan com o nome de Hospital de Nossa Senhora da Piedade.

Ainda mais próximo da Igreja Dom Malan iniciou o processo de construção de dois grandes colégios. Na época já existiam pequenos colégios na cidade, mas que atendiam apenas uma demanda de pessoas mais humildes. Os filhos que pessoas que tinham certa condição financeira estudavam em Juazeiro, quando não eram enviados para as capitais pernambucana e, principalmente baiana. Dom Malan também acreditava ser fundamental para o desenvolvimento da cidade uma orientação católica. Para o bispo a população era percebida como orientações educacionais e morais. Pensando neste aspecto, observamos em Dom Malan a preocupação em educar a população petrolinense e prepará-los para esta nova sociedade que ele propunha dentro da nova Petrolina. Visando a continuação do processo de transformação urbana e perceptível da necessidade populacional de uma educação de maior qualidade.

Para isto o bispo trouxe para a cidade freiras da Ordem das Salesianas, a fim de ajudá-lo na construção do Colégio Maria Auxiliadora, na época só para as mulheres, além de também ser o responsável pela construção do Colégio Dom Bosco, na época só para homens.

[73] SOUZA. João Morais. **As Práticas do coronelismo: estudo de caso sobre o domínio político dos Coelho em Petrolina-PE**. Recife: Tese, 2001. p. 77.

Para a concretização deste objetivo e o continuísmo de seu projeto, o bispo contou mais uma vez com apoio político do prefeito pacífico da Luz, isto porque, antes da inauguração do colégio Maria Auxiliadora, Modesta Martinelli que havia sido escolhida para ser diretora da instituição, faleceu. As outras irmãs salesianas desejaram volta ao seu país de origem, a Itália. No entanto foram persuadidas pelo prefeito Pacífico da Luz que lhes prometeu todo auxílio e as fez permanecer na cidade e, posteriormente abrir o colégio.

Até hoje em funcionamento, o colégio Maria Auxiliadora permanece sendo um dos principais colégios da cidade, sendo o principal responsável durante muitos anos pela educação das meninas petrolinenses. Atuou como um importante mecanismo de desenvolvimento físico da cidade, tendo uma estrutura bem desenvolvida para época de sua construção, além de resultar numa formação religiosa e moral de futuras gerações de petrolinenses.

O processo de transformação do pensar do petrolinense, se seguiu, após a construção dos colégios católicos, através do uso do que a Igreja na época chamou de "boa imprensa", a associação também com os veículos de comunicação foi a forma escolhida pelo bispo de transmitir suas crenças para os fiéis, representando seus interesses baseados na moral, ética e fé cristã. Para tanto, os esforços da Igreja em prol desta "boa imprensa" foram imensos[74].

O ano de 1924, no qual Dom Antônio Maria Malan foi enviado para a cidade para assumir o posto de bispo diocesano, também marcou o início de uma aliança que se estenderia durante quase todo o século XX, entre o jornal Pharol e a Igreja Católica, representada primeiramente pela figura do bispo. O Pharol, existente desde o início do século passado, assumiu a função de propagar diretrizes da diocese não só para Petrolina, mas também alcançando a região circunvizinha.

[74] "No início do século XX, a hierarquia eclesiástica intensificou a sua política em defesa da criação de uma imprensa que estivesse a serviço da defesa da moral, da ética e da fé cristãs. Neste sentido, passou a incentivar a comunidade católica a que dedicasse seus esforços na difusão e preservação de um jornalismo que defendesse e propagasse a verdade católica (a boa imprensa), em combate a um jornalismo que cada vez mais disseminava a "irreligião" e a "imoralidade" (a má imprensa)". AMARAL, Walter Valdevino do. **Que Fizeram "Ellas"?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010. p. 55.

Durante quase todo o século XX, o jornal, que até a chegada do bispo era apenas um dos poucos existentes na cidade, se tornou num grande porta voz de comunicação para região são franciscana. Esta expansão só foi possível devido a parceira com a Igreja. A Diocese de Petrolina auxiliou financeiramente o jornal e incentivava os fiéis a comprá-lo sob a justificativa de que lá eles se interariam sobre os eventos eclesiásticos, o que de fato acontecia. Somado a isto, o fiel acompanhava o noticiário através de textos que lhe orientavam uma determinada posição relativo ao tema. Assim questões políticas e comportamentais também alcançavam leitor influenciando na tomada de posições, tudo sobre a tutela da Igreja.

Tanto os colégios quanto o jornal cumpriram sua função de produzir uma orientação ideológica a população petrolinense.

As obras voltadas este projeto maior da Diocese necessitavam de apoio financeiro, isto levou o bispo a realizar diversas viagens pelo Brasil e exterior em busca destes recursos, Em 1931, quando realizava uma de suas viagens, ele adoeceu e veio a falecer. Seu corpo foi trazido para Petrolina e seu velório foi realizado como pompa de um verdadeiro líder local.

No entanto, suas obras foram além de sua breve estadia, elas se perpetuaram, revelando a força de sua proposta religiosa. Petrolina hoje tem inúmeros pontos que recebem o nome do bispo, colégio, rua, praça, hospital e lojas com seu nome são facilmente visíveis pela cidade, o que demonstra uma clara associação do bispo com a estrutura urbanística que compôs a cidade.

Não há dúvida de que as ações realizadas por ele visavam uma expansão da Igreja Católica na região, através de uma presença física e intelectual marcante. Entretanto, também é inegável a influência positiva ou as ações benéficas em tal processo, pois entendemos que ele permitiu o crescimento da cidade ao criar um núcleo estrutural a partir do centro da cidade com a construção da Catedral.

Este processo ao mesmo tempo que ele produziu um espaço urbanístico, o fez de forma controlada, o que não impediu o avanço da cidade. Pois o que observamos

posteriormente é que, a melhoria da cidade produziu uma maior interesse pela mesma, impulsionando ainda mais seu desenvolvimento.

Isto pode ser observado quando notamos que o cargo de prefeito, antes desprezado, passou cada vez mais a ser disputado, acirrando a luta pelo poder local em Petrolina.

Percebemos que as obras realizadas pelo bispo, de fato trouxeram melhorias para a sociedade, mobilizando toda uma população e políticos locais, e mesmo que estas melhorias fossem feitas sobre o estandarte da religião, a cidade cresceu a um patamar que antes lhe estava restrito, o que significa uma acesso a uma série de setores vitais para existência de uma cidade.

Referências

AMARAL, Walter Valdevino do. **Que Fizeram "Ellas"?** As Filhas de Maria e a Boa Imprensa no Recife, 1902-1922. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

AQUINO, Thulio André Moura de. **Caminhos do poder:** Práticas políticas da família Coelho na cidade de Petrolina-PE, 1930-1947. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

BRITTO, Maria Creusa de Sá e. **Petrolina: origem, fatos, vida, uma história.** Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995.

CAVALCANTI, Pe. Francisco José Pereira. **Catedral de Petrolina; profecia e evocação**. Petrolina: Editora Franciscana, 1999.

FAORO. Raymundo. **A aventura liberal numa ordem patrimonialista**. *Revista USP*. São Paulo, n.17, 1998.

MAGALHÃES, Pablo Michel Cândido Alves de. **Catedral de Pedra como identidade social: A memória coletiva na construção do "ser petrolinense"** in: HISTORIEN REVISTA DE HISTÓRIA [3]; Petrolina, abr./set. 2010.

PADILHA, Antônio de Santana. **Petrolina no tempo, no espaço, na vez**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal. 1982.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Igreja Católica e Modernidade no Maranhão, 1889 – 1922**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

SOUZA. João Morais. **As Práticas do coronelismo: estudo de caso sobre o domínio político dos Coelho em Petrolina-PE**. Recife: Tese, 2001.

Fontes Escritas/Periódicos

Jornal O Pharol (1929)

Povos Indígenas e Ambiente

Coordenadores:

Dr. Edson Silva

Dr. Ana Maria Barros

‘Os Irmãos Villas Boas’

‘Velando al Rio Trenzado’

‘O Discurso de Convivência’

‘As Memórias do Povo Pankará’

‘Desfilando *Com Palha de Coco, Cacho de Coco, Repolho*’

‘Demarcação das Terras indígenas’

Os Irmãos Villas Boas e a Política Indigenista no Brasil

Ana Maria Barros[1]
Alex José da Silva[2]
Yndiara Maria da Silva[3]

Resumo: Essa trabalho é parte de uma pesquisa maior em andamento, coordenada pela professora Ana Maria Barros e visa preencher uma lacuna na história indigenista brasileira, do período de 1964-1985, período em que, o Brasil viveu uma ditadura militar. Nesse período, se salientou a questão indígena, que passa a ser questionada dentro do projeto dos militares para a Região Norte do país, alvo de exploração da sua natureza, onde se inclui a mão de obra indígena. Nessa parte da pesquisa, pretende-se enfocar a atuação dos irmãos Villas Boas, no seu esforço de criação do Parque Nacional do Xingu, como forma mais legítima de proteção para as nações indígenas, sendo, protegidas por lei, pelo Governo Federal. A pesquisa se realiza nos jornais alternativos (Opinião/Movimento) e na revista Realidade (1960/1970).

Palavras-chave: Ditadura Militar; Questão Indígena; Villas Boas.

Introdução

Falar de índios no Brasil do século XX é impossível em algum momento não se encontrar referencias aos nomes de três irmãos, Claudio, Orlando e Leonardo Villas Boas, os principais, mas não os únicos desta família a lutar pelos direitos dos índios. É digno ressaltar que uma boa parte de seus familiares se mobilizou e mobiliza-se de alguma forma em favor de uma política indigenista. Outros personagens na luta pelos direitos indígenas foram importantes, como o Marechal Rondon[4], Darcy Ribeiro[5], entre outros, no entanto, foram os três irmãos citados que doaram de certo modo, as suas próprias vidas em prol da causa indigenista brasileira. Se referindo ao Parque Nacional do Xingu, fundado pelo esforço dos irmãos Villas Boas , a Revista Realidade, assim de expressava:

> A maioria dos 70 mil índios que ainda vivem no Brasil desaparecerá quando a civilização ocupar a Amazônia. Entre os poucos que sobreviverão estão os 1.200 índios das 14 tribos que moram no Parque Nacional do Xingu protegidas por dois homens brancos. (REALIDADE, 1967, p, 78)

[1] Professora do Departamento de História da UFPE. E-mail: annamar_pe@yahoo.com.br
[2] Aluno do 2º período do curso de História / Bolsista PROAES
[3] Aluna do 4ª período do curso de História / Bolsista PROAES
[4] Marechal Cândido Rondon foi um militar sertanista que lutou pela defesa dos direitos indígenas. Ele é o autor da célebre frase, "Morrer se preciso for, matar nunca".
[5] Antropólogo, político, escritos e educador que se preocupou e ajudou a causa indigenista.

Sendo o Norte do Brasil alvo de exploração tanto de riquezas naturais quanto de mão-de-obra indígena, no período de ditadura militar essa exploração ganhou nova roupagem e novos objetivos. Não só agora a mão-de-obra e a extração de riquezas eram importantes, mas também o estabelecimento de estradas e a construção de campos de pouso.

As expedições para o interior do país ganharam uma nova força a partir do final do século XIX e início do século XX. O Ciclo da Borracha e as famosas expedições do Marechal Rondon são exemplos desta situação. No Governos Vargas, teve grande destaque a Expedição Roncador-Xingu, que abriu o Brasil central à colonização, além da criação de rotas de exploração da Amazônia e que contou com a participação ativa dos irmãos Villas Boas.

Defensores de uma Política protecionista, os Villas Boas dedicaram-se a causa indígena e tentaram garantir que essa política fosse aplicada em sua forma plena. Como forma de proteger ao máximo esse povo, após uma conversa com etnólogos durante a
Expedição Roncador-Xingu, surgiu a ideia de um Parque com a finalidade de preservar e proteger a cultura e os povos indígenas, surgia daí o Parque Nacional do Xingu.

Os irmãos Villas Boas e o Parque Nacional do Xingu

Nascidos na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, interior de São Paulo, filhos de Agnello e Arlinda Villas Boas, os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas, vinham de uma família de classe média, onde o pai era advogado. Daí, esperava-se que os filhos continuassem o legado da família, no conforto de um escritório de advocacia. Após a morte dos seus pais, mudaram-se para a capital Paulista, onde, em 1943, vão embarcar numa expedição sem muitos recursos, porém com muitos ideais a Roncador Xingu (1943).

A expedição foi organizada pelo Governo Vargas e patrocinada por comerciantes e industriais de S, Paulo, com o intuito de fazer mapeamento para a construção de uma

série de campos de pouso de emergência entre Manaus e o Brasil meridional, abrindo o Brasil Central à colonização, além das vias de comunicação com o Amazonas, *"exploração e povoamento do maciço central do país nas regiões das cabeceiras do Xingu; [...] rastreamento das riquezas minerais da região [entre outras]". (MENEZES, 2000, p, 30)*

Em expedições desse tipo eram preferidos trabalhadores simples, muitas vezes analfabetos, pois, era defendida a ideia de que os homens bem cuidados da cidade não saberiam e não conseguiriam andar no mato. Foi nesse contexto que os Villas Boas se apresentaram à expedição, como iletrados, desta forma só assim acabaram conseguindo burlar as restrições de alistamento. Uma vez fazendo parte da expedição, quando os seus superiores descobriram que eram alfabetizados e, além disso, tinham um bom nível intelectual, em vez de serem expulsos, foram aproveitadas suas qualidades e aos poucos foram desempenhando papéis mais importantes na mesma. Assim, já em 1949 os irmãos já chefiavam a tão famosa Expedição Roncador-Xingu; chefia essa que veio por causa de vários erros e exageros contra os índios por parte do até então, comandante Mattos Vanique[6]. A partir deste momento, a Expedição ganha um novo "espírito", uma nova visão, com o objetivo de defender os índios.

A expedição foi um sucesso. Em 1944 atravessou as terras não pacificadas das tribos dos Xavantes, até o outro lado das margens do rio Kuluene que era a divisão entre os índios pacíficos e os arredios e agressivos, estabelecendo em 1953 uma rota aérea entre o Norte e o Sul do Brasil. Em dado momento desta expedição, quando algumas tribos já estavam pacificadas e mantinham uma boa relação com o homem branco, surge a ideia de um parque, oriunda de uma reunião dos Villas Boas com os etnólogos que trabalhavam na região. Os irmãos Villas Boas já não conseguiam se desligar da terra. Eles agora faziam parte dela terra, se sentiam sertanistas, aceitando de bom grado a responsabilidade de cuidar da população indígena da região, chamada pelos geógrafos de alto Xingu.

[6] O comandante Vanique apesar de ser o chefe da Expedição Roncador –Xingu, não era bem visto por autoridades da SPI (Serviço de Proteção aos Índios) sendo afastado do cargo em 1949, que foi logo ocupado pelos irmãos Villas Boas.

Quase nada se sabia sobre essas tribos e tampouco elas sabiam sobre aqueles homens brancos que as visitavam constantemente trazendo remédios e ajudando sem pedir nada em troca. Não demorou, que os irmãos, cada um a seu jeito, ganhassem a confiança daqueles povos, se tornassem parte dele.

> o mais velho dos irmãos parecia saber instintivamente os segredos dos índios, sem mesmo falar a língua deles; o irmão mais moço parecia mais à vontade quando de cócoras entre os homens, no pátio da aldeia indígena, ou deitado numa rede de buriti na casa do Chefe Kamaiurá, do que numa cadeira de lona ou na cama de madeira dos *caraíba* (ou homem branco). O irmão do meio era muito diferente do mais velho. Andava sempre com um livro na mão [...] (STEVEN, 1970- apresentação)

Coincidência ou não, em 1961, ano da morte de Leonardo (o caçula dos irmãos Villas Boas), e depois de muita luta, é regulamentado de fato o tão batalhado Parque Nacional do Xingu.

Parque Nacional do Xingu

Em especial na década de 1940 e 50 houve um forte empenho por parte da imprensa, na criação uma reserva indígena, um parque nacional. Em 1952, os irmãos Villas Boas tiveram que denunciar o presidente da FBC (Fundação Brasil Central), pois o mesmo estava provavelmente ligado a um esquema de vendas de terras perto do Xingu, que pertenciam aos índios e futuramente ao Parque. Enfim, em 1961, o Presidente Jânio Quadros regulamenta o Parque, em outras palavras, cria de fato o Parque Nacional do Xingu. Porém, este, apesar de possuir um território bastante grande, não abrangia o espaço total que era pedido pelos Villas Boas e, consequentemente não permitiria colocar todas as tribos da região dentro do parque, com isso foi preciso que houvesse todo um trabalho de transferências de grupos indígenas para o Parque do Xingu. Processo muito difícil, vale salientar, que se inicia com os índios Kaiabi na década de 50 e 60 e só vai terminar em pleno auge do período ditatorial em 1975, com a transferência dos índios Kreen Akrore.

No parque existiam já em 1946, aproximadamente, doze tribos distintas na região do Xingu. Em 1980 eram registradas dezesseis povos, nove na região do Alto Xingu (Aweti, Kamaiurá, Kaiapaio, Kuikuru, Matipú, Nafuquá, Mehinaku, Waurá e Yawaiapiti) e sete no Baixo Xingu (Txucarramãe, Suiá, Krenakrõre, Kaiabi, Juruna, Txicão e Trumái). Quanto à linguística destes povos, três delas falavam Tupi, cinco falam Karibe, três utilizavam o Aruak, outras três usavam o Jê e as duas restantes falavam, cada uma, língua isolada[7]. Fica evidente, desta forma, que as quatros principais línguas indígenas do Brasil (Tupi, Aruak, Jê e Karibe) estão bem propagadas e representadas em tal região indígena.

Apesar da regulamentação do Parque Nacional do Xingu em 1961, o período militar quase acabou com o parque. Em 1967, ele chegou a ser extinto legalmente junto com o fechamento da CNPI (Comissão Nacional de Política Indigenista) e do a SPI (Serviço de Proteção ao Índio), que foi substituído pela FUNAI. O parque, na pratica, não deixou de existir, mas, somente voltou a ser legalizado em 1973 com o Estatuto do Índio (Lei 6.001, de 19/12/1973), sendo que oficialmente passa a ser Parque Índigena do Xingu. Lembrando que este estatuto muito se deve ao trabalho dos Villas Boas e de suas reivindicações junto às mídias sociais. A década de 1970 ainda ficou marcada por outros grandes conflitos entre governo e Villas Boas. Nesta referida década começou a construção da Transamazônica e da BR-080. Para a construção da primeira o governo exigia a pacificação imediata dos índios para que assim não atrapalhassem a construção da mesma, para a execução da BR-080 houve um conflito muito intenso, pois no seu projeto inicial não passaria por dentro das terras do parque, no entanto, de ultima hora foi mudado para passar por dentro do parque o que causou uma perda do território, pois o lado setentrional da rodovia foi tomado por fazendeiros, empresários, entre outros, que se apossaram destas terras.

Política Indigenista no Brasil

O tratamento que deveria ser dado ao índio é algo que gera conflitos e discussão desde o período colonial e, no século XX não poderia ser diferente. Nas primeiras

[7] Segundo gráfico do livro *Parque Indígena do Xingu,* na página 315. Dados do livro se encontram no referencial bibliográfico.

décadas do século XX, existia uma grande discussão sobre qual seria o melhor tratamento ao indígena, qual seria a melhor forma de pacificação: catequização ou proteção estatal.

Nos primeiros vinte anos de republica nada se fez para regulamentar as relações com os índios, embora ações de invasão e interferência não faltassem. No ano de 1910, ano da fundação do Serviço de Proteção aos Índios, enormes faixas do território nacional estavam interditadas a qualquer atividade econômica pelas lutas sangrentas que levavam tribos inteiras ao extermínio.

A população, distante não só geograficamente, mas ideologicamente da causa indígena, tinha o índio com uma fera indomada, que tomava conta da terra virgem. A criação de um órgão oficial que tratasse desse problema, a começar pela pressão da imprensa e a influencia das conferencias do Marechal Rondon que, em suas expedições revelou as pessoas uma nova imagem do índio. Descrição de chacinas, apelos por providências do governo, dessa forma a imprensa conseguiu reviver a questão indígena, que no Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia já tinha se tornado a questão objeto de quatro alentadas teses.

Duas correntes propunham soluções para os desafios de lidar com os indígenas que estavam "cada vez mais violentos", por causa da expansão do homem branco nas suas terras. Uma, defendia, que a única forma de conseguir segurar o ímpeto dos indígenas era a catequização na fé Cristã. A outra visão era a de que, o papel de assistência e proteção ao índio era do Estado.

A catequização cada vez gerava mais dúvidas sobre sua eficácia e as experiências de pacificação, com êxito realizado pelo Marechal Rondon, ajudaram o governo a criar ,em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), o que significou, um relativo avanço na política indigenista brasileira, ou melhor, o início de fato, de uma política, pelo menos na teoria, voltada à defesa do índio, onde, pela primeira vez é organizado e regulamentado,

> Como principio de lei, o respeito às tribos indígenas como povos que tinham o direito de serem eles próprios, de professar suas crenças, de viver segundo o único modo que sabiam fazê-lo: ou aquele que aprenderam de seus antepassados e que só lentamente podia mudar. (RIBEIRO, 1970, p,158)

Outros direitos, ao menos no papel, foram conquistados como: não poder mais ser retirada nenhuma criança indígena do convívio dos pais; proteção ao índio em seu próprio território; plena garantia possessória, de caráter coletivo e inalienável, das terras que ocupam, como condição básica para sua tranqüilidade e seu desenvolvimento, etc. Mas, apesar desses avanços e, de trabalhar durante um bom período aliado com os interesses humanitários dos Villas Boas, a SPI ainda possuía uma visão muito positivista da proteção ao indígena, ou seja, tenta quase que compulsoriamente, integrar o índio à sociedade, para que pudesse com sua mão de obra, ajudar no progresso do país, sem falar que, devido o SPI estar sempre muito ligado à políticos e consequentemente a empresários poderosos, começou a trilhar caminhos totalmente opostos aos que diziam respeito à preservação dos direitos indígenas. Mas, é neste momento, que aparece com mais força o nome dos Villas Boas que, além de, obviamente, serem contra as atitudes do SPI, também possuíam uma visão diferente sobre a proteção ao indígena. Os indigenistas tinham uma visão com mais propriedade da situação das nações indígenas, pois já estavam há vários anos em contato e pacificando tribos inteiras. Sabiam que não poderiam integrar o índio na sociedade de forma rápida e que, primeiro, era preciso criar condições para eles preservarem sua cultura e criarem imunidade nos seus corpos as várias doenças. O trecho, a seguir, de uma entrevista com Claudio Villas Boas retrata bem esta preocupação com a integração do indígena à sociedade, e com os perigos das doenças.

> A intensidade do drama que vive um índio a tentar integrar-se é igual àquela que um homem do nosso tempo enfrentaria na mesma situação, defrontando-se com uma civilização incrivelmente superior em sua estrutura e técnica, seres que apareçam em aparelhos tão espantosos quanto o avião é para os índios, e que, além de explorá-lo economicamente, trazem-lhe doenças para as quais seus remédios não funcionam. [...] – Tínhamos notado que a doutrina de Rondon [a da SPI também] não previa esta situação: o índio não podia saltar direto para nossa civilização. Também rejeitávamos a tese de manter os índios indefinidamente afastados da sociedade brasileira, pois sentíamos que era uma atitude romântica, que negava a realidade, e os levaria à destruição também, só que mais tarde. [...] Concluímos que só havia um caminho: estabelecer um ritmo muito lento de desenvolvimento para o processo de integração, dar-lhes um prazo de 50 a 70 anos. (REALIDADE, Revista. 1967,p.78)

Tal conscientização dos irmãos Villas Boas, foi muito importante para o avanço da política indigenista no Brasil, mesmo com suas possíveis falhas, os irmãos desempenharam um importante papel na criação do Parque Nacional do Xingu e na defesa das questões indígenas durante o período de opressão da ditadura militar, período, no qual, acontece o mais baixo nível de comprometimento do SPI com suas obrigações, sendo substituída pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) em 1967, a qual no início, tomou atitudes animadoras, como o aumento da área do Parque Nacional do Xingu de 22 mil para 30 mil quilômetros quadrados e a criação de três novos parques indígenas: o Parque Indígena Tumucumaque[8], o Parque Indígena Aripuanã[9] e o Parque Indígena Araguaia[10]. Mas mesmo com essas iniciativas o modelo de política indigenista que vigorava neste órgão do governo era ainda:

> - De natureza desenvolvimentista, baseava-se na premissa de que os grupos indígenas deveriam ser rapidamente integrados, como força de trabalho de reserva ou como produtores de mercadorias, às economias regionais em expansão e às estruturas de classe rurais do Brasil.(DAVIS, 1978, p. 74.)

Essa visão divergia, por sua vez, da dos Villas Boas, que se preocupavam como seria essa integração do índio com a sociedade. Eles pensavam que deveria haver uma proteção ampla do Estado para com as tribos, evitando intromissões de tais áreas preservadas e reservadas aos indígenas e somente assim serem gradualmente preparados*, "como grupos étnicos independentes para se integrarem à sociedade e à economia do Brasil"* (DAVIS, 1978, p.73). E para piorar a situação de conflito com os Villas Boas, em 1970, houve uma mudança na direção da FUNAI[11] que refletia bem o rigor e o autoritarismo do governo Médici. Neste ano um ex-oficial militar assume a FUNAI, fazendo mudanças na política indigenista do governo, e propondo voltar à prática de utilizar os índios, como produtores de utensílios para, que com sua renda, fossem pagos os agentes que se encontravam nos postos indígenas. Entre tantas

[8] Parque está localizado nos estados do Amapá e Pará.
[9] Parque está localizado nos estados do Mato Grosso e Rondônia.
[10] Parque está localizado no estado do Tocantins
[11] Fundação Nacional do Índio. Criada pela Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, entidade com patrimônio próprio e personalidade jurídica de direito privado, é o órgão federal responsável pelo estabelecimento e execução da política indigenista brasileira em cumprimento ao que determina a Constituição Federal Brasileira de 1988.

outras medidas trágicas, destaca-se uma que foi a construção da tão falada rodovia Transamazônica. A obrigação dos agentes da FUNAI, no período da construção da rodovia, era pacificar os indígenas, para que não fossem empecilhos na ocupação da Amazônia, nas obras, para que os índios não se tornassem uma ameaça para os trabalhadores, ou seja, ficava totalmente explícito, que o importante para o governo era o "progresso da nação".

Outra medida conflituosa do governo foi a construção da BR-080 que no projeto inicial deveria passar por fora do Parque Nacional do Xingu, mas, de última hora o governo decidiu que precisaria passar a rodovia por dentro dos limites do parque. Essa atitude governamental assustou e irritou os irmãos Villas Boas que influenciaram uma onda de protestos contra esta atitude arbitrária do governo. Mas, apesar de todas as reivindicações feitas por pessoas influentes da sociedade, de nada adiantou; o que os irmãos temiam, aconteceu. A construção da BR-080, por dentro dos limites do parque, a primeira vista, não parece tão assustadora assim, mas, os Villas Boas sabiam que não era só a rodovia que ia entrar no parque, junto com ela iriam vir diversos "donos" de terras antes pertencentes ao Parque.

Apesar de serem conhecidas algumas das lutas e desafios dos irmãos Villas Boas no período militar, acredita-se que existe muita história para ser conhecida e uma influência ainda maior dos irmãos neste período. Esta afirmação se deve ao fato que nas décadas de 1960 e 1970 ocorreu uma diminuição de informações da imprensa sobre acontecimentos que envolviam o Parque Indígena do Xingu e as questões indígenas como um todo. Muito desta redução de informações, pode se supor que provém do rigor da censura do governo. Um comentário muito interessante sobre esta questão é feito por Maria Lucia Pires Menezes[12].

> A instabilidade política que sucedeu a renúncia de Jânio Quadros, passando pelo governo João Goulart [...] até os primeiros anos após o Golpe Militar de 1964, significou, em relação ao Parque Nacional do Xingu, um período de absoluta falta de divulgação na imprensa do país. Frustrante situação para um objeto que durante dez anos [entre as décadas de 40 e 50] rendeu tantas reportagens aos jornais. O que nos leva a concluir que o Parque Nacional do Xingu passou a ser,

[12] Doutora em Geografia pela UFRJ. Desenvolveu um estudo sobre como se deu o surgimento do Parque Indígena do Xingu. Dados do livro se encontram no referencial bibliográfico.

> quando criado oficialmente [1961], um "segredo de Estado". (MENEZES. 2000, p. 322-323)

Com essa afirmação descrita acima fica evidente a importância de se estudar este período mais profundamente. É importante utilizar-se a imprensa alternativa, como é o caso do presente trabalho, com o intuito de obter uma visão mais crítica e imparcial da importância dos Villas Boas na política indigenista, principalmente, no complicado período da Ditadura Militar. A presente pesquisa tem como objetivo iniciar uma análise mais cuidadosa sobre esta questão, e futuramente trazer uma nova visão dos acontecimentos e da relevância dos irmãos Villas Boas.

Referências

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

MENEZES, Maria Lucia Pires. *Parque Indígena do Xingu*. Editora da UNICAMP, São Paulo, 1999

DAVIS, Shelton. *Vítimas do milagre.* Cambridge University Press, Nova York, 1997

VILLAS BOAS, Orlando e Cláudio. *Xingu- Os índios seus Mitos,* Zahar, 1974

AZEVEDO, Carlos*.* "A Boa alma dos Villas Boas". In: *Revista Realidade.* Rio de Janeiro, n. 14, p. 73-80, maio. 1967.

Referências da Internet

Disponível em: <www.funai.gov.br>. Acesso em: 14 de Out.2013.

Velando al Rio Trenzado: Poder Simbólico y Lucha por el Agua[13]

Andrea Ponce García[14]

Resumen: en base a un recorrido por la historia hidráulica de una comunidad campesina ubicada en la provincia de Pichincha en Ecuador, se analiza el poder de los símbolos, así como el simbolismo del poder implícito en el proceso de acceso al agua. Atravesando por varias "etapas" históricas, las posturas y discursos de distintos actores (hacendados, empresas agroexportadoras de flores, comuneros, aguateros, gobiernos locales) es dable visibilizar una pluralidad de poderes conformado en torno al elemento hídrico vital. En ese sentido, el acercamiento que los pobladores de la comunidad ejercen frente al agua, que al estar cargada de fuertes connotaciones simbólicas y rituales, llega a constituirse en una herramienta estratégica de resistencia.

Palabras-clave: Agua, poder, lucha, resistencia, simbolismo

Cayambe es uno de los ocho cantones pertenecientes a la provincia de Pichincha-Ecuador, cuya cabecera cantonal es San Pedro de Cayambe y se encuentra a 75 Km. al nororiente de la ciudad de Quito sobre los 2.700 m.s.n.m., atravesado por la línea ecuatorial. Posee ocho parroquias, las cuales se dividen en: tres urbanas (Cayambe, Ayora, Juan Montalvo) y cinco rurales (Ascázubi, Cangahua, Otón, Santa Rosa de Cusubamba y Olmedo). Siendo justamente en esta última parroquia rural (comunidad de la Chimba[15]), donde el estudio[16] fue llevado a cabo.

[13] A partir de la tesis de disertación que **"Connotaciones Simbólicas y Valoraciones de poder en la lucha por el agua. Estudio de caso: comunidad campesina 'La Chimba'- Cayambe, Ecuador"** (PONCE, 2011, PUCE –Ecuador), realicé este paper, dando mayor énfasis al debate originado en torno al poder simbólico como estrategia de resistencia a la lucha por el agua. La intención de tal acercamiento responde al esfuerzo por dialogar con las demás propuestas presentadas dentro del GT POVOS INDÍGENAS E AMBIENTE, enmarcado en las actividades realizadas en el encuentro de Historia Ambiental, UFPEE-Recife, Noviembre 2013.

[14] Antropóloga Sociocultural (UNICAMP)/ andrea_ponceg@yahoo.com

[15] El nombre de la Chimba parte de la palabra kichwa *yakuchimba*, lo cual significa "río trenzado"

[16] El trabajo de campo llevado a cabo para el levantamiento de información primaria tuvo una duración aproximada de seis meses, donde la investigadora efectuó: entrevistas focalizadas y colectivas, grupos focales, discusiones comunitarias en torno a material audiovisual, talleres de diagnóstico, historias de vida, participación en asambleas y mingas comunales y visita a lugares de relevante importancia para el tema en cuestión, como: los ojos de agua, poklios, rutas de canales y acequias de riego, captación, óvalos de distribución de agua; y todo ello enmarcado en la base metodológica de la observación participante.

Además, cabe puntualizar que pese a que la presente investigación tuvo como estudio de caso a la comunidad campesina aludida, la investigación requirió adoptar un carácter multilocal, al tratarse de una problemática bastante compleja que engloba a varios espacios simbólicos de poder y a diversidad de actores sociales, organizaciones, y al propio Estado. Razón por la cual fue preciso llevar a cabo estas técnicas metodológicas en algunas comunidades de Olmedo, algunas parroquias del cantón Pedro Moncayo y en la ciudad de Quito.

Una de las razones por las cuales fue escogida esta comunidad en particular para realizar el análisis es que se consolida en un caso complejo que revela amplias contradicciones; ya que, pese a estar localizada al pie del nevado Cayambe y por consecuencia, supuesta beneficiaria de los deshielos y gran cantidad de caudales hídricos, varias son las disputas originadas a partir de la escasez sentida. Conflictos que perpasan la escena local, ampliándose a una red que conecta a representantes internos (dirigentes de juntas de agua, organizaciones de segundo grado (OSG[17]), gobiernos cantonales y provinciales) con el Estado y con empresas nacionales y privadas[18].

Lo que ocurre en la actualidad está marcado por la existencia de varias pugnas por el agua, ocasionadas a partir de la escasez sentida. Como algunos comuneros han señalado, la Chimba[19] es la "puerta de entrada" a partir de la cual se originan las distintas acequias que riegan gran parte del cantón Cayambe y Pedro Moncayo.

Además, al estar constituida desde su creación (1911) por familias indígenas y campesinas, es un matiz que permite develar otras maneras de acercamiento y

[17] La principal OSG que juega un papel muy importante al interior de esta dinámica social particular es el CODEMIA (Consorcio de Desarrollo de Manejo Integral de Agua y Ambiente Cayambe -Pedro Moncayo).

[18] Dado que en este paper se "priorizó" referirnos al tema de las concepciones simbólicas, se cree importante contextualizar brevemente lo que se refiere a las connotaciones de poder y conflictividades varias inmersas en esta temática. A modo de un recorrido histórico se podría decir que en la zona de estudio desde "el tiempo de la hacienda" (Ferraro,2004), los indígenas fueron forzados a trabajar en la construcción de un canal de riego que distribuyera agua tanto para el cantón Cayambe, como al de Pedro Moncayo. Varios fueron los períodos en los que campesinos de ambos cantones tuvieron que pagar por tener acceso al agua para regar sus cultivos; situación que evidentemente se complejizó aún más a partir del año de 1986 con la entrada de un alto porcentaje de empresas agroexportadoras de flores en la zona, capital que requiere importante uso de agua para su eficiente productividad.
Finalmente, se suma la presencia de intereses de empresas, que como la "Andrade Gutierrez"-constructora brasileira, entraron a este campo de batallas cuando iniciaron las obras de construcción de un canal de riego bicantonal paralelo a aquella acequia que hace un siglo seria levantada por algunos de los antepasados de los chimbeños actuales. Canal que ha quedado absolutamente paralizado por inconvenientes con el Estado ecuatoriano.
En fin, como se ve, partiendo de la experiencia comunitaria que se vive en la Chimba, la propuesta de análisis contempla visualizar toda esta gama de posturas e intereses que se mueven y transitan en la historia compartida de ese grupo social en particular en relación a su relación y acceso al agua.
Fue de importante interés que cuando ya me encontraba lista para entregar mi último capítulo de tesis, comenzó también a surgir un movimiento interesante a nivel nacional, donde obviamente la voz de la Confederación de las Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE) se hizo oír, denunciando en contra de varias de las "propuestas" que emergían junto con la recién fundada Secretaria Nacional del Agua (SENAMI).
Frente a todo ello, los pobladores comienzan a organizarse bajo modalidades de juntas de regantes o de organizaciones de segundo grado para iniciar una batalla (real y simbólica) por el agua.

[19] La Chimba se halla conformada por cinco sectores: Contadero, Hierbabuena, Pulisa, Centro Cívico y Chilkajucho.

tratamiento del agua, de percepciones simbólicas, que como se mencionó anteriormente, en algunos casos se han forjado como armas de resistencia frente a las conflictividades externas.

La comunidad ha experimentado notables cambios y trastocaciones en el paisaje ecológico-productivo, que en un inicio la colocaban como agrícola y que hoy por hoy, reflejan la inserción de nuevas dinámicas principalmente ganaderas[20], elemento económico que de cierta manera conecta a la comunidad con el mercado local de Cayambe. Se menciona aquello puesto que así mismo los objetivos de lucha comunitaria han ido mudando, ya que se ha visto un traspaso de terratenientes[21] hacia la consolidación de los aguatenientes; hecho que indudablemente pone en manifiesto una nueva gama de poderes simbólicos (y reales); así como de las distintas formas de adaptación o resistencia.

Historia hidráulica: traslado de poderes

La "historia hidráulica" ecuatoriana nos demuestra que la inequidad y la deficiencia en la redistribución del recurso han sido unas constantes. Desde la promulgación de las distintas leyes de agua y la puesta en práctica de las mismas en los diferentes momentos históricos de nuestro país se han visibilizado diversos modos de ejercer el poder y de confrontarlo.

Siguiendo a Blanco se entiende que el poder puede ser definido como la capacidad, en cualquier relación, de exigir los servicios o colaboración de los demás. Exigencias que se vieron dirigidas por los representantes del poder en los períodos: coloniales, hacendatarios, agro empresariales y en todos ellos, la presencia del Estado central siempre presente.

[20]Al respecto, nos parece pertinente señalar que dentro de La Chimba existe un 'Centro de Acopio' de leche, el cual se constituye en un verdadero eje de concentración comunal, alrededor del mismo se suscitan asambleas organizativas, se organizan cuestiones económicas y productivas. Visto desde una perspectiva de geopolítica simbólica, este lugar es un espacio que concentra multiplicidad de poderes.
[21] La lucha por la tierra en el cantón Cayambe ha sido una de las más representativas a nivel nacional, varias figuras políticas locales fueron emergiendo y consolidándose en referentes, entre las que se pueden nombrar: Dolores Cacuango, Tránsito Amaguaña, Neptalí Ucuango, entre otros.

Conjugando los saberes hidráulicos de los invasores españoles con la mano de obra gratuita de las comunidades regionales, se logró que *"los propietarios de las haciendas, a medida que se afirmaba el poder colonial, con la ayuda del poder judicial a menudo adquirido a su causa, monopolizaran los derechos de agua de las comunidades indias y se apropiaran de las tierras irrigadas"*[22].

El poder durante el tiempo de las haciendas se vio personificado por los patrones, respondiendo así a la tendencia innata de los hombres de antropomorfizar el poder (Geertz: 1973a). A partir del S. XVII, creció con fuerza el control de la hacienda y cuando este sistema pre-capitalista empujó a los pobladores a las zonas más altas, se obtuvo que *"la formación de la hacienda incluyó la promoción del pastoreo extensivo en el páramo y la apropiación del agua, tomándose antiguas acequias prehispánicas o construyéndose nuevas canalizaciones para la producción agraria…*[23]*"*.

Siguiendo el modelo analítico propuesto para este artículo, donde se busca una confrontación de las nociones de poder con aquellas de naturaleza simbólica, inmersas en esta problemática; es posible leer en este sentido el hecho de la construcción de las distintas acequias locales, levantadas en época hacendataria. Siendo así que durante estos años, los pobladores de las distintas comunidades que se hallan en la ruta de dichos canales de riego, han ido empoderándose y apropiándose de las acequias, no solo de manera física; sino dentro de una esfera altamente simbólica.

Según Sherbondy, *"estos sistemas son tan fundamentales para la agricultura andina que han sido el foco de los valores culturales y simbolismos que expresan la médula de las creencias sobre la vida misma en los Andes*[24]*"* Además, para lograr asimilar la significación social, de la que han sido altamente cargados los canales y acequias, resulta preciso resaltar que la naturaleza propia del riego en tierras andinas ha sido desde un inicio, comunal. Particularidad que logra dotar a cada acequia de un sentir colectivo, donde se reúne, las tradiciones de antaño, las experiencias pretéritas compartidas y el presente, sobre el cual los usuarios actuales de los canales-

[22] Recalt, 2007: 71
[23] Recharte y Gearheard, 2001: 60
[24] Sherbondy en Boelens, 1998: 226

patrimonio ejercen fuerte incidencia. Es decir, que dichas acequias articulan a *"grupos que comparten un sentido de parentesco, de antepasados comunes y de origen en las mismas fuentes locales de agua*[25]*".*

De esta manera, el riego ha jugado y en muchos casos continúa jugando un papel aglutinador y dinamizador de gran importancia en las estrategias campesinas, en la generación de organizaciones inter e intra-comunales, en la conformación de las identidades hidráulicas locales y reforzando los enlaces entre 'arriba' y 'abajo'[26]. Dado que la lógica de las formas simbólicas no radica en sí misma, sino en su uso, se ha visto cómo los pobladores actuales se encuentran empoderándose continuamente de las acequias locales: usándolas, manteniéndolas y creando todo un aparataje de derechos consuetudinarios y normas internas para administrar y distribuir el agua.

Articulando aquello con la propuesta de la naturaleza "pública del pensamiento" y el concepto de patrimonio colectivo (Geertz, 1997) es dable afirmar que cada una de las acequias mencionadas lleva en sí una mistura entre tradición, identidad y re-conocimiento; y por lo tanto, con el pasar del tiempo han pasado a constituirse en fuertes remanentes de consolidación y unificación. Desde el punto de vista identitario posibilitan el tránsito de símbolos de una generación a otra y dan paso a una horizontalidad temporal, entre el 'nosotros' y 'ellos' (comuneros actuales y parientes que levantaron las acequias en la época hacendataria).

Por otro lado**,** pese a que debido a la ubicación de La Chimba en tierras altas, los comuneros no han experimentado conflictos a causa de la implementación de empresas agroexportadoras de flores en su localidad, los chimbeños conocen perfectamente las dificultades vividas por otros comuneros después de la instalación de tales empresas. Dentro del imaginario de los sujetos sociales, la inserción de las empresas florícolas ha significado un traspaso de lo que en sus tiempos, llegaron a ser las haciendas en la zona, con sus específicos *modus operandi.*

[25] Íbid: 226
[26] Retomaremos sobre este tema posteriormente.

Por lo tanto, como se ve, aunque la comunidad de estudio no ha experimentado de forma directa los impactos sociales, económicos y ambientales de la floricultura; se consideró apropiado referirnos a tal "agencia", puesto que resultan innegables las repercusiones sociales que se han ocasionado en las comunidades circundantes al radio de producción de flores, en relación a las dificultades vividas por el acceso al agua, presencia de monocultivos en detrimento de producción de auto-sustento, situación de marginalidad y relativa pérdida de valores comunitarios. Sumando a ello, las significativas cantidades de agua que se requiere para la producción de flores de agroexportación.

En base a una serie de relatos testimoniales recogidos durante la fase de trabajo de campo, fue posible obtener que desde el año de instauración de las empresas (1986), el gobierno municipal del cantón Pedro Moncayo revelaba evidentes preferencias para con estas entidades, en detrimento de las comunidades de Cayambe, entre las que se encuentra La Chimba.

Como se ve, la 'trama' de esta problemática, inscribe en sí, una especie de confrontación de dos poderes claramente señalados, los cuales pueden llegar a ser en instancias, antagónicos, o a yuxtaponerse bajo ciertos parámetros. Primeramente, se percibe un tipo de poder que articula las percepciones e intereses de las anteriores estructuras de hacienda, del Estado, de las empresas florícolas; y un segundo poder que es el que se 'enfrenta' simbólicamente al anterior y que conlleva concepciones de resistencia al polo dominante. Este tipo de poder refleja las dinámicas de alianza y de conflicto vividas al interior de la comunidad de la Chimba.

Las disputas y los acuerdos por el elemento hídrico se han ido desatando tanto a un nivel interno comunitario, como en relación a acciones y decisiones externas. No obstante, los conflictos no han respondido exclusivamente a esferas externas, sino que dentro de la comunidad de análisis se han registrado así mismo, deficiencias para redistribuir el elemento hídrico. Durante la participación en las asambleas de La Chimba fue posible detectar que las pugnas se hallan enmarcadas en un esquema dual, a partir del cual resultan identificados 'los de arriba' y 'los de abajo'.

Siguiendo con este modelo de dualidad y complementariedad, el agua también ha pasado a dividirse según el esquema bipartito de hanan y urin. Dicha fragmentación entre dos mitades de la comunidad y los pisos ecológicos que sus integrantes controlan y representan, corresponde a una oposición entre lo alto y bajo en el cual el agua juega un papel de elemento unificador. A decir de Paul Gelles, *"el sistema hanan/urin de organización dual le da una forma general al modelo local de manejo hídrico y está semánticamente relacionado con un grupo mayor de dualismos que son parte fundamental de la cosmovisión [andina][27]"*.

Geográficamente, el 'arriba' es beneficiado, por su cercanía a las fuentes y a las zonas de páramo, su acceso resulta aparentemente menos lleno de dificultades; mientras que los que habitan 'abajo' deben esperar que la cantidad de agua sea la suficiente para que logre regar sus sembríos, agregándole a ello, la predisposición y la organización que se lleve dentro de la comunidad, para tener herramientas suficientes para poder reclamar por sus turnos de agua.

No obstante, siguiendo a Gluckman, quien sostiene que *"el conflicto tiene una naturaleza muy concreta dentro de la sociedad: ser un mecanismo de ajuste[28]"* es posible analizar que el dinamismo que otorga esta realidad interna, donde se ve que efectivamente no siempre se suscita el consenso, el agua se está convirtiendo en el eje legítimo de unión y ajuste entre los cinco sectores que conforman esta comunidad campesina del país.

Política como acción simbólica

Ahora bien, frente a estas conflictividades, desde la comunidad se han originado ciertas 'vías de escape' que poseen generalmente una alta carga simbólica que denota una visión particular del mundo. En el caso de La Chimba, como veremos a continuación se han valido de las siguientes 'armas' de poder para enfrentarse a los agentes externos o internos que ponen en peligro latente el acceso al agua. Entre estas evidencias reivindicatorias se hallan: el compadrazgo y el parentesco, el surgimiento de organizaciones de segundo grado a nivel cantonal, los ejes de

[27] Gelles, en: Boelens, 1998: 277
[28] Gluckman, en: Fábregas, 1976: 199

organización interna para administrar el agua y la revitalización de ciertas valorizaciones culturales creadas en torno al agua, que se distinguen categóricamente del entendimiento occidental.

Acerca de las redes de parentesco, se asimila que éstas se han ido configurando desde tiempos pretéritos entre los pobladores de las comunidades altas de Cayambe y las bajas de Pedro Moncayo. Desde los años en que se dio inicio la construcción de acequias locales, se han forjado alianzas que colocan a unos frente a otros como parientes simbólicos o reales. Lo fundamental de esta conformación paulatina de redes sociales en relación al tema que concierne, es que la lucha por el derecho y la gestión del agua ha unificado a 'los de arriba' con 'los de abajo'[29] en el mismo objetivo; el sentimiento de familiaridad ha provocado que el surgimiento de reivindicaciones y procesos de resistencia no queden circunscritas a un perímetro limitado, sino que se extienda aún más.

Sobre la tercera 'maniobra de defensa' mencionada, se halla que la forma específica de gestionar colectivamente el agua en la Chimba responde a nuevos ejes que pretenden de base ser más justos y equitativos. Pese a que como se mencionó con anterioridad, la comunidad no es un espacio romántico de armonía, sino que al interior de la misma se han desatado también pugnas por el agua; vale reconocerse que dentro de estos ejes organizativos se han adoptado nuevas prácticas que buscan mejorar y efectivizar la gestión colectiva del agua.

[29] Se añade que la dualidad es una concepción que plantea la posibilidad de que partes de una misma esencia, los dos polos complementarios formen una unidad constituida y compleja; situación que por su parte evoca una estructuración binaria del pensamiento, y por ende, de una catalogación del universo específica. A modo de antecedente se agrega que esta manera particular de dividir binariamente a las comunidades ha llegado a representar un rezago tradicional de aquella manera andina de organizar, distribuir, administrar sus recursos y nominar a sectores al interior de las comunas; desde tiempos incaicos, esta división bipartita estuvo ligada a "estructuras coloniales del poder" (Gelles, en Boelens, 1998: 280).
Se puede sostener que la organización dual llegó a servir a los intereses del imperio Inca, posteriormente a los colonizadores europeos y por último, a las élites locales que se han ido conformando con el paso del tiempo. Específicamente en el período incaico, esta concepción simbólica tempo-espacial, fue funcional, en cuanto permitía mantener vigente la hegemonía del imperio al instalar kurakas en los pueblos conquistados de hanan y urinsaya. Posteriormente, en los siglos XIX y XX, el fraccionamiento social en dos mitades (llamadas en ese entonces 'parcialidades'), pasó a constituirse en un verdadero mecanismo de dominio ejercido por las autoridades locales, sirviendo así a los propósitos administrativos.

Dichas innovaciones tienen que ver con el delineamiento de turnos, captaciones por óvalos y puesta en práctica de derechos y deberes consuetudinarios, que se han develado con mayor fuerza en la forma de sancionar a los comuneros o familias que no se encuentren participando activamente de actividades comunitarias como las mingas, la reconstrucción de acequias locales o la vigilancia a las entradas del páramo.

La organización por el agua ha implicado también revalorizar todas y cada una de las actividades sociales que son lideradas por los usuarios, así como, dotar de legitimidad a los criterios de uso y circulación, reglas, obligaciones y normas, asumidas en consenso. Otorgando sentido al diálogo que se ha construido entre los regantes y "su" agua y a la autonomía que se pretende hallar expresada en las decisiones que se tomen al interior de la comunidad para con su sistema de riego y la crianza del agua.
Por último, la estrategia de resistencia de la que se han valido paralelamente los pobladores de la comunidad para hacer frente al poder con sus respectivas transmutaciones históricas, tiene que ver con las percepción(es) colectivas creadas y recreadas en torno el agua.

Este tipo de valoración alrededor del elemento vital, bien puede incidir también para que los comuneros que cohabitan con las fuentes hídricas sigan construyendo constantemente una nueva noción de 'valor' para el agua, que se diferencie de netos otorgamientos mercantiles y así desembocar en nuevos sentidos, donde la naturaleza no sea pensada como recurso de compra y venta; dándose paso al surgimiento de un giro hermenéutico que repose sobre esta nueva valoración alrededor del agua.

Durante la ejecución de la fase de trabajo de campo, fue posible determinar que gran parte de los comuneros afirman la existencia de un 'parentesco simbólico' con el agua, al ser ésta (o éste) un hermano o una madre. La principal relación que sostuvieron la mayoría de los informantes que colaboraron en esta investigación es que "*el agua es vida"*[30]. A más de este entendimiento y particular relacionamiento con el agua, fue de vital importancia observar que en algunos sectores y principalmente por parte de la población de adultos mayores aún se conservan ciertas ritualizaciones direccionadas

[30] Entrevista realizada el 25 de septiembre del 2008 al dirigente de riego de la Esperanza (PM).

a asegurar la llegada del agua a las tierras comunitarias, como a agradecer en base a algunos elementos la presencia del elemento hídrico en cualquiera de sus manifestaciones.

Los ojos de agua por ejemplo, son vistos como las fuentes mismas de este recurso vital, que al emerger desde las profundidades, cargan en sí un relevante trasfondo simbólico, al estar en contacto con las entrañas mismas de la tierra. En base a la memoria colectiva se pudo abstraer que ritos importantes en relación a los poklios[31] y ojos de agua han consistido en las ofrendas dadas a los mismos, de panela y flores. Estas fuentes hídricas inmediatamente pasan a constituirse en los focos de alianza, que circunscriben símbolos necesarios para llevar adelante proyectos de unificación política.

Otro de los rituales conocidos en la comunidad –aunque cada vez se halle en mayor peligro de extinción- es el 'Wakcha karay', el cual conserva como objetivo fundamental 'el llamar el agua del cielo'; este ritual consiste en llevar a niños y niñas, de seis a siete años al monte, para que canten y de este modo atraer la lluvia en momentos de sequía o escasez. Por lo tanto, como se ve, los símbolos sagrados relacionan una ontología y una cosmología a una estética y una moral. Su poder peculiar emana de su supuesta capacidad de identificar al nivel más fundamental un hecho con un valor.

El simbolismo, la sacralidad y la ritualidad en la que se ha visto inmersa el agua se presentan como argumentos de lucha y resistencia que se ubican en la esfera inconsciente. Estas acciones concretas dan cuenta de una 'visión del mundo' y de un 'ethos' que caminan de la mano de los procesos sociales, culturales y políticos.

A modo de conclusiones

Después de haber realizado esta investigación, es posible también concluir que el contexto histórico y el paisaje agro-ecológico específico del cantón Cayambe guardan estrecha relación con lo que se suscita hoy en día en torno al agua; es decir que, el

[31] poklio-punku', se deduce que 'unu' significa agua en quechua y 'punku' por su parte, puerta.

escenario regional da cuenta de conflictividades que se repiten en muchas de las comunidades y parroquias que conforman el cantón. Después de todo, su particularidad en cuanto a la historia de acceso a la tierra, las reivindicaciones políticas allí desenvueltas, han configurado el escenario, donde hoy por hoy se plantea una disputa crónica interna por el agua.

Distintas estrategias han sido asumidas para defender caudales hídricos y la fuente de la cual se originan, el páramo. Sobre ello, se concluye que al interior de la comunidad se han evidenciado prácticas y ejercicios de consenso y participación para redistribuir el recurso, impulsos a la conformación y fortalecimiento de Organizaciones de Segundo Grado (OSG), que otorguen mayor representatividad a los 'usuarios' de las acequias de riego comunitarias.

El agua, pasa así a convierte en el elemento central que articula rivalidades y conflictos, más también, uniones y alianzas comunitarias, indispensables para afirmar una identidad propia y para acceder al poder político. El campesinado actual enfrenta nuevos retos y se resuelve y re-conforma frente a recientes estructuras monopolizantes, la acumulación de la tierra se ve acompañada de procesos de acaparamiento del agua, dando paso al aparecimiento de los llamados 'aguatenientes'. Frente a estas situaciones, la variable simbólica, ha aportado desde el interior de los nuevos modelos de riego, asumidos por los usuarios directos y protectores de las fuentes de agua, proporcionando nuevas redes que unifiquen a la familia campesina en renovadas relaciones sociales a nivel local alrededor del riego. La problemática del riego y del acceso al agua en sí potencialmente puede extenderse a temáticas que retomen la complejidad de la gestión social de los recursos naturales y del territorio, nociones de derechos de agua y acciones colectivas (en este caso de grupos indígenas), conceptualizaciones en base a la soberanía alimentaria y valoraciones de género; lo que nos llevaría a afirmar uniendo todos estos elementos precedentes, que el agua llega a representar también identidad. Por lo tanto, para lograr comprender los propios derechos indígenas sobre el agua y su relación con la producción cultural es necesario entender la comunidad andina *per se*.

Así mismo es posible concluir que la ecología social del uso del agua se convirtió en la modalidad principal de defensa del espacio étnico propio contra intrusiones foráneas. Dentro de la comunidad de La Chimba se observan hasta la actualidad rituales, festividades y concepciones simbólicas que le otorgan al agua un tipo de valoración distinta a la acostumbrada en las naciones de tradición occidental.

Pese a que los jóvenes no tengan conocimientos muy amplios sobre estas prácticas particulares que dibujan una manera propia de acercamiento e interrelación con el agua –y en extensión con toda la ecología- se percibe en La Chimba, esta insistencia por reconocer los atributos simbólicos del elemento de vida, aunque estos pasen algunas veces desapercibidos o no formen parte de discursos abiertos y reconocidos colectivamente.

Para finalizar, se concluye que el poder simbólico del agua se ve encarnado en el potencial que tiene para cohesionar fuerzas y para formular líneas de defensa entre los diferentes actores sociales que forman parte de esta problemática. Es innegable entonces, que, dentro de todos estos conflictos planteados entre comunidades, familias, cantones y que muchas veces responden a un auténtico "diálogo de sordos", lo que se halla atravesando transversalmente a esta compleja realidad, es el reconocimiento del agua como símbolo dominante o como eje de un poder simbólico que provoca el movimiento permanente de las personas que prescinden de ella, sea bien para articularse, enfrentarse o resistir.

Bibliografía

BLANCO Joaquín. 1977. Teoría del Poder, Madrid: Ediciones Pirámide.

BOELENS Rutgerd, HENDRIKS Jan (Edit.). 2004. "Gestión local, derechos colectivos y legislación de recursos hídricos", Vol. 4, [s/c]: Wageningen University, WALIR Studies, IWE, CEPAL (Pp. 3- 62).

BOELENS Rutgerd. 1998. "Economía campesina y riego andino" En: Rutgerd Boelens, Gloria Dávila (Coord.), Buscando la equidad: concepciones sobre justicia y equidad en el riego campesino, Países Bajos: Van Gorcum (Pp. 247- 258).

FÁBREGAS Andrés. 1976a. “El estudio de la vida política en Antropología: una evaluación”. En: Revista Comunidad de la Universidad Iberoamericana, # 56, México: Universidad Iberoamericana (Pp. 198- 225).

----------. 1976b. Antropología Política: una antología, México: Prisma.

GEERTZ Clifford. 1973. Visión del mundo y análisis de símbolos sagrados, primera edición, Perú: Universidad Católica del Perú.

----------. 1997. “La Ideología como sistema cultural”, En: Rueda Marco y Moreno Segundo, Cosmos, hombre y sacralidad, Quito: Abya Yala, PUCE (Pp. 127-165).

GELLES Paul. 1998. “Lógicas culturales que compiten: modelos estatales e indígenas en conflicto. En: Boelens Rutgerd y Gloria Dávila (Coord.), Buscando la equidad: concepciones sobre justicia y equidad en el riego campesino, Países Bajos: Van Gorcum (Pp. 274- 285).

RECHARTE Jorge, GEARHEAD Jakob. 2001. “Los páramos altamente diversos del Ecuador: Ecología Política de una ecorregión”. En: Mena Patricio, Medina Galo, Hofstede Robert, Los páramos del Ecuador: particularidades, problemas y perspectivas, Quito: Proyecto Páramo y Abya Yala (Pp. 55- 85).

RECALT Christine. 2007. “Las estrategias de conquista del agua en el Ecuador, o la historia de un sempiterno comienzo”, En: Revista Ecuador Debate, # 72, Quito: CAAP (Pp. 171- 185).

SHERBONDY Jeanette. 1998. “El riego andino en una perspectiva histórica”. En: Rutgerd Boelens, Gloria Dávila, Buscando la equidad: concepciones sobre justicia y equidad en el riego campesino, Países Bajos:Van Gorcum (Pp. 226- 231).

O Discurso de Convivência com o Semiárido e a Experiência das Comunidades Indígenas- 1980-2010

Cristian José Simões Costa[32]
Rozeane Albuquerque Lima[33]

Resumo: as ONGs que alimentaram a criação de um discurso e de práticas pautadas na possibilidade de convivência com o semiárido, discurso este também adotado pela EMBRAPA e posteriormente pelos gestores de políticas públicas e políticos do espaço em questão, que culminou com a criação da Articulação do Semiárido e do Instituto Nacional do Semiárido, de uma forma geral omitem a experiência e as práticas das comunidades indígenas que habitam o recorte geográfico em questão. O desafio de respeitar a capacidade de carga do bioma Caatinga, de saber conviver com a insegurança hídrica deste espaço e de tirar os recursos naturais necessários para a sua sobrevivência, preservando para as gerações futuras e a falta de diálogo entre as pesquisas dos que tem por objeto o semiárido e a temática indígena são os temas abordados neste texto.

Palavras-chave: Semiárido, discurso, comunidades indígenas, convivência.

Refletir sobre as possibilidades de convivência com o semiárido brasileiro e as experiências e práticas das comunidades indígenas que nele habitam nos levou a um deslocamento de vários conceitos e práticas tidas como naturais. Para fins didáticos este texto está dividido em dois momentos. A primeira reflexão proposta é sobre o semiárido: como ele foi construído discursivamente através da legislação, como este discurso foi alimentado por outros discursos e práticas diversas, e como o discurso da possibilidade de convivência com o semiárido convive em tensão com outros discursos também emergentes entre 1980 e 2010. Em um segundo momento, iremos refletir sobre as comunidades indígenas que convivem com este espaço, suas interações com a natureza e com a sociedade, as transformações ocorridas ao longo das três últimas décadas nestas interações e como estas transformações alteram o espaço que eles habitam. Este trabalho é um ensaio que tem por proposta uma análise dos discursos emergentes sobre o semiárido tentando perceber as intencionalidades, os sujeitos, as apropriações destes discursos por vários segmentos da sociedade e como estes discursos modificam as suas práticas de convivência com o espaço.

[32] Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA- UFCG, especialista em Geografia e Gestão Ambiental – FIP, especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade – Universidade Cândido Mendes.
[33] Mestranda em História – UFCG, especialista em História do Nordeste- UEPB.

A reflexão de como o semiárido se constrói e se consolida enquanto discurso nos leva a vários outros discursos que serviram e servem de grade discursiva para estudar o mesmo espaço geográfico. O primeiro deles é o discurso já enunciado por Albuquerque Júnior, em seu livro *A Invenção do Nordeste* (2011). Neste, o autor problematiza o momento em que o Nordeste surgiu como construção discursiva e imagética e as várias fontes que o alimentaram: discursos políticos, culturais, midiáticos, entre outros. Albuquerque Júnior também reflete sobre a construção e afirmação da identidade do nordestino criada junto com a invenção do Nordeste. As imagens da terra seca, árida, rachada, dos açudes secos, do nordestino pobre, morando na zona rural, sem acesso à energia elétrica ou água encanada, condenado aos efeitos da seca, dentre eles à miséria pela falta de alimentos e água, legitimaram e fomentaram as políticas públicas que visavam angariar recursos para resolver os problemas da região. Instituições como a SUDENE e o DNOCS foram criadas com a meta de combater a seca e seus efeitos, além de tentar fixar o nordestino ao seu lugar de origem, já que, para fugir da seca, muitos viajavam de *pau de arara* para São Paulo. São Paulo que foi construída como contraponto de tudo o que o Nordeste representava: era a cidade moderna, progressista, urbana, com muita vitalidade, fonte de emprego, e, para o nordestino, de felicidade e redenção. Durante muito tempo não apenas a mídia, mas também a literatura (Gilberto Freyre, Jorge Amado, Graciliano Ramos, entre outros), a pintura (Tarcila do Amaral é um bom exemplo), a música (Luís Gonzaga é a principal referência) entre outros meios ajudaram a fortalecer e propagar esta construção.

A invenção de um Nordeste com estas características e de um nordestino com identidade engessada (como bem descreve Maura Penna em seu livro *O que faz ser nordestino*- 1992) pautada no que tinha de mais arcaico na região interessava a vários grupos e elites que habitavam não apenas este espaço, mas vários outros no país. Fonte de arrecadação de recursos do Governo Federal, e de inspiração para a produção acadêmica e literária, cada vez mais estas imagens eram alimentadas, provocando a discriminação dos que habitavam o Nordeste brasileiro. Não havia por parte das elites locais um interesse em resolver o problema, mas em, no máximo mitigar os seus efeitos.

Desta forma, era a população que efetivamente habitava o Nordeste e que vivenciava através das suas práticas cotidianas os efeitos da seca e as experiências de convivência com o bioma Caatinga, quem sofria todas as consequências desta invenção discursiva. Vistos como mão de obra não especializada em São Paulo, vindos de uma região atrasada, muitos nordestinos tinham salários baixos, subempregos e condições de vida humilhantes. Ademais a forma como as pessoas se referem aos nordestinos fora deste espaço geográfico foi e ainda é motivo de muito preconceito geográfico como Albuquerque Júnior afirma em seu livro *Preconceito contra origem geográfica e de lugar* (2012).

Há que se destacar que, ao se construir o Nordeste imagético do qual falamos, não se considerou o recorte que ele abrangia em sua totalidade. Cerrado e Mata Atlântica são dois biomas que não são contemplados nestas imagens. As imagens das belas praias nordestinas, de uma população que atualmente chega a ser setenta por cento urbana, dos grandes centros turísticos, dentre os quais Recife, Fortaleza e Salvador, e da intensa vida acadêmica das Universidades aqui instaladas contrastavam com o pedido de auxílio feito pelas elites locais, que normalmente ocupavam cargos políticos, ao Governo Federal. Ao invés disso cuidou-se em alimentar as imagens mais arcaicas, que receberam o nome de cultura popular (feiras, festas folclóricas, tradições engessadas, roupas de couro, imagens do cangaço, instrumentos já não mais usados no campo – a exemplo do carro de boi com roda de madeira, cordéis, entre outros), também se valorizava uma forma de se relacionar com o ser humano pautada no machismo, no patriarcalismo e no teocentrismo- o nordestino cabra-macho e a seca como castigo divino são exemplos típicos destas representações.

Este discurso foi e ainda é alimentado pelas elites regionais que se beneficiam quando o Governo Federal e órgãos internacionais destinam verbas para resolver os problemas da seca. Construção de açudes, abertura de estradas estavam na pauta de mitigação dos impactos, pois, ao mesmo tempo em que abriam frentes de emergência para empregar nordestinos famintos, tentavam captar água da chuva quando ela chegasse.

As décadas de 1970 e 1980 vivenciaram a emergência de dois discursos que posteriormente se cruzaram com construções e vivências sobre o semiárido. O discurso da sustentabilidade (compreendida como a gestão de recursos naturais pela geração presente de forma que não sejam gerados prejuízos para as gerações futuras-Sachs, 2002) emerge desde a década de 1960 com o movimento Hippie nos Estados Unidos, combatendo um consumo sem limites e a poluição, e com os movimentos de maio de 1968 na Europa que propuseram novas formas de pensar, sentir e se relacionar com o mundo. Neste novo repensar emergem os movimentos das minorias, entre eles o movimento ecológico, os Partidos Verdes e as grandes ONGs, dentre elas o Greenpeace e a WWF. Urge então uma mudança nas praticas de exploração dos recursos naturais do planeta que repeite a capacidade de carga de cada ecossistema e que abra espaço para pensar a preservação e o respeito para com o meio ambiente no sentido de tornar a vida possível para as gerações futuras e de garantir uma boa qualidade de vida para o ser humano. Surgem tratados internacionais, sendo o primeiro de grande importância a Conferência de Estolcomo, realizada em 1972, e várias legislações que terão por foco a preservação da natureza.

O Brasil se insere neste debate de forma mais incisiva ao longo da década de 1980, sendo a Rio 92, o marco decisivo para a inserção do país no debate sobre a sustentabilidade.

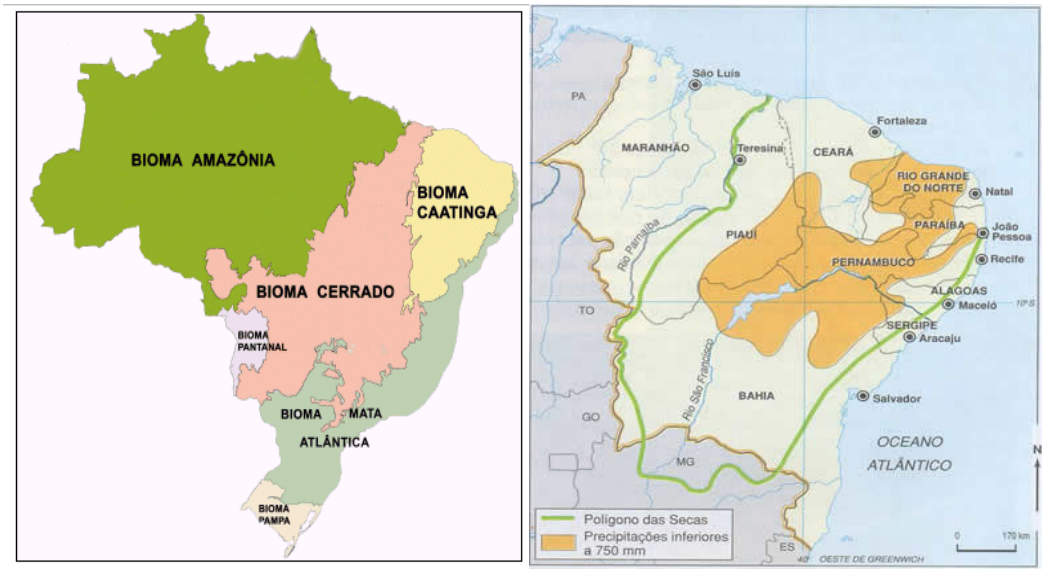
Internacionalmente emerge o conceito de desenvolvimento sustentável, que tenta atrelar o crescimento econômico ao respeito pela capacidade de carga do ecossistema que está sendo explorado com a retirada de recursos naturais e com várias formas de poluição típicas dos processos de industrialização. Este conceito não apenas é paradigmático, como é alvo de muitas polêmicas e subjetividades nas suas tentativas de definições. Há mais de duas décadas se tenta, sem sucesso, chegar a um consenso na definição do que possa vir a ser um desenvolvimento sustentável. José Eli da Veiga (Desenvolvimento Sustentável, 2008) e Enrique Leff (Epistemologia Ambiental, 2006) são dois autores que, juntamente com Sachs (Rumo à Ecossocioeconomia, 2002) vão fundamentar muitos trabalhos neste campo de saber.

O Brasil do final da década de 1960 viveu o que Thomas Skidmore (1988) chamou de milagre econômico, com uma elevação do PIB que permitiu um crescimento econômico sem precedentes. A urbanização e o êxodo rural demandaram uma maior preocupação com a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente. Regina Horta Duarte (2005) também chama a atenção para a forma descontrolada como se conduziu este processo de urbanização. Em nome do *desenvolvimento* e do *progresso* muitos rios urbanos foram canalizados, muitas árvores derrubadas, para dar passagem aos carros, adquiridos por uma classe média em ascensão.

Influenciado por vários fatores, inclusive pelo discurso da sustentabilidade, a região Nordeste do Brasil, mais especificamente o polígono das secas e a região onde se localiza o bioma Caatinga, começa a ser vista também sob outra perspectiva. Emergem várias práticas que são apropriadas inicialmente por várias ONGs, que alimentam a possibilidade de convivência com o semiárido. Este discurso vai ser apropriado também pela EMBRAPA e pelo Governo Federal, culminando com a criação da ASA (Articulação do Semiárido) e do INSA (Instituto Nacional do Semiárido). Aos poucos o discurso sobre o Nordeste brasileiro, com seus marcos referenciais: seca, Caatinga, polígono das secas, vai abrindo espaço também para o discurso da convivência com o semiárido. Já não se tem como referencial o recorte geográfico do bioma Caatinga ou do polígono das secas. O recorte geográfico do semiárido, estabelecido pelo discurso jurídico, fundamentado no discurso científico, é agora evidenciado como algo a se estudar com mais ênfase, tendo por base as práticas bem sucedidas e as possibilidades de convivência com o espaço em questão.

O mapa 01, bastante utilizado pelo Ministério do Meio Ambiente, produzido pelo IBGE e faz um recorte do Brasil a partir de seus biomas. Pensar o Brasil a partir de suas variações de fauna, flora, clima etc., é uma proposta que já era pensada por alguns viajantes que escreviam sobre o país no século XIX. E atualmente também proposta por José Augusto Pádua (2009), no campo historiográfico. Com o acumulo de informações, principalmente com as imagens geradas pelos satélites, estes mapas tem contornos mais específicos e mais explicáveis pelo discurso científico.

O mapa 2 se refere à delimitação geográfica do polígono das secas, instituído pela Lei 175 em 1936 (revisada em 1951 pela Lei 1.348) que "*reconheceu o Polígono das Secas como a área do Nordeste brasileiro composta de diferentes zonas geográficas com distintos índices de aridez e sujeita a repetidas crises de prolongamento das estiagens.*"



mapa 1 fonte:
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=169
acesso em 05/02/2012

Mapa 2- fonte: http://educacao.uol.com.br/geografia/seca-no-nordeste-desmatamento-e-politcas-ineficazes-sao-agravantes.jhtm. Acesso em 05/02/2012

> Nessas áreas ocorrem, periodicamente, secas que representam, na maioria das vezes, grandes calamidades, ocasionando sérios danos à agropecuária nordestina e graves problemas sociais, razão pela qual são áreas objeto de especiais providências do Poder Público."
> (http://www.lfg.com.br acesso em 03/01/2012).

O mapa 3 se refere à nova delimitação do semiárido brasileiro instituída em 2005 após estudo feito por um Grupo de Trabalho Interministerial e que considerou para a demarcação da área os seguintes critérios:

I. Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros;
II. Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990;
III. Risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990.

A partir de 2005, portanto, pode se caracterizar o semiárido brasileiro como sendo uma região de baixo índice pluviométrico, com má distribuição de chuvas, temperaturas altas, e alto grau de insolação. Sua vegetação predominante é a da Caatinga. "Encontram-se oficialmente inseridos no semiárido brasileiro 1.133 municípios, que juntos totalizam uma área de 982.563.30 km^2, situados quase que em sua totalidade nos estados do Nordeste do país, com exceção de municípios do nordeste do estado de Minas Gerais (região Sudeste do Brasil). Estima-se que vivam hoje nas regiões semiáridas brasileiras mais de vinte milhões de pessoas, o que significa que aproximadamente 47% das pessoas que vivem no Nordeste, estão inseridas nessa região."
(http://www.dnpm.gov.br/mostra_arquivo.asp?IDBancoArquivoArquivo=3194 acesso em 03/01/2012)

Mapa 3- fonte : http://www.asabrasil.org.br acesso em 05/02/2012

Veja que um discurso não anula o outro, são perspectivas diferentes que passam a conviver juntas a partir de 1980, mas que seguem a mesma matriz de pensamento: este recorte geográfico, várias vezes nominado, é um espaço árido, de difícil (mas não impossível) convivência, que merece atenção especial e que precisa de uma dedicação maior por parte de pesquisadores e políticos para atender à população de forma assistencialista ou tutelar. Poucos ainda são os casos que conseguem pensar o espaço

de uma forma outra que não esta perspectiva e que, portanto, pense a identidade nordestina como algo fluído, híbrido, sem o gesso que historicamente lhe é imposto, como propõe Stuart Hall (2006).

É pensando estes três discursos como emergentes desde a década de 1980 até o momento atual e também pensando todo o discurso do desenvolvimentismo proposto como alternativa de crescimento econômico para o Brasil, que refletimos sobre o que é (e o que não é) dito sobre a experiência das comunidades indígenas que historicamente habitam este espaço,convivendo com o semiárido, respeitando a capacidade de carga do bioma Caatinga, aprendendo a lidar com a estiagem, garantindo a preservação do ambiente e a qualidade de vida de suas populações.

Refletir sobre as práticas das comunidades indígenas e sua relação com o espaço do semiárido nos sugere pensar sobre como se construiu o semiárido tal qual o conhecemos e como são conduzidas as pesquisas e estimuladas as práticas que atualmente são tidas como experiências bem sucedidas de convivência com o semiárido, notadamente enfatizando a aridez do solo e a escassez de água.

Ao tentar associar a convivência com o semiárido e as vivências das comunidades indígenas, a primeira ideia que nos vem à mente é a experiência do estado de Pernambuco, que tem 12 etnias todas habitando este espaço . Mas será que estas comunidades que lá habitam querem pensar-se enquanto parte integrante do semiárido? Será que os Xukuru (para maiores referencias sobre esta comunidade ler os trabalhos do Dr. Edson Silva – 2008, 2012), que vivem na serra do Ororubá, no semiárido pernambucano, cultivando com base na agroecologia e comercializando em um dia específico, exclusivo para seus produtos, na feira de Pesqueira, cidade mais próxima da comunidade, tem ciência de que moram no semiárido que foi discursivamente construído e legitimado por várias instituições? Por outro lado, será que ao construir discursivamente o semiárido, as várias instituições que trabalham na perspectiva da convivência com o espaço se lembraram e deram o devido valor à vivência não apenas das comunidades indígenas, mas também das quilombolas, e de tantas outras tradicionais que historicamente já acumulam experiências de práticas que os tornam sedentários e capazes de viver em harmonia com a Caatinga? Como

fazer a devida associação ao que se propõe enquanto estudos e práticas que possibilitem o ser humano se fixar neste espaço mitigando o inchaço cada vez maior das cidades, ocorrido, dentre outros fatores, pela migração, pelo êxodo rural, ao uso racional da água e alternativas de captação de água de chuva, à extração sustentável de madeira e outros recursos da Caatinga, à escolha adequada de plantas a serem cultivadas, além das formas apropriadas de irrigação (quando for o caso) e de manejo do solo, com o conhecimento acumulado pelas comunidades indígenas e demais comunidades tradicionais do semiárido?

Atualmente o INSA e a ASA tem se aproximado mais das pequenas comunidades, inclusive as indígenas, tentando um maior diálogo entre o que se propõe em termos de inovação científica e tecnológica e o que estas comunidades praticam. Alguns cientistas tem feito um caminho no sentido de tentar aproximar academia da comunidade e valorizar os saberes acumulados pelos que habitam o semiárido. Quebrar estas barreiras no sentido de adquirir um conhecimento que não esteja pautado apenas nas experiências laboratoriais ou no uso de tecnologias muito caras, pouco exequíveis no espaço em questão, assimilar praticas cotidianas de escolha de plantas que se adaptem à escassez de água e ao solo, de extrativismo sustentável fabricação de artesanato, de praticas de medicina alternativa, de convivência mais harmônica com fauna e flora locais, entre outras comuns a estes povos já são objetos de debate nas pesquisas destas instituições.

Não se trata claro, de alimentar o mito do bom selvagem. Warren Dean (1996) já escrevia sobre as praticas das comunidades indígenas e sua influencia na devastação da Mata Atlântica. Sabemos que as comunidades indígenas brasileiras historicamente praticavam a coivara, mas não em escala tão preocupante quanto o período posterior à chegada dos europeus, também sabe-se da retirada de madeira, e de tantas outras praticas, muitas aprendidas com estes, mas que durante muito tempo não foram alimentadas pela ganância capitalista da produção excedente e do lucro, por isso mesmo eram menos impactantes.

Ao se pensar alternativas para os povos indígenas atualmente muitos ainda se atrelam aos discursos emergentes que nem sempre atendem aos anseios destas

comunidades, um exemplo é a proposta de etnodesenvolvimento (LITTLE, 2002), cunhada a partir do discurso desenvolvimentista brasileiro.

O que pontuamos especificamente é a necessidade de um maior dialogo, de uma maior observação dos hábitos, das vivências, do tipo de convivência destas comunidades não apenas com o espaço, mas também entre si, as formas como extraem e consomem os recursos naturais, como suprem o necessário para a sua sobrevivência. Deste tipo de observação podem emergir novos saberes, que auxiliem o ser humano a respeitar a capacidade de carga do bioma, e conviver com a insegurança hídrica e alimentar do semiárido brasileiro.

Referências

[1] ALBUQUERQUE JÚNIOR, DURVAL MUNIZ. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

[2] _____. **Preconceito contra origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez. 2012.

[3] BRASIL. Lei 175, de 07 de janeiro de 1936. Publicada no Diário Oficial da União em 13/01/1936.

[4] DEAN, Warren. **A ferro e fogo***:* a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

[5] DUARTE, Regina Horta. **História** & **Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

[6] HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

[7] LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

[8] LITTLE, Paul E. "**Etnodesenvolvimento local**: autonomia cultural na era do neoliberalismo global", ano 2, n. 3, Tellus. Revista de Antropologia do NEPPI/UCDB. Campo Grande, MS: NEPPI/UCDB, out 2002, p. 33-52.

[9] PADUA, J. A. **Um país e seis biomas -** Ferramenta conceitual para o desenvolvimento sustentável e a educação ambiental**.** In: PÁDUA, José Augusto. (Org*.).* Desenvolvimento, justiça e meio ambiente. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, p. 118-150.

[10] PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino.** Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

[11] SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

[12] SILVA, Edson. **Índios Xukuru x fazendeiros: história socioambiental no agreste pernambucano**. IN: AGUIAR, J. O. ; RODRIGUES, A. F.; SILVA**,** E**.** Natureza e cultura nos domínios de Clio. História, meio ambiente e questões étnicas. Campina Grande: EDUFCG, 2012. p. 65-96.

[13] SILVA, Edson H. **Xukuru: memória e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988**. (Tese de doutorado em História). São Paulo: IFCH/Unicamp, 2008.

[14] SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

[15] VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

Sites consultados

[1] http://www.asabrasil.org.br acesso em 05/02/2013.
http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1070995 acesso em 03/01/2013 .
http://www.dnpm.gov.br/mostra_arquivo.asp?IDBancoArquivoArquivo=3194 acesso em 03/01/2013.
[2] http://www.lfg.com.br. acesso em 03/01/2013.
http://educacao.uol.com.br/geografia/seca-no-nordeste-desmatamento-e-politcas-ineficazes-sao-agravantes.jhtm. acesso em 05/02/2013.

As Memórias do Povo Pankará e a História Ambiental da Serra do Arapuá (Carnaubeira da Penha/PE)

Edivania Granja da Silva Oliveira UFCG
Edson Silva UFPE/UFCG

Resumo: o presente texto é resultado da pesquisa *História Ambiental na Serra do Arapuá e os índios Pankará no Sertão pernambucano (Carnaubeira da Penha/PE) na afirmação de sua identidade étnica (1970-1980),* que vem sendo desenvolvida para o Mestrado no PPGH/UFCG (Campina Grande/PB). Tendo como fontes primordiais as memórias dos índios Pankará, buscamos refletir sobre a afirmação identitária indígena no Ambiente em que vivem, tratando das peculiaridades das relações desse povo indígena com a Natureza, relacionando suas experiências com pesquisas acadêmicas no âmbito da História Ambiental e evidenciando a importância dos relatos orais que afirmam a presença indígena na Serra do Arapuá e adjacências, em meio a Caatinga no Sertão pernambucano, onde um povo indígena se mobiliza para conquista, reconhecimento e garantias dos seus direitos.

Palavras chave: identidade; índios; bioma Caatinga.

Com o presente artigo buscamos fazer um exercício historiográfico a partir das memórias dos índios Pankará na afirmação identitária e em suas relações com o Ambiente onde vivem, a Serra do Arapuá e Carnaubeira da Penha,/PE, na perspectiva da História Ambiental, uma opção teórico-metodológica proposta para o estudo: *História Ambiental na Serra do Arapuá e os índios Pankará no Sertão pernambucano (Carnaubeira da Penha) na afirmação de sua identidade étnica (1970-1980).* Pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade Federal de Campina Grande, PB, tendo como objetivo pesquisar as relações do Pankará com a Natureza, a partir do estudo da presença indígena na Serra do Arapuá e adjacências em meio a Caatinga no Sertão pernambucano, em sua importância para a afirmação da identidade étnica e reivindicações dos direitos indígenas.

O povo indígena Pankará habita o espaço da Serra do Arapuá que faz parte do complexo maior de serras que é formado pela Serra Negra, situada na região semiárida do estado de Pernambuco. A Serra Negra encontra-se entre os atuais municípios de Inajá e Floresta e a partir do Decreto Federal 87.591, de 1982, constituiu-se na Unidade de Conservação - Reserva Biológica de Serra Negra, tendo

como característica a formação de brejos de altitudes, denominadas regiões úmidas e isoladas dentro de áreas secas. (ICMBIO, 2012).

Os denominados brejos de altitudes do Semiárido do Nordeste são espaços de habitação de grupos humanos há centenas de anos, como é o caso da Serra do Arapuá. Inclusive, desde o início da colonização portuguesa na região há registros de ocupação dessa área por indígenas e quilombolas, servindo como refúgio e moradia desses grupos. (SILVA, 1999). A Serra do Arapuá tem altitude aproximada de 900 metros, atualmente faz parte do município de Carnaubeira da Penha/PE, possuindo em torno de quarenta e sete aldeias, habitadas pelos Pankará, por pequenos agricultores e alguns fazendeiros de médio porte. (SOCIOAMBIENTAL, 2012).

Os brejos de altitudes são considerados enclaves da Mata Atlântica, são tidos como ilhas de áreas de floresta úmida na região semiárida, sendo circundada por vegetação de caatinga, possuindo condições climáticas atípicas de umidade, temperatura e vegetação. Pontua-se que "este bioma é rico em conhecimento popular tradicional, tanto sobre plantas medicinais fitoterápicas como sobre a cultura alimentar, e pode apontar alternativas para a conservação e o uso sustentável de sua biodiversidade" (PORTO; CABRAL e TABARELI, 2004, p.7).

Assim, os brejos de altitudes são considerados áreas privilegiadas em relação às áreas semiáridas, por possuírem diferença em relação a solo, ar, temperatura e grande diversidade biológica e esses brejos podem ser espaços de refúgios de plantas e de nordestinos pobres (PORTO; CABRAL e TABARELI, 2004), como é caso dos indígenas Pankará que habitam o brejo de altitude, Serra do Arapuá, considerada área privilegiada, pertencente ao município de Carnaubeira da Penha, classificado como de pequeno porte, possuindo 11.689 habitantes, de acordo com o censo de 2007 (IBGE), com baixo índice de desenvolvimento humano segundo o IPEA que era de 0,537 em 2000, destacando que em 2007, 1.648 famílias eram beneficiadas pelo Bolsa Família, abrangendo o total 6.592 pessoas, perfazendo um percentual de 56,40% da população do município (SIGAS-PE, 2013).

No Território indígena Pankará predomina a agropecuária de subsistência, envolvendo na produção práticas de sociabilidade e temporalidade com base no calendário próprio com destaque para o tempo de preparo da terra, de plantio, de colheita, mas também marcam datas de festejos religiosos, de "retomadas", conflitos vivenciados pelos Pankará com a sociedade envolvente, como afirmam as professoras Pankará, " É dessa forma que nos organizamos, sempre respeitando as leis da natureza" (PEREIRA; AVELINA; SÁ, 2012).

Dessa forma, pontua-se que as relações dos seres humanos com a Natureza ao longo da História têm como uma das características a elaboração de técnicas utilizadas para a sobrevivência ao mesmo tempo que modifica o Ambiente, interfere também na própria forma da existência humana, como é o caso do povo Pankará, no empreendimento de transformação do meio natural da Serra do Arapuá (DUARTE, 2005). Nessa dinâmica podemos apontar que o papel do historiador ambiental é interpretar as mudanças, as transformações dos saberes e fazeres dos humanos em relação aos usos dos recursos naturais num determinado local, que propicia ampliação de conhecimento sobre o passado de comunidades
"não-capitalistas" (MARTINEZ, 2005, p. 33).

O estudo do Ambiente terá como proposta também a concepção apontada por Henrique Leff, uma epistemologia da complexidade ambiental, pautada na construção de um conhecimento ambiental que considera "o material e o simbólico, o ente e o ser, o econômico e o ecológico, o interno e o externo, o objetivo e subjetivo, o passado e futuro". (LEFF, 2005, p. 16).
Será também considerado o objetivo da História Ambiental, destacado pelo historiador norte-americano, Donald Worster,

> É aprofundar nossa compreensão de como os humanos têm sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e, contrariamente e talvez de modo mais importante, na visão da insustentável situação global atual, como a ação humana afetou o ambiente e quais foram as consequências (WORSTER, 2002/2003, p. 25).

É salutar demonstrar que a História Ambiental prioriza o sentido e as alterações ao longo do tempo da natureza na vida humana, envolvendo também a tecnologia, fruto

da cultura humana e suas implicações no ambiente 'não-humano' (WORSTER, 2002/2003).

Para demonstrar a relação dos Pankará com a Serra do Arapuá, procuramos evidenciar como classificam geograficamente a área que habitam em três regiões: o Sertão – pés de serra; o Agreste – subida da serra e a Chapada, topo da serra. Assim destacam que "Por se apresentar geograficamente em regiões naturais diferentes, os aspectos hidrográficos recebem influências climáticas de três ecossistemas que caracterizam a distribuição das águas no território" (PERNAMBUCO, 2011, p. 7). Em relação ao significado das águas da Serra do Arapuá, o Pajé Manoelzinho Caxeado destaca que,

> As águas antigamente eram mais bem cuidadas do que agora. O povo tinha o maior zelo pelas águas, preservavam as matas ao redor das fontes, não desmatavam as matas. Hoje não preservam, pois queimam as árvores, deixando a água descoberta, no meio do sol e a mãe terra não quer isso. A água não pode ser cercada nas suas nascentes, pois toda natureza precisa da água para sobreviver. Onde tem água tem gente, têm cobra, lagartixa, abelhas... Principalmente a nossa água que é mineral. Não devemos brigar por água, porque a água é para todos (Manoelzinho Caxiado, pajé *apud* PERNAMBUCO, 2011, p. 3).

Os processos vivenciados pelo povo indígena Pankará, em suas relações com a Natureza, são permeados de práticas socioculturais e ambientais na região onde habita. As experiências desse povo é componente fundamental da compreensão do processo histórico, elemento fundante da concepção de uma História Ambiental da Caatinga, pois de acordo com o Historiador Ambiental, Gilmar Arruda, "não pretende apenas um estudo das relações entre os homens e a natureza e seus impactos físicos propondo também o estudo da produção das formas simbólicas oriundas/decorrentes desta relação. [...]" (ARRUDA, 2011, p. 16).

O estudo em questão exige o fazer historiográfico nos campos, de uma "nova história indígena", História Regional, História Ambiental da Caatinga, e também o diálogo com outros campos disciplinares como a Ecologia, a Antropologia, etc., na tentativa de compreender às diversas problemáticas que envolvem os atuais povos indígenas no Nordeste, como a mobilização pela terra, acesso e direito as políticas públicas,

principalmente na área de saúde e de educação. Tendo como foco as análises que levem em conta como "O estudo da apropriação e dos usos dos produtos naturais, dos segmentos sociais que foram beneficiados e prejudicados, no Brasil, pode contribuir para o esclarecimento das relações entre o desenvolvimento econômico e as injustiças sociais no país" (MARTINEZ, 2005, p. 33).

A concepção de um pressuposto teórico-metodológico concebido como História Ambiental é apontado pelo historiador ambiental, José Augusto Pádua, tendo como marco, a década de 1970 nos Estados Unidos, proposto como uma nova fronteira no estudo da História, envolvendo o exercício historiográfico imbricado nas questões ambientais e questões cotidianas da sociedade, já que o historiador não está isolado do seu tempo. Ainda destaca que na mesma década de 1970, na França o historiador Le Roy Ladurie realizou importantes pesquisas sobre História Ambiental, preconizando como principal objeto do estudo do clima, o fluxo de variação do tempo, independente da presença humana, e na medida em que essa relação envolve análise com a vida humana poderá chamar-se 'ecologia do homem'. O historiador brasileiro José Augusto Pádua ainda afirmou que a concepção do estudo da História Ambiental, como ciência social não pode ser concebido sem a presença humana. Ou seja, deve ser realizado buscando "incluir as sociedades humanas", mas também "reconhecendo a historicidade dos sistemas naturais". Discorrendo ainda sobre o fazer historiográfico, enfatizando que deve envolver as premissas concebidas pelo historiador americano,

Já Donaldo Worster, tendo como prioridade a Natureza orgânica e inorgânica, as relações dos seres humanos com os diversos ecossistemas, percebendo as mudanças biofísicas ao longo do tempo. Procurando analisar os ambientes do passado, temporalmente, localizando-os ao seu objeto de estudo, numa perspectiva interdisciplinar com as ditas ciências da natureza, de forma crítica e contextual. Além de analisar os "modos de produção" numa ampla perspectiva histórica e antropológica e suas conexões com a Ecologia, envolvendo também a compreensão das dimensões física e simbólica dos humanos em relação à Natureza (PÁDUA, 2010, p. 81-97).

O historiador Paulo H. Martinez, no artigo "História ambiental: um olhar prospectivo", afirmou que a apropriação dessa concepção por historiadores brasileiros floresceu a partir da década de 1990, contexto propiciado por revisitações, autorreflexões e apreensões intelectuais que se inseriu a História Ambiental no Brasil, já que "A História Ambiental foi uma prática nova e despontou em um cenário de mudanças profundas na vida social e cultural", enfatiza ainda que a História Ambiental "consistindo na busca de respostas diante de uma realidade histórica e concreta na vida cotidiana no Século XXI, precedida e marcada pelas problemáticas do meio ambiente surgidas nos últimos cinquenta anos" (MARTINEZ, 2011, p. 24).

Partindo dessas premissas, a opção teórico-metodológica do campo disciplinar escolhida nesse estudo, a História Ambiental é com o intuito de compreender o contexto socioambiental do povo Pankará através dos saberes e fazeres, o aceso e utilização dos recursos de Sá, 2012).naturais do Ambiente onde vive. De acordo com a afirmativa de João Manoel de Sá (conhecido por João Paulo), indígena Pankará da Aldeia do Brejinho,

> Quanto mais o tempo mais se desgasta, muita barragem, muito desmatamento. Agora não tão mais desmatando, porque não tem mais folha e até os incêndios diminuíram. As plantas nativas do Pé da Serra tem Jatobá que serve para o sangue e pra gripe. O mororó, a caatinga branca, a caatinga, o angico, o marmeleiro, a umburana de cambão. Tem muita jurema preta e também tem jurema branca e o espinheiro que é outra Jurema. O caroá é muito usado para fazer corda, antigamente tinha muito mais, hoje com as roças diminuiu. Agora o cajueiro é nativo. Tem também a pinheira, a jaca, a manga, a goiabeira e o umbu. As roças diminuíram até o umbuzeiro. Nós planta cana-de-açúcar, arroz, feijão de corda, arranca, milho, batata, macaxeira e guandu. E cria galinha, bode e gado. Aqui também tem muita onça suçuarana que come a criação. (João Manoel

A historiadora Maria Regina Celestino de Almeida, na obra *Os índios na História do Brasil*, escreveu que as novas abordagens e a interdisciplinaridade exercidas em estudos de história indígena permitem novas interpretações "nas quais os índios surgem como agentes dos processos de mudança por eles vividos". A autora tratou também das identidades étnicas, envolvendo o processo histórico desde o período colonial para perceber a questão da identidade a partir das relações flexíveis e fluídas

que sofreram constantes alterações, “que essas recriações identitárias podiam servir também aos interesses dos índios, que souberam adotá-las e utilizá-las a seu favor [...]”. Ainda afirma que “se as identidades étnicas são históricas e múltiplas, não há razões para duvidar de que os índios podiam adotar para si próprios e para as demais identidades variadas, conforme circunstâncias e interesses” (ALMEIDA, 2010, p. 35-36).

Faz-se necessário pontuar que o processo histórico de ocupação foi iniciado ainda no século XVII por não índios dentro da lógica de expansão da atividade açucareira, o gado foi empurrado para o interior da Costa ou para os “sertões”. (LOPES, 2004). O Rio São Francisco foi importante via de acesso, pois, “Foi através do São Francisco que o movimento colonial, inicialmente esparramado pela Zona da Mata, se afunilou no Agreste e penetrou fundo pelo Sertão”. (ARRUTI, 1995, p. 63). Nesse processo expansionista de interiorização do empreendimento colonizador português na América, especialmente na Capitania do Norte deu-se inicialmente por meio da implantação das missões, sob a égide da Igreja Católica Romana, principalmente com a atuação dos missionários Jesuítas, Capuchinhos e Oratorianos. A atuação desses religiosos contribuiu sobremaneira para o processo de aldeamento de povos indígenas considerados “hostis”, o que propiciou o expansionismo colonial. (SILVA, 2012).

Um dos objetivos das missões era conter a insegurança provocada pelos índios “não civilizados” no processo de ocupação pelas missões em áreas do Rio São Francisco. As missões eram compostas por uma heterogeneidade de povos indígenas. No século XVIII nessa região são citados os índios Umãs que teriam vida nômade e praticavam a caça e coleta de frutas silvestres. E ainda, as bandeiras organizadas pelo governo de Pernambuco, como a chefiada por Jerônimo Mendes que pretendia encurralar os índios na Serra Negra tinha conhecimento de índios na Serra do Arapuá. (SALDANHA, 2011).

A historiadora, Emanuele Maupeou em estudo sobre a escravidão no século XIX, no Sertão do Médio São Francisco, nas regiões de Floresta e Taracatu, afirmou que, os conflitos gerados entre missionários e colonos tiveram como consequência, nova

dinâmica no domínio do espaço pelos colonos, alterando a paisagem através da prática extensiva da pecuária.

Em relação às populações indígenas que antes dominavam o espaço, esclarece que foram dizimadas ou submissas, ou ainda, a opção de fuga para áreas de influência dos colonos, como as Serras, descritas como "verdadeiras ilhas verdes no Sertão [...], a Serra Negra devido a sua vegetação de mata fechada, serviu durante séculos de abrigo a índios, escravos fugidos e fugitivos da justiça". Pontuando que como as Serras são espaços de difícil acesso, favoreceu relações de união, inclusive familiares entre índios e negros e também a instalação de aldeias indígenas e quilombos nesses espaços. Na análise que traça sobre a sociedade da região, destacou o predomínio da ocupação do espaço rural e da forte miscigenação entre a população, composta de índios, brancos e negros, escravos ou livres.
(MAPEOU, 2008, p. 40).

Nessas perspectivas, a presença indígena na Serra do Arapuã é afirmada pelos seus atuais habitantes, como relatou um dos pajés Pankará: "Nasci no torrão da Serra, na Aldeia Lagoa. Nasci dentro da Aldeia. A mãe que me pegou, a parteira era índia, tinha muita experiência na reza, oração e tenho orgulho de ser Índio Pankará" (Manoelzinho Caxeado, 2012), compreendendo a afirmação da identidade étnica a partir da resistência, da mobilização pelos seus direitos em uma, "nova posição social na realidade política que os envolve e os impele a novas atitudes e ações" (GOMES, 2012, p. 69).

O movimento de resistência dos povos indígenas no Nordeste ocorreu com a afirmação de expressões socioculturais por meio de rituais como o Ouricuri ou Toré (CUNHA, 2012). No caso, os Pankará praticam a chamada "ciência do sagrado", um ritual oculto praticado pelos pajés, orientado pelos "encantados" e o Toré, a dança ritualística: "O Toré é quem dá a força para o povo. Ele coloca o índio em contato com a Lua, com o Sol, com o céu e com a Natureza" (Manoelzinho Caxiado, 2012). Algumas plantas usadas na terapêutica fazem parte também da ritualística. Portanto, são consideradas sagradas como o Caroá que faz parte da vestimenta do ritual, denominado por eles de farda e a Jurema de cuja raiz é preparada uma bebida, que na

compreensão do Pajé Pedro Limeira "o professor do índio é a jurema" (Pedro Limeira, 2012). Assim, os Pankará afirmam também sua identidade através da ritualística do Toré com elementos da Natureza.

O povo indígena Pankará tornou público seu ressurgimento étnico em 2003, no *I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial,* em Olinda, PE, afirmando suas identidades étnicas e autodenominaram-se, "povos resistentes", mobilizados pelas reivindicações e garantia de seus territórios, do Ambiente, de suas expressões socioculturais, pela conquista de direitos a uma educação e saúde diferenciadas (SILVA, 2004).

Os povos indígenas possuem uma compreensão sobre a Terra como espaço físico, social e cultural, relacionados à apropriação dos elementos da natureza vinculados a vida social, ao pensamento religioso e a aquisição de conhecimentos do ambiente natural. (LEONARDI, 1999).

A relação dos Pankará com a Natureza envolvem os aspectos socioeconômicos, políticos, culturais, territoriais, religiosos e educacionais, como afirma uma das lideranças Pankará, Manoel Gonçalves da Silva (Nenem), também grande conhecedor das ervas e matas no uso da terapêutica e da ritualística, "Nossas matas têm donos, os Encantos de Luz, eles trabalham pra gente do dia à noite. No inverno recebendo e armazenando as águas das chuvas e no verão garantindo a distribuição nos olhos d´água" (PROFESSORES PANKARÁ, 2011, s/d, p. 20). Ainda relata a planta Jurema e suas diferentes espécies e formas de usos na terapêutica e na ritualística,

> A Jurema preta sem espinho é usada para o ritual de falar com os encantados, faz o vinho da Jurema. A Jurema preta com espinho serve para curar diabetes, colesterol, próstata e para inflamação de doenças da mulher. Tira a casca e bate e espreme com água e coloca numa vasilha e fecha. Dura até 06 meses. Pega essa mistura e coloca mais água e toma todos os dias (Manoel Gonçalves da Silva, 2013);

No estudo utilizamos a abordagem metodológica da História Oral com pesquisas sobre história e memórias, pois a importância da História Oral consiste em propiciar

as subjetividades e as representações do passado, a partir das situações vividas e da compreensão do passado. (ALBERTI, 2004).

Vale destacar atuais estudos, em especial, nos campos da História e da Antropologia sobre os povos indígenas contemporâneos, a utilização de fontes orais, concebendo relatos orais como possibilidades para compreensão das experiências, singular desses povos (BEZERRA, 2012). A concepção é que "um regime de memória propicia um relato de uma história, mas o pesquisador deve buscar as muitas histórias e o seu entrelaçamento" (OLIVEIRA, 2011, p. 14). Evidenciando dessa forma as relações do povo Pankará com a Caatinga através da intrínseca convivência dos indígenas com a Natureza para designar as relações parentais usando metáforas comparando a vegetação e os processos reprodutivos vegetais as suas ancestralidades, como "casca do mesmo pau", "tronco velho", trançando um paralelo de uma genealogia humana com a flora e a fauna da Caatinga (MENDONÇA, 2003, p. 65).

As imbricações entre História Ambiental e as memórias Pankará levará em conta a concepção destacada pelo Historiador ambiental, Paulo Henrique Martinez,

> [...] a história é uma das principais formas de construção e reprodução da memória coletiva [...]. A História Ambiental é, antes de tudo, História. E o risco de "naturalização" dos processos sociais deve ser afastado, requerendo cuidado e atenção por parte dos historiadores. O desafio é, também, continuar a ser historiador, sem descaracterizar o trabalho empreendido por esta disciplina (MARTINEZ, 2005, p. 29-35).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a História Ambiental tem como pressupostos as concepções teóricas da História Social e Cultural, envolvendo também concepções das Ciências da Natureza, em especial, a Ecologia. Pois o historiador ambiental deve incorporar concepções teórico-metodológicas da Ecologia e assim, para compreender o passado e permitir maior reflexão no presente e futuro e perceber de que forma ocorreu a organização e a funcionalidade de um Ambiente num dado tempo através do diálogo com as Ciências Naturais. (CASTRO, 2003; LOPES, 2010).

Dessa forma, o estudo tem como foco a história do povo Pankará em suas relações com a Serra de Arapuá e adjacências, a partir da pesquisa de memórias para perceber

os saberes e fazeres indígena no conjunto das relações socioambientais com a Caatinga, na perspectiva histórica de "conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações". (ALBERTI, 2004, p. 33).

Pontua-se que para compreender os estudos a partir da memória social são fundamentais as questões do tempo e da História, por encontrar-se "ora, em retraimento, ora em transbordamento" (LE GOFF, 1990, p. 422). Assim, serão consideradas as memórias como fonte historiográfica, pois alargam o campo das possibilidades interpretativas, permitindo múltiplos temas de investigação, formula novas problematizações e produzindo novas abordagens. Pois, "pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência" (BOSI, 1994, p. 9).

Dessa forma, podemos apontar as memórias evocadas para afirmação identitária através da manutenção ritualística feita às escondidas, relatados pelos Pajés Pankará,

> Antigamente as pessoas quando iam dançar, pisar o toré e fazer seus trabalhos com a ciência elas iam para um lugar bem escondido dentro das matas e que só eles conheciam e frequentavam esse lugar. Eu pequeno, com meus quatro anos de idade gostava de brincar com meus parentes e lembro que foi uma época muito difícil, onde éramos obrigados a fazer nossos rituais a escondidas, pois os brancos nos perseguiam constantemente, éramos chamados de macumbeiros. Mas, as perseguições só faziam com que a nossa cultura se fortalecesse cada vez mais (Pajé, Manoel Caxeado a*pud* PROFESSORES PANKARÁ, s/d, p. 6).

O Pajé João Miguel também afirmou a identidade através do canto ritualístico,

> Oi! Pisa, pisa, meus caboco
> Torna a repisar
> Que aqui não tem quem diga
> Se a retire do lugar
> Há tirá landôa
> Rei há tirá landôa
> Esse toante eu canto, porque quando era no tempo que as pessoas não aceitavam nossa cultura, nós não tinha paz para dançar o nosso ritual. Ai quando nós chegava num lugar bem tranquilo que não tinha ninguém para perturbar, nós cantava esse toante porque naquele lugar ninguém mandava nós a retirar (Pajé João Miguel a*pud* PROFESSORES PANKARÁ, s/d, p. 6-7).

A partir dessa afirmação, pode-se perceber a memória como a reinvenção de um passado em comum, favorecendo novos olhares para a compreensão do presente. Por isso, a História pode conter fragmentos ou seleção de dados da memória individual vinculada com a história social. Ainda que a memória seja seletiva uma vez que está voltada tanto para o campo social como o individual. A seleção das lembranças sofrem influências do campo sociocultural, do grupo ao qual o narrador pertence, como afirma ainda, o Pajé Pedro Limeira,

> Quando nós viemos do povo Tuxá da Bahia eu era bem pequeno e cresci aqui, me casei com uma índia daqui, tive meus filhos aqui e por isso sou daqui. Nós dançava o toré na Cacaria e fomos os primeiros a ter coragem de começar a enfrentar os brancos nos anos 30. Pois eles perseguiam nós e não queriam que nós praticasse o toré. O meu pai Luiz Antonio dos Santos foi o índio mais perseguido por os brancos naquele tempo. O meu pai junto com os outros índios do outro lado da serra começaram a dançar o toré juntos e foram fortalecendo cada dia mais o ritual e hoje nós conseguimos vencer parte da luta que o meu pai deu início (Pajé Pedro Limeira *apud* PROFESSORES PANKARÁ, s/d, p. 7).

Nesse sentido, concordando com Maurice Halbwachs, na obra *Memória coletiva*, empreendemos que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias atuais as experiências do passado. E que "Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória" (HALBWACHS, 2004, p. 60). Assim no estudo que ora realizamos, pode-se dizer que "para existir de fato, um grupo étnico precisa da memória social, de sua história; portanto, se há índio, estes mantêm a memória de seu passado." (REESINK, 2011, p. 528).

A memória social Pankará é permeada de elementos que evocam o ambiente natural e os espaços sagrados, atribuindo os seus encantos, como a denominação de *Mata fria*, na Aldeia Gonzada, área de mata fechada, fria e escura todo o tempo. É um local sagrado, onde fica o *Terreiro do Mestre João*. As formações rochosas encontradas na Serra são também locais sagrados, como a *Pedra do Catolé*, cercada por catolezeiros, abrigando o encanto *Júpiter do Catolé,* segundo os índios lá o "galo canta, coro se arrasta, maracá se escuta e luzes se acendem". A *Pedra de Manoel Maior*, nome atribuído a um encantado índio que morava nessa pedra, atualmente é um gentil,

"lugar de trabalho (ciências ocultas) dos índios" (PROFESSORES PANKARÁ, s/d), como também a *Pedra do Cumbe,* local que possui muitos mistérios, com muitos risos, falas.

Vale salientar que os espaços sagrados dos Pankará são compostos do *terreiro,* local de ritual, contendo um cruzeiro, ornamentado com imagens de santos, a planta jurema e artefatos arqueológicos encontrados na Serra. O *gentil,* semelhante ao *terreiro,* pequeno abrigo, construídos próximos as residências e Os *reinados,* são localizados em pedras destinados a "ciência oculta" , local de difícil acesso. (MENDONÇA, 2003). Ainda vale destacar o estudo sobre a Educação Pankará que demonstra a relação dos Pankará com os elementos da natureza e do sagrado,

> Na *Pedra e Reinado do Mestre Dondonzinha*, lá se encontram outros reinados, como o da pedra das abelhas, devido à existência de vários tipos de abelhas e do mestre Alves. Esse reinado é particularmente importante dentro dos rituais realizados pelos Pankará. A *Pedra das Abelhas* abriga o reinado do mestre Atikum. Nesse espaço não mais se praticam rituais. *Pedra das Três Irmãs*, localizada em frente da Aldeia Enjeitado; a *Casa de Pedra*, situada na aldeia Umbuzeiro, dispõe de uma vista muito bonita, bastante frequentada por turistas, há registros arqueológicos no local, como pedras, sob formato de trempes de fogão. Os espaços sagrados para os Pankará podem ser representados como memória discursiva. Seria dicotômico afirmar que entre os Pankará há espaços exclusivos para prática de rituais sagrados, já que eles sobrevalorizam toda Serra atribuindo-lhe significados míticos e sobrenaturais. Por conseguinte, reservar determinados lugares em função da realização de rituais específicos não diminui o sentimento de ligação com os demais ambientes. Alguns professores/as chegaram à conclusão que "a educação Pankará se forma através do sagrado, que os pajés e anciãos são as fontes de suas pesquisas vivas" (BARBALHO, 2012, p. 239).

Michael Pollak, no artigo "Memória, esquecimento, silêncio" destacou que o aprendido, o vivido e o transmitido, ocorrem através de interações permanentes tanto nas memórias individuais quanto nas coletivas. Afirmando ainda que o trabalho efetuado para o enquadramento da memória é alimentado pela história através do uso de materiais que podem ser interpretados e associados a outros referenciais para a manutenção e também reinterpretação constante do passado a partir das disputas do presente e do futuro (POLLAK, 1989).

Ainda, POLLAK (1992) considerou a memória como construção individual e social, em relação à memória herdada há uma intrínseca relação com o sentimento de identidade. A memória sofre flutuações no momento que é articulada, expressada. Por

isso, a memória é elemento constituinte da identidade, no sentido da representação que o individuo faz de si e como é definida a sua representação para os outros e ainda,

> A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 5).

Dessa forma, a pesquisa tem como foco o processo histórico de afirmação do povo Pankará em suas relações com o Ambiente, especialmente o estudo das técnicas e formas de colheita, plantio e uso de plantas e outros recursos naturais como a água em um espaço de um brejo de altitude em meio a Caatinga, em uma região do Sertão, utilizados para fins alimentares, terapêuticos e ritualísticos. Pois tais recursos e principalmente as plantas usadas na ritualística são importantes no processo de consolidação e afirmação identitária de vários povos indígenas no Sertão nordestino. E que os saberes indígenas são variados sobre os recursos da flora (COLAÇO, 2006).

O conhecimento do Povo Pankará em relação ao Bioma Caatinga e os usos da flora com finalidade terapêutica relaciona-se com o sagrado. Por exemplo, o Pajé Pedro Limeira destaca que a raiz da árvore Quixabeira é indicada para inflamação e o modo de uso é fazer o chá com a mistura da raiz com água. Mas, ressalta que "Tem que saber o lado de pegar a raiz, deve ser do lado do nascente para o poente e tem que marcar com o sol e luz e as estrelas para saber tirar" (Pajé Pedro Limeira, 2013).

Os usos da flora também fazem parte da ritualista e das práticas cotidianas dos Pankará, como o *Maracá*, instrumento feito do fruto da planta cabaça, usado no ritual do Toré, "pois ao balançar o maracá o índio estará invocando os encantados". Outra planta utilizada pelos Pankará é o *Caroá* que através da sua fibra, confeccionam várias peças usadas nas práticas cotidianas, como cordas, amarração para construção de casas de taipas, colares, brincos. Mas, em especial, a fibra do *Caroá* é usada fazer a *farda* da dança do ritual do Toré, "o índio estando fardado sente-se em contato com natureza que lhe dá toda a sabedoria e fortalecimento [...]" e também para fazer o cocar, pois segundo o Pajé João Miguel, "O cocar é quem dá força para pisar com fé o

nosso Toré". Outra peça feita do *Caroá,* denominada de *Aió,* possui grande significado para os Pankará, sendo utilizada para carregar diversos elementos da ritualística, "todos os adereços, guias, fumo, maracá, jurema, mel, anjucá, coités, cocá", como também nas práticas agrícolas, servindo para carregar, sementes para o plantio ou instrumentos de caça, água em cabaças e alimentos, destaca-se na constituição "do nome Pankará: PAKA= fumo – ARÁ = aió". Além de outro instrumento feito de madeiras extraídas da Serra, como jatobá, pau ferro ou pau-d'arco é a *borduna,* descrito pelos índios como a arma que era utilizada na defesa dos ataques aos não-índios, atualmente é símbolo de resistência e nos rituais é a força dos encantados (PROFESSORES PANKARÁ, s/d, p. 6-7). Ainda destaco a afirmação do nome Pankará relatado pela Cacique Maria das Dores (Dorinha),

> Quando Eu fui mais papai e padrinho Manoelzinho para o encontro dos povos indígenas ressurgidos, nós ainda não sabia como era o nome do nosso povo, nós só tinha certeza de uma coisa, que nós era índios da Serra da Cacaria e do Arapuá e queria nossos direitos e reconhecimento naquele encontro. Na viagem eu sonhei com uma faixa voando e nela estava escrito o nome Pacará. (Pacará Pacarati era o nome que um encantado usava toda vez que ele chegava nos rituais saldando a todos com viva a tribo Pacará Pacarati). Quando nós chegamos na reunião perguntaram como era o nome do nosso povo, e eu mim lembrei de imediato do sonho que eu tinha sonhado na viagem e fui logo dizendo Pacará. Ai um antropólogo que estava nesse encontro disse que estava muito feliz em ter nos encontrado e disse que tinha documentos do nosso povo de muitos anos. E foi assim que o nome Pankará surgio. Era pra ser Pacará, mas, na hora do registro ficou Pankará. Paka que quer dizer fumo e ara que quer dizer aio. (Cacique, Maria das Dores *apud* PROFESSORAS PANKARA, s/d, p. 7).

Os Pankará na afirmação identitária os seus saberes entrelaçam com o Ambiente, como destacou o Pajé Pedro Limeira, Pai da Cacique Dorinha, da Aldeia Serra Cacaria, Serra Arapuá:

> Nasci índio. Não sei ler. Fui lidando com animais, andando nas matas. Sou índio. A ciência e sabedoria aprendi nas matas, caçando, cuidando das matas, sombras, saber conhecer as réstias, analisar. Aprendi assim, tinha a ciência e sabedoria dos primeiros índios. Não aprendi nada escrito, aprendi nas matas. As matas só usa para remédio. A terra é viva, é a mãe de todos nós e dos animais. A terra é criadora. Uso Velame, Fedegoso, Melão Caetano, Pião Roxo. Tem que saber da medicina ventosa que vem do vento. Tem o Niaré, Pau do Mestre João Cura, resina. Pau alho só tem no Boqueirão. Nós faz a

> coivara. Planta para o consumo feijão, milho, andu, fava, macaxeira. Tem aqui Casa de farinha e a criação é pouca. Com a seca tem pouco gado e bode. O barro, o caroá e a caça vem do Sertão, pé da serra. Os índios tem a farda, força do caroá (PEDRO LIIMEIRA, 2012).

E também o Pajé Manuelzinho Caxeado, da Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá,

> Os Pankará têm quatro Pajés. São os que têm ciência, os mais velhos. Fui ensinado pela Natureza. Cada ensinado é da Natureza. A luta vem dos antepassados, o avô, o bisavô e as histórias da nossa vida. Como eles viviam era da caça e se alimentavam da farinha brô feita do pé do catulé. Hoje não faz mais porque é muito difícil. Fazia também a farinha da Mandioca, pornuncia, ainda tem gente que tem, usada no tempo da Seca. No tempo das chuvas tinha muito o Manuê, um raminha bem fina e de flor rosa, que colocava para secar e pilava e fazia uma massa de farinha. Ainda sai no tempo de chuva, mas é muito pouco. As caças era tatu, peba, preá, mocó, cangambá–tumbanga ou gambá, caititu. Com a seca está aparecendo muito, tão saindo da floresta e estão matando muito, capaz de acabar. A criação de bode é tudo cercado hoje, o pasto é tão bom da Serra que faz com que a carne fique muito boa. O porco e o gado também é criado amarrado, mas com a seca tamos tendo muito dificuldade (MANOELZINHO CAXEADO, 2012).

A intrínseca relação do povo Pankará com a Natureza pode-se ser percebida também nos elementos socioculturais para afirmação da identidade. Compreendendo a identidade como componente dinâmico, plural, de construção histórica, as identidades são compreendidas "como construções fluidas e cambiáveis que se constroem por meio de complexos processos de apropriações e ressignificações culturais nas experiências entre grupos e indivíduos que interagem" (ALMEIDA, 2010, p. 24).

É ainda salutar destacar que o cenário da pesquisa é a Serra do Arapuá e adjacências, no munícipio de Carnaubeira da Penha/PE, Sertão pernambucano, tendo como atores principal o povo indígena Pankará. Utilizando-se de procedimentos metodológicos das pesquisas bibliográficas, da História Oral em uma perspectiva de abordagens interdisciplinares a exemplo dos estudos da Ecologia sobre aquela região. Com o intuito de compreender a população indígena local e suas relações históricas com a Natureza, valorizando os sujeitos, como protagonistas do fazer histórico vivendo em um Ambiente específico, o Sertão pernambucano, mobilizando-se para afirmação de sua identidade étnica e reivindicando direitos territoriais. Por isso, espera-se que este

estudo possa contribuir para ampliar reflexões sobre o campo da História Ambiental por meio de pesquisas sobre a história, as sociabilidades, a territorialidade, as identidades, as expressões socioculturais e as relações dos Pankará com a Caatinga.

Referências

ALBERTI. V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

ARRUDA, GILMAR. Bacias hidrográficas, territórios, paisagens e a história ambiental. Revista Porto, n. 01, 2011, p. 11-32. Disponível em: http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/porto/article/view/1469. Acessado em 30/04/2013.

ARRUTI, José M. A. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 57-97. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1995. Acessado em 30/09/2012.

BARBALHO, José Ivamilson Silva. **Discurso como prática de transformação social: o político e o pedagógico na educação intercultural Pankará.** Recife: UFPE, 2012. (Tese Doutorado em Educação).

BEZERRA, Edmundo Cunha Monte. **Migrações Xukuru do Ororubá: Memórias e Histórias (1950-1990).** Recife: UFPE, 2012. (Dissertação de Mestrado em História).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

CASTRO, Maria Inês Malta. Reflexões sobre a História Ambiental. **Revista FACE**, Brasília, Vol. 1, n. 1, 2003. Disponível em http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/face/article/view/594. Acessado em 27/09/2012.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COLAÇO, Miguel Ângelo da Silva. **Etnobotânica dos índios Pankararé no Raso da Catarina–Bahia:** uso e importância cultural de plantas da Caatinga. Feira de Santana, UEFS, 2006. (Dissertação de Mestrado em Botânica).

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza.** Belo Horizonte: Contexto, 2005.

GALINDO, Marcos. A submergência tapuia. In: OLIVEIRA, Pacheco. (Org.). **A presença indígena no Nordeste:** processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**.** Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 167-215.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil, presente e futuro.** São Paulo: Contexto, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2004.

ICMBIO. **Análise da Região da Unidade de Conservação.** Encarte 2 – Plano de Manejo da Reserva Biológica da Serra Negra. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/serra%20negra-analise.pdf. Acessado em 28/09/2012.

LEFF, Enrique. Construindo a História Ambiental da América Latina. **Revista Esboços**, V. 12, n. 13 (2005), PPGH-UFSC, Florianópolis, SC. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/383. Acessado em 26/08/2013.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os historiadores e os rios: Natureza e ruína na Amazônia brasileira.** Brasília: Paralelo 15, Editora Universitária de Brasília, 1999.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. História Ambiental: uma demanda contemporânea. **Cadernos de Pesquisa Cdhis**. Uberlândia, V. 23, n. 2, jul/dez, 2010, p. 303-330.

LOPES, Esmeraldo Gonçalves. **Até onde a memória alcança:** um estudo sobre catingueiros e beiradeiros no Sub-Médio do Vale do Rio São Francisco. Recife, UFPE, 2004. (Dissertação em Sociologia). Disponível em: www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20041124145735.pdf, acessado em 20/09/2012.

MAPEOU, Emanuele. **Cativeiros e cotidiano num ambiente rural. O Sertão do Médio São Francisco–Pernambuco (1840-1888).** Recife: UFPE, 2008. (Dissertação de Mestrado em História).

MARTINEZ, Paulo Henrique. História Ambiental: um olhar prospectivo. **Cad. Pesq. Cdhis,** Uberlândia, v. 24, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/14086. Acessado em 20/03/2013.

_____. **Brasil: desafios para um História Ambiental.** Nômadas, nº. 22, Abril 2005, Universidad Central-Colômbia. Disponível em http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3994658. Acessado em 25/09/2012.

MENDONÇA. Caroline Farias Leal. **Os índios da Serra do Arapuá:** identidade, território e conflito no Sertão de Pernambuco. Recife, UFPE, 2003. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). **A presença indígena no Nordeste:** processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**.** Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, vol. 24, no. 68, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100009&script=sci_arttext. Acessado em 20/10/2012.

PEREIRA, Diana; AVELINA, Silvana; SÁ, Valquíria de. **Economia Pankará, currículo e práticas pedagógicas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural) – Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2012.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação – Unidade de Educação Escolar Indígena Povo Pankará. **Agua fonte de vida e patrimônio preservado pelos nossos antepassados**. Serra do Arapuá: Novembro, 2011 (Trabalho de conclusão da Formação Continuada de Professores Indígenas).

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. **Pankará: aprendendo e ensinando (Coletânea de textos produzidos por alunos, professores e lideranças):** organização Interna de Educação Escolar Indígena Pankará - Recife, Secretaria de Educaçao, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wpgz/wpcontent/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acessado em 03/08/2013.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417. Acessado em 05/08/2013.

PROFESSORES PANKARÁ. **Etnologia Pankará.** Trabalho desenvolvimento no 2º Laboratório Intercultural Indígena. Curso de Licenciatura Intercultural - Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, s/d.

PORTO, Kátia C.; CABRAL, Jaime J. P; TABARELLI, Marcelo. (Orgs.)**. Brejos de Altitudes em Pernambuco e na Paraíba: História Natural, Ecologia e conservação.** Brasília: MMA, 2004.

REESINK, Edwin. O coração da aldeia: a Ilha, dominação interétnica, expropriação territorial histórica e "invisibilidade" dos Kaimbé de Massacará. In: OLIVEIRA, Pacheco (Org.). **A presença indígena no Nordeste:** processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 513-546.

SALDANHA, Suely Maris. Fronteiras dos Sertões em narrativa: índios, conflitos, resistências e políticas pombalina. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em http://www.ifch.unicamp.br/ihb/SNH2011/TextoSuelyMS.pdf. Acessado em 27/09/2012.

SIGAS-PE. **Sistema de Informação e Gestão da Assistência Social de Pernambuco**. Disponível em: http://portalsocial.sedsdh.pe.gov.br/sigas/Arquivos/Tabela%20dos%20Munic%EDpios.pdf. Acessado em 09/09/2013.

SILVA, Edson**.** "Os caboclos" que são índios: História e resistência indígena no Nordeste. In: **Portal do São Francisco–Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco/CESVASF.** Belém de São Francisco, ano III, no. 3, 2004, p.127-137.

_____. História, reelaboração cultural e resistência indígena no Nordeste. Revista **NetHistória.** Disponível em http://www.nethistoria.com.br/index.php?secao=conteudo.php&sc=3&id=454&cp=1021. Acessado em 28/09/2012.

SILVA. Luís Severino da. Brejos de altitude, refúgios para os grupos humanos do sertão: o caso da Serra do Arapuá, Floresta, PE. **Clio Série Arqueológica**, v.1, n. 14 - Anais da X Reunião Científica da SAB. Recife: UFPE, 1999, p. 237-244. Disponível em http: //www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/2000-N14/2000a16.pdf. Acessado em 27/11/2012.

SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas do Brasil: Pankará, localização e contexto.** http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankara/1353. Acessado em 24/09/2012.

WORSTER, Donaldo. Transformações da Terra: para uma perspectiva agroecológica na História**. Ambiente & Sociedade**, vol. V, n. 2 – ago./dez. 2002, vol. VI, n. 1 – jan./jul. 2003. Disponível em: https://www.google.com.br/#fp=e2646bbe04fb1dbd&q=donald+worster+transforma%C3%A7%C3%B5es+da+terra. Acessado em 23/08/2013.

Entrevistas:

João Manoel de Sá (conhecido por João Paulo), 86 anos. Aldeia do Brejinho, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012.

Manoel Antonio do Nascimento (Manoelzinho Caxeado), 80 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 30/11/2012.

Pedro Limeira, 82 anos. Serra da Cacaria/Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012 e 31/05/2013.

Manoel Gonçalves da Silva (Nenem), Aldeia Enjeitado, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 31/05/2013.

Desfilando "Com Palha de Coco, Cacho de Coco, Repolho": os Índios Xukuru e as Ligas Camponesas em Pesqueira/PE

Edson Silva[34]

Resumo: nos relatos orais os índios Xukuru do Ororubá, habitantes em terras de um antigo aldeamento que foram invadidas por fazendeiros, se referem à mobilização e participação nas Ligas Camponesas no início da Década de 1960 em Pesqueira/PE. Além das memórias indígenas, a pesquisa foi baseada em jornais da época, na documentação do DOPS e relatórios oficiais. As autoridades alertavam que ocorria a doutrinação dos índios em sua "ignorância" pelos comunistas, mas os índios chamados "caboclos" da Serra do Ororubá que viviam explorados na condição de moradores e trabalhadores assalariados pelos latifundiários, apesar da forte repressão oficial viram nas Ligas Camponesas uma possibilidade de conquistar parte de suas terras.

Palavras-chave: índios Xukuru; História; Ligas Camponesas; Nordeste.

O "perigo comunista" e os índios: os Xukuru e as Ligas Camponesas

Em suas memórias os índios Xukuru do Ororubá falam dos plantios existentes na Serra do Ororubá destinados à indústria do doce, e ainda da época em que trabalharam nas fábricas em Pesqueira/PE. O Pajé Xukuru falou da grande dimensão de terras ocupadas pela Família Brito com plantios de tomate:

> Tinham terra que nem o diabo! Aqui logo, começava logo aqui do [Bar do] "Papa" (ponto comercial situado na entrada da atual área Xukuru demarcada), vai a Lagoa e tudo ali em Santana, por ali a fora tudo era deles, né? Sítio do Meio, eles tinham o que? Umas quinhentas quadras! Dava umas quinhentas quadras lá em Sitio do Meio. Esse Sítio do Meio foi grilado. Foi tomado.[35]

Ao ser perguntado se tinha trabalhado nas fábricas em Pesqueira, o Pajé respondeu: "Trabalhei na Peixe, eu era menino novo com dezessete anos. Trabalhei na Peixe, trabalhei na CICA, na CICA Norte. A Peixe era dos Brito. A CICA Norte era daquele Severino Paixão e a Peixinho era dos Brito, também." O entrevistado falou ainda que muitos índios trabalhavam nas fábricas: "Trabalhava, trabalhava muito."

[34]Doutor em História Social pela UNICAMP. Professor no Centro de Educação/Col. de Aplicação-UFPE/Campus Recife. Leciona no Programa de Pós-Graduação em História/UFCG (Campina Grande/PB) e no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UFPE/Campus Caruaru, destinado à formação de professores/as indígenas em Pernambuco. E-mail: edson.edsilva@gmail.com

[35]Pedro Rodrigues Bispo, "Seu Zequinha", Pajé Xukuru, 74 anos. Entrevista realizada em 29/03/2002, Bairro Portal, Pesqueira/PE.

Portanto, muitos dos trabalhadores nas fábricas de doces na cidade, como também os agricultores na zona rural de Pesqueira eram índios xukurus. Na documentação oficial e nas memórias orais indígenas encontramos relatos das experiências vivenciadas enquanto operários urbanos ou como trabalhadores-moradores em terras de fazendeiros que invadiram do antigo aldeamento indígena de Cimbres. A época e as condições de trabalho dos índios, moradores na Serra do Ororubá, na Fábrica Peixe, foi lembrada por "Seu" Ciço Pereira,

> Era muita gente que trabalhava na Fábrica Peixe. Mas era índio. Tudo índio daqui da Serra. Era de vinte, trinta, vinte. Era de vinte, de quinze pra lá que ia toda viagem. Que ia pra Fábrica Peixe toda noite. Mas eles iam fazer sabe o que? Iam trabalhar a noite. Num era trabalhador fichado não. Iam carregar coisas nas costas, tomate, descarregar caminhão todo, que era a Fábrica peixe lutava com cento e tanto caminhão, viu! Carregando tomate. Ia trabalhar, chegavam todo melado. Trabalhava a noite. Só que eles davam café, né? Davam pão da noite, mas toda noite que viesse, marcavam todo nisso.[36]

As atividades noturnas, para fugir a fiscalização trabalhista já que os trabalhadores eram clandestinos, as difíceis condições de realizá-las, pois era principalmente o serviço pesado de carregar caixas nas costas, descarregar caminhões, etc., foram recordadas também por outros entrevistados. Na área rural em Pesqueira, na Serra do Ororubá, muitos xukurus sem terras moravam "de favor", em terras nas mãos dos fazendeiros. Pagavam a moradia com o trabalho na lavoura. Muitos trabalharam desde a infância nas lavouras, que eram invadidas e destruídas pelo gado do fazendeiro,

> Nós trabalhava arrendado com fazendeiro. Você botava meio hectare de terra ou um hectare. Fazia a broca, fazia a terra, plantava, quando a lavoura, quando nos plantava que nascia o fazendeiro já danava capim dentro! Nós trabalhava arrendado! Porque ali não desfrutava nada! Quando tava começando a desfrutar ele já botava o gado dentro! Pronto, acabava com tudo! Nós ficava sem nada![37]

Um entrevistado nascido em Cana Brava, cujos pais nasceram e viveram naquela localidade, falou da falta e das dificuldades do acesso a terra para o trabalho com a exploração e pressão dos fazendeiros,

[36]Cícero Pereira de Araújo, "Seu Ciço Pereira", 81 anos (falecido). Entrevista realizada em 05/01/2002, Bairro Xukurus, Pesqueira/PE.
[37]Idem.

> A dificuldade era grande. Desde o meu tempo, eu caí no trabalho da agricultura com dez anos de idade! Porque o ramo dos meus pais, dos meus avós, tudo era trabalhar na agricultura. Mas não existia terra para trabalhar! Não existia terra para trabalho. Nós trabalhava arrendado com fazendeiro. Você botava meio hectare de terra ou um hectare. Fazia a broca, fazia a terra, plantava, quando a lavoura, quando nos plantava que nascia o fazendeiro já danava capim dentro! Nós trabalhava arrendado! Porque ali não desfrutava nada! Quando tava começando a desfrutar ele já botava o gado dentro! Pronto acabava com tudo, nós ficava sem nada.[38]

Em Brejinho a situação era semelhante. Ao ser perguntado se seus pais tinham terras, "Seu Malaquias" afirmou que trabalhavam somente em terras nas mãos dos fazendeiros,

> Terra tinha na fazenda. Própria não. Tinha a moradia. Plantavam um ano ali num lugar cercado, plantava milho, feijão, plantava o que quisesse esse ano, e outro ano, mudava lá outro cercado. Agora nesse ano trabalhava aqui plantava capim e aqui não trabalhava mais, aí mudava para outro, botava os roçados, botava o capim, mudava para outro.[39]

Outra opção para os índios sem terras era o chamado trabalho arrendado. E também aumentava as pressões dos fazendeiros sobre aqueles que possuíam pequenos pedaços de terras, arrendando-as, comprando-as, tomando-as a força. O que provocou a dispersão de famílias indígenas,

> E pagava a renda com a planta do capim ou da palma. Era. E o índio tinha que fazer aquilo mesmo. E eles aqueles, os índios que tinham um pedacinho de terra, ai foram apertando, os fazendeiros foram apertando, foram apertando e eles tudo de boca aberta, nem davam o roçado, nem arrendava e nem nada. Eu compro seu pedacinho de terra e eles besta comprava, vendia ou vendia. Vou sair daqui que doutor fulano vai tomar conta disso aqui e depois pode dele não querer pagar e nós perde, vendiam. Vendiam e iam pra rua e outros ia s'imbora pelo mundo, por aí a fora, vivia por esses cantos.[40]

Em outras localidades algumas famílias herdaram dos seus antepassados pequenos pedaços de terras. Como "Seu Dedé", nascido em Sanharó, cidade próxima a Pesqueira, porque seus pais tinham migrado em razão da falta de terras para trabalho. Mas ele voltou a Serra do Ororubá para morar em um pedaço de terra que

[38]Juvêncio Balbino da Silva, 76 anos. Entrevista realizada em 15/12/2005. Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE.
[39]Malaquias Figueira dos Ramos, 62 anos. Entrevista realizada em 17/11/2005. Aldeia Brejinho, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE.
[40]Gercino Balbino da Silva, 80 anos (falecido). Entrevista realizada em 11/08/2004. Aldeia Pedra D'Água, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE.

fora da avó da sua esposa. Ele relatou também as pressões impostas pelos fazendeiros vizinhos para tomar-lhe às terras:

> A terra que a gente tinha aqui era dez conta de terra. Era quinze braças por oitenta de altura. Quer dizer que nos papéis da escritura tinha dez conta de terra. A gente não tinha espaço pra nada, porque de um lado o fazendeiro, do outro o fazendeiro. A gente tava como um pão que a gente pega ele e abre no meio e coloca um pedaço de doce e faz sanduíche, a gente tava ali naquela tirinha imprensado e ele imprensando mais pra gente correr, conseguir correr dali e ele tomar conta.[41]

O Pajé Xukuru, "Seu Zequinha", recordou que a falta de terras obrigava os índios trabalharem para os fazendeiros. Ele próprio trabalhou nessas condições. Quando era de seus interesses os fazendeiros cediam terras para trabalho em regime de pagamento com a maior parte da produção, colhida às pressas. Uma pressão crescente até a expulsão dos pequenos proprietários,

> Quem ficou com uns pedacinhos, ainda trabalhava naqueles pedacinhos deles. E quem não tinha, tinha que trabalhar a roubo. O pessoal, o fazendeiro abria campina, andava aquele roçado. Eu mesmo trabalhei muito nas propriedades do povo, dos fazendeiros. Eu pagava um saco de milho por quadra, pagava. O pagamento era um saco de milho e a prestação ficava. Fechava pra estação e a fava que a gente ficava, ele não deixava nem amadurecer direito, o camarada apanhava verde mesmo, ai que nós vivia assim, mas teve uma época, que não teve nada. Os fazendeiros tomaram conta.

O Pajé ressaltou que os despossuídos de terras eram os mais oprimidos pelos fazendeiros, que soltavam o gado nos plantios antes do término das colheitas,

> Esses é que sofriam demais! Onde trabalhar? Só era do fazendeiro fazer deles o que queria. Dava um pedacinho de terra deste tamanho assim para trabalhar, não deixava a fava criar nem caroço, nem secar, apanhava verde, o milho quebrava verde, ainda o leite correndo pro gado não comer. "Vou botar o gado!". Muitos já quebravam com o gado dentro! O fazendeiro botava, cada vez mais apertava a dobradiça.[42]

[41]José Antonio Luiz da Paz, "Seu Dedé", 48 anos. Entrevista realizada em08/04/2004. Aldeia Santana, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE.
[42]Pedro Rodrigues Bispo, "Seu Zequinha", Pajé Xukuru, 74 anos. Entrevista realizada em 29/03/2002. Bairro Portal, Pesqueira/PE.

As lembranças das relações de trabalho na condição de moradores nas terras por anos em mãos dos fazendeiros foram relatadas ainda por "Seu Juvêncio",

> Quem não tinha terra, morava de favor, morava com os brancos. Eles botava lá. Eles botava eles para morar, dava uma moradia a eles, botava eles para morar e pra trabalhar eles direto! Trabalhar eles direto! Nunca teve futuro. Eu mesmo trabalhei muito para outros. Trabalhei muito alugado. Eu trabalhei de 1952 para cá, eu morei com o fazendeiro aqui Antônio Zumba, era o homem mais rico dessa região! O nome dele era Antônio Zumba. Agora que ele era muito bom. Ele era muito bom. O nome dele era Antônio Zumba. Só com ele eu trabalhei trinta e dois anos.[43]

As relações ora eram clientelistas, ora também ocorriam perseguições e opressões onde os direitos trabalhistas não eram respeitados, nem mesmo na Justiça que ignorava o trabalhador-morador como expressou ainda o entrevistado,

> Eu já velho, eu já com idade de 54 anos, para 60, eu trabalhava com ele, mas ele era muito bom para mim. Agora ele criava um neto, mas quando eu saí de lá, eu sofri muito porque trabalhava ele, ele era muito bom pra mim, mas o neto era muito ruim. Depois o terreno que tinha que eu morava, ele passou pro neto. O neto foi e me botou para fora. Eu saí sem direito, ainda botei na Junta, mas a junta não me deu direito. Me deu direito sim, deu arrumar uma casa. E no fim, nem casa de nada, eu perdi.[44]

Nesse ambiente de exploração e opressão as Ligas Camponesas em Pesqueira tiveram a adesão e participação dos índios. Em 1950 o jornal *Folha do Povo* denunciava que "a Tribu Xicurús, composta de uns 10 mil índios" habitantes na Serra do Ororubá "há dezenas de anos"[45], viviam na miséria, sem a assistência oficial e perseguidos. Afirmava a reportagem que o clero de Pesqueira e o governo eram contrários aos índios, isso a partir de um episódio em que enxadas prometidas e enviadas para os índios pela Secretaria Estadual da Agricultura foram vendidas pelo índio Malaquias funcionário da Prefeitura de Pesqueira. Quando cobrada pelos índios, a Secretaria recebera a informação da Prefeitura que as ferramentas foram distribuídas aos destinatários.

---

[43]Juvêncio Balbino da Silva, 76 anos. Entrevista realizada em 15/12/2005. Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE.
[44]Idem.
[45]*Folha do povo*, Recife, 22/3/1950, p.5. Arquivo Público Estadual de Pernambuco/APEJE, Fundo SSP 1083. (Documentação do Dops).

Em 1959 foi denunciada a Secretaria de Segurança Pública no Recife, a Liga Camponesa "a 12 Km. da cidade", ou seja, o que correspondia à zona rural de Pesqueira. Segundo o documento, o então candidato a Prefeito daquele município Luiz Neves, afirmou que "se eleito estaria ao lado dos camponeses e resolveria a situação de divisão de terra". Afirmava o denunciante que o local estava recebendo visitas de "Dr. Julião" (Francisco Julião), que organizara a sede e a diretoria da Liga naquele lugar.[46] A existência da Liga Camponesa entre os índios era do conhecimento da Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios/SPI no Recife[47], que solicitou ao encarregado do Posto Indígena Xukuru apuração da denúncia de desvio para a Liga do leite destinado à merenda escolar, como constatara um oficial do serviço secreto do Exército.[48]

A organização da Liga Camponesa prosperou e era vigiada de perto pelas autoridades. Em 1961 o Delegado de Pesqueira informava que recentemente, "camponeses construíram uma palhoça, sendo a primeira feita pela Liga. Ameaçaram os proprietários com armas, gestos e palavras". Em um trecho de um relatório datado do mesmo ano, consta que em Pesqueira a sede da Liga estava na área urbana da cidade. E a sede das Ligas "fora da cidade", encontrava-se no Posto do SPI onde o chefe era "o agitador Arnaldo Tenório", que recentemente "tinha criado uma polícia dos índios com seu respectivo fardamento". Segundo o documento, a Liga "se empenha pelas propriedades Brejinho, Lage Grande, Cana Brava e Caipi", locais onde registros históricos citam a moradia de xukurus. A Liga tinha mais de 400 integrantes, dirigidos por Gregório Bezerra,[49] conhecido comunista posteriormente preso pela repressão militar do Golpe em 1964.

O investigador mandado sigilosamente a Pesqueira pela Inspetoria Regional do SPI sediada no Recife, elaborou um relatório que detalhou a Liga Camponesa entre os

[46]"Parte". De Eliel T. Vasconcelos, em Recife 8/12/1959, para o Comissário Auxiliar (Secretaria de Segurança Pública/SSP). APEJE, Fundo SSP 1083. (Documentação do DOPS).
[47]Memorando reservado nº. 25. Do Chefe da IR4/SPI, Raimundo Dantas Carneiro, em 08/09/1959, para o Encarregado do PI Xukuru Coriolano de Mendonça. Museu do Índio-RJ/SEDOC, microfilme 181, fotograma 338.
[48]Telegrama. De Modesto Oliveira, Sargento-Delegado, em Pesqueira 27/05/1961, para o Delegado Secretário de Segurança Pública no Recife. APEJE, Fundo SSP 1083. (Documentação do DOPS).
[49]Cópia de um trecho de relatório datado de 25 de setembro de 1961. Relatório das sindicâncias relativas às Ligas Camponesas. Da SSP/Delegacia Auxiliar, para o Comissário Supervisor. APEJE, Fundo SSP 29285. (Documentação do DOPS).

índios. Segundo o investigador afora Pesqueira, os municípios próximos eram locais de atuação do "famoso Gregório". Militantes de sua confiança, vindo de outras cidades próximas e até de Vitória de Santo Antão, berço das Ligas Camponesas, visitavam regularmente Pesqueira para fazerem "propaganda comunista". Um deles, Manuel Moreira agia com descrição, era especialista em guerrilhas e "periodicamente visitava os caboclos, (como eram chamados os Xukuru) constituindo entre eles adeptos".

Além de Manuel Pereira apontado como "o principal entre os índios", são citados no relatório Zacarias Pereira, Elói Pereira e Antonio Nascimento que também eram "ardorosos adeptos das Ligas Camponesas". O investigador chamou a atenção que os índios envolvidos com as Ligas eram moradores em Brejinho e Cana Brava, acentuando ainda a ausência de adesistas à organização camponesa de moradores em São José "apesar de ser o núcleo indígena mais perto da cidade e por isso mais próprio a manter contacto com os comandos comunistas". A observação do investigador revela que para fugir do controle policial, a Liga entre os índios foi organizada na Serra do Ororubá em um local mais distante da sede do município. No relatório ainda é afirmado que a Liga Camponesa em Pesqueira era conhecida como "Sociedade dos Agricultores", prometendo aos filiados vários auxílios sociais cobrando uma mensalidade, concedendo uma carteira de sócio aos participantes.[50]
Em uma informação verbal "Seu Zequinha", o Pajé Xukuru, afirmou que Artur Elói, Manuel Pereira ("Mané Barrete"), Antero Pereira e Zé Miguel, todos moradores em Cana Brava onde nasceu o Pajé, tinham "a carteirinha com a foice e o martelo". O citado relatório contabilizou em 1500 associados na Liga Camponesa em Pesqueira e que o Bispo diocesano, a exemplo de que ocorria em outros municípios, criara uma associação literária e filantrópica, de cunho moral e religioso destinada aos agricultores e para combater a organização dos comunistas.

A presença de militantes comunistas na Serra do Ororubá teria diminuído, informava o investigador no referido relatório, em razão das ações repressivas tomadas pelas autoridades municipais, com o apoio da chefia do Posto do SPI e do Sargento do Exército comandante do Tiro de Guerra em Pesqueira. O militar tomaria imediatas

[50]Relatório de Paulo Rufino de Melo e Silva, em 08/08/1961, para o Diretor do SPI no Rio de Janeiro. Museu do Índio-RJ/SEDOC, microfilme 182, fotogramas 806-809.

providências sendo informado sobre as visitas de pessoas estranhas e a realização de propaganda comunista entre os índios. Nas conclusões do seu relato o investigador afirmava, "De um modo geral, os nossos índios são levados pelas vantagens a eles oferecidas por seus doutrinadores e dada a sua ignorância, não acredito que os mesmos sigam por convicção a ideologia que eles pregam".

O policial escreveu estar convicto que mesmo aqueles citados índios envolvidos na Liga não tinham "o necessário entendimento para compreender em toda a sua extensão a ideologia a eles apresentada pelos comunistas".[51] A visão do investigador expressava a concepção oficial e geral da sociedade da época sobre os índios, tidos como ingênuos passiveis diante da pronta cooptação pelos perigosos comunistas. Para as autoridades, as condições de vida Xukuru, que reconhecidamente não recebiam uma devida assistência governamental, tornavam-nos potenciais vítimas de ideologias perigosas à ordem social estabelecida. Mas uma análise dos relatos Xukuru sobre o envolvimento com a Liga põe em questão essa concepção. Os Xukuru participaram ativamente na organização e nas mobilizações da Liga Camponesa, tanto na Serra do Ororubá, como no centro de Pesqueira.

"Isso aqui é nosso! Isso é da gente!"

Além das memórias orais os Xukuru, diversos documentos oficiais registram a participação indígena na Liga Camponesa em Pesqueira. A formação de uma polícia indígena foi apoiada pela da Inspetoria do SPI no Recife, que remeteu ao encarregado do Posto Indígena Xukuru modelos de fardamento para a milícia.[52] Indicando que oficialmente, em um primeiro momento, a idéia não tinha nenhuma relação com a Liga Camponesa ou os comunistas, como denunciou a "Parte" enviada meses antes a Secretaria de Segurança Pública no Recife.

Dois entrevistados recordaram a participação na polícia indígena. O primeiro falou ter sido convidado por "Arnaldo", possivelmente o mesmo denunciado anteriormente

[51]Idem.
[52]Memorando Circular nº. 84/60 que remete cópias das Ordens de Serviço internas nº. 29, 30 e 31. Do Chefe da IR4 Raimundo Dantas Carneiro, em 29/03/1960, para o Encarregado do PI Xukuru Coriolano de Mendonça. Museu do Índio-RJ/SEDOC, microfilme 181, fotograma 339.

como “agitador comunista”. Nas entrelinhas da fala é possível perceber a mobilização para “a festa” como chamavam a organização para ocupação das terras,

> Eu fui soldado do SPI. Chegou aqui um chefe, chamado Arnaldo. Nós, esse chefe chegou aí pra trabalhar. Aí o dono do terreno era desse pessoal que num aceitava ninguém no terreno dele. Era desses caboclos antigo. O que é que você veio ver minha terra? – esse rapaz! Eu vim trabalhar com vocês. – Não, aqui não tem ninguém trabalhando pra nós não. Eles falavam tudo assim! Ai ele foi ajeitou e ficou. Mandou fazer um coquetezinho (chapéu) de pano pra nós, vestia uma roupinha e nós. Chamava-se era dez soldado-índio.[53]

O segundo entrevistado “Seu Brainha”, citado pelo primeiro como um dos participantes na polícia indígena, falou da sua adesão a milícia: “Arnaldo chegou lá, em Cana Brava, né? E falou pra botar uns guardas lá. Uma polícia, lá. Polícia, milícia, o que é que eles diziam lá, né?” O entrevistado lembrou que Arnaldo os levou ao quartel onde foram receberam uma repreensão e foram presos em Pesqueira,

> Ele trouxe pro quartel pra apresentar ao tenente. Eu sem vontade de ser soldado. Nós viemos ficar aqui. Aí pegaram um reboliço lá, por causa dele lá. E nós fiquemos!
> “-Vocês querem ser polícia, vocês vem aqui, no batalhão. Num sei aonde no 4º Exército, no 2º Exército e pega a farda. Mas com esse homem aí, vocês não pegam, não”. Aí o homem desapareceu pro Recife, até hoje! Nunca mais veio aqui. Nem vi a cara dele mais nunca na vida![54]

Pelo relato podemos deduzir que se tratava de um serviço de vigilância enquanto existiu a Liga na Serra. O entrevistado lembrou que posteriormente foram levados para o quartel em Pesqueira, onde depois de uma repreensão ficaram presos.
Questionado sobre o motivo das prisões “Seu Brainha” respondeu: “Porque tinha que levar os índios prá se apresentarem lá, pra polícia ver, né? Mas, nós não fomos de nada nessa vida, nem eu, nem Zé Cacique, nada”. Pela narrativa percebe-se que a prisão ocorrera pelo envolvimento do entrevistado e outros companheiros seus com a Liga Camponesa. Segundo o entrevistado após as prisões, o citado Arnaldo

[53]José Pereira de Araújo, “Zé de Ismaé”, 61 anos (falecido). Entrevista em 20/12/2004. Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/ PE.
[54]Antônio Feliciano da Silva, “Seu” Brainha 79 anos. Entrevista realizada em 07/07/2004. Bairro José Jerônimo, Pesqueira/PE.

desapareceu: “Aí o homem desapareceu pro Recife, até hoje! Nunca mais veio aqui, nem vi a cara dele mais nunca na vida!”.[55]

Em fins de 1963 um enviado do Ministério da Agricultura a Pernambuco declarava que recebeu todo o apoio do Governador Miguel Arraes e do Delegado da Superintendência da Reforma Agrária/SUPRA em Pernambuco, para ir “in loco” a Pesqueira, realizar uma investigação sobre as invasões de terras da União por trabalhadores rurais. Na apresentação do seu relatório, o emissário ministerial transmitiu ao Delegado da SUPRA, a recomendação do Ministério na prioridade para Pesqueira em um convênio com o Governo de Pernambuco. O autor do detalhado relatório[56] afirmou ter buscado informações com vários grupos e pessoas em Pesqueira: com os proprietários de terras, com o Pe. José Maria designado pelo Bispo de Pesqueira para prestar assistência religiosa aos camponeses, o engenheiro agrônomo responsável pelo Posto de Fomento Agrícola na cidade e em reuniões com o sindicato dos trabalhadores rurais, objetivando conhecer “as legítimas reivindicações da classe”.

O agrônomo informou sobre o clima de agitação política “das massas rurais” e suas reivindicações. Da reação dos proprietários contrários aos trabalhadores sindicalizados acusando-os de subversivos que colocavam em perigo a ordem social. As insatisfações dos trabalhadores resultavam da falta de trabalho, pela recusa dos proprietários de aceitá-los, mesmo como arrendatários, quando sindicalizados. A situação estava mais agravada por causa da seca que destruía as lavouras financiadas, sendo os débitos de muitos endividados cobrados, sem amortização, pelo Banco do Brasil.

Os trabalhadores rurais na condição de arrendatários e moradores eram expulsos, tendo inclusive as suas casas destelhadas, informação confirmada pelo Padre José Maria que tentara demover os proprietários de tal atitude, o que justificava para o religioso a organização dos trabalhadores. Diante da situação o emissário do Governo Federal discorreu sobre o sentido social da propriedade da terra, da legitimidade da

[55]Idem.
[56]Relatório sobre o município de Pesqueira, em 23/12/1963. APEJE, Fundo SSP 29293. (Documentação do DOPS).

sindicalização dos camponeses e da necessidade de "uma reforma agrária cristã e democrática", para o bem do país, como pregava a CNBB.

Quanto ao fato de existirem dentre os cerca de 2.000 trabalhadores rurais sindicalizados em Pesqueira, indivíduos oriundos das Ligas Camponesas em uma reivindicação de classe estavam conjuntamente com trabalhadores de inspiração cristã, que seguiam as orientações doutrinarias da Igreja Católica Romana no Brasil, lutando por melhores condições de vida para todos. Afirmava ainda o relator que os trabalhadores tinham invadido terras púbicas, demonstrando assim seus propósitos pacíficos, nas expressões de respeito às autoridades do Governador do Estado e do Presidente da República como comprovara, sem razões por esse motivo para o medo dos proprietários de terras particulares.

De volta a Recife, tendo procurado o Governador Miguel Arraes, o emissário do Ministério da Agricultura afirmou que fora informado pelo Governador do envio de tropas da polícia estadual a Pesqueira "como poder menos repressivo do que acompanhamento das soluções jurídicas mantenedoras da ordem pública, sem detrimento dessa ou daquela parte desentendida". O relator afirmava ainda concluir seu trabalho otimista, apesar da grave situação em Pesqueira, onde "as relações das classes em litígio" poderiam chegar ao extremo, se propagando "a agitação local" por outras regiões e por todo o Estado de Pernambuco.

O relatório embora em nenhum momento tenha citado os índios é claramente favorável a eles, ao constatar que a ocupação ocorrera em terras públicas, às reivindicações, e a organização dos "trabalhadores rurais". Estes reclamavam da falta de trabalho, pois os fazendeiros expulsavam os arrendatários e os sindicalizados. O enviado ministerial além de enfatizar a necessidade da realização de um convênio entre o Ministério da Agricultura e o Governo do Estado de Pernambuco, sugeriu se recorrer à legislação trabalhista em vigor, propondo ainda dentre outras medidas inclusive que o Governo Federal interviesse fixando um prazo legal de 3 a 4 anos nos

arrendamentos, como solução imediata para os conflitos.[57] Que ocorreram como trataremos em seguida.

Desfilando "Com palha de coco, cacho de coco, repolho"

Por ter se envolvido na retomada de Pedra D'Água Cícero Pereira, morador em Cana Brava, onde ocorrera "uma reunião" foi acusado de subversivo e preso com outras pessoas da Serra do Ororubá e de Pesqueira,

> Sabe por que eu já fui preso? Só porque eu fazia parte da, desse pessoal, dessas fera que manda nas usina, que tava a favor das terra. Fizeram reunião em Cana Brava ainda na casa de um pai, desse povo ai, depois dessa reunião. Retomada ai de Pedra D'Água, foi dessa retomada, que dessa época ai que eu fui preso. Eu, Manoel Pereira, Joaquim Neto e Alonso. Teve uma porção lá de Pesqueira foi tudo preso.

Preso em 1963, o entrevistado recordou o apoio do Governador Miguel Arraes a ocupação das terras, bem como envolvimento de pessoas que aparecem citadas nos documentos oficiais. A ocupação aconteceu depois de uma missa por gente vindo de Cana Brava,

> Sessenta e três. Ah! Pois dessa década, dessa data. Eu tava que fizeram isso ai. Ai daqui a pouco um mês, Miguel Arraes que era Governo do Estado abriu mão pra D. Luizinha, Zé Arco-Verde, Luiz Arco-Verde, que era o advogado, que era meu advogado. Eu sei que fizeram essa miséria lá na Serra em Cana Brava, depois da missa, que eu nem assisti. Adepois da missa ajuntaram esse povo, muita gente, já ia pra Cana Brava e abriram Pedra D'Água (...), e só porque eu passava por lá e conversava com o povo me trataram como subversivo.[58]

Outro entrevistado falou que esteve em Pedra D'Água, ocupada pela primeira vez pelos índios. Em uma área coberta de matas, entre os ocupantes estavam os comunistas. A alegria diante das condições do acampamento deixou o entrevistado perplexo,

> Foi a 1ª retomada! Agora que na época, tinha lá uma história assim, de dois martelos: um martelo vermelho e um martelo com... Eles cortavam a madeira, quando caía era aquela festa deles. Era tiros de

[57]Idem.
[58]Cícero Pereira de Araújo, "Seu Ciço Pereira", 81 anos (falecido). Entrevista realizada em 05/01/2002, Bairro Xukurus, Pesqueira/PE.

> bacamarte, de riú e eles todos fazendo aquela festa. As panelas debaixo dos paus. As caeiras de carvão. Ficou como um bocado de ciganos! Eu só desassombrado![59]

A ocupação em Pedra D'Água foi uma ação da Liga Camponesa com a participação indígena em uma área de terras do antigo aldeamento de Cimbres, naquele momento em domínio da União, como expressou o entrevistado:

> Foi essa Liga Camponesa. Foi começo da invasão, que invadiram lá a Pedra D'Água. Foi com a Liga Camponesa, isso mesmo. Diziam que 'esse terreno daqui não é de governo mais não. "Isso aqui é nosso! Isso é da gente!".

O entrevistado recordou também o motivo da ocupação: "Eles invadiram para trabalhar lá. Que foi como um bocado de ciganos, aquela empanada, lá".

O entrevistado falou ainda que os acampados promoveram uma passeata pelas ruas da cidade de Pesqueira. Eram liderados por um operário da fábrica Peixe, que possuía plantios nas terras ocupadas. Quando estiveram na cidade, os ocupantes trouxeram produtos agrícolas:

> Que quando é com pouco tempo, eles chegaram a desfilar. Chegaram a desfilar na Cidade. Que o chefão lá era um outro Pedro. Pedro Calú. Tudo indica, não estou bem lembrado... Mas que era Pedro Calú, o nome dele. Era da Peixe. Foi quem plantou aqueles jambres lá, coqueiros, o vajado de macaxeira, o tomate, o repolho, coentro, cebola, alho. De tudo o homem tinha muito. Eles ainda chegaram lá a desfilar na Cidade. Um negócio como um carnaval. Com palha de coco, cacho de coco, repolho. Que era muita, era muita gente lá! Os que estavam acampados lá vieram desfilar na Cidade, desfilaram na Cidade ainda.

Com o Golpe Militar de 1964, a repressão foi grande como afirmou o mesmo entrevistado: "Saíram correndo. Foi um pau, que não foi moleza! Dessa vez que eles vieram foi o Exército! Prendeu muita gente. Sofreu lá comunistas e homem que não era comunista".[60]

Ocorreram prisões e a expulsão dos ocupantes:

> Que quando é com pouco tempo, o pau quebrou. Que quando ele (o Exército) chegou, cabôco, foi cabôco mesmo, que saía ele correndo no mato, dentro da japicanga de espinho. É uma planta que tem um espinho preto e a maliça e o calumbi. Saíram correndo para escapar. Saíram correndo. Mas que a madeira deitou, deitou! Foi um pau, foi

[59]José Alexandre dos Santos, "Zé de Alexandre", 76 anos (falecido). Entrevistado em 14/12/05. Bairro Serrinha, Pesqueira/PE.
[60]Idem.

> um pau que não foi moleza! Porque ele, esse mesmo que me falou isso, foi um que quase morre. Ele foi cair lá em Santa Catarina, na casa de Agripino Quelé. Era José Jordão. Apanhou muito, chegou quase morto!

O entrevistado completou sua narrativa citando os nomes e o ocorrido durante a prisão dos militantes comunistas:

> Prendeu muita gente. Tinha um doutor Luís Arcoverde, tinha uma irmã dele chamada Luizinha, aí chegou naquele quartel. Que quando chegou no quartel, Luizinha foi. Ela era moça velha. Foi e disse: 'Pode trancar ela, que ela é comunista até a alma!'. Aí disseram: 'Vá embora, vá embora que a mulher é doida! A moça é doida'.[61]

No final da década de 1980 os Xukuru do Ororubá, juntamente com outros povos indígenas no Brasil, participaram ativamente do processo da Assembleia Nacional Constituinte. Liderados pelo carismático Cacique "Xicão", foram a Brasília e estiveram presentes nos debates sobre os direitos indígenas na Constituição em elaboração. Retornaram a Pesqueira motivados pelos direitos indígenas garantidos no novo texto constitucional, aprovado em 1988.

Em novembro de 1990, os Xukuru reocuparam a área da Pedra D'Água que se encontrava nas mãos de 15 posseiros não-índios paraibanos, arrendatários de terras da União sob domínio da Prefeitura de Pesqueira. Essa reocupação foi um marco na organização e mobilização contemporânea dos Xukuru, que retomaram outras áreas em mãos de fazendeiros provocando perseguições, violências e assassinatos de lideranças indígenas a exemplo do Cacique Xicão em 1998. Com o apoio da sociedade civil, os Xukuru do Ororubá pressionaram a FUNAI para demarcação do território indígena, demarcação essa ocorrida em maio de 2001.

[61]Idem.

Bibliografia

AZEVEDO, Fernando A. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BEZERRA, Gregório. **Memórias. (segunda parte: 1946-1969).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CAVALCANTI, Célia Maria de Lira. **Acumulação de capital e a industrialização em Pesqueira (Pernambuco).** Recife: UFPE, 1979. (Mestrado em Economia/PIMES).

FEITOSA, Raymundo Juliano Rego. **Capitalismo e camponeses no Agreste pernambucano: relações entre indústria e agricultura na produção de tomate em Pesqueira-PE.** Recife: UFPE, 1985. (Mestrado em Economia/PIMES)

MEDEIROS, Leonilde de S. de**. História dos movimentos sociais no campo.** Rio de Janeiro: FASE, 1989.

SETTE, Hilton. **Pesqueira**: aspectos de sua Geografia Urbana e de suas interrelações regionais. Recife: 1956. (Tese de concurso para provimento efetivo da cadeira de Geografia do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco).

SILVA, Edson. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988.** Campinas: UNICAMP, 2008. (Tese de Doutorado em História Social).

A Mediação da Antropologia na Demarcação das Terras Indígenas : Conceito Histórico

Eduardo Gomes da Silva Filho[62]

Resumo : o presente trabalho analisa a mediação da Antropologia no trato das questões indígenas, trazendo noções de etnocentrismo e de cultura para caracterizar os diversos modos de se construir enquanto pessoa humana, bem como a participação do antropólogo nos procedimentos administrativos e judiciais de demarcação destas terras. O estudo inicia-se com os delineamentos históricos da questão indígena no Brasil a partir da chegada dos europeus nestas terras. O trabalho analisa ainda os meios judiciais mais utilizados para cobrar do Estado que cumpra seu dever constitucional de demarcação das terras indígenas, bem como busca caracterizar a perícia, consoante o Código de Processo Civil e a perícia antropológica, em especial, realizada em sede de ações judiciais, trazendo à baila como se realiza este estudo antropológico e sua importância na configuração dos limites da área a ser demarcada, bem como na caracterização da noção de territorialidade indígena.

Palavras-chave: Antropologia; Demarcação; Terras indígenas.

Introdução

O presente trabalho objetiva começar a descortinar uma questão pouco tratada na sociedade brasileira: a questão indígena. Outro ponto decorre do fato de que falar da questão indígena envolve um diálogo necessário com a Antropologia.

Na primeira parte, analisar-se-ão os delineamentos históricos da questão indígena no Brasil a partir da chegada dos europeus nestas terras, o encontro do "eu" com o "outro" e a conjuntura social e histórica em que este encontro aconteceu.

Na parte dois, por seu turno, trará à discussão a identidade étnica do índio, quem é, de acordo com a legislação pátria o índio e como se consubstancia seu direito a terra, a quem elas pertencem e qual a diferença entre os institutos que se conformaram com a Constituição de 1988 no trato da questão indígena e os institutos de Direito Civil, evidenciando-se o caráter de Direito Público da relação existente entre os índios e suas terras.

E finalmente na parte três, por sua vez, analisará a questão da demarcação das terras indígenas, e o papel antropólogo que atua tanto nos Laudos de Identificação e

[62] Mestrando em História da Universidade Federal do Amazonas
E-mail : eduardoeducacao@hotmail.com

Delimitação de uma Terra Indígena, e no âmbito administrativo quanto como perito judicial quando a demarcação acontece no âmbito do judiciário.

A questão indígena no Brasil: delineamentos históricos

A Constituição de 1988 resguarda aos índios, sua cultura e suas terras, tão fundamentais na construção de seu modo de ser e viver.

No Brasil indígena do século XVI, estima-se que viviam cerca de 2 e 4 milhões de pessoas, que pertenciam a mais de 1000 diferentes povos. Já no século XX, de acordo com Ribeiro (1957, p. 432), havia desaparecido cerca de 80 povos indígenas, que reduziu a população de 1.000.000 para 200.000 pessoas.

Dados do Instituto Socioambiental (ISA) revelam que existem, hoje, no Brasil, 216 povos indígenas, estimando-se uma população de, aproximadamente, 350 a 500 mil pessoas. Nesse universo, são faladas por volta de 180 línguas diferentes, havendo, ainda, cerca de 40 evidências de índios isolados (RICARDO, 2000, p.15).

A ação missionária da igreja facilitava as incursões bandeirantes favorecendo a desorganização social e econômica, violentando os novos povos no que possuíam de mais fundamental: a forma com que explicavam o mundo em que viviam.

De acordo com Santos (1989, p.12), o Breve expedido pelo Papa Paulo III, em 1537, deve ser entendido nesse aspecto quando afirma que os índios “eram entes humanos como os demais homens”, capazes de receber os sacramentos.

Com a Independência, a situação não mudou, pois diversos grupos passaram por programas de colonização, conforme mostra Santos (1989, p. 13):

> Os Governos, imperial e provincial, promoveram várias iniciativas no sentido de eliminar os contingentes indígenas que viviam nas áreas de interesse para o estabelecimento de imigrantes europeus. Patrulhas de pedestres foram organizadas para dar segurança aos colonos que chegavam. Grupos de civis, conhecidos como bugreiros, foram armados para caçar os indígenas. A reação indígena também fez suas vítima.

Quando ocorreu a Proclamação da República, o quadro não foi alterado. De acordo com dados etnográficos constantes em Santos (1989, p. 14), no início do século, em São Paulo, a construção da estrada de ferro noroeste do Brasil quase dizimou um grupo Kaigang. No mesmo estado, na região do Paranapanema, os criadores de gado exterminaram os índios Oti. Os Xokleng do Sul do país eram perseguidos por bugreiros, em Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Os Maxacali e Botocudos foram praticamente dizimados. Os mesmos infortúnios ocorreram com índios amazônicos em virtude da extração da borracha. A penetração no sertão intensificou os conflitos entre índios e brancos, e a violência ostensiva caracterizou essa época.

Nesse cenário, é criado o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com o intuito de "promover a paz no sertão, garantindo a expansão da sociedade nacional e condições de sobrevivência para os grupos indígenas" (SANTOS, 1989, p. 14). Antes da criação do SPI, houve um grande debate, já que, na Europa, o humanista Alberto Vojtech Fric fez diversas denúncias durante o XVI Congresso Internacional de Americanistas em Viena, sobre o extermínio dos Xokleng em Santa Catarina.

Hermann Von Ihering, na época diretor do Museu Paulista, manifestou-se no sentido de que antes o aniquilamento dos índios do que a morte de um imigrante.

No entanto, o SPI tornou-se burocratizado e chegou falido nos anos 60. Houve, ainda, nefastos episódios para os índios com dimensões internacionais entre a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Internacional do Trabalho (OIT) e United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), em virtude de denúncias feitas contra funcionários do SPI que contribuíram com uma série de violências em relação aos índios, conforme relata Santos (1989, p.15):

> Coniventes com o extermínio de grupos indígenas arredios, com a utilização do trabalho indígena em condições vis, com a dilapidação do patrimônio indígena, com a introdução de doenças venéreas em grupos recém contatados, etc., fizeram com que o governo criasse, no ano de 1967, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Conforme o relato, houve então, a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que, inicialmente, era orientada por um Conselho Indigenista do qual faziam parte representantes governamentais e integrantes da comunidade científica.

A política da FUNAI, de acordo com Santos (1989, p. 16), não se baseia no "respeito ao pluralismo cultural e étnico, na cooperação, na assistência e no relacionamento político simétrico", mas objetiva a transfiguração de índios em não índios por meio de processos de assimilação e "integração enquanto indivíduos na sociedade nacional".

Não obstante ao cenário de violências e negação de todos os seus direitos, as populações indígenas não só sobrevivem como crescem demograficamente, constituindo-se em minorias étnicas "capazes de reivindicar bem-estar e liberdade para autogestão de seus interesses" (SANTOS, 1989, p. 16).

A identidade étnica do índio

A definição de índio, conforme o Estatuto do Índio, Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, em seus art. 3º e 4º, é a seguinte:

> Art. 3° Para os efeitos da lei ficam estabelecidas as definições a seguir discriminadas:
> I – Índio ou Silvícola – É todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional;
> II – Comunidade Indígena ou Grupo Tribal – É um conjunto de famílias ou comunidades índias, quer vivendo em estado de completo isolamento em relação aos outros setores da comunhão nacional, quer em contatos intermitentes ou permanentes, sem contudo estarem neles integrados.
> Art. 4º Os índios são considerados:
> I – Isolados – Quando vivem em grupos desconhecidos ou de que se possuem poucos e vagos informes através de contatos eventuais com elementos da comunhão nacional;
> II – Em vias de integração – Quando, em contato intermitente ou permanente com grupos estranhos, conservam maior ou menor parte das
> condições de sua vida nativa, mas aceitam algumas práticas e modos de
> existência comuns aos demais setores da comunhão nacional, da qual vão
> necessitando cada vez mais para o próprio sustento;
> III – Integrados – Quando incorporados à comunhão nacional e

> reconhecidos no pleno exercício dos direitos civis, ainda que conservem
> usos, costumes e tradições característicos de sua cultura (BRASIL, 1973).

As definições apresentadas revelam incongruências do ponto de vista lógico, antropológico e, como se verá, constitucional, uma vez que açambarcam critérios heterogêneos que podem ser mal interpretados.

Com efeito, Jacob (1981, p. 66-69) ressalta que

> A distância biológica entre duas pessoas de um mesmo grupo, de uma mesma aldeia é tão grande que torna insignificante a distância entre a média de dois grupos, o que retira qualquer conteúdo ao conceito de raça.

Então, se a menção à "ascendência pré-colombiana" não se assenta em um critério "racial", ela remete a uma genealogia. Todavia, dificilmente consegue-se prová-la, a não ser em pequenos grupos humanos, o que mostra que o entendimento legal deve ser analisado dentro de um contexto de "consciência de um vínculo histórico com comunidades pré-colombianas que é transmitida dentro do grupo" (CUNHA, 1983, p. 5).

Em segundo lugar, o critério cultural que considera o índio como integrante de "um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional" (Art. 3º, I, Estatuto do Índio), apesar de relativamente adequado, deve considerar que a existência de uma cultura não é sua característica primeira, mas sim consequência de sua organização como grupo étnico. Deve-se considerar, também, que a cultura compartilhada não constitui, obrigatoriamente, a mesma cultura ancestral. Cunha (1983, p.33) explica que "não é a cultura, entendida como algo objetivamente apreciável por um observador, aquilo que dá conteúdo a um grupo étnico". Só existe cultura perene em sociedades mortas, conforme ressalta Cunha (1983, p. 33).

Há ainda o critério da autoidentificação étnica que é o critério antropológico. Considerado o mais adequado, começou a ser fixado em 1849 por ocasião do II Congresso Indigenista Interamericano, que ocorreu em Cuzco, no Peru. Esse critério, seguindo o entendimento de Barth (apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 195-196) considera grupo étnico como uma organização social em que seus

integrantes se reconhecem como pertencentes ao mesmo grupo e são igualmente identificados como tais pelos outros integrantes, formando, assim, uma categoria diferente em relação a outros grupos da sociedade.

Sendo assim, apenas a própria comunidade indígena pode definir quem é ou não seu integrante. O terceiro critério para definir legalmente o significado de índio engloba os dois primeiros já que ele é consequência e mecanismo dos mesmos, como explica Cunha (1983, p. 6).

> Essa definição dá primazia à identificação do grupo em relação à cultura que ele exibe. Assim fazendo, resolve-se a questão da continuidade no tempo de um grupo e de sua identidade em situações ecológicas diferentes, o que, conforme vimos, seria problemático caso tomássemos os traços culturais como critérios. Em suma, traços culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo. Essa perspectiva está assim em consonância com a que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. A cultura, portanto, ao invés de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa maneira produto deste.

Corroborando com esse entendimento, Silva (2003, p. 827) afirma que o "sentimento de pertinência a uma comunidade indígena é que identifica o índio". Segundo o autor, a auto-identificação, fundada nesse sentimento de pertencer ao grupo, a sustentação da identidade étnica, que se funda em uma continuidade histórica ligada ao passado pré-colombiano que vem ao longo do tempo reproduzindo a cultura da comunidade indígena, delineiam o critério para identificar o índio brasileiro.

Ressalte-se, ainda, o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que, em seu art. 1°, institui "a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais", traz um novo conceito de "povos e comunidades tradicionais", que corrobora com o critério da autoidentificação étnica explicado:

> Art. 3o Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:
> I - Povos e Comunidades Tradicionais**: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais,** que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, grifo nosso).

Destarte, mesmo interagindo com outros grupos, a autoidentificação caracteriza a continuidade que identifica a etnia. A Constituição Federal, no art. 231, § 1°, assume a posição, uma vez que considera as terras ocupadas pelos índios como "necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições".

> A identidade étnica perdura nessa reprodução cultural, que não é estática; não se pode ter cultura estática. Os índios, como qualquer comunidade étnica, não param no tempo. [...] Nenhuma cultura é isolada. Está sempre em contato com outras formas culturais. A reprodução cultural não destrói a identidade cultural da comunidade, identidade que se mantêm em resposta a outros grupos com os quais dita comunidade interage. Eventuais transformações decorrentes do viver e do conviver das comunidades não descaracterizam a identidade cultural. Tampouco a descaracteriza a adoção de instrumentos novos ou de novos utensílios, porque são mudanças dentro da mesma identidade étnica (SILVA, 2003, p. 827).

O Decreto 6040/2007, de igual forma, assume essa postura quando, em seu art. 3°, inciso II, define o que é um território tradicional:

> II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações (BRASIL, 2007,c grifo do autor).

O art. 4º do Estatuto do Índio fixa categorias diversas de índios, de acordo com a relação estabelecida com a sociedade nacional, enquadrando-os como isolados, integrados ou em vias de integração, deixando evidente o seu propósito assimilacionista, que, assim como o Estado brasileiro, visava a perpetuar a visão de índio como uma condição transitória que iria desimbuir-se de seus valores culturais para integrar-se à sociedade e desfrutar de seus "benefícios".

O art. 3° trouxe a noção de "comunidade indígena", titular de direitos, entretanto tal artigo exclui dessas "comunidades" os índios integrados. Dessa forma, o critério da integração constitui-se em emancipação legal, causando equívocos entre as noções de integração e assimilação.

A integração é caracterizada pela articulação das comunidades indígenas com a sociedade nacional. Cunha (1983, p. 7) cita como exemplos de integração "a produção de mandioca para o mercado regional, ou a extração de borracha para o mercado internacional são formas de articulação econômica de grupos indígenas". O art. 1° do Estatuto do Índio, quando se refere a uma "integração harmoniosa", não quer dizer, por conseguinte, que o índio deva deixar de sê-lo de fato ou juridicamente, o que poderia dar margem para se argumentar que os mesmos perdem, então, seus direitos territoriais. Tal emancipação reflete-se nos negócios jurídicos praticados pelos índios que serão passíveis de tutela da União, que a exerce por intermédio do órgão federal de assistência aos índios, a FUNAI, acarretando a nulidade do ato quando a mesma não os assiste (Art. 7°, §§ 1º e 2º), nos casos de índios isolados ou em vias de integração.

Tanto é assim que o art. 2º, inciso VI, prescreve:

> Art. 2º Cumpre à União, aos estados a aos municípios, bem como aos órgãos das respectivas administrações indiretas, nos limites de sua competência, para a proteção das comunidades indígenas e a preservação de seus direitos:
> [...]
> VI – respeitar, no processo de integração do índio à comunhão nacional, a coesão das comunidades indígenas, os seus valores culturais, tradições, usos e costumes (BRASIL, 1973).

Modalidades de Terras Indígenas à luz da Lei n° 6.001, de 19 de dezembro de 1973 – Estatuto do Índio

Em que pese a disposição constitucional do art. 231 sobre as terras tradicionalmente ocupadas, já estudadas nos dois itens anteriores, esta não revela a única forma legítima com que os índios ou sua coletividade se relacionam com a terra, já que o Estatuto do Índio, nos artigos 17, 26 a 30 e 32, estabelece mais duas modalidades de terras indígenas que serão caracterizadas de acordo com os elementos particulares e a forma de relação estabelecida, sendo elas as terras ocupadas ou habitadas pelos índios, as áreas reservadas e as terras de domínio do grupo ou tribo indígena.

Dessa feita, dividem-se em dois grupos, segundo entendimento de Laranjeira (1984, p. 185): terras em que serão usufrutuários (áreas ocupadas e reservadas); terras das quais terão a propriedade (áreas de domínio indígena).

A primeira delas são aquelas habitadas ou ocupadas pelos indígenas e estão elencadas no art. 17: "*reputam-se terras indígenas*: I- as terras ocupadas ou habitadas pelos silvícolas, as que se referem os artigos 4°, IV e 198, da Constituição". Ressalve-se que o art. 198 refere-se á Constituição de 1969, mas é a mesma consideração do art. 231 da vigente Constituição. Sobre essa categoria de terras, menciona-se nos dois itens anteriores, pois são aquelas ocupadas de maneira tradicional, em caráter permanente pelos grupos indígenas, em que a União será a nua-proprietária e os índios os usufrutuários.

Na segunda modalidade, enquadram-se as terras reservadas, consoante mandamento do EI, art. 26:

> **A União poderá estabelecer**, em qualquer parte do território nacional, **áreas destinadas à posse e ocupação pelos índios**, onde possam viver e
> obter meios de subsistência, com direito ao usufruto e utilização das riquezas naturais e dos bens belas existentes, respeitadas as restrições legais (BRASIL, 1973, grifo nosso).

Corroborando com esse entendimento, eis a manifestação do Supremo Tribunal Federal:

> COMPETÊNCIA ORIGINÁRIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.
> EXPROPRIAÇÃO PROMOVIDA PELA FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO, COMO DELEGADA DA UNIÃO. ESTADO-MEMBRO COMO LITISCONSORTE PASSIVO (ART. 119, I, D, DA CF) - **E DA COMPETÊNCIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL A AÇÃO EXPROPRIATORIA MOVIDA PELA FUNAI, PARA A AQUISIÇÃO DE TERRAS DESTINADAS A CONSTITUIÇÃO DE AREAS RESERVADAS A OCUPAÇÃO DOS INDIGENAS, CUJO DOMÍNIO SE INCORPORA AUTOMÁTICA NO PATRIMÔNIO DA UNIÃO,** SE O ESTADO INTERVEM NO FEITO NA QUALIDADE DE TITULAR DO BEM EXPROPRIADO. CONFLITO DE INTERESSES ENTRE A UNIÃO E O ESTADO. PRELIMINAR DE COMPETÊNCIA REJEITADA (BRASIL, 1980, grifo nosso).

As áreas reservadas classificam-se ainda em "reserva indígena" (áreas destinadas para servir *de habitat ao grupo indígena, com os meios suficientes à sua subsistência* –

art 27, EI); "parque indígena" (*área contida em terra na posse de índios, cujo grau de integração permita assistência econômica, educacional e sanitária dos órgãos da União, em que se preservem as reservas de flora e fauna e as belezas naturais da região*. – art. 28, EI); "colônia agrícola" (*área destinada à exploração agropecuária, administrada pelo órgão de assistência ao índio, onde convivam tribos aculturadas e membros da comunidade nacional.* – art. 29, EI); e Território Federal Indígena" (*é a unidade administrativa subordinada à União, instituída em região na qual pelo menos um terço da população seja formada por índios.* – art. 30, EI).

De acordo com Cunha (2000, p. 103), o § 3º do art. 28 do EI, estabelece que "*O loteamento das terras dos parques indígenas obedecerá ao regime de propriedade, usos e costumes tribais, bem como às normas administrativas nacionais, que deverão ajustar-se aos interesses das comunidades indígenas*", exemplificando uma situação em que o legislador reconheceu a existência de um regime de propriedade próprio de cada povo indígena, havendo, assim, um direito interno dentro do grupo, deduzindo-se, portanto, "que a apropriação coletiva da terra, como base de uma solidariedade grupal e da identificação étnica, não se vislumbra desconhecida pelo legislador".

A terceira modalidade são as terras de domínio do grupo ou coletividade indígena, nelas os índios possuem a propriedade plena, conforme preceitua o art. 32 do EI: "São de propriedade plena do índio ou da comunidade indígena".

Quando o EI trata de terras de domínio indígena, refere-se a uma relação firmada na seara do Direito Civil em que estão presentes um índio ou sua coletividade, sendo que tanto o Estatuto como a Constituição ("*Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo*") conferem ao índio capacidade para realizar atos jurídicos.

Nesse sentido, eis a manifestação da Procuradoria da República em Santa Catarina (Anexo A):

> 1. Assim, a compensação a que fazem jus as comunidades Guarani no caso do PACIG pela duplicação da BR 101/Sul foi direcionada, por

> opção destas comunidades, à aquisição de terras, as quais são recebidas, portanto, por doação direta, caracterizando forma de aquisição da lei civil, não devendo e não podendo ser confundida com a terra a ser demarcada. 2. As terras a serem adquiridas, portanto, serão terras de domínio indígena, que integrarão os bens do patrimônio indígena, e não da União Federal. Os futuros registros nos Cartórios de Imóveis, conseqüentemente, deverão contemplar a forma de bem comunitário inalienável.

A apropriação coletiva de uma terra adquirida pelos índios, seja por doação ou compra e venda, por exemplo, deixa-a vinculada ao uso do grupo sendo que a terra não poderá, inclusive, sofrer posterior titulação individual, isto é, se um índio individualmente compra uma terra para o grupo, por exemplo, ele não poderá retomá-la como exclusivamente sua depois. As terras tradicionalmente ocupadas ou reservadas serão de domínio da União não podendo ser usucapidas para o domínio indígena.

Nessa conjuntura, Souza Filho (1999, p. 132) afirma que houve "a criação de um sistema complexo dividindo a posse e a propriedade de tal forma que o proprietário é apenas guardião do possuidor."

Apesar de a Constituição ter se referido a "terras tradicionalmente ocupadas", as terras de domínio indígena e as reservadas terão a mesma proteção já que esta se dá em virtude da ocupação tradicional. Nesse sentido, é o posicionamento de Cunha (2000, p. 96, grifo nosso):

> Muito embora disponha a Constituição tão-somente sobre *terras tradicionalmente ocupadas pelos índios* – sugerindo que as outras modalidades de terras indígenas, mormente as dominiais, inclusive quando pertencentes a uma comunidade, estivessem fora do sistema por ela instituído –, a norma estatutária tem assegurado, qualquer que seja a espécie coletiva de apropriação territorial indígena, uma vez assim reconhecidas, o mesmo status jurídico e idêntico regime protetivo. Até porque, com efeito, não se pode excluir, a priori, a possibilidade de as terras reservadas e dominiais **estarem sendo utilizadas de maneira tradicional, preenchendo, assim, os requisitos constitucionais e merecendo tratamento isonômico**. Ou seja, a forma de legitimação originária da terra não impede a sua eventual inserção na categoria hoje descrita na Constituição, passando a sujeitar-se ao ordenamento especial nela estabelecido. Deve, portanto, a União promover-lhe a demarcação, assegurando, definitivamente, a posse indígena.

Outra maneira de aquisição da propriedade de bem imóvel pelos índios é a usucapião, prevista no art. 33:

> *O índio, integrado ou não, que ocupe como próprio, por dez anos consecutivos, trecho de terra inferior a cinqüenta hectares, adquirir-lhe-á a propriedade plena.*
> *Parágrafo único. O disposto neste artigo* ***não se aplica às terras do domínio da União, ocupadas por grupos tribais, às áreas reservadas de***
> ***que trata esta Lei, nem às terras de propriedade coletiva de grupo tribal*** (BRASIL, 1973, grifo nosso).

Mais uma vez, encontra-se diante de um instituto "*sui generis*", uma vez que tal modalidade da usucapião não está prevista nem nos artigos. 550 e 551 do Código Civil – usucapião ordinária e extraordinária – nem no art. 191 da Constituição Federal – usucapião Constitucional, pois se desvelam, no instituto, alguns requisitos: a necessidade de beneficiar o indígena ou seu grupo, a ocupação da terra como própria, o prazo de 10 anos e a dimensão da terra – inferior a cinquenta hectares, sendo que o parágrafo único prevê que a usucapião não recai nas terras de domínio da União onde há ocupação tradicional, em áreas reservadas ou em propriedade coletiva do grupo tribal. O art. 39 do Estatuto do Índio, por seu turno, preceitua também que

> *constituem bens do patrimônio indígena (I) as terras pertencentes ao domínio dos grupos tribais; (II) o usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades nas terras ocupadas por grupos tribais ou comunidades indígenas e nas áreas a eles reservadas; (III) os bens móveis ou imóveis, adquiridos a qualquer título* (BRASIL, 1973, grifo nosso).

Significa, portanto, que todas as categorias de terras compõem os bens do patrimônio indígena. Nesse particular, as terras submeter-se-ão à gestão da FUNAI, posto que é o órgão competente para proteger direitos e interesses dos índios ou sua coletividade, evitando que celebrem negócios jurídicos que lhes causem prejuízos.

A elaboração do laudo antropológico e a questão da territorialidade indígena

Como visto no primeiro capítulo, as teorias evolucionistas que viam o "outro" como um estágio primitivo e atrasado não se coadunam com a moderna antropologia, tampouco com as garantias constitucionais vigentes.

Anote-se, nesse sentido, a lição de Rocha (2003, p. 135):

> Se durante muito tempo os índios foram vistos como subdesenvolvidos, como povos marginalizados, que deveriam a qualquer custo ser absorvidos
> pela sociedade nacional, hoje eles têm acesso ao Judiciário para exigir reparação pelos danos sofridos e pela perda cultural oriunda da perspectiva integracionista do Estado brasileiro.

Durante o curso de qualquer ação que envolva interesses indígenas, mormente quando estes direitos refletem-se nos direitos territoriais, a perícia antropológica tem um papel fundamental.

O antropólogo, indicado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), consoante acordo firmado entre a ABA e a Procuradoria Geral da República, analisará a forma com que cada sociedade se organiza, seus usos, costumes e tradições, observando os dados importantes para identificar e caracterizar a área ocupada tendo em vista sua demarcação. Ele fará ainda a mediação entre os indígenas e o Estado ao trazer para o processo

> uma etnografia dos processos sociais envolvidos na caracterização das terras indígenas, atento [...] para os códigos culturais peculiares que revelam as necessidades e as reivindicações das populações aborígenes [...] (CUNHA, 2000, p. 179).

Assim, busca o antropólogo com seu trabalho que a área seja suficiente ao bem-estar e à reprodução física e cultural da comunidade envolvida. Entrementes, na maioria das vezes, a terra que está sendo demarcada já é bem inferior à área considerada pelos índios como de ocupação tradicional.

A perícia não se confunde com o relatório de identificação, realizado em sede administrativa, apesar de o enfoque de ambos, ser a relação dos indígenas com seus territórios, sendo que o antropólogo trará, em seu trabalho, as informações etnográficas necessárias a este fim.

Na perícia, o antropólogo trará os dados para formar a convicção do juiz, no relatório apresentará a proposta construída pelo Grupo Técnico com a participação dos índios para a demarcação de suas terras.

O antropólogo irá elaborar seu laudo de acordo com a metodologia e o rigor da disciplina, no caso, a antropologia, disciplina na qual tem conhecimento intelectual. Como perito, irá responder aos quesitos formulados pelas partes e pelo juízo, realizando uma pesquisa "bibliográfica, documental e de campo" (SILVA; LUZ; HELM, 1994, p. 62). Sobre a formação do antropólogo e a sua atuação como perito, menciona-se a lição de Silva, Luz e Helm (1994, p. 63-64):

> Toda a formação do antropólogo e toda a sua prática de pesquisa se exercem através da alternância constante de dois momentos: o da interioridade em relação ao outro (o grupo ou a situação social que quer conhecer), vivenciada através de um mergulho profundo em um universo ao qual não pertence ou não pertence plenamente, e o da exterioridade em relação ao mesmo outro, vivenciada através de um distanciamento crítico. O
> primeiro momento é, basicamente, o da coleta de informações e da observação participante, em campo; o segundo, o da organização sistemática dos dados e sua interpretação crítica calcada na teoria e no rigor metodológico.

A antropologia tem como um dos seus objetos de estudo os povos indígenas, isso permite que seu arcabouço teórico e metodológico acerca das questões estudadas seja constantemente aperfeiçoado.

O antropólogo, durante a perícia, lançará mão de todos os meios necessários, como consigna o art. 429 do CPC. Silva, Luz e Helm (1994, p. 65) sugerem que, aos dados etnográficos, o antropólogo junte dados arqueológicos e documentais, associando-os a referenciais concretos da "etnogeografia, etnobotânica, etnozoologia, por exemplo". Utilize, ainda, fontes orais, já que, em muitos casos, este é um meio de resgatar a memória do povo envolvido, principalmente por não ter a tradição escrita.

Entretanto, diversas dificuldades são encontradas no trabalho do antropólogo. Dentre elas, Paraíso (1994, p.43) enumera "o caráter ideológico da produção da história

oficial; o desprezo pelas fontes não documentais e a despreocupação com a imagem e destino das populações indígenas".

O laudo pericial não irá estabelecer qual é o exato território dos índios, mas propor uma área. Considerando a proposta do próprio grupo indígena, que sofre alterações, tendo em vista que, assim como na sociedade, a deles também passa pelo dinamismo das mudanças de interesses, ideologias e conjunturas, devendo-se analisar o atual contexto situacional em que se inserem.

Mais uma vez, traz-se à baila um excerto da noção Guarani de territorialidade, que reforça a necessidade de se analisar a situação atual desses povos, desenraizando a idéia de tradicionalidade e imemorialidade, a idéia de tempo contado de acordo com a tradição:

> Essa territorialidade é norteada pelo que os Guarani definem como 'qualidade de vida'. Como já dissemos, essa qualidade depende, por um lado, da qualidade da terra, e por outro, da qualidade da relação social que nela se estabelece. Esses critérios são constitutivos da tradicionalidade da ocupação espacial dos Guarani, e pesam mais que a ancestralidade, por exemplo. O Guarani quer viver em paz. Não lhe interessa viver ao lado do inimigo ou em meio à degradação do solo e da água, mesmo que esse espaço tenha sido ocupado por seus ancestrais. **O espaço adequado, eleito por Deus, é aquele que condiz aos seus padrões socioculturais num contexto situacional de hoje, e não de ontem segundo o modo de vida dos antepassados**. Os índios estão, como nós, situados no presente, e expressam angústia frente à expectativa branca de que sigam vivendo segundo um modelo silvícola do passado: 'Que tradicional é esse que vocês estão querendo se estamos mudando?'. Para nós é muito difícil provar essa tradicionalidade. Porque para o branco não tem de comprovar? Ele que não é dono da terra? O governo vendeu toda a nossa terra tradicional. Agora é muito difícil13 (BRASIL, 2001, p. 4-5, grifo nosso).

Como visto, o trabalho antropológico é de fundamental importância para contextualizar as noções indígenas, bem como trazer ao conhecimento do judiciário a área que o grupo étnico identifica como sendo seu território, já que cabe ao grupo étnico "elaborar os critérios de pertencimento e exclusão espacial, mapeando suas fronteiras segundo suas próprias classificações e categorias", sendo que o antropólogo não poderá "substituir as classificações sociais defendidas pelos nativos,

atores históricos concretos e contemporâneos, por um recorte sustentado por ele segundo a lógica da sua própria sociedade."

Finaliza-se este trabalho com a lição de Comparato, a qual serve de reflexão para se pensar na luta constante pela coexistência da diferença e da diversidade, para se refletir para onde caminha esta "civilização" que massacra e destrói a diversidade em nome de um pensamento único e hegemônico. Lembre-se, ainda, que evolução implica mudança, mesmo quando essa mudança seja o caminho para a extinção, extinção inclusive de pessoas e de culturas:

> Acontece que nós outros, povos de um século que conheceu os extremos do totalitarismo político; de um século que inventou a comunicação de massa, a demagogia científica e o 'estado espetáculo', já não podemos aceitar a soberania absoluta de ninguém, nem confiar nos simples processos de educação moral para evitar a prática de crimes contra a humanidade. Nós comemos do fruto proibido e adquirimos, com isto, a terrível ciência do bem e do mal. Sabemos que a maioria do povo é capaz de esmagar 'democraticamente' a minoria, em nome do interesse nacional (COMPARATO, 2000, p. 27).

Considerações Finais

Durante o trabalho, verificou-se que a longa trajetória de massacre e omissão do poder público na efetivação dos direitos indígenas está longe de terminar. O diálogo com o "outro" esbarra na visão etnocêntrica de que usos, costumes e tradições da sociedade são os que devem prevalecer e aliam-se a interesses políticos e econômicos que preferem deixar a questão indígena na marginalidade.

Evidenciou-se que somente o próprio índio poderá definir a sua etnicidade por meio do critério da autoidentificação étnica, pois a cultura é dinâmica, assim como se molda e se modifica, também passa por processos de modificação e recriação entre os indígenas.

Observou-se que a caracterização de suas terras se funda em um direito originário e congênito, anterior ao próprio direito, e tem por base o instituto do indigenato, caracterizaram-se as terras indígenas à luz do Estatuto do Índio e da Constituição

Federal de 1988, que criou modalidades diferenciadas do Direito Civil no que concerne à propriedade, posse e ao usufruto.

Verificou-se que as terras são de propriedade da União, mas a posse das mesmas é do grupo indígena, sendo que as terras adquiridas pelo grupo tribal, consoante as formas de aquisição de domínio estabelecidas pelo Direito Civil, são de propriedade da comunidade indígena.

Analisou-se, ainda, o procedimento administrativo de demarcação das Terras Indígenas e a participação de uma equipe transdisciplinar. Concluiu-se que a participação do antropólogo é decisiva para facilitar o diálogo com os indígenas, mediando essa relação nos campos administrativos e jurídicos e permitindo que os indígenas possam dizer o que são e quais são as suas terras.

Referências

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Súmula 480**. Pertencem ao domínio e administração da União, nos termos dos arts. 4º, IV, e 186, da Constituição Federal de 1967, as terras ocupadas por silvícolas. DJ de 10/12/1969, p. 5930; DJ de 11/12/1969, p. 5946; DJ de 12/12/1969, p. 5994.

_____. **Lei nº 6.001**, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L6001.htm>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Mandado de Segurança n.16.443-DF**. Rel. Min. Victor Nunes Leal. RTJ 49/295.

_____. **Recurso Extraordinário 183188/MS**. Rel. Ministro Celso de Mello, órgão julgador: 1ª Turma, DJ 14-02-1997. p. 01988.

_____. Superior Tribunal de Justiça. **Emenda Constitucional n° 48** , de 10 de agosto de 2005. Acrescenta o § 3º ao art. 215 da Constituição Federal, instituindo o Plano Nacional de Cultura. DO 11/08/2005. p. 1, Seção I.

_____. **Decreto 6.040**, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. Ministério Público Federal. **Nota Técnica n° 073/2001** , elaborada pela analista pericial Elaine de Amorim Carreira, por ocasião do "Seminário sobre Territorialidade Guarani: A questão da ocupação tradicional", organizado pela 6ª Câmara de Coordenação e Revisão (comunidades indígenas e minorias).

CUNHA, Cláudio Alberto Gusmão. **O atual regime jurídico das terras indígenas**. 2000. Dissertação (Mestrado em Direito Econômico) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. **O Índio e a cidadania**: 96/100. São Paulo: Brasiliense, 1983.

JACOB, François. Biologie et racisme. **Lê Genre Humain**, Paris, n° 1, p. 66-69, 1981.

LARANJEIRA, Raymundo. **Direito agrário**: perspectivas críticas. São Paulo: LTr, 1984.

PARAÍSO, Maria Hilda B. Reflexões sobre fontes orais e escritas na elaboração de laudos periciais. In: SILVA, Orlando Sampaio; LUZ, Lídia; HELM, Cecília Maria Vieira. **A perícia antropológica em processos judiciais**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1994. p. 38-52.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução de Élcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998. p. 195-196.

RIBEIRO, Darcy. **Culturas e línguas indígenas no Brasil**. RJ: Ministério da Educação e Ciências Sociais, 1957.

RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). **Povos indígenas no Brasil, 1996-2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

ROCHA, Ana Flávia (Org.). **A defesa dos direitos socioambientais no Judiciário**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2003.

SANTOS, Sílvio Coelho dos; WERNER, Dennis; BLOEMER, Neusa Sens (Orgs.) et. al. **Sociedades indígenas e o direito**: uma questão de direitos humanos. Florianópolis: Ed. Da UFSC. CNPq, 1989.

SANTOS, Roberto A. O. Prova pericial através do laudo antropológico. In: SILVA, Orlando Sampaio; LUZ, Lídia; HELM, Cecília Maria Vieira. **A perícia antropológica em processos judiciais**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

SILVA, Aracy Lopes da. Há antropologia nos laudos antropológicos? In: SILVA, Orlando Sampaio; LUZ, Lídia; HELM, Cecília Maria Vieira. **A perícia antropológica em processos judiciais**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

SILVA, José Afonso da. Terras tradicionalmente ocupadas por índios. In: SANTILLI, Juliana. **Os direitos indígenas e a Constituição**. Porto Alegre: SAF/NDI, 2003.

Saúde e Ambiente

Coordenador:

Dr. Carlos Alberto C. Miranda

‘Civilidade, Higienismo e Polícia’

‘Os Olhares sobre o Mar’

‘A Enfermaria da Cruz do Peixe ’

‘Entre a Rua e o Asilo’

‘Urbanização e Abastecimentod’Água’

‘Espaços de Cura na Paraíba Imperial’

Civilidade, Higienismo e Polícia: o Mercado Público da Freguesia de São José como Normatizador Social

Alisson Henrique de Almeida Pereira[1]

Resumo: O trabalho em tela visa traçar um esboço acerca do ideário civilizatório que permeou o cotidiano recifense da segunda metade do século XIX a partir do discurso médico-higienista e sua receptividade/interação por parte dos populares citadinos. Constituindo-se como elemento mediador dessa relação, o aparato policial – o qual foi responsável pela fiscalização das normas instauradas ou, na revelia, pela correção das posturas "incivilizadas" – também se apresenta neste estudo como nosso objeto de interesse. O trabalho é norteado pela implementação do mercado público da freguesia de São José (1875) e como esta estrutura que conduzia a modernidade trouxe consigo mudanças sócio-culturais àquele contexto. Para tanto, iremos nos valer dos relatórios da Inspetoria de Saúde Pública, dos documentos legais de Posturas Municipais e cartas dos leitores que escreviam aos jornais daquele período.

Palavras-chave: Mercado; Higienismo; Civilidade; Modernidade; Polícia.

Introdução

Desde quando o Brasil ainda experienciava o período colonial, algumas noções de limpeza e trato com gêneros alimentícios já vinham circulando entre o âmbito público e o privado. No que tange ao Recife, é certo que, em comparação com o período imperial, a paisagem se distinguia bastante: enquanto a primeira imagem apresentada havia sido vislumbrada na Europa como um lugar portador de ares que poderiam até curar as doenças do sujeito que lá fizesse estadia, a segunda foi vista e reprovada por viajantes cientistas, religiosos e aventureiros que viram a cidade à época com seus próprios olhos. A motivação para tal rejeite estrangeiro se encontrava instituída não apenas no pensamento desses viajantes, mas, de uma maneira geral, no ideário civilizatório europeu de fins do século XVIII, o qual tomou o cotidiano brasileiro no século seguinte.

Referente à documentação, estamos nos debruçando sobre Atas do Conselho de Salubridade Pública, os relatórios da Inspetoria de Saúde Pública; sobre a coleção do Fundo de Segurança Pública, relatórios dos chefes de polícia; e também a Coleção de Leis Provinciais de Pernambuco, bem os relatórios dos presidentes de província e jornais de ampla circulação. Todo o segmento documental consultado está sendo digitalizado para que retorne ao Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) de maneira mais acessível a outros investigadores.

Como tratamos aqui de uma pesquisa em andamento, ainda não possuímos resultados completos propriamente ditos. Contudo, ainda que cedo, já nos é perceptível como, no contexto recifense da segunda metade do século XIX, figuravam as relações entre as camadas dirigentes (as quais faziam uso dos mecanismos político-administrativos em prol dos ideais civilizatórios, sobretudo no tocante ao segmento médico) e os populares nos meandros do ordenamento do espaço público e

[1] O autor é Aluno do curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e bolsista de iniciação científica pela FACEPE. E-mail: alissonhap@hotmail.com.

seus usos. E, de mesmo modo, o reflexo da população em suas (re)ações frente à atuação das camadas dirigentes e às medidas disciplinatórias do aparato policial. Assim entendendo, o interesse envolvido nesta pesquisa parte das intenções representáveis pelo eixo Medicina, Polícia e Sociedade.

Contexto, entendimentos sobre Civilidade e higienistas no Brasil

Nos primeiros momentos do período Moderno, sobretudo pela influência dos iluministas, as questões cotidianas gradualmente foram tomando uma feição cada vez racional, onde o conhecimento (científico ou popular) das pessoas passava a se mostrar menos dependente das explicações espirituais. A revolução industrial lançava as bases da vida moderna, onde esta estaria diretamente relacionada às inovações técnicas e materiais e dos novos meios de socialização a partir dessas novidades. Baseando no que é trabalhado no Processo Civilizador de Norbert Elias (1993), podemos falar no "sofisticamento" do viver. Para o autor, é a sociedade que projeta no indivíduo parâmetros morais, éticos, higiênicos etc., de maneira não arquitetada, que ainda assim impele o indivíduo a mudar: "polindo" seus os modos.
Assim sendo, esse progresso científico/tecnológico alcança, genericamente falando, todas as camadas sociais do ocidente, inclusive o Brasil no século XIX, expandindo-se até na vida popular.[2] Por conseguinte, o olhar médico brasileiro estaria vinculado ao avanço, e este seria o inverso do quadro da paisagem urbana Recifense naquele contexto: maus cuidados com a higiene, a vadiagem, as comuns "vozerias e alaridos" pelas ruas, o desconforme tracejado urbano, entre outros fatores. José Gondra (2004) nos diz que a Medicina se institui "*implicando regras e modos de funcionamento próprios, conduzindo igualmente ao reconhecimento dos espaços de legitimação desse discurso e das práticas por ele autorizadas*". Assim, ganhando espaço, o campo médico seguiria se fortalecendo – no contexto recifense, de tão envolvidos com o projeto de cidade ideal[3], obtinham forte influência sobre a legislação e fiscalização na cidade.

As leis, a Polícia e a regulação no mercado público

Eram chamadas de Posturas municipais as leis referentes à normalização da cidade, na qual sua atribuição se constituía em regular a vida pública dos municípios, desde a parte física (construção de casas, calçadas) até os modos mais indicados para se agir, passando pela normatização dos mercados e das noções de limpeza. O não cumprimento dessas posturas poderiam penalizar, como contravenção, em multa ou em dia/horas de prisão, isso sem excluir de outras penalizações previstas no Código criminal. Desse modo é que o aparelho burocrático se organizava em termos legais para influir no comportamento dos citadinos – utilizando, contra a "rebeldia", da Força Policial.

Com relação à polícia, vemos de maneira mais aproximada como esta instituição se apresenta enquanto mediadora da "segurança" na urbe oitocentista – com atribuições para além das quais conhecemos na atualidade como sendo "da polícia". Para Clarissa Nunes Maia (2001), além de sua função de protetora da propriedade, cabia também à

[2] No livro Artes de Civilizar, de José Gondra (2004), podemos observar algumas ideias que ajudaram a solidificar o estatuto médico no Brasil, como o caso dos Periódicos.
[3] Tão relevante quanto o papel dos médicos no Recife, o foi os projetos arquitetônicos dos engenheiros; estavam igualmente envolvidos ideológica e praticamente.

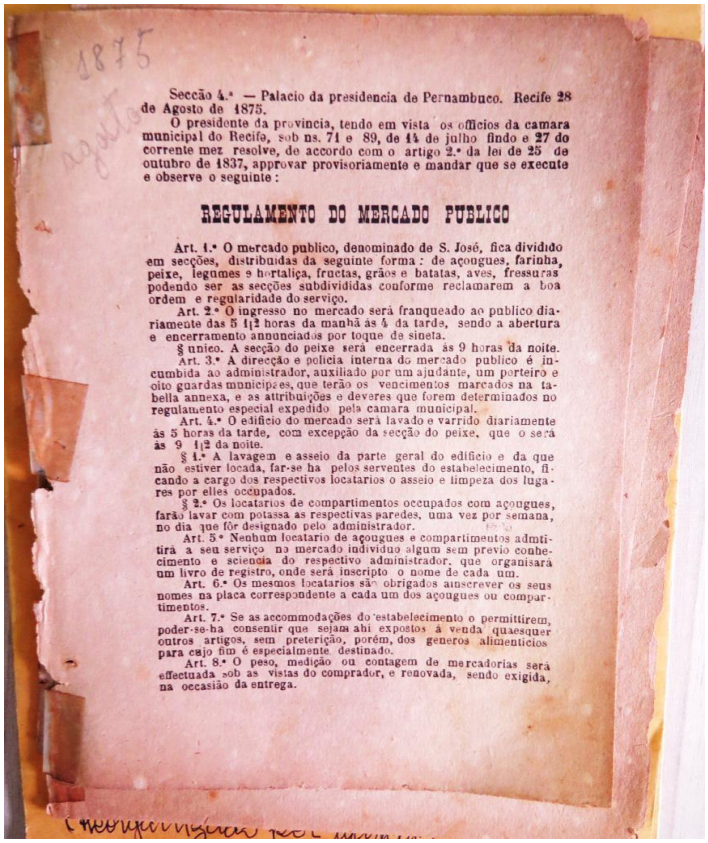
polícia "*exercer o controle sobre o comportamento da população urbana*", por vezes usada no caso brasileiro para combater a cultura popular, então vista "como um fator de atraso". Essa incumbência abrangente que o aparato policial ostentava o levou a ser visto pelas camadas menos abastadas como um inimigo, valendo salientar que na segunda metade do oitocentos a maior parte da população era composta de escravos, negros e pardos pobres. Todavia, basta observarmos um pouco do universo popular que historicamente circundava o mercado público da freguesia de São José para logo o notarmos como um lugar nada em conformidade com o que versavam as Posturas municipais e aspiravam seus editores.

Erguido em 1875, em uma das quatro principais freguesias recifenses daquele período, o Mercado Público de São José se constituiria como um estatuto de civilidade no qual se ordenariam as vidas que a partir de então fossem alcançadas pelo seu raio de influência. Antes de ele ser instituído, ainda em fins do século XVII, já existia um mercado dito "da Ribeira do peixe", o qual foi relatado por gestores e viajantes, sendo em geral descrito como um amontoado de barracas desordenadas, local insalubre que necessitaria de adequamento[4].

Assim tais barracas foram retiradas para o progresso que pedia licença: foi a chegada pro primeiro mercado em ferro do Brasil e, por tanto, não poderia ser diferente o perfil de seus transeuntes, quer interna quer externamente.
A construção levantada na freguesia de São José expressava sua função tanto simbólica quanto fisicamente. De um lado, um regulamento criterioso que "ensinava" aos frequentadores desde o comportamento saudável de se chegar e se manter nas dependências do mercado até do toque da sineta que anunciaria diariamente o

[4] ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho*: a formação do espaço público no Recife do Século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.
GUILLEN, Isabel Cristina Martins; FARIAS, Rosilene Gomes; GRILLO, Maria Ângela de Faria. *Mercado de São José*: Memória & História. Recife: IPHAN/FADURPE, 2010, v. 1.

começo e o fim das atividades comerciais. De outro lado, a sua estrutura interna que propiciava o fluxo e, do lado de fora, convidava à contemplação: pelo pioneiro trabalho material em vidro e ferro (materiais de vanguarda arquitetônica à época), que consolidava ainda mais a ideia e a paisagem de "lugar moderno". Assim sendo, para que essas frentes normatizadoras obtivessem o êxito esperado, no ordenamento do mercado havia 11 funcionários responsáveis pela fiscalização e adequamento das condutas julgadas "desviantes"[5] para os padrões recomendados: um administrador, seu ajudante, um porteiro e oito guardas municipais. O quadro expresso desses fiscais, bem como as suas atribuições e determinações dos usos pelo público, estava prévia e sistematicamente organizados em um regulamento específico. Nele eram "desaconselhados" vários temas nas dependências do mercado: anunciar os preços aos berros, riscar as paredes e ter "intimidades" são alguns exemplos do teor das proibições.



1875

Secção 4.ª — Palacio da presidencia de Pernambuco. Recife 28 de Agosto de 1875.

O presidente da provincia, tendo em vista os officios da camara municipal do Recife, sob ns. 71 e 89, de 14 de julho findo e 27 do corrente mez resolve, de accordo com o artigo 2.º da lei de 25 de outubro de 1837, approvar provisoriamente e mandar que se execute e observe o seguinte:

REGULAMENTO DO MERCADO PUBLICO

Art. 1.º O mercado publico, denominado de S. José, fica dividido em secções, distribuidas da seguinte forma: de açougues, farinha, peixe, legumes e hortaliça, fructas, grãos e batatas, aves, fressuras podendo ser as secções subdivididas conforme reclamarem a boa ordem e regularidade do serviço.

Art. 2.º O ingresso no mercado será franqueado ao publico diariamente das 5 1/2 horas da manhã ás 4 da tarde, sendo a abertura e encerramento annunciados por toque de sineta.

§ unico. A secção do peixe será encerrada ás 9 horas da noite.

Art. 3.º A direcção e policia interna do mercado publico é incumbida ao administrador, auxiliado por um ajudante, um porteiro e oito guardas municipaes, que terão os vencimentos marcados na tabella annexa, e as attribuições e deveres que forem determinados no regulamento especial expedido pela camara municipal.

Art. 4.º O edificio do mercado será lavado e varrido diariamente ás 5 horas da tarde, com excepção da secção do peixe, que o será ás 9 1/2 da noite.

§ 1.º A lavagem e asseio da parte geral do edificio e da que não estiver locada, far-se ha pelos serventes do estabelecimento, ficando a cargo dos respectivos locatarios o asseio e limpeza dos lugares por elles occupados.

§ 2.º Os locatarios de compartimentos occupados com açougues, farão lavar com potassa as respectivas paredes, uma vez por semana, no dia que fôr designado pelo administrador.

Art. 5.º Nenhum locatario de açougues e compartimentos admittirá a seu serviço no mercado individuo algum sem previo conhecimento e sciencia do respectivo administrador, que organisará um livro de registro, onde será inscripto o nome de cada um.

Art. 6.º Os mesmos locatarios são obrigados a escrever os seus nomes na placa correspondente a cada um dos açougues ou compartimentos.

Art. 7.º Se as accommodações do estabelecimento o permittirem, poder-se-ha consentir que sejam ahi expostos á venda quaesquer outros artigos, sem preterição, porém, dos generos alimenticios para cujo fim é especialmente destinado.

Art. 8.º O peso, medição ou contagem de mercadorias será effectuada sob as vistas do comprador, e renovada, sendo exigida, na occasião da entrega.

Conclusões

Todavia, no decorrer do tempo, tais sanções e posturas municipais continuaram sendo reeditadas, assim nos indicando, em suma, que a eficácia esperada, entretanto, não correspondeu às expectativas de ordem em processo. Enfim, neste trabalho acadêmico pretendemos chegar a esclarecer por quais meios se teceram tais ações e reações, como, mais de perto, se articularam os instrumentos de controle social e de polícia, além do papel dos médicos higienistas nos regramentos que, como já visto, também cabia a estes últimos o papel de "limpar" a cidade. Até o momento, em termos de documentação, não obtivemos casos ou relatos policiais referentes ao

[5] Utilizamos neste trabalho os termos "desvio" e "desviante" no sentido discutido pelo sociólogo Howard Becker (2008), o qual entende um desviante enquanto sujeito que transgride regras estabelecidas por um determinado grupo, não sendo esta "infração" oriunda propriamente da ação de desvio cometida, mas sim da rotulação imputada ao indivíduo em questão.

mercado, mas a bibliografia nos traz apontamentos neste sentido. Contudo, encontramos na Coleção de Atas do Conselho de Salubridade Pública, ainda no ano de 1845, que de alguma maneira já havia certa revolta por parte "*daqueles que vêem as nuvens de moscas que, de contíguo vão do peixe ou carne às chagas e, dessas, à carne ou peixe*" [6], e ao mesmo tempo notamos que as moscas continuavam a fazer pouso nos peixes gerando tumultuo mais de cinquenta anos depois.[7] Neste último caso fica mais evidente como permanecem distantes as ideais por um Recife civilizado e as práticas cotidianas na urbe pernambucana de fins do século XIX.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), instituição de fomento a qual viabiliza os aprendizados e reflexos contidos nesta pesquisa em desenvolvimento. Com a mesma inteireza, agradeço ao meu professor e orientador Wellington Barbosa (professor da UFRPE), pela atenção e empenho nesses primeiros passos desta produção.

Referências

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho*: a formação do espaço público no Recife do Século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BECKER, Howard S. *Outsiders*: estudos de sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, v. 2.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Record, 1990.

GONDRA, José. *Artes de civilizar*: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; FARIAS, Rosilene Gomes; GRILLO, Maria Ângela de Faria. *Mercado de São José*: Memória & História. Recife: IPHAN/FADURPE, 2010, v. 1.

MAIA, Clarissa Nunes. *Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas*: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX (1850-1888). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Mestrado

[6] Coleção de Atas do Conselho de Salubridade Pública de Pernambuco. Primeiro Ano. Recife: Tipografia S. Caminha, 1845, p. 58.

[7] Jornal A Província. Recife, 23 de setembro de 1900 – Fundação Joaquim Nabuco. Com certo tom de ironia, depois de receber críticas ao seu ofício publicamente, o administrador do mercado respondeu que se a pessoa que o criticou quiser "*que elle esteja de sentinela as moscas quando pousarem no peixe para tirar a que põe não é possível, porquanto tem mais afazeres*". A denúncia veio de um anônimo que escreveu ao jornal.

História.

_____. *Policiados*: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915. Tese – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. Doutorado História.

_____. *O Mercado de São José*: a normalização de um espaço popular. Vitória – Boletim de Estudos Sociais. Vitória de Santo Antão, v. 1, n. 1, p. 47-51, mai 2002.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *Os curandeiros e a ofensiva médica em Pernambuco na primeira metade do século XIX*. Clio – Revista de Pesquisa Histórica. Recife, n. 19, 2001.

ROCHA, Artur Gilberto Garcéa de Lacerda. *Discursos de uma modernidade*: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Mestrado História.

SANTOS, Manuela Arruda dos. "Pintou Sujeira". In: *Revista de História*. 01 jun 2008. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pintou-sujeira> acesso em 18 de junho de 2013.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste*: homenagem ao centenário do Mercado de São José, 1875-1975. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

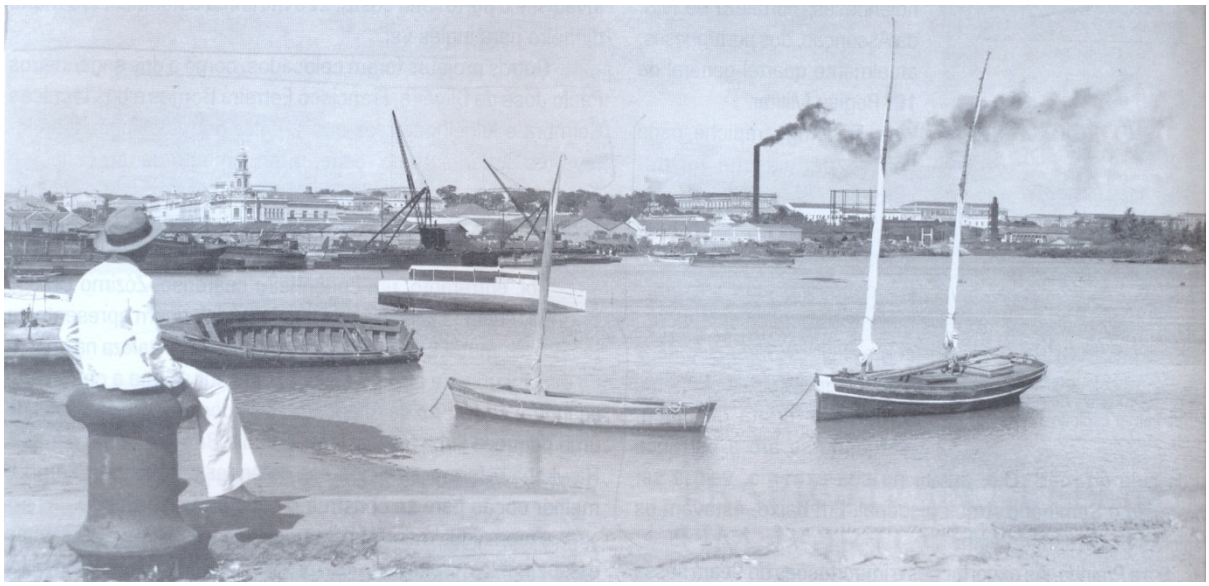
Os Olhares Sobre o Mar da Cidade de Fortaleza a Partir da Literatura

Nágila Maia de Morais[8]

Resumo: neste artigo utilizaremos a literatura para analisar a história, buscando a partir das obras *A Afilhada* de Manuel de Oliveira Paiva, *O Mississipi* de Gustavo Barroso, e *A Normalista* de Adolfo Caminha, compreender as maneiras que os trabalhadores do porto percebiam e sentiam a praia durante os primeiros anos do século XX em Fortaleza. Estas obras que realizam descrições da cidade de Fortaleza do início do século nos levam a passear pelas ruas da cidade, pelas praias, tornando possível compreender a imagem e a utilização que os indivíduos faziam da beira-mar nesse período. Além da literatura como fonte, utilizaremos dados bibliográficos e documentos comerciais do Porto, para melhor compreender a dinâmica portuária durante o período proposto.

Palavras-chave: Literatura; Trabalhador; mar.

> ... Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janela da alma[9].



Fotografia do Poço da Draga (Primeiros anos da República). Arquivo Carlos Juaçaba.

[8] Doutoranda em História. Programa de Pós-Graduação UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).
[9] CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto et al. **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p.59

Na tentativa de analisar a paisagem da praia através dos olhares dos romancistas, durante os últimos anos do século XIX e início do século XX em Fortaleza, utilizaremos os romances *A Afilhada,* de Manuel de Oliveira Paiva; *O Mississipi,* de Gustavo Barroso e *A Normalista,* de Adolfo Caminha. Obras que realizam descrições da cidade de Fortaleza do início do referido período e, nos levam a passear pelas ruas da cidade, pelas praias, tornando possível compreender a imagem e a utilização que os indivíduos faziam da "beira-mar".

Nesse sentido, utilizaremos a literatura como uma fonte histórica para compreender a leitura de mundo realizada pelos autores, posto que a narrativa é construída a partir de escolhas e recortes.

> No fundo, toda fonte, seja literária ou não, representa tão somente a opinião daquele que narra os fatos. Mesmo um documento oficial narrando dado acontecimento, a despeito de sua linguagem técnica, necessariamente foi redigido por um indivíduo que, sendo humano, não se furta de transmitir suas impressões pessoais. Nada que é humano está isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo[10].

A obra literária possui elementos fictícios e, exatamente por esse motivo, os historiadores abordam sua narrativa previamente alertados. Poucos, todavia, têm coragem de cogitar que fontes documentais oficiais possam não passar de construções ficcionais, expressando, a exemplo da literatura, apenas uma interpretação específica dos fatos narrados[11].

Assim, a utilização da literatura tornou-se fundamental para a pesquisa ao retratar o cotidiano dos trabalhadores do Porto durante o período pesquisado, possibilitando-nos uma leitura das ações cotidianas dos portuários, banhistas e curistas, apesar de se tratar de ficção e ser marcada por informações e disputas veladas ou explicitas[12]. Entretanto, essa alternativa oferece ao historiador uma visão das relações sociais e vivências da época, ou seja, uma visão para além do real, pois sinaliza para mundos possíveis.

De acordo com Jacques Leenhardt, a literatura é fundamental para a história, visto que é:

> ...A boa filha do historiador sempre a servir, se for preciso, ou silenciosa, se necessário. Ela é, então, um objeto particularmente útil no momento de pensar ou de não pensar os movimentos que agitam, ainda que implicitamente, as calmas águas da História [13].

---

[10] RAMOS, Fábio Pestana P. **História e Literatura**: ficção e veracidade.Domínios de Linguagem II - ISBN: 85-902957-2-9, 2003. p.3

[11] LEENHARDT, Jaques. As Luzes da cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos –** Leituras de História cultural. Bauru: Edusc, 2004. pp.150-151.

[12] Idem.

[13] LEENHARDT, 2004. op. cit. p. 151.

Dessa feita, os romances literários de Manuel de Oliveira Paiva, Gustavo Barroso e Adolfo Caminha são fundamentais para amenizar os silêncios em relação aos usos da praia durante o início do século XX.

Segundo Flávio R. Kothe, a literatura para Walter Benjamim é uma Historiografia inconsciente, ou seja, não pode ser considerada um mero registro[14].

> As obras literárias mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo uma historiografia inoficial. Na medida mesma em que não querem ser documento, seu caráter autônomo lhe permite uma liberdade de registro e transmissão que escapa à historiografia oficial...[15].

Para Walter Benjamim, apesar da literatura fazer-se através da liberdade de registrar fatos sem se prender às amarras das relações econômicas, é fruto da produção literária de um dado período, que nos possibilita a aproximação do passado.
Assim sendo, buscamos apresentar a forma em que o espaço da praia foi utilizado pelos trabalhadores portuários e os moradores da cidade de Fortaleza, através das metáforas adotadas para expressar a visão dos romancistas.

O olhar de Adolfo Caminha, a partir da "terra firme", é uma forma de demonstrar a importância do mar para as pessoas que habitavam a cidade de Fortaleza.

> Defronte da avenida o mar, na sua aparente imobilidade, tinha reflexos opalinos que deslumbravam, crivado de cintilações minúsculas, largo, imenso, desdobrando-se por ali fora a perder de vista, e para o sul, muito ao longe, a luz branca do farol tinha lampejos intermitentes, de minuto a minuto. No porto a mastreação dos navios destacava nitidamente, inclinando-se num movimento incessante para um e outro, com oscilações de um pêndulo invertido[16].

Numa cidade litorânea como Fortaleza, observamos o destaque dado pelos romances da época ao descrever a cidade, principalmente à sua região central e à área onde estava situado o Porto com toda sua importância para economia e dinâmica da cidade, pois esta era a mais relevante porta de entrada e saída de mercadorias, passageiros, notícias, livros, intercâmbios culturais, etc.

O terminal portuário da cidade começou a ser construído em 10 de agosto de 1886, segundo o plano do engenheiro John Hawkshaw, pela Companhia *Ceará Corporation Limited* que recebeu aportes financeiros do Governo Geral.

---

[14]KOTHE. Flávio R. Para ler Walter Benjamim. Rio de Janeiro Livraria F. Alves Editora S/A, 1976. p.80.

[15] Idem, p. 79.

[16] CAMINHA Adolfo. **A Normalista**: Cenas do Ceará. Rio de Janeiro. Magalhaes & C.,1893. p .93.

Antonio Bezerra de Menezes descreveu o espaço portuário, as limitações para lidar com a força das marés e o acúmulo de areia que tornavam inviável a atracação de navios:

> Quanto aos 610m de quebra-mar, que constituem a ponte de embarque e desembarque o que se tem construído tem sido submergido pelas areias, de modo que se supõe impossível melhorar o porto do Ceará, e talvez não consiga mais o porto primitivo o qual conquanto desse desembarque com algum perigo, era no entanto menos arriscado que o que se formou atualmente em conseqüência das obras da Companhia, e para nossa maior infelicidade aterra-se o ancoradouro, que de dia em dia muda de posição e se distancia da cidade[17].

O Trapiche do Ellery, como era conhecido o antigo Porto, estava localizado na região central da cidade, na "prainha" quase em frente à casa do seu dono, o inglês Henry Ellery, na Rua Senador Almino, esquina com a Rua Dragão do Mar[18].

Segundo Rodolfo Espínola, o antigo terminal possuía 700 palmos de extensão por 80 de largura. O serviço de carga e descarga era bastante difícil devido as condições precárias do porto e das pequenas embarcações, as quais ocasionavam, constantemente, reclamações dos comerciantes devido a problemas com as mercadorias. Diante dos problemas estruturais, desde o período do Império foram elaborados estudos para amenizar as ações da natureza, como a proposta do Engenheiro Pierre Berthot para a construção de um cais de madeira e um quebra-mar, situados aproximadamente onde é atualmente a praia do Meireles, com o objetivo de evitar o processo de assoreamento[19].

Arquivo H. Espínola. Antigo trapiche Ellery.

[17] MENEZES. Antonio Bezerra de Menezes. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, Casa Editorial de José de Alencar; Programa Editorial, 1992. p. 40.
[18] ESPINOLA, Rodolfo. **Caravelas, jangadas e navios**: uma história portuária. Fortaleza; editora Omni, 2007. p. 210.
[19] ESPINOLA, 2007. op. cit. pp. 44-45.

A reforma iniciada em 1902 foi fundamental para permitir que no porto atracasse navios com grande calado, sem a ameaça de ficarem presos aos bancos de areia, além de diminuir os custos com os prejuízos causados por acidentes durante o serviço de transporte de mercadorias e/ou passageiros. Entre 1902-1904, foi construída a Ponte Metálica, com estruturas de ferro, importadas de Londres, tendo como piso lastros de madeiras retiradas das matas das cercanias de Fortaleza. A ponte foi projetada inicialmente para servir como porto e ponto de embarque e desembarque de passageiros e cargas, sendo utilizada para esse fim durante 20 anos[20].

Devido aos contínuos problemas, durante o governo do Presidente Campos Sales, foi autorizada a elaboração de um novo plano para o porto, chamado de Viaduto Moreira da Rocha, cujas obras foram iniciadas em 18 de dezembro de 1902 e concluídas em 26 de maio de 1906[21].

Para compreender o cotidiano dos trabalhadores que faziam a carga e descarga das embarcações, faz-se necessário perceber a dinâmica do Porto de Fortaleza, mais uma vez e, para isso, a literatura oferece subsídios, através das descrições do livro *A Afilhada,* de Manoel de Oliveira Paiva, ao descrever o trajeto de volta para casa de Maria Das Dores:

> O cocheiro não quis passar por debaixo do trapiche, cujo conjunto aninhava-se na areia e metia pelo mar uma ponte suspensa por grossa e longa estacada, muito nua e alta com aquela maré tão seca.
>
> Subia um frescor salgado dos poços que a maré deixara, e o arrecife, com uma parte no seco, abrolhava negro e áspero entre espumas e verdes ondas.
>
> Chegando próximo do trapiche o carro fez-se logo para a Alfândega, conquanto houvesse de vencer um pedaço de areia muito frouxa, principio de uma duna; era inconveniente ir mais adiante, porque, àquela hora, o comercio aproveitava a maré baixa para fazer a descarga e o embarque, e havia grande tropelia.
>
> A Dorzinha avisou mesmo ao cocheiro que não fosse por lá. Os trabalhadores que entravam mar a adentro com fardos para os lanchões andavam como o pai Adão, apenas com uma tanga em vez de fôlha de parreira[22].

Esse trecho de *A Afilhada* é marcado pela riqueza de informações, pois possibilita visualizar a região do Porto e imaginar a rotina das pessoas que era ditada pelo movimento das marés, a rotina do trabalho ditada pela dinâmica da natureza, visto que, para o narrador do romance, o movimento era intenso devido à maré baixa. Ora, muitos trabalhadores dependiam das condições do mar para realizar o seu trabalho,

[20] ESPINOLA, 2007. op. cit. p. 49.

[21] Idem, p. 46.

[22] PAIVA, Manoel de Oliveira. **A Afilhada**. São Paula: Editora Anhambi, 1961. p. 23.

porque estava em questão a sua vida e o bom funcionamento do serviço de carregamento.

Além dos trabalhadores, podemos perceber a constituição do espaço portuário através da descrição dos trapiches utilizados no carregamento e descarregamento de mercadorias e dos armazéns. Esse era o espaço do Porto de Fortaleza, alimentado pelas "veias" comerciais do mar que se espraiavam pelas ruas do centro da cidade (ou vice-versa), estrategicamente abertas de frente para o mar e alcançando os prédios comerciais.

Vista do mar, Fortaleza foi descrita no romance *A Normalista*, a partir das impressões de Zuza, uns dos personagens da trama:

> ...Enquanto o vapor singrava em direção ao Mucuripe, começou a examinar a costa cearense, como se nunca a tivesse visto de fora, da tolda de um navio. Viu passar diante de seus olhos arregalados todo o litoral de Fortaleza, desde o farol de Mucuripe até a ponta dos arpoadores...
>
> Primeiro o farol, lá muito longe, embranquecido, cor de areia, ereto, batido pelos ventos; depois a extensa faixa de areia que se desdobra em ziguezague até a cidade; a praia alvacenta e rendilhada de espumas. Em seguida o novo edifício da Alfândega, em forma de gaiola, acaçapado, sem arquitetura, tão feio que o mar parece recuar com medo à sua catadura.
>
> Noutro plano, coqueiros maltratados pelo rigor do sol, erguendo-se da areia movediça que os ameaçava soterrar, uns já enterrados até a fronde, outros inclinados, prestes a desabar; o torreão dos judeus Boris, por trás, no alto da prainha, com as suas torres triangulares; as torres vetustas e enegrecidas da Sé; o Passeio Público, com os seus três planos em escadarias; a santa Casa de Misericórdia, branca, no alto; Gasômetro; a Cadeia; e por ali fora o arraial Moura Brasil, invadido pelo mar, reduzido a um montão de casebres trepados uns sobre os outros...[23].

A região que circunda o Porto, ou Trapiche Ellery, foi descrita detalhadamente a partir do mar, através das palavras romanceadas de Adolfo Caminha, de maneira que podemos visualizar a cidade de Fortaleza no final do século XIX, época em que o romance teve sua primeira edição.

No livro *Território do vazio,* Alan Corbin aponta os sofrimentos, os prazeres e os sentimentos dos homens dos séculos XVIII e XIX na região da beira-mar. Para esse autor, somente é possível esse tipo de pesquisa "tomando emprestado seus olhares,

[23] CAMINHA, 1893. op. cit. p. 157.

vivendo suas emoções; somente uma tal submissão permite recriar o desejo da beira-mar, que se eleva e se propaga entre 1750 e 1840[24].

Corbin relata que, durante o século XVIII, havia uma apreciação negativa do litoral. A praia era vista como uma área marcada por catástrofes, onde iam parar os objetos não aceitos pelo mar e também o local de chegada de inimigos invasores.

> O próprio mar putrefaz. O caráter malsão de suas exalações constitui uma das convicções mais enraizadas da medicina neopocrática dos séculos XVII e XVIII. O sal, que em grande quantidade impede a decomposição em pequenas doses acelera. Os vapores mefíticos que exalam do mar tornam as costas malcheirosas. Esse odor das praias, composto de emanações que a química do século XVIII se esforçará por analisar, resulta do apodrecimento dos depósitos marinhos[25].

Durante esse período tinha-se a ideia de que o mar era maléfico, pois fazia as embarcações e os navegadores apodrecerem, os alimentos estragarem e favorecia a proliferação de doenças. Essa era uma visão que gerava a repulsa da praia, visto que representava a impureza. O autor ressalta que durante os séculos XVI e XVII, os poetas, principalmente os franceses Théofhile, Tristan e Saint-Amant, descreveram o litoral como o local propício para a admiração da paisagem. Essa visão, que estava ligada à crenças divinas da teologia natural na França, tinha como base a contemplação da natureza que serviria para testar o poder de Deus e pregava a educação do olhar para observar a grandeza divina através da natureza[26].

Durante o século XVII, a praia era frequentada pelos grupos da elite econômica que desejavam fugir da melancolia e da solidão. Então, a praia passou a ser o local de conversas ou de retiros e meditações e da manutenção ou da busca pela saúde. Dessa forma, o mar ganha feições terapêuticas e o banho de mar passou a exercer importante papel nos tratamento de enfermidades[27].

Ao nos referimos à beira-mar, acabamos por nos remeter não somente a uma paisagem física (ou real ou material), pois não devemos nos limitar à percepção do espaço geográfico, mas a uma paisagem que é construída através das "percepções simbólicas" e que ultrapassam estas fronteiras.

Para tanto, devemos compreender que existe uma diferença entre o que entendemos por "paisagem em si" e "percepção da paisagem", posto que, a primeira é a delimitação e as características geográficas; já a segunda, é a paisagem filtrada pelo olhar fruto da subjetividade, dos valores culturais e sociais, ou seja, marcado pelas

[24] CORBIN, Alain. **O território do vazio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 7.
[25] CORBIN, 1989. op. cit. p. 25.
[26] Idem, pp.33-34.
[27] Idem. pp. 69-71.

experiências. Nesse sentido, Malcolm Andrew, afirma que a paisagem é construída através do "processo de percepção do olhar" [28].

Para Certeau o lugar...

> ... é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do "próprio": os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar "próprio" e distinto que define[29].

Para esse autor o espaço

> ...é o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidade contratuais... Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem a univocidade nem a estabilidade de um "próprio" (CERTEAU, 1999: 202[30].

Portanto, a praia é o lugar que ganha sentido de espaço a partir dos seus frequentadores como: banhistas, turistas, curistas e trabalhadores. Dessa maneira, para compreendermos a praia como um espaço de sociabilidade, podemos nos remeter também aos passeios de Maria das Dores na direção da Praia do Mucuripe, uma das personagens principais do livro *A afilhada*. Ao retratar um desses passeios, Barroso aponta suas impressões sobre a praia e seus moradores:

> ...Subiam à Maria das Dores desejos de largar-se por ali afora, curiosamente, como se por trás de cada morro se preparassem novas paisagens, como se novas praias beirassem outros mares e regiões de outra natureza. Arrancharia nas povoações plantadas do coqueiro, nos arraiais de pescadores, nas palhoças metidas na areia como no gelo a cova dos esquimós; espraiaria-se-ia como aquelas ondas de mar, de vento, de céu, de poeira nevada.
>
> A terra parecia findar-se na duna enorme de ponta Mucuripe, de onde descia uma alvura vagamente corada pelos tons das nuvens.
>
> Sob o fundo dos coqueiros da povoação, viam-se branquejarem as velas das jangadas empoleiradas no seco e saídas da pesca: um acampamento de alvas barracas pontudas no poeiramento de

[28] VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: construções teóricas para uma história cultural do olhar. **Revista de História e Estudo Culturais**. V. 3, nº 3, 2006. pp. 3-9.
[29] CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano-Artes de fazer**. Petrópolis: 4ª edição, Editora: Vozes, 1999. p. 201.
[30] CERTEAU, 1999. op. cit. p. 202.

> crepúsculo. A praia vinha acompanhada, longe de uma linha escura de matos e de sítios, aqui fugindo para trás de um morro de pó, ali aparecendo como os cabelos de uma calva incompleta. E uma duna, de cimácio quase reto, encostando no escuro anil do sul, era como o dorso de um oceano de leite. Da areia porejava uma frescura conformativa. Porém, as educandas chegaram até a povoação. A irmã disse que já estavam muito afastadas do Meireles, e que era preciso voltar. Descansaram num dos botes, jangadinhas a remo para um só tripulante. Maria das Dores, com a irmã, sentaram-se no banco do remeiro. Veio-lhe de súbito um desejo de ir-se naquela jangadinha pelo mar adentro, e puxou a sua ex-preceptora a conversar sobre viagens[31].

Para Maria das Dores, o passeio pela praia proporcionou-lhe momentos de contemplação e prazer, chegando a enxergá-lo como espaço de liberdade, pois poderia conhecer outros lugares através da viagem pelo mar. O espaço da praia para Das Dores era marcado pela beleza da paisagem natural e as intervenções humanas. Essa era uma visão do século XIX que compreendia a praia como espaço que favorecia o bem-estar das pessoas. Após o passeio, Maria Das Dores passou a observar a praia e o mar com olhos mais sensíveis: "*Gostava de avistar os caminhantes, lá por longe, pela beira da praia, meio ocultos pela ribanceira do areal, e fitava agudamente o ponto branco das jangadas na risca do mar*"[32].

A praia, com o decorrer dos séculos, passou a ser utilizada para a manutenção da saúde, fundamentada pelo discurso médico vigente, o que provocou um afluxo de enfermos que buscavam a cura de doenças, em sua grande maioria de membros das classes dominantes, tomados pela tristeza, melancolia e, passaram a ter nos contatos com as ondas, uma espécie de tratamento médico[33].

No *Mississipi,* o autor descreve que "os bandos que buscavam as praias movimentavam-se na ida, mal caía à noite, e regressavam para a ceia o mais tardar às oito horas". Enquanto alguns moradores iam à praia, ficavam as senhoras a preparar o jantar, pois diziam alguns que o banho de mar abria o apetite, e também ajudava na cura de doenças como o beribéri, pois tinham a ideia da função terapêutica do mar.

Corbin, afirma que já durante século XVI na França, os médicos e higienistas já pensavam na importância do contato com a água do mar e a contribuição à saúde das pessoas através de diferentes ambientes, não somente nas praias, mas também nas montanhas, para fugir das transformações da "vida moderna" que se avizinhava. Para os higienistas, a praia representava limpeza e a diminuição da proliferação das epidemias.

---

[31] BARROSO, Gustavo. **Mississipi**. Fortaleza. Edição: UFC, Casa de José de Alencar programa editorial, 1996. p. 16.

[32] Idem.

[33] CORBIN, 1989. op. cit.pp. 70-71.

Além da utilização para fins terapêuticos, o mar era um espaço de sociabilidade: as pessoas passaram a ter o hábito de se reunirem nas "noites de lua" para ir à praia, pois esse horário era recomendado pelos médicos, principalmente aos indivíduos escravos do conforto, que não sabiam andar senão sobre tapetes; em outras palavras, as pessoas "presas ao luxo"[34]:

> As meninas, moças e senhoras, acompanhadas de mucamas e moleques, guardadas pelos homens da casa, de cabelos caídos aos ombros, saia e blusas, arrastando chinelas, desciam pelas ladeiras do Gasômetro, da rua de Baixo, do Boris e da Conceição para as praias da alfândega e do Pocinho. Na primeira sobre o costão arenoso, alinhava-se uma dezena de barraquinhas de madeira, construídas por gente de recursos, nas quais se operava a mudança de roupas. Quem não possuía um desses refúgios, despia-se e vestia-se na própria praia, por trás duma empanada de lençóis estendida pelas criadas. A ocasião era propicia para certos namoros breves recados dos coiós, mas com os maiores cuidados, porque pais e irmãos vigiavam ciosamente o mulherio. Os costumes da época obrigavam os homens a se banharem separados das mulheres, que usavam sungas de baeta grossa geralmente vermelha, as mangas chegando aos punhos, as calças descendo até os tornozelos e a gola afogando o pescoço. Não se via, afora a cabeça, as mãos e os pés, um tico de carne[35].

Segundo Gustavo Barroso, os banhistas precisavam pegar o último bonde de nove horas, descrevendo a maneira que as mulheres saíam do banho e eram acompanhadas por meninotes que carregavam as roupas molhadas que pingavam pelos passeios. Enquanto ocorriam essas movimentações na praia "a lua boiava alta, muito redonda, no céu limpíssimo"[36].

João Mississipi, personagem principal do romance, guardava na sua memória as paisagens de Fortaleza, proporcionando-nos um passeio pela cidade e ressalta a pobreza marcante da sua cidade natal. Assim Barroso descreveu suas lembranças:

> ...dava-lhe o pensamento ganas de voltar rapidamente ao Ceará e rever aquilo. Mas logo encolhia os ombros magros ao sentir que dessa paisagem, tão viva na memória, as figuras humanas - mãe e os irmãos - tinham desaparecido para sempre e os aspectos materiais já não eram os mesmos[37].

[34] CORBIN, 1989. op. cit.p. 75.
[35] BARROSO, 1996. op. cit. p.159.
[36] Idem, p.164.
[37] Idem, p.167.

Para João Mississipi, as paisagens apesar de terem sido modificadas, permaneceram imutáveis e vivas na sua memória. Mesmo depois de cego, afirmava conhecer toda a cidade de Fortaleza e guardava-a na memória, ressaltando que "agora" precisava conhecê-la através do olfato, devido à cegueira.

Na descrição de Barroso, a partir do Porto ou da "terra firme", essa era a visão que se tinha do mar:

> Além da alfândega nova, montado sobre estacas, ficava o trapiche da Guardamoria. Nas grandes marés de agosto, as ondas venciam o costão arenoso e se espraiavam debaixo daquela comprida construção de madeira pintada de azul. Corria paralela, vencendo um maceió do poço da Draga, ultima vestígio do projetado porto, uma grande ponte de ferro que unia a Alfândega ao quebra-mar atolado no areal[38].

A partir desta descrição da região portuária, buscaremos perceber a visão que os trabalhadores do porto tinham do mar através das suas ações cotidianas do trabalho. No entanto, para tal intento enfrentamos muitas dificuldades e limitações em relação às fontes.

Em meio a essas dificuldades, a produção literária se torna fundamental, pois possibilita encontrar os sujeitos históricos, além de percebermos os aspectos da região que circundava o Porto e a maneira pela qual a praia era utilizada, como já foi dito anteriormente.

No romance *A Normalista,* observamos a presença marcante do mar na dinâmica da cidade, quando o autor descreve o vai e vem de pessoas no Porto e na praia:

> O tempo estava magnífico. Ventava forte e o mar em ressaca atirava sobre o quebra-mar uma toalha de espuma que se desmanchava em poeira tenuíssima irisada pelo sol. A cada golpe de mar havia uma algazarra na praia coalhada de gente. Escaleres navegavam para terra puxados a remo, destacando a bandeira do escaler da Capitania do Porto[39]

Neste trecho visualizamos a praia como sendo um espaço marcado pelo movimento dos trabalhadores, passageiros e transeuntes, que admiravam o movimento das águas. Para esses trabalhadores o mar podia ser visto como local fundamental para a retirada do sustento da sua família e local de árdua rotina de trabalho. Ou seja, ao

[38] BARROSO, 1996. op. cit. p. 61.
[39] CAMINHA,1983. op. cit. p.156.

mesmo tempo em que era fonte de vida, era também de cansaço. Daí a pertinência de afirmarmos que "nada pior que o mar para cansar um homem, por mais forte que seja"[40].

Porém, os fatores abordados anteriormente estavam à mercê do "humor" da natureza, como no caso do barco "São Raphael" que precisou de um "conserto urgente, ou seja rebaixar as bordas, pois altas como são, não se presta para o serviço de transporte de sal, porque no balanço, bate contra navios e arrebetam-se como de fato se acham..."[41].

Os trabalhadores portuários viviam diante uma relação de tensão, posto que o mar se apresentava de maneira dual através dos aspectos favoráveis e desfavoráveis na lida diária. O mar, local de onde retiravam o sustento da família, era também marcado pelas batalhas cotidianas para dominar a embarcação e realizar o transporte das mercadorias sem provocar prejuízos ou acidentes no trabalho.

> O algodão e outros productos são transportados dos armazéns e empilhados na praia, na hora de preá- mar; na baixa beira mar, grande numero de homens empregam-se no transporte ás alvarengas, fundeadas ate 100m,00, proximamente no litoral. Estes homens entram no mar com água pelo pescoço; as mercadorias ficam molhadas com frequência; quando o mar esta agitado, os trabalhadores são arrastados, e os gêneros ficam perdidos ou avariados[42] .

Com as lutas, diante do movimento das marés, o trabalhador do porto, na sua atividade diária, precisava saber lidar com as adversidades causadas pela força dos ventos, elemento fundamental para o funcionamento da pequena embarcação, muito susceptível às ventanias. Como podemos perceber na descrição do serviço de carregamento do escaler "São Raphael" para bordo do Vapor Grão-Pará que foi prejudicado devido às dificuldades impostas pela força dos ventos.

> Na primeira viagem que dei, foi-me preciso fundar a noite para entrar no outro dia, devido ao mar e forte ventania sucedendo porem partirem-se as 2 amarras, e correndo porem grande risco de naufrágio fora da barra, consegui salvar o "S. Raphael"[43].

[40] DIEGUES, Antonio Carlos Sant' Ana. **Povos e mares**. São Paulo: NUPAUB - USP, 1995. p.3.
[41] MOREIRA, Trajano. Telegrama Aracaty - Fortaleza, 17 de novembro de 1903. Documentação da Casa Comercial Boris Frères.

[42] Relatório de Sir John Hawkshaw 1875 sobre o Porto de Fortaleza. .
[43] MOREIRA, Trajano. Telegrama Aracaty - Fortaleza, 05 de setembro de 1904. Documentação da Casa Comercial Boris Frères.

Apesar das nossas limitações para identificar as imagens sobre a praia em Fortaleza, percebemos que em meio às adversidades impostas pela natureza, que fizeram parte das experiências vivenciadas pelos trabalhadores do Porto. Também observamos que a praia passou a ser utilizada para fins médicos e de sociabilidade, dessa maneira, podemos compreender a importância da praia na dinâmica da cidade durante anos primeiros do século XX.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. **Mississipi**. Fortaleza. Edição: UFC, Casa de José de Alencar programa editorial, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano-Artes de fazer**. Petrópolis: 4ª edição, Editora: Vozes, 1999.

CAMINHA Adolfo. **A Normalista**: Cenas do Ceará. Rio de Janeiro. Magalhaes & C.,1893.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto et al. **O Olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

ESPINOLA, Rodolfo. **Caravelas, jangadas e navios**: uma história portuária. Fortaleza; editora Omni, 2007.

LEENHARDT, Jaques. As Luzes da cidade. Notas sobre uma metáfora urbana em Jorge Amado. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos –** Leituras de História cultural. Bauru: Edusc, 2004.

KOTHE. Flávio R. **Para ler Walter Benjamim**. Rio de Janeiro Livraria F. Alves Editora S/A, 1976.

MENEZES. Antonio Bezerra de Menezes. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, Casa Editorial de José de Alencar; Programa Editorial, 1992.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant' Ana. **Povos e mares**. São Paulo: NUPAUB - USP, 1995.

PAIVA, Manoel de Oliveira. **A Afilhada**. São Paula: Editora Anhambi, 1961.

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: construções teóricas para uma história cultural do olhar. **Revista de História e Estudo Culturais**. V. 3, nº 3, 2006.

RAMOS, Fábio Pestana P. **História e Literatura**: ficção e veracidade.Domínios de Linguagem II - ISBN: 85-902957-2-9, 2003.

A Enfermaria da Cruz do Peixe em Parahyba do Norte: Dimensões Sociais e Políticas da Loucura (1889-1928)

Helmara Giccelli Formiga Wanderley[*]

Resumo: a partir do final do século XIX, em face das transformações modernizantes pelas quais passava a Capital parahybana, a loucura, por ser considerada conflitante com os novos padrões urbanísticos daquela cidade, passou a ser objeto de ingerência de instituições de ordem, o que não correspondia a nenhuma orientação médica. Tais instituições, objetivando ordenar o espaço citadino, estabeleceram os critérios de interdição e a designação de alguém como louco[a], encerrando-o[s] em prisões e/ou hospitais. Dito isto, considere-se que somente em 1928, por ocasião da inauguração do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, os[as] loucos[as] passaram a ser objeto de intervenção psiquiátrica, vindo a ser medicalizados[as]. Assim, analisar os lugares onde eram encerrados os sujeitos considerados loucos[as] e as experiências da loucura em Parahyba do Norte entre 1889 e 1928 constitui o objeto principal deste estudo.

Palavras-chave: Loucura; Psiquiatria; Cidade; Modernização.

Numa quinta-feira, dia 4 de setembro de 1913, no jornal parahybano "A União" em artigo intitulado "Assistência Pública", o então presidente do Estado, Dr. João Pereira de Castro Pinto, assim se expressou sobre a situação das instituições e serviços filantrópicos em Parahyba do Norte,

> Muito se tem feito nesse sentido durante os dez últimos mezes decorridos.
> Cabe ao Estado a acção indirecta mas solicita ao lado da iniciativa particular, felizmente um dos atributos mais notórios do povo brasileiro.
> Systematizar a boa vontade e a prestimosidade sempre promptas n altruísmo dos brasileiros, de modo a se poupar o mais possível o desperdício das contribuições, quando espontânea e dispersivamente manifestadas, deve ser preoccupação dos governos, incentivando e auxiliando a caridade privada.
> [...]
> Não há louvores que cheguem p/ se dar uma idéia exacta de gratidão do governo e da sociedade para com esses dignos campeões da philantropia (A UNIÃO, 1913).

E observou,

> Continuam a prestar os maiores serviços á assistência publica a Santa Casa de Misericórdia, hoje completamente desligada da subordinação inconstitucional do governo, o qual só e exclusivamente na intenção

[*] A autora é Professora da Universidade Federal de Campina Grande campus Sousa e doutoranda pelo PPGH da Universidade Federal de Pernambuco.

> de acautelar a applicação das trocas destinadas a esse fim, exercer a natural fiscalização por intermédio de um delegado de sua confiança.
> [...]
> Cabe por dever da mais rigorosa justiça, render um tributo assignalado á benemerência inexcedível do Desembargador Trajano Américo de Caldas Brandão, o provedor que soube, mais do que os seus antecessores, positivar em verdadeiros milagres a propriedade desse importante estabelecimento.
> Um dos mais grandiosos edifícios de toda a Parahyba foi construído graças ás economias surrehendentes que o tino e a perseverança do Desembargador Caldas Brandão juntou e fez crfescer pela mais sabia admnistração que se pode desejar.
> Se todos os serviços de caracter official ou não, mas affectado á communhão, alcançassem a bem aventurança de uma superintendência tão bem conduzida como a do talentoso magistrado na Santa Casa de Misericórdia, nós teríamos recuperado meio século de ataso em nossa evolução social, remorada pela indifferença e pelo egoísmo, pelos erros e pelas faltas successivamente accumuladas.
> A prova desta minha asserção esta ahi, patente aos olhos de todos no chamado **Hospicio de Alienados, antro de misérias e de angustias, onde se recolhem os loucos para mais irremediavelmente se lhe desenvolver a loucura**, em taes condições de hygiene que parece uma casa de supplicios, cuja planta e cujo regimen nos viessem da China.
> Assoberbado por compromissos inlludíveis entrando cinco mezes do meu governo no período de menor arrecadação de rendas estadoaes, urgidas pelas despesas de obras começadas como aquellas a que acima alludi, não pude enfrentar este problema.
> Entendi-me com o Dr. Otacilio de Albuquerque para que fosse em comissão do governo aos centros mais adiantados do paiz, especialmente S. Paulo e a Capital Federal, estudar o difficil e complexo projecto de Asylo de alienados em proporção modestas mas de accôrdo com o que de similar existe naquelles dous pontos do Paiz.
> Circumstancias irremediáveis privaram-me da grande satisfação de vos annunciar agora o inicio das respectivas obras, adiadas p/ os primeiros mezes do anno vindouro (A UNIÂO, 1913). *grifos nossos*

As palavras do Dr. João Pereira de Castro Pinto, publicadas no referido jornal vem ser uma voz em defesa dos sujeitos alienados, todavia, não temos certeza de ter sido esta a sua intenção ao fazer estes apontamentos, uma vez que eram próximas as eleições presidências no Estado de Parahyba. Pelo sim, ou pelo não, o fato é que não foram raros os casos de denúncias contra o tratamento a que foram submetidos os "enfermos da mente", em Parahyba do Norte, no período anterior a inauguração do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, o que nos remete a loucura encerrada nos hospitais e “porões” da Santa Casa de Misericórdia e/ou as masmorras das cadeias daquela cidade. Cabe observar que muitas das vozes que se levantaram em defesa

daqueles sujeitos estavam embebidas de preconceitos e interesses políticos e sociais nem sempre favoráveis àqueles que afirmavam defender.

Neste sentido, antes da inauguração do hospital psiquiátrico, naquela capital, por não haver lugares destinados ao tratamento daqueles sujeitos nomeados como loucos[as], estes personagens foram encaminhados às "instituições totais", utilizando-se a terminologia segundo Erving Goffman[44].

Nesta perspectiva, note-se o que afirmou o Provedor Dr. José Ferreira de Novaes no relatório do ano compromissal de 1889 a 1890,

> Sobre ser acanhado e mal repartido, o Hospital [da Santa Casa] por sua situação não offerece as desejads condições sob o ponto de vista da higiene, nem mesmo para passeio de convalescentes há área aproveitavel: **o pavimento térreo, sobretudo, demanda urgentissima reforma, tais são as faltas de luz e de ar a par da escessiva humidade, ao mesmo tempo que nelle é que são acondicionados os doentes de peior caráter e em parte os alienados** cuja a comissão não tem sido possível esquivar-se a Santa Casa, pelas circumstacias especiais das finanças do Estado sinao talvez principalmente por falta de iniciativa de nossas Assembleias e Governo. **Não poupamos esforços no sentido de ser realizada a remoção dos loucos para casa destincta de nosso Hospital**: chegamos a ponto de procurar compra ou arrendamento casa contigua ao Hospital, mas não pode infelismente ter satisfeita esta recomendação do Dr. Gama Rosa.
> **São porem intuitivos** (officiei por mais de uma vez) **as inconvenientes da continuação de sememlhante prática:** sobre incompatível com os fins próprios e especiais desta Instituição, **a admissão de doentes d'esta espécie repugna aos dictames da sciencia** e demonstrações positivas da experiência redusem muito as já em si e para seu fim ezicuas proporções do hospital, ao mesmo tempo que n'elle é impossível um tractamento recgular de doença: por outro lado **taes doentes acumulados em um mesmo edificio acanhado e no centro da cidade com gritos e arruídos e scenas pouco edificantes sobre-saltam e immcomodam de dia e denoite doentes outros de toda idade, segos e condições, moradores e transeuntes tornando-se merecedores de um regimen e policia**,

[44] De acordo com Erving Goffman, há instituições criadas para cuidar de pessoas que são incapazes e inofensivas, nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes. Há locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários. Um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais: cadeias, penitenciárias [...] há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias [...]. Finalmente há os estabelecimentos destinados a servir de refugio do mundo,embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos (2010: 16-17).

> que este Estabelecimento não está no caso de dispensar-lhes (1889/1890). *grifos nossos*

O relatório supracitado, dentre outras coisas, vem reclamar o auxílio do governo para resolver o problema da existência de loucos nas dependências do Hospital da Santa Casa, o que, como bem é assinalado pelo citado provedor, era incompatível com os fins do estabelecimento.

Assinale-se que apesar das reivindicações, não fora a existência de loucos no Hospital da Santa Casa e seus inconvenientes que levou a inauguração, em 1889, do Asylo da Cruz do Peixe[45]. Com o propósito de abrigar os retirantes da seca, desde o principio aquele estabelecimento, criado por ordem do governador da província, o Sr. Dr. Gama Rosa, atendeu a perspectiva de ordenamento do espaço citadino de Parahyba do Norte, que por motivo da seca que atingia o Estado foi "invadida pelos retirantes", passando a comunidade daquela Capital a viver dias annormaes, conforme se pode observar na reportagem publicada no Jornal Gazeta da Parahyba, em 22 de agosto de 1889, intitulada "É preciso interna-los!"

> Convém que a administração empregue todos os esforços e lance mão dos meios ao seu alcance para internar o quanto antes esta população adventícia que enche as ruas d'esta capital, em prejuízo manifesto da producção da província e com grande e pesado encargo para os cofres geraes, que pela verba – soccorros públicos- suprem a alimentação a esses indivíduos.
> Acreditamamos que é mais que oportuna, é mesmo urgente, tentar o quanto antes tornar eficaz a internação dos retirantes (GAZETA DA PARAHYBA, 1889).

É preciso considerar também que não havia grandes preocupações com os sujeitos que eram recambiados para os espaços de internamento, conforme se observa na reportagem do dia 12 de janeiro de 1890, assinada por Ernani quando o jornalista trata do auxilio prestado pelo do Estado aos retirantes,

> [...] do modo porque a população faminta se agrupa nesta cidade, é de receiar tristes conseqüências, se com urgência o governo não der as necessarias providencias .

[45] O nome Asylo da Cruz do Peixe é uma referência ao sítio onde localizava-se o Asylo, que também era chamado de Hospital ou Enfermaria da Cruz do Peixe. O mesmo estabelecimento também era chamado de Asylo de Sant'Anna. Também os habitantes da cidade se referiam ao Asylo como "Hospício de Alienados".

> O espetáculo repugnante que dolorosamente se observa, dia a dia na praça da Capitania, exihibido pelos infelizes deve já e já d'alli ser removido.
> Há lugares em que melhor possam ser distribuídos os soccorros, sem que o porto d'embarque e ponto de maior transito de veículos, seja invadido por essa multidão maltrapilha e doentia. O lazareto da cidade deve ser afastado, do mesmo modo que os hospitais e cemitérios (GAZETA DA PARAHYBA, 1890).

Nota-se que os "espíritos esclarecidos" de Parahyba do Norte estava investidos de um desejo de ordenar o espaço citadino centralizado, afastando daquele espaço tudo aquilo que pudesse perturbar a ordem. Assim, não surpreende que desde as primeiras internações ocorridas no Asylo da Cruz do Peixe, tenham surgido denúncias de maus tratos, o que se confirma, dentre outras coisas, pelos elevados números de óbitos registrados diariamente naquele estabelecimento durante os anos de 1889 e 1890[46] e pelas matérias diárias postadas no Jornal a Gazeta da Parahyba, para o que citamos a reportagem do dia 7 de setembro de 1889

> Ainda ontem [6 de setembro de 1889] veio ao nosso escritório grande numero de mulheres residentes na Cruz do Peixe queixar-se do novo director d'aquelle Hospital, o Sr Francisco Antonio, cuja desumanidade é tal que deixa ao relento expostos a fome e ao frio os seus inocentes filhinhos doentes de sarampo como destas nos certificaram.
> Immmediatamente foi alli um dos nossos colegas e eis o que verificou.
> É indescritível o quadro de miséria que acolá se vê. **Na promiscuidade mais nauseante acham-se dezenas de seres humanos, esqueléticos, outros inchado, coberto de asquerosos trapos e muitos completamente nus. Sobre toda esta sórdida exposição de desgraças, fervilha um mosqueiro impiedoso alimentando-se na immundicie d'quelle ajuntamento de seres**, que parece estar abandonado pela compaixão dos homens.
> **Por demais insufficiente é o edifício em que acha-se aglomerado tão crescidos número de pessoa**s e se S. Exc. O Sr. Dr. Gama Rosa quisesse descer, ou melhor, subir da elevada posição social e política em que se acha, para revestir-se nobilíssimo papel de bemfeitor da humanidade, com certeza encontraria todos os meios para aliviar as tanta dores, para acudir as tantas misérias de que fomos testemunhos oculares (GAZETA DA PARAHYBA, 1889).

[46] De acordo com os jornais compulsados por nós, entre os anos de 1889 e 1890, diariamente morria pelo menos um paciente no Asylo da Cruz do peixe. Para se ter uma dimensão da situação, o jornal a Gazeta da Parahyba noticiou no dia 10 de setembro de 1889 que entre os dias 04 e 08 daquele mês o número de óbitos teria sido de 72, o que segundo os redatores daquele folhetim era "uma cifra grande e assustadora".

E, apesar disso, nada ou muito pouco foi feito para melhorar a sorte daqueles desvalidos naqueles anos.

Observe-se que apesar daquele hospital te surgido para minorar o sofrimento da gente vitimada pela fatídica seca, para aquele lugar foram encaminhados também, desde os primeiros dias de funcionamento do hospital, em Junho de 1889, pessoas vitimadas por doenças graves, conforme se pode notar na correspondência do médico Dr. Lima Filho publicada no jornal a "GAZETA DA PARAHYBA", quando afirma que entre as principais moléstias que presenciou "naquele antro [o Asylo da Cruz do Peixe] as febres de caracter pernicioso, sarampo, typho e febres remittentes biliosas". Também é sabido que para o referido estabelecimento foram recambiados ainda, desde os primeiros dias de funcionamento da Enfermaria da Cruz do Peixe, os alienados existentes naquela paragem[47].

Ora, considerando-se o que diz o relatório de Thomás d'Aquino Mendelo, a existência de alienados no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que situava-se no centro da cidade de Parahyba do Norte, era incompatível com o ideal de urbanístico que as elites letradas, políticas e econômicas, daquela Capital haviam planejado[48].

> A situação do Hospital no Centro d'esta cidade é reconhecidamente ante-higiênica. A sua remoção, portanto, para outro logar é uma necessidade, que considero de primeira ordem, mas cuja satisfação tem sido protrahida á míngua de recursos próprios e ausência de autorisaçao, que os poderes públicos, sob cuja proteção e inspecção superior se acha o Estabelecimento, não tem conferido, assim como de meios para isso indispensáveis que elles não tem consignado.
> O edificio é relativamente acanhado, e mal dividido, de sorte que não se presta á conveniente classificação e separação dos doentes de moléstias interiores dos de moléstias exteriores, de moléstias consideradas epidêmicas das que não o são. O pavimento terreo, humido e mal arejado, é occupado por **nove loucos**, alguns até furiosos, cujo tratamento regular é impossível. e **que incommodam e sobressaltam com gritos e arruídos, de dia e de noite, os demais enfermos e os moradores das casas visinhas** (1889, p. 4). grifos nossos

[47] Conforme consta no 1º Livro de Registro de entrada e saída da Enfermaria da Cruz do Peixe, os primeiros nove pacientes eram alienados.
[48] Na Gazeta da Parahyba durante o mês de janeiro de 1889 foram publicadas inúmeras matérias versando sobre os melhoramentos da Capital Parahybana.

Assim, a existência de loucos[as] no Hospital situado no centro de Parahyba do Norte além de ser considerada perigosa, era incomoda para os "nobres" habitantes das áreas centrais, dado que, aqueles sujeitos "sem razão", apesar dos esforços dos poderes competentes para silenciá-los, faziam-se ouvir e sentir para além dos muros que os separavam da cidade. Sublinhe-se também que, de forma alguma, as palavras daquele comendador expressavam preocupação para com o estado de internamento e saúde dos insanos, que logo foram retirados daquele espaço e enviados para a Enfermaria da Cruz do Peixe, conforme relato de Mendelo no mesmo documento.

> Tendo aparecido um caso de varíola, e existindo nas enfermarias [do hospital da Santa Casa de Misericórdia] vários doentes de elephantiasis, fiz transferir, e também alguns loucos, para **a casa da Cruz do Peixe, propriedade da província,** que outr'ora sérvio de hospital, como presentemente está servindo. Desvanecido, porém, o receio da propagação de taes moléstias fiz logo extinguir essa enfermaria provisória, que funcionou cerca de dous mezes (1889, p. 5). grifos nossos

E afirmou ainda, que *"em toda a parte os infelizes alienados são recolhidos em edifícios distinctos e adaptados ao tratamento de enfermidades d'essa natureza".*[49] (1889, p. 5).

Note-se que ao assinalar as condições de enclasuramento a que estavam submetidos os loucos[as], em nenhum momento, o referido comendador, sugeriu melhorias na assistência aos alienados, muito pelo contrário, sua atitude tornou mais evidente o descaso por aqueles sujeitos destituídos da razão. Destarte, note-se que na inexistência de lugares apropriados para o tratamento da doença mental, a atitude de enviá-los juntos com doentes considerados incuráveis a um lugar distante, parece tencionar eliminá-los [apesar de em documento algum termos encontrado tal terminologia] já que uns e outros eram vistos como perigo a ordem social.

A rigor, naquela conjuntura, os personagens malsoantes à nova sociedade deveriam ser excluídos do convívio social e levados para lugares onde não representassem ameaça à ordem desejada, o que colocava em relevo as contradições que a cidade de Parahyba do Norte comportava.

[49] MENDELO, Thomás d'Aquino. *Relatório apresentado a Mesa Conjunta da Santa Casa de Misericórdia em 02 de Julho de 1889.* Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1889.

Dessa forma, nos remetendo ainda ao documento redigido pelo referido provedor, percebe-se que tal como os variolosos, aos alienados que foram/eram conduzidos à Enfermaria/ Hospital da Cruz do Peixe, o destino parecia ser um só: agonizar até a morte. Embora sejam recorrentes nos relatórios da Santa Casa, assim como naqueles feitos pelos presidentes do Estado, informações e denuncias sobre a falta de higiene e precariedade do hospital e da assistência prestada pela Irmandade da Misericórdia, não se pode negar que aquela instituição religiosa era detentora de grande prestígio social e político na Parahyba. E se,

> As visitas médicas, pela deficiência da época, não eram bastantes para suavizar o sofrimento de milhares de indivíduos, cheios de pústulas e de distúrbios os mais diversos, provocados pela infecção. Ainda bem, não faltavam os cuidados morais, pois os religiosos sempre souberam cumprir esse dever (CASTRO, S/D, p.354).

Neste sentido, considerando-se a necessidade de manter ordenado o espaço citadino centralizado, apesar da afirmação de Mendelo de que a enfermaria só teria funcionado por "dous mezes", é fato que a Casa da Cruz do Peixe não encerrou suas portas em 1889. Dito isto, e tendo em vista o caráter supostamente "caritativo" e "benevolente" da Irmandade, observe-se o Regulamento da Santa Casa de 1910, em seu Capítulo 1º, Da admissão dos Enfermos

> Art. 1º Os Hospitais Santa Isabel e Sant'Anna e o Azylo de Sant'Anna, da Santa Casa de Misericórdia, são destinados ao tratamento das pessoas affectadas de qualquer moléstia, inclusive a loucura (1910, p. 3).

Todavia, neste mesmo regulamento, no art. 5º pode-se ler: *"não serão admitidos nas enfermarias do Hospital do Santa Isabel doentes de morpheas ou outras moléstias contagiosas, a juízo do Director sanitário e do corpo clínico".*[50]

Percebe-se, portanto, que a existência do Asylo de Santana [Cruz do Peixe], era condição necessária a existência e assistência prestada pelos irmãos da Santa Casa, no Hospital de Santa Isabel, aos doentes recuperáveis, como bem assinala o Bacharel

[50] BRANDÃO, Trajano Américo de Caldas. *Regulamento dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia de Parahyba do Norte de 20 de Julho de 1910.* Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1910, p. 4.

Pedro da Cunha Pedrosa, *"a este hospital são recolhidos e tratados os enfermos indigentes e pensionistas affectados de molestias curáveis"*[51].

O psiquiatra Edvaldo Brilhante Filho em seu livro História da Psiquiatria na Paraíba, afirma que o Asylo de Sant'Anna é considerado o primeiro estabelecimento exclusivamente para pacientes psiquiátricos na Parahyba. Para o que discordamos, posto que não são incomuns, conforme pode ser observado anteriormente, os discursos que apontam para a existência de doentes de todas as espécies naquele espaço[52]. Sobre a situação dos loucos[as], o Relatório da Casa de Misericórdia de 02 de Julho de 1906, afirma que

> Quanto o Hospital de Alienados, comumente chamado de Asylo de Sant'Anna, muito longe está de aproximar-se do que seja um regular manicômio. A impressão de quem o visita, tenho observado, é sempre má, desagradável, porque em sua construção tudo faltou, desde a engenharia sanitária até os bons sentimentos tão comuns ao gênero humano! Ali nada realça, quaisquer que seja os artifícios empregados para disfarçar o que há de ruim e destível ! sabemos que o atual Provedor cogita de arrasar aquela **sepultura viva**, constituindo a nota dissonante que assoberba todos os espíritos formados para o bem" (apud. SILVA FILHO, 1998, p. 64).

Também o relatório do dia 02 de julho de 1908, afirmava "*o Asylo de Alienados, que é uma dependência do "Hospital de Sant'Anna deve ser remodelado pois é antes uma* ***prisão de loucos****, do que um estabelecimento adaptado ao curativo dos infelizes que perderam à luz da razão*".[53]

Em 22 de Janeiro de 1917, os assinantes do Jornal Correio da Manhã, puderam ler a pequena notícia intitulada: "ASYLO DE ALIENADOS: Medida que Urge", que além de apontar para a situação desoladora do estabelecimento, deixa em evidência o desejo

[51] PEDROSA, Pedro da Cunha. *Relatório apresentado a Mesa Conjunta da Santa Casa de Misericórdia em 02 de Julho de 1906.* Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1906, p. 12.

[52] Nos livros de entrada que havia naquele espaço de reclusão, é recorrente o registro de pessoas portadoras de várias enfermidades. Dentre as principais doenças que acometiam os habitants da Cruz do Peixe, citamos à titulo de exemplo: lezão, inchação, diarrhéa, gangrena, dezenteria papulosa, syphilis, influenza, bronchite chronica senil, frieira, febre amarela maligna, bactéria, fome, tumores hemorrágicos, ulceras, queimaduras, febre tiphoide, irritação intestinal, esgotamento nervoso, alienação.

[53] SILVA FILHO, Edivaldo Brilhante. **História da Psiquiatria na Paraíba**. João Pessoa: Santa Clara, 1998, p. 64.

de expulsar dos espaços citadinos centrais os vesânicos, conforme pode-se ler naquela folha,

O Asylo de loucos desta capital, não tem podido recolher, ultimamente, muitos alienados para quem tem solicitado o abrigo daquele estabelecimento público, por falta de accomodações.

> A direcção do Asylo tem allegado estar completa a lotação respectiva e, dessa forma, vão ficando ao desamparo aquelles que urge segregar, convenientemente, dos convívios dos sãos, para bem e segurança do público.
> Sabemos também que na cadeia pública, estão enclausurados como detentos, alguns loucos[...]. Pode-se bem imaginar o que as celinhas da nossa casa de detenção pode provocar aos nossos doentes das faculdades mentaes, cujo tratamento requer especiais cuidados, obedecendo a um méthodo em que hygiene, a vida ao ar livre mais possivel e em brandura bem aplicada ao tratar-se com esses infelizes, são elementos básicos, e é, por conseguinte, indispensáveis.
> O nosso único asylo de alienados, à Cruz do Peixe, não dispõe de taes requisitos, é certo; mas, pelo menos, é mais adequado ao fim a que se destina (CORREIO DA MANHÃ, 1917).

Apesar de não serem poucos os documentos que denunciavam tal estado de coisa, aquela situação perdurou por quase quarenta anos, conforme já afirmamos anteriormente.

É preciso assinalar que, além das denúncias contidas em Jornais, Mensagens e Relatórios dos Presidentes da Parahyba, também em todos os Relatórios, Compromissos e Regulamentos da Irmandade de Misericórdia que compulsamos, é nítida a posição de insatisfação e, de denúncia ao tratamento inadequado dispensado aos alienados, para o que citamos, á titulo de exemplo, ainda a mesma noticia jornalistica

> Os poderem competentes deveriam lançar suas vistas para aquele estabelcimento, afim de alli serem efectuadas as reformas de que muito está a necessitar, sobre levando-se o augmento da sua capacidade, pois com as actuaes proporções, não comporta todos os que precisam ser internados (CORREIO DA MANHÃ, 1917).

Em 1922, durante o mandato de Epitácio Pessoa na presidência da República Brasileira, um primeiro passo foi dado no sentido de melhorar a situação de internamento dos alienados na Capital parahybana. De acordo com José Américo de Almeida em "A Parahyba e seus problemas",

> A Parahyba carecia de um asylo de loucos, a pesar da raridade das doenças mentaes. O de S. Anna, mantido pela Santa Casa de Misericórdia, é, simplesmente, "uma má prisão", na phrase do benemerito provedor desse estabelecimento, em seu último relatório, condenada pelos preceitos de hygiene e pelos sentimentos de piedade. (1923, p. 411).

E segue Almeida,

> O govêrno Epitacio Pessôa também acudiu a essa velha aspiração, destinando a verba necessária para a construcção de uma colonia de alienados, á estrada dos Macacos, em terreno cedido pelo Estado.
> Essa obra, iniciada a 26 de junho do anno passado [1922], está quasi concluida, de accordo cm as indicações mais modernas, e será dotada de um estabelecimento hydrotherapico, laboratorio, gabinete de radiologia, etc (1923, pp. 411-12).

O discurso do escritor e político parahybano, foi mais uma voz que se levantou em favor da construção do Hospital Psiquiátrico, note-se que na medida em que o referido escritor fez referência a situação de abandono dos vesânicos nas células do Asylo da Cruz do Peixe, realçou também a atitude do Presidente Parahybano em construir um edifício próprio para o tratamento de alienados.

Desta forma, não podemos deixar de mencionar que nos documento por nós compulsados, fica evidente o caráter político que atravessou a questão da loucura em Parahyba do Norte. Fosse nas páginas dos jornais, nos Relatórios da Santa Casa ou, ainda, nas Mensagens e Relatórios presidenciais, percebe-se que o assunto ganha dizibilidade e visibilidade nos períodos que antecederam os pleitos eleitorais naquela Capital. Neste sentido, enquanto alguns eram alvejados por denúncias de maus tratos outros, por sua, vez, eram ovacionado por seus discursos em favor daqueles sujeitos destituídos da razão. Sobre isso, observe-se o Relatório feito em 1925 pelo Provedor José Ferreira de Novaes, que externando certo desconforto para com as denúncias feitas contra a Santa Casa pelo atendimento prestado aos alienados. No referido documento o Provedos faz também um apelo para que as obras do novo Hospício fossem abreviadas.

> [O Asylo de Sant'Anna] desapparecera com a mudança dos loucos para a Colonia de Alienados. [...] A construção da Colonia de Alienados tem despertado censura acrimorosas contra a S. Casa por que tem mantido esse serviço de assistência aos loucos.
> Os censores esqueceram-se que foi o Estado que fez construir em 1890 o predio que reclusa os destituídos da razão, o entregando a S. casa em 1893 em condições inferiores as atuais (1925: 10-11).

E reitera,

> Desde 1908 que a administração da S. Casa, em os relatórios annuaes, vem se occupando desse assumpto, clamando contra o que lhe entregaram, por não lhe cumprir tratar da assistência aos loucos e por lhe não permittirem os seus minguados recursos melhorar esse serviço
> Felizmente, está proximo o término desse serviço para a S. Casa, e para os loucos, que irão ter um tratamento ditado pelos ultimos ensimentos da sciencia medica (1925: 11).

As obras do Hospital Psiquiátrico ainda se prolongariam até 1928 apesar dos clamores das elites de Parahyba do Norte. Todavia, mesmo com a inauguração daquele que foi considerado um hospício modelo, não mudou muito a situação terapêutica oferecida aos loucos[as], que passou a ser administrada por médicos sem especialização em Psiquiatria, tendo um caráter mais assistencial que terapêutico. E, em 1927 já era possível observar crítica ao modelo de assistência psiquiátrica que seria implantado na Parahyba. Segundo o médico parahybano Dr. Octavio Soares,

> o predio para a futura assistencia aos alienados, muito embora, ao meu ver, não esteja como requer a sciencia moderna, em pavilhões. Condemno as cellulas existentes, se são para a reclusão de doentes.
> Hoje, não se prende mais alliendo; o novo systema é o open-door, portas abertas.
> Trancando um doente alienado em uma cellula de idolamento [...] ouvimol-o gritar, podemos espial-o pelo monoculo da cellula, mas é inconteste que isto não é therapeutica" (SOARES, 1927, p. 107).

Enfim, os alienados[as] deixaram as células do Asylo da Cruz do Peixe e também das cadeias de Parahyba para serem aprisionados no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira.

Por todos os discursos postos aqui, cabe dizer que, não foi válida nenhuma das tentativas dos saberes competentes e elites, da urbe em questão, em silenciar e tornar invisíveis aqueles sujeitos. Suas práticas discursivas acentuaram a existência daqueles homens e mulheres nomeados como loucos[as]. Personagens que, apesar de sua aparente passividade, reagiram as tentativas de normatizá-los, pois seus gritos, em todos os tons, atingia até os ouvidos daqueles mais indiferentes, de modo que no curso das duas primeiras décadas do século XX, os apelos para que fosse resolvido o problema dos alienados, intensificou-se, resultando na construção do Hospital Modelo na Parahyba. Assim, não se deve àquela obra somente aos poderes políticos e

elites letradas, mas também ao clamor, daqueles "habitantes do espelho", que antes de tudo lutavam por aquilo que é nato do louco[a], a liberdade. E se não a conquistaram, pelo menos minutaram seu sofrimento nas páginas de jornais, em documentos feitos pelas governanças, pelas elites letradas e por religiosos, ironicamente, pelas penas daqueles que os aprisionaram no espelho.

Frente ao exposto, é preciso observar ainda que a Psiquiatria em Parahyba do Norte, apesar de ter reservado aos loucos[as] um espaço para tratamento - o Hospital para Alienados, tal como o urbanismo, o sanitarismo, a engenharia, o direito, a criminologia e a polícia, esta especialidade médica, foi também uma aliada no processo de ordenamento social, auxiliando na separação dos corpos, classificando-os, definindo os lugares de exclusão e/ou de cura para os homens e mulheres que ameaçavam a ordem. Assim sendo, observa-se que na capital parahybana, os discursos dos médicos alienistas instituíram, apesar da tentativa de silenciar aqueles homens e mulheres, uma nova visibilidade e dizibilidade sobre os doentes mentais. E, com a institucionalização da loucura a partir daquele momento, só podemos afirmar que mudou a estrutura dos espaço asilar, mas o estatuto do louco[a] demoraria a ser alterado. Ser doente mental na Parahyba era algo que correspondia a ser , incivilizado, incurável, perigoso...

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, José Américo de. **A Parahyba e seus problemas**. João Pessoa: A União, 1980.

_____. **A Bagaceira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte:** trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825). In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. Rio de Janeiro, Saraiva de Bolso, 2011.

BRAZIL. **Código Criminal do Império 1830**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm. Acessado em 16.01.2012.

BRASIL. **Código Penal**, 1890. Disponível em http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049. Acessado em 01.11.2011.

CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CASTRO, Oscar Oliveira. **Medicina na Paraíba.** João Pessoa: S/E, S/D.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As Singularidades da Modernização na Cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930***.* Tese (Doutorado) em História. Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Recife, 2004.

COELHO FILHO, Heronides. **A psiquiatria no país do Açucar**. s/ed.1977.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da razão**: Médicos, Loucos e Hospícios – Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da Violência nas Prisões. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MACHADO, Roberto. (et al.) **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MALAGUTI BATISTA, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Revan, 2003.

MENDONÇA, Delosmar. **História dos Hospitais da Capital Paraibana**. João Pessoa: Sol da terra, 2004.

PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as épocas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

SILVA FILHO, Edivaldo Brilhante. **História da Psiquiatria na Paraíba**. João Pessoa: Santa Clara, 1998.

Entre a Rua e o Asilo: a Loucura no Ambiente da Cidade e a Construção dos Asilos de Alienados no Século XIX

Márcia Castelo Branco Santana[54]

Resumo: é pertinente pensarmos que a ação do homem sobre o ambiente ocorre a partir de diferentes perspectivas o que implica na constituição de espaços com as mais distintas justificativas. Nesse sentido, podemos perceber que a loucura, enquanto doença que precisava ser conhecida e controlada por um saber psiquiátrico foi alvo de uma trama de justificativa, tanto do Estado como dos médicos psiquiátricos, para a criação asilos de alienados, objetivando o tratamento e controle dessa doença na urbs. Ao tempo que os asilos foram criados nas cidades estas passavam a terem, aos olhos daquela sociedade, um ambiente livre dos doentes e da desordem causada ao ambiente da rua. No entanto, construiu-se outro espaço que passou a ser configurado como ambiente de exclusão e em muitos casos de insalubridade. Assim, a proposta do trabalho é pensar como esses ambientes foram (des)construídos no Brasil no século XIX.

Palavras-chave: Cidade; Ambiente Asilar; Loucura.

É pertinente pensamos que a loucura, enquanto alvo de medicalização e ação de psiquiatras, teve seus caminhos construídos por nomes como Pinel e Esquirol entre outros na Europa a partir do século XIX e que vão exercer grandes influências nos alienistas brasileiros[55]. Esse período marcaria, portanto, a constituição de vários saberes e discursos em relação às formas e estratégias de como tratar o alienado, como também a emergência da loucura enquanto doença, na medida em que o louco foi dissociado dos mendigos, criminosos e prostitutas. Para Robert Castel[56], essa separação já era visível no final do Antigo Regime na França; e a sistematização da loucura, com o desenvolvimento de uma tecnologia hospitalar (Asilo), possibilitou, através desse mecanismo, a definição do que o autor chama de "*novo status jurídico social do louco: o alienado*".[57] Esse contexto se fortificou no Brasil, a partir do século XIX, com a fundação de dois atos importantes durante esse período: a criação da

[54] Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE; Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Piauí- FAPEPI; Professora Assistente do Curso de História da Universidade Estaduala do Piauí – UESPI/Campus Clóvis Moura. E-mail: marciacbsantana@hotmail.com

[55]ENGEL, Magali Gouveia*. Os delírios da razão*: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

[56] CASTEL, Robert. *A ordem psiquiátrica*: a idade de ouro do alienismo. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978

[57] Idem, p. 55.

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1830 e, por determinação de D. Pedro II, a criação do primeiro hospício no Rio de Janeiro.

Assim, percebemos desde aquele período a formação de uma preocupação com os ditos loucos, principalmente, no que concerne àqueles que ficavam vagando nas ruas ou eram atendidos pelas Santas Casas de Misericórdia. Os primeiro em virtude de que, ao vagar pelas ruas, além de não receberem a devida atenção, era preciso isolá-los para que não fossem uma ameaça. Em relação ao que se encontravam na Santa Casa, a fala mais pertinente relacionava-se principalmente à questão de que viviam enclausurados em poucos espaços que eram oferecidos por tais locais. A partir de então, a constituição entre alienista, provedores da Santa Casa e a sociedade de uma forma geral era a defesa de um discurso que primava por retirada dos loucos desses espaços inadequados com ausência absoluta de uma terapêutica psiquiátrica para os ditos loucos.[58]

Percebe-se que havia uma forte argumentação no sentido de instituir um sistema hospitalar com um caráter bem especializado que passava tanto pela organização arquitetônica do mesmo como por quem deveria cuidar do doente. Machado e colaboradores[59] destacam que esses elementos somam-se para marcar a inauguração de um movimento que levou à separação do Hospício da Santa Casa e mesmo a fundação dos asilos, movimento esse sentido em várias províncias, principalmente na segunda metade do século XIX, quando foi veemente a inauguração dos asilos de alienados em diversas províncias.

Essa ação, demarcada por imbricadas teias de poder, deu à cidade a imagem de reconstituição dos seus espaços, não só na saúde pública, ao ordenar e separar fisicamente da Santa Casa os loucos, como dos demais espaços de convivência da cidade na medida era vista pela elite como um espaço urbano que nas duas últimas décadas do século XIX sofria com presença constante de uma massa de miseráveis

[58] WADI, Marmitt Yonissa. *Palácio para guardar doidos*: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2002.
[59] MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma*: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

vindos de todos os lugares, o que gerava uma situação de pobreza. Algo que se destaca nessa questão também é a marca de loucura que perpassa pela sociedade brasileira. Não somente entre os pobres e miseráveis que vagavam pelas ruas iremos encontrar os que eram apontados como loucos, mas muitas das famílias ditas importante tinham entre seus membros algum caso da manifestação da doença. Esses, em sua grande maioria, eram escondidos do restante da sociedade, e seu tratamento era feito em casa. Nos dois casos os loucos foram isolados e posteriormente alvo de interesse de controle institucionalizado nos hospitais e nos Asilos. Nesse sentido, buscamos compreender como esse contexto foi se constituído em diferentes espaços do mundo do Brasil e no Piauí.

Tal contexto passa a se intensificar em meados do século XIX quando a consolidação de um Estado forte levou à presença de ações que foram reconhecidas como efetivamente transformações progressistas. As demandas dos novos tempos imprimiam um ritmo veloz à sociedade brasileira, que buscou os padrões europeus de civilidade em seus diferentes setores. Rapidamente foram divulgados nos centros urbanos maiores os modos mais modernos que os indivíduos deveriam ter em sua vida. Isso passava pelo combate as doenças e higienização dos corpos. A própria organização das cidades passaria a ser alvo de políticas de remodelação do seu espaço com construções de ruas largas, demolições de prédios e casas que fossem uma ameaça à saúde e higiene da população e construções de instituições que fossem símbolo do que de mais moderno o Brasil pudesse apresentar.

Aqui percebemos uma nítida preocupação de uma política de higienização e defesa de uma medicina social que encaminharia os brasileiros para um processo de usos, formas e modos de pensar a partir de uma medicalização dos seus corpos e costumes. A cidade passava a estar sobre o olhar vigilante do médico, e esse ganharia cada vez mais influência não só na forma de planejar os espaços urbanos, como também de dizer como cuidar do corpo.

A intervenção médica foi uma das grandes aliadas do Estado na luta pela implantação da política de medicalização e higienização para obtenção de uma cidade “limpa”. Medicina e Estado, desde o século XIX, iriam agir juntos com medidas de intervenção

social traduzidas no novo olhar que irão dar aos indivíduos enfermos e nos locais de tratamento desses doentes. Aqui uma polícia médica e a reordenação de práticas mais científicas nos hospitais com um controle mais efetivo por parte dos médicos deram voz a essas exigências que se faziam necessárias para a constituição de um Estado moderno. Para seus membros, interessava o processo de uma rigorosa fiscalização de higiene com vista a mudar o padrão de comportamento desses indivíduos, pois como bem ressalta Costa

> Escravos, mendigos, loucos, vagabundos, ciganos, capoeiras, etc., servirão de anti-norma, de casos-limite de infração higiênica. [...] A camada dos 'sem família' vai continuar entregue à polícia, ao recrutamento militar ou aos espaços de segregação higienizados como prisões e asilos.[60]

Portanto, foi no campo da ação moral para organizar o meio que a medicina social agiu e com ela uma tentativa de combate aos males que acometiam a cidade e o indivíduo. Ao fazer um balanço dessa ação durante o período colonial e o Império, Costa faz uma abordagem de como a cidade e a família foram alvo de constituição do saber médico. A ação ocorria mediante normas educativas que tinham na higienização o grande aliado na imposição da criação de uma família que seguiria uma "educação física, moral, intelectual e sexual, inspirada nos preceitos sanitários da época"[61], o que para o autor acarretaria na defesa de corpos saudáveis e em uma ordem higiênica para além da vida privada dos indivíduos. Da mesma forma que a família passava a ser gerida como um corpo saudável, era preciso fazer isso na sociedade, buscando daí mecanismos como a justiça, a polícia, a limpeza das cidades, a racionalização dos costumes e os ensinamentos médicos para tal objetivo.

Os novos sujeitos deveriam estar em consonância com essa ordem urbana e se movimentarem a partir dos novos parâmetros que, segundo Costa[62], seriam contrários à cidade colonial. Para o autor, os códigos, criações de sociedades, prescrições sobre a higiene da família, uma vigilância constante sobre essas normatizações, desenvolvimentos de uma rede de ações assistencialistas aos pobres e desclassificados, a criação de prisões, asilos de alienados, de mendicância e hospitais

[60] COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. p. 33.
[61] Idem, p. 12
[62] Idem.

passaram a ser criados ou remodelados no sentido de atenderem as exigências de uma cidade moderna. Assim, Costa[63] analisa o processo de mudança da família colonial para a família burguesa presente no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, refletindo sobre as nuances que o Estado e a elite política do Brasil nesse período fomentam para atender as suas preocupações. Nesse ponto, a ordem era deixar a cidade limpa das pessoas e das coisas que não se enquadravam nesse contexto, como mendigos, prostitutas, ladrões e loucos. Seu destino era os locais de correções como prisões e asilos.

Machado e colaboradores[64] evidenciam essa ampliação de uma medicina social no Brasil a partir da chegada da Corte em 1808. Destacam os autores que o exercício de uma fiscalização sobre as questões relativas à saúde do "povo" relaciona-se às modificações que a colônia passou, a partir de 1815, e com a necessidade de um controle urbano. O crescimento populacional e as transformações do território, com a circulação de um maior número de estrangeiros e de negócios, pressionaram a Corte a instalar instituições no Brasil, objetivando conhecer a população para uma posterior intervenção. Fatores que motivariam, segundo Machado e colaboradores, "modificações importantes no âmbito da medicina, que alargarão os limites de sua ação e presença na sociedade. Trata-se da criação da Provedoria de Saúde e do ensino cirúrgico no Brasil".[65] Daí para frente, a intervenção de um saber especializado do médico cresceria como condição de medidas que levariam à constituição de uma saúde pública e de práticas para obtenção de uma população saudável e de uma polícia médica[66] que no Brasil era uma novidade, pois, segundo Machado essa já era uma ideia há muito presente na Europa, em países como Alemanha e França.

Os autores ressaltam como esse saber cresce a partir da chegada da Corte para a formação de uma política de higiene que modificou os costumes do homem ao tempo em que exerceu a necessidade conhecer o meio para melhor interferir e organizá-lo

[63] Idem.
[64] Idem.
[65] Idem, p. 162.
[66] Para Machado e colaboradores, "A polícia médica passa a ser definida como o conjunto de teorias, políticas e práticas que se aplicam à saúde e bem-estar da população, dizendo respeito a: procriação, bem-estar da mãe e da criança, prevenção de acidentes, controle e prevenção de epidemias, organização de estatísticas, esclarecimento do povo em termos de saúde, garantia de cuidados médicos, organização da profissão médica, combate ao charlatanismo".

no sentido de combate aos perigos que ameaçavam a sociedade como as epidemias, miasmas e sujeiras. Um saber que deveria está presente também em outros ambientes para a obtenção de melhores resultados no combate às doenças. O hospital, a prisão, a escola, os bordéis passariam a ser alvo da interferência da medicina ao colocar normas para um funcionamento adequado desses espaços no benefício à saúde do homem. Uma medicina social, que para os autores, atuava no espaço público urbano como forma de conseguir seus objetivos que seria a mudança dos hábitos do homem via intervenção no meio, significando aqui a retirada ou mudança de tudo que não estava na ordem da nova cidade, tais como os loucos que perambulavam pelas ruas.

Para eles, foi constituída a medicina do comportamento que passou a ter na psiquiatria o seu principal mecanismo de ação. Tal contexto engendrou a formulação por parte dos alienistas na defesa da importância do conhecimento da psiquiatria como imprescindível para o tratamento do louco, fortalecendo naquele momento a criação de espaços com o objetivo de tratar e curar o louco: os asilos de alienados. O movimento alienista brasileiro, para Machado e colaboradores, deve ser entendido no interior do movimento de medicalização da sociedade, tendo em vista que "O louco faz seu aparecimento como um perigoso em potencial e como atentado à moral pública, à caridade e à segurança. A loucura é perigo a ser evitado das ruas da cidade. Liberdade e loucura são antônimos"[67] daí a crítica contundente dos médicos em relação aos loucos pobres que perambulavam pelas ruas ou aqueles que não tinham o tratamento adequado nas Santas Casas.

Castel[68] (1978, p. 105) ressalta que, naquele contexto, o louco ganhou status de alienado, sendo as causas da loucura baseada em duas principais explicações: orgânica, que atribuía como fatores da loucura a questão biológica e hereditária; e a moral, que apontava como fator desencadeador da doença os aspectos sociais e morais relacionados à prática do indivíduo. Apesar das divergências presentes nas explicações sobre a origem da loucura, é possível percebermos por meio de uma literatura que aborda essa questão, que a instituição asilar aparece para os dois grupos como resposta ao tratamento do louco.

[67] Idem, p. 337.
[68] Idem, p. 105.

Sob a influência dos alienistas franceses como Esquirol e Pinel, a loucura foi esquadrinhada nas suas múltiplas questões e ligada cada vez mais ao comportamento moral e social, o que logo foi refletido no Brasil a partir das teses dos alienistas que trabalharam com temas da loucura, ressalta Machado e colaboradores (1978). Dessa maneira, a loucura passou a ser relacionada com o mundo cada vez mais frenético que desregrava a moral do homem e passou a ser entendida mais do ponto de vista do comportamento moral e social do que da atividade intelectual.

Esse olhar conduziria à formação de um estudo dos alienistas no combate às causas morais da loucura e isso passava pelo controle do social, daí a constituição forte de medidas nesse sentido. A prostituição, a boêmia, os vândalos, bêbados e mendigos foram grupos preferidos dessas ações visto que representavam as características que iam contra uma ordem dita "normal". Como os loucos, durante muito tempo, tinham sido inclusos entre esses grupos, seu destino quase sempre era a cadeia ou locais que não eram próprios para o seu tratamento como os hospitais Gerais, sendo muito mais um caso de polícia, que, ao provocarem desordem na cidade, eram recolhidos ao internamento.[69] Assim, as casas de internações serviam mais como lugares de correções do que de cura. Michel Foucault lembra que no século XIX, quando a instituição asilar passou a ser o ponto chave para o controle do louco, a justificativa para sua instalação estava na necessidade de "harmonia entre as exigências da ordem social que pedia proteção contra a desordem dos loucos, e a necessidade da terapêutica, que pediam o isolamento dos doentes"[70], o que levaria a uma mudança significativa no modo não só de pensar o louco como a própria instituição.

Nesse sentido, criava-se uma gama de "modos de pensar" as questões sociais como o crime, a loucura e outros males a partir dessas prerrogativas ao tempo que sugeria meios preventivos de evitá-las. Essa discussão ganha contornos mais forte com muitos intelectuais da área das ciências que passam a adotar um fala onde se destaca a constituição de um saber científico legitimamente constituído nas instituições do

[69] FOUCAULT, Michel. *História da loucura*: na idade Clássica. Trad. José Coelho Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.
[70] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 126.

conhecimento como as faculdades de medicina e direito, museus, associações e o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Tratava-se de espaços científicos definidores não só de uma identidade de um grupo de intelectuais e suas atuações, mas ainda irradiadores de modos de conceber que tipo de sociedade era fundamental o Brasil ter em um momento fundamental como o da sua construção enquanto nação. Para Schwarcz[71], muitas diferenças marcavam esse grupo devido aos interesses sociais, econômicos ou mesmo políticos aos quais estavam ligados. No entanto, para a autora "esses intelectuais guardavam, porém, certa identidade que os unia: a representação comum de que os espaços científicos, dos quais participavam, lhes davam legitimidade para discutir e apontar impasses e perspectivas que se apresentavam para o país"[72] e uma penetração que se fazia visível com as políticas de higienização e saneamento adotadas nas cidades na segunda metade do século XIX

Perspectiva que, segundo Foucault[73], daria ao alienista um poder significativo nos asilos e para a sociedade que o reconheceria como o condutor maior nesse processo. Assim, os alienistas operariam desde o século XIX, na Europa e no Brasil, como referências do que Robert Castel[74] chamou de "seqüestração dos loucos", o que lhe deu o poder total sobre a loucura desde a nomeação até a cura. Portanto, o século XIX foi um momento de mudança quanto à loucura, pois, segundo Castel[75], médicos como Pinel, ao criarem um isolamento e ordenamento da loucura no espaço hospitalar do asilo, configuram o louco como doente e cria uma relação de poder entre médico e doente com o tratamento moral.

Devemos lembrar que, no Brasil, o conhecimento psiquiátrico que vigorava na época era o difundido por Nina Rodrigues em que se estabelecia uma relação entre raça e aparecimento da doença mental. Nesse contexto,temos também outro psiquiatra baiano, Juliano Moreira, que realizou vários estudos de caso sobre os doentes mentais, no entanto, seguiria outras conclusões do que se encontrava até então para a degeneração, destacando em suas reflexões que a causa da degeneração do povo

[71] SCHAWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
[72] Idem, p. 50.
[73] Idem.
[74] Idem.
[75] Idem.

brasileiro não estaria na mestiçagem e sim em fatores sociais. Refutou uma visão racista da anormalidade e mesmo a atribuição feita por muitos médicos de que algumas doenças mentais seriam próprias de clima tropical, o que lhe permitirá afirmar em uma de seus artigos sobre assistência aos alienados, os indícios presentes desde a colonização para a formação de uma população degenerada no Brasil:

> É real que a grande massa de gente das cadeias para cá enviada, muito havia de concorrer para a larga sucessão de epiléticos, histéricos e outros degenerados com que progressivamente se foi adensando o vasto caldo de cultura da criminalidade nacional.
> De outro lado, ao mesmo tempo que Portugal desafogava seus presídios, foi buscar à África, nas zonas seguramente de população mais embrutecida, os milhões de negros com cujo auxílio explorou este país. [...] O álcool representou nesse bárbaro processo de colonização o maior papel imaginável. Com ele procuraram aumentar a pacatez das vítimas, mas simultaneamente foram-se-lhes infiltrando nos neurônios os elementos degenerativos que, reforçados através do tempo, dão a razão de ser de muita tara atual atribuída à raça e à mestiçagem por todos aqueles que não querem se dar ao trabalho de aprofundar as origens dos fatos.[76]

Segundo Venâncio[77], Juliano Moreira também alertava, por repetidas vezes, que um meio social saudável e educação eficaz seriam os mecanismos importantes para a prevenção de uma doença mental.

Outro ponto que podemos destacar em relação a Juliano Moreira é a constituição entre os alienistas da noção de medicalização da anormalidade onde é possível identificar a penetração do que passa a ser conhecido como psiquiatria clínica. Momento que Portocarrero[78] chama de "reconfiguração da psiquiatria no Brasil", pois para a autora alguns fatos vão interagindo nessa mudança, entre eles a aprovação da Lei dos Alienados em 1903[79], a nomeação de Juliano Moreira para a direção do

[76] MOREIRA, Juliano. Notícias sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil(1905). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 728-768, dez, 2011. p. 729

[77] VENÂNCIO, Ana Teresa A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, jul-dez. 2005, p. 59-73.

[78] PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura*: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

[79] Além de subordinar a internação dos loucos ao parecer médico, a lei estabelecia a guarda provisória dos bem alienados e regulamentava a posição central da psiquiatria no interior do hospício, o que permitia uma maior autoridade para o psiquiatra no hospício. A lei determinava também que o Estado

Hospício Nacional de Alienados e a redefinição da natureza da alienação. Esse quadro permitiu que o debate científico sobre o louco e a forma de tratamento do doente mental sofressem uma revisão, o que foi fundamental, principalmente no que se vincula ao tratamento aos alienados.

É importante pensarmos essa questão, tendo em vista que se exerceriam, nessas décadas iniciais do século XX, não só novas ideias da psiquiatria, como se estabelecem outras diretrizes para a instituição asilar. Nisso contribui em muito o movimento que Juliano Moreira empreendeu na diversificação das formas asilares e não asilares de tratamento. Nesse sentido, foi um grande incentivador do surgimento das Colônias agrícolas e do manicômio judiciário e mesmo da assistência heterofamiliar na medida em que via nessa nova assistência outros sujeitos que iriam ser contemplados com tais tratamentos, entre eles os desviantes, alcoólatras, sifilíticos, epiléticos e delinquentes. Para Portocarrero[80] essa era uma psiquiatria baseada no "modelo de Kraepelin que dirige na ação em dois sentidos. Primeiramente, na direção dos indivíduos a quem os psiquiatras devem assistir, [...]. Em segundo lugar, na direção das instituições sociais como escola, a família, o Estado, [...]". O saber do psiquiatra iria além das instituições asilares, passando a ser representado como indispensável para o desenvolvimento do país e auxiliador do progresso da nação ao agir nas estruturas balizares de uma sociedade. O debate sobre as formas de assistência implicaria também a defesa da construção de um hospital urbano em cada estado para o tratamento das várias formas de manifestação da doença mental, pois nesse contexto surge a concepção de "doenças sociais" e, por serem muito frequentes, são consideradas endemias sociais.[81] Assim, o pensamento psiquiátrico no Brasil, que teve os seus primeiros sopros de institucionalização centrados na importância de construções dos asilos nos leva a pensar essas questões em Pernambuco, Ceará e Piauí.

Pernambuco inaugura ainda em 1864 seu primeiro espaço para o tratamento dos loucos em Olinda, sendo que posteriormente se fez proeminente a necessidade de um

teria o direito de exercer o poder de sequestração apoiado no conhecimento psiquiátrico para não transformá-lo em um ato de pura exclusão como era feito até então nos hospício do país.

[80] Idem, p. 109.

[81] Idem.

novo espaço, agora em Recife, para que os doentes mentais tivessem um tratamento adequado. Razão que, segundo Juliano Moreira, levaria a inauguração, no bairro da Tamarineira, o Hospício de Pernambuco em 1883. Para o médico, este se encontrava em melhor situação, mas ainda sem que a opinião do alienista fosse considerada para a construção do mesmo.[82]

Em relação ao Ceará, Oliveira[83] aborda, ao estudar a instituição do Asilo de Alienados nesse estado, que somente no inicio da década de 1870 começam os primeiros relatos na Santa Casa de Misericórdia sobre a necessidade de construção do espaço para o tratamento dos loucos. Essa proposta de tratamento dos doentes acontece em um momento histórico em que Fortaleza crescia em termos econômicos e sociais, e a idealização da construção da instituição objetivava solucionar a visibilidade que a loucura ganhava nas ruas à medida que a cidade crescia.

Apesar de muitos terem nos abrigos os espaços de amenização dessa situação precária, a pobreza ainda era visível, tornando o cenário de miséria muito forte nas ruas como aconteceu na seca de 1877. Juntamente com esses indivíduos, os loucos passam a ser vistos como uma ameaça à ordem da cidade e um problema social que precisava ser solucionado. Assim, formava-se, entre a elite cearense, uma fala de construção de espaços para abrigar essa população que vivia à margem da sociedade como foi o caso de uma colônia para os órfãos, o Asilo de Mendicidade e o Asilo de Alienados São Vicente de Paula para os loucos.

Devemos inferir, nesse sentido, que a construção do asilo de alienados no Ceará, em 1886, ainda se dava dentro da argumentação de institucionalização de um espaço próprio para o tratamento da loucura, o que em muito não se distanciava da argumentação utilizada nesse final do século XIX para criação dos asilos de alienados defendida por muitos psiquiatras.

O Piauí, somente na segunda metade do século XVIII, seria província independente. Condição tardiamente constituída se comparada às demais províncias do Nordeste.

[82] Idem.

[83] OLIVEIRA, Claudia Freitas de. *O asilo de alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará (1871-1820)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

Agravando essa situação político-administrativa a região era muito pouca habitada por brancos, e os que aqui se fixavam viviam em conflitos com a população indígena. Sendo uma região de passagem, tinha uma sociedade formada basicamente por poucas famílias detentoras de terras para criação de gado, por vaqueiros, alguns escravos e agregados. Durante o Império essa situação mudaria pouca coisa, continuando uma região pouco povoada e muito pouco desenvolvida em termos econômicos. Tentando alavancar um melhor cenário econômico e social para o Piauí, o então presidente da província Antonio Saraiva, transfere, em 1852, a capital de Oeiras para Teresina, às margens do rio Parnaíba.[84] Tanto em uma como na outra, as questões de saúde públicas ficavam restritas a um hospital de caridade que inicialmente é inaugurado na primeira capital e passaria a funcionar também em Teresina.

> Para os enfermos pobres existem apenas na província dois hospitais, o da santa casa de misericórdia n'esta capital, que recebe um auxílio dos cofres públicos e de Oeiras sustentado exclusivamente pelos mesmos.
> Acha-se o primeiro sob os cuidados do illustrado médico Dr. Simplício de Souza Mendes; mas estabelecido em uma casa baixa e sem cômodo, precisa de muito para tornar-se um verdadeiro hospital.[85]

.

São esses hospitais que iriam efetivamente atender a população piauiense, principalmente a Santa Casa de Misericórdia de Teresina. No entanto, nas mensagens e nos relatórios sobre essa instituição, não identificamos qualquer menção aos loucos até o final do século XIX. É interessante abordarmos aqui que essa "invisibilidade" da loucura nos relatos oficiais, aproxima-se de algo presente nos demais regiões do território. Enquanto a loucura não fosse um problema social e não ferisse os valores e interesses de uma elite, essa doença não seria alvo de um discurso de isolamento com a criação de um lugar próprio para tal finalidade, sendo os loucos tratados em casa ou recolhidos às cadeias quando perturbavam a ordem da rua.

Ao sintetizarmos esse percurso relativo às práticas de institucionalização dos asilos e de uma produção discursiva da loucura no século XIX, entendemos que a perspectiva

[84] CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
[85] PIAUÍ, PROVÍNCIA. *Relatório do Vice-Presidente da Província Manoel José Espinola Junior passando a administração a Manoel do Rego Barro s Souza Leão*. Teresina, 01 jul. 1870, p. 13-14.

de análise teórica recai sobre autores como Michel Foucault e Robert Castel para pensarmos o debate no que concerne a uma visualização diferenciada do louco a partir do século XIX com seus desdobramentos para as práticas asilares e o alargamento da autoridade do alienista desde a denominação da doença, passando pelas causas e modos de cura. Salientamos que esses autores lançam luz na compreensão das problemáticas do tema, tendo em vista que esses pontos elencados tiveram seus reflexos no Brasil, como é perceptível nas análises dos trabalhos de Machado e colaboradores[86], Magali G. Engel [87], Jurandir Freire Costa[88].

Outra referência para é Maria Clementina Pereira Cunha[89], que trabalha a questão do alienismo em São Paulo pensando a partir da incorporação desse saber no final do século XIX e início do século XX como um fator de conhecimento e controle das degenerâncias que emergem na cidade em virtude do processo acelerado de crescimento dos centros urbanos que potencializam o aumento do número de pessoas, de serviços, de trabalho e de indivíduos que não se enquadrariam dentro do processo de urbanização. Assim, como os demais estudiosos da questão, Cunha[90] estabelece a relação de criação de instituições totalitárias para o controle dos que não figurariam na disciplinarização da cidade. Para a autora durante a República o alienismo deveria estar instrumentalizado para enfrentar as problemáticas e "forjar uma cidade organizada, asséptica, livre de ameaça"[91], o que resultaria no olhar competente e atento do saber alienista.

No Piauí, podemos perceber a articulação da problemática urbana e as práticas de exclusão da população marginalizada de Teresina nas instituições assistencialistas a partir da abordagem que Maria Mafalda Baldoíno Araújo[92] faz no seu trabalho de doutorado "Cotidiano e Pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)". Ao compreender as faces da cidade que crescia e os discursos de reorganização das esferas sociais de Teresina no período de transição política e de

[86] Idem.
[87] Idem.
[88] Idem.
[89] CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do mundo* – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
[90] Idem.
[91] Idem, p. 50.
[92] ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno. *Cotidiano e Pobreza*: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914). Teresina: F.C.M.C.,1995.

crise social para região, a historiadora evidencia como a trama do viver urbano da população pobre ocorria no espaço teresinense, mapeando seus desejos e modos de sobrevivência em condições adversas, principalmente, em um período que havia um discurso de ordenamento do espaço urbano devido ao número considerável de migrantes que chegavam ao estado, empurrado pela seca que assolava o interior do nordeste. A intervenção no espaço urbano, pelas autoridades do estado, emerge com a defesa de construções das instituições assistencialistas no sentido de abrigarem as pessoas marginalizadas do processo de progresso e civilização que a elite local defendia para o Piauí naquele período. A autora[93] considera que, além dos pobres e marginalizados que feriam a higiene, a moral e a ordem da cidade, existiam os loucos, que, vagando pelas ruas de Teresina, também ofendiam os bons costumes da cidade. Daí a defesa de construção de um asilo para alienados.

Assim, as concepções presente sobre a loucura durante todo o século XIX estiveram intimamente relacionadas ao meio social. Tal postura implicou um estudo sobre a loucura a partir de uma abordagem das diferentes dimensões das relações sociais e suas imbricadas combinações de poder e de experiências dos seus membros seja individualmente, seja em grupo. Estes estudos trazem uma abordagem sociocultural da problemática da loucura ao analisar as formas de controle social, identidades e vida cotidiana dimensionada para o louco. Entendemos assim, que esse olhar teórico da história sociocultural é importante na medida em que, ao trabalhamos com os saberes tanto de médicos como de atores sociais que atuavam na cidade e na sua disciplinarização formulamos significados para a loucura e para a retirada dos mesmos do ambiente das ruas.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno. *Cotidiano e Pobreza*: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914). Teresina: F.C.M.C., 1995.

CASTEL, Robert. *A ordem psiquiátrica*: a idade de ouro do alienismo. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

CHAVES, Monsenhor. Obra completa. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

[93] Idem, p. 105.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo*- Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão*: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*: Na Idade Clássica. Trad.José Coelho Teixeira Neto. São Paulo:Perspectiva, 2005.

MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma*: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MOREIRA, Juliano. Notícias sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil(1905). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 728-768, dez, 2011.

OLIVEIRA, Claudia Freitas de. *O asilo de alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará* (1871-1920). Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

PIAUÍ. PROVÍNCIA. *Relatório do Vice- Presidente da Província Manoel José Espinola Junior passando a administração a Manoel do Rego Barros Souza Leão*. Teresina, 01 jul. 1870, p. 13-14.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura*: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz*. O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VENÂNCIO, Ana Teresa A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações*. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 36, jul-dez. 2005, p. 59-73.

WADI, Marmitt Yonissa. *Palácio para guardar doidos*: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2002.

A Urbanização do Recife no Século XIX e a Implantação dos Serviços de Abastecimento de Água e Saneamento: Uma História de Degradação Ambiental

Mirella Rocha Magalhães

Resumo: O processo de urbanização e o acelerado crescimento populacional, ocorrido na cidade do Recife ao longo do século XIX acentuaram seus problemas estruturais, fazendo surgir a necessidade de mudanças importantes na cidade. Dentre as obras em destaque estão os serviços de abastecimento de água, com a implantação da Companhia do Beberibe em 1837, e o serviço de saneamento básico, com a empresa Recife Drainage Comparny em 1876. Este artigo visa analisar essas mudanças, que foram impulsionadas pelo ideal de progresso, inspiradas em cidades desenvolvidas como Londres e Paris. Demonstrando assim, quais as conseqüências ambientais provocadas pela fragilidade desses serviços, tomando como principal prejuízo causado à população recifense, as doenças epidemiológicas que ocorreram no período, em destaque o cólera.

Palavras-chave: Urbanização; Recife; doenças epidemiológicas

Urbanização do Recife no século XIX

O processo de urbanização e higienização da cidade do Recife ao longo do século XIX teve como objetivos principais a melhoria na salubridade e na arquitetura da cidade. Em 1823 quando a província recebe o título de cidade, se torna necessária sua modernização, e a criação de serviços básicos como a iluminação pública, abastecimento de água e a criação de um sistema de saneamento básico.

Problemas de estrutura urbana, e deficiências nos serviços básicos, comprometiam a saúde da população recifense, e acarretavam prejuízos ao comércio e desenvolvimento da cidade. Raimundo Arrais[94]comenta a respeito da dilatação do espaço público e o aumento do número de habitantes incorporados pela cidade no século XIX, fenômeno esse, que gerou uma acelerada urbanização, e acabou por acentuar os problemas estruturais do Recife, principalmente no que diz respeito à saúde pública. Devido a isso, pode-se perceber um aumento da incidência de várias doenças epidemiológicas graves, como a malária, varíola, cólera e outras

[94]ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho*. *A formação do espaço público no Recife do século XIX.* Humanitas/FFLCH/USP. São Paulo: 2004.

O maior impulso modernizador e urbanista que a capital da província recebe, acontece no governo de Francisco do Rêgo Barros, que vai de 1837 a 1844. Em suas duas gestões, seu governo empreendeu uma série de obras reestruturadoras e urbanizadoras na província de Pernambuco, principalmente na capital. O conde da Boa Vista, como ficou conhecido, mandou buscar engenheiros franceses, e incentivou as artes e as ciências, o calçamento das ruas, bem como, o início do projeto da Companhia do Beberibe. Durante seu governo foram introduzidas medidas que visavam melhorar as condiçoes de higiene da cidade do recife, impulsionando os serviços públicos.

Com o fim da gestão de Rêgo Barros, a Assembléia Provincial criou o Conselho de Salubridade Pública, no ano de 1845, com o intuito de gerar melhores condiçoes sanitarias e combater os focos de epidemias que estavam assolando a cidade. Nesse momento, sobre a dirigencia do Dr. Aquino Fonseca buscava-se adequar a cidade do Recife ao um modelo europeu, combatendo a "incivilizada" sociedade colonial que ela representava, medidas essas, que eram apoiadas pelas elites políticas da cidade.[95] Em 1853 o Conselho foi substituido pela Comissao de Higiene Pública, que ainda sob adiminitraçao de Aquino, continuou implantando métodos autoritários para garantir uma cidade higienica.

Sobre o abastaecimento de água, começou a ser questionado o uso dos chafarizes que eram utilizados pela população, já que esses eram impregnados de partículas ferreas, o que tornava a água impura. Além disso, a água fornecida não era suficiente. Outras questões foram levantadas pela Comissão, como a própria estrutura das casas e sobrados, das ruas e de uma melhor ventilação para cidade.

As ações, com objetivos de melhoria, foram muitas vezes aplicadas de forma autoritária. Portanto, não eram bem recebidas pela populaçao, que acusavam de elitistas as atitudes da Comissão de Higiene, que rejeitava outras formas de tratamentos, baseados na homeopatia, sempre optando pela medicina tradicional,

[95] MIRANDA, C. A.C. *Alguns aspectos do saber médico e da implantação de serviços urbanos em Recife na segunda metade do século XIX*. Gestão Pública: práticas e desafios. Recife. v. 5. : il. p. 17-56, 2012.

que era mal vista, pois aplicava métodos agressivos como a sangria e vomitos purgativos.

Dentre as mudanças mais significativas, e que de forma mais direta influenciaram os problemas de saúde a que estavam sujeitos os moradores da cidade, estão o abastecimento de água e o de esgotamento, que tiveram nesse período importantes modificações, e por isso são os pontos centrais da discussão desse trabalho. Em relação ao abastecimento de água foi contratada em 1837 a Companhia do Beberibe. Já o serviço de saneamento básico teve no primeiro momento, o projeto de Luiz Carlos Cambrone, mas esse se mostrou muito deficiente, sendo substituído pela empresa inglesa Recife Draynage Company em 1876.

É necessário salientar que a modernização da cidade do Recife não atendeu as necessidades básicas de toda a população. Incorporadas à economia capitalista mundial, em condição de dependência e inferioridade, as estruturas governamentais e a organização dos serviços básicos de Pernambuco vão acompanhar um desenvolvimento com influência européia e tecnologia atrasada, moldada de acordo com os interesses dos países de centro. Os serviços básicos de saneamento e abastecimento de água são reflexo dessa tendência.

Cidade portuária, presa ao capital comercial e a uma economia mundial, tinha grande influencia burguesa, e o ideal de progresso rondava o pensamento da elite recifense. Por isso no século XIX, quando a revolução industrial já atingia seu auge nas potencias européias, o Recife também irá buscar acompanhar essa tendência e esse desenvolvimento, moldando sua estrutura com base em cidades como Paris e Londres. O lugar público, nesse contexto, será utilizado como meio de propagar os valores desses centros urbanos, por isso, pode-se perceber nesse período mudanças na arquitetura e nos valores da sociedade, tentando a qualquer custo, alcançar o tão desejado status de “civilização”.

Em relação às primeiras obras, para a implantação de serviços como abastecimento hídrico e esgotamento, se percebe que a infra-estrutura básica de cidades como Recife, modernizadas a partir do século XIX, esteve atrelada a um contexto de

desenvolvimento dependente, mostrando que todo o processo de colonização e exploração inerentes aos países da América Latina deixou cicatrizes. A estrutura social-econômica e política de dependência externa, se instaurou, consolidou-se e permaneceu até o século XX.[96]

As primeiras obras que tratam dos projetos de redimensionamento da estrutura urbana do Recife levantam o problema da continuidade histórica em relação ao abastecimento de água e ao saneamento. Como é possível constatar no trecho a seguir:

> Ao se avaliar o percurso histórico dos serviços de saneamento nos países menos desenvolvidos, pode-se identificar uma marca comum em vários deles: a herança de uma matriz tecnológica e gerencial advinda dos países colonizadores. Um olhar sobre a implantação das iniciativas na área revela uma forte hegemonia da importação tecnológica – européia, inicialmente, e, em alguns casos, norte-americana, após Segunda Guerra Mundial. Tal padrão tecnológico em geral foi muito pouco mediado pela realidade local e por suas condições sistêmicas, pois quando da presença dos colonizadores muitas vezes predominava a visão da independência das concepções tecnológicas com a realidade local e, portanto, da neutralidade dessas opções no domínio das técnicas. Assim, as especificidades físico-geográficas, meteorológicas, urbanas, sociais e culturais, dentre outras, não eram devidamente consideradas nesse processo.[97]

Tendo a reestruturação do Recife ocorrido nesse contexto de dependência, a implantação dos serviços básicos não se desenvolveu conforme o esperado, e trouxe para a população, em lugar de soluções, novos problemas.

A Companhia do Beberibe

Em 1837 é autorizada a contratação de uma empresa para fornecer água potável aos habitantes da cidade, sendo escolhida para realizar o serviço a Companhia do Beberibe, que assina contrato em 1838. Utilizando o manancial do rio Beberibe, a empresa, por meio de bombas hidráulicas ou a vapor abasteceriam inicialmente treze

[96] KAPLAN, Marcos. *Formação do Estado Nacional na América Latina*. São Paulo: Ed. Eldorado, 1987.
[97] REZENDE, Sonaly; HELLER, Léo; QUEIROZ, Ana Carolina Lanza. *Água, saneamento e saúde no Brasil*: interseções e desacordos. Anuário de Etudios Americanos, 66, 2, julio-diciembre, 57-80, Sevilha (España), 2009. p. 58.

chafarizes públicos em algumas áreas da cidade. Esses foram colocados na Praça da Boa Vista, na subida da Ponte da Boa Vista, no Pátio do Carmo, no Pátio do Paraíso, na Ribeira, no Passeio Público, na Trempe e na Soledade.[98]Apesar de ficar restrito a determinados ponto da cidade, o trabalho da Companhia é importante, pois marca o início desse tipo de serviço em Recife, que até então era inexistente

Em 1848 o Governo Provincial concedeu a Companhia o direito de explorar o serviço de abastecimento da água de forma exclusiva por 35 anos. Contudo, em 1873, a Companhia tinha instalado apenas 22 chafarizes na cidade, e fornecia água para 103 casas, nas freguesias do Poço da Panela, Capunga e Afogados.[99] Mesmo tendo sua significação, como primeiro projeto de abastecimento de água na cidade, a Companhia do Beberibe logo se mostrará ineficiente, e apesar de ter tido longa permanecia, de 1838 a 1912, o órgão foi alvo de críticas desde a sua implantação, e com o crescente aumento populacional não conseguia atender a demanda e gerava transtornos aos moradores.

Em 1841 um novo projeto foi apresentado pelos engenheiros militares Conrado Jacob de Niemeyer e Pedro Alcântara, onde a água seria retirada do Açude do Prata e transportada por uma tubulação de ferro até um reservatório situado na Rua da Conceição, e depois distribuída pelos chafarizes.[100] Apesar de um aumento do número de chafarizes, o abastecimento continuou insuficiente. Em 1881, o Governo da Província exigia a ampliação da rede de abastecimento para que o contrato fosse renovado, o que acarretou no novo projeto, do Sr. Henrique Snell, engenheiro da firma Reed Brow Company, de Londres. Mas esse acabou não sendo aprovado pelo Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

O Dr. Pedro de Attahyde Lobo Moscozo, Inspetor de Saúde Pública, relatou a situação precária do abastecimento de água na cidade, fazendo severas críticas em relação à Companhia, encarando como um erro os privilégios concedidos por parte do governo

[98] GASPAR, Lúcia. *Companhia do Beberibe*, Recife. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 1 out. 2011.
[99] Relatório de Saúde Pública de Pernambuco de 30 de janeiro de 1883
[100] MENEZES, Jose Luiz da Mota; ARAÚJO, Halmilton Francisco de; CHAMIXAES, Jose Castelo Branco. *Águas do Prata*: historia do saneamento de Pernambuco. Gráfica Editora Apipucos S.A. Recife: 1991. pp. 19-35.

da Província no que diz respeito à exclusividade e ao longo prazo de validação do contrato. Expôs a insuficiência do serviço, que não conseguia atender toda a cidade do Recife, e a falta de interesse por parte da Companhia do Beberibe em buscar novas fontes de abastecimento, que conseguissem garantir água potável para ricos e pobres.[101]

Acrescidos aos problemas na insuficiente distribuição, a má qualidade da água, é ponto ainda mais prejudicial à população. Água essa que continha grande quantidade de oxido de ferro, devido à ferrugem dos encanamentos, além de outros componentes que a tornavam impura, como detritos de folhas e insetos, e o fato de os reservatórios serem usados para lavagem de roupas, e até como descarte de dejetos.

Somente em 1884, os dirigentes da empresa encarregaram a firma Knowles e Foster, correspondente da Companhia em Londres, para executar uma ampliação do sistema de abastecimento de água. Novas máquinas foram compradas, e encanamentos foram instalados em diversas ruas. Os antigos chafarizes foram aos poucos, sendo substituídos por novos, instalados em casas de alvenaria. Contudo, nem todas as melhorias projetadas se concretizaram, e acrescidos ao aumento populacional, a situação do abastecimento hídrico do Recife continuou deficiente.

A falta de abastecimento se configurou como um empecilho a modernização do Recife. Dificultava os ideais higienistas do século XIX, impedindo a limpeza adequada das ruas, e hábitos de higiene por parte dos habitantes da cidade. Além de a contaminação da água tornar mais propícia a proliferação de doenças, como o cólera. Se configurando como um atraso ao desenvolvimento urbano, que vai se estender por um longo período.

O Saneamento Básico e a crise de cólera de 1856

[101] MIRANDA, C. A.C. *Alguns aspectos do saber médico e da implantação de serviços urbanos em Recife na segunda metade do século XIX*. Gestão Pública: práticas e desafios. Recife. v. 5. : il. p. 17-56, 2012.

Um dos principais problemas enfrentados em decorrência da má distribuição de água e do ineficiente sistema de esgotos no século XIX foram as epidemias do cólera que assolaram o Nordeste, e mais especificamente o estado de Pernambuco. Os excretas eram jogados em mangues, rios e mares, ou lançados nas ruas, o que provocava uma situação de total insalubridade. À medida que as cidades começam a crescer, a situação se agrava, afetando diretamente a saúde da população, agindo danosamente na qualidade de vida das pessoas, o que leva as epidemias e maior índice de mortalidade.

Se o abastecimento de água do Recife estava longe do desejado, o serviço de esgotamento da cidade era muito mais atrasado e deficiente. O primeiro projeto de saneamento para a cidade, foi o de Charles Louis Cambronne, através da sua Companhia, a Empresa do Serviço da Limpeza das Casas e Esgotos da Cidade do Recife. O modelo da empresa já era empregado na França, e tinha o objetivo de fornecer serviço completo de despejos e de escoamento de urina e águas sujas, por meio de esgotos e canos correspondentes a cada casa. No entanto, nove anos após a assinatura do contrato os trabalhos ainda não haviam sido iniciados.[102]Além disso, o projeto não tinha a preocupação de solucionar o problema dos despejos dos dejetos em rios e mares, o que fez com que a contaminação da água permanecesse. "*Cada tubo se unirá em um cano de um diâmetro, ao menos de grossura dupla, que irá despejar suas águas ou diretamente em um dos rios ou no mar"*[103].

Em 1856, quando houve uma grande epidemia do coléra no Recife, focos de contágio estavam espalhados por toda a cidade, e as autoridades começaram a se preocupar em fazer uma limpeza nas ruas, praças, mercados, praias e no cais. Essa reforma vinha pautada pelo discurso higienista, que havia se propagado desde a metade do século XIX, e tentava implantar um novo plano para medicina, *"um projeto disciplinador, voltado ao meio urbano"*.[104] Ressaltando, nesse momento, a necessidade de serviços básicos como o saneamento do espaço urbano, essa política em relação à saúde é

[102] MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A arte de curar nos tempos da colônia: Limites e espaços de cura.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p. 349.
[103] MENEZES, José Luis Mota; ARAUJO, Hamiltom Francisco; BRANCO, José Castelo. *A cidade limpa. História do saneamento de Pernambuco*. Compesa, 1994.p. 40.
[104] MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A arte de curar nos tempos da colônia: Limites e espaços de cura.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p. 349.

fruto de uma aliança dos médicos higienistas e do Estado brasileiro, que estavam alarmados com os surtos de doenças epidemiológicas, e com a urgência em uma maior limpeza nas cidades. Essa preocupação com as doenças surgiu atrelada a uma idéia de moralização, onde os hábitos deveriam ser controlados, evitando desvios e a degeneração. O discurso estava apoiado em uma forma autoritária de sanar as epidemias, onde a prática médica, através de intervenções públicas, deveria impedir a proliferação destas, e consequente enfraquecimento das populações.[105]

No ano de 1841 os higienistas pernambucanos já buscavam entender a insalubridade do Recife, explicando as doenças segundo a teoria dos "miasmas" [106], conferindo ao ar recifense caráter nocivo. O Conselho Geral de Salubridade, afirmava que a "*a origem do cólera e das febres estava no ar*"[107]. Por isso, na crise do cólera de 1856 o Conselho chegou a recomendar que fossem suspensas apresentações no Teatro de Santa Isabel, devido as variações de temperaturas, e a idéia de que o cólera era transmitido através da respiração. Pretendiam, com essa medida, preservar a população, para que essa se mantivesse na segurança de suas casas.

Dentro dessa teoria higienista do século XIX quem deixava o ar impuro eram os pobres, os imigrantes, com suas más condições de higiene, por isso o controle do estado deveria agir nessa parcela da população. Como o grande contingente populacional do Recife nesse período era composto pelos escravos, que estavam condicionados a uma situação de pobreza, foi fácil então, imputar aos escravos domésticos a responsabilidade pelas doenças. A partir de então, medidas de controle ao convívio desses com o resto da população, e a proibição dos mesmos se banharem em águas que abasteciam as residências foram implantadas. Era uma forma da administração da cidade, ter um maior controle dessa população, que passou a ser

[105] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
[106] Teoria da medicina, segundo a qual a principal forma de contagio de doenças era feita através do ar, que disseminava emanações do solo e do ar. Essas emanações eram conhecidas como "miasmas". Definição retirada de: MELLO, Virginia Pernambucano de. *Água Vai*. História do saneamento em Pernambuco. COMPESA. Recife; 1991
[107] ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço publico do Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

considerada como um foco de contágio de doenças[108]. Dessa maneira, buscava-se afastar do centro urbano a população que tornava a cidade "feia", os pobre, que não se enquadravam no ideal desejado de cidade moderna.

O trabalho de André Monteiro e Carlos Pontes, sobre a intervenção sanitária de Saturnino de Brito em Recife, aponta a crise do cólera, e as medidas tomadas pelo governo para melhoria do serviço de esgoto. Nesse período, os escravos transportavam os excretas em barris, chamados "tigres", e os lançavam em mangues e rios, o que rapidamente provocava a contaminação da água, que depois era utilizada pela população.[109] Apesar das medidas tomadas pelos médicos higienistas, o cólera se espalhou e acometeu todos os setores da sociedade recifense. Pode-se perceber isso em dados que revelam que no período de 1852 a 1860, essa foi a doença que mais matou no Recife, tendo 3.348 óbitos.[110]

O principal setor afetado pela diminuição de mão-de-obra, gerada pela epidemia do cólera, foi o comércio. Recife como centro portuário, teve durante o século XIX, um crescimento impulsionado pela "*evolução do capitalismo internacional*",[111] e encontrou nesse período grandes dificuldades. Com o intuito de proteger a províncias da entrada de mercadorias e pessoas infectadas, as atividades de importação e exportação para outros países foram alvos de políticas de controle, que fizeram uma intervenção no porto, deixando os navios que atracavam em quarentena. Medidas como essa trouxeram grandes prejuízos econômicos para a província.

Agravada a situação pela epidemia do cólera, e tendo o serviço de Cambronne se mostrado ineficiente, em 1869 o governo imperial vai conceder a prestação do serviço de esgoto e limpeza da cidade à Companhia Inglesa Recife Drainage Company.

---

[108] FARIAS, Rosilene Gomes. *Epidemia e sociedade no recife imperial*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, julho 2011. São Paulo, 2011 pp.1-17. Disponível em: < http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1294866902_ARQUIVO_EPIDEMIAESOCIEDADENORECIFEIMPERIAL.pdf >. Acesso em 2 de março de 2012.

[109] COSTA, André Monteiro; PONTES, Carlos Antonio Alves. *A saúde como determinante das ações de saneamento: A intervenção sanitária de Saturnino de Brito*. In: Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental; AIDIS. Amúrica y La accíon por El médio ambiente em El milênio. Rio de Janeiro. ABES, 2000. p.1-8. [t.XII]

[110] ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público do Recife do século XIX.* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004. p. 363.

[111] MELLO, Virginia Pernambucano de. *Água Vai! História do saneamento de Pernambuco 1537-1837*. COMPESA. Recife; 1991.p. 41.

Inicialmente a Companhia ligou as latrinas domiciliares a grandes coletores, que através de canalizações, e estações depuradoras, acabavam, depois do tratamento, lançando os dejetos no Rio Beberibe.

A curto prazo, problemas no saneamento da Draynage começaram a aparecer. Dentre eles, a má qualidade do material usado na confecção das latrinas, má conservação dos canos, insuficiência de água para o funcionamento adequado, o mau uso da população, que por vezes obstruía os canos com variados materiais. Acrescido a isso, a Companhia não demonstrava cuidado satisfatório com qualidade do serviço, e como conseqüência, a canalização estourava e contaminava o subsolo, atingindo veios d'água.[112] Em 1883 o serviço da Drainage, não era apenas inadequado, mas também oneroso, devido a problemas no encanamento, já que boa parte do material utilizado pela empresa era importado e de difícil aquisição, causando prejuízos à empresa.

> A Drainage foi objeto de severas críticas de todos os setores sociais. Da população, dos engenheiros e dos médicos por sua má qualidade dos serviços. A rede de esgotos só foi implantada em área muito restrita, nos bairros de Santo Antônio, Recife, de São José e parte da Boa Vista, e além disso, estavam previstos serviços de limpeza urbana, que não foram efetivados.[113]

Apesar de todos os problemas mencionados, e sendo alvo de inúmeras críticas, a Draynage ainda se manteve em funcionamento até o ano de 1908, quando foi extinta.

O crescimento da cidade e a degradação ambiental

O objetivo da História Ambiental é, segundo Woster:

> aprofundar nossa compreensão de como os humanos tem sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e, contrariamente e talvez de modo mais importante, na visão da insustentável situação global atual, como a ação humana afetou o ambiente e quais foram as conseqüências. [114]

[112] MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A arte de curar nos tempos da colônia: Limites e espaços de cura.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p. 51.
[113] COSTA, André Monteiro e PONTES, Carlos Antonio Alves. *A saúde como determinante das ações de saneamento: A intervenção sanitária de Saturnino de Brito.* In: Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental; AIDIS. Amúrica y La accíon por El médio ambiente em El milênio. Rio de Janeiro. ABES, 2000. p.1-8. [t.XII]

[114] WORSTER, Donald. *Transformações da terra: Para uma perspectiva agroecológica na história*. Ambiente & Sociedade - Vol. V – no 2 - ago./dez. 2002 - Vol. VI - no 1 - jan./jul. 2003, pp. 23-44.

Tendo essa afirmação como ponto de partida, a História Ambiental servirá de apoio para compreender como a degradação ambiental, causada pelo precário sistema de saneamento básico e distribuição de água na cidade do Recife, afetou a sociedade recifense no período de urbanização da mesma.

As condições físicas do Recife, não favoreciam a construção de um adequado sistema de serviço de esgotamento. Sendo a cidade uma planície, de lençóis freáticos de pouca profundidade e formação argilosa, tornava-se difícil a aplicação do serviço sanitário.[115] Esse obstáculo não teria se agravado, se não fosse o crescimento da cidade no século XIX, que fez aumentar rapidamente a necessidade de aterros, desequilibrando o homem e o ambiente.

Os rios que margeiam a cidade, e o mar sempre foram opção de descarte dos dejetos, muitas vezes com o consentimento do Estado, claramente já causando uma situação de degradação ambiental. Mas com o crescimento da cidade a situação toma proporções muito maiores. Recife parece pequena, para comportar os resíduos de sua população. A insalubridade causada pela contaminação das águas começa então, a afetar a saúde, e os fatores sociais e econômicos, que alteram a vida de seus habitantes.

Convergindo com a perspectiva social de Herrera, onde é preciso entender o bem estar social atrelado a uma relação de responsabilidade com o mundo natural, é fácil perceber quais as consequências sociais que o empobrecimento ambiental, causado pelo desequilíbrio entre o homem e o meio, acarretaram para a sociedade pernambucana. Consequências essas, que ficaram evidentes no período de modernização da cidade, sendo o maior exemplo aqui mencionado, a epidemia de cólera.

A pobreza e falta de instrução na qual a maioria da população Pernambucana estava inserida, é um fator agravante, pois dificultou um trabalho eficiente de consciência ambiental. O que Castro Herrera, em seu artigo “Naturaleza, sociedade e historia en America Latina”, discute, mostrando às relações entre a pobreza social como fator

[115] MENEZES, José Luis Mota; ARAUJO, Hamiltom Francisco; CHAMIXAES; BRANCO, José Castelo Branco. *A cidade limpa. Historia do saneamento de Pernambuco*. Compesa, 1994.

para a degradação ambiental é um fato a ser considerado. O papel do "progresso", onde a busca pelo tão desejado desenvolvimento, pode acabar por se tornar uma arma perigosa de destruição ao ambiente.

> la pobreza social es importante factor em el empobrecimento del mundo natural. En esa perspectiva, la reduccíon de la pobreza-especialmente a través del crecimiento económico, como se lo entiende em las políticas de "ajuste estructural" y reforma del estado promovidas por las instituiciones financieras internacionales y ejecutadas com singular entusiasmo por la mayoría de los gobiernos de la regíon debería bastar para preservar a la naturaleza de um deterioro aún mayor[116]
>
> Desde muy temprano, pues , pareció evidente que um mayor crecimiento econômico-de ocurrir em el marco de essas formas de organización-no podría garantizar por si mismo la solucíon del problema planteado y, por El contrario, bien podría contribuir a agravarlo aún más.[117]

Sem relativizar essas questões, as medidas de urbanização aplicadas no Recife, foram impostas de forma inconseqüente, visando mudanças rápidas, sem, contudo, entender a dinâmica da população local e questões geográficas e estruturais da cidade.

Levando em consideração a relação existente entre o ambiente, o social, econômico e político, se torna necessário, entender a sociedade pernambucana desse período, à luz de suas dificuldades, tanto econômicas, como de seus aspectos culturais. Levando em consideração esse aspectos, será possível dizer que o fator econômico, e o subdesenvolvimento seriam as únicas explicações plausíveis para o problema de degradação ambiental aqui evidenciado? A questão é muito discutível, e seria difícil chegar a um consenso. Se por um lado os problemas sociais, e a cultura

[116] pobreza social é um fator importante no empobrecimento do mundo natural. Nessa perspectiva de redução da pobreza, especialmente através do crescimento económico, como é entendida as políticas de "ajuste estrutural" e reforma do Estado promovida pelas Instituições financeiras internacionais e ejecutadas com singular entusiasmo pela maioria dos governos da região- deveriam ser suficientes para preservar a natureza de uma deterioração ainda maior. HERRERA, Guillermo Castro. Naturaleza, sociedad e historia en América Latina. In: *Ecología Política. Naturaleza, sociedad y utopia*, CLACSO, Consejo Latino americano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, abril de 2002. pp. 83-99. p. 85

[117]Desde muito cedo, parece evidente que um maior crescimento econômico- para ocorrer sob essas formas de organização – não poderia garantir por si mesmo a solução do problema levantado, e pelo contrário, pode muito bem contribuir para agravá-lo ainda mais. HERRERA, Guillermo Castro. Naturaleza, sociedad e historia en América Latina. In: *Ecología Política. Naturaleza, sociedad y utopia*, CLACSO, ConsejoLatino americano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, abril de 2002. pp. 83-99. p. 85

predominantemente predatória em relação à natureza, que essa sociedade sempre esteve inserida, são fatores nocivos aos recursos naturais, o crescimento tecnológico e econômico acelerado dos chamados "países desenvolvidos" se mostraram se não mais, pelo menos igualmente danosos para o ambiente.

Durante o século XIX, no período de modernização urbana do Recife, sua sociedade estava imposta a um contexto de pobreza, e problemas sociais, como a fome, mortalidade infantil, e saúde pública extremamente deficiente. A população mais pobre convivia constantemente com doenças epidemiológicas, já comentadas. As iniciativas, nesse período, vinham dos médicos higienistas, com ideais de limpeza urbana, que não estavam necessariamente, atrelados a um interesse de bem estar social, e muito menos a uma preocupação com o ambiente.

Um olhar sobre o saneamento na cidade do Recife no século XIX mostra que a questão sanitária e do abastecimento hídrico, é decorrente de deficiências administrativas, que não levaram em conta o tamanho dos problemas ambientais que a deficiente implantação desses serviços traria para a população. A idéia de apenas afastar os dejetos do centro da cidade, jogando-os nos rios, traria dentro de pouco tempo, com o cólera, as conseqüências cruéis de uma indiferença em relação à natureza.

Referências Bibliográficas

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o riacho*. *A formação do espaço público no Recife do século XIX.* Humanitas/FFLCH/USP. São Paulo: 2004.

ARRETCHE, Marta T. S. *Política Nacional de Saneamento: A Reestruturação das Companhias Estaduais.* Documento disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/infraestrutura/saneamento/san_parte3.pdf>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a república que não foi.* Companhia das letras. São Paulo: 1987.

COSTA, André Monteiro; PONTES, Carlos Antonio Alves. "A saúde como determinante das ações de saneamento: A intervenção sanitária de Saturnino de Brito em Recife." In: Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental; AIDIS. Amúrica y La accíon por El médio ambiente em El milênio. Rio de Janeiro. ABES, 2000. p.1-8. [t.XII]

FARIAS, Rosilene Gomes. *Epidemia e sociedade no recife imperial*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, julho 2011. São Paulo, 2011 pp.1-17.

Disponívelem:<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1294866902_ARQUIVO_EPIDEMIAESOCIEDADENORECIFEIMPERIAL.pdf >. Acesso em 2 de março de 2012.

GASPAR, Lúcia. Companhia do Beberibe, Recife. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 1 out. 2011.

HERRERA, Guillermo Castro. *Naturaleza, sociedad e historia en América Latina.* In: Ecología Política. Naturaleza, sociedad y utopia, CLACSO, Consejo Latino americano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, abril de 2002. pp. 83-99.

KAPLAN, Marcos. *Formação do Estado Nacional na América Latina*. São Paulo: Ed. Eldorado, 1987.

MELLO, Virginia Pernambucano de. *Água Vai! História do saneamento de Pernambuco 1537-1837*. COMPESA. Recife; 1991.

MENEZES, José Luis Mota; ARAUJO, Hamiltom Francisco; CHAMIXAES, José Castelo Branco. *A cidade limpa. História do saneamento de Pernambuco.* Compesa, 1994.

MIRANDA, C. A.C. *Alguns aspectos do saber médico e da implantação de serviços urbanos em Recife na segunda metade do século XIX*. Gestão Pública: práticas e desafios. Recife. v. 5. : il. p. 17-56, 2012.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha de. *A arte de curar nos tempos da colônia. Limites e espaços da cura.* Fundação de Cultura e Cidade do Recife. Recife: 2004.

PASSMORE, John. *Atitudes frente à natureza*. Revista de geografia. Recife: UFPE/DCG, v. 11, N.2, JUL/DEZ. 1995

REZENDE, Sonaly; HELLER, Léo y QUEIROZ, Ana Carolina Lanza. *Água, saneamento e saúde no Brasil: interseções e desacordos*. Anuario de Estudios Americanos, 66, 2, julio-diciembre, 57-80, Sevilla (España), 2009

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WORSTER, Donald. "Transformações da terra: Para uma perspectiva agroecológica na história". In: Ambiente & Sociedade - Vol. V - no2 - ago./dez. 2002 - Vol. VI – no 1 - jan./jul. 2003, pp. 23-44.

Espaços de Cura na Paraíba Imperial: os Hospitais da Santa Casa de Misericórdia[118]

Silvera Vieira de Araújo[119]

Resumo: este artigo tem como objetivo problematizar os espaços de cura na Paraíba Imperial, e, mais especificamente, o Hospital da Caridade mantido pela Santa Casa de Misericórdia em suas relações sociais e políticas. Desta forma, este estudo pretende problematizar a assistência hospitalar da Santa Casa de Misericórdia no século XIX em suas relações com os poderes públicos e com a sociedade paraibana. Para esta discussão utilizaremos o conceito de "situação crítica" estabelecido por Giddens (2003), para caracterizar os desequilíbrios sociais provocadas pelas epidemias e a atuação do Hospital de Caridade no sentido de reorganização social diante desequilíbrios causados pelas epidemias. Consideramos que o Hospital de Caridade, foi a única instituição hospitalar da Paraíba no século XIX destinada ao atendimento da população em geral. Este hospital manteve intrínseca relação com os órgãos públicos, além disso, suas práticas de cura repercutiram no cotidiano social, pois, as pessoas que utilizavam esses serviços eram afetados diretamente pelo assistencialismo desenvolvido pela instituição.

Palavras-chaves: Hospitais, práticas de cura e relações sociais

Introdução

Na segunda metade do século XIX, homens e mulheres paraibanos padeciam de moléstias diversas, como febre amarela, varíola, cólera, febres, tumores, sarampo, tétano, gripes, sífilis, tuberculose, coqueluche, disenterias. Em busca de cura para seus males, os enfermos procuravam os hospitais, outros simplesmente ficavam em casa, fazendo uso de ervas e esperando a Providência Divina. Os que buscavam tratamento hospitalar tinham como opção o Hospital de Caridade, o Hospital Inglês, Enfermaria Militar, Enfermaria da cadeia pública. O Hospital Inglês[120] era destinado aos estrangeiros que, vindo a bordo de um navio eram acometidos de alguma doença contagiosa, sendo por isso, isolados neste hospital para evitar a transmissão para a população local. A enfermaria militar[121] era responsável pelo atendimento hospitalar dos militares e a enfermaria da cadeia oferecia serviços hospitalares aos presidiários.

[118] Esse artigo constitui parte da tese de Doutorado em História que está sendo desenvolvida junto ao PPGH/UFPE, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Alberto Miranda.
[119] Doutoranda em História - UFPE
[120] Este hospital, na realidade era uma enfermaria, destinada aos estrangeiros acometidos de doença contagiosa, foi criado durante uma epidemia de febre amarela.
[121] Por ato da presidência de 22 de maio de 1858, os praças do corpo policial deveriam ser tratados no hospital da Santa Casa, revertendo para a instituição da Santa Casa o soldo inteiro de cada praça durante o tempo em que este se conservar no hospital. Ver: RELATÓRIO, 1860, p.39. Esta enfermaria era mantida pelo ministério da guerra.

Contudo, em relatório da Inspetoria de Saúde Pública,[122] Dr. Abdon Felinto Milanez afirmava que, "a enfermaria não oferece as condições indispensáveis para o tratamento dos soldados, que adoecem; no entanto, o serviço médico é mantido com regularidade."[123] O hospital da caridade era uma instituição administrada pela Santa Casa de Misericórdia, através de recursos subvencionados pelo estado e de contribuições de particulares, sendo, a única instituição responsável pelo tratamento hospitalar da população em geral. Sobre estes hospitais, Dr. Abdon Felinto Milanez,em relatório da Inspetoria de Saúde de 1871, explica que "cada um desses estabelecimentos presta o serviço para que foi criado, se não com regularidade, ordem e asseio que era para desejar, ao menos com aquele compatível com os recursos de cada um dispõe."[124]

O modelo de assistência hospitalar da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba foi predominante no século XIX. Neste tipo de assistência os hospitais da Santa Casa recebiam subvenções do governo estadual e contribuições de particulares para atender gratuitamente os enfermos indigentes, caracterizando um tipo de assistencialismo nas práticas de cura. Nesta conjuntura, o Estado não atuava diretamente na promoção da saúde através da manutenção de instituições hospitalares, mas, transferia para a Santa Casa esta função mediante volumosas subvenções. A discussão sobre o modelo assistencialista no campo da saúde representado pelo hospital da Santa Casa faz-se necessário não somente porque o hospital constituía referência no campo da saúde, e mais, especificamente, na promoção da saúde através dos procedimentos de cura por eles realizados. Mas, sobretudo, pela relação existente entre os serviços de saúde mantidos pela entidade e os poderes públicos, bem como, suas repercussões na sociedade. Desta forma, este estudo pretende problematizar a assistência hospitalar da Santa Casa de Misericórdia em suas relações com a política e com a sociedade paraibana.

Em busca da cura: o Hospital de Caridade

[122] Para uma melhor compreensão do texto, faremos uma atualização ortográfica das fontes citadas.
[123] Relatório do Inspetor de Saúde Pública Abdon Felinto Milanez apresentado ao presidente dr. Justino Ferreira Carneiro. Parahyba do Norte, Typ. do "Liberal Parahybano," 1882, Anexo S, p.6.
[124] Relatório da Inspetoria de Saúde Pública apresentado ao vice-presidente da província, dr. José Evaristo da Cruz Gouvêa em 16 de outubro de 1871. Parahyba, Typ. Conservadora, 1871. Anexo II, p.9.

No período imperial, os hospitais da Santa Casa eram referência de assistência hospitalar em todo Brasil. Na Paraíba, o hospital mantido pela Santa Casa constituía um espaço procurado pelos paraibanos para a cura de seus males, de seus sofrimentos e de suas dores. A criação desta unidade hospitalar relacionou-se com o movimento de fundação das Santas Casas no mundo e no Brasil, e, principalmente com os compromissos estabelecidos por estas instituições. Segundo Sccuoglia & Tavares (2009, p. 14 e 15), a primeira Santa Casa da Misericórdia teve origem em Portugal no final do século XV. Sua fundação costuma ser atribuída ao Frei Miguel de Contreras com o apoio da rainha Dona Leonor, viúva do rei de Portugal Dom João II. Em 15 de agosto de 1498 teria sido fundada a confraria da Misericórdia sob a real proteção de Dona Leonor que teria mandado edificar o Hospital de Caldas da Rainha e com a colaboração de seu irmão Dom Manuel I, então rei de Portugal, dado prosseguimento às obras de instalação do Hospital Real de Todos os Santos, iniciado por Dom João II em 1492, bem antes da confirmação legal da Irmandade da Misericórdia de Lisboa em 29 de setembro de 1498. Somente em 1502 teria sido instalado o Hospital Real de Todos os Santos que tinha por fim concentrar todos os hospitais e hospícios da capital portuguesa. A partir de então, com o patrocínio régio, a Santa Casa espalhou-se pelo império português, tornando-se a Irmandade leiga de maior poder e uma marca da colonização portuguesa.

Baseando-se nas considerações de Sá (2001), Sccuoglia & Tavares (2009, p. 16) expõe que, foram três os vetores que organizaram a implantação das Misericórdias: em primeiro lugar, a formação seguiu os tempos implantação das comunidades portuguesas nas áreas de expansão, ou seja, a criação das Santas Casas pressupunha a formação de vilas coloniais estruturadas e variava de acordo com as diferentes configurações do Império ao longo do século XVI ao XVIII. Em segundo lugar, a instalação das Misericórdias nos territórios administrados pelos portugueses em conseqüência da expansão ultramarina foi simultânea à difusão das Misericórdias na Metrópole. Nesse sentido, não formaram um sistema testado no Reino e, em seguida, exportado para as colônias. A sua difusão se alastrou de forma simultânea. Em terceiro, registra-se que a cronologia da implantação das Misericórdias seja difícil de precisar com rigor porque não há documentação de apoio, ficando impraticável a definição de datas precisas.

No Brasil, a fundação das Santas Casas iniciou-se com a colonização efetiva do território. Na Paraíba, segundo Sccuoglia & Tavares (2009, p. 19), não é possível precisar a data de construção da Misericórdia na cidade de João Pessoa, assim como é o caso da grande maioria das igrejas dessa Irmandade. Porém, podemos afirmar que ela já existia desde o século XVI, constando dos registros da visitação do Santo Oficio à Paraíba, realizada no ano de 1595, segundo anotação do Livro de Tombo da Igreja de Nossa Senhora das Neves. Há, ainda, uma descrição contida na Relação de Diogo de Campos Moreno, na qual é feita menção à Igreja da Misericórdia, registro datado de 1609. Já quanto a fundação do hospital da instituição, "também não podemos precisar a data de construção, mas sabemos, a partir do Relatório da Santa Casa de 1965, que o mesmo já existia desde a formação da Irmandade na cidade de João Pessoa" (SCCUOGLIA & TAVARES, 2009, p.20).

As Santas Casas de Misericórdias seguiam o Compromisso de Lisboa, com modificações mínimas ditadas pelas condições locais. Esse Compromisso de 1516 organizava-se em torno das chamadas 14 obras de caridade, sete espirituais e sete corporais inspiradas pelo Evangelho consignado segundo São Mateus. As espirituais: 1 - ensinar os ignorantes, 2 - dar bons conselhos, 3 - punir os transgressores com compreensão, 4 – consolar infelizes, 5 - perdoar as injúrias recebidas, 6 - suportar as deficiências do próximo, 7 - orar a Deus pelos vivos e pelos mortos. As corporais: 1 - resgatar cativos e visitar prisioneiros, 2 - tratar dos doentes, 3 - vestir os nus, 4 - alimentar os famintos, 5 - dar de beber aos sedentos, 6- abrigar os viajantes e os pobres, 7 - sepultar os mortos (SCCUOGLIA & TAVARES, 2009,).

> Na capital da Paraíba, a Irmandade também adota, inicialmente, o compromisso da Santa Casa de Lisboa, ou seja, assume todas as obrigações que estavam contidas nas obras corporais e espirituais, pois em âmbito nacional foi somente a partir do século XVIII que as Santas Casas de Misericórdias brasileiras começaram a elaborar seus próprios compromissos. Um pouco mais tarde, a Santa Casa da Paraíba também elaborou o seu, conforme se pode ler no Relatório da Santa Casa, de 1965: O Compromisso de 1860 foi substituído pelo de 1913, que chegou até os nossos dias. Em 1960, foi adotado um resumo de toda a legislação anterior, com o nome de Estatuto da Santa Casa. A atual Provedoria, logo de início de sua gestão, solicitou das Santas Casas de Olinda, do Recife, da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo, Santos e Belo Horizonte a legislação pelas quais ainda se

> regem essas congêneres. No intuito de atualizá-la, adaptando-a as necessidades locais... (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1965, p. 7, Apud, SCCUOGLIA & TAVARES, 2009, p.20).

Além dos propósitos religiosos e espirituais a Santa Casa, também tinha a "missão de proporcionar a assistência hospitalar aos enfermos indigentes,"[125]cuidados com as crianças "expostas"(órfãos, abandonadas ou frutos de relações extraconjugais), cuidados com presos e sepultamentos de escravos ou condenados à morte. Dentre os serviços oferecidos pela Santa Casa de Misericórdia da Paraíba estavam "a hospitalização e o tratamento de doentes, à conservação e o asseio dos prédios hospitalares e do da Igreja, ao enterramento dos que faleceram nesta Cidade e seus subúrbios."[126] No que diz respeito aos sepultamentos Russell-Wood (1981) demonstra em seu texto que:

> Os estatutos da Misericórdia estipulavam que cada irmão deveria ser acompanhado à sepultura por um cortejo cerimonial da irmandade. Além dessas obrigações estatutárias, a Misericórdia administrava diversos serviços funerários, tanto contra pagamento quanto por caridade. Nesses serviços, a Misericórdia continuava uma tradição de funerais cooperativos existentes nas irmandades da Europa ocidental desde o início do Império Romano. O legado dessa tradição fora preservado nos estatutos das irmandades medievais e no Compromisso da Misericórdia de Lisboa (p.153).

Na capital da Paraíba, o sepultamento era uma prática realizada exclusivamente pela irmandade, enterravam-se pobres, escravos e pessoas que ocupavam posições sociais em destaque na sociedade da época. Assim, identificamos em um dos relatórios da Santa Casa, "tendo a Santa Casa o direito exclusivo de ceder catacumbas para o enterramento, mediante uma taxa, ocorrerão casos durante o ano compromissal, que mostram a necessidade de providencias, para não se iludir este direito" (Relatório da Santa Casa da Paraíba, 1858; p. 13).[127]

[125] Relatório da Santa Casa de Misericordia da Parahyba, apresentado à meza conjuncta na sessão solenne de 2 de julho de 1925. Desembargador José Ferreira Novaes. Imprensa Official, Parahyba, p. 3, 1925.
[126] Idem.
[127] Apud SCCUOGLIA & TAVARES, 2009, p.21.

Segundo Alves (2008, p.8), outra obrigatoriedade da Santa Casa, de acordo com seu compromisso oficial, era o recebimento dos expostos, que eram as crianças abandonadas pelas mães, deixadas na porta de instituições de caridade, como no caso da misericórdia, para que fossem criadas. Contudo, na Santa Casa, não havia espaços para as crianças; mal cabiam as que se encontravam doentes. Para cumprir a tarefa de cuidar dos expostos, os irmãos da Santa Casa, enfrentaram dificuldades para exercer-la com qualidade e eficiência. Então, "os irmãos da misericórdia adotavam crianças abandonadas, que eram entregues às amas de leite, que recebiam esta incumbência, em casas de bons cidadãos. Estes, por sua vez, recebiam a quantia de 7 mil réis para criá-las. Mas, na maioria dos casos, estas crianças educadas pelas amas, nas casas de pessoas de boa família, passavam a incorporar o quadro dos empregados domésticos da casa" (ALVES, 2008, p.8). Assim, verificamos no relatório apresentado pelo Provedor Dr. Antônio Herculano de Souza Bandeira no momento da renovação do mandato.

> Tenho encontrado um número avultado de expostos, alguns dos quais indevidamente recebiam pensões deste pio estabelecimento, já pela idade elevada, e já por se acharem ao serviço doméstico das próprias amas ou criadeiras, reduzi a 7, que atualmente são alimentados por este pio estabelecimento mediante a módica retribuição, já referida, por se acharem eles ainda nas condições de receberem semelhante auxílio, atentos os seus verdes anos (SEIXAS, 1987, p.251).

Além do cuidado com as crianças "fragilizadas", a irmandade tinha a função de cuidar dos presos. "A ajuda era restrita aos presos pobres e era tarefa da Irmandade coletar as esmolas destinadas ao sustento dos prisioneiros" (SCCUOGLIA & TAVARES, 2009, p.21). Os compromissos da Santa Casa de Misericórdia ultrapassavam a dimensão religiosa e espiritual, atingindo os aspectos sociais, cristalizando-se nas práticas de solidariedade aos sujeitos mais frágeis da sociedade, crianças abandonadas, presos, doentes e mortos.

Por ter se transformado no principal veículo de expansão da reforma assistencial da monarquia portuguesa, as Misericórdias tornaram-se responsáveis pela administração hospitalar do país, sobretudo a partir da década de 60 do século XVI.

Expandindo-se rapidamente pelos centros urbanos, o modelo de assistência das Misericórdias lusitanas foi igualmente exportado para os territórios ultramarinos.[128]

O hospital de caridade era o único existente na Paraíba destinado a enfermos desvalidos, que procuravam remédios para seus sofrimentos, contudo, estava "bem longe de preencher completamente o fim de tão santa como útil instituição."[129] Como bem relata Dr. Abdon Felinto Milanez, inspetor da saúde, em seu relatório sobre os hospitais na Paraíba, o qual considerava que, " é incontestável a utilidade, que presta o Hospital da Santa Casa de Misericórdia à classe desvalida desta província; lastimo, porém, que esse humanitário estabelecimento não dispunha de melhores recursos para preencher completamente o fim para foi criado."[130] Isto, devido a "escassez de seus rendimentos não lhe permite dar aos doentes que recebe aquele tratamento, se não delicado aos decente que convém, e a pequenez e mão estado da casa lhe não consente acolher maior número de pobres que necessitados procuram esse triste abrigo de caridade pública."[131]A situação era tão degradante, que, na enfermaria destinada aos presos, constatou-se a seguinte a imagem negativa: "A enfermaria dos presos, consta de corredor estreito e não muito longo, sem divisões algumas que conservem separados, como convém, os afetados de moléstias contagiosas do resto dos doentes; sem quarto reservado e outras acomodações próprias e precisas."[132]A mistura de corpos doentes e infecciosos fazia parte do cenário hospitalar, onde os preceitos higiênicos não eram postos em prática, uma vez que, "não havia quartos para os doentes transmissíveis."[133]No cotidiano hospitalar, identifica-se a existência de "quartos, que, além de serem insalubres, se acham estragados por neles se terem recolhido alienados , que no acesso da loucura tudo destroem, reclamam um pronto melhoramento."As enfermarias foram supridas de poucas roupas, porém não de

[128] Cf. FERNANDES, 2009,p.36.
[129] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial da Parahyba do Norte pelo excellentissimo vice-presidente da mesma, o Dr. Flavio Clementino da Silva Freire, em 2 de outubro de 1855. Parahyba, Typ. de José Rodrigues da Costa, 1855. P.17.
[130] Relatório da Inspetoria de Saúde Pública apresentado ao vice-presidente da província, dr. José Evaristo da Cruz Gouvêa em 16 de outubro de 1871. Parahyba, Typ. Conservadora, 1871. Anexo II, p.9.
[131] Idem.
[132] Idem, p. 18.
[133] Relatório apresentado á Assembleia Legislativa Provincial da Parahyba do Norte, no dia 31 de maio de 1862, pelo presidente, dr. Francisco d'Araujo Lima. Parahyba, Typ. de J.R. da Costa, 1862.

quanta era precisa para o grande número de doentes.[134] Além disso, "os médicos do hospital reclamam falta de ferros para as operações."[135]Insalubridade, sujeira, falta de roupas para o uso diário, e a escassez de ferros para as cirurgias tornavam mais calamitosa a situação dos enfermos nos hospitais, assim como, dificultava o tratamento,e, conseqüentemente o processo de cura.

Para os diretores do hospital da Santa Casa, a instituição deveria receber, apenas, os doentes curáveis, os incuráveis, não deveriam procurar o hospital, pois, estariam ocupando um espaço reservado aos que tinham possibilidade de cura, assim justifica o provedor da Santa Casa:

> Sendo este, como já disse, o único estabelecimento de caridade, é obrigado a receber indivíduos inutilizados por sua avançada idade, e moléstias incuráveis,que pesam assim sobre o Estabelecimento, e ocupou leitos, que em regra deveriam ser ocupados por aqueles, que dessem esperanças de restabelecimento. Atualmente existem quatro nessas circunstâncias. Felizmente ainda eles não impossibilitarão de receber doentes de outra espécie: mas pode um dia assim suceder. A mesa administrativa já quis pencionar com uma diária a todos, saindo-lhes da enfermarias, aceitarão dois, mas os outros eram tão desvalidos , que nem encontrarão a casa de um parente, ou filantrópico,que os quisessem receber, e assim, permanecer ali, até que Deus os livre das misérias desta vida. (...) Se atendermos ao estado dos indivíduos que entram por caridade ao hospital, que somente o demandam quando não lhes restam mais esperanças, a seus hábitos e vida, certamente que nos surpreenderá a cifra da mortalidade, e confessaremos que Ella acredita sumamente ao hospital. [136]

A presença dos incuráveis no hospital de Caridade era indesejável, na medida em que, acarretavam despesas para a unidade hospitalar, ocupavam os espaços destinados aos curáveis, aumentavam o índice de mortalidade da entidade, como relatou o provedor Antonio de Souza Gouveia, "não deve surpreender a mortalidade havida, se atenderdes que a maior parte dos enfermos que demandam o hospital o fazem já em tal estado de adiantamento, que muitas vezes seus sofrimentos se tornam rebeldes ao tratamento que ali recebem e outros sucumbem no dia imediato de sua entrada no

[134] Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte no dia 1 de outubro de 1864 pelo presidente, Dr. Sinval Odorico de Moura. Parahyba, Typ. de J.R. da Costa, 1864. p. 49.
[135] Idem.
[136] Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte, no dia 31 de maio de 1862, pelo presidente, dr. Francisco d'Araujo Lima. Parahyba, Typ. de J.R. da Costa, 1862.p.3.

hospital".[137] Além disso, o provedor Lindolfo José Correia das Neves reconhecendo as deficiências da instituição, admite que "a mortalidade é excessiva, mas se atendermos aos hábitos dos que, pelo comum, demandam o hospital, seu estado físico, e muitas outras circunstâncias desfavoráveis, para quais forma alguma não influem as enfermarias, e o tratamento nelas aplicado, reconhecereis facilmente a razão dessa desproporção que é irremediável."[138] Desta forma, admitia-se que não só o estado físico do paciente, mas também, o tipo de tratamento recebido(remédios e procedimentos médico- cirúrgicos) e a estrutura hospitalar (higiene, alimentação, vestuário) interferiam no índice de mortalidade da unidade hospitalar.

Os doentes incuráveis, quando eram indigentes, mais indesejáveis se tornavam, pois, não podiam pagar a diária do hospital. A presença dos enfermos para os que não tinham chances de cura no hospital, segundo os diretores, era um problema que afetava a questão da superlotação, tendo em vista que, "a procura de leitos era freqüente, e quase impossível de ser em continente satisfeita, apesar de ter aumentado no triplo seu número, prova, que o Hospital perdeu entre a população o descrédito em que chegou a cair."[139]Assim relatou o provedor da Santa Casa, Lindolfo José Correia das Neves.

Se os doentes "curáveis" e os "incuráveis" tinham como opção o hospital da caridade para seu tratamento. E, os enfermos acometidos de doenças epidêmicas como febre amarela e varíola, quais espaços de cura deveriam procurar? Ao que tudo indica não era o hospital de caridade, pois, como informa o provedor:

> Todos os anos ao principiar a epidemia de febre amarela, que periodicamente, invade os navios estrangeiros surtos em nosso porto, os primeiros casos são tratados neste hospital, em quanto o Governo monta a sua enfermaria para seu tratamento, e quanto o flagelo parece extinto, e depois, que as enfermarias são desmontadas, porque não é possível que os cofres públicos supram indeterminadamente as extraordinárias despesas de seu custeio, ele, que é traiçoeiro, reaparece, os afetados continuam a ser tratados em nosso hospital. No corrente ano a varíola, com o caráter terrível e

[137] RELATORIO 1869, Anexo D, p.2.
[138] Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte pelo exm. sr. presidente da provincia, dr. Francisco Teixeira de Sá, em 6 de setembro de 1873. Parahyba, Typ. dos herdeiros de José R. da Costa, 1873. Anexo III, p. 5.
[139] Idem, p.2.

> assolador, acometeu, a população desta cidade, bem como a de toda a Província, de todo o império, e de grande parte do globo, e quase ao mesmo tempo, a febre amarela nos fez sua visita anual. S. Exc. Fez montar com a possível brevidade uma enfermaria no Convento S. Francisco para os afetados daquelas epidemias. Os primeiros casos, porém, foram tratados neste hospital, até que o mesmo Exm. Sr. Por ofício n. 3464 de 3 de dezembro do ano findo me determinou,que cessasse o recebimento de tais doentes, que deviam ser recolhidos a mencionada enfermaria. Sendo julgadas extintas as epidemias, foi desmontada aquela enfermaria, mas em quinze dias, mais ou menos, tenham recrudescido ambas, e não pude recusar-me a receber os afetados.[140]

No período de epidemias, as vítimas eram tratadas em enfermarias isoladas, montadas pelo governo provincial, cujo objetivo era evitar a contágio da população local. Apenas no início dos surtos epidêmicos, quando as enfermarias ainda não estavam montadas, era que os pacientes recorriam ao hospital da Santa Casa, ou quando, as epidemias eram consideradas extintas, e as enfermarias já estavam desmontadas, surgiam alguns casos. Apenas nestas situações que o hospital da Caridade atendia aos acometidos por doenças infecciosas.

O tratamento dos enfermos realizado no hospital da instituição era mantido através de "alugueres de casas; dízimos de miunças; jóias por admissão de irmãos; impostos sobre os despachos de embarcações; rendimento do cemitério; dons gratuitos; subvenção do Tesouro Provincial; e legados pios não cumpridos, contribuições de particulares."[141]

Movimento financeiro da Santa Casa[142]

Ano	Receita	Despesa	Saldo
1857	15:139$ 968	9:219;830	5:920; 128
1858	16:357$068	10:130$408	6:226$660
1864	15:271$739	15:398$825	-127$086
1867	24:792$615	22:855$477	1:937$141
1868	17:475$194	15:934$201	1:520$993
1869	20:338$263	19:181$336	1:036$897
1871	2:836$508	1:601$816	1:234$692
1873	20:199$037	19:310$967	1:388$570

[140] Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa da provincia da Parahyba do Norte em 7 de agosto de 1874 pelo presidente, exm. sr. dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha. Parahyba, Typ. do Jornal da Parahyba, 1874. Anexo D, p.3.

[141]Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial da Parahyba do Norte no dia 1 de outubro de 1864 pelo presidente, dr. Sinval Odorico de Moura. Parahyba, Typ. de J.R. da Costa, 1864. p. 58.

[142] Esta tabela foi elaborada com base nos dados apresentados pelos provedores da Santa Casa nos relatórios enviados aos presidentes da Província nos respectivos anos.

1874	18:788$4846	18:338$446	450$000
1877			402$658[143]

De acordo com a tabela acima, verificamos que a Santa Casa de Misericórdia obteve resultado positivo, ou seja, saldo na relação entre receita e despesa, embora, os provedores os reclamassem da falta de recursos financeiros para realizar reformas na estrutura do hospital, compra de remédios, material hospitalar e contratação de funcionários. A Santa Casa não era uma instituição pobre, como os provedores tentavam mostrar nos seus relatórios para o público em geral, pois, eram diversas as fontes de receitas, e, muitas dessas fontes apresentavam-se bastante volumosas. As contribuições de particulares, somadas, geravam grande quantia para a instituição, principalmente, se entre os contribuintes tivesse uma alma, que além de caridosa, fosse muito rica. Os legados, bens deixados em testamento, também, representavam grande fonte de lucro para a Santa Casa, pois, casas, prédios, jóias, terrenos, propriedades rurais foram transferidos em testamento para entidade. Em suma, a relação de patrimônio da Santa Casa constituía uma evidência de sua riqueza e de seu poder aquisitivo, muitos desses bens se revertiam-se em lucro para a instituição, a exemplo dos alugueis das casas, foros de terrenos e até empréstimos a juros. Desta forma, listamos os seguintes bens da Santa Casa em 1877:

> Consiste o patrimônio da Santa Casa em 7 prédios nesta cidade, que foram arrendados por três anos, em hasta pública, pela quantia de 1:268$000; em terrenos contíguos a mesma cidade; aforados perpetuamente, e num sitio denominado "Araçá", junto a população de Lucena, rendendo estas propriedades a quantia de 1:200$000 réis por ano.[144]

Em suma, a Santa Casa dispunha de fontes variadas de receita, no entanto, os provedores não aplicavam os recursos em melhoria da estrutura hospitalar, oferta de medicamentos, contratação de funcionários, ampliação dos leitos hospitalares. Apresentando uma estrutura hospitalar ineficiente e insuficiente para atender a

[143] Neste balanço do ano de 1877, o provedor apenas citou o saldo da instituição. VerRelatorio apresentado á Assembléa Legislativa da Provincia da Parahyba do Norte pelo presidente, exm. sr. doutor Esmerino Gomes Parente, em 12 de agosto de 1877. Parahyba do Norte, Typ. Liberal Parahybana, 1878.:

[144] Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa da Provincia da Parahyba do Norte pelo presidente, exm. sr. doutor Esmerino Gomes Parente, em 12 de agosto de 1877. Parahyba do Norte, Typ. Liberal Parahybana, 1878.p.40.

demanda local, a Santa Casa foi alvo das críticas da população que tinha consciência da origem dos recursos, no caso, as subvenções do governo provincial e as contribuições de particulares. Embora os serviços hospitalares fornecidos pela Santa Casa, não correspondesse qualitativamente e quantitativamente aos anseios da sociedade, convém ressaltar, que estes serviços eram os únicos existentes na Paraíba, e, que, representavam o assistencialismo no campo da saúde.

No ambiente social da Paraíba do século XIX as doenças e as epidemias afetavam o cotidiano da população, desencadeando desequilíbrios sociais, políticos e culturais. Como bem cita Giddens (2003), o cotidiano epidêmico pode ser comparado ao que ele denomina de *situação crítica*: "são circunstâncias de disjunção radical do tipo imprevisível, que afetam uma quantidade substancial de indivíduos, situações que ameaçam ou destroem as certezas de rotinas" (GIDDENS, 2003,p. 70). Neste ambiente marcado pela presença corpos doentes e infecciosos, os serviços de prevenção, no caso, a Inspetoria de Higiene, órgão do governo provincial, parecia não cumprir as finalidades que nortearam a sua construção, devido a sua precariedade e sua atuação restrita a capital, sendo, a construção de corpos saudáveis uma meta inacessível na Paraíba. Esta ausência do poder público no setor da saúde e da higiene se fazia sentir também no tocante aos serviços hospitalares, que na Paraíba no século XIX eram mantidos exclusivamente pela Santa Casa de Misericórdia, constituindo o assistencialismo nas práticas de saúde, ou seja, os serviços de assistência hospitalar são mantidos através de verbas oriundas de contribuições particulares e de subvenções dos poderes públicos que mantinham a instituição sob a justificativa de ajuda aos "pobres carentes".

Considerações finais

O assistencialismo desenvolvido no âmbito da saúde pela Santa Casa constituiu uma maneira do Estado transferir para a referida entidade a função de agente promotor da saúde e da cura, isentando-se desta responsabilidade. Desta forma, o Estado não mantinha unidades hospitalares com sua estrutura correspondente: funcionários, remédios, alimentação, vestuário, material cirúrgico. Assim, para o poder público era mais cômodo subvencionar a Santa Casa para que esta pudesse oferecer a população

à assistência hospitalar, que, por sua vez, tinha a obrigação de prestar contas de suas atividades (serviços realizados) e do movimento financeiro (a relação receita x despesa) através dos relatórios apresentados ao presidente da província. Como não existia uma fiscalização eficiente da aplicação dos recursos públicos pela Santa Casa, pois, os provedores e outros administradores eram indicados pelo Presidente da Província que mantinham com estes relações de compadrio e uma intensa rede favores, não podemos afirmar se realmente os recursos investidos na instituição pelo governo provincial resultou em serviços prestados à sociedade. De certo, a assistência hospitalar desenvolvida pela Santa Casa não correspondia quantitativamente e qualitativamente aos anseios da população, gerando insatisfação por parte dos enfermos que procuravam estes serviços.

Referencias bibliográficas

ALVES, Naiara Ferraz B. ENTRE A CARIDADE E A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**:** As diversas atividades desempenhadas pela Santa Casa de Misericórdia na Parahyba imperial. **Anais eletrônicos do XIII Encontro Estadual de História:** HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: Entre o nacional e o regional. Guarabira, PB,2008.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 2ºed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

Jovanka Baracuhy Cavalcanti Sccuoglia; Marieta Dantas Tavares. História e memória da igreja da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba**, Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 8, out.-nov.-dez./2009, p.12-33.

RUSSELL-Wood, A. J.R.,1939- **Fidalgos e filantropos**: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755. Trad. De Sérgio Duarte. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **Santa Casa de Misericórdia da Paraíba: 385 anos**. João Pessoa: Santa Marta, 1987.

Trabalho e Ambiente

Coordenadoras:
Dr. Maria do Socorro Abreu e Lima
Dr. Christine Paulette Dabat

‘Ibura, a Luta do lixo e o Muro da Vergonha’

‘Degradação do Bioma Caatinga’

‘Cultura Urbana e Trabalho ’

‘A Sexta Geração, Socialismo e Cinema Chinês’

‘Escravidão Contemporânea’

‘Ambiente Urbano e Espaço’

‘Produção de Etanol’

O Ibura, a Luta do Lixo e o Muro Da Vergonha: Associativismo Comunitário, Ecologia e Valorização do Espaço Urbano em uma Periferia Recifense dos Anos 1980

Allan Cavalcante Luna

Resumo: Este trabalho é parte de pesquisa realizada no mestrado do PPGH-UFPE. Almeja-se entender de que forma ocorreu o processo histórico de constituição identitária das classes populares de uma periferia do Recife – o bairro do Ibura. Uma pluralidade de sujeitos, com situações confluentes em precárias condições de vida e moradia, desdobrou-se em significativas práticas políticas e sociais homogeneizadas num campo autorreferenciado como "popular", articuladas tanto por elementos materiais, quanto por uma unidade em seu conteúdo discursivo. O bairro presenciou, nos anos 1980, dois grandes acontecimentos que terminaram por alicerçar a criação da Comissão de Lutas do Ibura: a mobilização em torno da não instalação de um aterro energético-sanitário a alguns metros das residências, além da luta pela derrubada de um amplo muro construído em volta de uma praça por um morador "outsider".

Palavras-chave: movimentos sociais; periferias; Ibura; associativismo; participação.

Recife não se encontrava fora da perversa lógica de contradições urbanas que assolara as grandes cidades brasileiras nos anos 1970 e 1980 e que se traduzira num precário cotidiano de situações urbanas, vivenciado por pessoas residentes nas localidades mais pobres, carentes no que se refere aos bens coletivos e aos equipamentos sociais básicos à sobrevivência e à mínima dignidade humana. A população precisou, portanto, inventar maneiras de sobrevivência, já que tinha as suas possibilidades de moradia limitadas, especialmente quando do processo de higienização social através da remoção de famílias pobres das áreas mais ricas da cidade, e da locação destas em zonas afastadas do centro, fazendo explodir o número de favelas ou bairros populares.

As Associações de Moradores, que viriam compor diversas facetas dos movimentos populares nos bairro do Recife, começam a instituir-se, sobretudo, em volta destes problemas estruturais que eram/são enfrentados cotidianamente pelos moradores dos bairros populares da cidade – sobretudo o déficit de bens e equipamentos de consumo coletivo como a habitação, o transporte, o saneamento, dentre outros do conjunto de recursos ausentes deste ambiente, numa época de extrema pobreza,

corolário de um modelo de desenvolvimento econômico excludente e *concentracionista* alçado à centralidade após 1964.[1]

Para se ter uma ideia da situação da carência econômica vivenciada por determinados sujeitos nessa história, em agosto de 1982, o Diário de Pernambuco publicou o seguinte bilhete em sua capa:

> Às autoridades. A inflação acabou me matando. Sim, porque não sei pedir, não sei mentir. Tenho vergonha. Aos meus familiares minhas desculpas. Aos meu amigos, o adeus. Odorico, cuide de Rosa nestes dias. Barbosa, desculpe deixar este abacaxi. Você tem possibilidade de descascá-lo, de várias maneiras. Eu não teria. Valdomiro. [2]

Odorico e Barbosa eram seus irmãos. Os policiais encontraram o bilhete no bolso de Valdomiro, que teria se matado colocando a culpa na inflação galopante daqueles anos. Segundo a reportagem, seu corpo foi recolhido por pescadores, no Rio Capibaribe, no bairro de Monsenhor Fabrício, onde residia. O suicida teria pulado de uma ponte. Seria esta a versão mais aceitável.

Reaparecem aos poucos, nestes anos de abertura, as organizações políticas nos bairros pobres**.** Os inúmeros movimentos sociais de base retornam à cena política local e, com eles, as mobilizações, os conflitos, as passeatas, as ocupações. Nessa lenta reconstrução dos movimentos, que irão eclodir, sobretudo, na década de 1980 em Recife, vale destacar o papel de quadros de partidos ainda na clandestinidade, como o PCdoB, impedidos de realizarem suas atividades, fosse na política mais institucional ou partidária, ou fosse nos sindicatos, bem como o relevante papel da igreja católica e das CEB's em parceria com as Associações de Moradores.

Dentre as comunidades que nascem e mostram-se deste modo no Recife está o bairro do Ibura. O bairro tem suas primeiras ocupações ainda na primeira metade do século XX, ao redor do aeroporto da cidade. Era o início do que se chama hoje de Ibura de

---

[1] PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. *O "milagre" brasileiro: crescimento acelerado, integração nacional e concentração de renda (1967-1973)* In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano. O tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

[2] **Inflação causa suicídio de comerciante.** Diário de Pernambuco, 01 de agosto de 1982. Capa. APEJE-PE: Hemeroteca.

Baixo: uma planície sob os pés de vários morros. Já a ocupação nestes morros – particularmente o espaço geográfico que por vezes se mencionará neste trabalho – inicia-se 1966, com a construção da primeira UR[3], a UR-01, para abrigar a população socioeconomicamente mais vulnerável da cidade, provenientes de alagados, áreas não urbanizadas, ocupações irregulares, ou como se veria mais ainda, atingidas por intempéries como a grande cheia de 1975 ocorrida no Recife.

Ao longo de todo o regime civil-militar vão se intensificar as políticas de criação destes grandiosos conjuntos habitacionais para as populações carentes nessa região, que não poucas vezes recebiam apenas o terreno e tinham que elas mesmas construírem suas casas. Assim como também cresce o número de ocupações, nos interstícios das comunidades "oficiais", em terrenos públicos ou privados, por parte de pessoas não beneficiadas pelos programas do Estado. Sendo assim, o Ibura, que por vezes será assunto deste trabalho (sua delimitação é por demais artificial, devido a sua amplitude geográfica e diversidade antropológica, até mesmo para o poder público), é o conjunto de comunidades pobres localizadas em morros a sudoeste do Recife. Ibura este também por vezes denominado de COHAB, numa alusão à companhia que construiu as vilas no local.[4]

Localizado às margens da BR-101, o Ibura tem seu crescimento acelerado em finais da década de 70 e início dos anos 80, como alternativa a uma população desabrigada, alvo de um sistema excludente no que se refere ao acesso à moradia. A invasão de

[3] Unidades Residenciais construídas pela Companhia Habitacional Popular do Estado de Pernambuco (COHAB-PE) durante o regime civil-militar. As URs são grandes conjuntos habitacionais populares que foram incentivados pelo governo, que na sua maioria não se integravam à cidade, situando-se longe do centro urbano e sem serviços básicos infraestruturais para a sua população, como saneamento básico, transporte coletivo, postos de saúde, escadarias, escolas etc. A UR-01 foi a primeira Unidade Residencial construída nos morros, até então desertos, da região sudoeste da cidade, em 1966, e contou com a presença do Presidente Castelo Branco na sua inauguração. As vilas construídas faziam parte do Plano Nacional de Habitação do regime civil-militar, e contavam com recursos do Banco Nacional de Habitação, oriundos do fundo de poupança forçada, criado através do FGTS. Foram construídas por grandes empreiteiras contratadas pela COHAB-PE, que recebia os recursos repassados pelo governo federal.

[4] Para o IBGE, o termo "Ibura" designa apenas o que corresponde à área do Ibura de Baixo. Sendo a ocupação nos morros denominada, em seus estudos e mapeamentos, de COHAB. Neste trabalho, entretanto, será privilegiado a práxis linguística e comunicativa da população, que conhece o seu bairro, culturalmente, como Ibura (o conjunto das várias Unidades Residenciais e as outras inúmeras comunidades nos seus interstícios)

terrenos - vista como forma de resistir ao processo de especulação e supervalorização do solo urbano, quando este passa a ser traduzido como mercadoria cada vez mais valiosa nos grandes centros - foi inclusive uma constante no Ibura neste período de finais dos anos 70.

Várias Associações de Moradores pré-existiam ao golpe de 64 no Recife, e sendo assim, sofreram intervenção imediata com o regime instaurado. Todavia, em bairros construídos após o golpe, como é o caso do Ibura, as Associações de Moradores das vilas foram arquitetadas concomitantemente às construções das próprias comunidades, e, desse modo, foram colocadas sob a condução de dirigentes ligados aos órgãos oficiais, sendo normalmente funcionários da COHAB, órgão, como dito, responsável pela construção das UR's.

É nesse período que parte dos moradores começa a se colocar a necessidade da autonomia do movimento em relação ao Estado. Em 1981 um grupo destes moradores, da UR-10, consegue eleger uma chapa de oposição para a diretoria de sua Associação de Moradores, formada por alguns militantes-moradores do PCdoB, e tornam-se, como é narrado pelos próprios, a "*primeira vila de COHAB a ser de oposição ao regime militar*". Em seguida viriam outras disputas eleitorais no bairro. Em 1982 é criada a Comissão de Lutas do Ibura, federação que congregava algumas das entidades retiradas das mãos das diretorias governistas imbricadas ao regime civil-militar, além de moradores de outras localidades insatisfeitos com as associações governistas de onde residiam. Tal federalização, pensada em oposição a FEMOCOHAB[5], eclode especialmente após um acontecimento na mesma UR-10, talvez a vila mais combativa no período e que, até hoje, representa uma das mais pobres comunidades do Ibura[6]: ali, no início dos anos 80, tentou-se instalar um aterro energético-sanitário, que receberia quase totalmente o lixo da zona Sul do Recife. Tal

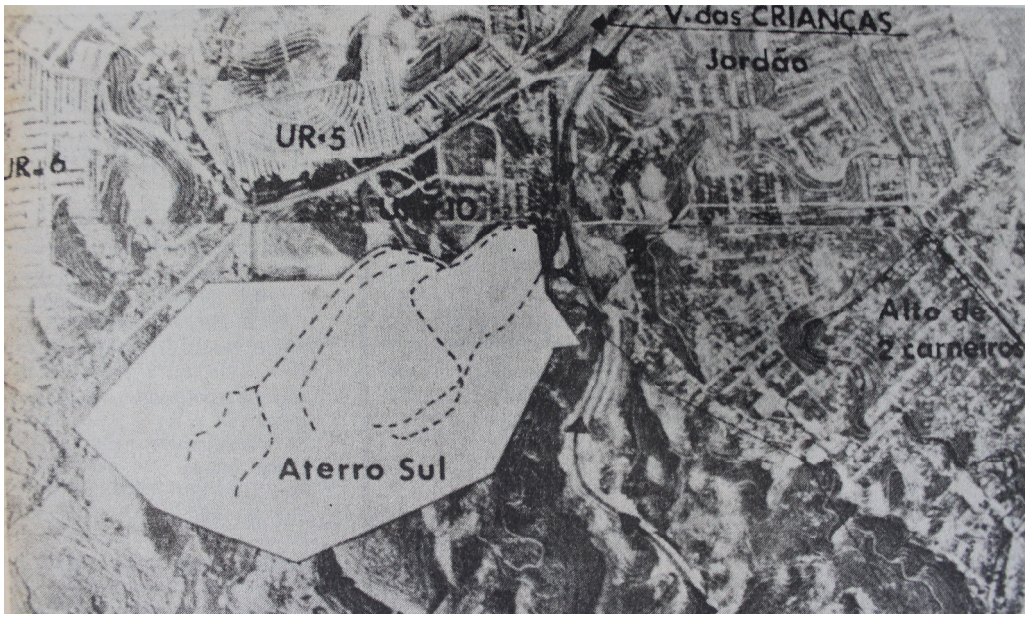
[5] **FEMACOHAB**: Federação das Associações de Moradores dos Núcleos Habitacionais de COHAB e Similares de Pernambuco. Órgão também criado pelo próprio governo estadual.

[6] É interessante desatacar estas diferenças internas nas vilas da COHAB, já que a ocupação da UR-10 foi realizada por pessoas expulsas do Coque em finais dos anos 70. Enquanto na UR-03, por exemplo, prevaleceram pessoas de boas condições econômicas, relativamente, principalmente funcionários públicos municipais e estaduais, contemplados por programas habitacionais do governo. Entretanto, todas se homogeneizavam no que se refere às condições de vida que os locais apresentavam a seus moradores, mormente insatisfeitos com a infraestrutura destes.

empreitada beneficiaria, sobretudo, as indústrias situadas a 5 km do local, por gerar energia a partir da produção de gases bioquímicos no processo 'digestivo' do lixo. Ademir Torres, um morador filiado ao PCdoB e que atuava também na oposição sindical dos metalúrgicos, junto com João Paulo[7], na época morador da UR-06, relembra como ficaram cientes da obra que seria realizada:

> Se aparecesse gente de fora ou carro da prefeitura [...] corria lá pra saber o que diabo é. Aí tinha uns topógrafos ali em cima [...] É o calçamento que vai sair? Porque a gente num tava brigando por ele? Tudo achava que era, né? Aí, não num é calçamento não, aqui é da FIDEM, a gente tá aqui cobrindo essa área aqui porque aqui vai ter um lixo, um aterro [...] De noite estourou na reunião [...] A gente tava esperando o calçamento, os caras iam botar lixo?[8]

O Estado, com esta postura, agia negligenciando completamente a voz e a participação política dos moradores da região, ou seja, o diálogo com os representantes interessados da sociedade civil. Posteriormente a uma visita à FIDEM[9], souberam que o projeto seria financiado pelo Banco Mundial, e que se realizado fosse, durante 25 anos seriam jogados 7.376.648 toneladas de lixo no quintal dos moradores da UR-10, que ficaria a apenas alguns metros do Aterro Sul, como se vê na tomada aérea que se segue.



Mapa da região onde seria construído o aterro, elaborado por técnicos da FIDEM.
Fonte: Diário de Pernambuco, 08 de agosto de 1982, A-12.

[7] Que depois viria a ser prefeito do Recife, pelo PT, em duas oportunidades, de 2001 a 2008.
[8] Entrevista concedida ao autor. Recife, 29 de maio de 2013.
[9] Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife

O aterro atingiria também outras localidades densamente povoadas, como a UR-06, a UR-11, a UR-05, a Lagoa Encantada, a Vila das Crianças, o Jordão Alto etc., e como relatava uma reportagem do Diário de Pernambuco à época, estes depósitos de lixo:

> preocupam os 120 mil habitantes do Ibura, principalmente da Vila da UR-10, que se veem ameaçados por todo o lixo que será depositado [...] gerando de um lado, o risco de, em ficando exposto, exalar mau cheiro e contribuir para a presença de urubus e a proliferação de insetos, roedores e outros animais, e de outros, mesmo devidamente coberto, possíveis escapamentos de gases tóxicos, incêndios e poluição dos lençóis freáticos, abundantes na área, e dos rios Jaboatão, Dois Rios e Paratibe. [10]

Ademir relata que, na ocasião, ao chegar ao prédio do Diário de Pernambuco em companhia de alguns moradores, para anunciar o caso à imprensa – o que viria a ser esta reportagem aqui citada – receberam a proposta de não ir ao Jornal do Commercio, e o seu concorrente dar-lhes-ia uma matéria e ainda uma chamada na primeira página. Foi o que decidiram fazer. Segundo ele, afirmou naquele momento ao responsável que as garantias dadas pela FIDEM não deveriam ser aceitas, já que se assemelhavam àquelas dadas pelo governo quando da retirada forçada das famílias do bairro do Coque e do assentamento destas na UR, com a promessa de que teriam toda uma rede de serviços, habitações de qualidade, saneamento, segurança etc., quando, na verdade, nada disso havia sido oferecido de fato. "*Com o agravante de que hoje"*, narrava Ademir em 1982, em entrevista ao jornal:

> as paredes da casa estão apresentando fendas enormes, os pisos estão afundando, as fossas estão estouradas, as ruas não são pavimentadas, a iluminação pública é precaríssima, falta posto médico, policiamento, telefone público, farmácia, o mato toma conta das vilas, proliferam ratos, baratas [...] o sistema de transporte público não atende aos moradores.[11]

Após a repercussão inicial da matéria, um leitor do Diário, mais impaciente, envia uma carta ao periódico exprimindo sua revolta: "*Em vez de escolheram bairros pobres*

[10] **Aterro Sul pode ser fonte de energia e de poluição**. Diário de Pernambuco, 08 de agosto de 1982, A-12. APEJE-PE: Hemeroteca.
[11] Idem.

para colocarem a porcaria desse lixo, deveriam levar para bairros ricos, Boa Viagem, Derby, Espinheiro, onde seus moradores tem dinheiro e condições de adquirir medicamentos e pagar hospitais"[12] . E o vereador Paulo Fernando Immisch afirmou: "*querem transformar uma das mais bonitas paisagens da Região Metropolitana numa imensa cloaca. O Ibura tem o melhor clima de Recife, em função de sua elevada altitude e uma reserva florestal fascinante"* [13]

Ademir Torres recorda, em entrevistas, que o episódio ficou conhecido como "*A Luta do Lixo*" e envolveu outras comunidades do Ibura além da UR-10, inclusive algumas que não seriam diretamente atingidas como a UR-01 e a UR-03, já que a sua vila sozinha não conseguiria vencer e barrar o grandioso projeto. Apesar da dificuldade em aglutinar as outras associações, com direções vinculadas ao governo estadual, e filiadas à FEMOCOHAB, setores da igreja católica desempenharam papel fundamental nesse processo de interligação da rede de moradores descontentes com essa política, já que nesta mobilização, diz Ademir, "*entrou o Ibura todinho* [...] *através da Igreja, por que aqui num tinha uma Igreja diferente? Não a igreja de Dom José, este bispo que saiu, mas a igreja de Dom Helder, né? É diferente, né?*"[14]

A Comissão de Lutas do Ibura, que é formada após a aglutinação dos moradores em torno dessa problemática, realiza amplos debates e constantes mobilizações em torno da importância da não implantação desse aterro para as diversas comunidades do Ibura, haja vista os problemas de saúde pública para a população dos arredores, além das citadas questões ecológicas e ambientais que ali possivelmente eclodiriam. Desde quando os moradores da UR-10 se informaram sobre o projeto na FIDEM, a Associação dos Moradores, sob a direção de Ademir Torres, solicitou esclarecimentos e garantias ao órgão estadual, e começou um denso trabalho nas várias comunidades, com a distribuição de panfletos convocatórios para uma assembleia na Praça da UR-05 com os dizeres: "*no dia dos pais, venha proteger a saúde de seu filho"*[15]. Tal reunião viria a ser o primeiro de alguns grandes atos. Este, segundo o Diário, contaria com a

[12] **Lixo**. Diário de Pernambuco, Cartas à Redação, 10 de agosto de 1982. A-8. APEJE-PE: Hemeroteca.
[13] **Vila recusa lixo doméstico.** Diário de Pernambuco, 12 de agosto de 1982. A-11. APEJE-PE: Hemeroteca.
[14] Entrevista concedida ao autor. Recife, 29 de maio de 2013.
[15] Acervo pessoal do entrevistado

presença de mais de "*quatro mil pessoas, de um médico, de um engenheiro que, analisando o projeto, mostrarão os perigos a que ficará exposta a população"*[16]. Relembra o então diretor da entidade como eram estes atos:

> Aí a gente foi pro pau. Chegamos a botar dez mil pessoas aí nesse campo. De sete da manhã até sete da noite estávamos no campo, porque ia ter torneio de mulheres, a banda mais famosa que tinha no nordeste, era os Trepidantes [...] aqui tinha um grupo folclórico, pastoril, o que tinha aqui na comunidade a gente levou, o padre, tudo, tudo, pegamos o carro do sindicato, botamos o som o dia todinho. Tinha o pessoal da ASPAN[17], um rapaz que era diretor do departamento de pesca da Rural[18], foi quando nós fizemos a invasão ecológica, trouxemos cinco mil peixes e jogamos nos riachos [...] plantamos coqueiros, um monte de plantas e começamos a fazer uma capela para são Francisco de Assis que é o patrono da natureza, né? [...] No último ato, ainda paramos a BR[19]. E aí não botaram o lixo! [20]

Outro acontecimento, envolvendo a Comissão de Lutas do bairro, se refere às mobilizações pela demolição do que ficou conhecido como "*O Muro da Vergonha*". João Heráclito é proprietário de uma enorme casa até hoje existente no bairro. A sua residência causa certo espanto aos transeuntes que não conhecem o lugar, devido a sua amplitude e contraste com a realidade local. Seu muro, grande em altura, espessura e comprimento, é um *estranho no ninho*. O advogado, residente na UR-01, privilegiado economicamente, cercou uma praça vizinha a esta sua habitação, de forma que os moradores das comunidades pobres em volta sentiram a necessidade de uma organização para pressionar o poder público pela derrubada do muro. A CLI teve papel preponderante nessa mobilização contra esta atitude do morador *outsider*. Como rememora Ademir, após ganharem a luta do lixo, não podiam acabar com a organização que possuíam. Mobilizaram-se pela questão da falta d'água em Três Carneiros[21], contra o aumento dos transportes, que era, como já foi dito, central nos

[16] **Aterro Sul pode ser fonte de energia e de poluição**. Diário de Pernambuco, 08 de agosto de 1982, A-12. APEJE-PE: Hemeroteca.

[17] Associação Pernambucana de Defesa da Natureza

[18] UFRPE: Universidade Federal Rural de Pernambuco

[19] A rodovia a que se refere o entrevistado é a BR-101, que ladeia a comunidade da UR-10 e boa parte do Ibura. Esta BR seria, inclusive, a principal via de acesso ao aterro, como se vê na foto aérea apresentada anteriormente.

[20] Entrevista concedida ao autor. Recife, 29 de maio de 2013.

[21] Três Carneiros recebe este nome por se tratar de uma região onde os terrenos pertenciam a Newton Carneiro. Este teria oferecido um pedaço de terra aos moradores em troca de três votos.

movimentos dos bairros, e, dessa forma, o episódio do 'Muro da Vergonha' aparece nesse momento. A igreja católica havia tentado comprar o terreno para realizar uma construção. Entretanto, a COHAB afirmava que não era permitido por se tratar de um terreno público, e "*em seguida o cara murou e começou a aterrar* [...] *Aí a gente começou a brigar",* diz Ademir em entrevista:

- Ninguém pixava aquele muro de lá não. Todo mundo do Ibura tinha medo daquele cara. Hoje é uma zona, né? [...] *Quando a gente foi fazer um ato lá, tínhamos duas cornetas que a gente pegou no partido, um som bom. Aí o pessoal chamava a gente, aí a gente foi pra instalar o som, mas eu num tava nem escalado pra falar. O pessoal dava umas escanteadas na gente, tá ligado?(risos)*

- Quem era o pessoal?

- Tava a igreja lá, tava o PT eu acho [...] *Aí quando eu tava subindo um carro da polícia, uma veraneio entrou na mansão. Aí subi, instalei o som, o carro saiu de lá, recebeu as instruções e ficou parado lá na praça, ali onde é a feira, que não tinha essa feira não, só tinha o SACOLART*[22] [...] *Aí uns cara que tinha lá da igreja, meio anarquista, Lúcio e Alexandre, foram pixar o muro. Aquilo tava cheio de gente.*

- Escreveram o que?

- Num lembro não... Sei que quando estavam pixando, a policia foi lá e segurou os dois. Eles moravam na Vila dos Milagres[23]*. Aí o povo foi todo pra cima. Foi um rolo. Aí o policial puxou o revolver. Correu todo mundo. O pessoal do palco correu. Aí eu subi e fui falar. Falando que a policia tava a serviço da burguesia, metendo o pau na policia. Aí levou os meninos. Quando o carro desce, chega Clodoaldo Torres, deputado, e Luiz Vidal,*

[22] O SACOLART foi um projeto elaborado pelos moradores de diversas comunidades do Ibura, quando decidiram ocupar um galpão abandonado, onde funcionava o Sacolão, lugar onde se vendiam verduras e frutas a preços mais acessíveis, implantado em alguns bairros da cidade por ação do prefeito Gustavo Krause. Ali os moradores iniciaram um trabalho comunitário de produção de artesanatos, sapataria, costura etc.

[23] A Vila dos Milagres recebe este nome por uma fonte de água que jorra das barreias da região o ano todo, abastecendo a comunidade que ali reside. É uma das comunidades em maior situação de vulnerabilidade social do bairro. Situada também às margens da BR-101, ali houve nestes anos uma atuação marcante das CEB's.

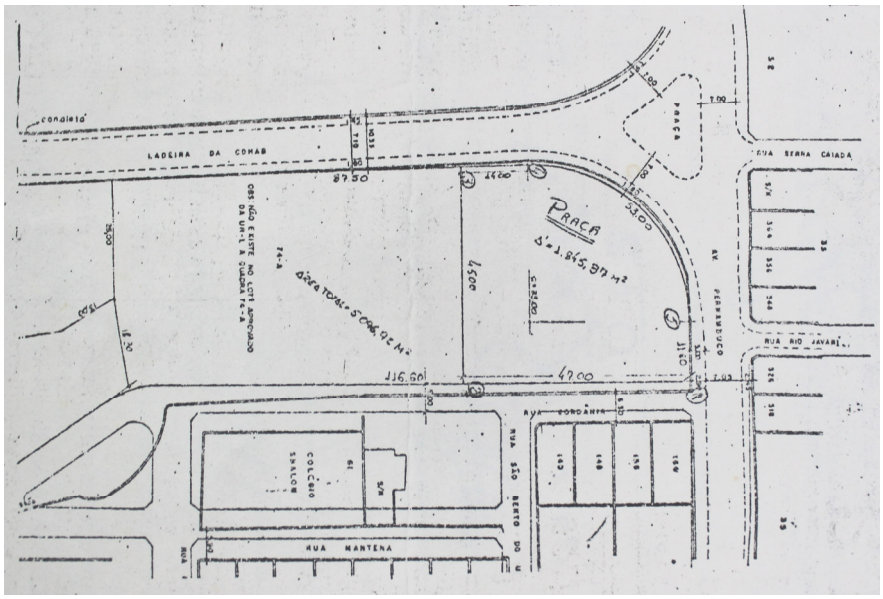
vereador, primo de um menino da UR-04, Fernando da igreja. Eles viriam o carro da policia passar por eles. Aí a gente contou e eles foram atrás, buscar os meninos. Aí realmente soltaram. Aí foi que o ato foi grande que só a porra! Aí o som era alto, falaram pra todo mundo: "aê, soltou!". Aí o pessoal perdeu o medo. Acho que depois daí pixaram esse muro. (risos)[24]

O cenário reconstruído pelas reminiscências de Ademir é interessante para perceber a nem sempre harmoniosa convivência entre as tendências internas que construíam estes movimentos. O comunista e ateu do PCdoB trabalhava junto com petistas e, sobretudo, junto com a igreja católica. Apesar de certa unidade existente, percebem-se as divergências quando da interdição de sua fala, por exemplo. De outro lado, destaca-se o papel repressor da polícia ainda vigente nestes anos finais da ditadura, chegando a entrar com o veículo nas dependências particulares do advogado, neste caso, claramente a serviço do sujeito 'mais forte' na situação, que transmitia medo aos seus vizinhos pobres.

O muro viria a ser derrubado na gestão municipal de Jarbas Vasconcelos, com a presença do próprio, prefeito eleito em 1985 com amplo apoio destes movimentos de bairros. A Empresa de Urbanização do Recife, após avaliar a situação, decretou a desapropriação da área em favor da prefeitura. A própria URB, posteriormente, entrou com uma ação desapropriatória definitiva na justiça contra o citado advogado, ainda propondo-lhe uma quantia indenizatória de Cz$ 12.323,45, valor contestado pelo réu que reivindicava a simples quantia de Cz$ 1.000.000,00 pela área de 1845,35m^2. A elevação do valor proposta tornaria a causa mais justa porque, segundo seu advogado no processo, dentre outras razões, deveria: "*ser acrescida a natural valorização imobiliária sempre crescente daquele local que desfruta de uma visão panorâmica invejável, porque permite divisar toda a cidade do Recife"*[25]

[24] Entrevista concedida ao autor. Recife, 29 de maio de 2013.

[25] **Processo 001.1985.003074-0**. Fls. 20. Ação de desapropriação. URB X João Heráclito do Rego. 7ª Vara de Fazenda Pública da Capital. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Pernambuco.



Nesta planta, presente nos autos, à esquerda vê-se a ladeira da UR-01, e ao seu lado direito, abaixo, a enorme residência do advogado e acima, a praça do bairro, cercada pelo mesmo, sob o argumento que teria adquirido através de compra a um terceiro que havia obtido da COHAB-PE. O réu, dessa forma, apropriou-se de um espaço de lazer, público, um equipamento de convivência privilegiado de uma comunidade já carente no que se refere a outros equipamentos sociais, necessários a uma vivência minimamente digna no local de moradia. João Heráclito ainda seria a parte ré de outra ação movida novamente pela URB, por construir uma caneleta e assim desviar o curso natural das águas de suas terras, que acabaram por atingir as barreiras e as comunidades pobres circunvizinhas a sua mansão, a quem o residente acusa de "*favelas invadidas*", ao contestar os argumentos dos engenheiros e técnicos da URB[26].

As duas ações da Comissão de Lutas do Ibura, no período, são relevantes quando da definição do caráter destes movimentos sociais que eclodem nos bairros do Recife. Percebemos que estes dois acontecimentos de sua história, a Luta do Lixo e o Muro da Vergonha, demonstram – para além dos objetivos mais comuns e pragmáticos, como o acesso a equipamentos coletivos ausentes nas vilas – concepções de valorização do espaço público, preocupações com questões ecológicas, consciência de coletividade e de direitos sociais e, sobretudo, de pertencimento a um lugar construído também simbolicamente.

[26] **Processo 001.1985.003073-1**. Fls. 17. Ação de indenização. URB X João Heráclito do Rego. 7ª Vara de Fazenda Pública da Capital. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

A Lógica da Degradação do Bioma Caatinga

Ana Carla Gonçalo Souto
Aluísio Sales Ribeiro
Gilberto Gonçalves Rodrigues

Resumo: o bioma Caatinga sofre processos históricos de modificações contínuas desde a sua colonização, o que vem transformando a paisagem do Semiárido brasileiro. O manejo sobrecarregado tem colocado em risco a biodiversidade da Caatinga. A causa principal da degradação é a imposição da Lógica Capitalista aos meios de produção. Assim, buscou-se analisar o processo de degradação da Caatinga em uma perspectiva crítica a partir do estudo bibliográfico e de pesquisa exploratória em comunidades do Alto Trecho do Rio Pajeú/PE. Concluindo-se que, nas últimas décadas, a degradação da caatinga vem aumentando, fruto de um sistema econômico que enfraquece os trabalhadores e o meio ambiente. Para a conservação do bioma Caatinga é imprescindível que sejam levados em consideração os conhecimentos, o modo de vida e de produção sertaneja e suas relações sociais.

Palavras-chave: Biodiversidade; Capitalismo; Trabalho.

Introdução

A Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro, sofre desde a sua colonização um processo de degradação que vem transformando a paisagem do Semiárido brasileiro. Considerada durante muito tempo um bioma pobre em biodiversidade, a Caatinga foi relegada, o que fortaleceu o processo de desflorestamento que provoca até os dias atuais a perda de espécies na região.

O relevo, o solo e clima semiárido deram origem a espécies adaptadas com um número elevado de endemismos. Entretanto, o manejo sobrecarregado da Caatinga tem colocado em risco essa biodiversidade. A causa principal dessa degradação é a imposição da Lógica Capitalista aos meios de produção, incluindo-se a agricultura, que deixou de ser um processo harmônico de interação entre o homem e a natureza para transformar-se em um meio de lucro e exploração social.

O Semiárido é uma região coberta por solos rasos de baixa fertilidade caracterizada pela escassez e irregularidade de chuvas. Ciclicamente ocorrem estiagens prolongadas, com reflexos danosos na economia e com custos sociais elevados (CÂNDIDO; ARAÚJO; CAVALCANTE, 2012), o que fortalece a diferença entre classes sociais evidenciando a miséria e exploração do proletariado e pequeno produtor.

A acumulação do capital, por meio dos atuais padrões de produção, consumo e distribuição de riquezas, deixa clara a insustentabilidade da Lógica Capitalista que aliena os seres humanos separando-os da sua origem natural e deixando-os à parte dos processos de produção das mercadorias. Isso causa impactos sobre o mundo do trabalho e sobre o equilíbrio do ambiente.

A Caatinga, bioma menos estudado e protegido do Brasil, sofre um intenso processo de alteração e deterioração ambiental com a quebra de processos ecológicos chave para a sua existência. Desta forma, propõe-se nesse trabalho analisar o processo de degradação da Caatinga sob a ótica da Lógica do Capital em uma perspectiva crítica, levando-se em consideração a economia, a política, a sociedade e o meio ambiente.

Material e Métodos

Essa pesquisa é vinculada ao Projeto CNPq Edital MCT-INSA/CNPq/CT-Hidro/Ação Transversal N° 35/2010 - Processo nº 562858/2010- intitulado: "Tecnologias Sociais para Gestão e Recuperação de Áreas Degradadas no Alto Trecho da Bacia do Pajeú – Pernambuco" do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os objetivos desse projeto são desenvolver e disseminar tecnologias sociais para recuperação de áreas de nascentes no alto curso do rio Pajeú.

Área de Estudo

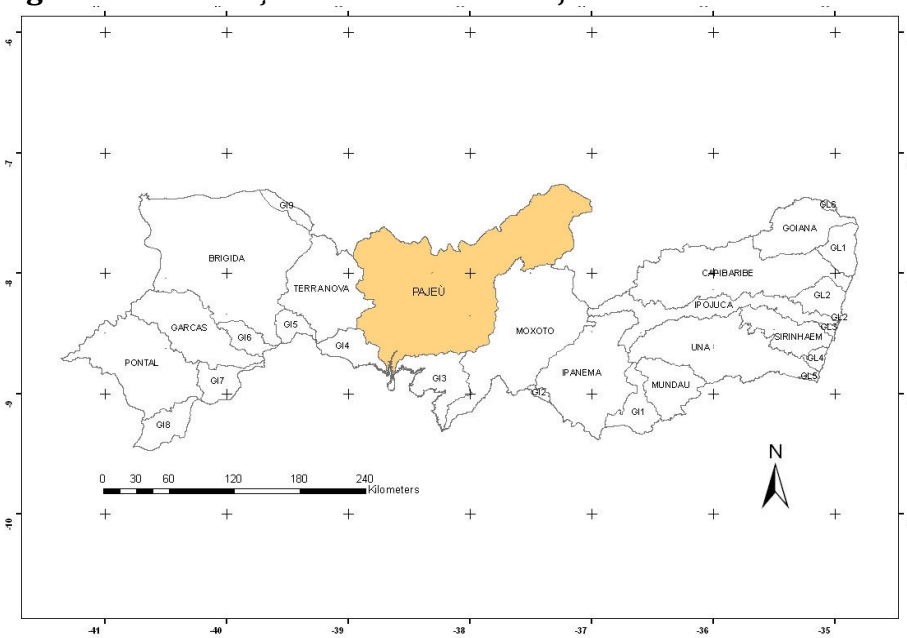
A bacia do Rio Pajeú é a maior bacia hidrográfica do Estado de Pernambuco, com uma área de 16.685,63 km^2, correspondendo a 16,97% da área do Estado (APAC, 2013). O rio Pajeú nasce no município de Brejinho e percorre uma extensão de aproximadamente 353 km, até desaguar no lago de Itaparica, no Rio São Francisco, cortando o Estado de Pernambuco de norte a sul.

A bacia do Rio Pajeú (FIG. 1) apresenta clima semiárido, com médias pluviométricas anuais entre 550m e 850 mm (SRHE-PE, 2006). As chuvas são concentradas nos meses de fevereiro, março e abril, representando até 70% do total anual. Pertence ao

domínio do bioma Caatinga e geologicamente, faz parte do Planalto da Borborema (SRHE-PE, 2006), onde predominam os solos pouco profundos.

A área objeto de estudo desta pesquisa está inserida na porção do alto Pajeú onde se localizam nascentes formadoras da rede hidrográfica do Rio Pajeú, como a própria nascente do Rio Pajeú em Brejinho (07º18'11.14''S, 37º20'10.79''W); a nascente do Riacho da Volta (07º48'09.4''S, 37º14'04.6''W) em Iguaraci; as nascentes do Riacho do Chinela (07º40'03.01''S, 37º45'54.82''W) e do Riacho do Colônia (07º38'39.17''S, 37º44'22.32''W) em Quixaba e a nascente do Riacho da Malhada (07º42'52.36''S, 37º55'03.42''W) em Carnaíba. Destaca-se, assim, a importância dessa área, para a conservação da quantidade e qualidade da água na bacia hidrográfica do Rio Pajeú.

Figura 1 - Localização da bacia do Rio Pajeú



Fonte: MATOS, 2009.

De acordo com Tavares Júnior *et al* (2013), a forte dependência da agricultura em relação aos suprimentos sazonais (e irregulares) de chuva, aliada à pressão dessa atividade e da pecuária sobre os recursos naturais (água, solo e cobertura vegetal) estão na base dos problemas socioambientais da Bacia Hidrográfica do Pajeú. Portanto, se fazem necessários o estudo e a disseminação de boas práticas de manejo da Caatinga que proporcionem tanto a conservação ambiental quanto um melhor convívio com época de estiagem.

Procedimentos Metodológicos

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa exploratória baseada em um estudo bibliográfico e documental, na observação direta e conversas informais em comunidades do Alto Trecho do Rio Pajeú/PE.

O levantamento bibliográfico seguiu as etapas de: Busca e identificação de fontes; leitura exploratória do material; fichamento bibliográfico e de apontamentos; organização lógica do assunto e redação do texto. As fontes corresponderam a livros, teses, dissertações, artigos científicos, anais de encontros científicos, jornais, revistas e impressos diversos. A pesquisa documental contou ainda com tratamento dos dados analisados em fontes primárias.

Resultados E Discussão

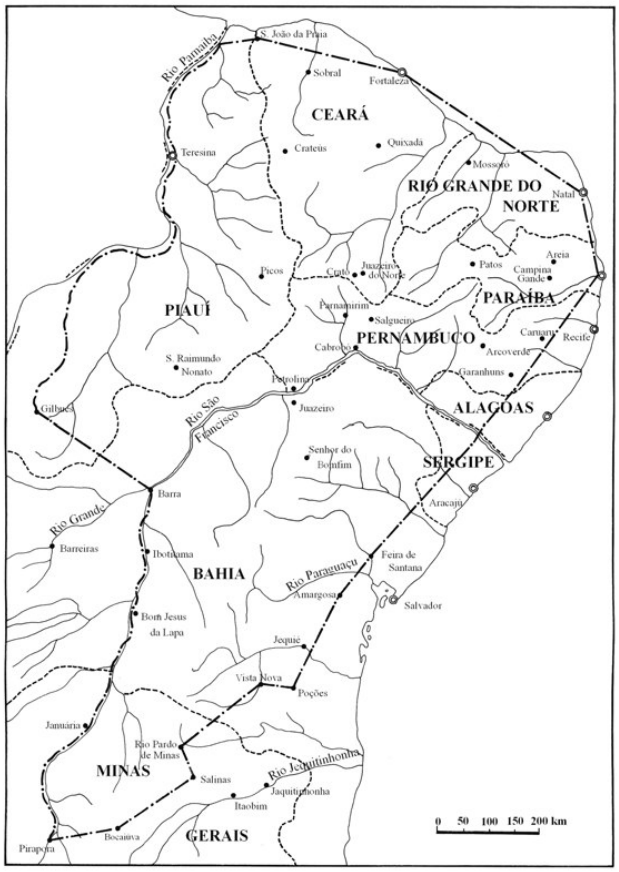
O Bioma Caatinga

O sertão, domínio do bioma Caatinga, anteriormente conhecido como "Polígono das Secas" e atualmente, com mais propriedade, denominado Semiárido Brasileiro, possui uma área que perpassa os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. O semiárido Brasileiro foi durante muito tempo conhecido como Polígono das Secas (FIG. 02), em virtude de sua forma e das secas periódicas que assolam essa região.

O traço mais marcante do Semiárido Brasileiro é o clima, principalmente pela existência de um regime pluviométrico que delimita duas estações bem distintas: uma curta estação chuvosa de 3 a 5 meses, que ocorre no primeiro semestre do ano, e uma longa estação seca que tem uma duração de 7 a 9 meses. As chuvas são geralmente torrenciais e irregulares no tempo e no espaço o que provoca a ocorrência de secas prolongadas. Embora apresente uma pluviosidade não muito baixa (500mm anuais, em média), o balanço hídrico é deficitário em virtude da elevada evaporação. A umidade relativa do ar atinge média anual próxima a 50%. Os solos são rasos, pedregosos ou arenosos, pobres em matéria orgânica (MENDES, 1986).

O nome “caatinga” é de origem Tupi-Guarani e significa “floresta branca”. As Caatingas podem ser caracterizadas como florestas de árvores e arbustos com baixa estatura, presença de espinhos, microfilia e características xerofíticas.

Figura 02 - O “Polígono das Secas” do nordeste do Brasil.



Fonte: Redesenhado de Andrade-Lima (1981). In: Leal; Tabarelli; Silva (2003).

O xerofilismo expressa uma condição de sobrevivência ligada a um ambiente seco, com deficiência hídrica, cuja água disponível às plantas procede do curto período de estação das chuvas (MENDES, 1986). Essa condição selecionou uma vegetação singular, cujos elementos florísticos expressam uma morfologia, uma anatomia e um mecanismo fisiológico convenientemente adaptado à região semiárida.

A Degradação Da Caatinga

As condições ambientais impostas pelo relevo, solo e clima semiárido favoreceram o processo de especiação na Caatinga, desenvolvendo um número elevado de endemismos. De acordo com Rodal (2002), o manejo inadequado da vegetação da Caatinga, pela retirada de madeira e lenha, exploração da pecuária e agricultura tem colocado em risco essa biodiversidade. Tabarelli e Silva, já em 2002, afirmavam que a degradação ambiental atingia mais de 60% deste bioma.

O clima, associado à ação humana, torna frágil o equilíbrio ecológico com implicações negativas para o meio ambiente e para os habitantes do semiárido. Desmatamento, extrativismo, agricultura, pecuária, mineração e construção de barragens estão entre as principais atividades que causam danos à Caatinga (EMBRAPA, 2007).

Segundo Carvalho (2011), as grandes empresas capitalistas multinacionais impõem à sociedade brasileira a concentração das terras sob o domínio de poucas empresas, o monocultivo em grande escala, as sementes transgênicas, os agrotóxicos com uso indiscriminado, os fertilizantes de origem industrial, a redução da biodiversidade, enfim, uma lógica de produção que conduz à artificialização da agricultura tornando-a um simples ramo da indústria, ramo este, sob seu controle oligopolista.

Para Carvalho (2011), o objetivo central das grandes empresas capitalistas multinacionais como Monsanto, Bunge, Syngenta, Bayer, Basf e DuPont, para maximizarem seus lucros, é o de retirar dos camponeses o controle sobre as sementes crioulas, destruí-las, provocando uma imensa e mundial erosão genética, num atentado contra a biodiversidade. A estratégia dessas empresas é tornar as sementes transgênicas que “geram”, as únicas disponíveis para os produtores. Desejam definir o que se deve plantar e o que se deverá comer. Querem tornar os povos subalternos aos seus interesses privados. Impõem a tirania de uma dieta alimentar para facilitar a realização dos lucros.

Segundo Cândido, Araújo e Cavalcante (2012), a degradação ambiental não é um processo recente, porém a dimensão global que vem adquirindo nas últimas décadas o é. A consciência acerca da crise ecológica cresce cada vez mais e percebe-se que a

lógica do capitalismo pode gerar efeitos irreversíveis ao meio ambiente, tais como a desertificação.

A caatinga, constituída por espécies com longa história de adaptação ao calor e à seca, sofre, desde o início da colonização do Brasil, com a degradação do meio ambiente, o que vem ocasionando a extinção de várias espécies. A flora dos sertões é incapaz de reestruturar-se naturalmente quando sofre grandes impactos em seu equilíbrio ecológico tornando a degradação um processo irreversível na formação de extensos núcleos de desertificação na região. Além disso, o sistema industrial inserido na agricultura também enfraquece os trabalhadores, uma vez que oferecem meios para exaurir o solo.

A Colonização Do Semiárido Brasileiro

O processo de interiorização da Região Semiárida brasileira ocorreu entre os séculos XVI e XVII devido à pressão exercida pela expansão da lavoura de cana-de-açúcar na Zona da Mata, o que deu início a um deslocamento dos criadores de gado do litoral para o chamado Sertão.

O termo Sertão é muito usado em todo Brasil, desde o estado de São Paulo ao Nordeste. Para alguns autores, representa uma área não cultivada, com poucos recursos, afastada das cidades. Outros consideram a divisão da Caatinga em Agreste e Sertão. O Agreste corresponderia à região leste de transição entre a Mata Atlântica e a Caatinga propriamente dita, já o Sertão corresponderia aos interiores mais secos a oeste (PRADO, 2003).

A cana-de-açúcar foi a principal atividade econômica desenvolvida no Brasil colônia e causou profundas transformações nas nossas paisagens naturais com a destruição de grande parte da Mata Atlântica. Tal impacto ambiental foi em grande parte o responsável pela interiorização da pecuária no sertão nordestino, pela incompatibilidade de desenvolver no mesmo espaço essas duas atividades. A cana-de-açúcar que era o centro das atenções econômicas e a pecuária que, apesar da

importância que teve para a ocupação do interior, sempre foi uma atividade secundária e subsidiária da cana-de-açúcar (COSTA e FARIAS, 2008).

De acordo com Aguiar (1985), até a descoberta do ouro no sudeste do Brasil, no século XVIII, a região Nordeste detinha a hegemonia da economia colonial. A partir de então, processou-se uma rápida urbanização do sudeste e, consequentemente, o estabelecimento de elos econômicos entre as regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país. Em seguida, com o advento da produção do café deu-se início a transferência do centro econômico da colônia do nordeste para o sudeste. Ao mesmo tempo aconteceu o processo de migração de mão-de-obra escrava livre e a imigração de europeus para atividades minerais e agrícolas (AGUIAR, 1985).

Levando-se em conta o processo de desenvolvimento da economia brasileira verifica-se que há uma tendência em direção a uma concentração ao nível de classes e de regiões estimulado por diversas políticas do Estado. Esta tendência à concentração de capital e de poder, baseada na dinâmica do processo de acumulação, se manifesta em todos os setores da atividade econômica do país – indústria, comércio, agricultura e finanças (AGUIAR, 1985).

Com o desenvolvimento da economia capitalista, a natureza perde o seu valor de uso, transformado em valor de troca, que tem como consequência e objetivo primeiro a concentração do capital. O capitalismo apropria-se até do bioma Caatinga, visto como pobre e improdutivo e impõe ao homem sertanejo o seu modo de produção. Com isso o pequeno produtor rural, muitas vezes também extrativista, buscando o seu sustento na relação direta entre o homem e a natureza, perde sua identidade. Os usos e costumes da terra e da natureza são enfraquecidos pelo capital.

O valor de uso é o valor que deriva diretamente do consumo da mercadoria, enquanto que o valor de troca é o valor que se extrai durante o intercâmbio dessa mercadoria. De acordo com Garcia (2006), o valor de troca gera uma indefinição entre os seres humanos e as coisas, que são mesclados. O dinheiro nivela tudo, igualando as diferenças. Tudo tem o mesmo valor qualitativo; só importa o aspecto quantitativo do trabalho, que aliena os homens reduzindo tudo ao dinheiro.

A Lógica Capitalista

A interiorização da região semiárida brasileira ocorreu em uma época na qual o Capitalismo vivia o início de seu desenvolvimento enquanto sistema econômico, chamado de Capitalismo Comercial ou Mercantil. Segundo Bresser-Pereira (2011), existe duas fases da história econômica humana: uma fase pré-capitalista, na qual se sucederam e coexistiram a comunidade primitiva, os impérios antigos escravistas, o feudalismo, as sociedades aristocráticas letradas do absolutismo, e a fase capitalista. O Capitalismo passou por três grandes estágios: o Capitalismo Mercantil entre o século XIV e o XVIII, o Capitalismo Clássico no século XIX e, desde o início do século XX, o Capitalismo dos Profissionais ou Tecnoburocrático.

Segundo Bresser-Pereira (2011), a Revolução Capitalista é a transformação fundamental da história humana depois da passagem das sociedades nômades para as sedentárias, do surgimento da agricultura, e da formação das primeiras civilizações ou impérios.

Durante o Capitalismo Mercantil aconteceram as grandes navegações e expansões marítimas européias com o intuito de buscar riquezas em outras terras como ouro, prata, especiarias e matérias-primas não encontradas em solo europeu. A partir dai iniciam-se os ciclos de exploração, como o da cana-açúcar em Pernambuco, cujo objetivo principal era o enriquecimento e o acúmulo de capital. Surge então no Brasil, a mão-de-obra assalariada, a moeda substituindo o sistema de trocas, o fortalecimento do poder da burguesia e as desigualdades sociais.

Para Aguiar (1985) a agricultura que se dá no Sertão do Nordeste é representada principalmente pelos grandes latifundiários ligados à pecuária bovina extensiva e de outro lado por um grande número de moradores semiproletariados sob total hegemonia ideológica econômica e financeira dos primeiros.

Os latifundiários nordestinos foram por muito tempo, e por vezes ainda são, chamados de coronéis. Segundo Aguiar (1985), estes representam, inclusive, a

própria lei, quando decidem sobre o destino das pessoas em todos os aspectos. Por outro lado, existem os pequenos proprietários de terra que praticam a agricultura de subsistência. Ainda de acordo com Aguiar (1985), esse é o tipo de agricultura espacial e populacionalmente mais difundido no nordeste brasileiro. Trata-se de uma agricultura com o mínimo de capital que lhe permita competir nos mercados agrícolas.

Segundo Garcia (2006), as condições históricas do modo de produção capitalista são o trabalho livre, que pode ser comprado com dinheiro, e a separação do trabalhador dos meios de produção. O processo de trabalho capitalista é o processo de produção de valor de uso com condições materiais específicas e processo de valorização do capital.

Em conversas informais com pequenos proprietários rurais do Alto Trecho do Pajeú, foi constatada a atual importância de fontes de renda externas como a aposentadoria e o Bolsa Família. Os idosos podem contar com a aposentadoria rural por idade, o que lhes confere uma maior segurança econômica. A aposentadoria rural por idade garante aos trabalhadores da agricultura familiar uma remuneração mínima ao envelhecerem. Essa remuneração é fundamental para as famílias, já que não possuem renda fixa, especialmente na agricultura de subsistência (HORBACH, 2012).
Segundo Horbach (2012), apesar de o sistema previdenciário existir desde o final do século XVIII, somente a partir da constituição de 1988, os trabalhadores rurais obtiveram os mesmos direitos a Previdência Social que os trabalhadores urbanos. É unânime entre os entrevistados a importância da aposentadoria e de programas sociais do governo como o Bolsa Família para essas pessoas.

Assim, com a agricultura voltada apenas para a subsistência, a aposentadoria e o Bolsa Família representam uma segunda fonte de renda para essas famílias. Apesar das críticas ao Programa Bolsa Família, é inegável que este vem ajudando essas famílias a ter uma melhor condição econômica. Durante muito tempo os pequenos proprietários rurais que praticam a agricultura suficiente apenas para a subsistência tiveram que vender a sua força de trabalho para os latifundiários por valores irrisórios, atualmente podem dedicar-se as suas terras e atividades complementares,

como artesanato. Os idosos, não mais precisam vender sua força de trabalho até a exaustão, podendo nesse momento da vida, existir em condições mais justas socialmente.

Segundo Fávero e Monteiro (2011), a pluralidade de atividades agrícolas confere maior flexibilidade perante os contextos internos e externos às famílias. Segundo Souza Júnior *et al* (2009), a combinação entre as fontes de renda agrícolas e não-agrícolas também produz uma pluriatividade, que tende a ser mais intensa à medida que mais complexas e diversificadas forem as relações entre os agricultores e o ambiente social e econômico em que estiverem inseridos.

Entretanto, a previdência social e programas de transferência de renda do governo, mesmo proporcionando melhores condições econômicas para os pequenos proprietários rurais do sertão nordestino, ainda estão inclusos dentro do sistema de produção capitalista, no qual tanto o solo quanto o trabalhador são enfraquecidos, no momento em que se utilizam fertilizantes para o uso do solo até a exaustão sem respeitar os limites para a sua recuperação natural, com a utilização de agrotóxicos que destroem a fauna e os microrganismos e adoecem o trabalhador pela exposição às substâncias químicas tóxicas ao organismo humano e, além de tudo, é tirado o direito do pequeno produtor rural de produzir o que deseja e do modo que deseja para a sua subsistência.

Como bem coloca Schimidt (1977), o trabalho é, antes de qualquer coisa, um processo entre o homem e a natureza, um processo pelo qual o homem, através de suas próprias ações, medeia, regula e controla o metabolismo entre ele e a natureza. Através desse movimento, ele atua sobre a natureza externa e a modifica, e assim simultaneamente altera sua própria natureza. Portanto, quando existe a exploração do trabalho enquanto processo de interação entre o homem e natureza, este se perde de suas origens mais fundamentais e torna-se um mero agente produtor de capital insatisfeito com a sua condição e com a falta de liberdade que lhe é imposta.

Para Barreto (2012), esta indissociabilidade entre a condição humana e as suas bases de sustentação material, enraizadas na natureza, ganha um sentido histórico quando

critica a produção capitalista e seus impactos predatórios, quer na fertilidade dos solos, quer na saúde dos trabalhadores, revelando sua insustentabilidade.

Em seu livro A Educação para além do Capital, Mészaros (2008) fala do poder sociometabólico do Capital como uma forma de autorregulação e manutenção do Sistema Capitalista, o que impulsiona a chamada "indústria da seca", termo utilizado para designar a estratégia de alguns políticos que se aproveitam da baixa pluviosidade no Semiárido Brasileiro para ganho próprio. Assim, conseguem verbas, incentivos fiscais, concessões de crédito e perdão de dívidas.

Entretanto o regime pluviométrico no domínio da Caatinga é bastante conhecido. As dificuldades dos habitantes da Região Semiárida podem ser contornadas com estratégias apropriadas compatíveis com a realidade da região como projetos de irrigação e fomento às tecnologias sociais.

Além disso, durante muito tempo o bioma Caatinga foi visto como pobre, em diversidade biológica e em condições socioeconômicas. Considerado menos importante que outros biomas mais exuberantes do nosso estado, como a Mata Atlântica, por exemplo, foi relegado até mesmo pelos cientistas que custaram em perceber a riqueza e a beleza presentes na semiaridez. Para muitos, a Caatinga, como foi abordado por Haug (1997) em seu livro Crítica da Estética da Mercadoria, carece da "beleza" como manifestação sensível que agrada aos sentidos. Mesmo sendo hoje colocado como uma mercadoria (sendo objeto da exploração tanto do agronegócio como da ciência), o bioma Caatinga, não tem o apelo estético do bioma Mata Atlântica. Sua beleza não se desenvolve a serviço da realização do valor de troca agregado à "mercadoria".

É inegável a insustentabilidade da lógica capitalista tanto quando se considera seus impactos sobre o mundo do trabalho, quer sobre o meio ambiente. Não se pode conceber um sistema cuja lógica entre a sociedade e a natureza seja conduzida e voltada prioritariamente para a produção de mercadorias sem se preocupar com equilíbrio ambiental e com as relações estabelecidas entre o homem e a natureza.

Para Mészáros (2008), o grave e insuperável defeito do Sistema do Capital consiste na alienação imposta a todos os seres humanos de forma que consegue subordiná-los a imperativos fetichistas do sistema. Ainda segundo Mészáros, uma alternativa concreta contra essa forma de controlar a reprodução metabólica social só pode ser a automediação, o autocontrole e a autorealização por meio da liberdade substantiva e da igualdade.

Para Mészáros (2008), os "valores" seriam escolhidos pelos próprios indivíduos sociais, de acordo com suas reais necessidades, em vez de lhes serem impostos na forma de apetites totalmente artificiais pelos imperativos da acumulação lucrativa do capital. Porém, Mészáros afirma que esses objetivos emancipadores só seriam concebíveis com uma intervenção mais ativa da educação, em uma ordem social que vá para além dos limites do capital.

A despeito de suas árvores de baixo porte, retorcidas, muitas vezes secas e sem folhas. A Caatinga tem uma importância singular para o país por ser o único bioma estritamente brasileiro e pelo que representa para o povo sertanejo. A retomada dos conhecimentos e do modo de produção sertanejo, mesmo que embriagados pela lógica capitalista, com a valorização das espécies nativas, o respeito pela biodiversidade, a diversificação de cultivos e criações, o trabalho familiar, a valorização das relações sociais e a combinação entre produção e extrativismo sustentável podem levar a um processo de saudável interação entre o homem sertanejo e o seu ambiente.

Conclusão

A Caatinga é o bioma brasileiro menos estudado e, portanto, menos protegido. Bioma composto por espécies vegetais adaptadas ao clima semiárido, a Caatinga é incapaz de reestruturar-se naturalmente quando sofre grandes impactos em seu equilíbrio ecológico tornando a degradação um processo irreversível.

Este bioma sofre com a degradação do seu ambiente desde o início da colonização do Brasil, entretanto nas últimas décadas essa degradação vem aumentando, fruto de um sistema econômico que enfraquece os trabalhadores e o meio ambiente. O Sistema

Capitalista impõe ao homem sertanejo o seu modo de produção. O que faz com que o pequeno produtor rural perca a sua identidade, a sua cultura e o seu modo de lidar com a terra e com a natureza.

No Sistema do Capital, o trabalho como processo de interação entre o homem e a natureza perde suas origens mais fundamentais e torna-se apenas um meio de produção do capital. A insustentabilidade da Lógica Capitalista é inegável tanto quando se considera seus impactos sobre o mundo do trabalho, quanto sobre a natureza. É urgente a busca por outra lógica de produção diferente da dominante (capitalista), que tem como objetivo central o lucro.

Para o bioma Caatinga, é imprescindível que sejam levados em consideração os conhecimentos e o modo de produção sertanejo, a valorização das espécies nativas, o respeito pela biodiversidade e pelo trabalho familiar, a valorização das relações sociais e a combinação entre produção e extrativismo sustentável. Por esse caminho é provável que seja restabelecido um saudável processo de interação entre o homem e a natureza.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Geraldo Medeiros de. **Agricultura no Nordeste: apreciações e sugestões de políticas**. Petrópolis: Vozes, 1985. 208p.

AGÊNCIA PERNAMBUCANA DE ÁGUAS E CLIMA (APAC). Rio Pajeú: Bacia do rio Pajeú. Disponível em: <http://www.apac.pe.gov.br/pagina.php?page_id=5&subpage_id=20>. Acesso em: 01 maio 2013.

BARRETO, Marcos Pinheiro. **Educação e Meio Ambiente: As possibilidades de uma utopia vermelha e verde**. UFRJ, 2012. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT22-5990--Int.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2012.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. As duas fases da história e as fases do Capitalismo. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. v.1, n.1, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2011/11.30.Duas fases da historia e capitalismo-RCS.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2012.

CÂNDIDO, Magno José Duarte; ARAÚJO, Gherman Garcia Leal de; CAVALCANTE, Maria Andréa. **Pastagens no ecossistema semi-árido brasileiro**: atualização e

perspectivas futuras. Disponível em: <http://www.neef.ufc.br/pal05.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2012.

CARVALHO, Horácio Martins. **A Especificidade camponesa como negação da Lógica Capitalista**. Catalão, 2011. Disponível em: <http://www.mcpbrasil.org.br/biblioteca/doc_view/54-a-especificidade-camponesa-como-negacao-da-logica-capitalista>. Acesso em: 25 jun. 2012.

COSTA, Antônio Albuquerque da; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. **Formação Territorial do Brasil: A ocupação do Sertão nordestino e da Amazônia**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Universidade Estadual da Paraíba, 2008. Disponível em: <http://anabeatrizgomes.pro.br/moodle/file.php/1/FORMATERRAULA6CORRETO.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2012.

EMBRAPA. **Preservação e uso da Caatinga**: ABC da Agricultura Familiar. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2007.

FÁVERO, Claudenir; MONTEIRO, Fernanda Testa. A luta dos(as) apanhadores(as) de flores sempre-vivas frente à expropriação territorial provocada por unidades de conservação de proteção integral da natureza. **Rev. Agriculturas**, v. 8, n. 4, dez. 2011. Disponível em: <http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/accesso-terra-direitos-territoriais/ fernanda-testa-monteiro-claudenir-favero>. Acesso em: 04 dez. 2012.

GARCIA, Maria Cristina. **As mercadorias como objeto de desejo: ("insanidade" capitalista)**. São Paulo: EDICON, 2006.

HAUG, Wolfgang Fritz. Crítica da estética da mercadoria. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

HORBACH, Juliana. **Aposentadoria rural por idade e a influência desta renda no bem-estar de famílias rurais no município de Horizontina**. Horizontina, 2012. 89 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas)- Departamento de Ciências Econômicas, Faculdade Horizontina.

LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e Conservação da Caatinga.** Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.

MATOS, Rafaella Chrystiane de Moura. **Contribuição do MODIS no monitoramento ambiental de bacias hidrográficas**. 2009. 83p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

MENDES, Benedito Vasconcelos. **Alternativas tecnológicas para a agropecuária do Semi-árido**. 2.ed. São Paulo: Nobel, 1986.
MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PRADO, Darién E. As Caatingas da América do Sul. *In*: LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e Conservação da Caatinga.** Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.

RODAL, Maria Jesus Nogueira. Aspectos Vegetacionais do bioma Caatinga. *In*: ARAÚJO, Elcida de Lima *et al*. **Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil**. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 2002. p. 23-53.

SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS E ENERGÉTICOS (SRHE-PE). **Atlas das Bacias Hidrográficas de Pernambuco**. Recife, 2006. Disponível em: <http://www.srhe.pe.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=323: mapas-das-bacias-hidrograficas&catid=42:documentos&Itemid =75>. Acesso em: 15 jul. 2013.

SCHMIDT, Alfred. **El concepto de naturaleza em Marx**. Madrid: Biblioteca del Pensamiento Socialista, 1977.

SOUZA JÚNIOR, Jalmir Pinheiro *et al*. **Pluriatividade ou Acomodação?** Uma análise do efeito dos auxílios sociais na composição da renda familiar. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre. 2009. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/13/941.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2013.

TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. Áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do bioma Caatinga. *In*: ARAÚJO, Elcida de Lima *et al*. **Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil**. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 2002.

TAVARES JÚNIOR; João Rodrigues; CANDEIAS, Ana Lúcia Bezerra; SILVA, Marlene Maria da. Proposta da cartografia social para apoiar as tecnologias sociais para gestão e recuperação de áreas degradadas no alto trecho da Bacia do Pajeú – Pernambuco. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 16., 2013, Foz do Iguaçu. **Anais**... Foz do Iguaçu: INPE, 2013. p. 2642-2649.

Cultura Urbana e Trabalho no Recife, Representados em Jornais Operários no Período de 1890 a 1920.[27]

Diógenes Mendes Calado[28]

Resumo: o período Pós-Abolição (1890-1920) é marcado por uma transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado, mesmo que essa abolição seja gradual, mas se mostrou relevante essa transformação, pois uma demanda de ex-escravos concentrados antes nos engenhos vai migrar para o centro urbano do Recife. Outro ponto é a incidência do movimento operário culminando na ocorrência de várias greves. O objetivo deste trabalho é mostrar essa cultura urbana formada nesse contexto da primeira República tendo como pontos principais o surgimento das primeiras fábricas na cidade, a formação das primeiras associações de trabalhadores e a ocorrência de importantes greves como em 1906 e 1917. Para essa pesquisa foi utilizado principalmente jornais da época, estatutos de associações de trabalhadores juntamente com uma bibliografia onde foi possível delinear todo esse quadro. De modo geral este trabalho contribui para a história do período aqui em Pernambuco com enfoque principalmente na iniciante industrialização recifense e a incidência de movimentos grevistas na cidade.

Palavras-chave: Pós-Abolição, movimento sindical, industrialização

Introdução

O período pós-abolição vem sendo recentemente objeto de estudo da historiografia brasileira, várias temáticas são abordadas e entre elas a cultura urbana uma cultura citadina industrial que procura entender a inserção de homens e mulheres negras no mercado de trabalho livre. A expulsão de numerosos foreiros do campo e a transformação de muitos outros em assalariados criaram certas precondições para o surto industrial que verificou nas últimas décadas do século na Capital pernambucana. É relevante assinalar o período compreendido de 1890 a 1920 a chamada primeira república, um contexto peculiar que aconteceram diversos fatos marcantes, contribuindo para a história do Brasil, entre eles podemos mencionar a industrialização brasileira e uma série de greves que abalaram o país. É a partir desse quadro que inserimos a cidade do Recife, observando essa cultura urbana que se desenvolveu nesse chamado período pós-abolição com enfoque para o mundo do trabalho, destacando o surgimento das primeiras fábricas, o desenvolvimento de associações de trabalhadores que posteriormente irão se tornar os sindicatos e a incidência das primeiras greves na cidade.

[27]Pesquisa desenvolvida no âmbito da bolsa PIBIC durante o período ago. 2012- ago2013, sob a orientação da Profª Drª Isabel Guillen Departamento de História/UFPE

[28]Graduando em História/ Universidade Federal de Pernambuco

É ainda incipiente o estudo acerca das primeiras fábricas no Recife, diante mão foi necessário levantar uma bibliografia que pudesse mostrar dados acerca do iniciante cenário fabril recifense na década de 20. Em 1900 Antonio Joaquim Barbosa Vianna escreveu Recife Capital do Estado de Pernambuco que mostra um panorama geral da cidade e inclui um pequeno capítulo acerca dos primeiros estabelecimentos industriais apontando os respectivos setores de produção. Em 1935 um importante trabalho sobre a indústria é publicado Industrias de Pernambuco de Apollonio Peres e Manuel Machado Cavalcanti faz uma ampla abordagem dos principais setores de produção com suas respectivas indústrias. A partir desses setores é possível ir mapeando um Recife industrial chegando à conclusão de uma cidade com várias fábricas espalhadas pelos seus bairros como Torre, Madalena, santo Amaro, Apipucos, Várzea entre outros.

O historiador Clóvis Melo fez um rico trabalho quando a Federação das Indústrias de Pernambuco comemorava 50 anos: Fiepe – Um Perfil Histórico nos mostra o processo histórico da industrialização recifense, diferentemente de Apollonio Peres e Manuel Machado, Melo aponta aqueles que são os setores principais dessa industrialização: indústria gráfica, os textifícios, metalúrgicos, indústrias do fumo. Vale atentar para o que ele veio chamar de "boom" industrial da República, entre 1890 a 1920 nesse período, 903 fábricas surgiram em todo o Brasil e segundo dados do Censo Industrial de Pernambuco do ano de 1919, Pernambuco tinha 393 industrias, já em 1920 o recenseamento nacional aponta 442 industrias no estado. O que se pode concluir a respeito desses dados estatísticos é que são informações conflitantes sobre o passado industrial pernambucano, contudo aponta para um considerável dinamismo industrial sendo um dos mais importantes do país no começo da década de 20.

Se aparentemente existe uma lacuna nos estudos acerca dos primeiros estabelecimentos fabris em Pernambuco, o mesmo não acontece com as associações de trabalhadores que foram se formando durante o período. Souza Barros em A Década 20 em Pernambuco alerta sobre a monografia de José Francisco que trata com pormenores o início das primeiras associações de trabalhadores na cidade. Peter Eisenberg em Modernização sem Mudança diz sobre o Centro Operário que foi a organização pioneira dos trabalhadores de Pernambuco constituída em julho de 1890. Em Manuel do Ó 100 Anos de Suor e Sangue vemos que 1914

surge a Federação Operária de Pernambuco congregando as unidades sindicais: União dos Estivadores, Liga dos trabalhadores das Fábricas de Tecidos, União da Resistência e o Sindicato de Ofícios Vários. Vale salientar aqui o caráter preponderante que esse livro deu a esta pesquisa, informações valiosas principalmente no que concernem as greves do período. Recentemente tivemos o estudo feito por Marcelo Mac Cord Artífices da Cidadania sobre a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco.

O estudo acerca da incidência de greves durante esse período ficou a encargo de Aluísio Franco Moreira sobre a Greve Geral de 1917 e Antonio Paulo Rezende na sua dissertação de mestrado A Classe Operária em Pernambuco Cooptação e Resistência (1900-1922) que mostra a difícil trajetória do movimento operário no Recife e dedica um capítulo sobre a greve de 1919.

Cotextualização Histórica: do Pós-Abolição ao "Boom" Industrial da República

O período pós-abolição e concomitantemente a chegada da república no Brasil foi de um grande momento histórico, simbolizando também repercussões positivas na sociedade pernambucana especificamente na cidade do Recife. A cidade floresceu e começou a alavancar seu crescimento, foi um intenso movimento modernizador que mudou o ar da cidade, Recife não era mais a mesma e começava a viver diferente.

Sob o influxo da cana-de-açúcar que se destinava ao comércio internacional fez o povo recifense evoluir para se converter no século XIX o centro comercial e financeiro do nordeste. Essa produção agrícola nutria o porto do Recife e o tornava principal da região, contudo tal prosperidade era incerta ao longo do século XIX, o cenário iria mudar, pois o Recife não conseguia vencer a concorrência do mercado internacional e não resistia internamente com a vitalidade cafeeira sulista. Fora que os métodos de cultivo eram ineficientes. A partir de 1875, a instalação dos Engenhos Centrais vem tentar dar uma renovação, as usinas tomam a dianteira aliando produção agrícola e o processo industrial, realizando dessa forma a

chamada revolução tecnológica é a partir desta revolução tecnológica que podemos aferir o primeiro movimento industrializador da cidade.[29]

Souza Barros alerta para que esse parque açucareiro demandava uma exigência para a indústria mecânica voltada para as fundições a vapor onde elas tinham a função dos consertos de máquinas e a fundição de peças.[30]

No Recife existiam importantes fundições como a Harrisson e Starr localizada na Rua da Aurora; Fundição Bowmann e Geral, Rua do Brum; Wilson Sons & Cia. Ltd, Rua do Bom Jesus; Fundição Santo Amaro fundada por Pessoa de Queiroz em 1917, Rua da Aurora; na Avenida Cruz Cabugá, surge em 1918 de propriedade do senhor Alberto Tigre a Fundição Tigre.

Infere Paul Singer que entre 1882 e 1886 verifica-se uma diversidade industrial presente em Recife voltada para os bens de consumo, seus principais setores eram: alimentos, bebidas, roupas, utensílios (colchões, pianos, vassouras), artigos de limpeza, de meios de transporte (principalmente carroças), fábricas de charutos e fumo e envernização de couros.[31]

Vale ressaltar que em 1875 foi fundada, em Recife, a Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco.

Nesse primeiro momento o setor têxtil começava a sobressair, segundo as informações do livro Indústrias de Pernambuco de Peres e Machado[32] a Cia. de Fiação de Tecidos de Pernambuco contava com um número de 23.350 fusos, 950 teares e um expressivo contingente de 1368 operários, possuindo também duas fábricas uma na Madalena e outra na Torre; outra que se destacava era a Fábrica de Tecidos Apipucos com 11.800 fusos, 384 teares, porém seu contingente operário era bem menor com 586 trabalhadores. Em 1891

[29] ARRAIS, Raimundo. RECIFE, CULTURAS E CONFRONTOS As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. EDUFRN, Natal 1998 (págs. 39-41)
[30] BARROS, Manoel Souza. A DÉCADA 20 EM PERNAMBUCO. Paralelo, Rio de Janeiro 1972 (pág. 57)
[31] SINGER, Paul. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E EVOLUÇÃO URBANA. EDUSP, São Paulo 1968 (pág. 305)
[32] PERES, Apollonio; MACHADO, Manuel Cavalcanti. INDUSTRIAS DE PERNAMBUCO. Imprensa Industrial, Recife 1935.

surge a Companhia Fábrica de Estopa S.A e em 1895 a Companhia de Tecidos de Malha da Várzea. Neste setor têxtil é importante destacar a figura de Othon Bezerra de Mello que comprou a Fábrica de Apipucos em fins da década de 20, se tornando o maior produtor do ramo têxtil em Pernambuco.

Com a chegada da República vamos ver conforme disse Clóvis Melo o chamado "boom" industrial que significou o surgimento de novas fábricas e novos setores na produção.[33] Os líderes industriais urbanos despertavam com o desdobramento do parque industrial. Destaque para os irmãos Brennand que fundaram em 1905 a Fábrica de Cerâmica Brennand, localizada no antigo Engenho São João da Várzea; em 1913 os imigrantes italianos Francisco e José Vita instalaram no Recife, rua da Imperatriz, a indústria de bebidas que utilizava frutas e sabores locais; em 1918, fundado pelo industrial Romeu Oliveira, o Cortume do Barbalho se destacou na freguesia da Várzea possuindo uma boa aparelhagem para fabricação principalmente de calçados.

A Organização das Primeiras Associações de Trabalhadores

Segundo Paul Singer o surto industrial em Recife foi condicionado por fatores que se fizeram sentir em âmbito nacional. A abolição transformou os escravos em assalariados, dando impulso considerável à formação de um mercado de trabalho "livre", isto é, capitalista. Para ele a industrialização do açúcar, isto é a revolução tecnológica oriunda dos engenhos centrais contribuiu para o aparecimento de indústrias em Recife, criou mercado de bens de consumo e expulsou do campo levas de trabalhadores que constituíram em Recife um verdadeiro exército industrial de reserva.[34]

O aparecimento dessas indústrias resultou em um grande movimento de trabalhadores, a primeira década da República viu se organizarem-se os primeiros sindicatos e a deflagração das primeiras greves da história de Pernambuco.

[33] MELO, Clóvis. FIEPE: UM PERFIL HISTÓRICO. Recife: Recife Gráfica Editora, 1989. (pág. 21)
[34] SINGER, Paul. DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E EVOLUÇÃO URBANA Op. cit. Pág 307-308 (Obra já citada com todas as referências)

Souza Barros cita em A Década 20 em Pernambuco o trabalho de José Francisco uma monografia que trata com pormenores das primeiras associações de trabalhadores no estado.[35]

Em julho de 1890 surge o Centro Operário organização pioneira dos trabalhadores sob direção da Liga Operária Pernambucana, esta que se dirigia através dos jornais aos operários das fábricas e oficinas existentes no Recife convidava para que fossem enviados nomes de seus representantes para que se tivesse formação de um partido operário.[36]

Uma historiografia clássica sobre o movimento sindical no Brasil de José Albertino Rodrigues – Sindicato e Desenvolvimento no Brasil - apresenta uma espécie de pré-sindicalismo caracterizado por ser mutualista.[37]

Recentemente o historiador Marcelo MacCord realizou um importante trabalho sobre a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco, apresentando uma crítica a essa visão de José Albertino, para MacCord os trabalhadores organizados em grupos de socorros mútuos não podem ser encapsulados em alguma "pré-história" do proletariado brasileiro. A análise da documentação dos estatutos verifica-se essa identidade mutualística. [38]

Associação dos Maquinistas Navais, Associação Beneficente da Fábrica de Tecidos Apipucos, Sociedade Beneficiente dos Empregados da Estrada de Ferro; dos empregados da Western Telegraph; dos empregados na Companhia de Trilhos Urbanos do Recife-Olinda e Beberibe e Caixa Geral dos Proletários é claramente visível esse caráter voltado para auxiliar, socorrer, prestar assistência médica bem como assistência mortuária com enterro e sepultura.

[35] BARROS, Manoel de Souza. A DÉCADA 20 EM PERNAMBUCO. Op. Cit. pág. 83 (obra já citada com todas as referências).
[36] EISENBERG, Peter. MODERNIZAÇÃO SEM MUDANÇA. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 (pág. 205)
[37] RODRIGUES, José Albertino. SINDICATO E DESENVOLVIMENTO NO Brasil. São Paulo: Difusão Europeia 1968
[38] MAC CORD, Marcelo. ARTÍFICES DA CIDADANIA: mutualismo, educação e trabalho no Recife Oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. (pág. 33)

Deve-se assinalar também que essas associações e sociedades tinham uma preocupação com a educação e instrução técnica dos seus membros. A Associação dos Machinistas Navaes em seu estatuto consta no capítulo 1 parágrafo 4º a necessidade de se criar uma biblioteca, ensino de física e química, constituição de um museu de artefatos mecânicos e um curso de máquinas.[39] Já a Associação Beneficente da Fábrica de Tecidos Apipucos tem no seu estatuto no artigo 2º parágrafo 4º a determinação que se crie uma escola de ensino primário e religioso para seus membros.[40]

É preponderante analisar a presença dessas associações, pois em 1914 vamos ver a formação da Federação Operária de Pernambuco, segundo Antonio Paulo Rezende[41] a criação da federação viria dar uma melhor organização a partir de então a classe operária começava a firmar a identidade voltada para as reivindicações políticas do movimento. A chegada de José Elias da Silva em 01/06/1914 foi um marco para a história do movimento operário pernambucano, com a missão de divulgar no nordeste as resoluções do II Congresso Operário de 1913 realizado no Rio de Janeiro.

A federação ficou instalada na Rua das Águas Verdes, bairro de São José e passou a congregar as seguintes unidades sindicais: Sociedade dos Estivadores, Liga dos Tecelões, União da Resistência – reunia os operários dos armazéns e trapicheiros da zona do porto – e o Sindicato de Ofícios Vários que representava os operários que não estavam reunidos em categorias organizadas.[42]

A Incidência de Importantes Movimentos Grevistas: 1906, 1909, 1917 E 1919

Afirma Souza Barros que o resultado da orientação e do plano de organização trazido por José Elias surgiria em 1919 o primeiro embate sério entre trabalhadores e patrões. Foi a chamada

[39] ESTATUTOS ASSOCIAÇÃO DOS MACHINISTAS NAVAES
[40] ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE FÁBRICA DE TECIDOS APIPUCOS
[41] REZENDE, Antonio Paulo de Morais. A CLASSE OPERÁRIA EM PERNAMBUCO COOPTAÇÃO E RESISTENCIA (1900/1922) Dissertação de Mestrado, Campinas, 1981. (pág. 68-69)
[42] MANUEL DO Ó e Ação Católica Operária. 100 ANOS DE SUOR E SANGUE: homens e jornadas da luta operária no Nordeste. Petrópolis, Vozes, 1971. (pág.77)

Primeira Greve Geral de Pernambuco. Contudo anterior a esta greve existiu todo um movimento de paralisações que teve uma importante repercussão no estado.[43]

Em 1906 relata A Província a incidência de várias greves: a greve geral dos Carvoeiros, greve da Sociedade Resistência de Marinheiros e Remadores pedindo aumento de salário a Companhia Pernambucana. A greve não teve incidência de violência sendo um movimento pacifico, porém foi necessária a intervenção da polícia para que a ordem fosse reestabelecida e com isso a greve terminou no dia 16 de agosto de 1906.[44]

Em julho era notificado a greve da Companhia Ferro-Carril os paredistas alegavam uma escassez dos ordenados, e uma série de multas que muitas das vezes eram injustas. A decisão de ser tomada esta greve foi pelo fato de que uma petição com essas reivindicações foi enviada à gerência, mas nenhuma solução foi tomada. Os trabalhadores e o patronato entraram em acordo e a greve encerrou no dia 1 de julho de 1906.[45]

No mesmo mês ocorreu a greve da Caxangá onde estiveram envolvidos os trabalhadores do trafego, das oficinas e da conservação da via férrea de Caxangá. Exigiam aumento salarial. A greve causou prejuízos a população residente nos arrebaldes servidos pela Companhia de Caxangá, muitas das quais não puderam ir ao Recife. A greve terminou no dia 11 de julho, com os trens voltando a circular normalmente e os trabalhadores garantidos de seus aumentos no fim da primeira quinzena do mês de julho.[46]

Em novembro deste mesmo ano estoura um movimento grevista puxado pelos estivadores e carregadores de açúcar dos armazéns do porto. No decorrer da greve outros segmentos de trabalhadores vão aderindo a greve como os padeiros, açougueiros, condutores de troles. A greve começou no dia 8 de novembro e terminou no dia 17. O governo valeu-se da polícia para esmagá-la com aplauso da comunidade comercial.[47]

[43] BARROS, Manuel de Souza. A DÉCADA 20 EM PERNAMBUCO. Op. Cit. pág. 85. (Obra já citada com todas as referências)
[44] A PROVÍNCIA – 11 de março de 1906.
[45] A PROVÍNCIA – 1de julho de 1906.
[46] A PROVÍNCIA – 11 de julho de 1906.
[47] A PROVÍNCIA – 18 de novembro de 1906

É interessante observar a ação policial nessas greves, pois ela não era um elemento conciliador como parece ser, pelo contrário ela reprimia e esvaziava essas paralisações intimidando os trabalhadores.[48]

Em 1909 estoura outro importante movimento grevista. A estação de Areias, da Central de Pernambuco foi tomada por uma aglomeração que erguiam gritos exaltados como "Viva o trabalhador!" "Abaixo a Fome!" Uma grande jornada estava por vir. Três dias depois a greve estava oficialmente declarada: a Great Western parou, todas as secções pararam do São Francisco a Natal eram 1300 quilômetros que estaria parado, o Nordeste nunca vira coisa assim, Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte ficaram sem seu principal meio de transporte e oito mil e quinhentos trabalhadores em greve![49]

Reivindicavam os operários: 50% de aumento para quem não recebia mais de 250 mil réis mensais e 20% para os demais, responsabilidade da companhia para com seus empregados pelos acidentes de trabalho, aumento de mais dois passes livres durante o ano, para os empregados e suas famílias. Os líderes do movimento Manuel Ribeiro, Antonio Nascimento e Alfredo Neves estabeleceram 48 horas para uma resposta favorável.[50]

O prazo foi aumentado, mas a greve foi instaurada oficialmente. Alcançou um padrão de alta eficiência: no Recife, o Centro dos Operários estabeleceu-se o quartel general do movimento. Nos centro-chaves das ferrovias foram formados comitês locais. As cidades do interior mesmo sofrendo com a falta dos trens e a consequente escassez de alguns gêneros alimentícios apoiava o movimento. Os intelectuais, advogados e professores incentivavam cada vez mais o movimento. Os dirigentes da Great Western tiveram um comportamento pacífico muita polidez, contudo eram intransigentes e não aceitavam as reivindicações.[51]

[48] MAIA, Clarissa Nunes. POLICIADOS: controle e disciplina das classes populares na Cidade do Recife, 1865-1915. TESE DE DOUTORADO, Recife, 2011 (pág. 161-164)
[49]MANUEL DO Ó e Ação Católica Operária. 100 ANOS DE SUOR E SANGUE: homens e jornadas da luta operária no Nordeste.Op. Cit. Pág. 45(Obra já citada com todas as referências)
[50] Idem pág. 52-53 (mesma obra, outra página)
[51] Ibidem Pág. 57-60 (mesma obra, outra página)

No dia 4 de fevereiro saiu, enfim, à decisão do governo: foram concebidos 30% de aumento (e não os 50% reclamados) aos empregados com ordenados inferiores a 100 mil réis (e não os 250 mil réis); 20% aos empregados com salário superior a 100 mil réis, e os diaristas 10%; 2 dias de descanso e três passes livres para si ou familiares. Esse resultado não agradou muito aos operários e muitos foram demitidos pela companhia inglesa, mas a união da classe e o apoio foram marcante, essa foi a vitória que conquistou algumas das páginas mais belas da história do movimento operário brasileiro.[52]

Em 1917 decorrente de toda uma conjuntura de crise na Europa, envolvida na primeira guerra mundial, eclodiu em Pernambuco uma nova onda revolucionária dos operários acarretando em novas greves na cidade do Recife.

As greves que ocorreram naquele ano mostraram que a luta operária estava cada vez mais fortalecida e tinha uma identidade política forte. Suas reivindicações evoluíram e não era mais só aumento salarial como se verificava no início da luta operária. Os operários queriam muito mais que isso, a luta agora se voltava para um ambiente fabril digno onde tivesse higiene, ventilação, onde o trabalho infantil fosse abolido e que a mulher tivesse direitos iguais aos dos homens.[53]

Afirma Aluizio Franco que a situação não era das melhores para nenhuma categoria profissional. A prefeitura do Recife não concedia um aumento salarial há 30 anos.[54]

No dia 1 de setembro A Província notificou a circulação de um boletim que era uma tentativa de unificação do movimento operário.[55]

No dia 5 estava declarada uma greve pacifica dos pedreiros e ajudantes que reivindicavam melhores salários e redução da jornada de trabalho.[56]

[52] Ibidem Pág. 63(mesma obra, outra página)
[53] A PROVÍNCIA – 16 de agosto de 1917
[54] MOREIRA, Aluizio Franco. A GREVE GERAL DE 1917. In Clio Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE n 2. Recife UFPE, 2007. P. 45-70
[55] A PROVÍNCIA – 1 de Setembro de 1917
[56] A PROVÍNCIA – 5 de Setembro de 1917

Este movimento grevista dos operários da construção civil teve por centro o Sindicato de Ofícios Vários e a partir de então várias adesões ao movimento começa a ocorrer: Sociedade dos Marceneiros, Associação dos Artistas Civis, Sociedade dos Carpinteiros, Cigarreiros das Fábricas Caxias e Lafayette, Sociedade dos Estivadores, dos Carvoeiros da Casa Cory Brothers e o Sindicato da Construção Civil da Várzea.

No dia 7 entram em greve os operários das oficinas da empresa Pernambuco Tramways em Santo Amaro.

Em toda essa luta operária, a ação da polícia foi contundente reprimindo o movimento grevista, líderes foram presos e o Sindicato de Ofícios Vários teve sua sede fechada. Porém esse ar de "normalidade" dura pouco. No dia 11 de setembro os operários das oficinas da Great Western em Jaboatão encostam as ferramentas e realizam um intenso "apitaço" ressurgia o movimento e a noticia se espalhava chegando na estação central do Recife onde uma onda propagadora de greves começava: a Fábrica de Tecidos da Torre adere ao movimento, os carvoeiros das Casas Cury Brothers e Wilson Sons voltam a reivindicar redução da jornada de trabalho, aumento salarial e pagamento em dobro nos sábados e domingos. As greves também se alastram para as cidades de Jaboatão e Moreno.

Porém todo esse movimento terminava frustrado, a polícia voltava a reprimir a greve e as negociações feitas tinham fracassado. Contudo em 1919 a Greve Geral mostrará um novo capítulo dessa história.

Conforme afirma Antonio Paulo Rezende, a greve geral de 1919 deve ser destacada pela organização e amplitude. A classe dominante se viu preocupada e tiveram que retrair e aceitar a negociação com as lideranças operárias. Em 1919 o cotidiano da cidade foi modificado com constantes passeatas e manifestações e vários setores vitais da economia foram afetados, de fato ocorreu uma grande consolidação do movimento operário na cidade bem como no estado de Pernambuco marcando definitivamente a década de 20.[57]

[57] REZENDE, Antonio Paulo. A CLASSE OPERÁRIA EM PERNAMBUCO COOPTAÇÃO E RESISTENCIA (1900/1922) Op. Cit. Pág. 114 (Obra já citada com todas as referências)

Conclusões

Esta pesquisa mostrou uma conjuntura que se desenvolveu depois do período pós-abolição ao qual foi marcado pelo surgimento de fábricas na cidade do Recife, o aparecimento de associações e sindicatos de trabalhadores e a incidência de várias greves.

O surgimento dessas fábricas na cidade deixa claro o surto da industrialização que passou a cidade, vale ressaltar nesse momento que Recife começava a viver uma marcha para a modernização e que, portanto essas fábricas também faz parte desse novo aspecto. Esse cenário fabril foi propenso para o aparecimento das primeiras associações de trabalhadores que neste primeiro momento se caracterizavam pelo mutualismo, logo após começam a aparecer os sindicatos que iriam entrar nas fileiras de combate do movimento operário e reivindicarem melhores condições no seu trabalho através das inúmeras greves que existiu nesta cidade.

Portanto se delineou aqui toda uma parte dessa cultura urbana que se desenvolveu na cidade do Recife no período da primeira república, suas tramas revolucionárias, o cheiro da modernização através das fábricas e a união classista de trabalhadores foram fundamentais para a construção da história desta cidade.

Referências Bibliográficas

ARRAIS, Raimundo. RECIFE, CULTURAS E CONFRONTOS: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911. Natal: EDUFRN, 1998.

BARROS, Manoel de Souza. A DÉCADA 20 EM PERNAMBUCO. Rio de Janeiro, 1972.

EISENBERG, Peter. MODERNIZAÇÃO SEM MUDANÇA: a indústria açucareiraem Pernambuco 1840-1910. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MAC CORD, Marcelo. ARTÍFICES DA CIDADANIA: Mutualismo, Educação e Trabalho no Recife Oitocentista. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MAIA, Clarissa Nunes. POLICIADOS: controle e disciplina das classes populares na

Cidade do Recife, 1865-1915. TESE DE DOUTORADO UFPE, Recife, 2001.

MANUEL DO Ó e Ação Católica Operária. 100 ANOS DE SUOR E SANGUE: homens e jornadas da luta operária no Nordeste. Petrópolis, Vozes, 1971.

MELO, Clóvis. FIEPE: UM PERFIL HISTÓRICO. Recife: Recife Gráfica Editora, 1989.

MOREIRA, Aluizio Franco. A GREVE GERAL DE 1917. In Clio Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE n 2. Recife UFPE, 2007. P. 45-70

PERES, Apollonio; MACHADO, Manuel Cavalcanti. INDUSTRIAS DE PERNAMBUCO. Imprensa Industrial, Recife 1935.

REZENDE, Antonio Paulo de Morais. A CLASSE OPERÁRIA EM PERNAMBUCO Cooptação e Resistência (1900/1922) Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1981.

RODRIGUES, José Albertino. SINDICATO E DESENVOLVIMENTO NO Brasil. São Paulo: Difusão Europeia 1968.

SINGER, Paul. DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E EVOLUÇÃO URBANA (análise da evolução de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife) São Paulo: EDUSP, 1968.

VIANNA, Antônio Joaquim Barbosa. RECIFE, CAPITAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. (Reedição) Recife, 1970.

A Sexta Geração e o Espaço no Socialismo de Mercado: uma Análise do Cinema Chinês Pós Revolução Cultural

Ghita Almeida Galvão

Resumo: o presente artigo foi resultado do trabalho final para a disciplina de cinema asiático, oferecida pelo curso de cinema da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Neste trabalho analisa-se especificamente o cinema chinês numa perspectiva histórica, especialmente o movimento que se convencionou chamar de cinema da sexta geração. A sexta geração é feita por diretores que em sua maioria participaram efetivamente dos protestos da Praça da Paz Celestial em 1989 e tiveram e ainda tem uma importância política muito grande no país, fazendo em seus filmes protestos contra uma série de decisões e imposições que o governo chinês faz a sua população. Os filmes desta geração dialogam o tempo todo com o humano e o espaço em que este humano se insere, no como e porquê dessa relação e como ela está estritamente ligada à vida política do país.

Palavras-chave: China; Política; Cultura; Cinema; Espaço.

Metodologia

O presente artigo foi resultado do trabalho final para a disciplina de cinema asiático, oferecida pelo curso de cinema da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) a qual analisou o cinema asiático temporal e espacialmente sob diversos pontos de vista. Este trabalho se reduziu ao ponto de vista histórico para com o cinema da sexta geração chinesa, utilizando como fontes principalmente, as aulas dadas, filmes, livros, artigos e sites sobre história da china e história do cinema asiático/chinês, além de outros livros e artigos que, se relacionam e são essenciais para o entendimento do assunto proposto.

Introdução

Para chegar à República Popular da China, o país passou por uma série de transformações indo de monarquia, com um breve período capitalista, a uma ditadura socialista. No início do período acontece a Revolução Cultural liderada por Mao Tsé-Tung o qual limita as artes à utilização na promoção do seu sistema de governo. Porém, após a morte de Tsé-Tung, há uma série de mudanças no sistema socialista chinês, iniciadas com a reforma implantada por Xiaoping (que passa a governar a

China), que abrem o mercado e a cultura para o exterior, acabando por incitar um "recomeço nas artes" e um aumento na liberdade de expressão do país.

Partindo do período no qual a China se torna comunista, o cinema Chinês passa por quatro gerações até a atual, que se denominam como (é importante pensar também que as datações não são completamente fixas, mas que são configuradas dessa forma por estudiosos e críticos): a terceira geração, ou geração da revolução cultural entre as décadas de 50 e 60, a quarta geração, ou geração perdida de Hong Kong entre as décadas de 60 e 70, a quinta geração, ou geração da academia de filmes de Pequim e os filmes de Formosa entre as décadas de 80 e 90 e a sexta geração, a geração urbana caracterizada pelo cinema underground a partir dos anos 90, havendo, também, depois do ano 2000 a volta do cinema comercial, produzido concomitantemente ao underground.

O trabalho se detém a geração underground, ou, sexta geração, que se utiliza dos elementos dessa abertura do socialismo ao mercado externo, para fazer uma crítica à sociedade na qual estão inseridos.

A República Popular da China

A República Popular da China (RPC) a qual chamamos China é o maior país da Ásia Oriental e o mais populoso do mundo, com mais de 1,3 bilhões de habitantes aproximadamente um sétimo da população da Terra. Seu sistema de governo é a república socialista governada pelo Partido Comunista da China sob um sistema de partido único cuja capital é Pequim.

O pais assim como todo o mundo no início do século XX, estava passando por um momento de tensão entre as duas forças políticas que disputavam os sistemas dos países ao redor da terra, os Capitalistas (representados pelos Kuimintangna China) e os Comunistas. Até que em 1949, a República Popular da China foi estabelecida pelos vitoriosos comunistas e o Kuimintangna (KMT) se limitou a Taiwan (também chamada de Formosa) e algumas ilhas adjacentes, gerando conflitos que se perpetuam até hoje com a China comunista pela soberania política em Taiwan.

Á partir de 1978 foram feitas algumas alterações no mercado econômico da China, hoje ela é classificada como socialismo de mercado. Com um rápido crescimento econômico se tornou o segundo maior exportador e o terceiro maior importador de mercadorias do planeta e segundo dados oficiais do governo a industrialização reduziu a sua taxa de pobreza significativamente e passou a ser caracterizada como superpotência emergente.

É atualmente a segunda maior economia do mundo e membro permanente do Conselho de Segurança da ONU e de várias outras organizações multilaterais, como a OMC, APEC, G-20, BRIC e da Organização para Cooperação de Xangai. Possui armas nucleares e o maior exército do mundo e segundo maior orçamento de defesa.

A Revolução Cultural

A República Popular da China foi proclamada por em 1° de outubro de 1949, Mao Tsé-Tung foi seu primeiro governante, tendo sido chamada de "China Vermelha" pelos capitalistas desta data até meados da década de 70, quando se configura outro tipo de relação da China com o Ocidente.

Mao Tsé-Tung, apesar de manter um alto grau de influência sobre o partido, foi afastado do cargo de presidente em 1959, por ter sido responsabilizado por uma série de falhas econômicas (o fracasso do plano econômico Grande Salto Adiante de 1958-1960, cujos efeitos acarretaram na fome de 1958-1961 a qual matou por volta de 30 milhões de chineses e o rompimento das relações com a União Soviética que iam mal e acabaram sendo rompidas em 1960), sendo assim sucedido por Liu Shaogi e Deng Xiaoping.

Então em 1966, motivado por uma luta pelo poder dentro do partido, Mao lança com seus aliados a Revolução Cultural, que perdurou até a sua morte em 1976. Ela se configurou em uma campanha político-ideológica de Mao para neutralizar a oposição que se fazia crescente, pelos setores menos radicais, frente a ele, dentro do partido.

A violência se fez constante no decorrer da Revolução cultural, principalmente instigada pela Guarda Vermelha, que era formada de jovens, muitos adolescentes de variada origem social que se organizavam em comitês revolucionários e atacavam todos os que eram desleais ao regime e a Mao, com o intuito de consolidar o poder do seu líder na China.

A Revolução tinha por seus alvos os membros do partido menos radicais, com contatos no Ocidente ou na União Soviética, além de burocratas e intelectuais (a Revolução era anti-intelectualista, uma medida que serviu para manter o status quo do país, e que acabou por tirar muitas crianças e adolescentes das escolas para formar a Guarda Vermelha), erradicando quase que inteiramente o seu ensino superior. Sobre o aprendizado (no sentido da educação) no livro vermelho Mao afirma:

> Ler é uma forma de aprender, mas praticar também é uma forma de aprender, sendo até a forma mais importante de aprender. O nosso método principal é aprender a fazer a guerra fazendo-a. Uma pessoa que não tenha tido a possibilidade de ir à escola também pode aprender a fazer a guerra – pode aprender no próprio combate. Uma guerra revolucionária é uma empresa de massas; nela acontece com frequência que as pessoas, em vez de combaterem depois de terem aprendido, começam por combater e depois aprendem. Combater é pois aprender.[58]

Em 1972, porém, após o rompimento de relações com a União Soviética, a China na Figura de Mao e de Zhou Enlai, então premiê do país, recebeu o presidente dos Estados Unidos Richard Nixon em Pequim, para estabelecer relações com este país. No mesmo ano, a República Popular da China aderiu às Nações Unidas, substituindo Taiwan no assento permanente do Conselho de Segurança.

Em janeiro 1976 Zhou Enlai morre. Na primeira semana de fevereiro Hua Guofeng é nomeado premiê interino por Mao e a campanha contra Deng Xiaoping cresce significativamente (tido no partido como contra o governo, entre outras coisas). Hua Guofeng estava sendo preparado por Mao para ser seu sucessor e realmente assumiu o partido e a presidência após a morte de Tsé-Tung, porém, é Deng Xiaoping que, após uma série de ações tem uma reviravolta e passa a deter o poder e influência na China,

[58]TSÉ-TUNG, Mão. *O Livro Vermelho*. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002, p. 216.

voltando ao seu cargo de vice-primeiro-ministro, onde implementou grandes reformas econômicas, que levou o país a atual economia "socialista de mercado", o modernizando a partir de uma política econômica com investimentos e tecnologia externa.

A Quinta Modernização

Á partir dessa nova política iniciada por Deng Xiaoping, os chineses se sentem mais à vontade para dizer o que pensam e, inclusive, reclamar do governo, muitos muros são pichados nessa época e há uma série de manifestações, algumas para a volta ao socialismo tal como ditou Mao outras a favor da instauração de uma democracia real. Houve uma reabertura na forma de fazer arte, trabalhos sobre religião voltaram a aparecer, ensaios e poemas estavam aparecendo em novas revistas na China, fazendo cair por terra o que Tsé-Tung ordenou, sobre as artes no seu livro vermelho:

> [O nosso objetivo] é garantir que a literatura e a arte se integrem como parte componente no conjunto da máquina da revolução, que funcionem como uma arma poderosa para unir e educar o povo, para atacar e destruir o inmigo, e que ajudem o povo a combater o inimigo com um mesmo sentimento e uma mesma vontade.[59]

Essa liberdade intelectual clamava pela democracia verdadeira, a qual foi chamada de "A Quinta Modernização", pois as mudanças no sistema, causadas por Xiaoping foram a quarta. Protestava-se sobre uma série de coisas (vale destacar os muitos jovens que foram retirados das universidades e mandados para trabalhar na agricultura no interior do país, que voltaram para a capital exigindo seus direitos, assim como os próprios camponeses que não tinham as mínimas condições de sobrevivência no campo) inclusive da situação atual da China em que se viam favelas, mendicância, prostituição (muitas das mulheres que trabalhavam nessa profissão, só o faziam por terem sido, durante a Revolução Cultural, abusadas sexualmente e numa china, que apesar de socialista, mas ainda muito arcaica na visão dos direitos dos seres humanos e principalmente das mulheres, o que restava à estas era conseguir sobreviver se prostituindo).

[59] TSÉ-TUNG, Mão. *O Livro Vermelho*. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002, p. 210.

Sobre a condição da mulher na china, a jornalista Xinran escreveu seu livro "As Boas Mulheres da China", o qual tem depoimentos de mulheres colhidos em oito anos, falando de como viveram na Revolução Cultural e o como o que viveram influenciou como vivem até o momento dos depoimentos. O livro foi publicado em depois de 1997 após a autora deixar a China para conseguir publicá-lo, devido à censura que ainda se faz presente no país.

Xinran coletou os dados de muitos casos, entre eles casamentos forçados, estupros, espancamentos e o seu próprio caso, pois foi, junto com o irmão, separada dos pais pela guarda vermelha ainda criança, só vindo reencontrá-los anos depois, sendo recebida com frieza, ainda que com carinho, mas com muita tristeza pela família. Segue uma citação de um trecho de uma das histórias do seu livro:

> 2. A Menina que tinha uma mosca como animal de estimação
> O Velho Chen e o meu amigo da universidade certamente tinham razão acerca de uma coisa. Seria muito difícil encontrar mulheres dispostas a falar livremente comigo. Para as chinesas, o corpo nu é objeto de vergonha, não de beleza. Elas o mantêm coberto. Pedir-lhes que me deixassem entrevistá-las seria como pedir que tirassem a roupa. Percebi que precisaria tentar meios mais sutis para descobrir sobre a vida delas.
>
> As cartas que recebia dos meus ouvintes, cheias de anseios e esperança, foram o meu ponto de partida. Perguntei ao meu diretor se podia acrescentar, no final do programa, um espaço especial para mulheres, onde eu iria discutir e talvez ler em voz alta as cartas recebidas. Ele não se opôs à ideia: também queria entender o que as chinesas pensavam, para lidar melhor com o relacionamento tenso, que tinha com a esposa. Mas a autorização não dependia dele; eu teria que enviar um requerimento ao escritório central. Eu estava mais do que familiarizada com o procedimento: fileiras de altos funcionários na estação, que eram meros meninos de recados, com condecorações, mas sem nenhum poder executivo. A última palavra era dos escalões superiores.
>
> Seis semanas depois o meu requerimento foi devolvido, adornado com quatro carimbos vermelhos de aprovação oficial O tempo que eu pretendia criar para as ouvintes tinha sido reduzida para dez minutos. Mesmo assim, senti como se estivesse caindo maná do céu.
>
> O impacto dos meus dez minutos para cartas de mulheres foi muito além das minhas expectativas: o número de cartas aumentou, a ponto de eu me ver recebendo mais de cem por dia. Seis estudantes universitários tiveram que vir me ajudar no trabalho. Os assuntos das cartas também se diversificaram mais. As histórias que as ouvintes me contavam tinham ocorrido no país inteiro, e vários momentos dos últimos setenta anos, mais ou menos, e vinham de mulheres com antecedentes sociais, culturais e profissionais bem diferentes.

> Revelavam mundos ocultos das vistas da maioria da população, inclusive de mim mesma. Eu me emocionava profundamente com as cartas. Muitas incluíam toques pessoais, como flores, folhas ou casca de árvores prensadas, e lembrancinhas de crochê.
>
> Uma tarde, ao voltar para o escritório, encontrei sobre minha mesa um pacote e um bilhete do porteiro. Uma mulher de uns quarenta anos tinha deixado o embrulho com ele e pedira que me entregasse. Não deu nome nem endereço. Vários colegas me aconselharam a passar o pacote pela inspeção do departamento de segurança antes de abrir, mas resisti. Achava que não podia prever o destino e um forte impulso me impelia a abrir o pacote imediatamente. Encontrei uma velha caixa de sapatos, com o belo desenho de uma mosca com aparência humana na tampa.[60]

Protesto na Praça da Paz Celestial em 1989

Em 1989, a morte do ex-secretário geral da China favorável a reformas que a população clamava, Hu Yaobang (o qual era perseguido dentro do governo por sua posição). Foi o que levou os estudantes e ativistas a precipitar os protestos da Praça Tiananmen (Praça da Paz Celestial) organizando manifestações durante meses (entre 15 de abril e 4 de junho) em defesa de maiores direitos e da liberdade de expressão.

Havia em torno de cem mil manifestantes de diversos grupos sociais desde intelectuais (que acreditavam que era necessária uma revolta mais pontual no sistema político-econômico da china) a trabalhadores (que acreditavam justamente no contrário dos intelectuais, pois foram engolidos pela crise econômica que a china passava, por conta da sua mudança mal feita e cheia de corrupção que elevou a inflação e prejudicou os trabalhadores chineses) que marchavam pacificamente pelas ruas de Pequim, tendo sidos massacrados em 4 de junho no protesto conhecido como Massacre da Praça da Paz Celestial.

Houve também, protestos e greves em praças, fábricas e universidades de outras cidades, de onde saíram muitos protestantes para Pequim, onde acontecia a maior manifestação, geralmente, as manifestações na Praça de Tiananmen mantinham certa ordem, com marchas diárias onde os manifestantes diziam palavras de ordem e cantavam canções de exaltação à China.

[60] XINRAN. *As Boas Mulheres da China.* São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003, p. 21.

Muitas ordens do governo foram expedidas pedindo o encerramento dos protestos, uma divisão de critérios sobre como proceder em relação aos manifestantes se criou e foi decidido que a China iria suprimir os protestos à força. Na noite de 3 de junho o governo mandou tanques e a infantaria do exército à praça de Tiananmen para dissolver o protesto. As estimativas das mortes civis variam: 400 a sete mil pessoas, a depender das fontes e as de feridos variam entre sete mil e dez mil. O governo controlou totalmente a cobertura da imprensa aos acontecimentos, mas ainda assim, sua atitude foi sabida e condenada pela comunidade internacional.

Com relação à imprensa chinesa, dois apresentadores da CCTV, a televisão central da China, que informaram o 4 de junho foram despedidos. o filho de um membro do Comitê Central do Partido Comunista da China, e o vice-primeiro Ministro Wu Xueqian, foram expulsos do Departamento de Programas em Inglês da Rádio Internacional da China. Qian Liren, diretor do "Diário do Povo", o jornal do Partido Comunista da China, foi expulso devido aos artigos em apoio aos estudantes.

O massacre ficou conhecido principalmente pela imagem do jovem solitário, conhecido como "o rebelde desconhecido" ou "o homem dos tanques" que, no dia 5 de junho, para na frente de uma fileira de tanques de guerra e os impede de passar, fotografado por Jeff Widener, da Associated Press, que divulgou a imagem nos principais jornais do mundo. Sendo a identidade e o paradeiro do jovem desconhecidos até hoje.

As tentativas de prender as lideranças do, assim chamado, Movimento Democrático da China foram inúmeras, tanto durante, quanto após os protestos, alguns deles foram presos, outros fugiram do país. Muitos dos trabalhadores envolvidos no protesto foram presos, julgados e executados.

Mais tarde foi preparado pelos governantes um informe sobre o Massacre da Praça da Paz Celestial com o nome de Documentos de Tiannanmen, que foi publicado em janeiro de 2001, o qual oferece o ponto-de-vista do governo chinês sobre os manifestantes e a manifestação em si, proporcionado por uma fonte anônima. Pois o protesto é considerado hoje em dia, tabu na China, porém em Hong Kong, todos os

anos há manifestações contra a decisão do partido de massacrar os manifestantes e a praça é patrulhada todo 4 de junho para evitar qualquer tipo de manifestação de apoio a última. Ainda que a maioria dos jovens não sabe o que foram as manifestações na Praça da Paz.

A China pós Massacre da Praça da Paz Celestial

Com o Massacre, as reformas democráticas que se imaginavam, foram esquecidas e o movimento estudantil que iniciou em Tiananmen se desestruturou completamente, as pessoas perderam o contato por pertencerem a realidades sociais diferentes, porém, um bom número de ONGs que foram estabelecidas nos Estados Unidos após os protestos, formadas por norte americanos e chineses, ainda lutam ativamente pela democracia na China.

A ala conservadora do Partido Comunista tentou remover algumas das reformas de liberalização do mercado que haviam sido empreendidas como parte da reforma econômica da China, e restituir os controles administrativos sobre a economia. Mas, encontrando resistência nas províncias foram abandonados. A continuidade da reforma econômica provocou um intenso crescimento econômico na década de 1990, o que devolveu ao governo uma boa parte do apoio que havia perdido com a repercussão do massacre de 1989.

A liberdade religiosa só é dada a certas religiões aprovadas pelo Estado, existindo censura também em outros âmbitos sociais como nas artes, na imprensa e até no uso da internet. A China é muito criticada em se tratando de direitos humanos. E tem uma política rígida de planejamento familiar, centrada no conceito de “uma criança por família”, pois o governo objetiva estabilizar o crescimento populacional, havendo então uma série de abortos e esterilizações forçados, para impedir o crescimento populacional. Há também um desequilíbrio em relação ao sexo na população, sendo de maioria masculina. E apesar de tudo o que passou e passa, é atualmente a segunda maior economia do mundo.

Cinema Chinês Contemporâneo

Com a Revolução Cultural a produção cinematográfica foi reduzida quase a zero, até que em 1978, o Instituto de Cinema de Pequim reabre entre 1966 a 1976, a produção se deteve a gravações de montagens teatrais de operas e balés revolucionários, que tinham intuito de educar as massas revolucionárias.

Com a reabertura do Instituto, os professores que há muito não ensinavam cinema, voltaram para dar aula a 150 alunos, os alunos que se formam nessa época fazem a quinta geração do cinema chinês, que Isabelle Glachant, em seu artigo "o cinema chinês: Da política e da censura à busca pela bilheteria (1978-2007), chama de "nouvelle vague chinesa", eles são formados em meio a Revolução Cultural e participam e se influenciam com os protestos que acontecem ao longo das mudanças no socialismo chinês. Alguns deles são Chen Kaige (*Adeus Minha Concumbina*-1993), Tian Zhuangzhuang (*O Sonho Azul* – 1993) e Zhang Yimu (*Lanternas Vermelhas* – 1991). Cada um com uma história diferente, marcada pela Revolução. Os diretores dessa geração se formaram em 1982 e foram mandados pelo governo para diferentes lugares para trabalhar, têm como marca o processo em grupo, desde a criação do roteiro.

O filme *1 and 8* (a história de soldados chineses na guerra contra o Japão) marca a mudança na forma de filmagem do cinema chinês, tornando imagem e som instrumentos dramáticos e estéticos do filme, os enquadramentos são assimétricos e os atores raramente ficam alocados no meio da imagem. Então a mesma equipe que fez esse filme, foi chamada para fazer *Terra Amarela,* que conta a história de um soldado do exército popular que vai para o campo compilar canções tradicionais e lá se apaixona, sendo esta a primeira produção chinesa a ir para o exterior.

Até a chegada de Deng Xiaoping no poder o cinema era patrocinado pelo Estado, não interessando seu sucesso, porém, com a nova política econômica e os novos interesses da população, somados ao aumento dos custos de produção, deixa apenas 20 % da produção não deficitária, há então, um investimento na volta de filmes de *kung fu,* até então proibidos, no intuito de criar um cinema comercial, acompanhado por campanhas do partido.

Algumas das reclamações dos cineastas chineses, como Jia Zhangke, por muito tempo foi a de que no espaço das salas de cinema só eram passados filmes comerciais e os filmes de arte eram retirados dessa circulação. O filme sofria censura e era exportado somente pela China Film, que detinha também, o monopólio das produções nacionais, muitos diretores tiveram seus filmes proibidos de passar na china e até, como Tian Zhuangzhuang, eram proibidos de filmar por anos.

No início dos anos 2000 produtores estrangeiros se interessam por co-produzir filmes chineses, sendo estes, porém com o intuito comercial, o que é fortemente criticado por alguns diretores, pois o conteúdo desses filmes mostra uma China extremamente exótica, e esquece a verdadeira. Coisa que não acontece com os diretores da sexta geração, que pelo contrário, mostram uma China extremamente realista e atual, cheia de contradições, levando os elementos que estão à margem social ao cinema, de modo "antipatriótico".

A sexta geração é feita por diretores que participaram efetivamente dos protestos da Praça da Paz Celestial em 89. Esses diretores são espalhados por estúdios onde não conseguem realizar seu trabalho e passam a rodar seus filmes com o financiamento de particulares, criando um cinema independente, caracterizado como produção D e cinema underground. A primeira grande produção dessa geração é "Os Bastardos de Pequim" de Zhang Yuan, "Os Dias" de Wang Xiaoshuai e "Red Beads" de He Jianjun. Que vão para o festival de Roterdã, mas quando os diretores retornam à China são proibidos de trabalhar no país, então, os diretores deixam de pedir permissão e rodam seus filmes clandestinamente.

A relativa liberdade de produção leva a liberdade de tema, os roteiros são urbanos, a câmera é móvel e a impressão é que as imagens são feitas ao vivo, é caracterizado como um cinema humanista e documental, assegurado por um sistema subterrâneo de produção, exportados em malas de viagens e filmados na rua, onde por mais que houvesse controle, ele era burlado, até pela dificuldade de se firmar um alto sistema de controle em um país tão grande. Os filmes proibidos passam em vários festivais fora do país e recebem apoio de produtoras internacionais.

Surge também um cinema documental, formado por planos longos, sem som direto, onde as pessoas simples são os personagens. A política de controle dos filmes aumenta, tenta-se fazer pressão contra os festivais para a retirada dos filmes, mas com a chegada do cinema digital fica mais fácil de burlar a censura do governo.

Com a produção de filmes comerciais transforma-se as salas de cinema em verdadeiros multiplex somente acessíveis pelas classes mais abastadas, chegando um ingresso a custar um quarto do seguro desemprego chinês. Depois que a China entra na OMC, é obrigada reunir suas filiais de produção e distribuição formando a China Film Group, também faz um acordo para que os filmes proibidos comecem a passar nas salas de cinema, porém, devido o preço o que se populariza é a pirataria, onde se encontram filmes clássicos e filmes de arte contemporâneos.

Conclusão

Percebe-se por fim, que o cinema chinês é, assim como a arte e a cultura em geral, altamente influenciado pelo meio político-econômico em que está inserido, bem como influencia esse meio. Dessa forma o cinema sobrevive, quase acaba, mas volta e se reinventa, burlando regras. Cria-se um cinema com características próprias, que tem a intenção de mostrar algo, mas que precisa mostra-lo como pode, usando o que tem e tentando fazer o melhor, com o pouco dinheiro, pouco material e o medo da repressão. Gerando uma estética cinematográfica bem particular, mas que ao mesmo tempo é muito bem quista nos festivais de cinema internacionais e já ganhou diversos prêmios, mesmo sendo chamado de underground. É interessante pensar ainda que mesmo a China, um país com um sistema misto e de forte cunho ditatorial, não consegue segurar a força artística de protesto e precisa se reinventar para o mundo, pois desde que esse cinema tem um caráter denunciativo e que é bem quisto e visto por uma comunidade internacional que aprecia esse cinema, a denúncia está sendo feita e o país precisa de alguma forma “melhorar sua imagem”.

Referências

BAPTISTA, Mauro; MASCARELLO, Fernando (Orgs.). *Cinema Mundial Contemporâneo*. Campina, SP: Papirus, 2008.

SPENCE, Jonathan D. *Em Busca da China Moderna: quatro séculos de história*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

TSÉ-TUNG, Mão. *O Livro Vermelho*. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

XINRAN. *As Boas Mulheres da China.* São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – Países. Economia da China. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php> acesso em: 25 de março 2012.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *Notas sobre o Desenvolvimento Econômico Recente na China.* 17f. Disponível em <www.iea.usp.br/artigos> acesso em: 25 de março 2012.

Escravidão Contemporânea: seus Vínculos e Conceitos na Perspectiva de Alguns Autores

Henrique de Assis Rodrigues Junior[61]

José Marcos da Silva[62]

Resumo: o presente trabalho visa analisar a forma como a historiografia e as ciências sociais tem se debruçado sobre as relações de escravidão contemporânea no pós-abolição e em tempos recentes. Tendo em vista a perspectiva de análise através de autores no campo da escravidão contemporânea que traz em suas obras perspectivas de denúncias de como a escravidão persistiu no pós-abolição.

Palavras-chave: Historiografia; Pós-abolição; Escravidão Contemporânea.

Introdução

As primeiras informações sobre estudos do tema escravidão contemporânea que obtivemos foi nos corredores da Universidade Estadual de Alagoas. Logo, a associação a escravidão africana nas Américas foi imediata. Não entendíamos a principio a distinção entre ambas e como grande parte das pessoas, estávamos acostumados a pensar a escravidão do ponto de vista de até 1888.

Ao nos dedicarmos as leituras de textos referentes ao pós-abolição como *O Significado da Liberdade* (Foner, 1988), *Geração de Cativeiro* (Berlin, 2004) e *Das Cores do Silêncio* (Mattos, 1998), passamos a compreender um pouco sobre o pós-abolição e principalmente sobre a ideia de liberdade para os ex-escravos. As leituras posteriores como José de Souza Martins, Ricardo Rezende Figueira e Neide Esterci estas, voltadas especificamente para a temática da escravidão contemporânea nos proporcionou a percepção de quanto se tratava de duas dinâmicas distintas e esta mesma diferença, torna o significado da liberdade contrário para ambas às situações.

[61] Graduando da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Bolsista do Projeto: **Capitalismo, atraso e resistência: A trajetória das denúncias de trabalho escravo contemporâneo em Alagoas (1990-1995). Do Edital PIBID/ FAPEAL/ UNEAL Nº 001/ 2012.** henrique-rodrigues1@hotmail.com

[62] Graduando da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) – Bolsista do Projeto: **Capitalismo, atraso e resistência: A trajetória das denúncias de trabalho escravo contemporâneo em Alagoas (1990-1995). Do Edital PIBID/ FAPEAL/ UNEAL Nº 001/ 2012.** jzmarcos@yahoo.com.br

Portanto, partindo dessa relação, tentamos traçar um paralelo a partir das concepções historiográficas e das ciências sociais para melhor compreender do ponto de vista bibliográfico o conceito de escravidão contemporânea, seus vínculos e distinções em relação à escravidão legal.

Alguns Aspectos de Ser Escravo e Livre no Século XIX

Desde o treze de maio de 1888 legalmente no Brasil foi abolida a escravidão. Durante certo período inexistiu, tato na historiografia internacional quando brasileira qualquer trabalho significativo acerca das condições dos ex-cativos. No caso específico brasileiro, o treze de maio parecia definitivamente ter integrado os ex-escravos a sociedade em condições de direitos reconhecidos e não mais em situações apenas de obrigações para com seu senhor.

Tal evento abolicionista arquitetou e disseminou ideias silenciadoras e ao mesmo tempo constitui uma mentalidade de superação das relações senhor/escravo. Este mesmo ideário se legitimou sem necessariamente se modificar a estrutura social que sustentou legalmente até 1888 a escravidão no Brasil. Assim os últimos anos do século XIX tornou a escravidão ilegal sem proporcionar as condições necessárias para que a ordem escravista fosse de fato superada.

De modo distinto ocorreu nos Estados Unidos uma ruptura com a estrutura fundiária sustentáculo da escravidão. A abolição norte americana permitiu aos ex-escravos o acesso a terra e esta, por sua vez como consequência lógica da liberdade representava independência em relação aos ex-senhores brancos e novas condições de trabalho (FONER, 1988:21/4).

Desse modo, as condições dadas aos ex-escravos no Brasil se distinguiu com vários aspectos se comparada a norte americana. Além disso, se para os negros libertos dos estados sulistas, norte-americanos, o significado da liberdade estava condicionado, entre tantos outros critérios, a autonomia econômica favorecida pelo acesso a terra, em contra partida no Brasil aquilo que caracterizava a liberdade de um indivíduo era a possibilidade de viver de renda, ou seja, não trabalhar (FONER, 1988:31; MATTOS, 1998:32).

Nesse sentido, a condição de liberdade se estabelecia na medida em que esta mesma liberdade tornasse viável aos libertos o mesmo estilo de vida dos brancos, no caso específico brasileiro (MATTOS, 1998:32/3). Não muito distinto, ocorreu com os ex-escravos nos Estados Unidos. Para Foner (1988), dentro de sua lógica própria, em uma sociedade escravocrata a representação da liberdade estaria contida na figura dos ex-senhores. Portanto, assimilar tal referência senhorial como expressão legítima da liberdade fazia parte do ideário de liberdade dos ex-cativos.

Qualquer forma de trabalho vinculado a qualquer rememoração das condições das condições de cativeiro era motivo de rejeição dos libertos. A resistência em exercer atividades e cultivar certas plantações como o algodão nos Estados Unidos, apontado pelo autor, residia na mente dos libertos como voltar a situação de escravo outra vez mesmo sendo esta atividade exercida numa dinâmica trabalhista livre.

Mesmo distintas, as dinâmicas sociais escravocratas brasileiras e norte americanas apresentam algumas semelhanças. Se para os libertos americanos do século XIX o trabalho em fazendas representava o cativeiro e a negação de sua própria liberdade, princípios semelhantes faziam parte da mentalidade dos libertos no Brasil de 1888.

> Para o escravo, a liberdade não era o resultado imediato do seu trabalho, isto é, trabalho feito por ele, mas que não era seu. A liberdade era o contrário do trabalho, era a negação do trabalho; ele passava a ser livre para recusar a outrem a força de trabalho que agora era sua. Para o homem livre, quando e porque despojado dos meios de produção, ao contrário, o seu trabalho era condição da liberdade. (MARTINS, 2010: 34).

O treze de maio de 1888 não inseriu de imediato os libertos nas modificações ocorridas nas relações de trabalho sua recusa se baseava (no caso específico das lavouras de café) no simples fato de que se modificaram até certo ponto as relações de trabalho, mas não necessariamente a estrutura de cativeiro, ou melhor, a grande propriedade sustentada pela monocultura.

Até o momento, os critérios expostos demonstram a noção de liberdade para os libertos tanto na lógica escravista norte americana quanto da ex-colônia ultramarina portuguesa do Atlântico Sul através de perspectivas historiográficas e sociológicas. Se tais critérios nos possibilitam compreender um pouco da noção de liberdade para os ex-escravos, quais seriam nessa dinâmica escravista do século XIX nas duas sociedades citadas os elementos para condicionar um ser humano à escravidão? Sem dúvida o principal deles é a cor da pele. Isso é tão forte na mente das pessoas que ao se falar sobre a ideia de escravidão logo se associa esta condição degradante ao negro.

Mesmo a liberdade não se manifestando de forma homogênea tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil como nos mostra Foner (1988), diversas também foram as formas de resistências e as características da violência. E por mais variado que fossem os componentes da escravidão e da liberdade no pós-abolição o estereótipo da cor era elemento condicionante no século XIX para associar um indivíduo à escravidão.

As variações específicas não deixavam de existir, mas se para um norte americano a associação a negritude estaria no sangue para um brasileiro, esta semelhança se manifesta na cor de sua pele ao criar, por exemplo, denominações como pardos mulatos uma certa diminuição de seu de negritude. No entanto, o vínculo ao estereótipo nível da cor dos africanos não deixa de se manifestar mesmo distintas em ambos os casos:

> [...] desde que a escravidão no novo mundo se tornou exclusivamente identificada com as pessoas de origem africana, a explicação dos proprietários de escravos para sua própria dominação em geral assumiu a forma de ideologias raciais. (BERLIN, 2006:23)

Esta mesma ideologia racial ganhava um caráter mais elaborado principalmente com as ideias evolucionistas de Darwin. Todas as ciências humanas e sociais da atualidade na sua grande maioria nascem no século XIX sobre influência direta do darwinismo. O destaque dado ao negro e sua associação à escravidão no mundo contemporânea é fruto da disseminação dessa ideologia racial evolucionista.

A escravidão negra entre os séculos XVI e XVIII foi justificada por inúmeras razões e se manifestou de variadas formas onde ela tenha existido nesse período. As justificativas para sua legitimação se fundamentava principalmente em princípios legais e religiosos. Pela ótica branca, a associação da cor com a escravidão não deixava de existir o que sem dúvida, não era feito em África, mas, o vínculo genuinamente racial da escravidão é típico do século XIX (SCHWARCZ, 2012:63).

O reforço específico sustentado pelo ideário hierárquico racial no pós-abolição reflete a escravidão como sinônimo de negro. Tal ideário tanto faz parte da mentalidade daqueles que vivenciaram a dinâmica escravista na condição de senhor, bem representada na literatura do século XIX com do XX nos textos de Machado de Assis e Monteiro. Este último, em seu conto *Negrinha*, apresenta relações tipicamente escravista associada à cor da menina. E Machado de Assis em seu conto *Pai contra Mãe*, aponta as condições daqueles ditos livres e pobres e para sobreviver, tal sujeito livre se vê obrigado a capturar uma escrava fugitiva e, ao longo da trama a associação a cor é sempre referenciada.

No século XIX, portanto, enquanto a escravidão estava ligada a cor da pele, especificidades como as descritas por Machado são ignoradas como condições análogas de escravo e como meio para tal fim. Por essa razão, o debate acerca das situações contemporâneas de escravidão fica na obscuridade durante várias décadas, e ao se levantar qualquer questionamento sobre a temática, a associação ao negro é sempre constante.

Para além da questão biológica, outro elemento característico da escravidão moderna apresenta-se na prática compulsória de trabalho e na privação da própria liberdade. *"[...] As especificidades relativas ao contexto econômico, social e político em que ocorreu [...] (*PEREIRA,

2009:252), *refletia a determinação dos brancos em definir a seu próprio modo, o significado da liberdade [...]"* (FONER, 1988:32).

A resistência a esta privação era tida como exemplos de insolência e insubordinação para com os brancos. Enquanto proprietário do outro, o dever de subordinado era obedecer ao seu senhor e dono.

> Provavelmente, o maior número de ações violentas ocorreu a partir de disputas emergentes devido aos esforços dos negros de seus ex-senhores. Os libertos eram atacados e assassinados por tentar deixar as fazendas, por discutir os ajustes contratuais, por não trabalhar no modo desejado por seus empregadores, por tentar comprar ou arrendar terra, e por resistir aos açoites [...] (FONER, 1988:33).

A abolição não promoveu de imediato a tão sonhada liberdade: seriam necessárias várias décadas de resistência para se romper com o cativeiro implantado principalmente pela cor no século XIX no pós-abolição. No Brasil, o reflexo desta permanência se faz representar em personagens como Dona Inácia de Monteiro Lobato em seu conto *Negrinha*. Enquanto nos Estados Unidos a luta pelos direitos civis dos negros a partir da década de 1960, revela as incoerências da abolição de 1865.

Se por várias razoes a escravidão e a própria ideia de cativeiro assumiu vários significados, não muito distinto, ocorreu com a própria liberdade, essa característica diversa do que é ser escravo ou livre é comum também, nas especificidades contemporâneas de escravidão. Se a privação da liberdade seria o que as modalidades de escravidão atual têm em comum com a escravidão negra, a distinção está na ilegalidade de tal prática em relação a escravidão africana nas Américas.

Nesse sentido, qual o contexto em que estão inseridas as situações de trabalho escravo contemporâneo e suas especificidades?

As situações de trabalho escravo contemporâneo e suas especificidades se caracterizam a partir da implantação do trabalho livre**.** Estas mesmas condições de trabalho, estão relacionadas ao desenvolvimento específico do capitalismo no Brasil. O processo de acumulação necessário para seu desenvolvimento está vinculado em alguns casos a situações degradantes de trabalho. Tal acúmulo se dá mais intensamente onde inexiste resistência organizada.

Um dos grandes desafios segundo alguns estudiosos da temática é conseguir uma conceituação adequada para as modalidades de situações de trabalho escravo contemporâneo. A diversidade das situações, regionais e locais, tem dificultado

pesquisadores a constituírem uma característica comum para os vários casos encontrados no cenário nacional.

> A pequena e fascinante literatura histórica e sociológica relativa à persistência ou ao renascimento de formas escravistas de relações de trabalho, em diferentes sociedades, põe o pesquisador diante de alguns dilemas de solução difícil. O principal deles é o da própria conceituação da modalidade de trabalho que num país como o Brasil, com facilidade tem sido definida como trabalho escravo. Outro, já não tão difícil, é o de inserção histórica ou, dizendo de um modo discutível, o do modo de produção que tais relações fazem parte (MARTINS, 1995: 01).

Para Esterci (2008: 05), conceituar as relações existentes nessa lógica de exploração significa como modalidade de trabalho escravo, por exemplo, se apresenta um contexto de dominação. Se para a Antropologa definir o conceito de escravidão contemporânea seria medir o nível de dominação de uns em relação aos outros, para Martins (1995) compreender o percurso histórico das possibilidades de acumulação de capital no Brasil, levando-se em conta as especificidades regionais, torna-se viável e seguro à compreensão do que viria a ser escravidão contemporânea e seus vínculos.

"As desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais mantidas e aprofundadas no processo de implantação da lógica capitalista no Brasil tornaram possível o que era legalmente inaceitável" [...] (PEREIRA, 2009: 253). Estas mesmas desigualdades variam de região para região e consequentemente o grau e as formas de exploração. Assim, se cada localidade apresentam características próprias no tocante às modalidades de trabalho escravo contemporâneo, encontrar um conceito comum para todas as definições torna-se uma prática inviável.

As múltiplas representações apresentam formas diversas de coerção e traduz situações tão variadas que a palavra escravidão em tempos recentes ganha inúmeras conotações.

> [...] Como não se trata exatamente da modalidade da escravidão que havia na antiguidade greco-romana, ou da escravidão moderna de povos africanos nas Américas, em geral o termo escravidão veio acrescido de alguma complementação: "semi", "branca", "contemporânea", "por dívida", ou, no meio jurídico e governamental com certa regularidade "análoga" que é a forma como o Artigo 149 do Código Penal Brasileiro (CPB) designa a relação. Também têm sido utilizadas outras categorias para designar o mesmo fenômeno, como "trabalho forçado", que é uma categoria mais ampla e envolve diversas modalidades involuntários, inclusive o escravo [...] (FIGUEIRA, 2004: 35).

Torna-se significativo do ponto de vista da pesquisa entender as situações análogas a escravidão dentro de sua teia de relações. Mesmo a escravidão por dívida, por exemplo, sendo uma categoria específica os locais onde esta se reproduz variam assim como também sua prática. Isso implica afirmar que as diversas categorias de trabalho escravo não obedecem a uma homogeneidade.

Considerações Finais

Do ponto de vista dos teóricos citados é majoritário o consenso entre eles sobre as dificuldades de se conceituar trabalho escravo contemporâneo. Vale ressaltar o quanto pela perspectiva dos autores é significativo levar em conta as especificidades locais e seus vínculos políticos, econômicos, sociais e culturais para melhor se compreender as diversas situações que se apresentam nos âmbitos locais, regionais e nacionais. Por fim, seja qual forem às especificidades de trabalho entendido como degradante para melhor compreendê-lo é importante considerar dentro de sua dinâmica própria.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. **Pai Contra Mãe.** Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br.> Acesso: em 10/ 08/2013. .

BELIN, Ira. **Geração de Cativeiro.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

ESTERCI, Neide. **Escravos da Desigualdade: um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje.** Disponível em: <www.centroedeistein.org.br> Acesso em 14/08/2013.

FIGUEIRA, Ricardo Resende. **Pisando Fora da Própria Sombra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FONER, Eric. **O Significado da Liberdade.** São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 8, nº 16, 1988.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha.** Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br> Acesso em 11/08/2013.

MARTINS, José de Souza. **O Cativeiro da Terra.** São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **A Reprodução do Capital na Frente Pioneira e o Renascimento da Escravidão no Brasil.** São Paulo: Revista Tempo Social, USP, 1995.

MATTOS, Hebe Maria. **Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

PEREIRA, Gladyson Stélio Brito. **A Escravidão Contemporânea no Brasil**: A Trajetória Histórica de um Debate Teórico – Metodológico e Político (1985 – 2003). Artigo da Revista AEDOS, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia da Letras, 2012.

Ambiente Urbano Versus Produção do Espaço: uma Análise a Partir da Cidade do Recife

Ítalo César de Moura Soeiro[63]

Resumo: os estudos relacionados às condições do ambiente urbano vêm se intensificando, haja vista todas as mazelas relacionadas a esse espaço, como, a violência, a falta de mobilidade entre tantas outras já discutidas em diversos encontros. O caos urbano está constantemente relacionado ao crescimento desordenado das grandes cidades, a falta de planejamento e a uma produção do espaço que visa uma acumulação do capital. Não é diferente na produção do espaço da cidade do Recife. O objetivo desta comunicação é fazer uma análise da produção do espaço da cidade do Recife em relação ao sistema ecológico existente no ambiente urbano. Ao analisar o recorte espacial foi possível observar que existe uma produção do espaço que historicamente garante uma acumulação do capital e não um equilíbrio das relações sociais e ecológicas no ambiente da cidade.

Palavras-chave: Produção do espaço; acumulação de capital; ambiente urbano; ecologia urbana.

Introdução

Alguns autores consideram as cidades como ecossistemas por estarem sujeitas aos mesmos processos que atuam em sistemas naturais. Outros argumentam no sentido contrário, que as cidades possuem algumas características encontradas em ecossistemas naturais, porém não podem ser consideradas como ecossistemas verdadeiros, devido à influência do homem, porém observar desta forma é entender o homem como não natureza. O fato é que se definirmos ecossistema como um conjunto de espécies interagindo de forma integrada entre si e com o seu ambiente, as cidades certamente se encaixam nesta definição como afirma Jacobi (2000).

As grandes cidades e outras áreas povoadas estão repletas de organismos. O construtor destes habitats "artificiais" é o homem, compreendendo o "artificial" como o apropriado e não como algo fora da natureza, aonde uma infinidade de outras criaturas vão aproveitar e se adaptar a esses novos habitats recém-criados:

63 Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. italosoeiro@gmail.com

> Os organismos urbanos, incluindo o homem, também se relacionam com os outros organismos e estas interações podem ser estudadas, sob o ponto de vista conceitual, da mesma forma que relações ecológicas de ecossistemas naturais. (JACOBI, 2000, p.1).

Desta forma, estudar o ambiente urbano sem entender o homem como um organismo natural do sistema ecológico é um equívoco. Vejamos o que José Martí[64], citado por carvalho, entende coma natureza:

> ¿Qué es la naturaleza? El pino agreste, el viejo roble, el bravo mar, los ríos que van al mar como a la Eternidad vamos los hombres; la Naturaleza es el rayo de luz que penetra las nubes y se hace arco iris; el espíritu humano que se acerca y eleva con las (...) nubes del alma, y se hace bienaventurado. Naturaleza es todo lo que existe, en toda forma, - espíritus y cuerpos; corrientes esclavas en su cauce; raícesesclavas en la tierra; pies, esclavos como las raíces; lamas, menos esclavas que los pies. El misterioso mundo íntimo, el maravilloso mundo externo, cuanto es, deforme o luminoso y oscuro, cercano o lejano, vasto o raquítico, licuoso o terroso, regular todo, medido todo menos el cielo y el alma de los hombres (...) es Naturaleza. (19:364), (Carvalho, 2000, p.15).

Percebe-se aqui que para Martí, natureza representa, conforme tal delimitação, "tudo o que existe", incluído o homem. Seguindo essa lógica a presente comunicação objetiva colaborar para a desmistificação do pragmatismo de entender o homem e o espaço por ele utilizado, como não natureza, assim instigando para uma nova ótica sobre o espaço urbano.

Desta forma pretende-se analisar a apropriação da natureza e a produção do espaço da cidade do Recife, Pernambuco sob o ponto de vista conceitual das relações ecológicas e de ecossistemas "naturais", ou seja, por conceito que são utilizados para estudar as relações tidas como "naturais".

Ecologia Humana

Olivier (1979, *apud*. Diaz, 1994) define a Ecologia Humana como o estudo, quer da ação do homem sobre a natureza, quer da ação da natureza sobre o homem, em uma relação dialética. Boyden *et al.* (1981, *apud*. Diaz, 1994) apresentam Ecologia Humana

[64] Escritor, intelectual e herói da independência cubana, José Julián Martí y Pérez (1853-1895).

como o estudo das inter-relações dinâmicas entre o homem e os aspectos físicos, bióticos, sociais e culturais do seu ambiente, assim:

> Qualquer estudo que objetive esclarecer a relação homem-ambiente, terá, necessariamente, que abordar o duplo aspecto do homem: de um lado, aquele ser que desempenha um papel na teia alimentar, e de outro, aquele ser que no complexo social é capaz de transformar a natureza produzindo a evolução social. Essa abordagem envolveria aspectos biológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. (LIMA, 1984, *apud*. DIAZ, 1994, p. 24).

Já Machado (1985, *apud.* Diaz, 1994) aborda que na Ecologia Humana as interações ocorrem entre dois sistemas, o do homem e o do meio ambiente, onde um é o do próprio homem e o outro é o do ambiente do homem, assim o processo é dinâmico e apresenta-se em equilíbrio transitório, sofrendo constantes reorganizações com características evolucionárias. Dessa maneira, à análise dessas interações constituem o objetivo da Ecologia Humana.

Conforme visto nesse breve referencial, não há um consentimento entre os autores, porém todos guardam nas suas definições o caráter holístico da abordagem Homem-Natureza.

Ecossistema Urbano

Um sistema ecológico é definido por Odum (1985, *apud*. Diaz 1994), como a interação entre seres vivos e o seu ambiente não vivo, inter-relacionados. Na Ecologia Humana a definição de ecossistema urbano, envolve fatores peculiares tendo em vista às características singulares da espécie humana. O *Homo sapiens sapiens* tem apenas 2500 gerações, mas só ao longo das últimas duzentas, desenvolveu aglomerados urbanos como afirma Diaz (1994). Esses aglomerados urbanos, segundo Odum (1985, *apud*. Diaz, 1994), "diferem de ecossistemas heterotróficos naturais, por apresentarem um metabolismo muito mais intenso por unidade de área, exigindo um influxo maior de energia, e uma grande necessidade de entrada de materiais e de saída de resíduos". O rápido processo de urbanização observados nos últimos 60 anos, vem modificando o espaço mais do que qualquer atividade em toda a história humana. Para Odum (1985):

> A cidade moderna é um parasita do ambiente rural, porquanto produz pouco ou nenhum alimento, polui o ar e recicla pouca ou nenhuma água e materiais inorgânicos. Funciona simbioticamente quando produz e exporta mercadorias, serviços, dinheiro e cultura para o ambiente rural, em troca do que recebe deste. (ODUM, 1985, *apud*. DIAZ, 1994, p.25)

Para Darling & Dasmann (1972, *apud*. Diaz, 1994), os alimentos consumidos na cidade, na perspectiva da cadeia trófica, o final da cadeia alimentar, representam a fertilidade de solos e outros recursos naturais de outras áreas. Vejamos:

> A água usada não é aquela que cai sobre a cidade, mas a que é trazida de longe; o lixo produzido não circula de volta para o solo que produziu o alimento, mas sim através de novas cadeias; e até mesmo parcelas da população humana da cidade terão sua mobilidade geográfica em função das estações do ano. (DARLING & DASMANN, 1972, *apud*. DIAZ, 1994, p.26).

A divisão do trabalho gerou uma relação de espaços funcionais. Os espaços das cidades têm funções distintas do espaço do campo, por exemplo, porém dentro da própria cidade existem espaços com funcionalidades diferentes e com tipos de apropriação e relações ecológicas também distintas.

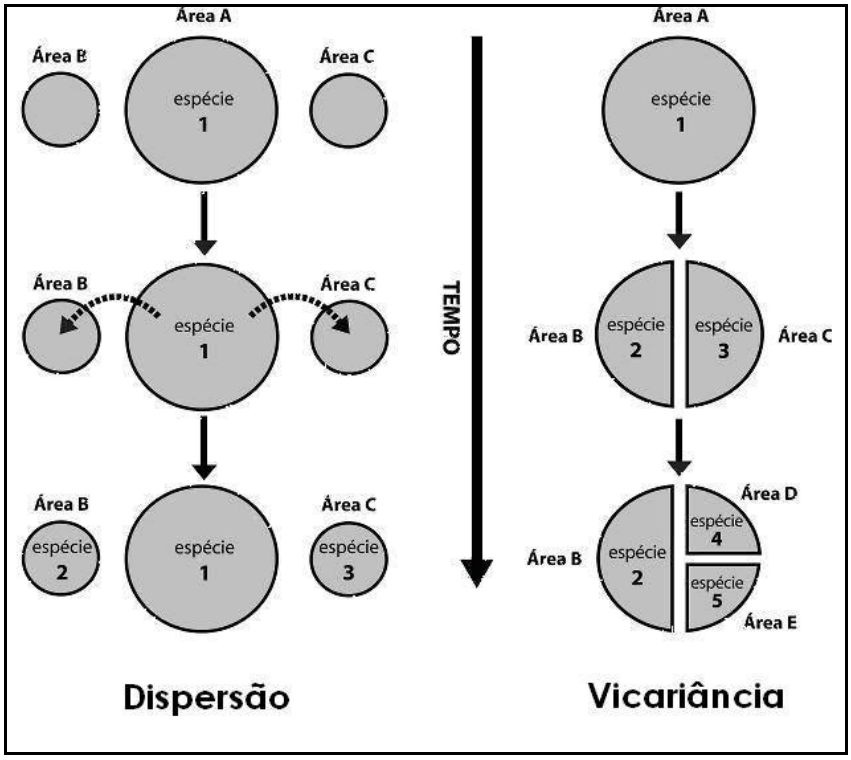
A Distribuição por vicariância e dispersão no espaço urbano

Trazendo o tema para uma abordagem através da biogeografia, encontramos contribuições a partir da biogeografia histórica, que tenta compreender o padrão de distribuição das espécies, ou seja, porque as espécies estão distribuídas da forma atual e quais fatores influenciam nesses padrões de distribuição. Dois processos , que permitem explicar essa distribuição: a dispersão e a vicariância. Conforme Barreiro (2013):

> Na dispersão os organismos teriam se deslocado para as áreas onde atualmente se encontram ultrapassando barreiras pré-existentes (Udvardy, 1969). A vicariância se refere ao isolamento de populações, que antes eram conectadas, por meio do surgimento de barreiras geográficas ou ecológicas como a deriva continental, surgimento de montanhas e glaciação. (Croizat et al 1974, Nelson & Rosen 1979) (BARREIRO, 2013, p. 41).

Através da observação da figura abaixo é possível compreender melhor (Fig. 1). Vejamos:

Figura 1: Modelos Esquemáticos dos Processos de Dispersão e Vicariância



Fonte: (biofecunda.wordpress.com),
com adaptações de Ítalo César de Moura Soeiro, (2013)

No contexto do espaço urbano, entende-se que o isolamento, produzido por vicariância, não no sentido do intocável, mas no sentido de exclusão, onde esse isolamento-exclusão não é gerado apenas por barreiras físicas, mas também por barreiras que não são tangíveis, ou seja, barreiras produzidas socialmente.

O espaço é utilizado por todos os animais para a reprodução da vida, não é diferente com o *Homo sapiens sapiens*. O Homem existe no espaço, assim como todos os outros,

porém no decorrer do tempo foi desenvolvendo técnicas que deram uma possibilidade de maior apropriação da natureza. Por outro lado, a construção social de discursos ideológicos filosóficos, políticos religiosos, familiares etc., peculiaridade de nossa espécie, tendiam a encobrir a naturalidade do homem. Para José Martí, o homem em sociedade constroi e carrega diante de si uma mascara que oculta sua verdadeira e natural essência como mostra Carvalho (2000). Desta forma vem moldando a natureza-espaço de maneiras distintas no decorrer da história, porém esses discursos ideológicos não modificam a natureza-espaço diretamente assim como a técnica e os instrumentos, ela utiliza dessas técnicas para modificar o objeto. Os demais animais também desenvolvem suas técnicas de apropriação da natureza, a construção de uma toca pelo tatu ou de um ninho por um pássaro, por exemplo, se diferenciando do Homem apenas construção das e deias e dos discursos, por exemplo, a ideia de valor criado por nós, modificou e modifica a natureza-espaço, principalmente quando se cria a ideia de propriedade e mercadoria e quando o capitalismo se apropria destas ideias nos fazendo observar o espaço não mais como o local da reprodução da vida e sim como propriedade e mercadoria. Para a espécie humana, o espaço não apenas tem um valor de suprimento de suas necessidades, como para os demais animais, como também um valor ligado ao poder.

É perceptível no espaço urbano, a existência de processos de adaptação e de apropriação da natureza-espaço pelo homem, bastante distintos. Abramo (2003) nos relata que existem diferentes lógicas de produção habitacional na America Latina. No Brasil, o autor nos indica a existência de três diferentes lógicas, são elas: Lógica do Estado, Lógica do Mercado e a Lógica da Necessidade. Partindo desta observação, pode ser afirmado que dentro do espaço urbano, mesmo sem a existência de barreiras físicas, existem lógicas de apropriação, lógicas de adaptação e lógicas de produção do espaço distintas, ou seja, indivíduos de mesma espécie com adaptações distintas utilizando espaços com condições ecológicas muitas vezes idênticas.

Desta forma, existe dentro do espaço urbano uma espécie que se distribui por vicariância, apesar de não se observar uma barreira física, porém poderíamos chamar de uma barreira ecológica, já que se dá por uma relação de dominação entre indivíduos de mesma espécie. Ou não poderíamos?

Na comunicação aqui apresentada, acredita-se que apesar das diferenciações do conceito de vicariância apresentado pelos autores da biologia, da ecologia, e da biogeografia, já que não gera espécies diferentes, pois com os homens não existe uma modificação genética, já que os mesmos estão em constantes modificações nas lógicas de adaptação, existem sim barreiras criadas por uma relação ecológica que alguns preferem chamar de relação social, que na realidade não deixa de ser ecológica. Ou seja, analisa-se aqui o homem com conceitos utilizados para explicar as relações e situações tidas como naturais, já que se entende o homem, neste trabalho, como um ser natural.

Essa existência de uma relação de poder entre os indivíduos da espécie humana, entre os mais fracos e os mais fortes, gera tais lógicas distintas de apropriação. Esse poder está relacionado ao acesso ao capital, ou seja, essa relação interespecífica vem criando barreiras quase que físicas, em alguns casos até se materializando, não permitindo que a parcela mais fraca utilize espaços de poder, ou seja, espaços onde exista um valor agregado além do valor de suprimento das necessidades.

No conceito de vicariância, os indivíduos ao se separarem, tanto pelo surgimento de barreias físicas, quanto por fatores ecológicos, vão se adaptando de maneiras diferentes, isso gera variações da espécie primaria. Isso ocorre com os homens? Essa é uma proposta de investigação que surge desse trabalho. Inclusive para pesquisas de cunho biológico. Sendo assim, dentro do próprio espaço urbano, se observarmos a parte da população que detém o poder (capital) com uma parcela da população que mora em palafitas - habitações precárias -, é perceptível à diferenciação na lógica de produzir o espaço como também na lógica de apropriação propriamente dita, ou seja, indivíduos com adaptações diferentes.

Essa distribuição da população da espécie humana no espaço urbano pode ser entendida também pelo conceito biogeográfico de dispersão, ou seja, essa parcela da população pode superar essa barreira criando espaços de resistência onde impera a lógica do mercado, fazendo valer assim, a lógica da necessidade. Entretanto, esses indivíduos sentem a necessidade de se retirar desse espaço de resistência, através da

coerção, ou, por muitas vezes, são retirados à força, visto que, geram uma desvalorização mercadológica do espaço, por fugir da ideia de "normalidade" criada pelo capital. Percebe-se que no espaço urbano existe um tipo de seleção "natural".

Essa lógica seletiva, ou melhor, excludente, é o que faz com que a parcela que está desprovida do capital tente ingressar na parcela que detém o capital, já que essa lógica está presente no discurso social como a lógica correta a ser seguida. Por exemplo, a publicidade, comandada pela lógica de mercado, vem montando o discurso da "normalidade" e da "necessidade", onde se é normal utilizar uma calça rasgada e ainda lhe é mostrado como necessário, informando que a lógica correta a se seguir para a produção do nosso espaço é a lógica de mercado, criminalizando a lógica da necessidade. O "feio" está na produção que se baseia apenas no valor de uso e o "belo" está nos moldes de produção do mercado, um modelo que visa à acumulação do capital, a ideia do fetichismo da mercadoria apresentada por Karl Marx[65].

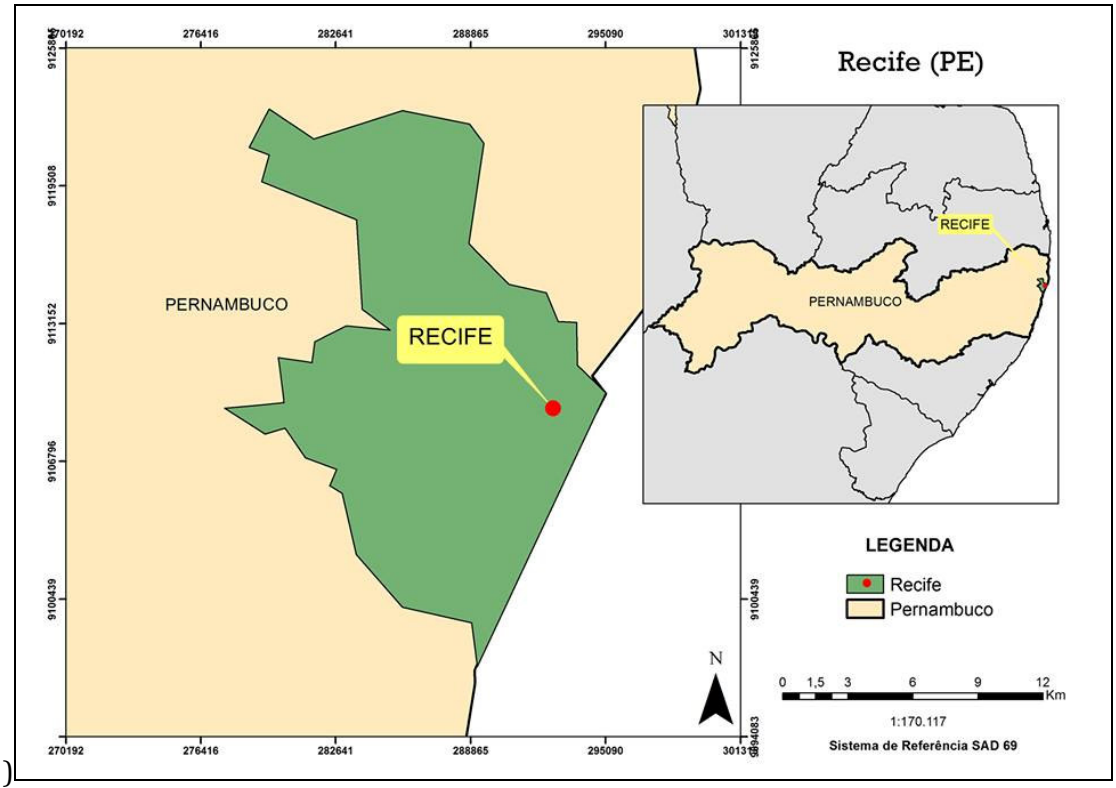
Uma aplicação na cidade do Recife

Nesse momento vamos fazer uma aplicação desta metodologia de análise no caso da cidade do Recife, situada na mesorregião metropolitana que recebe seu nome, e é o maior centro urbano de Pernambuco, limitando-se a norte com as cidades de Olinda e Paulista; ao sul com o município de Jaboatão dos Guararapes; a oeste com Camaragibe e São Lourenço da Mata e a leste com o Oceano Atlântico (Fig. 2).

O recorte espacial em análise se refere ao nosso lugar – entendido como *locus* de relações de identidade pessoal – enquanto autoria deste trabalho. Sendo assim, de maneira empírica, este é o lugar em que vivemos, estudamos, trabalhamos e temos nossas relações, desta forma, temos certo conhecimento de sua dinâmica e estruturação.

[65] Marx notou que a mercadoria, não mantinha o seu valor real de venda, mas sim, adquiria uma valoração irreal, como se não fosse fruto do trabalho humano, ou seja, a mercadoria parecia perder sua relação com o trabalho e ganhava vida própria, o Marx nomeou esse fenômeno de "**Fetiche da mercadoria**". É o que acontece com o espaço/mercadoria.

Figura 2: Mapa do Município do Recife



)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), com alterações feitas por Rodolpho Dantas Gouveia.

O Recife surgiu a partir da área portuária que servia à cidade de Olinda, construído para escoar o Pau-Brasil e os produtos das atividades agro-açúcareiras da então capital pernambucana. Porém em 1631, Olinda é ocupada e destruída pelos holandeses e posteriormente sua uma parcela de sua população se transfere para Recife, que se torna a sede do domínio holandês, consolidando assim o Recife como centro do Nordeste açucareiro (ANDRADE, 1987).

Atualmente na sua distribuição territorial ocorre um agrupamento do comércio e dos serviços em uma determinada área, denominada pela população como o "centro da cidade", que não é o centro geográfico, porém é um "centro" de atividades econômicas, culturais, jurídicas e políticas. Essa aglomeração não é advinda de ações planejadas ou muito menos pensadas, mas sim, a partir de uma gênese sócio-histórica.

O porto do Recife se localiza exatamente neste núcleo histórico. Desta forma o comércio na localidade foi bastante estimulado com a presença da estrutura portuária

que viabilizou, assim**,** a concentração do comércio e dos serviços neste espaço. Essa concentração na atualidade vem ocasionando o aumento no fluxo de pessoas e veículos na localidade, pois, por ter uma centralização dos serviços, é notório que os fluxos também sejam mais adensados. Segundo Corrêa (2003) foi a partir de estruturas com acessibilidade, terminais ferroviários, que determinados espaços na cidade foram ganhando inegável importância.

> Próximas a estes terminais, vão se localizar aquelas atividades, muitas delas então nascentes ou em ampliação, voltadas para o mundo exterior à cidade, o comércio atacadista, depósitos, escritórios e a indústria: a localização junto aos terminais de transporte era essencial, significando diminuição de custos. Estas atividades criaram enormes mercados de trabalho, fazendo com que a área se tornasse, além de foco de transportes inter-regionais, o foco de transportes intra-urbanos, que também, a partir da segunda metade do século XIX, foram largamente ampliados. Emerge assim uma área de maior acessibilidade dentro da grande cidade (CORRÊA, 2003, p. 39).

Portanto, a partir da citação acima, pode-se aferir que a centralização de serviços e infraestruturas em determinadas partes do núcleo da cidade foram fatores determinantes para o maior dinamismo de algumas porções do espaço urbano, assim como a ampliação de sua área comercial.

No Recife identifica-se a existência de duas centralidades: uma corresponde ao centro comercial, ou seja, “o centro da cidade” que corresponde aos bairros de São José, Boa Vista, Santo Antônio, entre outros, e a outra ao bairro de Boa Viagem que é um centro empresarial e imobiliário, como acusa o Plano de Mobilidade da Cidade do Recife (2008).

Segundo Carlos (2011), a sociedade e o espaço/natureza não podem ser vistos de forma desarticulada, pois cada estágio do desenvolvimento da sociedade corresponderá por consequência ao estágio do desenvolvimento da produção do espaço, onde de um lado a sociedade se apresenta com o seu trabalho, suas técnicas e instrumentos; e do outro está o meio natural. Ainda segundo a autora, na relação do homem com a natureza, produz-se:

- A natureza modificada, transformada, reproduzida;

- Os produtos necessários para a sobrevivência da sociedade, capazes de satisfazer suas necessidades;
- Novas relações sociais, modos de pensar e de vida, cultura, ideias, etc.

O surgimento de uma cidade vincula-se a uma ou mais funções urbanas. Desta forma uma cidade pode ser industrial, cultural, comercial, administrativa e/ou política, como demonstra Carlos (1992). O Recife, a princípio, uma cidade portuária, logo desenvolveu sua função comercial. Tornou-se uma cidade de poucos empreendimentos industriais, mas de diversas atividades comerciais. É um espaço de luta entre os agentes urbanos de produção deste espaço. Pode-se dizer que é fruto das atividades econômicas, culturais, ideológicas, políticas e sociais que se desenvolveram nas relações humanas sobre aquele determinado espaço, ou seja, lógicas de produção do espaço que se confrontam. Em outras palavras é resultado de seu processo histórico. As especulações, tanto comerciais quanto imobiliárias, se tornaram, ao longo do tempo, os traços mais claros de sua dinâmica de expansão, porém junto a esse contexto, aumenta a segregação espacial e social. Segregação esta que se dar no contexto da vicariância e da dispersão.

Segundo Castilho (2011) o Recife, desde os primórdios da sua formação histórico-territorial, possui uma organização espacial muito desigual, resultado de uma lógica de organizacional onde predominaram interesses voltados à ampliação dos fluxos econômicos, transformando tudo em mercadoria. O autor destaca que Marx já nos alertava em suas reflexões teóricas, argumentando que, no capitalismo, existe uma tendência da transformação de tudo em mercadoria, inclusive, o espaço.

> Sob o capitalismo, existe uma tendência à "homogeneização" dos lugares a fim de inseri-los na dinâmica das relações de mercado alienando a sociedade em todas as suas dimensões, incluindo a dimensão espacial dos homens banais. Nesse sentido, os lugares passam a ser produzidos para atender, de preferência, aos interesses da acumulação de capital; o que se faz mais grave nos lugares em que a globalização torna-se ainda mais perversa como é o caso de Recife e de sua área metropolitana. (CASTILHO, 2011, p.100)

Com base nestas observações da realidade socioterritorial do processo de produção do espaço urbano do Recife, percebe-se um "modelo" de desenvolvimento desigual,

ou seja, o espaço urbano é produzido para garantir principalmente os interesses da acumulação de capital, transformando tudo em mercadoria como alertou Castilho (2011). Assim, fica evidente que o espaço urbano, no sistema capitalista, se constitui como *locus* da acumulação do capital, não é produzido pensando no suprimento de necessidades ligadas as relações ecológicas ou de suprimento das necessidades de todos os indivíduos e sim dos indivíduos mais "fortes", ou seja, que detém o capital. O que se constata na realidade é que ao longo do processo de formação territorial da cidade, o seu espaço tem sido organizado, sobretudo, para facilitar os fluxos econômicos e garantir a expansão do capital.

Neste contexto, o Estado vem perdendo sua capacidade de intervenção sobre o espaço público por tomar critérios mercadológicos com base no neoliberalismo para estabelecer ~~as~~ suas políticas públicas, não priorizando a realidade social local, e sim a dos detentores do capital. Nesse sentido a população encontra-se inserida em uma lógica de consumidores e não de sujeitos sociais. Portanto, verifica-se que as empresas se mobilizam para atender aqueles que têm poder aquisitivo de compra. Já os indivíduos que não podem arcar com os custos, ficam as margens da sociedade, não se inserindo nos planos desses novos produtores do espaço urbano. Essa seria a barreira geradora da vicariância e da dispersão.

No Recife podemos encontrar parcelas da população que residem no espaço da cidade em um estado de nomadismo, por não deter "propriedade" sobre nenhum espaço, residindo nos espaços públicos como praças, parques públicos, em baixo de pontes e viadutos, se apropriando assim, de espaços indesejados pelo mercado. Por outro lado ao se apropriarem de espaços indesejados pelo mercado, a partir do momento em que o Estado garante uma infraestrutura básica de luz, água, gera uma valorização deste espaço. Desta forma, vira mais uma área de interesse do capital e se torna questão de tempo uma nova população passar a residir àquele local e os indivíduos vão perdendo seu espaço e são forçados a voltar a seu estado de nômade. Esse nomadismo contemporâneo, no espaço urbano, está relacionado à falta de subsídios básicos para a sobrevivência e principalmente à falta de um espaço, já que o espaço virou uma mercadoria. A diferença básica da causa do nômade histórico é que não seria a falta de comida, por exemplo, pois a comida está presente neste espaço, assim como a água

entre outros elementos, por mais que sejam elementos trazidos de outros espaços, porém essa parcela praticamente não tem acesso por não ter acesso primeiramente ao capital, e não por uma limitação quantitativa de recursos, já que a cidade importa esses recursos de outro espaço.

No dizer de Corrêa (2003) a dinâmica dos sujeitos sociais intensifica um processo de reorganização espacial da cidade, pois:

> A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade. É preciso considerar, entretanto, que a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado (CORRÊA, 2003, p.11).

Percebe-se uma relação de articulação dos organismos dentro do espaço da cidade, ou seja, existem relações ecológicas muito intensas na cidade, pois como pôde ser observado nessa discussão. A presença de fatores ecológicos explica as lógicas de (re) produção do espaço da cidade do Recife e de distribuição dos indivíduos no espaço da cidade.

Considerações finais

Essa forma de observação do espaço urbano, das dinâmicas dos organismos neste espaço e das relações ecológicas, que poderíamos chamar também, no caso das relações intraespecíficas da espécie humana, de relações de poder, surge não como solução para a problemática do direito à cidade nem ao desequilíbrio ecológico neste espaço, mas sim como uma forma de retirar a mascara que o homem carrega na tentativa de ocultar sua essência natural, pois se entende essa mascara como uma das principais culpadas pelas problemáticas ecológicas dos espaços. Para que a partir daí, pensarmos como manter em harmonia esse espaço, pois apenas ao se caminhar em uma cidade, pode-se notar um desequilíbrio, por mais que tudo pareça estar funcionando, cada ser como um destino, cada estrutura com uma funcionalidade,

assim, existe dentro das cidades, produções que seguem lógicas diferentes e nessas relações entre lógicas, prevalece à lógica do mercado (capital).

Agradecimentos:

Esse trabalho só se tornou possível graças à colaboração de dois amigos, Anthony de Padua e Hugo Dubeux, ambos - assim como eu - da Geografia, onde se apresentaram na condição, não apenas de amigos, mas também de orientadores e conselheiros. E em especial ao meu avô, - recentemente falecido - Severino Belarmino de Moura, que me plantou a vontade de retirar do homem essa mascara que esconde sua essência natural.

Referências

ABRAMO, P. Eu já tenho onde morar. In: ABRAMO, P (org). A cidade a informalidade: o desafio das cidades latino americanas. Rio de Janeiro. FAPERJ, 2003.

ANDRADE, Manoel Correia de. Formação da Aglomeração Recifense. IN: JATOBÁ, Lucivânio (Org). Estudos Nordestinos sobre Crescimento Urbano. Recife: Fundaj, 1987. p. 257-292.

BARREIRO, M. S. Por que as espécies estão onde elas estão: o papel da dispersão e da vicariância na biogeografia. Programa de pós-graduação Ecologia e Evolução (UNIFESP). p 42 – 49, 2013.

CARLOS, Ana Fani A. A Cidade. 2. Ed. São Paulo: Contexto, (Coleção Repensando a Geografia) 1992.

CARVALHO, E. R. A relação Homem-Natureza em José Martí. Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPHLAC, Salvador, 2000.

CASTILHO, C. J. M. Processo de Produção Desigual do Espaço Urbano: Recife - Impasse Permanente da Coexistência de Interesses da "Cidade á Acumulação de Capital" e da "Cidade á Realização Plena da Vida Humana". Acta Geográfica, Recife, n. 10, p.95-113, dez , 2010.

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 2009.

CECCATO, V. A.; FORESTI, C.; KURKDJIAN, M. L. N. O., Proposta metodológica para avaliação da qualidade de vida urbana a partir de dados convencionais e de sensoriamento remoto, sistema de informações geográficas (SIG) e de um banco de dados. Anais do VII SBSR, Coritiba, p32-39, 1993.

DARLING, F. F. 7 DASMAN, R. L. - The Ecosystem View of Human Society. Apud GENEBALDO, F. D. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos, Brasília, 156 pp. 1994.

DIAS, G. F. Material particular em suspensão no DF. (mimeografado), Brasilia, 1980. Apud GENEBALDO, F. D. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos, Brasília, 156 pp. 1994.

JACOBI, C. M. Ecologia urbana, 2000. Endereço eletrônico: (http://www.icb.ufmg.br/big/beds/arquivos/ecourbana.pdf).

MACHADO, P de A. Ecologia Humana. Coertez Editora, CNPq, Editora Autores Associados, São Paulo, 1985. 173 pp. Apud GENEBALDO, F. D. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos, Brasília, 156 pp. 1994.

OLIVIER, G. Ecologia Humana. Interciência, Lisboa, 1979. 104 pp. Apud GENEBALDO, F. D. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos, Brasília, 156 pp. 1994.

ODUM, E. P. Ecologia. Interamericana, Rio de Janeiro, 1985. 434 pp. Apud GENEBALDO, F. D. Populações Marginais em Ecossistemas Urbanos. Brasília, 156 pp. 1994.

A Política Internacional Brasileira de Incentivo à Produção de Etanol na América Latina

Mateus de Sá Barreto Barros

Resumo: o presente artigo consiste em uma investigação acerca da política internacional brasileira de incentivo à produção de etanol na América Latina. Tanto o governo quanto os setores que possuem interesse na produção do etanol vêm divulgando esse produto como sendo o mais sustentável. No entanto, o que se deixa de ser publicizado são os problemas, tanto de ordem ambiental (devastação, queimadas, e uso abusivo de água); quanto os de ordem social (precarização da mão de obra; o aumento das commodities de alimentos básicos; diminuição da produção de alimentos; concentração de terras; privatização de recursos naturais estratégicos, principalmente a água). Com efeito, pretendemos investigar os aspectos políticos que envolvem esse mercado e a consequente vinculação do setor sucroenergético, além do interesse desse setor na efetivação dos programas de integração regional.

Palavras-chave: Política Internacional; Megaprojetos; Setor Sucroenergético

Introdução

O presente artigo é resultado primeiro do projeto de doutoramento, o qual pretende analisar a política internacional brasileira de incentivo à produção de etanol, pois embora seja considerado sustentável, desencadeia problemas de ordem ambiental e social. Os discursos ambientalistas funcionam de maneira bastante adversa. Para os setores empresariais, inclusive do agronegócio, esses discursos funcionam como vetores que justificam a expansão das fronteiras agrícola e maior concentração de terra destinada à produção de bioenergia[66]. Este fator acaba por realizar pressão sobre os preços dos alimentos de subsistência, além de ocasionar a proletarização e precarização do trabalho. Quando feita a correlação de forças entre a produção de bioenergia e os fatores os quais o mesmo provoca, dá-se maior importância a sua produção, visto que é tido como uma questão de segurança nacional, tanto pelo Brasil quanto pelos países ditos desenvolvidos. No entanto, esses países, não possuem interesse na produção bioenergética, devido à quantidade de terra e água necessárias

[66] TERÁN, Juan Fernando. La economía de los biocombustibles: una mirada a los proyectos hegemónicos para América Latina. *In*. FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

nessa produção. Desse modo, o Brasil toma a dianteira do processo, colocando-se de maneira incisiva dentro do bloco de poder técnico-científico-agroindustrial-financeiro-midiático mundial[67].

Assim, o Brasil inicia a configuração da política internacional a partir de acordos que começam a serem estabelecidos com outros países latino-americanos, incentivando à pesquisa e à produção de novas tecnologias para forjar uma rede internacional formada por diversos grupos de interesses: empresas públicas e privadas; empresários do setor sucroenergético; universidades nacionais e internacionais; mercado financeiro, entre outros. Para a efetivação de sua política internacional, o Brasil passa a defender seus interesses na implementação dos megaprojetos de integração regional, porque esses projetos cortam regiões ricas em água, elemento essencial para o agronegócio.

Neste ensejo, esta investigação irá acompanhar o desenvolvimento de políticas internacionais brasileira voltadas ao convencimento regional da sustentabilidade do etanol como produto divulgado neste mercado sob o rótulo de ecológico e politicamente correto. Tem-se como escopo a ser perseguido os desdobramentos que colocam em xeque tais atributos.

Bioenergia – Meio Ambiente e Sociedade

As questões ambientais vêm, ao longo da última década, tomando proporções ainda maiores, mudando hábitos da população, conceitos empresariais, fazendo com que haja um grande investimento em relação à produção de novas tecnologias, bem como produtos que agridam menos, ou não agridam o meio ambiente, em diversos setores, inclusive referente à mudança na matriz energética. Aliado a esse movimento, houve grande pressão por parte da sociedade civil, de intelectuais e de Organizações Internacionais para que os governos mudassem a matriz energética, deixando de produzir, ou ao menos, dando menos incentivo a combustíveis fósseis e adotasse os

67 PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Outra Verdade Inconveniente – a nova geografia política de energia numa perspectiva subalterna. Artigo apresentado para debate na reunião do Grupo de Trabalho Hegemonias e Emancipações, de Clacso, em Guadalajara, México, entre 12 e 16 de agosto de 2007

biocombustíveis como uma alternativa à redução de emissão de carbono na atmosfera. No entanto, a posição do governo tem sido ampliar as possibilidades energéticas e não substituir uma pela outra.

De acordo com Terán, os discursos alarmistas em relação à crise ambiental e sua propagação midiática podem provocar reações adversas por parte do setor empresarial, podendo haver, no agronegócio, em 2050, 429 milhões de hectares de terras destinados para o cultivo energético. No entanto, nem os países europeus, tampouco os Estados Unidos estão interessados em produzir biocombustíveis, uma vez que, se é exigido uma grande quantidade de terra. Não é por acaso que esses países, Organizações Internacionais e grandes corporações, recomendam que o cultivo energético seja realizado nas regiões tropicais e subtropicais dos países ditos "subdesenvolvidos", já que estes possuem condições climáticas mais favoráveis à produção de cana-de-açúcar e palma, além de terem maior possibilidade de crescimento econômico e baixo custo de trabalho[68].

> En los próximos años, si estas sugerencias son acogidas entusiastamente por los gobiernos y empresarios latinoamericanos, el debate sobre "los alimentos *versus* la energía" será bastante espurio. Para cuando los términos de la discusión sean adecuadamente acotados, entendidos y socializados, los capitales transnacionales ya habrán consolidado una nueva expresión de la división internacional del trabajo: los países desarrollados permanecerán como los principales oferentes mundiales de alimentos, trasladando su huella ambiental hacia los países no desarrollados, los nuevos espacios para la generación de bioenergía económicamente barata[69].

A experiência histórica, não apenas brasileira, mas também caribenha e antilhana, mostra-nos que mesmo a plantação de cana-de-açúcar sendo destinada inteiramente para a produção de açúcar promovia, em largo sentido, uma pressão sobre a produção de alimentos de subsistência e, consequentemente, sobre os preços dos alimentos[70]. Atualmente, essa pressão permanece e amplia sua escala, deixando de

---

68 TERÁN, Juan Fernando. La economía de los biocombustibles: una mirada a los proyectos hegemónicos para América Latina. *In*. FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 343.

69 *Ibid.* p. 352-353.

70 A quantidade da oferta de gêneros alimentícios, para o mercado interno, dependia, necessariamente, da flutuação do mercado internacional. Quando havia um aumento do consumo dos produtos para

ser local, alcançando níveis globais, levando em consideração que a concentração na monocultura, não apenas reduz a produção de alimentos de subsistência, como provoca um aumento no preço das *commodities*. Não por acaso, o Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, tem empreendido esforços para que haja um limite, em relação à volatilidade dos preços globais dos alimentos por meio do fortalecimento da análise e da supervisão dos mercados futuros de *commodities*. "Essas medidas" – de acordo com a agência de notícias da ONU-Brasil – "devem ser orientadas para desencorajar a especulação, principal causa da flutuação dos preços"[71].

Geopolítica da Bioenergia

No entanto, quando tratamos de produção bioenergética, além dos problemas já mencionados, adentramos em superfícies mais delicadas, como a questão da "segurança nacional". Terán informa que os países do G8, composto pela Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Grã Bretanha, Itália, Japão e Rússia tratam a bioenergia como "siendo 'sugurizada', es decir, convertida en un objeto de lãs políticas de seguirdad militar, ambiental y/o humana"[72]. Assim sendo, os países responsáveis pela produção de bioenergia acabam por serem inseridos nas políticas de segurança nacional dos países do centro de poder, sobretudo, Estados Unidos e os países membro da Comunidade Europeia.

No caso particular dos Estados Unidos "las metas económicas suelen transformar em objetivos geopolíticos y viceversa"[73]. Dessa maneira, esse país se sente muito à

exportação, os agricultores negligenciavam as parcelas de terra dos escravos, na medida em que a produção lhes tomava o tempo, quase que por completo, da sua jornada de trabalho, não possibilitando, dessa forma, que os escravos se dedicassem às parcelas. Isso significava uma redução considerável dos gêneros alimentícios e o aumento de seu valor. No entanto, quando a economia de exportação estava em baixa, havia um aumento na produção dos gêneros alimentícios e a consequente queda dos preços. Isso fazia com que a classe agrária retivesse os produtos, em Salvador, por exemplo, com o intuito de manipular o mercado, visto que não tinha como controlar as variações do mercado. Ver SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, Roceiros e Rebeldes. Tradução Jussara Simões. Bauru – SP: EDUSC, 2001.

[71] ONU-BRASIL. ONU Defende Supervisão de Mercados Futuros de Commodities para Conter a Alta dos Preços dos Alimentos. Disponível em: www.onu.org.br/onu-defende-supervisao-de-mercados-futuros-de-commodities-para-conter-alta-dos-precos-dos-alimentos. Visitado no dia 11 de Abril de 2012.

[72] TERÁN. La economía de los biocombustibles: una mirada a los proyectos hegemónicos en América Latina . p. 341.

[73] *Ibid.* p. 342.

vontade em produzir políticas públicas se utilizando dos recursos naturais estratégicos internacionais em benefício próprio. Nessa perspectiva:

> Estos instrumentos jurídicos están siendo implementados en condiciones en las cuales el gobierno federal no es el único actor interesado en la difusión de una visión militarizada de la economía energética. También, los grupos organizados de la sociedad civil, los gobiernos estatales y las empresas multinacionales están inmersas en una campaña por reafirmar la ideología de "la dependencia petrolera estadounidense". [...] La solución implica una transformación tecnológica y una gran transformación económica [...] pero esta última no necesariamente acontecerá en suelo estadounidense[74].

Os Estados Unidos procuraram iniciar a implementação de sua estratégia a partir da *Primeira Conferência das Américas*, realizada em 2004, propondo, na ocasião, aumentar a integração energética entre os Estados Unidos, América Central e Caribe. Além desse meio, os Estados Unidos procuraram firmar acordos regionais, os quais tinham como objetivo desenvolver a indústria dos demais países, além de se comprometer com o financiamento dos empreendimentos, durante todo o processo, desde o plantio até o processamento final dos biocombustíveis. Esses acordos não obtiveram êxito. Contudo, os Estados Unidos não desistiram de seu projeto e encontrou no *Plan Puebla-Panamá* (PPP) uma alternativa possível. O PPP foi uma proposta do então presidente mexicano, Vincent Fox, que tinha como meta desenvolver o sul do México e América Central, uma vez que são áreas não privilegiadas pelo *Tratado de Livre Comércio da América do Norte* (TLCAN)[75].

De acordo com Porto-Gonçalves, os planos de integração regional devem ser analisados com muita cautela, porque "tendem a ser objeto de grandes disputas pelo controle da água nos próximos anos"[76]. O autor afirma que a agricultura é a atividade que mais demanda água, utilizando 70% do total do consumo humano. Percebe-se, nessa perspectiva, que a continuidade e mesmo o crescimento da produção de etanol não necessitam apenas de uma vasta extensão de terra, mas também de água. Pois,

---

[74] *Ibid.* p. 343.
[75] Ver. TERÁN.
[76] PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. *In.* FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 209.

apesar de a produção de etanol ser considerada uma produção de energia sustentável, sobretudo por ser renovável, depende de recursos não renováveis, como a água[77]. De acordo com a *Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo* (FECOMERCIO/SP), para produzir um litro de etanol são necessários 2.107 (dois mil cento e sete) litros de água e, para produzir um quilo de açúcar, são necessários 1.782 (um mil setecentos e oitenta e dois) litros de água[78]. Nesse caso, se apenas uma usina, no Estado de São Paulo, produz um *rio de álcool*, 2 milhões de litros diários, como é o caso da Usina São Martinho[79], são gastos para essa produção 4.214.000.000 (quatro bilhões e duzentos e quatorze milhões) litros de água por dia.

Está justificado o fato de que as atenções se voltam para o continente latino-americano, possuidor de uma grande riqueza hídrica. Os megaprojetos, a exemplo do PPP são tidos como saídas viáveis, tanto pelos países ditos "desenvolvidos" – uma vez que solucionaria, ao menos de imediato, os problemas relativos à água – quanto pelos governos e elite empresarial dos países "não desenvolvidos" e "emergentes", visto que têm a percepção que esses megaprojetos são uma forma de se inserir e se beneficiar nos processos que incluem o capital financeiro. Além de estreitar relações e configurar redes incluindo diversos setores empresariais de interesses mútuos.

O *Plan Puebla Panamá*, desse modo, procura articular "um conjunto de grandes projetos de investimento em infraestrutura (transporte, comunicações, energia, turismo e outras obras) abrangendo" – afirma Porto-Gonçalves – "uma região que vai desde Puebla, no México, ao Panamá, passando por Belize, Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua e Costa Rica"[80]. Esse projeto procura interligar essas regiões, por meio de ferrovias, rodovias e portos, que possuem como objetivo principal facilitar o

---

77 A água foi considerada, em um passado recente, um recurso renovável. Contudo, o uso excessivo desse recurso, para as "necessidades" humanas faz com que o seu uso ultrapasse, e muito, sua capacidade de reposição. Por isso vem sendo considerada, atualmente, como um recurso não renovável.

78 FECOMERCIO/SP. Consumo de Água nas Atividades Diárias. Disponível em: http://www.fecomercio.com.br/blog/2012/03/22/consumo-de-agua-nas-atividades-diarias/. Acessado no dia 09 de Junho de 2012.

79 Ver SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e Trabalhadores na Região do "Mar de Cana e Rio de Álcool".

80 PORTO-GONÇALVES. luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. p. 209.

escoamento dos produtos dos Estados Unidos e México para os países da América Central. Está previsto ainda a interligação comunicacional e, o mais preocupante, uma rede elétrica que permitirá explorar o potencial hidroelétrico da região, o que viabilizaria o acesso a recursos naturais estratégicos.

Um outro megaprojeto que vem sendo posto em pauta na América Latina, no entanto, voltado para a América do Sul é a *Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional da América do Sul* (IIRSA). Este procura envolver praticamente toda a região "com hidrovias, rodovias, ferrovias e portos. Envolve, no total, dezoito corredores de desenvolvimento. Está centrado no controle da bacia do rio da Prata (rios Paraná, Uruguai, Paraguai e Guaporé), conformando" – conclui Porto Gonçalves – "um corredor de hidrovias que vai de norte a sul, e da bacia Amazônia-Orenoco, conformando um corredor de leste a oeste ligando Macapá a Belém no Atlântico, com Saramerisa/Yurimaguas, no Peru, e Puerto El Carmen, no Equador, todos" – insiste o autor – "com conexões terrestres ao Atlântico e ao Pacífico"[81]. O Brasil possui grande interesse na efetivação desse megaprojeto. Inicia a construção de hidroelétricas, ao longo do rio Madeira, a transposição do Rio São Francisco, sem mencionar os processos de privatização/concessão administrativa de portos e aeroportos. Além disso, o Brasil possui as maiores empresas da região, articuladas em rede, com os mais diversos setores envolvidos como forma de constituir um sistema de beneficiamento mútuo, compartilhando desde tecnologias à inserção em novos mercados.

Essa configuração em rede vem sendo desenhada desde o período da ditadura militar. É possível observar essa mudança de posicionamento político, de modo muito particular, na agricultura, se se considerar que marcou "uma nova etapa no desenvolvimento capitalista da agricultura brasileira"[82], resultando na formação do Complexo Agroindustrial (CAI). O complexo possuía forte dependência do Estado

[81] *Ibid.* p.210.

[82] MAZZALI, Leonel. O Processo Recente de Reorganização Agroindustrial: do complexo à organização "em rede". São Paulo: Editora UNESP, 2000. (p.18). Uma questão interessante a acrescentar é que o autor trabalha com o viés da modernização na agricultura, tomando como base a mecanização no campo e a organização "em rede", o que caracteriza, em nossa percepção, uma perspectiva evolucionista de sociedade. Nesse sentido, Mazzali é importante para o nosso trabalho, para compreender a organização do *trade* do agronegócio, tanto no Brasil como no mundo.

responsável pela implementação de políticas favoráveis ao setor. Políticas essas que incluíam desde créditos com reduzidas taxas de juros até o desenvolvimento de novas tecnologias e inovações biológicas. É certo que a partir da década de 1990 vão ocorrer "transformações significativas na dinâmica da agricultura brasileira. Apesar de estar evidente a 'ruptura do modelo'" – continua o autor – "observa-se o 'redirecionamento' do processo de integração ou a exclusão de alguns agentes no curso do processo"[83].

O setor sucroenergético foi um dos principais receptores dos créditos concedidos pelo Estado, de acordo com Pitta[84], já que a política voltada para a industrialização da agricultura foi de fundamental importância para o setor com o estabelecimento do PROÁLCOOL, porque "disponibilizou crédito para a produção de álcool anidro e hidratado (redefinindo a produção de cana) para a mecanização do setor e para a industrialização do refino desta matéria prima"[85]. Este autor reconhece ainda que há uma continuidade e extensão do caráter das ações estatais durante o período de vigência do PROÁLCOOL até os dias de hoje, apesar de mudanças, tanto de governo, quanto da perspectiva das políticas nacionais, e de já terem se passado quase 40 anos desde a implementação desse programa.

Concordamos com Pitta em relação às semelhanças existentes. Se compararmos o segundo período do PROÁLCOOL (1980-1985) quando o Estado estabelece acordos com a indústria automobilística em território nacional, com o intuito de essas produzirem carro a álcool, na tentativa de criar um sistema de beneficiamento mútuo, tanto para o Complexo Agroindustrial - CAI sucroenergético, quanto para as montadoras: é possível perceber que houve uma retomada dessa perspectiva ao longo do governo Lula.

A diferença se dá apenas referente a uma questão de escala. Enquanto no segundo período do PROÁLCOOL se valorizava uma indústria nacional, no governo Lula, o setor sucroenergético tomará proporções globais, envolvendo-se em grandes acordos

83 MAZZALI, p.27.
84 PITTA, Fábio Teixeira.Modernização Retardatária e Agricultura Paulista: o PROÁLCOOL na Reprodução Crítica do Capital Fictício. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area06/6090_Pitta_Fabio.pdf, acessado no dia 06 de dezembro de 2012.
85 *Ibid*. p.2;

internacionais, articulando setores de interesse em diversos países (universidades, bancos, empresários, mercado financeiro). De acordo com Porto-Gonçalves[86]:

> No Brasil foi montado um complexo sistema de pesquisa em torno dos agrocombustíveis que envolve várias instituições, a saber: a Embrapa com seus quatro programas (o de Biodiesel, o de Florestas Energéticas (sic), o de Etanol e o de Resíduos); a ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luis de Queirós - localizada em Piracicaba – SP; o PENSA – Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial – «uma organização do tipo network que integra os Departamentos de Economia e Administração da FEA-USP»; além do ICONE - Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais - todos comprometidos num grande projeto estratégico de tornar esse setor um importante protagonista global.

Porto-Gonçalves continua detalhando a articulação entre setores[87]:

> O Engenheiro Evandro Mantovani, presidente da Associação Brasileira de Engenharia Agrícola (SBEA) e chefe da Secretaria de Gestão e Estratégia da Embrapa, afirmou em seminário realizado na USP, em 2006, que a Embrapa mantinha centros de pesquisa nos Estados Unidos, na Europa e na África. O físico Roberto Kishimani, ex-dirigente da Greenpeace no Brasil e hoje consultor de grandes corporações empresariais, nos informa das gestões da USP com empresas e universidades dos Estados Unidos para estabelecer uma empresa joint ventures de investigação visando patente de novos motores com fontes alternativas de energia. Nesses círculos fala-se abertamente do caráter global da nova configuração das relações sociais e de poder por meio da tecnologia. Ao mesmo tempo em que se fala de articulações de investigação científica com os Estados Unidos e com a Europa viaja-se, com freqüência, para o Haiti, Gana e África do Sul, para me ater somente aos países explicitamente citados por Roberto Kishimani e Evandro Mantovani.

Nessa perspectiva, é possível perceber que o Estado brasileiro, ao menos, a partir da ditadura militar, entende a questão energética como uma questão de segurança nacional, bem como os países do G8. Dessa maneira, com a articulação de agentes econômicos, financeiros, tecnológicos, além do aparato militar, o Brasil vem se

[86] PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Outra Verdade Inconveniente – a nova geografia política de energia numa perspectiva subalterna. Artigo apresentado para debate na reunião do Grupo de Trabalho Hegemonias e Emancipações, de Clacso, em Guadalajara, México, entre 12 e 16 de agosto de 2007. p.338.

[87] *Ibid*. p.339.

colocando de maneira incisiva dentro do bloco de poder técnico-científico-agroindustrial-financeiro-midiático mundial[88].

Desse modo, no contexto da efetivação do megaprojeto, o Brasil aparece com certa expressividade, sobretudo em relação à produção de etanol, tomando a liderança desse processo, tanto no concernente à produção e exportação, quanto na articulação de grupos de interesse em setores distintos, com o objetivo de generalizar o uso do etanol, denotando um novo desenho na política internacional de incentivo à produção do etanol. Somado a esses fatores, "o Brasil dispõe de fundos públicos de investimento, como o BNDES, com volumes que superam em muito os do Banco Mundial"[89].

Nesse sentido, seria interessante levarmos em consideração as consequências do incentivo à produção de etanol na América Latina, sobretudo, ao tratar de países que nunca se concentraram eficazmente na plantação da cana-de-açúcar, seja pelas condições climáticas e geográficas do local, seja pelos interesses da sociedade dominante. A Colômbia é um bom exemplo disso, porque possuía uma produção tímida da gramínea. De acordo com Gómez[90], "Las plantaciones caucanas de cañaduz eran parcelas dentro de fundos mayores con propósitos múltiples de ganaderías, pancomer y bosques". Apenas a partir de 1930, o governo colombiano promoveu uma série de intervenções no setor, objetivando mecanizá-lo, adaptá-lo e modernizá-lo, a fim de buscar alternativas para a crise, promovendo a expansão do setor. No entanto, como uma medida de proteção à expansão da produção, não apenas da cana, mas de outros monocultivos, e em resposta às pressões de movimentos sociais no campo, a Colômbia reservou uma determinada área, no *llano*, para Reforma Agrária, permitindo a compra de terra nessa região, referente ao tamanho de uma Unidade Agrícola Familiar (UAF).

No entanto, algumas empresas brasileiras e chinesas estão realizando determinadas medidas para burlar essa lei, comprando as unidades com diferentes nomes,

88 *Ibid.*

89 PORTO-GONÇALVES. luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. p. 211.

90 GÓMEZ, Oscar Gerardo Ramos. Caña de Azúcar em Colombia. Revista de Indias, 2005, vol. LXV, num. 233, págs. 49-78. ISSN: 0034-8341.

caracterizando, assim, uma grande propriedade. "Na atualidade os investimentos do capital Brasileiro estão representados na empresa 'Mónica Semillas'. A subsidiária do grupo brasileiro" – segundo Mosquera – "está procurando comprar terras, fragmentando os títulos para poder violar a lei 160, o qual foi denunciado na Comissão Quinta do Senado colombiano"[91].

Decerto, o Brasil possui o interesse que esses países tornem-se grandes produtores de bioenergia. Desde 1995, com o acordo de Marrakesh, os países desenvolvidos passam a sofrer com as restrições que eles mesmos impuseram em relação a sua agricultura. Obviamente que nessas restrições não se enquadram os produtos que esses países são capazes de produzir, como é o caso dos alimentos os quais abastecem o mercado e gira a economia local. Isto acaba por se tornar um dos fatores de a Rodada de Doha[92] não ter tido grandes progressos, pois é inviável que os países desenvolvidos baixem os impostos alfandegários para produtos agrícolas competitivos de países em desenvolvimento. O biocombustível surge, então, como um produto viabilizador para os países em desenvolvimento, levando em consideração que a sua importação não afetaria, de maneira direta, os produtores agrícolas dos países desenvolvidos, além deles mesmos não terem interesses na produção de biocombustíveis, pelos motivos supracitados. Contudo, no âmbito da América Latina, apenas o Brasil possui capacidade de exportar o etanol. Em 2006, este país foi o responsável por quase a metade das exportações de biocombustíveis no mundo[93]. Em 2008, consolidou-se como maior exportador, sendo responsável por 70% do total das exportações[94]. "Este número não inclui o etanol brasileiro que é simplesmente desidratado nos países que integram o tratado de livre comércio da 'Iniciativa para a Bacia do Caribe' (Costa Rica, Jamaica e Trinidad e Tobago) e El Salvador, e depois" – continua Moreno e Mittal – "reexportado para os EUA. Esta triangulação permite que

91 MOSQUERA, Óscar Emerson Zúñinga. O Aavanço do Capital sobre o Território Llanero Colombiano. Publicado nos Anais do I Seminário Internacional sobre Novas Territorialidades. 2011.

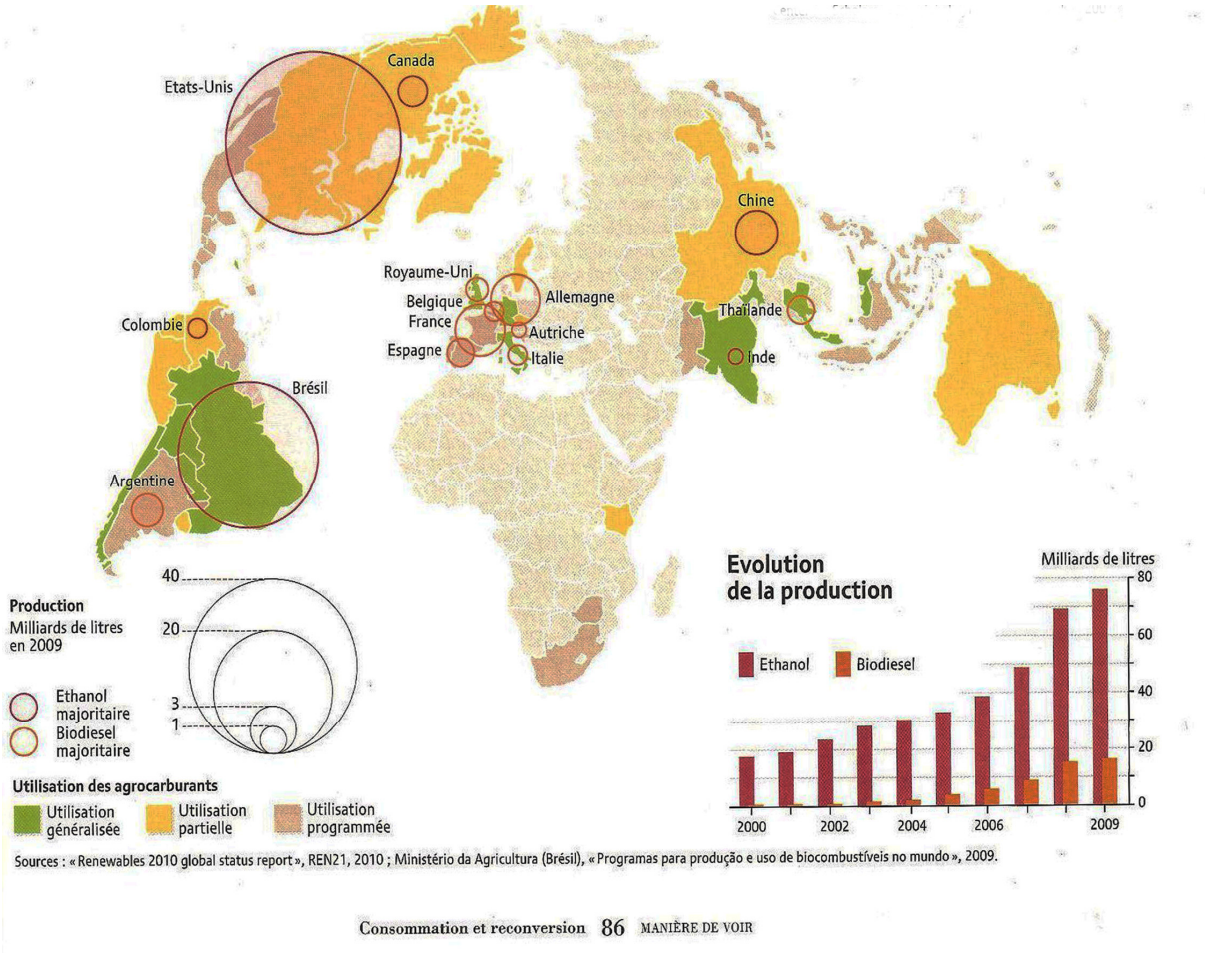
92 A Rodada de Doha foi uma rodada de negociações proposta pela Organização Mundial do Comércio (OMC) que visava diminuir as barreiras comerciais, com foco no livre comércio para os países em desenvolvimento. A Rodada teve seu início em 2001, com a previsão de término em 2006.

93 FURTADO, André. Biocombustibles y Comercio Internacional: una perspectiva latino americana. Santiago de Chile: ONU, 2009.

94 MORENO, Camila; MITTAL, Anuradha. Aliança do Etanol: Ameaça à Soberania Alimentar e Energética. Terra de Direitos e The Oakland Institute, fevereiro de 2008.

o etanol que sai destes países (mesmo que de origem brasileira) entre nos EUA com tarifa zero, até o limite de 7% da produção nacional estadunidense".

Há, nessa perspectiva, uma pressão, por parte do Brasil que os demais países latino-americanos incentivem a produção de etanol para poder aumentar o poder de barganha e garantir a sustentabilidade energética desses países. Contudo, para iniciar sua produção, os países em questão necessitariam de tecnologias especializadas provindas de países que já possuem produção consolidada, como é o caso do Brasil. É nesse sentido que o Brasil inicia seus acordos, a partir de Memorandos de Entendimento, objetivando assumir a dianteira desse processo. O mapa abaixo, publicado em *Manière de Voir,* que é uma coletânea dos melhores artigos do Le Monde Diplomatique, ajuda-nos a visualizar a utilização do etanol, em usos generalizados, como é o caso do Brasil – onde o etanol é utilizado como produto único – como sua utilização programada em países da América Central, Europa e Ásia.



Mão de Obra e Condições de Trabalho

No entanto, uma questão que não é levada em consideração ao realizar um planejamento do uso programado e generalizado do etanol é a condição a qual ele é produzido, como a mão de obra e as condições de trabalho impostas para a produção da cana-de-açúcar, além dos problemas que a expansão da fronteira agrícola pode acarretar.

Um dado preocupante em relação à efetivação dos megaprojetos na América Latina é que, do ponto de vista empresarial e estatal, a população indígena e campesina são inexistentes[95]. O capital ignora, ou pior, não admite, de maneira alguma, a compreensão coletiva e/ou familiar da terra, da propriedade, e solapa com voracidade os que nelas acreditam. É certo que os movimentos campesinos acabam por recriar o próprio sentido da *campesinidade*[96] e suas práticas. Contudo, nessa guerra, não apenas material, mas, sobretudo, ideológica, os movimentos campesinos acabam por introjetar alguns desses ideais, como nos mostra Thomaz Júnior, ao mencionar a página 7 do documento da Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (Concrab):

> Os fundamentos estruturais da formulação do Sistema Cooperativa dos Assentados (SCA) do MST/Concrab estão ancorados no fato de que para a superação da miséria e da fome nos assentamentos, se faz necessária a superação da condição camponesa. E mais: ignorando as contradições inerentes à própria existência e sociabilidade camponesa, o documento assevera que pelo fato de "organizar o seu processo produtivo de forma familiar (sem divisão técnica do

[95] Ver BARKINS, David. Incorporating indigenous epistemologies into the construction of alternative strategies to globalization to promote sustainable regional resource management: the struggle for local autonomy in a multiethnic society. Prepared for presentation at the Workshop on Ethics and Development: The Capability Approach in Practice. Michigan Satate University, April, 13, 2005. TERÁN. La economía de los biocombustibles: una mirada a los proyectos hegemônicos para América Latina. PORTO-GONÇALVES. luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. THOMÁS JR., A classe trabalhadora no Brasil e os limites da teoria – qual o lugar do campesinato e do proletariado? MACKINLAY, Horacio. Pequeños productores y agronegócios en México: una retrospectiva histórica. Tendencias de expansión y operación de los agronegocios a principios del siglo 21. *In.* FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

[96] *Campesinidade* foi uma categoria forjada por Wortmann na tentativa de compreende as relações camponesas e seu modo de vida. Ver WOORTMANN, K. Com parente não se negocia: o campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico, Brasília, v. 87, p.11-73,1990.

> trabalho) e com base na propriedade privada, o campesinato tende a construir uma visão de mundo subjetivista e oportunista"[97].

Essa guerra ideológica é impulsionada pelo Estado, tanto em suas políticas quanto em seu discurso, pois procura confundir ou mesmo despolitizar os movimentos campesinos, substituindo o próprio conceito *camponês* por pequeno produtor[98]. Essas questões traduzem a intenção do Estado perante aos movimentos campesinos, bem como, o descompromisso que aquele possui frente aos que perderam suas terras para o avanço da fronteira agrícola[99]. Pois, a proletarização seria a melhor solução e a precarização do trabalho a consequência, invisível, inaudita e intransmissível do processo de expansão agrícola e da proletarização.

Mesmo havendo a introdução de novas tecnologias no setor, tanto na indústria (usina) como no campo (desde a introdução de agrotóxicos, pesticidas, herbicidas, até o maquinário pesado como colheitadeiras, tratores, caminhões), condições precárias de trabalho permanecem inalteradas: não apenas no Nordeste, local onde se iniciou a produção de açúcar, mas também no Sudeste, inclusive, em São Paulo, estado reconhecido pela sua modernidade. Silva[100] faz um estudo interessante sobre as condições de trabalho, dos trabalhadores da cana-de-açúcar em São Paulo. Esta autora procura desmistificar a ideia de que o trabalho escravo, ou análogo à escravidão, seja praticado com exclusividade nas áreas de expansão agrícola no Norte e Centro-Oeste do Brasil – áreas essas tidas como a representação do arcaico, do rústico, do atraso – uma vez que também está presente na região do agronegócio paulista.

De acordo com o jornal *Folha de São Paulo*, "[...] a riqueza do setor sucroalcooleiro [...] não atingiu os lavradores. Em 1985, um cortador de cana, em São Paulo, ganhava em média R$ 32,70 por dia (valor atualizado). Em 2007, recebeu R$ 28,90". Segundo esse jornal, "[...] a remuneração caiu, mas as exigências no trabalho aumentaram. Em 1985,

---

97 THOMAZ JR, Antônio. A classe trabalhadora no Brasil e os limites da teoria – qual o lugar do campesinato e do proletariado? p. 295.

98 Ver. THOMAZ JR

99 Com o avanço da fronteira agrícola, não apenas os camponeses se tornam vítimas desse processo, mas também os indígenas, como o caso recente dos Guarani-Kaiwá.

100 SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e Trabalhadores na Região do "Mar de Cana e do Rio de Álcool". Revista Latino Americana de Estudios del Trabajo (RELET), N. 18.

o trabalhador cortava 5 toneladas diárias de cana. A safra atual, 9,3"[101]. Silva afirma que há empresas que exigem o corte de 12 toneladas diárias. A partir dos dados supracitados, pode-se realizar uma divisão matemática simples, considerando o valor recebido em 2007 pela tonelada diária da cana nesse mesmo período, verifica-se que o lavrador recebe, em São Paulo, R$ 3,10 pela tonelada da cana cortada.

Em março de 2009, em uma operação realizada pelo Ministério Público do Trabalho foram encontradas, em Alagoas, 650 pessoas que estavam trabalhando em condições análogas à escravidão; 700, no Estado de Pernambuco[102]. Segundo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), só em uma usina produtora de cana-de-açúcar deste Estado, a Cruangi, havia 252 trabalhadores em condições análogas à escravidão, dos quais 27 eram crianças. Essa usina foi alvo do protesto de mulheres camponesas que pressionavam a aprovação da PEC 438, nela está prevista a desapropriação de terras onde sejam encontrados trabalhadores em situação análoga à escravidão. O que chamou atenção foram as bandeiras e faixas carregadas pelas mulheres. Uma delas havia escrito: "Em Cada Grama de Açúcar, Uma Tonelada de Injustiça!"[103]. Em 2011, a lista suja incluiu nove empresas do setor sucroenergético, envolvendo 2.360 (dois mil trezentos e sessenta) trabalhadores que se encontravam em condições de trabalho degradante. Desse montante, 1011 (mil e onze) trabalhadores foram resgatados de uma única empresa, a Agrisul Agrícola Ltda., localizado no município de Brasilândia, Mato Grosso do Sul (MS), como podemos conferir na tabela abaixo:

[101] MAGALHÃES, Mário; SILVA, Joel. O Submundo da Cana: o Estado que detém 60% da produção de cana-de-açúcar, São Paulo não divide a riqueza derivada do boom do etanol com seus 135 mil cortadores, que vivem muitas vezes em situação precária. Folha de São Paulo. São Paulo, 24 de agosto de 2008.

[102] Dados divulgados pela Comissão Pastoral da Terra.

[103] MST. Usina com Trabalho Escravo é Alvo de Protesto das Mulheres em PE. Disponível em: www.mst.org.br/node/1072. Acessado em 08 de junho de 2012.

Tabela I – Lista Suja 2011*

	Nome da Propriedade	Localização	Município	Estado	Número de Trabalhadores Envolvidos
Agrisul Agrícola Ltda.	Fazenda e Usina Debrasa	Rodovia MS-395, km 30 - Zona Rural	Brasilândia	Mato Grosso do Sul (MS)	1011
Agrocana JFS Ltda	Agrocana JFS	Rua Marilu da Silva 160 - A	Ceres	Goiás (GO)	36
Agrovale - Cia. Industrial Vale do Curu	Fazenda Araçás	Zona Rural	Paracuru	Ceará (CE)	141
Alcoopan Álcool do Pantanal Ltda	Fazenda Olho D´Água	Estrada Coenge, km 16	Poconé	Mato Grosso (MT)	318
Selson Alves Neto	Fazenda Bandeirantes	Rodovia GO - 040, Km 08, Zona Rural	Goiatuba	Goiás (GO)	32
Sílvio Zulli	Fazenda Olho D´Água	Estrada Coenge, km 16, Zona Rural	Poconé	Mato Grosso (MT)	318
Sílvio Zulli	Fazenda Olho D´Água	Estrada Coenge, km 16, Zona Rural	Poconé	Mato Grosso (MT)	22
Usina Paineiras S/A	Fazenda Paineiras	Zona Rural	Itapemirim	Espírito Santo (ES)	81
Usina Santa Clotilde S/A	-	Margem esquerda do Rio Mundaú, margem direita da Rodovia BR-101, sentido Pilar-Messias	Rio Largo	Alagoas (AL)	401

* Lista divulgada pelo Ministério do Trabalho e publicada no site www.sucre-ethique.org/-Lista-suja-2011-.html

Breves Considerações

O fato é que mesmo os megaprojetos – e os interessados em suas implementações – desconsiderarem por completo a existência de indígenas e camponeses em um dado espaço. Essas sociedades reagem de maneiras distintas, dependendo da forma como se organizam no espaço e dos fatores sociais, políticos e históricos, particular de cada sociedade. A preocupação maior são as respostas que cada sociedade dará a esses megaprojetos, no tocante à produção de bioenergia, sobretudo, o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar, tendo o Brasil como país-chave no incentivo à produção de etanol no continente latino-americano.

Os trabalhos que até aqui utilizamos aponta, ora os problemas geopolíticos – tantos dos biocombustíveis como da água – ora a situação do campesinato e das populações

indígenas. No entanto, essas questões estão diretamente relacionadas, uma vez que os fatores internos influenciam os externos e virce-versa.

Referência Bibliográfica

BARKINS, David. Incorporating indigenous epistemologies into the construction of alternative strategies to globalization to promote sustainable regional resource management: the struggle for local autonomy in a multiethnic society. Prepared for presentation at the Workshop on Ethics and Development: The Capability Approach in Practice. Michigan Satate University, April, 13, 2005

FECOMERCIO/SP. Consumo de Água nas Atividades Diárias. Disponível em: http://www.fecomercio.com.br/blog/2012/03/22/consumo-de-agua-nas-atividades-diarias/. Acessado no dia 09 de Junho de 2012.

FURTADO, André. Biocombustibles y Comercio Internacional: una perspectiva latino americana. Santiago de Chile: ONU, 2009.

GÓMEZ, Oscar Gerardo Ramos. Caña de Azúcar em Colombia. Revista de Indias, 2005, vol. LXV, num. 233, págs. 49-78. ISSN: 0034-8341.

MACKINLAY, Horacio. Pequeños productores y agronegócios en México: una retrospectiva histórica. Tendencias de expansión y operación de los agronegocios a principios del siglo 21. *In.* FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAGALHÃES, Mário; SILVA, Joel. O Submundo da Cana: o Estado que detém 60% da produção de cana-de-açúcar, São Paulo não divide a riqueza derivada do boom do etanol com seus 135 mil cortadores, que vivem muitas vezes em situação precária. Folha de São Paulo. São Paulo, 24 de agosto de 2008.

MAZZALI, Leonel. O Processo Recente de Reorganização Agroindustrial: do complexo à organização "em rede". São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORENO, Camila; MITTAL, Anuradha. Aliança do Etanol: Ameaça à Soberania Alimentar e Energética. Terra de Direitos e The Oakland Institute, fevereiro de 2008.

MOSQUERA, Óscar Emerson Zúñinga. O Aavanço do Capital sobre o Território Llanero Colombiano. Publicado nos Anais do I Seminário Internacional sobre Novas Territorialidades. 2011.

MST. Usina com Trabalho Escravo é Alvo de Protesto das Mulheres em PE. Disponível em: www.mst.org.br/node/1072. Acessado em 08 de junho de 2012.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, Roceiros e Rebeldes. Tradução Jussara Simões. Bauru – SP: EDUSC, 2001.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e Trabalhadores na Região do "Mar de Cana e Rio de Álcool". Revista AGRÁRIA, São Paulo, Nº 2, pp. 2-39, 2005.

PITTA, Fábio Teixeira.Modernização Retardatária e Agricultura Paulista: o PROÁLCOOL na Reprodução Crítica do Capital Fictício. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area06/6090_Pitta_Fabio.pdf, acessado no dia 06 de dezembro de 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. *In.* FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Outra Verdade Inconveniente – a nova geografia política de energia numa perspectiva subalterna. Artigo apresentado para debate na reunião do Grupo de Trabalho Hegemonias e Emancipações, de Clacso, em Guadalajara, México, entre 12 e 16 de agosto de 2007.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, Roceiros e Rebeldes. Tradução Jussara Simões. Bauru – SP: EDUSC, 2001.

TERÁN, Juan Fernando. La economía de los biocombustibles: una mirada a los proyectos hegemónicos para América Latina. *In*. FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

THOMAZ JR, Antônio. A classe trabalhadora no Brasil e os limites da teoria – qual o lugar do campesinato e do proletariado? *In.* FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

WOORTMANN, K. Com parente não se negocia: o campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico, Brasília, v. 87, p.11-73,1990.

Texto de Encerramento

‘Panamá, un Territorio
en Tres Tiempos’

Panamá, un Territorio en Tres Tiempos

Guillermo Castro Herrera[1]

"Toda gran verdad política
es una gran verdad natural"
José Martí

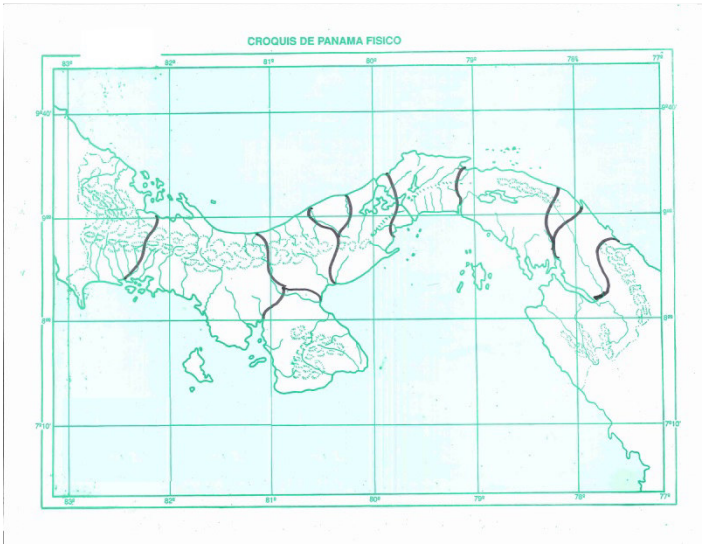
La más compleja de las contradicciones que encara Panamá en su desarrollo – si éste ha de ser sostenible – es, quizás, una de las menos visibles. Se trata de aquella que existe entre la organización natural del territorio del país, forjada a lo largo de unos seis millones de años, y la organización territorial del Estado y la economía, del siglo XVI acá. De entonces data, en efecto, el proceso que se inició con la destrucción por los conquistadores europeos de la previa organización territorial creada por las sociedades originarias, para dar paso a otra, regida por las necesidades de tránsito interoceánico asociadas al mercado mundial entonces naciente.

La organización territorial anterior a la Conquista, en efecto, constaba de una serie de corredores interoceánicos que aprovechaban la cercanía de las cabeceras de los principales ríos que fluían hacia el Atlántico y el Pacífico desde la cordillera central. En su desarrollo, esa organización dio lugar a la creación de comunidades interoceánicas, que no dejan de recordar a las aldeas verticales que, en el Perú anterior a la conquista, vinculaban entre sí los ecosistemas de la costa con los de la cordillera de los Andes, aprovechando el curso de los ríos que atraviesan el desierto litoral peruano.

Aquella organización cumplía - con eficacia visible en sus logros demográficos y culturales – un doble propósito. En el plano local, permitía el intercambio de bienes de consumo provenientes de medios tan diferentes como el bosque lluvioso tropical del litoral Atlántico, y las regiones de clima monzónico del Pacífico. Y más allá de eso, facilitaba el intercambio de bienes de alto valor por unidad de peso –

[1] Ciudad del Saber, Panamá, abril de 2013

como plumas de quetzal y oro labrado, por ejemplo – entre los mundos maya y chibcha.



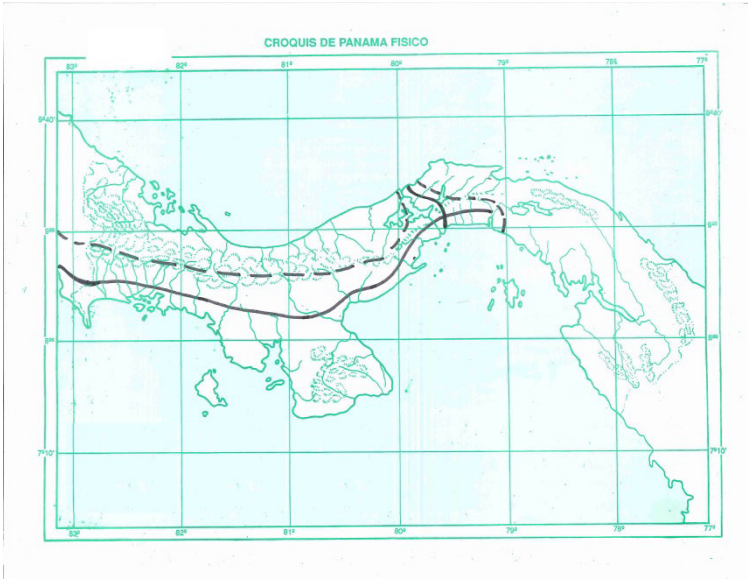
Territorio AC, siglo XV
(entendiendo por AC el período Anterior a la Conquista europea del Istmo)

La organización gestada a partir de la conquista del Istmo fue enteramente distinta. En lo esencial, tuvo tres características principales. Primero, concentró la actividad del tránsito en el corredor del valle del río Chagres. Segundo, estableció una frontera interior que aislaba el litoral Pacífico Occidental de sus vínculos con el Atlántico y con el Darién.[2] Y, por último, estableció un corredor agroganadero desde Chepo a Natá, que se extendería después hasta Chiriquí.

Esa organización territorial pasó a sustentar aquella modalidad de tránsito interoceánico que el historiador Alfredo Castillero designó ya en 1973 con el término de "transitismo", que entraña el control monopólico de la actividad por una potencia extranjera; la subordinación del resto del territorio y sus recursos a la protección y el sostenimiento de ese monopolio, y la preeminencia política y cultural del área así privilegiada. Corresponde, por tanto, al aprovechamiento de una circunstancia natural para atender necesidades económicas y geopolíticas de un determinado período en la historia del mercado mundial, y dista mucho – en su forma como en su contenido – de ser el resultado de una "vocación de servicio"

[2] Esto se vio favorecido, sin duda, por la catástrofe demográfica asociada a la conquista, que redujo en más del 90% la población previamente existente en el Istmo y desarticuló por completo la estructura social de las anteriores comunidades interoceánicas.

determinada por la posición geográfica del Istmo, como lo entiende - tan cómoda como mecánicamente - la cultura dominante en nuestro país



Territorio DC, siglos XVI – XX
(entendiendo por DC el período posterior a la Conquista europea del Istmo)

El corredor así creado favoreció la expansión del ganado bovino, una especie nueva entonces en el Istmo, en las sabanas de la cuenca media de los principales ríos del Pacífico Occidental. Con ello, se vieron segmentadas de Este a Oeste - tanto en su organización para el uso humano, como en el reflejo de esa organización en la cultura de los habitantes del Istmo - regiones que hasta entonces habían sido estructuradas con una orientación de Sur a Norte.

Así, las sabanas de la cuenca media de los principales ríos pasaron a ser el segmento más valorado por una economía organizada en torno al ganado vacuno. Por su parte, los ecosistemas de la cuenca baja – y en particular los manglares y las albinas, de tanto valor en las economías de los pueblos originales – pasaron a convertirse en regiones marginales, que a menudo servían de refugio a esclavos fugados y otros evadidos del orden colonial. Y la cuenca alta, por último, pasó a ser un área para el reasentamiento de indígenas forzados a abandonar las tierras más deseadas por los conquistadores, y para el pastoreo de rebaños durante la estación seca.

Vino a darse así el caso de que, habiendo sido la región litoral un área de gran importancia económica y demográfica antes de la Conquista, los europeos no fundaron ningún asentamiento de importancia cercano al mar aparte de la ciudad de Panamá, como lo ha observado el geógrafo Omar Jaén Suárez. Las aldeas interoceánicas, así, fueron sustituidas por un cordón de pequeñas ciudades situadas en la cuenca media de los principales ríos, a una distancia equivalente a la que podía recorrer un rebaño guiado por vaqueros a caballo.

Este corredor agroganadero sirvió de soporte – y de límite – al desarrollo de una economía basada en la prestación de servicios de tránsito de mercancías, personas y capitales entre economías distantes por la ruta monopólica del Chagres, desde mediados del siglo XVI hasta fines del XX. En esa economía, el vínculo interoceánico pasó, de haber sido un medio para optimizar el aprovechamiento de los ecosistemas del Istmo por sus habitantes, a convertirse en otro para optimizar el funcionamiento del mercado mundial en beneficio de una metrópoli distante.

Esa nueva organización territorial de la economía se vio expresada, a su vez, en la organización territorial del Estado, y en la formación de las mentalidades y culturas subregionales correspondientes. Ahora, el vínculo entre el corredor interoceánico y las regiones del interior vino a reproducir el existente entre el Istmo como región periférica, y el mundo Noratlántico al que se subordinaba su función en el mercado mundial.

Esa organización alcanzó su forma más extrema con la construcción del Canal de Panamá por los Estados Unidos, dentro de una Zona interoceánica que pasó a convertirse en un enclave militar – industrial de carácter colonial, administrado por el Gobierno de los Estados Unidos. Ese enclave tuvo dos consecuencias en la evolución del ordenamiento territorial transitista cuyas consecuencias más trascendentes empiezan a emerger ahora: por un lado, desarticuló el ordenamiento anterior y, por otro, exacerbó sus contradicciones al punto en que lo llevó a su agotamiento, hoy en curso.

El enclave canalero, en efecto, además de aislar a la Capital del resto del país, bloqueó la posibilidad de que la ciudad más importante del país se expandiera sobre su entorno en forma de medialuna. Así, la Capital debió crecer a lo largo del litoral mediante la segmentación de cuencas aledañas. En consecuencia, a comienzos del siglo XXI, la ciudad de Panamá abarca siete cuencas, con los sectores de mayores ingresos en la zona litoral; el comercio y las capas medias en las cuencas medias, y los sectores populares en la parte alta y en los extremos Este y Oeste de ese conjunto.

La región central de esta formación, a su vez, depende en una medida cada vez mayor del subsidio energético de sus propias regiones periféricas internas. Importa su energía eléctrica, sus alimentos y la fuerza de trabajo menos calificada que demanda su economía desde las regiones rurales situadas al Este y el Oeste, a las que no retribuye con una parte equivalente de la riqueza que ese subsidio contribuye a generar, y contribuyendo así a hacer insostenible el desarrollo del conjunto.

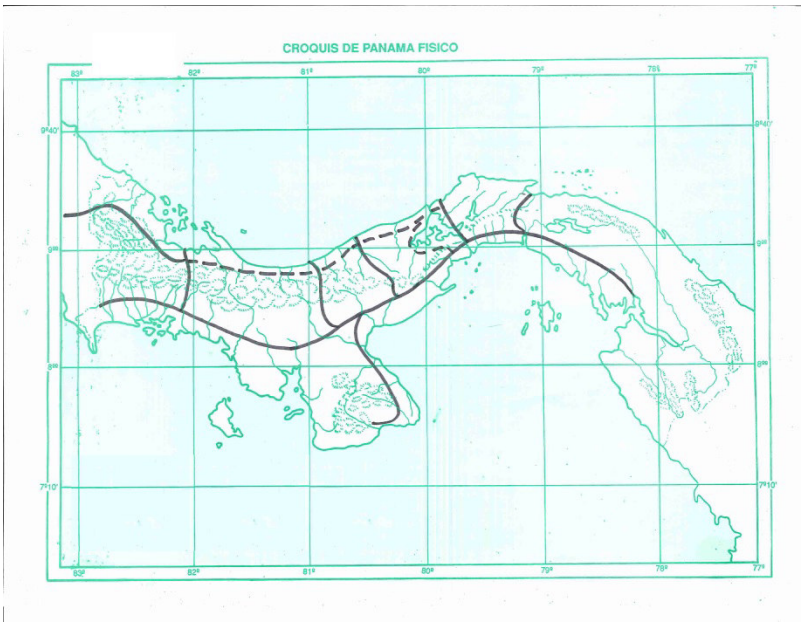
Todo esto ha generado ya – en la Capital como en el interior –un problema de gestión territorial que insoluble en sus términos de origen. La segmentación social y económica de las cuencas, en efecto, concentra el poder en los segmentos de mayores ingresos – el litoral, en la Capital; la cuenca media, en el interior -, al tiempo que la organización territorial del Estado lo hace en los segmentos de mayor peso demográfico.

En esta circunstancia, la posibilidad de una gestión integrada del territorio se convierte en un problema teórico, ante el hecho evidente de que la gestión realmente existente opera a favor de los segmentos en los que se concentra el poder económico, social y político. Nada vincula entre sí, en términos prácticos, a quienes habitan una misma cuenca, forzando a cada uno a encarar sus problemas en aislamiento respecto a – cuando no en confrontación con – aquellos otros con quienes comparte la misma unidad básica de organización natural del territorio.

Esta situación de crisis empezó a gestarse hacia la década de 1940, cuando la apertura del mercado del enclave canalero a la producción agropecuaria panameña, y la migración constante del interior del país a la Capital, fomentaron una demanda de alimentos que se tradujo en la concentración de la propiedad del suelo y la migración campesina a las regiones que desde el siglo XVI habían sido aisladas por la frontera interior del ordenamiento territorial transitista. Así, a mediados de la década de 1960 estaban en curso procesos de colonización campesina en el Darién y la vertiente Atlántica del Istmo desde el Pacífico Central y Occidental. En una importante medida, esa colonización interior, que no ha cesado desde entonces, operó – y siguen haciéndolo – a lo largo de los viejos corredores interoceánicos anteriores a la conquista, que nunca dejaron de ser utilizados por la población campesina.

La crisis del ordenamiento territorial transitista se aceleró con la integración del Canal a la economía interna del país, de fines de la década de 1990 en adelante y, sobre todo, de la de 2010. De ese agotamiento empieza a emerger una nueva organización territorial, que por un lado incorpora el legado de la existente antes de la conquista y, por otro, potencia en nuevos términos los aportes y problemas de la dominante entre los siglos XVI y XX.

Si de fechas y acontecimientos se trata, el tercer tiempo de nuestra organización territorial se inicia con las primeras iniciativas estatales de ordenamiento y apoyo a la colonización campesina en la región de Coclesito, y la construcción del oleoducto interoceánico de Puerto Armuelles a Rambala, asociado a la de la carretera que va de Chiriquí a Bocas del Toro, ambos en la década de 1970. A ello siguieron la construcción de la carretera que va de Chepo a Cartí, en Guna Yala; el mejoramiento de la vía que va de Penonomé a la cuenca del río Coclé del Norte -asociada a la explotación minera en Petaquilla, y al desarrollo de nuevas explotaciones agropecuarias en esa región -, y la reactivación de la vieja ruta de Santa Fe a Calovébora, en la provincia de Veraguas.



Siglo XXI, territorio en transición

Ese proceso de transformación ha entrado en una fase superior y más compleja a partir de dos factores. El primero y más visible consiste en la formación de una plataforma de servicios globales, que potencia el viejo corredor interoceánico, generando un proceso de conurbación en dos direcciones: de Norte a Sur, vinculando de manera cada vez más estrecha a los Distritos de Panamá, San Miguelito y Colón; y de Este a Oeste, en el litoral Pacífico, vinculado a los Distritos de La Chorrera, Arraiján y Panamá. El conjunto resultante vincula en un mismo sistema urbano, de hecho, a las tres principales ciudades del país, y a más de un tercio de la población panameña.

El segundo factor consiste en la construcción de un tercer puente sobre el Canal de Panamá, ahora en su sector Atlántico, una inversión de cuya importancia para el futuro de Panamá aún no hemos empezado a valorar. En efecto, el puente sobre el Canal en el Atlántico inaugura una fase enteramente nueva en el proceso de creación de una nueva organización territorial de la economía panameña, mediante la incorporación de lo que va de Colón a Costa Rica – como en lo que va de Colón a La Chorrera, a lo largo de la ribera Occidental del lago Gatún – a la nueva economía que emerge en el país.

En el primer caso, la carretera que eventualmente se construya a lo largo del litoral Atlántico Occidental vinculará entre sí los corredores hacia el Pacífico que ya creados – como el de Gualaca – Rambala, en Chiriquí -, como los de Petaquilla – Penonomé, en Coclé, y de Calovébora – Santiago en Veraguas, y facilitará la exportación de bienes desde la Zona Libre de Colón hacia Centro América. Por su parte, el vínculo terrestre entre la cuenca del Río Indio y La Chorrera, además de facilitar el transporte de personas y mercancías desde y hacia Colón, estimulará la explotación agropecuaria de las tierras de la ribera Occidental del lago Gatún, y obligará a plantear en un nuevo nivel de complejidad los problemas de la gestión ambiental de la Cuenca del Canal.

El resultado integra, de manera singular, la vieja trama anterior a la Conquista con la réplica, en el litoral Atlántico, de un corredor de servicios comerciales y actividades de minería, agricultura y turismo, que replica – en las condiciones del siglo XXI – las funciones que cumpliera entre en XIV y el XX el viejo corredor agroganadero del Pacífico. Y con ello, además, abre nuevas posibilidades – en ambos litorales – para que el Istmo recupere, *además*, su función de 12 mil años como vínculo terrestre entre las comunidades humanas de Centro y Sur América.

El transitismo contra el tránsito…

En perspectiva, las transformaciones en curso en el país a partir de la integración del Canal a la economía interna han potenciado ya el desarrollo de dos contradicciones que tendrán una importancia cada vez mayor en el futuro de Panamá. La primera enfrenta entre sí a la organización natural del territorio y la organización territorial de la economía y del Estado, inherentes al viejo transitismo. La segunda, a su vez, opone a la organización territorial del Estado a la de la economía, como ya es visible en los problemas planteados por la gestión sostenible de una Cuenca del Canal fragmentada en dos provincias, once distritos y unos cuarenta corregimientos, muchos de los cuales incluyen además tierras ubicadas fuera de esa cuenca.

Esta segunda contradicción será decisiva para la solución de la primera. En el mundo del siglo XXI, signado por las amenazas y las oportunidades que presenta a la Humanidad la crisis ambiental global, serán cada vez mayores las fuerzas que estimulen formas de organización territorial que vinculen de manera virtuosa la organización natural del territorio – cuya unidad fundamental está constituida por las cuencas hidrográficas -, y la organización de las regiones económicas en ese mismo territorio.

En Panamá, esto se traduce en la necesidad de vincular entre sí - de un modo que sea innovador por lo sostenible que llegue a ser -, las 52 cuencas y las cinco regiones hídricas en que se organiza el territorio físico del país, y la nueva organización territorial de la economía y la vida social que emergen de la nueva fase de desarrollo que se va desplegando en el siglo XXI. La soberanía finalmente conquistada mediante el Tratado Torrijos – Carter, en efecto, nos permite – por primera vez en nuestra historia – asumir por entero la responsabilidad por la gestión de nuestro propio territorio.

Hasta ahora, eso se ha traducido en una expansión incesante de las ventajas del tránsito y de los males del transitismo, al punto en que la persistencia de este último – en sus formas de organización social y política, su divorcio de las necesidades del conjunto mayor del territorio, su cultura centrada en la especulación y las ganancias inmediatas - empieza a conformar, ya, una amenaza para el desarrollo sostenible del tránsito interoceánico y la comunicación entre Centro y Sur América a través del Istmo de Panamá. *El transitismo, en efecto, ha entrado en contradicción con el tránsito*, *y esta contradicción se ha convertido ya en el principal problema a encarar en la gestión territorial para el desarrollo sostenible en Panamá.*

Por un tiempo, sin duda, el proceso de reorganización territorial en curso podrá operar sobre la estructura territorial del Estado transitista. Sin embargo, la contradicción entre esta estructura y la de organización territorial de la economía tenderá inevitablemente a incrementarse, dificultando y encareciendo la gestión tanto de la plataforma de servicios globales como de la del mercado de servicios

ambientales, y lesionando la competitividad de ambos. Por lo mismo, la dinámica misma de nuestro desarrollo nos obliga a encarar el problema medular de sus sostenibilidad: el de que, siendo sociales – y por tanto históricas - nuestras relaciones con la naturaleza en el territorio que habitamos, si deseamos organizarlas de una manera distinta, tendremos que crear una sociedad diferente.

El gran desafío que encaran hoy las relaciones de los panameños entre sí y con el mundo consiste ya en definir y establecer una relación tan armónica como sea posible entre la estructura natural del territorio, las estructuras territoriales del Estado y la economía, y la vida social y política de los habitantes del Istmo. El punto de partida en este proceso tendrá que ser, por necesidad, la estructura natural del territorio, con sus 52 cuencas y sus cinco regiones hídricas. Eso no puede ser cambiado. Lo demás debe adaptarse a ello, haciendo de la gestión de las cuencas por quienes viven, trabajan y sueñan en ellas – y desde ellas - la base de la convivencia social y del buen vivir de los panameños.

60 anos
Editora UFPE

Realização

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
VIRTUS IMPAVIDA

Apoio

PROEXT
Pró-Reitoria de Extensão

Parceria

TAL
www.tal.tv

Participação

amane
mata atlântica do nordeste

NEDAL
Núcleo de Estudos e Debates sobre a América Latina